



Amor e Outras Drogas
by 5histhenewblack

Camila, Dinah, Normani e Allyson são quatro amigas inseparáveis que se conhecem desde os seis anos de idade. Com o sonho de conseguir uma vida melhor para seus familiares, elas embarcam em uma aventura perigosa, trabalhando para uma organização do Cartel Juárez em Chihuahua, México. Apesar do desacordo dos pais, elas acabam desenvolvendo um elo ainda mais forte em cada missão. Para esse grupo de amigas, missão dada é missão cumprida. Apaixonadas por carros, velocidade e desafios, cada dia é uma surpresa. Mas tudo se complica quando o capo do cartel decide mandar seus soldados de ferro, as assassinas mais temidas do cartel, Lauren, Lucia e Veronica, para ajudá-las em uma missão especial.

Playlist da fic:

<https://open.spotify.com/user/nfreitasmm/playlist/0PxX7NeF5a0KesMSTYoIh3>

Carros das meninas, capítulo 3 e pro resto da fic:

<https://twitter.com/5histhenewblack/status/631566820579930112>

Carros capítulo 3, competição: <http://listas.20minutos.es/lista/cual-es-el-mejor-coche-de-la-saga-a-todo-gas-378402/>



Capítulo 1: Touchdown, bitches

Olá queri@s! Como estão? Então, eis a nova fic!

Os primeiros capítulos são BEM descritivos para que vocês entendam a história que está por trás da história... deu pra entender? Eu espero que sim.

Então, HEA sairá toda terça e na medida do possível irei postando essa nova, ok?

Seria ÓTIMO se vocês me falassem o que acharam para que eu possa continuar ou deixar de lado o tema. Lembrando que as explicações chegarão com os capítulos, vocês sabem que adoro uma treta encubada! kkkkkkkkkkk

Desde já agradeço pelo tempo.

All the love.

//

03:47AM, Ruta 66 (Nuevo México, Estados Unidos)

O caminhão com 15 mil litros de gasolina seguia pela estrada da Ruta 66 com destino ao Texas. A madrugada estava fria, os faróis do veículo eram a única iluminação além das placas naquela rodovia deserta.

O motorista, um senhor de cinquenta e poucos com a barba mal feita e um chapéu do Boston Celtics, lutava contra o sono fechando os olhos e deixando o controle do caminhão de vez em quando, motivo pelo qual não percebeu quando os dois Dodge Charger SRT8 na cor preta, se camuflavam entre a noite reduzindo a potência dos faróis.

Um deles, guiado por uma morena com cabelo trançado e longo e com a franja recolhida com uma pequena goma de cabelo, se colocou logo atrás do grande veículo, encaixando o para choque dianteiro no fundo do tanque que era transportado pelo caminhão. Utilizando um walkie-talkie, a morena explodiu a bola de chiclete que fazia antes de falar:

- Em posição. Agora é com vocês. - o carro que estava atrás então reduziu a velocidade para logo adiantar pela direita, posicionando-se ao lado esquerdo do veículo, na altura da escada de metal que estava presa ao tanque.

Nele, uma morena com cabelo liso e ondulado, traços finos e pele levemente bronzeada, assentia para loira que estava no banco do carona, também se preparando. Era um pouco mais alta e mais robusta, mas não muito. O cabelo ondulado estava preso em um rabo de cavalo alto. Trajava roupas de couro na cor preta além de um sorriso extremamente branco que aparecia cada vez que mascava o chiclete. Pegando a chave de roda que estava aos seus pés, a loira então encaixou a ferramenta em um suporte que levava nas costas e soltou o cinto de segurança.

- Pronto? - a morena perguntou, recebendo um sorriso torto como resposta.

- Eu nasci pronta, mamita. - revirando os olhos e em uma rapidez digna de um profissional, a morena conseguiu manobrar o carro, colocando-o em contra mão, de forma que a loira estivesse ao lado da escada. Mantendo a velocidade na marcha ré para acompanhar o caminhão, a morena assentiu dando o último sinal. A loira então abriu a janela e rapidamente colocou a metade do corpo para fora, olhando por cima do ombro para dentro do carro. - Um pouco mais perto. - disse, e assim a morena o fez, desviando minimamente o carro para direita, mantendo a mesma velocidade.

Quando a loira então conseguiu alcançar a escada com as mãos, não teve muita dificuldade em subir até o topo do tanque, onde engatinhou até a cabine do motorista e descendeu novamente por outra escada que estava entre o veículo e o tanque, colocando-se entre os dois e segurando o corpo com as pernas, cada uma em um extremo. Abaixou-se até a junção dos dois veículos, retirando a chave de roda das costas já pronta para separá-los, porém em um dos cochilos do motorista, o caminhão acabou desviando bruscamente e logo, retomando o controle. A mulher teve que se segurar na escada e as pernas acabaram escorregando, de forma que quase fora jogada pra pista.

- Carajos! -- a loira gritou. Pelo ponto de rádio que tinha na orelha, as motoristas que estavam nas mesmas posições ficaram alerta ao ver o movimento. - Esse filho da puta está dormindo ao volante! - reclamou segurando-se com força para então apoiar-se novamente.

- Está tudo bem aí? - a morena que compartiu carro com a loira gritou.

- Sim. Inclusive estou pensando em trazer uma cerveja na próxima,

isso está começando a ficar monótono. - brincou fazendo ambas motoristas revirarem os olhos.

- Vamos acabar logo com isso, Dinah. - foi à vez da morena de cabelo trançado dizer.

- A suas ordens, rainha Normani. - a loira disse ao, finalmente, conseguir soltar o tanque da cabine. - Dale!. - Imediatamente Normani pressionou um botão no painel, e dois cabos de reboque encaixaram no tanque.

O motorista que continuava cochilando de vez em quando acordou de repente quando avistou a entrada de um grande túnel. Dinah, que estava subindo pela escada do tanque, foi vista pelo retrovisor do homem que logo entendeu o que estava acontecendo.

- Holy shit! - gritou tentando acelerar, mas então percebeu que já era tarde e o tanque estava ficando cada vez mais longe. Quando Dinah conseguiu chegar ao topo novamente, o homem freou com força, provocando um baque com o tanque que fez a loira cair.

- Merda! Dinah, você precisa sair daí agora. Temos um túnel a dois quilômetros. - a morena do cabelo ondulado gritou.

- Esse cabrón me derrubou, Mila! - a loira tentou se levantar novamente caminhando alguns passos, mas o tanque recebeu mais um golpe que a fez cair na lateral, onde com um reflexo incrível, conseguiu se segurar na escada.

- Merda! - Mila gritou do carro, passando a marcha com força e acelerando ainda mais para se colocar ao lado do tanque. - Normani, você tem que sair daqui.

- Eu estou tentando, mas essa merda pesa mais que cinco elefantes! - Normani gritou de volta pelo rádio, fazendo Mila grunhir e pronunciar xingamentos desconexos.

- Quando eu disse que estava ficando chato, não me referia exatamente a isso! - Dinah gritou com o corpo ainda pendurado na escada.

- Camila, o túnel! - Normani gritou freando brutalmente e fazendo com o tanque balançasse, o que fez Dinah se soltar, ficando presa apenas por um braço.

- Agora! - Camila gritou desviando o carro para esquerda, pegando-se totalmente ao tanque e então Dinah pulou, agarrando-se ao para-sol aberto no teto do carro, a tempo de fechar os olhos ao ver a entrada do túnel e ouvir os pneus do Dodge cantando.

Com toda sua força, Mila aguentou o volante com a mão esquerda, um pé segurava o freio enquanto o outro acelerava e a mão direita puxava o freio de mão ao mesmo tempo, fazendo o carro girar a poucos metros da entrada.

Normani deu marcha ré imediatamente, soltando-se por fim do tanque e, uma vez com o carro na direção oposta, voltou a disparar os cabos de reboque, desta vez ao fundo, arrastando consigo o grande depósito. Dinah continuava de olhos fechados e agarrada tanto como podia, sentindo o forte vento no rosto.

Quando abriu os olhos, percebeu que estavam retomando a direção que vieram, e então se deslizou pelo buraco, ocupando seu assento ao lado da motorista que estava séria.

- Essa foi por pouco. - disse colocando o cinto de segurança. Camila nada disse, apenas assentiu e continuou concentrada na estrada, olhando constantemente pelo retrovisor para ter certeza que o motorista não estava voltando. Alguns quilômetros depois avistou um pequeno caminho de terra, uma espécie de atalho, onde desviou aumentando os faróis, e finalmente chegou a uma zona deserta, onde Normani estava apoiada no carro e o grande tanque ao seu lado. A morena sorriu explodindo mais uma bola feita com a goma, recebendo as amigas com um aceno.

- Touchdown, bitches! - disse abraçando Dinah que ainda tinha o coração acelerado. Mila também abraçou a amiga, ainda exaltada pelo inconveniente.

- Missão cumprida, chicas. - a latina finalizou.

Pouco tempo depois elas já estavam entrando em um grande armazém abandonado, trazendo o grande tanque logo atrás. Uma loira de estatura baixa e um sorriso tímido foi a responsável por recebê-las quando estacionaram os carros.

- Bom trabalho, meninas! - a baixinha felicitou.

- Você viu que manobra excelente, Allycat? Me senti o super-homem enquanto estava pendurada! - Dinah brincou pegando uma cerveja dentro do balde cheio de gelo que descansava sob uma mesa. Ally sorriu, negando com a cabeça. Normani se aproximou por trás dando um pequeno tapa na nuca da loira.

- Podia ter usado seus poderes para cair melhor em cima do carro. Por um momento pensei que fosse um saco de bosta sendo jogado. - Camila, que tinha a cerveja na boca, cuspiu imediatamente ao ouvir a piada, gargalhando pela cara de espanto de Dinah com o comentário.

- Perra! - respondeu irritada para uma Normani que sorria abertamente, também abrindo uma bebida.

- Você já foi mais rápida, DJ. Só estou querendo ajudar... - se defendeu fingindo indignação. Dinah estreitou os olhos e negou com a cabeça em desdém.

- Com esse já são cinco de cinco, a chefe estará orgulhosa. - Ally mudou de assunto antes que as duas comessem uma troca de piadas infinita. Camila assentiu e as outras duas chocaram as mãos.

- Espero que agora ela nos dê um descanso... A polícia deve ter sido avisada já e em breve estarão cobrindo cada quilometro da rodovia. - Dinah disse.

- Tenho entendido que essa foi à última do mês. - Mila interveio. - O próximo trabalho será transportar um carregamento que chega depois de amanhã. - avisou olhando alguma coisa no celular. As outras franziram o cenho em sincronia, encarando a amiga.

- Carregamento de quê? - Normani perguntou.

- Não sei. - Camila deu de ombros e guardou o aparelho no bolso da calça jeans um tanto desgastada. - Só sei que devemos levá-lo até a fronteira e entregar em mãos do Chuy.

- Mas você não sabe se é grande, pequeno, quanto pesa, de quantos carros precisaremos ou qualquer coisa assim? - Dinah insistiu, ainda mais confusa. Camila novamente deu de ombros.

- Não disseram nada mais, suponho que daqui a dois dias saberemos. - a mulher olhou o relógio e já se passava das cinco. - Agora chega de ladainha e vamos logo pra casa que dona Sinuhe já vai abrir o restaurante. - as outras se conformaram com a confiança da que era então a líder do grupo, e a seguiram fechando o armazém e apagando as luzes.

Assim, mais uma missão estava cumprida, e mais uma vez elas conseguiram chegar sãs e salvas.

//

All the love.



Capítulo 2: Introducing the Squad

*Rosita na foto

//

Central do FBI, Columbia - EUA.

Na sala de juntas do grande prédio, uma equipe de agentes estava reunida frente a uma enorme tela, onde apareciam alguns dados. Imagens de caminhões via satélite para ser mais exato.

Um homem negro, forte e alto, porém com alguns cabelos brancos, vestido em um terno cinza explicava ao resto de agentes o acontecido.

- Durante os últimos três meses as denúncias de roubos de carregamentos, principalmente tanques de combustíveis, vêm sendo cada vez mais comum no departamento. O modus operandi parece ser o mesmo. Dois Dodges truncados se aproximam na madrugada pela ruta 66, cercam o veículo e enquanto um se encarrega do tanque, o outro fica com a fuga dos suspeitos. – o silêncio pairava na sala enquanto todos observavam com atenção as imagens. – Não temos descrições, nome, retrato robô ou coisa do tipo. A única coisa que sabemos é que... – com a pausa dramática passou para seguinte foto, revelando a silhueta de uma mulher sobre um tanque. – Que aparentemente são três mulheres.

A expressão de todos passou de concentração a perplexos.

- Três mulheres? – o jovem loiro de olhos azuis que estava encostado na parede ao fundo perguntou.

- Sim, foi o que eu disse agente Miles.

- Alguma informação sobre o destino do combustível? – dessa vez foi

uma mulher, sentada com o braço apoiado na mesa quem questionou.

- Essa é a questão agente Mendez. A Rota 66 é uma rodovia que une o México aos Estados Unidos, pela fronteira com Chihuahua e Texas. Chihuahua como vocês já sabem é território do Cartel Juárez, onde constantemente se realizam corridas ilegais, onde provavelmente devem utilizar a carga roubada.

- Senhor, segundo os informes quase todos os membros do cartel estão nos arquivos, e pelo visto nenhuma dessas mulheres foram identificadas. – Miles questionou.

- O que nos leva a pensar que estão recrutando novos capatazes. – o sargento concluiu. – Bom, o trabalho de vocês é investigar esses roubos, de preferência procurar qualquer coisa que possa identificar os veículos ou as mulheres. O prejuízo das empresas já excede os três milhões de dólares e eu estou ficando muito irritado com essas ligações do Secretario Geral. Miles e Mendez, o caso fica com vocês. Não importa como nem o que vão fazer, eu só quero esse maldito caso resolvido pra ontem. – disse abandonando a sala, porém a voz da agente o fez parar na porta.

- Senhor, e os contatos? – Mendez interveio. O homem a olhou franzindo o cenho, como ponderando a resposta e antes de sair, respondeu.

- Usem-os.

Restaurante Cabello's – Chihuahua, México.

Estofados na cor azul água e rosa bebê, mesas quadradas, uma enorme barra com bancos com o mesmo design, pôsteres dos rancheros e Elvis Presley nas paredes e Selena Quintanilla ao fundo. O restaurante Cabello era o mais conhecido em Chihuahua. O melhor da comia mexicana combinada com os sabores americanos. Onde você pode pedir uma porção de batata frita com cheddar para acompanhar as fajitas, ou um hambúrguer com salsa barbacoa preparada no Texas e um Milk Shake de morango para sobremesa.

As garçonetes, vestidas com um uniforme branco impecável composto por uma saia e uma camisa de botão, com seu nome no lado direito, serviam as mesas com um sorriso e uma hospitalidade invejável.

Na barra, uma jovem de cabelo escuro e pele levemente bronzeada, sorriso amável porém tímido, e uma semelhança quase assustadora com Camila, atendia alguns clientes que estavam ali apenas para um lanche rápido.

- Sofia, a mesa oito está perguntando pelos tacos! – Rosita, uma bela latina com um corpo escultural gritava para jovem enquanto servia outra mesa. – Tortitas com nata e chocolate e um milk shake de morango! Algo mais?

- Mamá, os tacos! – a menina gritava por sua vez para cozinha.

E essa era basicamente a rotina do dia. Atender os clientes para o café, almoço e janta. Sofia na barra, dona Sinuhe na cozinha e as garçonetes em um movimento frenético. Porém, Rosita não era a única.

As 7 AM a porta do restaurante se abriu revelando as outras três.

- Vocês estão atrasadas! – a bela latina disse assim que ouviu o sino.

- Desculpa, Rosita, foi a última vez! – Dinah disse piscando para mulher que negou com a cabeça e ao ver Normani e Ally logo atrás, usou o pano que estava em sua mão para golpear o traseiro das duas.

- Espero que sim, as mesas nove e dez estão esperando serem atendidas e Ally, Sofia não está conseguindo fazer a calda especial, será que você pode ajudá-la? – a baixinha assentiu sorrindo abobalhada e logo se colocou atrás da barra. Normani que estava ajeitando o rabo de cavalo de seu cabelo ficou para trás, motivo pelo qual Rosita se aproximou sussurrando para que ninguém escutasse. – E a Diabla? – Normani sorriu ao confirmar o que pensava. Era sempre assim, cada vez que Camila não entrava com elas, Rosita se aproximava para saber o paradeiro da primogênita dos chefes. A relação delas era um tanto especial. Rosita estava apaixonada e Camila... não era alguém disposta a se apaixonar. Porém sabia apreciar o carinho e atenção da bela mulher, retribuindo com o melhor sexo e beijo que tinha, mas isso era tudo. Porém, todas no bairro sabiam que Camila era assim, mas que se Rosita chamasse, ela estaria.

- Na oficina com o tio Ale, deve vir daqui a pouco. – a latina assentiu continuando com seu trabalho. Mani apenas trocou um olhar com Dinah que negava com a cabeça enquanto a morena dava de ombros. Não era novidade que Rosita era louca por Camila e, apesar de saber que a jovem era do mundo, se considerava especial.

Allyson continuou ajudando Sofia, por milésima vez consecutiva, no preparo da salsa especial que era o segredo do restaurante. Normani, Dinah e Rosita faziam o turno da manhã e da tarde, enquanto a noite outras três garçonetes ocupavam o posto. Sinuhe era mais que a cozinheira, era a chefe da cozinha e apesar de seu dom para aquilo, com o êxito do restaurante ela se conformava em apenas gerenciar os cozinheiros.

Camila ajudava quando o movimento estava frenético ou quando não estava na oficina de seu pai, aos fundos do estabelecimento, onde o homem se dedicava a consertar e montar carros e motos.

Alejandro Cabello se apaixonara por carros desde pequeno. Seu pai, também mecânico, construiu para o filho um pequeno kart, fazendo o então jovem garoto descobrir sua segunda paixão: a velocidade.

O homem tentara durante muitos anos se manter nas competições de formula 1, e ficou as portas de fechar um grande contrato se não fosse a notícia de que seu pai havia padecido a doença de chagas e alguém teria que tomar conta do negocio familiar. Não que ele se arrependesse, desfrutou muito das competições e de tudo que aprendera, mas não negava que talvez tudo tivesse sido diferente se... Mas Alejandro não era homem de lamentações. Levou a família adiante e manteve a tradição, sendo o melhor mecânico de Chihuahua. E obviamente, não poupou em ensinamentos para filha. Camila era tão apaixonada pela velocidade quanto seu pai.

Acostumada a vê-lo nos treinos e competições, a primogênita o acompanhava a todas as partes. Sabia tanto de automóveis como seu pai, o que a fazia uma mulher mais do que especial.

Sendo assim, os Cabello's eram conhecidos pela maravilhosa comida e o dom com carros. Motivo pelo qual um bom dia uma mulher conhecida como "La Reina del Sur" chegou até a oficina para adicionar alguns complementos em um dos seus carros, há um atrás, e conheceu Camila.

Sexy, envolvente e com uma frialdade intimidante, a mulher ficou obcecada em Camila. Não só pelo excelente corpo ou pelo belo rosto, mas sim pela sua agilidade com os carros, a precisão na hora de dirigir e o quanto sabia sobre. Além do fato de ser uma latina extremamente quente na cama. Apesar do relacionamento não ter tido frutos e não ter passado de algumas noites, ela viu em Camila e suas amigas as pessoas perfeitas para exercer aquele tipo de trabalho.

La Reina del Sur procurava por uma equipe capaz de arriscar a vida, que soubessem dirigir muito bem, que conhecessem as rodovias, que entendesse de carros e velocidade, e principalmente, que não tivessem medo. E esse grupo era conhecido em todo Chihuahua. Tratava-se da Diabla e suas amigas.

Por quê?

Porque elas participavam nas corridas ilegais organizadas pelo Cartel Juárez. E porque elas ganhavam todas.

Camila era a líder, la Diabla. A melhor motorista, com tantas vitórias como mulheres em sua cama. Além de dirigir sabia como montar e desmontar um carro ou se precisava trocar o óleo apenas pela fumaça no tubo de escape. Chegou a Chihuahua aos seis anos com sua família, fugindo da precariedade de Cuba. Criou-se nas ruas e entre a oficina de seu pai. Desde pequena aprendeu que no mundo existiam dois lados. Do seu, pobreza, esforço, drogas, assassinatos, gangues e carteles. Do outro, oportunidade, sonhos, facilidades e principalmente: proteção. Conseguiu o respeito das ruas e de todos graças a sua paciência e fortaleza. Sua família estava por cima de qualquer coisa, disposta a tudo para mantê-los a salvo, mesmo que isso significasse entrar em um dos cárteles mais perigosos da América do Sul.

Dinah era a aventureira. Adorava chamar a atenção de todos. O carro que mais fazia barulho sempre era o seu, a mais intimidante também. Acostumada a fazer graça com tudo, era a sombra de Camila. Conheceram-se ainda pequenas, entre as ruas de Chihuahua. Entraram na mesma escola sendo novatas, e desde o primeiro dia não se desgrudaram mais. Passou por muitas famílias adotivas antes de fugir e se criar sozinha nas ruas, onde conheceu Normani. Apesar das evasivas da morena quanto a seus pais, a loira logo desenvolveu um carinho especial pela amiga, sendo ela e Camila sua única família até Allyson chegar. Não estava acostumada a ter relacionamentos, pois no fundo escondia uma paixão especial por Normani, mas ela achava que ninguém precisava saber disso.

Normani era a sutileza. A morena de poucas palavras era a pessoa

certa para fazer manobras perfeitas em espaços estreitos. Não gostava de chamar a atenção e era delicada. Sempre lixando as unhas e mascando chiclete, era perfeita para o posto de transportadora. Conheceu as meninas a través de Dinah, pelas ruas da cidade. Ninguém sabia nada sobre sua família ou de onde viera, mas conseguia cativar todos ao seu redor com seu sorriso. Linda e com um corpo escultural, era o desejo de muitos, porém escondia em si um lugar especial para Dinah, com quem sempre implicava, achando que assim dissimulava a forte atração que sentia pela loira.

Allyson era o cérebro. Devido a sua pequena estatura e timidez, a menina desde pequena fora perturbada no colégio por outras garotas, até que Camila, Dinah e Normani cruzaram seu caminho. Excelente em física, matemática e eletrônica, as meninas precisavam acabar o colégio e ela, ser protegida. Assim começou a união. Era uma boa motorista assim como as outras, mas sua timidez e inteligência a fazia ficar atrás do computador, ajudando Camila com os consertos dos carros e ideias para que fossem mais rápidos e mais leves. Não gostava de arrumar problemas e sem as meninas não era ninguém. Vivia com seus pais e irmãos até que em um enfrentamento entre bandidos e polícia, acabaram mortos. Ela estava na casa de Camila no dia, e desde então, todas ali ficaram. Juntas. As meninas e os Cabello's, assim como para Normani e Dinah, eram sua única família. E pela família elas faziam tudo.

Com todas à sua disposição, a chefe encontrou nelas a equipe perfeita. O salário não era muito, porque elas não queriam se envolver mais do que o estritamente estipulado. Pegar uma mercadoria e entregá-la. Sem perguntas, sem armas, sem complicações. A única restrição era quanto às drogas. Não queriam ter nada a ver com isso. O resto...

Trabalhavam no restaurante de graça para compensar todos os anos que viviam baixo o teto dos Cabello's, não que eles exigissem, mas por gratidão. Tratavam as meninas como se fossem sangue do próprio sangue, e elas também. O negócio familiar era o mais conhecido, mas isso não significava que o dinheiro fosse suficiente. Em um contexto marcado pelo tráfico, ser legal era quase uma raridade. Por isso a clientela era limitada e, por tanto, os benefícios também. Mas não reclamavam, viviam dia após dia com a boa saúde e a alegria de ser uma família unida.

Pelo menos por enquanto.

//

All the love.



Capítulo 3: Go Hard or Go Home

*Então, meus amores. Espero que estejam gostando. Para esse capítulo, quem quiser saber exatamente os carros, recomendo olhar o link que está na sinopse para que vocês possam identificar. Os carros estão na ordem. E quem quiser saber os carros da competição, recomendo O SEGUNDO LINK DA SINOPSE.

Agora vamos as curiosidades:

*O Valle Del Rio Grande está localizado ao extremo sul de Texas, ao longo norte do rio Bravo, que separa México dos EUA. É na verdade um delta de inundação que contém muitos lagos de ferradura e lagunas formadas a partir da influência do rio. Também é um "deserto" com montanhas onde se perder é a parte mais fácil. Sua temperatura é extrema, passando do calor infernal ao frio glacial. E, lamentavelmente, uma espécie de cemitério silencioso. Inúmeras são as vítimas que suas temperaturas e condições somam na tentativa de passar a fronteira dos países. É uma rota perigosa, usada por criminais para conseguir chegar nos EUA.

All the love.

//

01:32 AM - Valle del Río Grande (El Valle), México

O termômetro marcava 13°C. Os carros estavam estacionados um ao lado do outro com a mala aberta, competindo pela maior potência das caixas de som. Luzes de neon, tubos de escape com desenhos, chaparia com grafite, chamas, tribais... Os mais diferentes tipos de desenhos decoravam os carros. Maserati, Camaro, Nissan, Mazda, Ford... Para gostos e cores estavam preparados para o grande espetáculo.

A mensagem havia chegado há pouco tempo nos aparelhos dos que participavam nas corridas ilegais, definindo como 2 AM o horário de mais uma competição.

Mil dólares por carro para competir. Cinco carros em total. O vencedor ficava com a metade do premio.

Caso fosse algo pessoal, ou seja, apenas dois competidores, a aposta subia para dois mil por carro e o vencedor ficava com o valor total, ou em caso de aposta, o carro do perdedor.

As regras eram limpas e básicas. Ir até o final do circuito, uma pista improvisada de 15,7 km de distância, retornar em uma linha de barris colocados ao final e fazer o caminho de volta. Em uma velocidade media, 46 minutos. Em uma competição, 15 minutos.

A única luz que marcava o caminho eram os faróis. Em caso de se perder, ninguém se responsabilizava.

Perder era sinônimo de pagar. Para os organizadores, uma aposta era sempre uma aposta. A palavra tinha muito valor, e quem não tinha com o quê pagar a dívida, pagava com a vida.

Mas também era o cenário dos jovens mais ousados de toda redondeza. Bebida, mulheres, homens, música... Era o lugar idôneo para conhecer os bad boys ou conseguir o respeito das ruas.

E as meninas sabiam disso.

Competindo desde os últimos três anos, eram conhecidas por muitos e temidas por todos. Dinah e Normani acumulavam algumas derrotas, mas pouco relevantes comparadas a vitórias que tinham. Na verdade, os carros que possuíam foram fruto de apostas, onde elas com o Dodge Charger 1970 de Camila conseguiram ganhar.

Dinah se vangloriava de seu Mazda RX-7 Veilside Fortune preto com as laterais laranjas, extravagante, rápido e barulhento, como ela. Enquanto Normani cuidava com todo seu amor seu Porsche Cayman S grafite. Delicado, brilhante e silencioso.

Mas Camila era a imbatível. Sua pontuação era a melhor de todos os tempos nas corridas clandestinas.

32 vitórias.

Nenhuma derrota.

Não havia motorista capaz de deixar a latina para trás. Por isso conseguiu o respeito de todos, inclusive dos organizadores. Recebia ofertas todos os dias, mas só competia com quantidades acima de cinco mil, sendo todo o prêmio para ela. Assim era como conseguia pagar as peças e equipamentos necessários para o outro trabalho.

Mas aquele dia ela andava nervosa com o tal carregamento que deveriam entregar no dia seguinte a Chuy, olhos e braço direito de "El Viceroy", capo do cartel.

Ela não sabia por que nem como, mas sentia a necessidade de participar naquela corrida, exatamente naquela noite.

Com uma jaqueta de couro, um jeans preto rasgado nos joelhos, coturnos pretos e o cabelo solto, chegaram ao Valle em seu carro com Dinah no banco do copilote, e Normani e Ally atrás. Vestidas de uma forma bem parecida, apenas com tonalidades diferentes.

Quando ouviram o motor rugir, todos se afastaram para que la Diabla estacionasse seu monstro com rodas.

Saiu como se nada, enquanto Dinah se aproveitava da fama para se exibir, acenando com a cabeça para quem lhe sorria. Normani continuava séria, vez ou outra sorria torto para alguma mulher que suspirava por ela, enquanto Ally tentava se esconder entre as amigas.

Camila ia à frente, cumprimentando só aqueles que ela conhecia. Típico.

Cumprimentou Josete [n/a: pronunciado "rôsete"], abraçando-o.

- Qué pasó, flaca! - disse animado ao ver a latina que retribuiu o gesto.

Josete era um garoto de 19 anos, careca, alto e magro. Seu corpo era cheio de tatuagens como de costume entre os jovens ali. Andava com a calça praticamente no joelho, cueca samba canção de super-herói, camisas xadrez com apenas três botões fechados, e sempre uma básica branca por baixo. Gostava de lenços e bonés de baseball, e era quem mandava no circuito.

Conheceram-se quando pequenos, brincando nas ruas. Camila o salvara muitas vezes na época do colégio, quando ele estava sem tatuagem alguma e usava óculos. Com o tempo (e cansado de ser espancado quando Camila não estava por perto), decidiu participar de uma gangue, "Latin King", chegando a matar um colega do bairro como missão para entrar. E depois foi subindo na escala, chegando ao cargo de "príncipe", algo assim como um dos líderes. Mas guardava um grande respeito e carinho por Camila, e sempre estava disposto a ajudar à amiga.

- Tudo bem, Josete.

- Cabrón, cada vez que eu te vejo tem uma tatuagem nova no corpo. Daqui a uns dias não vou te reconhecer! - Dinah zombou abraçando-o com força. O garoto, no fundo tímido, sorriu sem jeito para mulher, fruto de suas fantasias mais pessoais. Sim, Josete havia alimentado uma paixão profunda pela loira em sua adolescência, mas nunca fora correspondido até que decidiu aceitar. Mas ainda assim, se Dinah pedisse o céu, ele estava disposto a dar.

- Isso seria impossível, beba [n/a: bebê ¬¬], você sabe que me reconheceria até no meio do Valle! - todas riram com a resposta e logo começaram a falar sobre temas aleatórios. Colocados em um círculo ao redor do jovem, todos observavam a interação.

- E então, qual vai ser a de hoje? - Dinah perguntou com as mãos no bolso de sua jaqueta de couro recém comprada, tentando disfarçar o frio.

- Chegou um Gran Torino 72 logo cedo para competir. - disse deslizando a mão direita pelo queixo. Camila riu com desdém. Não podia negar que aquele tipo de carro, os clássicos, eram os que ela mais gostava.

- No circuito? - inquiriu interessada. Josete assentiu.

- Ah! No mames! - Dinah interveio com desdém. - Você sabe que ela já não se mete com coisas pequenas... - enquanto a loira tentava convencer o jovem da exclusividade da latina, Camila olhava ao redor procurando pelo tal carro entre a multidão.

Passou os olhos devagar, carro por carro, até que o encontrou. Ao final, atrás da multidão com os faróis acesos, lá estava a joia. Preto, brilhante, impecável. No capô havia uma mulher sentada abraçando os joelhos. Camila estreitou os olhos para enxergar melhor, mas a única coisa que conseguiu distinguir foi o cabelo longo e aparentemente preto.

- Eu vou. - interrompeu a conversa entre Dinah e Josete. Normani e Ally a encararam, o jovem sorriu e Dinah ficou com a boca aberta.

- Você vai? - Normani perguntou incrédula.

- Sim. Me coloque na ronda do Gran Torino. - finalmente desviou o olhar para os amigos que tinham expressões desde incredulidade a expectativa.

- No, no, flaca! - Josete riu com desdém. - Ela vai ter que te encontrar. - Camila franziu o cenho. - Preciso me aproveitar desse momento inusitado. - explicou fazendo Camila revirar os olhos. - Duas corridas e o vencedor das duas corre contra você. - deu de ombros como se fosse inevitável.

- Você é um cretino, Josete! - Dinah sorriu maliciosa para o plano do garoto. - Mas é uma ótima ideia. Não é bom para nossa reputação que você volte a competir nas grupais. - explicou. Camila deu de ombros, divertindo-se com o fato de que, se a motorista fosse realmente boa, ela estaria mais do que disposta a competir no final da noite. Agora só tinha que esperar.

A conversa continuou até que as 2 AM em ponto todos começaram a abrir caminho. Os carros desligaram os sons e uma linha de segurança foi feita com uma fita amarela. Josete se colocou no meio da pista chamando a atenção de todos com um alto falante.

Camila, no lado direito, observou como uma morena de pele branca abria espaço entre a multidão, colocando-se na linha de frente do lado esquerdo. Ao longe percebeu que era linda. Não pelos traços finos e olhos claros, mas sim pela cara de mal humorada que tinha. Aparentava tédio, irritação. Vestida de preto da cabeça aos pés com uma camisa da banda Metallica. Sua jaqueta de couro estava desgastada, mostrando que não era só uma moda. Era a bad girl em pessoa. Mas preferiu manter seu interesse oculto. Apesar de ser um pouco tarde, pois no segundo seguinte o olhar daquela mulher encontrou o seu e iniciaram uma guerra. Nenhuma das duas desviava, nem sequer enquanto Josete dava as instruções.

- Hoje teremos um espetáculo, ladies and gentlemen! É uma honra

para el circuito del Valle anunciar que nesta noite, levantando a poeira dessa mesma pista, teremos nada mais e nada menos que... - fez uma pausa dramática e todos estavam em silêncio, expectantes. - La Diabla! - gritos, assovios e buzinas ecoaram. - Sim, senhoras e senhores! La Diabla será o prêmio da noite. O circuito grupal contará com duas carreiras. O vencedor de cada uma delas correrá em uma aposta, e o que finalmente ganhar a aposta, terá o prazer de competir com nossa estrela! - como se estivesse anunciando um feriado nacional, Josete conseguiu animar todas as pessoas com aquela notícia. - Então, preparem-se!

Os primeiros cinco carros se colocaram em fila. Uma das meninas que ali estava, animada por Josete, se aproximou colocando-se no meio. Retirou seu sutiã e sorriu maliciosa.

Colocados em fila, os carros da primeira ronda eram Nissan Skyline GT-R34 azul, Toyota Supra laranja, Mitsubishi Eclipse verde limão, Mitsubishi Lancer Evolution vermelha e um Nissan Fairlady Z preto.

- Listos? - a jovem com mais curvas que a rota 66 perguntou, olhando maliciosamente para todos. - Dale! - quando o sutiã tocou o chão, toda a poeira do deserto levantou com o arranque dos carros.

Era impossível saber quem estava na frente até a volta. Alguns minutos se passaram e todos continuavam expectantes, até que o Nissan Skyline GT-R34 azul iluminou o final da pista junto ao Nissan Fairlady Z preto. A disputa estava acirrada, a cada centímetro que o GR34 alcançava de vantagem, o Fairlady Z recuperava no segundo seguinte, e assim até que, a 10 metros da linha final, o GR34 adiantou-se alguns poucos centímetros e finalmente, ganhou.

Todos comemoraram e rodearam o carro. De dentro, um loiro de olhos azuis saiu sorridente, abraçando uma garota e beijando-a com vontade. Camila sorriu torto para morena ao outro lado que arqueou a sobrancelha e revirou os olhos. Camila riu com mais vontade ao ver a reação. Pelo jeito a tal mulher também odiava o espetáculo. Então, que diabos estava fazendo ali? Então viu como se afastava de todos e entrava em seu carro, levando-o para linha de partida, onde fez questão de mostrar toda a potência do motor. Logo depois os outros carros se aproximaram. Eram um Subaru Impreza WRX STi preto com as portas prateadas, Nissan Silvia S15 lilás [n/a: lylas hehehe] com as portas laranja, um Honda S2000 rosa choque e finalmente um BMW E39 amarelo.

Dinah se aproximou um pouco mais de Camila.

- O que você acha do Gran Torino?

- É um bom carro.

- Mas não é estranho? - insistiu. Camila não desviava os olhos da mulher dentro do veículo. Parecia concentrada e com a mão esquerda no volante. À direita provavelmente sob a marcha.

- O que Dinah?

- Um carro assim. Ninguém a conhece, nem sequer o Josete. Por que

diabos alguém com esse carro e essa chaparia viria a um circuito ilegal? - a latina deu de ombros.

- Pela mesma razão que você conseguiu o Mazda e a Mani o Porsche, DJ. Para correr.

- Mas mesmo assim. Eu não estou gostando nada disso. - Camila revirou os olhos, encarando finalmente a amiga.

- Relaxa. Nem sabemos se ela conseguirá passar dessa ronda. - Dinah riu com escárnio.

- Camila, querida. Ninguém tem um Gran Torino e uma camisa da Metallica sem saber dirigir.

- Estou com a DJ. - Ally apareceu do lado da latina, fazendo-a arquear a sobrancelha. - Ela é boa, Mila.

- Qué diablos. E vocês agora são videntes por acaso? - Ally deu de ombros.

- Esse motor não é qualquer um. Não quero te assustar, mas... soa como um V10 e se eu não estiver errada, chega de 0 a 60 em três segundos. - Normani riu e Dinah assoviou.

- É Diabla... parece que a noite promete. - zombou batendo no ombro da latina que apertou os dentes.

- Veremos. - sentenciou.

No segundo seguinte a jovem se colocou novamente com seu sutiã. Os motores rugiram e quando este tocou o chão, em questão de segundos estavam sozinhos outra vez.

Os minutos passaram novamente. A latina estava nervosa e com os braços cruzados. Todos estavam atentos quando apenas dois faróis se aproximavam. Em uma velocidade desnecessária, pelo menos para Camila, eis que o Gran Torino chegou a meta. Com o freio de mão puxado, o veículo deslizou pela areia. Todos correram com o movimento, exceto Camila e as meninas que ficaram paradas, apesar do desejo interno de Ally em sair correndo. Ainda com os braços cruzados a latina pôde ver como o carro parava bruscamente a milímetros de sua perna. Sozinho.

A euforia tomou conta de todos os espectadores. A morena saiu do carro ainda com a cara mal humorada, encarando Camila que tinha o cenho franzido tentando decifrá-la. Então ela sorriu, e aquele sorriso desafiante, porém lindo, fez a latina trincar os dentes de ódio. A babaca estava se exibindo para ela. Na frente de todo mundo. Ah, se era um desafio que ela queria, era o que Camila ia dar.

Depois de muito tempo os outros carros foram chegando, mas todos estavam abismados com a rapidez que o Gran Torino havia chegado.

- Muito bem, senhores! - Josete novamente ocupou o centro da pista. - Agora é a corrida da morte. Quem ganhar se encontra aqui, nesse mesmo chão, com nossa melhor motorista. Trinta e duas vitórias até agora e nenhuma derrota! Boa sorte a todos.

Novamente os carros se colocaram em suas posições. O Nissan azul

estava no lado esquerdo e o GT no lado direito, bem onde Camila estava. A latina observou como a mulher dentro do carro respirava fundo, estralava o pescoço mexendo a cabeça de um lado para outro e pronunciava alguma coisa. Concentrada como estava, conseguiu entender um "go hard or go home". O motor rugiu e Ally teve certeza. Era um V10 e finalmente temia pela amiga.

No momento seguinte a única coisa que Camila viu foram às órbitas verdes encarando-a com um sorriso presunçoso e a poeira quando Josete autorizou a largada.

Com os braços cruzados e a expressão mais séria do que gostaria, Camila se manteve na espera. Ela queria que a mulher ganhasse, porque ela também queria ganhar.

Mais devagar do que realmente estava passando, o tempo se fez eterno na espera, até que novamente dois únicos faróis se aproximaram e sem muito esforço o Gran Torino estacionou, apesar de que esta vez sem exibições e com o Nissan logo atrás.

Camila não conseguiu dissimular sua confusão. Sim, ela imaginava que fosse boa, mas não tanto. Restava saber se era suficiente.

Não esperou mais e foi até seu carro, entrando no Dodge com raiva e concentração. Não esperou pela exibição que Josete havia preparado. Quando estacionou o carro, a outra se colocou ao seu lado imediatamente sem nem sequer sair para comemorar sua segunda vitória na noite.

Dinah se abaixou, aparecendo pela janela do copiloto e olhando pra amiga.

- Ally tinha razão, é um V10. Disse pra você manter o carro na quarta, mesmo que esteja em desvantagem. Nos dez últimos metros use a quinta e acabe com ela. - piscou para Camila que assentiu concentrada. Mas desviou o olhar para mulher ao seu lado outra vez vendo como ela novamente pronunciava a frase "go hard or go home" apertando o volante com força.

Respirou fundo e fechou os olhos.

- Ganar o ganhar. - disse para si mesma.

- Vamos, Mila. - Dinah disse baixinho, apenas para que Normani e Ally escutassem e ambas assentiram. Porque internamente, por primeira vez em muito tempo, elas temiam pela amiga. Até mesmo a própria Camila.

Porém esta última não temia por sua vitória, e sim por estar adorando tudo aquilo que estava sentindo. Finalmente havia encontrado alguém capaz de colocá-la em seu limite sem nem sequer saber seu nome.

Josete falou mais algumas coisas que Camila não prestou atenção, até que deu a largada.

Com o pé enterrado no acelerador, não precisou olhar para o lado para saber que a mulher estava logo ali.

90 km/h.

Aceleravam com toda a potência que o motor tinha, passando da

terceira a quarta, acelerando alguns centímetros que o GT logo recuperada no segundo seguinte.

120 km/h

- Vamos! - a latina disse com os dentes apertados, concentrada no barril que deveria aparecer a sua frente em algum momento. Manteve-se com a marcha na quarta, passando-a pra quinta e conseguindo alguns centímetros de vantagem. Sorriu torto ao ver a vantagem e conseguir finalmente manter o outro veículo atrás. Viu pelo retrovisor como tentava adiantá-la, mas desviou para esquerda bloqueando-a. Quando tentou pela direita, repetiu o movimento.

O Gran Torino se aproximava, praticamente podia ver o rosto concentrado da mulher logo atrás.

Acelerou novamente, passando a marcha.

130 km/h

E então, de longe viu os barris, preparando o freio para fazer a curva, mas nessa distração de apenas um segundo, foi suficiente para que o outro veículo conseguisse se colocar em seu lado esquerdo novamente, acelerando ainda mais assim como ela e, na curva, as duas fizeram os movimentos praticamente em sincronia, exceto pelo fato de que, o Gran Torino adquiriu uma vantagem mínima e de uma forma que Camila não soube explicar, a adiantou ainda mais.

A latina novamente passou a marcha e pisou no acelerador ainda mais, vendo como em seu painel já marcavam os 150 km/h.

Aproximava-se, mas foi a vez da outra mulher bloquear qualquer tentativa e então teve que demonstrar por que era a melhor.

Guiando o carro para direita minimamente, quando o GT lhe bloqueou, usou toda sua força para levar o carro para esquerda, conseguindo assim se colocar ao lado.

Quarta.

170km/h.

Persistiu seguindo o conselho de Ally ao calcular que estavam próximas.

A disputa era constante, continuavam iguais enquanto o carro pedia pelo câmbio, mas a latina persistiu e aparentemente, a outra também.

Quando avistou as pessoas e os outros faróis, finalmente mudou para quinta e acelerou alcançando os 190km/h.

E qual não foi sua surpresa quando, em sincronia, a outra motorista fez o mesmo e assim e no último segundo fez o câmbio e passou direto enquanto Camila freou bruscamente golpeando o volante com raiva.

Por uns poucos milímetros a latina somava 32 vitórias e agora, sua primeira derrota.

//

Então meus amores, esse é o último de hoje. Seria bom vocês me falarem o que estão achando porque eu estou com medo em relação a essa nova fic.

Já tenho todo o argumento preparado, inclusive o final, é só ir escrevendo e postando mesmo. Mas não sei... o que vocês acham? Se vocês me falassem as impressões seria maravilhoso.

Obrigada por ler.

Chêro.

Capítulo 4: La Entrega

¿Qué hay mijas?

Acabei esse cap a tempo e aqui está o grande momento. Vamos começar a desenvolver a história pq não somos obrigadas, né?

FIZ UMA PLAYLIST NO SPOTIFY PRA ESSA FIC, É OUVINDO ELA QUE EU ESCREVO! ESTÁ NO MEU TWITTER E O LINK TB TA NA SINOPSE.

É PRA ESCUTAR VIU, SEUS BANDICÃO?

ALL THE LOVE

//

17:33 – "El Valle"

O dia da entrega chegou e com ele a preocupação. O tal carregamento era um caminhão de grande porte, cujo contêiner que carregava estava fechado com um cadeado. Chegou até o armazém da jefa pela manhã onde Camila deveria receber, porém Dinah foi chamada as pressas pelo motorista porque a latina simplesmente havia desaparecido.

Logo após a derrota, Camila deteve o carro e observou de longe como a misteriosa mulher abria mão do prêmio, deixando todo o dinheiro das apostas nas mãos de Josete. Logo depois a morena entrou em seu carro e desapareceu levantando a poeira do deserto, enquanto ela ainda tentava assimilar sua derrota.

As meninas não sabiam o que dizer, e no fundo entendiam a reação da latina. Sua primeira derrota para uma desconhecida que, além de tudo, a humilhou diante de todos negando o prêmio, como se só quisesse chamar sua atenção.

Quando o tempo de cortesia passou, entrou em seu carro com as meninas e desapareceu. Após deixá-las em casa, a última coisa que souberam era que precisava espairer.

E assim até o momento atual.

Dinah estava nervosa com a desapareição da amiga. Normani apesar de sua aparente calma olhava constantemente para o celular esperando por algum sinal. Ally era a mais apreensiva, mordendo as unhas e olhando para os lados. Havia escoltado o caminhão com a Kombi que levava a logomarca dos Cabello apenas por se a polícia decidisse interceder e avaliar o carregamento. Portava em suas mãos um alvará perfeitamente falsificado que demonstrava a legalidade da carga. Aparentemente caixas com equipamentos para um restaurante novo.

Sem problemas na estrada, ao chegar ao Valle ainda não havia nenhum sinal de Camila, mas sim de Chuy.

Chuy era um mexicano alto, musculoso e com o corpo cheio de tatuagem. Em seus palpados havia um "lo siento" escrito, pois dizia que quando sua mãe tivesse que enterrá-lo, mereceria saber que ele fez o que pôde para dar o melhor para ela. Ninguém entendia essa filosofia do narco, mas ele tinha o respeito

de todos e isso bastava.

Além de ser braço direito de "El Viceroy", Chuy era o capataz. Junto com outras três mulheres que trabalhavam há cinco anos para o capo, ele era o encarregado de limpar os inimigos e "las ratas", como costumavam chamar todas aquelas pessoas que entravam no caminho do cartel.

Acima deles só estava o capo, e se eles intercediam ou recebiam qualquer carregamento, se podia catalogar como muito importante.

Assim, pois, encostado em um Jensen Interceptor azul escuro e acompanhado por uma mulher, as garotas estacionaram o caminhão e a Kombi.

O primeiro impacto foi ver que a mulher que estava a seu lado era ninguém mais, ninguém menos que Veronica Iglesias. Sim, querido leitor. Ela era uma das "capatazes". Por que estava ali, era a questão.

Uma mulher de traços latinos, belas curvas, cabelo liso e na altura do quadril, calça jeans desgastada e cheia de rasgos, coturnos sujos de terra, uma camisa com as mangas cortadas mostrando sua cintura por ambos os lados, e um Ray-Ban aviador no rosto. Parecia reclamar do calor infernal, mas elas não tinham certeza. Estavam morrendo de medo com a situação.

- Qué hay, reinas. – Chuy disse. Sua voz era grossa e pausada. Ally sorriu amarelo, Normani acenou com a cabeça assim como Dinah.

- Qué hay, Chuy. – a loira disse.

- E a diabla? – a pesar do medo, as meninas reagiam como se tudo estivesse sob controle e estar ali fosse à coisa mais normal do mundo.

- Preciso fazer umas coisas pro pai, chegará em breve. – Normani interveio. Chuy assentiu devagar olhando para o caminhão. Veronica encarava as garotas com um sorriso torto, como se tudo aquilo a divertisse.

- Pede para trouxéssemos o carregamento. Aí está. – Dinah disse, sinalando com a cabeça o veículo. – Pegamos a estrada assim que o motorista chegou.

- Camila não era a responsável por receber? – Veronica se pronunciou chamando a atenção das meninas. Seu sotaque era diferente, uma mistura entre cubano, americano e colombiano. Não sabiam explicar ao certo. Sua voz era doce, mas elas não se deixariam enganar por isso.

- Ela realmente precisou fazer uma coisa para o pai. – Ally disse, arrancando uma risada com desdém da latina, como se ela soubesse a verdade.

- Claro... – sussurrou em resposta.

- Então... – Dinah retomou a conversa, desejando sair dali tão rápido quanto fosse possível.

- Estamos esperando o resto da equipe para escoltar a carga. – Chuy explicou, o que fez Dinah temer por sua vida como poucas vezes. Ela sabia que "a equipe" era as outras duas.

Assentindo levemente, sentiu o olhar de Ally e Normani queimando-a.

Elas pensaram a mesma coisa.

Por que diabos os quatro assassinos do capo estariam recebendo aquela carga? E o mais importante, por que elas não podiam simplesmente ir embora e deixar o carregamento?

A resposta era simples.

Ou eles estavam dizendo a verdade.

Ou "a equipe" estava ali realmente para outra coisa. Limpeza, por exemplo.

Por sorte e alívio, o celular de Normani vibrou e a foto de uma Camila abraçada a ela e sorrindo apareceu na tela. A morena atendeu imediatamente, mostrando o aparelho para Chuy que assentiu, e então ela se afastou.

- Dónde putas estás, Mila? – perguntou com os dentes apertados. Identificou o ruído de um motor e do vento entrando pela janela, além da respiração de Camila.

- Desculpa Mani, acabei dormindo demais. Estou a caminho do Valle.

- Eu acho bom você se apressar. – a voz de Normani era calma, mas não tranquila.

- O que houve?

- Chuy não está sozinho.

- Com quem ele está?

- Veronica, e está esperando o resto da equipe.

- Veronica? Veronica Iglesias a...

- Sim, a equipe Mila. Ele mandou a puta equipe pra escoltar essa entrega.

- Mierda! – a latina praguejou. – Ok. Fiquem calmas, estou há dez minutos.

Sem esperar resposta, desligou e Normani retomou seu lugar com as meninas.

- Está há dez minutos. – Chuy assentiu novamente e permaneceu quieto, olhando o horizonte.

O calor era escaldante e Veronica já estava praguejando de todas as formas que sabia. Acabou por prender o cabelo em um rabo de cavalo alto, abanando-se de vez em quando com as mãos ou puxando a camisa. Olhava o celular e parecia escrever alguma coisa constantemente, mas o silêncio reinava.

Quando escutaram o barulho das rodas sob a terra, todas procuraram o veículo, encontrando o Dodge de Camila aproximando-se logo atrás.

A latina estacionou ao lado da Kombi branca e desceu do carro. Usava a mesma roupa do dia anterior e cheirava a Tequila e um aroma doce. As meninas logo souberam que ela esteve com Rosita, o que era um alívio. Quando saía para beber sozinha sempre acabava arranjando confusão com algum homem babão que achava que tinha alguma chance com ela.

Estar com Rosita significava sexo, e só.

- Qué hay. – disse ao chegar. Chuy novamente se limitou a um aceno com a cabeça enquanto Veronica a olhava com um sorriso presunçoso, divertindo-se com as olheiras e o forte cheiro da latina.

- Veronica. – disse o homem sinalando com a cabeça a mulher a seu lado. Camila acenou de volta assim como Veronica, e logo se juntou as meninas.

- Saiu tudo bem? – perguntou a Dinah.

- Sim. O motorista me ligou e eu resolvi tudo.

- Obrigada.

- Você está cheirando a cachorro molhado. – reclamou fazendo Camila revirar os olhos.

- Não enche, Dinah. – replicou, arrancando risadas de Normani e Ally que estavam mais aliviadas.

Não que Camila fosse uma assassina, mas tê-la ali era suficiente para elas em qualquer caso. Contar com vantagem era uma forma de tentar desviar a morte.

Pacientemente esperaram alguns minutos mais. As meninas falavam sobre os turnos do restaurante, fingindo distração. Chuy tinha a mesma cara de cacto e Veronica de tédio.

Quando escutaram o ruído das rodas novamente e viraram em sincronia para olhar o carro que se aproximava, a boca de Dinah caiu em descrença.

Ally arregalou os olhos.

Normani estourou a bola que fazia com o chiclete imediatamente e Camila trincou os dentes.

Estacionado ao lado de seu carro, nada mais e nada menos que o Gran Torino da noite anterior. Saindo pelo lado do motorista, a morena misteriosa que a deixara em ridículo. Do outro, outra mulher com o mesmo porte que Veronica, porém mais baixa que a morena. O cabelo também liso estava preso em um rabo de cavalo alto e usava os mesmo óculos que Veronica. E ao contrário de Camila, a morena misteriosa tinha outra roupa.

Então ela já tinha um nome.

Uma era Lucy e a outra, a que a humilhara, ninguém mais e ninguém menos que Lauren Jauregui.

A segunda na linha dos capatazes e terceira na lista de confiança.

A assassina de seu chefe era a morena misteriosa e estava ali, sorrindo com superioridade enquanto caminhava com as mãos no bolso de seu jeans gastado.

//

E AÍ? GOSTARAM? O QUE SERÁ QUE TEM NESSE CAMINHÃO, GENTE?
SERÁ QUE VÃO MATAR ELAS?

GOSTARAM DA PLAYLIST?

CONVERSEM COMIGO :((

OBRIGADA A QUEM TA LENDO.

Capítulo 5: Estamos fora

E então amad@s? Estão gostando da fic? Eu espero que sim!

Aí vai mais um, se vocês me ajudarem a saber se estão gostando ou não, talvez poste a continuação ainda hoje!

Obrigada pelos votos.

E AH!!! As Rayban round classica sao aquelas redondinhas, sabem? As que a Lauren tem? Espero que sim.

LEMBREM-SE DA PLAYLIST!

All te love.

//

- Senhoritas. - Lauren cumprimentou ao chegar. Chuy riu com desdém sabendo que estava incluído. As outras, por educação, responderam, mas Camila não.

A latina estava muito irritada para prestar atenção nos detalhes. Porém toda a irritação fora substituída ao ver como Lucy cumprimentava Veronica com um beijo nos lábios, colocando-se de costas entre as pernas da mulher. Então elas eram um casal. Que bonito.

- La jefa disse que era só uma entrega, Chuy. O calor está me matando, podemos ir? - perguntou irritada. Ela só queria um banho e uma cama pra dormir. Mas pelo visto não estava nos planos de Chuy ajudar.

- Tivemos uma pequena mudança de última hora, diabla. - As meninas olharam pra Camila imediatamente, tentando decifrar se ela já sabia daquilo. Mudanças não eram boas. As outras três permaneciam em silêncio, olhando pra elas como se fossem quatro principiantes.

- Que mudanças? - a latina perguntou com os dentes apertados, tentando soar o mais calma possível.

- A policia está atrás de vocês com os roubos dos caminhões. Viceroy achou melhor parar por um tempo. - assentiram concordando. Já haviam escutado notícias sobre aquilo.

- Então ficaremos a espera de novas ordens? - Dinah se meteu ansiosa. Estar sem trabalho não era o problema, mas sim estar à disposição de novas ordens.

- Na verdade, vocês já têm novas ordens.

- Chuy, você sabe que nós não estamos na organização do Viceroy. - Camila rebateu imediatamente. E a reação das outras três foi o que mais lhe chamou a atenção. Elas se entreolharam surpreendidas.

- Calma, diabla. - o homem pediu levantando as mãos. - Todo mundo sabe que vocês não querem saber do transporte. - e as outras novamente estavam surpreendidas. Talvez por primeira vez houvessem perdido a pose de superioridade.

- E então? - Camila perguntou irritada encarando os olhos de Lauren, que estavam confusos e estreitos.

- A partir de agora vocês farão o transporte dessas cargas. A cada dois dias chegará um contêiner e vocês terão que trazer até aqui. – ponderando a situação, estava fácil. Os alvarás que Allyson tinha manteria o interesse da alfândega longe. Não parecia difícil. Então deu de ombros e assentiu. Mas as outras continuavam desconfiadas.

- Tudo bem. As entregas serão feitas a você? – Camila inquiriu.

- Não. Avisarei a cada entrega quem irá receber. Mas são cargas importantes, um novo negócio que estamos abrindo na fronteira e é imprescindível que cheguem ao destino. – Camila assentiu de novo. – Pra isso elas ficarão com vocês durante esse mês.

E então o rosto da latina ficou totalmente confuso. Dinah e Normani consideravam a possibilidade de ser uma piada e Ally, estava morrendo de medo.

- Por quê? – perguntou desconcertada.

- Ordens do chefe.

- Não entendi. Somos quatro para um contêiner. Não precisamos de ajuda.

- Precaução. – explicou. – Essa carga é muito importante e a qualquer momento o cartel de Sinaloa pode querer se meter. – Chuy estava calmo, não parecia lhe afetar ter a latina olhando-o como se fosse matá-lo. – Nós não faríamos isso se não fosse necessário, diabla.

- Qual a necessidade de sete pessoas para transportar um único caminhão? – insistiu encarando-se com o homem.

- Como eu disse, é uma carga importante. – Chuy era paciente, apesar da aparência, mas Camila estava lhe testando. A latina encarou as amigas que não estavam felizes com a nova ordem, e naquela olhada rápida tomou uma decisão.

- Nesse caso, diga a seu chefe que vocês são suficientes para o trabalho. – as outras três, que eram meras espectadoras até então, estavam sem entender absolutamente nada. Camila encarou por última vez a uma Lauren séria antes de finalizar.

- Minha equipe trabalha sozinha. Estamos fora. – sem esperar por resposta, a latina deu as costas e foi em direção a seu carro. Dinah a acompanhou e Normani aceitou as chaves da Kombi, indo com Ally.

- ¡Hijo de la chingada! Quién se ha creído que es para venir con esas tres mensas a joderme el trabajo... - a latina resmungava e uma vez no carro, levantou tanta poeira como lhe foi possível, saindo o mais rápido que pôde.

- Chuy, quem são essas mulheres? – Lauren perguntou irritada. Odiava não saber o que estava acontecendo e principalmente, ser a última a saber. Chuy parecia cansado, deslizando a mão direita pelo queixo.

- Trabalham para la reina del sur. Não estão metidas com o cartel. – aquela explicação não a ajudou em nada.

- E por que estão com esse carregamento?

- Porque elas são as melhores nesse trabalho, Laur.

- Chuy, você me fez percorrer oitocentos quilômetros pra vir atrás dessa mercadoria, não nos explicou que merda estava acontecendo e agora me deparo com uma equipe que trabalha para o cartel, sem estar no cartel. – a morena explicou sem paciência.

- Se você quer que a gente continue, é hora de abrir a boca. – Veronica intercedeu. Chuy suspirou, ponderando o que lhe era possível dizer, até que começou.

- Camila, ou la diabla, é a líder do grupo. Adora carros e entende tudo sobre eles. Desde pequenas estão juntas e há uns três anos atrás la jefa contratou elas para o trabalho da rota 66.

- O roubo de combustível? – Lucy inquiriu, ao que Chuy confirmou assentindo.

- Normani, a morena, é a que fica responsável por levar a carga, enquanto Camila é quem coloca Dinah, a loira, na mercadoria. Allyson, a baixinha, é responsável pela manutenção do carro e preparar o plano. Mas não se deixem enganar, sabe dirigir tão bem como as outras. Só tem medo e bom, vive na barra da saia delas.

- E por que escolheram elas pra esse transporte? – Veronica insistiu. Chuy suspirou. Eram perguntas demais.

- Chuy... – Lauren advertiu.

- Olha só meninas, eu confio em vocês, mas a ordem é clara. Elas estão paradas porque os caminhoneiros entraram em contato com o FBI e eles estão na cola delas. Precisamos de gente que entenda de carros e que seja rápida pra se desfazer de qualquer possível ameaça.

- Mas por que elas? – Lauren insistiu.

- Você sabe por quê. – disse com um sorriso tímido. – De trinta e três competições em três anos, ela ganhou trinta e duas e só perdeu pra você porque seu motor estava trancado. – Lauren riu com desdém.

- Claro que sim...

- As outras são boas também, se vocês vissem as máquinas que elas guardam no armazém... – o homem assoviou lembrando-se dos modelos. – Parece uma coleção.

- E por que não estão no negócio? – foi à vez de Lucy perguntar.

- Elas estão fora de qualquer coisa relacionada à droga, e só aceitam ordens da jefa.

- Trabalham pra uma das amantes do maior narco do México, mas não querem se meter com droga? – Chuy riu entendendo a ironia de Veronica.

- Algo assim. – deu de ombros. – A família delas têm um restaurante em Chihuahua. A melhor comida mexicana e cubana que você pode provar na vida. Os pais sabem desse pequeno trabalho, e apesar de todas as dívidas, não aceitam um só dólar que vem desses trabalhos. – as três se olharam.

- Muitos pensam que elas fazem isso por medo à polícia, mas no fundo a verdade é que elas gostam da adrenalina, levar os carros ao limite, entende? – elas assentiram, atentas. – Não se importam com o dinheiro, e inclusive ajudam os pais no restaurante. São legais, apesar dos roubos.

- Os pais? – Lauren questionou.

- Sim, os Cabello adotaram as outras três, e junto a Sofia são cinco filhas.

- Por que você sabe tudo isso? – Lucy perguntou.

- Porque como eu disse, a comida dos Cabello é a melhor. – sorriu dando de ombros. Era estranho ver o homem brincando daquele jeito, mas a pose de machão era apenas uma fachada. No fundo Chuy era um homem bom. Com muitas almas em suas costas, mas um homem bom.

O sol queimava ainda mais e elas ainda não sabiam o que fazer, até que Lauren parou para pensar.

Era uma situação inusitada. A maior de todas, na verdade. Em todos seus cinco anos no cartel, nunca havia conhecido alguém que trabalhasse para eles, mas que não quisesse subir o nível na organização. Camila e as meninas eram o primeiro caso de pessoas que faziam um trabalho ilegal pelo prazer de dirigir. Afinal, quem eram aquelas garotas?

- Bom, ela já disse que estão fora, então eu acho que não há nada para fazer aqui. – Lucy disse limpando o suor em sua testa.

- Sim, vamos embora que eu estou derretendo! – Veronica adicionou, mas Chuy não estava convencido, temia pela reação de Viceroy ao saber a resposta de Camila, e Lauren continuava pensativa.

- Se elas não aceitam o trabalho, o que nós vamos fazer? – a morena perguntou a Chuy, que franziu o cenho ante o interesse.

- Teremos que fazer os trabalhos sozinhos.

- E por que precisamos de escolta, Chuy? – Lauren insistiu.

- Porque como eu disse, o cartel de Sinaloa não sabe o que está acontecendo, e quando souberem que estamos cruzando a fronteira com carregamentos, a curiosidade vai acabar com um ataque no meio da rota.

- E se somos mais, a carga tem mais chances de chegar ao destino. – Lucy completou.

- O que tem no caminhão? – Lauren perguntou cruzando os braços. Chuy pareceu tenso, mas apenas pareceu, pois logo já estava sério.

- Pergunte ao Viceroy. – disse ríspido. Lauren olhou rapidamente para Lucy e Veronica que pareciam confusas. A morena assentiu, sorrindo logo depois.

- Esse sorriso não... – Veronica disse.

- Ela está pensando alguma besteira... – Lucy completou, fazendo Lauren rir ainda mais.

- Leva o caminhão, Chuy. Eu vou resolver isso com as meninas. – Chuy não estava muito convencido, mas assentiu.

- Pra onde a gente vai? – Veronica perguntou frustrada. Ela só queria fugir daquele calor. Lauren tirou um Ray-Ban round classic do bolso, colocando-o no rosto, e já de costas enquanto caminhava, finalmente disse:

- Ao restaurante Cabello. Vamos ver se essa comida é realmente a melhor.

Lucy negou com a cabeça e Veronica sorriu.

Seria no mínimo interessante.

//

E então?



Capítulo 6: Perdida En Tus Ojos

*Jensen Interceptor (carro da Vero)

E aí negada!

Como vocês estão? Gostando da fic? Votando muito?

Votem com fé, que a fé não costuma falhar!

Obrigada pelos votos!

All the love

//

Assim que o Jensen Interceptor e o Gran Torino estacionaram na área reservada do restaurante, o pouco movimento que havia cessou, e todos pararam para admirar a chegada das três amigas. Alguns as reconheciam e outros suspeitavam que o medo no olhar não parecesse ser em vão. Mas entraram como se a coisa não fosse com elas.

A primeira coisa que fez Lauren gostar do restaurante foi à música. Respect de Aretha Franklin era o fundo das conversas. O movimento era frenético de algumas garçonetes, mas um em especial lhe chamou à atenção. Sua semelhança com Camila era evidente, mas a jovem tinha um ar mais infantil, ingênuo... E Lauren imaginou que provavelmente, em alguma época de sua vida, Camila também tivera aquela aparência. Mal sabia ela que a diablera era a diablera a mais tempo do que era Camila.

Uma senhora um pouco acima do peso, um óculos apoiado no nariz e uma placa que dizia "Rita" se aproximou a elas logo na entrada.

- Buenas tardes, señoritas. Mesa para três? - sotaque cubano, foi à

primeira coisa que elas perceberam e logo de cara sorriram. Outro detalhe que muitos desconheciam sobre elas, era que Veronica e Lauren descendiam de cubanos, enquanto Lucy era colombiana. Escutar aquele sotaque era como estar em casa.

- Sim, senhora. - Lauren disse e logo foram guiadas para uma mesa um tanto afastada, mas de onde lhes era possível observar o movimento no balcão e na entrada.

Rita ofereceu o cardápio e se retirou com o sorriso amável. Mãe de seis filhos, a senhora trabalhava no restaurante há muitos anos e conhecia todos e cada um dos clientes. Respeitada pelas outras garçonetes, a chamavam amavelmente de "abuela Rita", não só pela idade, mas também por seu comportamento protetor com todas. Rita era dura na queda e não se deixava intimidar pelos jovens gangsters que visitavam o local.

Lauren estava surpreendida com a diversidade do cardápio, desde arroz a la cubana a um bom prato de frijoles com arroz e banana frita, decidindo-se se aguentaria comer os dois, enquanto Veronica e Lucy optavam por umas fajitas.

- Será que você já pode contar que merda de plano é esse, Jauregui? - Vero perguntou uma vez já escolhido seu pedido. Lauren deu de ombros e permaneceu concentrada no cardápio.

- Alguma coisa não fecha com essas garotas.

- Como assim? O que você está pensando? - Lucy inquiriu. Lauren observou o lugar, tendo certeza que nenhuma garçonete se aproximava antes de se explicar.

- Chuy disse que elas estão no negócio apenas pela paixão pelos carros. Mas qual a necessidade de arriscar a vida e ter a ficha suja com o FBI apenas por adrenalina? - as outras duas escutavam atentamente. Lauren de vez em quando gesticulava ou fazia desenhos imaginários com o indicador sobre a mesa. - Elas têm as corridas do Valle para esse tipo de coisas. Se meter com o cartel é algo muito maior.

- Mas elas não servem ao Viceroy, você ouviu Chuy dizer. - Vero contestou ainda sem entender a teoria.

- Sim, serve a jefa, que é amante do Viceroy, mas tem o próprio negócio fora do cartel. - Lucy completou. Lauren revirou os olhos, às vezes as outras duas demoravam a lhe entender.

- Disso eu sei. Mas estou falando de outra coisa. Por que então, nada com as drogas? Por que toda essa desconfiança quanto aos trabalhos que colocam? - as duas se entreolharam, mas acabaram dando de ombros.

- Talvez elas só queiram isso, Lauren. Nem todo mundo quer subir de posição em um cartel. Você sabe que isso é uma das maiores merdas depois a máfia. Se meter no cartel é uma passagem só de ida. - Vero parecia aceitar a versão de Chuy, mas Lucy finalmente tinha entendido o ponto, e interveio.

- A não ser que elas não saibam de nada que está acontecendo.

- Bingo! - Lauren apontou para Lucy em uma espécie de felicitação.

- Vocês viram a cara das outras meninas? Sem Camila elas estavam morrendo de medo. Não sabiam por que estavam ali.

- E quê? - Veronica contrarrestou. - Isso não significa nada. Pode ser que como Chuy disse, sem Camila elas não são nada e precisam dela pra fazer as coisas.

- Por favor, Veronica. - Lucy disse com desdém. - Elas estavam nervosas por que não sabiam que diabos estávamos fazendo ali.

- E quando Camila chegou, a confusão continuou evidente, mas elas estavam preparadas para um ataque. - Lauren completou. Veronica suspirou dando-se por vencida, e se apoiou na mesa.

- Ok. Supondo que vocês tenham razão, elas acabaram um trabalho básico de sequestrar combustível em plena rota 66 a um transporte que nem sabiam do que tratava. - Lucy e Lauren assentiram, atentas. - E você estava morrendo de tédio depois da reunião chata de sua família, então decidiu aparecer no Valle desbancando a melhor motorista, que por casualidade é a chefe dessa mini quadrilha, e que por conseguinte desapareceu irritada com a derrota. - Lauren confirmou com um aceno. - Então as outras tiveram que se encarregar do transporte, mas aparentemente não sabiam nada e quando nos encontraram pensaram que a coisa era maior, e deram no pé para evitar problemas? - as duas assentiram. - Vocês são idiotas? - perguntou fazendo as duas olharem para ela como se fosse louca. - É o que eu estou dizendo! Elas simplesmente deram no pé porque não querem problemas! - Lauren bufou irritada.

- Você que é idiota. Isso todo mundo percebeu, só queremos saber por quê.

- Exatamente. Por que alguém que tem a oportunidade de pegar um trabalho que a faça subir de nível e ganhar mais dinheiro, simplesmente abandona. - Lucy completou.

- E também, por que ninguém sabia dessa carga, só o Chuy e aparentemente a chefe. Lembre-se que Camila disse algo como eu não sirvo ao Viceroy. Ela basicamente cuspiu na cara do Chuy que não devia satisfações a gente! - Com a explicação de Lauren, Veronica pareceu entender.

- Talvez elas tenham algum acordo com a chefe. - Vero concluiu.

- Esse é o ponto, Vero. Chuy e a chefe sabem dessa carga e desse novo trabalho, tanto que mandaram as duas melhores equipes. Por que nós não sabemos? - Lauren disse.

- Você acha que elas estão escondendo algo da gente e por isso rejeitaram trabalhar conosco? - Lucy inquireu recebendo um aceno de Lauren, avisando que Rita finalmente chegara com os pedidos.

- Fajitas e frijoles com arroz. - Rita colocou os pratos na mesa. - A bebida fica por conta daquela mocinha ali. - apontou para Sofia que saía, completamente envergonhada, do balcão para atendê-las. - Vem incluída na

promoção do almoço. - as assentiram com um sorriso e a boca salivando para provar. Quando Vero mordeu o primeiro pedaço da massa de milho com frango, pimentão, cebola e um segredo especial da chef Sinuhe, gemeu em aprovação.

- Esto es el cielo Rita! - a garçonete sorriu abertamente, sentindo a satisfação do elogio.

- A melhor comida cubana e mexicana da fronteira, mija! - completou satisfeita.

- Vou querer mais uma, se não for incomodar. - a latina pediu e Rita prontamente se retirou para encarregar, enquanto Sofia sorria orgulhosa.

- Eu quero uma coca-cola. - Lucy pediu educadamente, enquanto Veronica tinha salsa caindo pelos lábios e com a boca cheia murmurou um "eu também" que arrancou uma risada de Sofia quando Lucy a olhou com repressão. - Come direito, Veronica. - a latina assentiu limpando a boca rapidamente e quando acabou de mastigar, disse.

- Eu também. - seu sorriso amarelo não tinha nada a ver com a pose de bad girl que lhe era familiar. Sofi assentiu anotando e virou para Lauren que tinha um sorriso sem graça.

- Um suco de laranja sem açúcar, por favor. - a menina anotou novamente e se retirou.

Enquanto elas estavam comendo e agradeciam pelas bebidas, Dinah, Normani e Ally entravam no restaurante entre risadas.

- Isso são horas de chegar para comer? - Rita apareceu imediatamente com as mãos na cintura. Seu cabelo curto e os sapatos com um salto pequeno a fazia mais imponente, o que fez todas ficarem sérias.

- Estávamos trabalhando, abuela Rita. - Ally, como sempre, foi à primeira em se explicar, arrancando uma cara de desdém da mulher.

- Que trabalho, que nada! Já disse a vocês que se eu souber que andam metidas em problemas, eu mesma com minha vassoura vou atrás para dar uma lição em cada uma! - ameaçou. Dinah fez posição de sentido e Normani deixou um beijo estalado na bochecha da senhora.

- Sim, abuela. Não se preocupe. - Dinah piscou o olho e continuou rindo, até que seguiu o olhar de Normani, que estava séria, e encarou a mesa onde as outras três intrusas conversavam animadas. Sentaram-se no balcão enquanto esperavam pelo almoço.

- Sofi... - Dinah chamou a jovem que estava entretida com o caixa. Sofia logo se apoiou no balcão com um sorriso. Ela era a menor, mas adorava ter aquelas outras três como irmãs. Principalmente pela fama que recebia de quebra. - E elas? - Sofia acompanhou a direção que a loira indicava com o queixo e deu de ombros.

- São novas. As que estão de costas pediram fajitas com coca-cola, e a outra uma bandeja de frijoles com arroz e banana, ah! E um suco de laranja sem

açúcar. - Dinah revirou os olhos.

- Não quero saber o pedido delas, Sofi. Quero saber se você ouviu algo. - a garota franziu o cenho confusa.

- Não muito... Fizeram o pedido e só. Por quê? - sua curiosidade era mais forte que tudo, e adorava saber dos segredos que as irmãs escondiam. Mas como sempre Normani lhe acertou um tapa fraco em sua testa, fazendo-a recuar com uma careta.

- Chismosa. [n/a:fofoqueira]. Nada importante. Agora traz logo esse suco de morango antes que eu diga pra mãe que você estava no Valle ontem. - a menina abriu a boca e fechou várias vezes, mas nada saiu. Normani riu da reação, revirando os olhos antes de continuar. - Quando você vai aprender que conhecemos todo mundo nessa cidade?

- Isso não é justo! - a menina disse bufando.

- O que você estava fazendo lá? - Dinah se meteu fingindo estar irritada. - Já te disse que não é lugar pra você.

- O Raúl que me levou. - disse tímida fazendo as outras gritarem um "uuuu" em sincronia, deixando-a ainda mais envergonhada e chamando a atenção das outras três.

- Temos um nome, Mani! - a loira zombou.

- Raúl o flaco do final da rua? - a morena perguntou e Sofia assentiu freneticamente. Normani assentiu repassando mentalmente os atributos do garoto. - Não está mal, hermanita.

- Nada mal... - Ally completou.

- Ele te levou em casa depois? - Dinah zombou de novo, e dessa vez o tapa de Normani acertou sua nuca, fazendo-a se encolher. - Que?

- Não zombe do primeiro encontro dela. - a morena parecia séria, mas logo virou para Sofia com um sorriso malicioso. - Ele te deu um beijinho, Sofi? Usou a língua? - pronto. Bastou aquelas perguntas para que o "uuu" voltasse outra vez deixando-a ainda mais envergonhada. Até que jogou o pano de prato que estava em sua mão nelas e deu as costas gritando.

- Vocês são umas idiotas!

As outras três continuaram rindo, até que de repente Dinah e Normani ficaram sérias.

- Será que ela já beijou? - a loira inquireu. Olharam pra garota meio estabanada descascando o limão para o suco e logo um "naaaaaaaaah" ecoou.

- Vocês são idiotas. - Ally se meteu. - Não se brinca com esse tipo de coisas! - a baixinha estava resmungando enquanto brincava com o pacote de guardanapo.

- Ihhhh... A gnomo de jardim está sensível hoje. - Dinah zombou.

- TPM, campanilla? [n/a:sininho, sim porra, a do Peter pan]. - a baixinha revirou os olhos com os apelidos.

- Não. Só que vocês seriam um casal perfeito. São duas idiotas e se merecem! - as outras duas se encolheram envergonhadas. Ally não sabia o quanto aquela informação era verdadeira, mas não teve tempo de perceber porque a porta novamente se abriu e uma Camila mais feliz entrou no restaurante.

- Bom dia, família! - disse animada. Mas Rita já estava novamente ali, com a mesma pose severa. Camila exagerou a postura de sentido.

- Isso são horas, Camilita?

- Senhora, não senhora! - zombou fazendo Rita cruzar os braços e bater o pé.

- Estava outra vez com aquelazinha, não foi? - a latina suspirou deixando os ombros caírem.

- Abuela, não a chame assim...

- Camila, Camila... eu não vou te falar nada, já pra mesa! - apontou para mesa que estava ao lado das outras três e Camila, obediente, virou-se para ir ao seu destino com as outras, mas parou ao reconhecer as vizinhas.

- Mas qué carajos... - sussurrou perplexa. Lauren fez um leve movimento com a cabeça e as outras duas se viraram para encarar as meninas que estavam atrás de Camila. Veronica acenou com a mão desajeitadamente, Lucy sorriu, mas Lauren continuou encarando Camila.

Camila POV

A palavra certa para descrever aquela mulher era como a personificação do diabo. Eu sei, era um apelido que acabara ganhando com o tempo, mas eles não sabiam de nada comparado a ela.

Há mulheres lindas, exuberantes, curvas perfeitas e sorrisos encantadores. Seios em pé, bunda dura e todas essas características que a gente pensa ao almejar por uma mulher perfeita. Mas nada disso serve pra mim.

Lauren Jauregui era o oposto. Longe de todos esses protótipos, seu corpo era normal, com uma bela bunda, mas normal. Seus cabelos sempre estavam bagunçados e essa cara de quem comeu e não gostou não era muito de se admirar. Mas havia algo na postura, não sei explicar. Era como se ela de hipnotizasse com aquele maldito olhar e em questão de segundos qualquer um estivesse disposto a colocar o mundo baixo seus pés.

Era linda, mas não de uma beleza comum. Era mal humorada, daquele tipo que não tolera idiotices. E tinha bom gosto. Deuses, como ela tinha. Mas pra completar o pacote, eu a odiava. A odiava pela humilhação no circuito e por ter aparecido na minha cabeça enquanto eu estava com Rosita. Foi uma milésima de segundo, mas eu precisei pensar nela, na ideia de tê-la sobre mim para chegar ao orgasmo. E isso nunca havia acontecido antes. Então sim, Lauren Jauregui era o diabo. Sabia que devia me afastar ou quiçá matá-la em um ataque de fúria. Mas ela me olhava e eu ficava ali, parada. E como ela não desviava o olhar, ficávamos nisso por minutos. O mundo já podia explodir que eu continuaria ali, perdida em seus olhos.

Lauren POV

Não precisava muita inteligência pra saber por que as pessoas a chamavam e diaba. Apesar das calças rasgadas, as botas sujas e aquela cara de quem não goza direito há anos, Camila Cabello era o diabo. Aquela bunda que ela tentava esconder debaixo daqueles jeans apertados era definitivamente a bunda mais bonita que eu já vi em toda minha vida.

Seu corpo tinha curvas, daquelas perigosas que a qualquer momento, se você não souber guiar na direção correta, acaba caindo por um precipício. Mas era um circuito que eu estava mais do que disposta a me arriscar. Deslizar a ponta dos meus dedos em cada centímetro de sua pele era meu pior pesadelo. E digo pesadelo porque, na noite anterior, foi como se de repente ela tivesse entrado em meus sonhos. O fato de tê-la fodido tão ferozmente sem nem sequer saber seu nome foi à coisa mais insólita que aconteceu comigo.

A adrenalina pela vitória e satisfação por sua raiva de menina mimada foi como um convite a tê-la em minha cama.

Mas ela não tinha aquele apelido atoa... Claro que não. Camila Cabello era perigo. Sua ficha dizia isso, seus olhos, castanhos, porém nada comuns, gritavam que chegar perto seria um grande problema.

Só que o meu problema, é que eu adoro me meter em problema.

Camila POV

Acabei por me sentar antes que Rita aparecesse com os pratos e jogasse um a um sob minha cabeça. Quando nos sentamos, senti o olhar de Lauren sobre mim e apesar de ser muito difícil de ignorar, eu não podia esquecer quem ela era, e o que havia feito.

- Alguma explicação? - perguntei as meninas que deram de ombros.

- Talvez elas só pararam aqui para comer antes de ir embora, Mila.

Não acho que tenha alguma intenção implícita. - Ally era a mais ingênua, e só pelo fato de amá-la como uma irmã, a tolerava.

- Eu espero que seja isso. - sentenciei e logo Rita estava ali. Colocou os pratos sobre a mesa e não percebi o que disse, pois estava preocupada demais em encarar a outra mesa, até que senti um pano de prato contra meu rosto. - Mas que... - acabei com a palavra na boca ao ver seu olhar irritado.

- Por que está encarando os clientes assim? Por acaso não te dei educação?

- Rita... - grunhi.

- Que? - ô mulher.

- Nada. - acabei desviando o olhar.

- Até porque são muito simpáticas, não quero que pensem que nesse restaurante tratamos as pessoas sim, Camila. Acho bom você cuidar esses modos!

- Pois eu digo que elas são problema... - Dinah comentou retirando os talheres do guardanapo.

- E desde quando a senhorita serve pra saber isso? - Rita inquiriu cruzando os braços. - Se soubesse tinha dado um jeito nessa sua vida solitária. - todas rimos do comentário, mas com seu olhar severo ficamos sérias imediatamente. - Eu sim tenho olho bom pra essas coisas, e digo que ainda veremos muito essas senhoritas por aqui.

- Eu espero que não... - cochichei para mim, mas como sempre, Rita ouviu.

- Claro, porque você é ótima para reconhecer o que não presta. - revirei os olhos antes de olhá-la com o melhor dos sorrisos.

- A comida está deliciosa, abuela. - e ela sorriu esquecendo mais uma vez o tema de Rosita, quem ela odiava e chamava de fresca. Algo assim como assanhada. Sabia que falar da comida ou do bom atendimento do lugar fazia com que seu humor mudasse da água para o vinho, e por isso ela se foi vangloriando-se de estar ali desde que minha mãe era uma mera cozinheira.

A comida continuou silenciosa, uma vez ou outra comentávamos sobre alguma coisa que estava por acontecer, mas nada concreto. Quando acabamos, Normani pareceu se lembrar de algo, encarando-nos.

- Vocês viram a reação delas quando Mila disse que não servíamos ao Viceroy? - assentimos concordando.

- Era como se elas não soubessem disso. - Ally completou.

- Por saber, elas nem sabiam o que havia dentro do caminhão. - todas me olharam confusas. - Esse carregamento nos pegou tanto de surpresa como a elas.

- Por que você acha isso? - Dinah inquiriu.

- Porque quando eu disse que nós não queríamos nada da droga, elas também se surpreenderam.

- E o que isso tem a ver? - Ally perguntou confusa.

- Se soubessem do carregamento e da nossa participação no trabalho, teriam como mínimo se informado. Elas mexem com toneladas de coca diariamente. Matam caras como quem mata uma barata. Se elas soubessem, não haveria expressão alguma. - finalizei e avisei com um olhar para que se calarem, porque no segundo seguinte as três se levantaram e pararam em nossa mesa. - Qué carajos quieres, Jauregui? - perguntei sem paciência e ela sorriu. Por que diabos ela sorriu?

- Propor um trato, diabla. - aparentemente era a única babaca que não me conhecia no lugar.

- Não estou interessada. - me levantei para ir embora, assim como as outras. - E você está demorando muito em sair do meu território. - avisei, mas elas não se mexeram e continuaram bloqueando a passagem. Dinah me olhou esperando qualquer movimento, mas no restaurante de minha mãe as coisas eram diferentes.

- Escute a proposta, e se vocês não gostarem, juro que nunca mais apareço por aqui.

Tenho que ser honesta com vocês. Se havia uma certeza era que

aquela mulher não brincava com juramentos nem promessas. E foi mais pensando em me livrar delas do que outra coisa que acabamos no nosso armazém, há alguns quilômetros do restaurante.

Ally abriu a porta traseira e acendeu a luz. O lugar era grande, uma espécie de galpão abandonado que pertencia a chefa. Cedeu-nos para guardar os carros e receber algumas mercadorias, mas com o tempo se fez nosso. Ally o tinha como seu refúgio e oficina. As outras gostavam de usá-lo para lavar os carros ou simplesmente tê-los a salvo. Já eu me contentava com ter uma cama a mais, apenas para os dias em que não queria chegar bêbada em casa.

Tinha dois andares. O de cima onde haviam cinco salas serviam como nossos quartos ou escritório. Cada uma tinha o seu e o que sobrava ficava uma espécie de cozinha.

Em baixo, além dos carros em um extremo, tínhamos ferramentas e equipamentos para manutenção dos veículos.

Mas eu queria acabar com aquilo logo, então nos limitamos a ficar no andar de baixo. Elas três de um lado e nós do outro. Frente a frente. E nenhuma parecia baixar a guarda.

- Já estamos aqui. Habla. - e elas não se sentiam ameaçadas por mais indiferente que eu fosse. Talvez fosse um ponto positivo, mas não é como se eu me importasse.

- Nós queremos saber algumas coisas respeito a esse carregamento e os negócios da sua chefa, vocês precisam ocupar o tempo de vocês para completar o contrato que têm com elas. - assenti concordando. - A proposta é simples. Vocês deixam a gente ficar por aqui e receber a carga, e a gente finge que vocês estão trabalhando com a gente.

Uma proposta tentadora. Até demais.

As meninas se entreolharam e eu ponderei. Nós não faríamos o transporte, apenas cederíamos o armazém que em parte é da chefa. Se a polícia se metesse com o carregamento, nós não estaríamos no meio e continuaríamos limpas. Bom demais pra ser verdade.

- Onde está o truque? - Dinah perguntou e as outras riram com desdém, como se tivesse ensaiado.

- Não há truque. Queremos saber algumas coisas e se vocês não estão no pacote, não conseguiremos. - Lucy explicou.

- Então a gente só cede o armazém a vocês, e o resto não precisamos fazer nada? - Normani perguntou ainda incrédula, ao que elas assentiram.

- E por que eu confiaria em você, Jauregui? - interrompi o debate, fazendo-a arquear a sobrancelha.

- Porque você sabe que eu cumpro minha palavra.

- Ah sim? - dei de ombros. - Não te conheço. A única coisa que sei é que você é uma cretina exibicionista e que anda por aí com um Gran Torino com um V10, o que é no mínimo uma afronta para os amantes dos modelos clássicos. Ou

seja, que você é uma babaca. Isso não me parece suficiente. - e ela riu. Idiota, você tem que rebater, não rir.

- Então tudo isso é pela derrota, huh? - eu disse a vocês. Babaca.

- Não, tenho certeza que sem um motor truncado você não venceria. - dei de ombros. - O carro está desnivelado devido ao desgaste das rodas, já que esse motor está desenhado para aguentar um esportivo e não um clássico. Se tivéssemos um quilometro a mais, você acabaria capotando. - então ela franziu o cenho e as outras duas patetas se olharam surpreendidas. Lauren assentiu lentamente, esboçando um sorriso torto logo depois.

- Bravo, Cabello. Você tem razão. Mas aceito a revanche quando você quiser. Agora vamos ao que interessa. Temos um trato, ou não?

Olhei rapidamente para minhas amigas que deram de ombros em sincronia. Elas sabiam, e eu também, que aquilo seria bom para nós. O armazém tinha câmeras e qualquer movimento estranho nós descobriríamos. Por outro lado ficar sem trabalho seria receber outro, e talvez nossa chefe não tivesse tanta paciência como Chuy.

Suspirei e assenti, estirando a mão.

- Temos um trato.

E pra minha surpresa seu tato não era rude. Suas mãos eram delicadas e suaves. Quando ela manteve seu olhar no meu com aquele sorriso estúpido, e um aperto leve em minha mão eu soube que iria me arrepender daquela proximidade.

Porém, era tarde demais.

Um trato era um trato.

//

Uhhh Camilita...

Chêro.

Capítulo 7: Malavita

Olá queridos!!!!!!!!!!

Aí vai mais um capítulo pra vocês! Espero que gostem e sintam as faíscas!!!!!!!!!!

Obrigada a quem vota e comenta, é realmente importante pra mim saber se vocês estão gostando ou não, então agradeceria desde já :)

Chêro!

LEMBREM-SE DA PLAYLIST!

//

Lauren POV

O mundo do tráfico tem duas vias. A primeira, a ascensão. Quanto mais o capo confia em você, mais responsabilidades caem em suas costas. Se o trabalho for bem feito, dinheiro e poder é o que não lhe falta. Porém, o dinheiro vem sujo de sangue e carregado com a alma de quem consome a droga. E o poder, ele é tão efêmero quanto o vento no deserto. Quanto mais importante você se torna, mais inimigos atrai.

A segunda via é a mais fácil. A morte. Só que dentro dessa opção há outras três. A primeira, inesperada. Seu inimigo te pega de surpresa e fim. A segunda, pela polícia ou vulgarmente conhecidos como 'maderos'. Se tem uma coisa que esses filhos da puta odeiam é bandido. Não importa raça, cor da pele ou etnia. Bandido é bandido, e traficante é a pior raça deles. Assim como nós alimentamos nosso ódio por eles, a cada "pacote" que eles fecham, parece que o orgulho por levar o uniforme aumenta. Já para nós, um madero morto é caixão e vela. Eles não descansam até encontrar o assassino, e fazem questão de oferecer uma morte lenta. A terceira e última via é a mais perigosa: traição. Não há perdão no mundo dos carteles. Aqui se faz e aqui se paga. Não importa cargo, nome, dinheiro ou se é protegido de alguém. Andar fora da linha, note-se a ironia, é a via mais fácil de conversar com Deus.

Levo cinco anos trabalhando no Cártel Juárez junto com minhas duas melhores amigas e parceiras.

Meu nome é Lauren Jauregui, tenho 25 anos e essa é minha história.

Aos 21 anos conheci Chuy, o capataz do Viceroy que então era um mero peão, quem nos levou a vida que temos agora. Nasci em Miami, mas devido à descendência de minha mãe vir de Cuba, meus costumes acabaram sendo uma mistura estranha entre americana e cubana.

Minha família pertence ao Governo dos Estados Unidos da América, exceto minha mãe. Meu pai, Michael Jauregui, é um general aposentado das Forças Armadas. Com três medalhas de honra ao mérito, passou os últimos anos de sua vida treinando agentes para o serviço secreto especial.

Meu irmão, Chris Jauregui, é um piloto condecorado pelas Forças Aéreas. Destinado ao Iraque e Afeganistão. Seu uniforme já está sem espaço para

tanta medalha.

Minha irmã, Taylor, pertence à JAG: Judge Advocate General (Advocacia Geral da Marinha dos EUA). Não há um caso que ela não consiga resolver, nem injustiça capaz de fazê-la desistir de seu propósito. Apesar de exercer como advogada tem o cargo de tenente coronel e já esteve em combate algumas vezes.

A única que se salva na minha família é minha mãe. Dona Clara é professora de Literatura Universal na Universidade de Miami. Fascinada por livros e latim, minha mãe é a alma pura da família.

E logo estou eu. Bom, suponho que toda essa merda de servir à pátria nunca foi comigo, e aqui estou. Trabalho como um dos braços direitos do capo Viceroy, dono e líder de um dos cárteles mais sanguinários e perigosos do México.

Meu trabalho consiste em matar os traidores, manter as entregas a salvo e vigiar os carregamentos. Não confio em ninguém, não tenho laço com ninguém e não espero nada de ninguém. Exceto Lucia e Veronica. Fora elas, qualquer pessoa pode ser meu inimigo.

Cheguei a Chihuahua há três dias por ordens do Viceroy, e minha missão é simples. O crápula desconfia que sua amante conhecida como "la reina del sur" ou jefa, o trai com uma de suas garotas. As suspeitas apontam para a diabla, mas conhecendo o histórico dessa vadia, não duvidaria que tivesse dormido com a metade dos habitantes de Chihuahua.

Eu só preciso descobrir quem é, avisar ao Viceroy e matar. Depois, levar a tal vadia até o próprio e que ele decida o que fazer com ela, já que é sua amante.

Bom, pelo menos era até a confusão do carregamento. Chegamos aqui apenas para investigar a vida dos Cabello, ou melhor dito, das Cabello. A suspeita se resume a que uma delas anda ou andou na cama da mulher do patrão, o que é impossível de aceitar no nosso meio. Mas quando Chuy pediu que o ajudasse com o carregamento junto as outras, que se negaram tendo uma ordem direta, tudo mudou.

Sei a quem sirvo e sei o meu lugar, mas algo nisso tudo não cheira nada bem e se tem uma coisa que eu odeio, é que tentem me fazer de idiota.

Talvez por isso Camila Cabello seja tão interessante. Além da personalidade irreduzível e aquela cara de quem não fode direito há anos, ela tem algo que há muito tempo não encontrava em nenhuma outra mulher: audácia. Não aceita ordem de ninguém, não desrespeita suas próprias regras e é capaz de dirigir um Dodge sem perder a graciosidade. Parece um bicho do mato vista de longe, mas tem um sorriso... e uma bunda... hija de la chingada. Se não fosse a principal suspeita da minha lista, com certeza já estaria na minha cama. Mas como eu disse, trabalho é trabalho.

Narrador POV

- Lauren! – Veronica gritou espalmando a mão na mesa. A morena se

assustou e a olhou com o cenho franzido. – Estou te chamando há horas! – explicou ante o olhar furioso da amiga.

- Estava pensando.

- Em quê?

- La diabla. – Veronica encarou a amiga com curiosidade, e Lucy que estava servindo um pouco de água, sentou-se. – Ainda não consigo entender por que dessa aversão ao transporte.

- De novo isso? – Lucy suspirou. – Lauren, você viu a relação dela com a família e o que ela disse. "No restaurante de minha mãe, não". Está na cara que apesar de crescer nas ruas, a educação na casa dela foi rígida e elas devem respeito.

- Obrigada! – Vero levantou as mãos paro o alto, deixando-as caírem espalmadas na mesa. – É o que estou dizendo há horas!

- Nem todo mundo que se mete no cartel tem interesse nas drogas, Laur... – Lucy continuou. – Se elas tivessem o mínimo interesse em ganhar pontos com o Viceroy, esse carregamento já estava mais do que entregue. Elas estavam tensas, não sei se desconfiam do que estamos fazendo aqui, mas não parecia algo que elas estavam acostumadas.

- Sim. – Veronica assentiu veemente. – Parece que tudo que elas fazem é planejado nos mínimos detalhes. Pelo que eu vi, a baixinha organiza e calcula tudo, até a quantidade de combustível que elas usam em cada missão. – Lauren observava as amigas com atenção e o cenho franzido.

- Mas quem sendo um mero agente de campo tem essa liberdade? – inquiriu apoiando-se na mesa. – Quando nós começamos não havia trabalho a escolher. Tínhamos que fazer o que os caras mandavam! O que elas têm de especial para negar um trabalho? – Veronica suspirou.

- Eu acho que você está com a cabeça desocupada e começou a procurar história onde não têm. – apontou pra amiga e se levantou indo até a geladeira.

- O que você está pensando? – Lucy a analisava atentamente, conhecendo-a sabia que não era uma simples teoria.

- Eu acho que elas têm um acordo com essa mulher.

- Acordo? – Vero riu com desdém. – Que tipo de acordo? – sentou-se novamente com a garrafa de água na mão.

- Elas têm o armazém, a possibilidade de se negar a fazer algum trabalho e em troca o que fazem? Roubam tanques de combustível e só?

- Talvez Viceroy tenha razão e ela tem outra amante. – Lucy deu de ombros.

- Mas você mesmo ouviu as meninas no restaurante, Camila chegava da casa de alguma mulher que não era ela, já que ela estava com o Viceroy. Ela não dividiria a amante...

- A não ser que a diabla não seja a amante. – Lucy rebateu fazendo

Lauren revirar os olhos.

- Por favor, vocês viram o porte de todas, se não for a diabla, não é nenhuma delas.

- Então você acha que tem alguma outra organização dentro da nossa própria organização? – Vero insistiu, e Lauren enfim assentiu concordando. – Mas quem seria imbecil ao ponto de fazer isso? Estamos falando de um cartel, Lauren. É como um suicídio lento. – a morena deu de ombros.

- É isso que nós vamos descobrir.

- Não será que você tem muito mais interesse nessa güera por outra coisa? – o sorriso malicioso de Veronica fez que o pano que estava sob a mesa voasse em sua direção. Lauren não evitou sorrir torto com a provocação.

- Claro que não idiota. Ela não é para tanto. – deu de ombros e se levantou. – Até porque, duvido muito que ela esteja interessada em mim. Pelo menos não depois de ter ganhado a corrida. – Veronica apontou para Lauren dando-lhe a razão e recebeu uma piscadela em resposta.

A morena que já estava na porta, saiu para observar o movimento no armazém. Era o primeiro dia de trabalho e a qualquer momento o carregamento estava por chegar. Mas o que lhe chamou a atenção foi ver como Camila, com o cabelo preso em um rabo de cavalo, um macacão de mecânico azul marinho, um pouco sujo e surrado que estava até sua cintura, tão sujo de graxa como sua camisa branca que deixava um pouco da barriga aparecendo, olhava algo dentro do capô de seu dodge.

Com os cotovelos na barra que protegia o andar de cima, Lauren se limitou a admirar os movimentos delicados da mulher que às vezes limpava o suor enquanto revisava algumas peças.

Ao longe escutava o zumbido de uma música, sem conseguir identificar ao certo a melodia, mas quando Camila se levantou para pegar uma ferramenta, percebeu que estava usando fones.

De repente a latina se atreveu com alguns passos, levando a mão direita a seu ventre e a esquerda no alto, parecia dançar salsa. Lauren não percebeu, mas acabou sorrindo de canto com o que estava vendo. Quem diria... Camila acabou fazendo um giro sob si mesma e depois aumentou a velocidade dos passos, como se de fato estivesse em uma pista de dança. De repente se sentiu vigiada e em um novo giro, acabou percebendo que havia alguém. Parou imediatamente ao encarar os olhos de Lauren.

- Por favor, continue. – a morena levantou as mãos como se estivesse pedindo desculpas. Quando Camila revirou os olhos, sentiu ainda mais vontade de rir, mas se controlou.

- Não te ensinaram que é feio espiar os outros? – a latina disse irritada, pegando as ferramentas sem nem sequer olhar pra Lauren que tentou se explicar, mas ao ouvir a música ainda nos fones deduziu que Camila não estava prestando atenção.

- Perdão, você disse algo? – finalmente a latina levantou a cabeça e tirou o fone direito, com um sorriso irônico brincando nos lábios. Lauren acabou sorrindo, sem entender por que.

- Só disse que estava passando por aqui... – a latina deu de ombro e voltou a procurar pela chave que buscava. Então uma ideia passou pela cabeça de Lauren. – Precisa de ajuda? – Camila a olhou e começou a gargalhar audivelmente.

- Sua? – Lauren revirou os olhos e começou a prender o cabelo em um rabo de cavalo enquanto descia as escadas de metal.

- Qual a graça? – Camila, com o que parecia ser um grande esforço, parou de rir com as mãos no abdome.

- Era só o que me faltava, gringa. – deu as costas e voltou ao capô do carro, colocando a cabeça dentro do grande buraco.

- Acha que só você e suas amigas entendem de mecânica e carros? – Camila novamente se incorporou e tirou os fones do ouvido. De perto, Lauren pôde ouvir a voz de Marc Anthony cantando 'Valió la pena'.

- Não. Obviamente existem outras mulheres capazes de entender como funciona um carro, só que você não. – Lauren levou a mão direita ao peito, fazendo um barulho um tanto alto.

- Estou me sentindo profundamente ofendida. – ao que Camila revirou os olhos novamente. – Vamos fazer um trato. – a latina riu com desdém.

- Não.

- Você nem sequer ouviu a proposta. – Lauren revirou os olhos e Camila deu de ombros.

- Não importa, eu não quero nada que venha de você, Jauregui. – Lauren assobiou.

- Essa doeu. Só estou querendo ajudar... – Camila suspirou e encarou a morena dando um passo a frente. Estavam muito próximas, mas Lauren não se sentiu ameaçada. Pelo contrário, estava achando graça.

- Eu não quero sua ajuda, nem preciso dela. Entendeu? – estava séria e encarava os olhos de Lauren com profundidade. – Você não é bem vinda em minha rua, e só está aqui por esse maldito acordo. Nós não somos amigas e eu quero você longe de mim e de minhas irmãs. – mas Lauren não baixou a guarda. Pelo contrário, estreitou os olhos e deu um passo a frente também. Os narizes estavam praticamente se roçando, e os olhos de Camila inevitavelmente caíram para seus lábios, mas logo subiram a seus olhos.

- Você ainda vai se arrepender disso, flaca. – o ódio pareceu tomar conta da latina, que trincou o maxilar e fechou as mãos com força.

- Eu nunca me arrependo de nada, Jauregui. E não me chame assim.

- Se não, quê? – Lauren sorriu com desdém. No fundo estava descobrindo que irritar a latina era algo muito divertido. E para sua surpresa, Camila piscou lentamente, devolvendo o mesmo sorriso. Com o indicador onde Lauren

observou uma manicure perfeita apesar de um pouco suja, a latina a empurrou para trás.

- Você não me conhece, gringa. – a latina estalou a língua. – Acha que sabe de tudo, mas toma cuidado com essa sua pose. Qualquer dia sua máscara vai cair. – Lauren franziu o cenho e por primeira vez em muito tempo, sentiu seu estomago embrulhar.

- Do que você está falando? – inquiriu, mas Camila já estava novamente com a cabeça dentro do capô. Ao não receber resposta a puxou pelo braço. – Estou falando com você! – a latina olhou para mão que a segurava e Lauren imediatamente a soltou.

- Você não é a única que desvenda mistérios, Jauregui. – com a sobrelance arqueada e o olhar mais desafiante do que nunca, Camila manteve a batalha que os olhos verdes começaram contra os seus. A respiração de Lauren acelerou de repente e ela pôde perceber que o maxilar da morena havia enrijecido. – Mas se você não se meter no meu caminho, eu não me meto no seu. – sentenciou.

Se tinha uma coisa que Lauren odiava era ser ameaçada ou qualquer coisa do tipo. Não entendia por que estava se controlando tanto. Se fosse qualquer outra pessoa já estaria com a arma apontando sua cabeça. Mas de alguma forma Camila conseguia deixá-la sem defesa.

E aquilo não acontecia desde seus 21 anos.

Até pensou em uma ameaça, mas o barulho do caminhão chegando ao armazém fez com que elas se separassem imediatamente. O motorista, um homem já de idade com a roupa suja e as mãos cheias de graxa, desceu do veículo suando e revelando sua barriga avantajada.

- Lauren Jauregui? – disse com o sotaque americano. Lauren deu um passo a frente com a cara mais fechada do que de costume.

Logo começaram a falar em inglês, onde Camila preferiu fingir que não entendia nada e se concentrou novamente com o carro. Quanto menos ela soubesse, ou as outras pensassem que ela sabia, menos problemas teria com a organização.

Pelo que entendeu o carregamento chegava atrasado e teria que ser levado quanto antes até o encontro no Valle. Dessa vez Chuy estaria ali para recebê-lo, porém com outros dois.

Lauren aceitou o telefone que o homem lhe oferecera, confirmando que havia recebido tudo e que já estava saindo para a entrega. Logo depois, o homem abandonou o armazém a pé.

- Veronica, Lucy! – gritou do andar de baixo. As meninas logo estavam do lado de fora da cozinha e ao ver o caminhão, desceram.

- Alguma novidade? – Veronica perguntou e Lauren com a cabeça acenou para Camila, então as outras duas assentiram entendendo o recado.

- O carregamento está atrasado. Saímos em cinco minutos.

Enquanto as meninas subiam para pegar o resto das coisas, Lauren

viu como Camila se incorporava a olhava dando de ombros, como se não fosse seu problema o que estava acontecendo. Se encararam durante alguns segundos até que Lauren entrou no veículo resmungando.

- Ai, ai Jauregui... não sei o que você esconde, mas com certeza vou descobrir. – dizendo aquilo se limitou a observar a destreza que a morena tinha para dirigir uma máquina como aquela. Além de pesada, enorme.

Quando estavam longe o suficiente, pararam o caminhão e procuraram por uma forma de abrir o contêiner, mas para sua surpresa estava devidamente fechado com um cadeado, e se tentassem forçar logo todos perceberiam.

Indignadas com a dificuldade, continuaram com o caminho. Veronica e Lucy iam ao carro logo atrás, escoltando o grande veículo. Dessa vez assim como com Dinah, não houve perigo ou ameaça e logo estavam entrando no terreno seco do Valle.

Quando entregaram o carregamento a Chuy, ele fez questão de confirmar que o cadeado estava intacto antes de ir embora. Explicou que não era pelas meninas e sim pelo motorista que haviam contratado daquela vez. Era inexperiente e como já sabiam não deveria confiar em ninguém.

Assim, retomaram a viagem de volta até Chihuahua, concretamente a pensão que estavam ficando. Segundo Allyson, quem ajudou a encontrar o lugar, era uma das melhores da cidade, e por sorte estava perto do restaurante assim como do armazém.

Já na casa dos Cabello, Sofia se preparava em seu quarto para um novo encontro. Camila, que estava passando pelo corredor, parou bruscamente e entrou no quarto da irmã.

- Pra onde a senhorita vai toda arrumada? – estava comendo alguns cereais, mas dava pra notar seu tom divertido. Sofia corou imediatamente, encolhendo-se baixo o olhar da irmã.

- A um encontro. – disse tão baixo que se houvesse o mínimo barulho, Camila não poderia escutar. A latina engoliu com dificuldade e arregalou os olhos.

- Um encontro? – Sofia assentiu mordendo o lábio inferior. – Como assim você vai a um encontro, Sofia Cabello? Com quem? – a menina abaixou a cabeça envergonhada.

- Ah, Kaki... com um garoto. – Camila estreitou os olhos e a analisou ladeando a cabeça.

- Que garoto, Sofia. – a jovem revirou os olhos e suspirou.

- Raul, do final da rua. – Camila estalou os dedos repetidas vezes tentando se lembrar do nome.

- Raul... Raul... – até que Normani e Dinah apareceram na porta, entrando sem pedir permissão.

- Uuuuuuuuuuu... – disseram em sincronia.

- Pelo jeito hoje alguém perde o bv! – Dinah zombou fazendo Sofia ficar ainda mais vermelha. Camila franziu o cenho.

- Vocês sabiam que ela tem um encontro? – as outras duas assentiram.

- Kaki! – Sofia estava completamente vermelha e sem graça. Odiava quando essas coisas acontecia, pois as meninas sempre zombavam dela. – Parem, suas idiotas. – as meninas, inclusive Camila, começaram a rir de seu nervosismo. – Quem disse que eu ainda sou bv? – as três ficaram sérias e a encararam.

- Sofia...

- Uuuu, problema chamaca... – Normani zombou. Com o olhar de Camila todas ficaram em silêncio. A pequena tragou saliva com dificuldade e então suspirou.

- Tudo bem, eu não perdi... – Camila respirou aliviada enfim, e as outras duas começaram a rir de novo. – Mas... Mas talvez hoje eu perca! – novamente ficaram sérias. Camila coçou o pescoço e respirou fundo. A ideia de sua irmãzinha na mão de algum garoto a tinha completamente histérica, mas devia atuar como irmã e não como uma mãe exagerada.

- Você gosta dele? – a menina assentiu veemente. – E tem certeza que é com ele que você quer ter seu primeiro beijo? – assentiu novamente, ao que a latina deu de ombros. – Tudo bem.

- Escovou os dentes? – Dinah, como sempre, se meteu fazendo todas rirem.

- Claro, sua idiota. Duas vezes! – Sofia reconheceu satisfeita e olhou no espelho por última vez. – Como estou? – Normani fez um ok com a mão e Dinah adivinhou. Camila ajustou o laço no cabelo da irmã e deixou um beijo em sua testa.

- Linda. Agora ande logo antes que eu mude de ideia. Não se esqueça de voltar para casa antes do toque de recolher e que se acontecer alguma coisa, basta me ligar, entendido? – a menina assentiu veemente e deixando um beijo na bochecha de cada uma, saiu correndo.

De repente Camila sentiu um calafrio, como um mau pressentimento. Saiu correndo ao encontro da menina, mas quando chegou até o portão da casa ela já estava longe.

- Se cuida, Sofia... – sussurrou em voz baixa sentindo um aperto estranho no peito. Não era muito de confiar em pressentimentos, mas quando sentia aquela dor, nada bom saía. Geralmente era apenas um mal estar, e internamente rezou para que continuasse assim.

A jovem garota estava na garupa da moto de Raul, uma Vespa vermelha. Ambos haviam ido ao cinema e logo depois a uma sorveteria que havia no centro da cidade. Raul era um garoto simpático e carinhoso, apesar de um pouco tímido. Tinha um porte alto e um tanto forte, pois estava acostumado a jogar basquete na praça. Assim foi como conheceu Sofia.

Ela costumava dar voltas com as amigas pela praça e de vez em quando paravam para assistir aos jogos. Em um daqueles dias a bola acabou caindo em seus pés e Raul acabou indo a seu encontro. No começo foi apenas um 'obrigada' quando ela entregou a bola, mas depois os encontros eram cada vez mais constantes. Ela sempre estava na mesma hora torcendo por ele na pista, até que um dia os amigos se juntaram e começaram a se falar.

Se podia dizer que do grupo de amigos, Sofia e Raul eram os mais tímidos e corretos, por assim dizer.

Apesar da fama de suas irmãs, a jovem Cabello costumava respeitar os conselhos de Camila e evitava estar nos lugares proibidos para sua idade. Porém suas amigas tinham outros planos, e como ela queria estar perto de Raul, sempre as acompanhava. E a mesma coisa acontecia com o menino. Ele não era muito de carros ou andar pelas ruas perigosas, mas gostava muito de Sofia e fazia de tudo para vê-la. Mesmo que sua timidez fosse mais forte.

Logo após pegarem os sorvetes, eles decidiram caminhar um pouco. Conversavam e sorriam e de vez em quando se encaravam. Quando finalmente haviam acabado, ele a guiou de voltou até a moto que estava em um estacionamento um pouco afastado da sorveteria. Estavam se preparando para subir de novo e Sofia estava especialmente nervosa. A noite toda se passara e ele não tentou em nenhum momento se aproximar. Mas para sua surpresa, em vez de subir na moto o garoto moreno de olhos verdes apenas se apoiou na mesma e a encarou. A menina se mostrou tímida fitando os pés, então sentiu os dedos ainda frios do jovem em seu queixo, obrigando-a a fitá-lo.

- Eu... Eu sou um desastre... – confessou nervoso, fazendo Sofia rir.

- Suponho que somos dois, então... – ele assentiu e levou as mãos até a cintura da garota, colocando-a entre suas pernas.

- Juro que pensei mil formas de fazer isso, mas... – ela assentiu, nervosa demais para pronunciar qualquer palavra. – Eu não sei se você quer...

- Eu quero! – o interrompeu falando um pouco mais alto do que deveria. Raul riu da reação da garota e assentiu devagar. Sofia deu mais um passo a frente enquanto os olhos deles se encontravam e então se arriscou a abraçar o pescoço do jovem que apesar de mais alto, por estar apoiado na moto tinham a mesma altura.

Ele a puxou delicadamente, sem deixar de olhá-la o tempo todo a medida que se aproximavam.

Quando finalmente os rostos estavam próximos o suficiente, Raul se atreveu a encostar seus lábios nos de Sofia. Apesar do nervosismo, a garota estava de olhos fechados e tentando esconder sua felicidade. Se deixou guiar por ele, cedendo aos movimentos e imitando-o a medida que ele tentava aprofundar o beijo.

E assim sorriu internamente, pensando em como poderia esfregar na cara de suas irmãs que por fim estava dando seu primeiro beijo, que apesar de nunca

ter experimentado antes, já o tinha como o melhor de todos.

Do outro lado da cidade, Lauren recebia uma mensagem de texto com um endereço. Ela teria que se encontrar com seu contato numa das ruas mais desertas e perigosas da cidade. Conhecida por ser um dos "pátios" onde algumas gangues se reuniam durante a noite. Mas para ela isso não era nenhum problema.

Com uma mensagem avisou as amigas que estava de saída e então se dirigiu até o local combinado.

Estacionou o Gran Torino um pouco mais afastado para não chamar a atenção e retirou a arma do porta-luvas, colocando-a nas costas, tendo certeza que estaria fácil caso precisasse.

Fez o resto do caminho a pé e logo estava em uma rua estreita que cortava a principal. Quase como um beco. Estava excessivamente escura, sendo um poste a única luz.

Esperou pacientemente e logo ouviu o barulho de passos. Com as mãos nas costas e já segurando a arma, se manteve alerta até que a silhueta se aproximou. Pelo cheiro do cigarro ela logo identificou quem era.

- Você está atrasado. – disse irritada, soltando o objeto em suas costas.

- Eu sei, tive que pegar um desvio, pois havia uma gangue reunida um pouco mais a frente. – ela assentiu sem mais.

- Desliga essa merda antes que eu te faça engolir. – rosnou e o homem que se escondia na escuridão riu com desdém, dando um último trago antes de jogar o cigarro fora.

- A suas ordens, comandante. – o homem ironizou.

- Que porra você quer? – perguntou escutando um suspiro como resposta.

- Como anda a investigação?

- Ainda sem nenhuma resposta. Já disse que quando tiver qualquer coisa aviso ao chefe.

- Essa missão é importante, Lauren. – a morena revirou os olhos.

- Não preciso que me lembrem de como fazer meu trabalho.

- Tudo bem, só venho lhe informar para ter cuidado. O cartel de Sinaloa descobriu do novo carregamento e já estão preparando um ataque. – Lauren praguejou em espanhol, mas para si que outra coisa.

- Quanto tempo?

- Horas. Disseram que no próximo carregamento já teremos uma emboscada. – ela assentiu olhando ao redor. A rua estava um breu exceto pelos gritos de alguns garotos um pouco longe demais.

- Tudo bem, estarei preparada. Mais alguma coisa?

- Acho que é tudo. – sem tempo para despedidas, até porque o homem também não esperava, ela deslizou os dedos pelo cabelo enquanto

caminhava de volta para o carro.

Um pouco mais distante percebeu como uma moto parava e uns garotos a rodeavam, alguns riam e outros zombavam do garoto que estava no comando.

- Vamos lá, gata. Só queremos ter uma conversa com você... – escutou e apesar de sua cabeça estar gritando que ela devia ir embora quanto antes, se manteve alerta ainda sem abrir o carro.

- Por favor, a gente só entrou na rua errada e precisamos ir pra casa. – ouviu o garoto explicar sem descer da moto.

- Qual é, grandão, a gente não quer falar com você! – um dos jovens, vestido como um perfeito gangster disse colocando o dedo na cara do menino.

- É. Cala a boca e desce logo aí! – outro disse e sem muita demora, Lauren observou pelo retrovisor como o menino e uma menina desciam da moto. A menina estava encolhida e abraçada ao garoto alto, como se procurasse se esconder. Ele por sua vez a mantinha atrás de si e com a mão livre marcava uma distancia com os outros meninos.

- Por favor... – suplicava.

- Olha lá, ele está pedindo por favor. Por favor o que, pendejo? – outro debochou. – A gente quer a garota, não você.

Lauren começou a ficar ainda mais impaciente. De longe não conseguia distinguir os rostos, mas tinha a sensação de conhecer a menina de algum lugar.

Mas de repente tudo aconteceu rápido demais. Os meninos rodearam o casal e enquanto dois deles puxavam a garota, os outros quatro seguravam o menino que tentava se soltar.

- Por favor, me soltem! – com a voz da menina gritando, Lauren apertou os olhos ante sua indecisão. Devido aos movimentos do garoto mais alto, os outros gângsters começaram a espancá-lo enquanto dois o seguravam. – Raul! Por favor, parem! – a menina gritava enquanto Lauren queria ir embora. Não era seu assunto nem seu lado da cidade. – Eu sou a irmã da diabla! – mas aquela informação a fez congelar. Era Sofia, a mais jovem Cabello. Lauren saiu correndo em direção aos garotos que já estavam manuseando a menina enquanto Raul já estava cuspiendo sangue.

- Larguem eles, agora! – gritou enquanto se aproximava.

- Quem é você? – um deles se colocou a frente e então Lauren acertou um soco certeiro que o deixou no chão desacordado.

Os outros correram para atacá-la, mas como era de se esperar e com uma destreza impressionante, a morena conseguiu desviar de todos os golpes e acertar a todos com rapidez. Não demorou muito para que os seis garotos estivessem no chão se lamentando.

- Se eu ver algum de vocês novamente, juro que acabo com a raça de cada um, entenderam? – gritou tirando a arma das costas. Os meninos então

assentiram veemente e saíram correndo.

Sofia já estava abraçada a Raul e chorando, enquanto o menino tentava acalmá-la apesar de todo o sangue.

- Ei, Sofia, você lembra de mim? – a menina assentiu veemente.

- S-Sim. Vo-você é a moça do suco de laranja com pouco açúcar. –

Lauren sorriu e assentiu para menina, puxando-a para um abraço. – Está tudo bem, linda. Foi só um susto. – Sofia se agarrou ao corpo de Lauren e começou a chorar. Raul assentiu ante o olhar de Lauren, confirmando que dentro do possível estava bem.

Quando Sofia se acalmou, Lauren a colocou em seu carro e com um Raul mais calmo logo atrás em sua moto, chegaram até a casa dos Cabello.

Camila estava na sala ainda acordada e preocupada com a demora de sua irmã. O toque de queda era as dez horas da noite e já se passavam das dez e meia. Quando ouviu o motor do carro parando a sua porta logo saiu de casa correndo, para encontrar um Raul ensanguentado sendo abraçado por Sofia.

Porém quando reconheceu o carro e viu a silhueta de Lauren, se apressou ainda mais em sair.

- Que porra está acontecendo? O que você fez, sua animal? – a latina quis avançar em Lauren ao ver o estado de Raul, mas ela levantou as mãos em rendição. Sofia enfim se colocou na frente da irmã.

- Ela salvou a gente, Kaki. – explicou em um sussurro. Camila franziu o cenho e se afastou da irmã, analisando-a de cima a baixo.

- O que aconteceu? – perguntou segurando os ombros de Sofia.

- Nós estávamos no centro e ao voltar pra casa pensamos que ir pelo bairro da virgem estaríamos mais rápido aqui. Mas, mas tinha uns garotos e eles nos fizeram descer da moto e eles... eles... – ela estava novamente nervosa. Lauren trincou os dentes lembrando-se dos gritos da menina. – Eles me seguraram e começaram a bater no Raul, porque ele tentou se soltar e então eles, eles... – para aquele momento ela já estava chorando e tremendo. – Eles me tocaram, Kaki! – os olhos de Camila se arregalaram e ela abraçou a irmã com força. Raul parecia tão nervoso quanto Sofia e apenas assentiu.

- Até que ela apareceu correndo e acabou com todos eles em alguns segundos. – disse acenando pra Lauren com a cabeça.

- Eles chegaram a... – perguntou sem saber se queria ouvir a resposta, encarando uma Lauren totalmente quebrada com o estado de Sofia. A morena negou rapidamente e então Camila assentiu apertando a pequena ainda mais contra si. – Raul, você pode entrar. Nós cuidaremos desse seu machucado e pedirei que as meninas te levem para casa.

- Eu estou... – o jovem tentou retrucar, mas Camila o olhou de forma tão severa que ele apenas concordou assentindo.

- Sofi... – Camila a afastou um pouco de si. – O que você acha de

entrar com Raul e ajudar a cuidar dele, huh? – a menina limpou as lágrimas com as mãos e assentiu. – Eu vou conversar com Lauren e já entro, tudo bem? – assentindo novamente, Sofia puxou o jovem pela mão e logo já estavam dentro de casa. Camila suspirou e em um ataque de raiva chutou o portão com tanta força que acabou entortando-o.

Lauren arqueou as sobrancelhas e não sabia se ir embora ou não. Mas quando Camila a olhou, temeu por seu carro ser o próximo alvo. Porém, para sua surpresa a latina se aproximou e parou a sua frente.

- Quando você disse que eu iria me arrepender de ter sua ajuda, não pensei que fosse ser tão rápido. – a latina riu com escárnio e Lauren estava completamente desconcertada. Coçou a nuca sem jeito, não era como ela estivesse esperando por isso.

- Eu... não, você sabe... – disse sem jeito e Camila assentiu.

- Se você não estivesse ali eu não sei o que aconteceria... – disse em um fio de voz encarando-a tão intensamente que Lauren se sentiu nua. Não era o típico ou ódio que estava acostumada ou desprezo. Era... gratidão. – Obrigada por isso, Jauregui. – Lauren assentiu levemente, sem deixar de se surpreender com os gestos da latina. Parecia que a qualquer momento começaria a chorar. – Estou te devendo uma muito grande. Quando precisar de qualquer coisa, não duvide em me chamar. Eu ou qualquer uma das meninas estaremos ao seu dispor. – Lauren franziu o cenho ante aquela afirmação.

- Camila, eu não...

- Obrigada. E espero que você me acompanhe para reconhecer os que fizeram isso. – a latina estendeu a mão e abaixou a cabeça, tentando controlar a vontade que estava sentindo de chorar de tanta raiva. Lauren também estendeu a sua e segurou a mão fina de Camila, surpreendendo-se novamente com a maciez e o tato. Um leve aperto selou aquele novo acordo. Camila a olhou nos olhos por última vez, antes de dizer: – Estarei em dívida eternamente com você.

Lauren ainda não sabia muito bem o que dizer ou pronunciar, assim que apenas assentiu e observou como Camila dava as costas e entrava em casa.

Porque a vida é assim, e sem esperar agora ela tinha uma Camila com sede de vingança disposta a lhe ajudar assim como as outras.

Era a segunda coisa quebrada na rotina de Camila.

Sua primeira derrota na pista.

E a primeira vez que se arrependia de algo.

Ai Camilita...

Até a próxima!



Capítulo 8: La Familia

Surprise, bitches!

Cheguei com mais um!

Vou continuar escrevendo o resto do proximo cap para tentar postar
amanha :)

Obrigada pelos votos e comentários, lindas!

AH, A DA FOTO É A JEFA, CHEFA, REINA DEL SUR.

Chêro!

//

Foi inevitável esconder o que havia acontecido. Assim que Sofia entrou em casa as outras já estavam a sua espera depois de ouvir o estrondo do portão. Ainda um pouco assustada, a menina contou com detalhes o que se lembrava do acontecido e da fisionomia dos garotos. Por sorte o rosto de Raul não estava tão machucado, mas aceitou quando Dinah se ofereceu para levá-lo ao médico no dia seguinte, pois a maioria dos golpes havia recebido em seu estomago.

Durante a noite Camila ficou ao pé da cama da irmã, preocupando-se com o que poderia ter acontecido se Lauren não estivesse na hora. E sem perceber acabou criando em sua cabeça uma nova dúvida sobre Lauren Jauregui.

Além de prepotente e misteriosa, o que ela estaria fazendo no bairro da Virgem à uma hora daquela?

O bairro da Virgem era uma espécie de terra de ninguém, os traficantes evitavam andar por lá devido ao grande número de gangues. Não por medo, mas como todas precisavam se exibir para demonstrar quem era a mais poderosa, costumavam chamar a atenção dos policiais com atos de vandalismo. Assim como eles, as pessoas "legais" também não, pois os garotos não poupavam em

abusos, assaltos e inclusive brigas. Bastava alguém aparecer no território que todos saíam como urubus para tentar alguma coisa.

Então o que a capataz do traficante estaria fazendo ali? Essa era mais uma questão, a saber.

No dia seguinte, Sofia parecia quase não se lembrar do ocorrido ao contar a seus pais, mas com a infinidade de pergunta que Dinah e Normani fizeram sobre seu primeiro beijo, a garota passou de um estado e choque a estar em uma nuvem imediatamente.

Como combinado, Dinah acompanhou Raul até o médico e por sorte estava tudo bem. Na volta, a loira já foi direto para o restaurante onde deveria começar seu turno.

Normani e Allyson já estavam ali assim como Sofia, enquanto Camila havia decidido falar com Josete.

No armazém, Lauren, Veronica e Lucy discutiam alguns detalhes do próximo plano até que ouviram o barulho de um motor. Josete havia chegado para o encontro com Camila e, apesar da curiosidade estar em cada poro de Lauren, a morena respeitou a privacidade dos dois e se manteve afastada. No fundo ela sabia o que aquilo significava.

Quando Josete chegou, Camila o levou até os fundos onde ela estava lavando o carro. Eles se cumprimentaram com um abraço e logo o garoto ficou sério.

- O que você precisa? - perguntou com os braços cruzados. A latina enxugou as mãos na toalha em sua cintura antes de falar.

- Você soube do que houve com minha irmã? - Josete assentiu. - Quero achar esses pendejos.

- E você vai fazer o quê? - perguntou bufando. - Mila, eu entendo que seja sua irmã, mas por sorte nada aconteceu.

- Mas poderia Josete! - a latina aumentou o tom de voz e deslizou a mão pelo cabelo tentando se recompor. - Eles tentaram...

- Mila... - o jovem optou por um tom mais suave. A latina o encarou ainda séria, mas atenta. - Eu sei exatamente o que está passando na sua cabeça, mas acredite em mim, você não quer carregar com esses corpos nas costas. Eu posso conseguir os nomes e até mesmo a gangue, mas você tem que me prometer que não vai passar de uma surra. - Camila ponderou a proposta e assentiu levemente. - Promete. - Josete insistiu.

- Eu prometo, carajo. - com um sorriso o garoto a puxou contra si, abraçando-o.

- Muito bem. Assim que eu tiver alguma resposta te ligo, ok? - assentindo, Camila aceitou o abraço do amigo, mas logo o empurrou.

- Você está cheiroso demais! - brincou torcendo o nariz.

- Vou encontrar uma amiga, você sabe... - a latina jogou a toalha em Josete, que a agarrou rapidamente enquanto riam.

- Mais uma pobre coitada... - antes que pudesse responder, uma SUV

escura entrou no armazém chamando a atenção de todos. Camila conhecia o carro e suspirou. Josete franziu o cenho olhando pra amiga enquanto esperava uma explicação, mas não recebeu nada. Camila caminhou até o lugar do carro em passos preguiçosos, ouvindo o som da porta da parte de cima se abrir.

Baixa demais para idade que aparentava ter, porém com uns bons centímetros a mais devido ao salto agulha que usava. Pernas torneadas e bronzeadas, ombros largos e com músculos definidos no braço que estavam à mostra assim como o grande decote de seu vestido vermelho sangue. La reina del sur ou la jefa era a única forma em que todos conheciam a tal mulher. Cabelo castanho, olhos frios e escuros. Todos sabiam quem ela era e a quem pertencia, mas isso não era nenhum problema. Não gostava de dormir sozinha e como Viceroy vivia se escondendo, sua única opção era achar um substituto, ou no seu caso, substituta.

Apesar dos casos, ela achava que Viceroy não se importava com suas traições já que ele também dormia com uma mulher diferente a cada noite, por tanto não suspeitava das reais intenções de Lauren, Veronica e Lucy.

Logo quando soube que estavam usando seu armazém graças a um acordo com Camila, voltou imediatamente para Chihuahua a fim de saber as cláusulas de tal acordo.

Ela era bonita, sexy e imponente. Mas tinha em si a frieza de alguém que cresceu entre todas as adversidades que a vida podia lhe proporcionar. Quando se apaixonou por Miguel ele era apenas um jovem como Josete. Metido em algumas encrencas, andava sempre ao lado de Viceroy. Quando cresceram se uniram para criar um cartel dividindo o controle em 50% para cada. Seu amor fora tanto que o acompanhou em sua trajetória como capo, até que em uma entrega interrompida pela polícia, Miguel acabou morto com seis tiros no corpo e três na cabeça. Deixando como herança sua metade do controle.

Órfã, com o grande amor de sua vida morto pelos policiais, e estuprada por mais de um dos capangas de seu então amor, cresceu e se fez por si só. Isso sim, não restou nenhum vivo para contar. Era ingênua e confiava cegamente em Miguel que sempre a protegeu. Mas depois dos abusos o que lhe restava de humanidade se foi em cada corpo que deixou. Com a ajuda de Viceroy se fez com o controle da metade do cartel e hoje se dedicava a fazer negócios por toda América do Sul. Como ninguém sabia nem seu nome e alguns detalhes de seu rosto, era fácil se camuflar entre a rede. Até por que ninguém acreditava que uma mulher pudesse aguentar por tanto tempo.

Seu caso com Viceroy foi inevitável. No começo por solidão e por se apoiar nele para superar a morte de Miguel. Depois por costume, mas logo se cansou. Viceroy não era Miguel nem ela era a mulher que fora um dia. Seu número de amantes era tão extenso como o número de inimigos e ela não estava nem um pouco preocupada.

- Diabla... - cumprimentou com um aceno ao que Camila respondeu do mesmo jeito. Josete se limitou a encará-la de cima a baixo, espantado com a

beleza da mulher.

- Jefa... - com uma cotovelada não tão dissimulada como queria, Camila despertou Josete de seu transe e com um aceno com a cabeça lhe indicou que era hora de sair, e assim o fez.

- É assim que você me recebe? - perguntou aproximando-se um pouco, então Camila apontou para cima com o dedo escondido em seu ventre. Dissimuladamente a mulher levantou a cabeça encontrando Lauren, Veronica e Lucy paradas, observando-as. - Ora, ora, a quem temos o prazer de receber aqui! - disse com uma falsa animação e aumentando o tom de voz. As outras três não disseram absolutamente nada e logo desceram ao seu encontro.

Ela conhecia as três muito bem, ou isso pensava. Mas ao ver Lauren acabou interessando-se um pouco mais. Não se lembrava de muito de tê-la visto tão sexy e atraente. Até que sua visita não parecia tão desnecessária...

- Quanto tempo... - Vero ironizou fazendo a mulher revirar os olhos. As três pararam logo atrás de Camila, uma ao lado da outra. A latina estava curiosa para ver o resultado.

- Mais do que eu possa lembrar... - deslizou a língua pelos lábios enquanto encarava sem pudor, de cima a baixo, o corpo e feições de Lauren que continuava impassível. - Posso saber o motivo da visita?

- Trabalho. - foi à única coisa que a morena disse. Camila estava aguentando uma risada. Ela sabia o que os gestos da chefe significavam, principalmente quando ela deslizou o indicador por sua clavícula sem dissimular no descaro em que olhava para Lauren, sua nova presa.

- Escutei algo por aí... - disse distraída. - Se precisarem de alguma coisa, já sabe. Camila está a sua disposição. - todas as três viraram imediatamente pra latina que tinha uma cara de confusão nítida.

- Estou? - inquireu confusa, ao que a mulher assentiu sem deixar de encarar Lauren um só momento. - Ok...

- Bom, só passei para dizer que vou estar na cidade por uns dias. - ainda encarando Lauren, a mulher sorriu sem mostrar os dentes, ladeando a cabeça enquanto a analisava uma última vez de cima a baixo, e então foi até o carro onde Camila estava segurando a porta. - Depois eu te ligo. - sussurrou e a latina assentiu. Vero, que já estava abraçando Lucy por trás estava rindo enquanto olhava para Lauren que estava revirando os olhos.

- Nem começa... - a morena sussurrou recebendo uma risada por parte do casal.

Assim que a SUV se foi, Camila se aproximou de novo a elas, mas antes de dizer qualquer coisa, Dinah apareceu correndo.

- Essa era a chefe? - a latina assentiu. Dinah fez uma careta de confusão, mas logo deu de ombros. Ela nunca aparecia por lá, mas não estava interessada nisso ainda. - Que seja, estou aqui por que Sinu fechou o restaurante. -

Camila franziu o cenho sem entender. - Disse que hoje é dia de comemorar a união da família e todas essas coisas. - explicou dando de ombros. Camila assentiu entendendo o que significava. - Estão nos esperando no quintal de casa. - quando as outras três estavam prestes a se retirarem, Dinah continuou. - Em... vocês estão convidadas também. - Camila parou onde estava virando para amiga que deu de ombros como se não pudesse fazer nada. - Abuela Rita disse que se vocês não estiverem ali em dez minutos, ela mesma vem aqui com a vassoura.

- Nós não... - Lauren tentou negar, mas Dinah a interrompeu.

- Ela realmente virá... - então as três se olharam novamente e então Lauren assentiu.

Camila rapidamente deixou as coisas da lavagem no quarto dos fundos e fechou o carro, saindo ao encontro das outras. Olhava para Dinah como se aquilo fosse uma loucura, afinal naquelas reuniões familiares ninguém de fora participava a não ser a abuela Rita. Mas visto que na frente das outras não poderia perguntar nada, fizeram o caminho até a casa dos Cabello em silêncio. Elas duas na frente e as outras uns passos mais atrás, aonde iam cochichando que aquela seria uma boa oportunidade para saber se Alejandro estava envolvido no negócio como elas pensavam.

Porque a nova teoria era que ele tinha um acordo com a chefe e por isso as meninas tinham tanta liberdade.

Ao entrar na casa, Selen Quintanilla ecoava ao fundo, algumas risadas e vozes femininas se escutavam assim como a voz de um homem.

A casa dos Cabello era simples, porém não no sentido pobre. Com três andares, um quintal enorme e um belo jardim na entrada, os moveis e a decoração eram de uma família de classe média. Dando a volta pela lateral logo estavam no lugar do encontro. Uma mesa grande com doze cadeiras estava colocada no meio. A toalha que a cobria era tão branca que chegava a doer os olhos. Em cima dela, arroz de vários tipos, fajitas, refrescos e saladas. Um pouco mais afastado, a churrasqueira estava acesa e um homem alto porém com uma aparência cuidada e jovial estava a seu comando, com um Raul com esparadrapo na sobancelha ao seu lado. Sofia ria animada com Normani e Ally enquanto a abuela Rita conversava com uma mulher loira um pouco mais baixa que as meninas, usando um óculos na ponta do nariz e com uma aparência idêntica a Camila e Sofia.

Assim que chegaram, Rita se apressou em fazer uma recepção escandalosa abraçando as meninas com força. Camila revirou os olhos e foi com Dinah ao encontro das outras.

- Que diabos... - Normani disse ao vê-las.

- Eu também não entendi nada. - Camila explicou sentando-se.

- Lauren me ajudou, meninas. Não sei a implicância que vocês tem com elas... - Sofia se meteu recebendo todos os olhares com a sobancelha arqueada como se fosse ensaiado. - Que? Elas são muito simpáticas. - se defendeu encolhendo-

se.

- Como você sabe que elas são simpáticas? - Dinah perguntou com desdém.

- Elas vão todos os dias tomar café, comer e jantar no restaurante.

- Todos os dias? - Camila perguntou incrédula, ao que Sofia contestou assentindo. - E por que você não me disse nada, pendeja? - a garota encarou a irmã confusa.

- Por que eu te diria? - deu de ombros. - Afinal, você vive implicando com elas. Saiba que deixam ótimas gorjetas e tem a abuela Rita mais apaixonada do que nunca.

Enquanto Sofia tagarelava sobre as idas das outras ao restaurante, Camila virou-se olhando por cima do ombro como Sinu chorava ao falar com Lauren. Alejandro também se aproximou junto a Raul, apresentando-se.

- De verdade, senhores. Não foi nada... - Lauren parecia constrangida e fora do lugar, enquanto Lucy e Veronica pareciam satisfeitas com o que viam. Como se a surpresa que encontraram fosse boa.

Sinu continuava chorando e agradecendo a elas, assim como Alejandro.

- Claro que sí, mija! O homem falou mais forte. Você salvou minha filha daqueles delinquentes, a partir de agora minha casa é sua casa, e o que vocês precisarem só precisam pedir!

Claramente Alejandro não sabia da procedência delas, essa era a verdade. Mas as outras continuavam pensando que ele era o que ligava Camila e as outras à chefe.

- O que vocês gostam de comer? - Sinu continuou, limpando as lágrimas com as mãos. - Temos de tudo aqui, arroz, carne, frango, não se preocupem! - enquanto a mulher ia até a mesa para preparar um prato, Alejandro mandou Raul atrás das cervejas.

- Corona, mijo, que elas são da casa. - gritou para um genro ainda tímido e constrangido com toda a proteção e confiança que depositavam nele. Quando estava a sós com elas. Então o ar de agradecido se esvaiu completamente e Alejandro ficou sério. Encarava cada uma delas por separado, como se estivesse formulando uma ideia em sua cabeça. Elas estranharam a mudança de comportamento do homem, ficando um pouco constrangidas. - Eu sei o que vocês fazem. - disse por fim. Elas se encararam brevemente e então ele seguiu. - Não aprovo nada disso nem o que minhas meninas andam metidas, mas nunca vi ninguém nesse meio se importar por uma coisa desse tipo. - e novamente mais uma teoria havia ido pelo ralo. Disfarçando a surpresa da informação, continuaram atentas. - De coração agradeço por você ter se importado em ajudar minha filha, e independente de qualquer coisa, enquanto seu trabalho não te perseguir até minha casa, você sempre será bem vinda. - quando estendeu a mão, Lauren imediatamente a apertou, e lhe surpreendeu saber que o tato do homem era tão macio como o de

Camila.

Continuaram se encarando por uns segundos e com as mãos juntas, até que Raul apareceu com as cervejas.

Logo elas se sentaram em algumas cadeiras um pouco afastadas, vendo como as outras meninas conversavam, riam e às vezes faziam graça com Rita e Sinu que estavam cortando a comida que saía da churrasqueira.

- Você ouviu o que ele disse? - Lucy perguntou.

- Mais uma surpresa... - Vero completou bebendo um gole. - Parece que essa família está cheia delas... - Lauren estava aérea. Na verdade observava os gestos de Camila, como ela parecia feliz, simples...

A latina sorria, brincava, comida e bebia cerveja sem nenhum resquício daquela pose de mulher infernal. Parou para analisar com cautela cada pequeno traço de seu rosto.

Fino, delicado, as sobancelhas muito bem feitas assim como as unhas. As roupas que usavam eram mais simples e femininas. Apesar dos coturnos e do jeans rasgado, a prenda abraçava ainda mais suas curvas assim como o top cropped que estava usando. Na verdade todas as outras pareciam no mesmo estilo.

Percebeu que Normani, Dinah e Camila adoravam aquele tipo de roupa, as que deixavam o ventre a mostra e era bem ajustadas.

Já Sofia era mais adepta a vestidos, bailarinas e tiaras com laço.

Allyson tinha um gosto estranho. Entre brilhos e all star, a baixinha era a única que não usava coturnos ou jaqueta de couro. Era como se com a família elas tivessem uma personalidade diferente, ou a normal, e nas ruas optassem por aquela pose de Cavalos do Apocalipse.

- Oh não... - Vero zombou passando a mão pelo rosto de Lauren. - Esse olhar, não. - Lucy tinha um sorriso brincando nos lábios enquanto bebia.

- Que? - Lauren perguntou mal humorada, tirando a mão de Veronica com força.

- Você está olhando para ela daquele jeito.

- Que jeito? - fingiu desinteresse encarando a churrasqueira.

- Jeito de quem não odeia tanto como diz. - a morena revirou os olhos bebendo um gole da cerveja que já estava pela metade e estupidamente fria, do jeito que gostava.

- Não tem jeito, Vero. Ela é só mais uma missão. - disse mais para si do que para as amigas.

- Aham... Missão. - Lucy zombou. - A verdade é que se Alejandro não apoia esses trabalhos, talvez seja por isso que elas não se metem. - mudou de assunto ao ver a cara azeda que Lauren estava fazendo.

- Ou talvez uma delas seja a amante da chefe. - Vero disse fazendo Lauren rir com desdém.

- Isso seria muito perigoso para ela. Com tantos amantes, se ela fosse dar o benefício de escolher trabalho ou encomendas a todos, o negócio já estava na

merda.

- E o que você acha, Sherlock? - Vero insistiu, ao que Lauren deu de ombros.

- Chega de teorias. Essa família é a mais complexa que eu já vi. Agora

vamos esperar as coisas acontecerem. - quando viu que Veronica estava preparada para pegar outra cerveja do balde que Raul havia deixado ao lado delas, Lauren lhe direcionou um tapa na mão, assustando a amiga. - Cuidado com essa bebida, não se esqueça de que hoje tem carregamento. - Vero revirou os olhos e pegou duas garrafas, abrindo uma pra ela e outra pra Lucy.

- Sim senhora, jefa!

E continuaram em silêncio, às vezes fazendo alguma brincadeira ou comentário entre elas, mas sem chamar a atenção.

Depois de algum tempo, a mesa terminou de ser servida e todos logo ocuparam um lugar. Alejandro estava na cabeceira da mesa seguido por Sinu, Rita, Sofia, Raul e Normani. Do outro lado estavam Ally, Dinah, Lauren, Lucy e Veronica. Camila ocupava a outra cabeceira.

Quando todos estavam servidos, Veronica já estava com o garfo preparado para comer até que recebeu uma joelhada por debaixo da mesa de Lucy que percebeu o olhar de Alejandro. A comida caiu novamente do prato e antes que ela pudesse reclamar, o homem coçou a garganta com uma tosse.

- Mila, hoje a oração é sua. - a latina assentiu acatando a ordem do pai, o que chamou a atenção de Lauren. Todos a encararam e ela revirou os olhos. Um sorriso brincou nos lábios da morena enquanto assistia a todos juntarem as mãos e fecharem os olhos.

Não que ela fosse muito católica, mas era curioso porque em sua casa tinham a mesma tradição. Por respeito, elas fizeram a mesma coisa e escutaram atentamente o Pai Nosso em um espanhol arrastado entre o mexicano e cubano.

- Bom apetite. - finalmente a latina disse todos agradeceram, comendo logo em seguida.

O silêncio chegou a ser um tanto incomodo, mas logo Dinah quis repetir gerando uma briga besta com Normani e Sofia porque também queriam. O que gerou uma bronca severa de Rita e Sinu, enquanto Alejandro e o resto riam.

- Eu não eduquei vocês assim, ora! - Sinu reclamava e imediatamente as três garotas pareciam crianças que acabavam de ser repreendidas. - Me da logo esse prato, Jane! - e assim, com um olho quase clinico, Sinu dividiu o que restava do 'arroz três delicias' para todas as três. Alejandro tinha um sorriso tímido enquanto bebia cerveja e observava a interação de todas.

Continuaram a comer, dessa vez rindo das histórias de quando elas eram pequenas.

- Lembra aquela vez que o óculos de Allyson quebrou e ela entrou no banheiro masculino em vez do feminino? - Dinah lembrava entre risadas, deixando

Ally ainda mais constrangida.

- Por que você fez isso, Allycat? - Alejandro perguntou ainda rindo.

- Porque eu estava sem óculos! O babaca do Rico sentou em cima deles, e na época ainda não tinha lentes! - explicou um tanto emburrada.

- O melhor de tudo foi que dois garotos estavam fazendo xixi na hora!

- Normani completou e todos voltaram a rir da baixinha. Inclusive Lauren, Veronica e Lucy.

- Por sorte Mila viu tudo de longe e chegou a tempo de tirá-la de lá!

Ela ficou parada encarando os meninos em pleno ato e com a boca aberta! - Allyson já estava vermelha e constrangida.

- Nem vem, Jane! Isso foi menos constrangedor do que rasgar a calça e andar com uma calcinha de banana pelo pátio do colégio! - a loira zombou e Dinah imediatamente ficou séria.

- Eu não percebi que estava rasgada! - se defendeu.

- Por sorte era a de bananas... - Normani completou e a risada ecoou de novo.

Lauren observava com o canto dos olhos como Camila tinha um sorriso tímido. Observava orgulhosa a interação de todos.

Logo Sinu apareceu com uma torta de queijo e framboesa e um café com leite reforçado. Depois, ajudaram a tirar a mesa e novamente ocuparam as cadeiras entre conversas. Para então Lucy e Veronica já eram intimas de Rita e Sinu. Sofia olhava com admiração para Lauren constantemente, que parecia distraída. Alejandro estava limpando a churrasqueira junto a Raul que de vez em quando sorria para Sofia ao longe, ou acenava um 'tchau' tímido.

Camila foi para o jardim onde havia uma espécie de cadeira de balanço. A brisa da tarde estava mais forte e o céu alaranjado anunciava seu fim. Distraída, fechou os olhos e suspirou agradecendo internamente pela família e por tudo não ter passado de um susto. Sentiu que estava sendo observada e abriu os olhos sem se mexer, encontrando com Lauren apoiada na parede lateral.

Camila POV

Nunca fui de ter sexto sentido nem de acreditar nisso, mas desde que Lauren havia chegado à cidade, era como se eu sentisse cada vez que ela estava me encarando.

- Venho em som de paz. - avisou mostrando as mãos, que logo guardou no bolso. Não que ela fosse minha pessoa favorita no mundo, mas meu pai me pediu para ser amável e não costumava desobedecê-lo. Olhei para o espaço vazio ao meu lado e ela pareceu surpreendida, mas aceitou o pedido silencioso e logo estava observando o céu comigo.

- É realmente bonito... - comentou.

- Um dos meus lugares favoritos na casa. - acabei dizendo sem perceber, praguejando-me internamente.

- Você não faz o tipo que admira pôr do sol. - zombou me fazendo revirar os olhos.

- E que tipo eu faço, se é que tenho um? - ela riu, e de repente sua risada não me parecia tão estúpida como as outras vezes. Não tão...

- Confesso que tive um pouco de medo quando te vi por primeira vez. - não pareceu estar zombando, mas era difícil decifrar qualquer coisa que vinha dela. Ao me inclinar para frente, apenas para encará-la mais de perto, ela riu levantando as mãos. - Que? Estou sendo sincera.

- Da primeira vez que a gente se viu foi na corrida... - disse e logo depois toda minha boa vontade desapareceu ao me lembrar do resultado. Ela assentiu de leve, percebendo minha expressão.

- E você disse algo certo... - a encarei com a sobrelanceira arqueada. - Você não tem tipo, diabinha... - sussurrou meu apelido suavemente, encarando-me com os olhos claros pelo sol.

E malditas sea, Jauregui. Você é realmente bonita.

- Não ter um tipo é bom? - quis me matar logo depois. Que diabinha eu estava fazendo flertando com aquela idiota? Só pode ter sido a cerveja. Ela sorriu torto, sem mostrar os dentes, então assentiu.

- Significa que eu nunca tinha conhecido uma mulher como você. - não sei o que tinha demais naquelas palavras, mas meu coração acelerou de repente e senti minhas bochechas esquentarem. Ela então desviou o olhar e encarou o céu novamente. - Se é que você me entende... - completou.

Seu perfil era tão oposto a sua personalidade. O piercing no nariz, o cabelo bagunçado caindo pelo rosto e a pele pálida. Quem tinha a pele tão branca em pleno sol mexicano? Lauren Jauregui guardava tantos mistérios como promessas silenciosas, e naquele exato momento minha batalha interna era decidir se eu queria decifrá-los ou não.

O que ela tinha dito mesmo?

Ah sim. Se é que eu a entendia. Oh merda, ela acabou de dizer que gostava de mulheres! Deus, claro que ela é lésbica! Não é como se fosse uma novidade...

- Sim, entendo. - disse encarando o céu também, que já estava azul. Ficamos em silêncio por um tempo, até que ela voltou a falar.

- Sua família é simpática. Um pouco diferente, mas simpática. - disse rindo, e eu acompanhei. O que? Por quê? Merda.

- Põe diferente nisso.

O silêncio se fez novamente e apesar da situação, não era constrangedor.

- Seu pai falou comigo sobre o nosso... trabalho. - e como sempre ela tinha que estragar tudo. Suspirei e me levantei, mas ela me puxou pelo braço. - Cabello... - quando a encarei pronta para me soltar, acabei ainda mais confusa. Ela estava séria, mas não como se quisesse começar uma discussão. Me soltou devagar e

olhou para o lugar que estava. Eu queria ir embora, mas acabei me sentando novamente. - Ele não sabe de nada? - perguntou, mas parecia uma afirmação. Assenti a contragosto, sem conseguir encará-la.

- Não é como se eu escondesse. Mas ele só sabe que estamos em algo ilegal. - ela assentiu e logo cruzou as mãos, passando acariciando as costas das mesmas com os polegares.

- Ele sabe sobre a chefe? - suspirei.

- Não. - por que eu estava falando com ela, mesmo? Ela assentiu e continuou encarando seus pés, para depois de uns longos minutos me encarar novamente.

- Você estava falando sério quando disse que eu podia contar com vocês caso precisasse? - franzi o cenho. Só me faltava essa agora. Mas como palavra é palavra, assenti. Ela novamente encarou a mão. - Temos muitos contatos, e ontem um deles me avisou que o Cartel de Sinaloa descobriu o novo carregamento. - disse, e apesar de não entender aonde ela queria chegar, a forma como ela me olhava era como se quisesse que eu interpretasse algo nas entrelinhas. Ontem... ela estava no bairro da virgem. Ela estava me dando uma explicação de por que estava ali? Sim, ela estava. Assenti com o cenho franzido, ainda sem entender. - O de hoje vai chegar um pouco mais tarde, devido a que eles estavam planejando nos abordar. Mas acho que não vão desistir tão fácil...

- Ao ponto, Jauregui. - pedi impaciente. Ela assentiu novamente e como se estivesse nervosa, continuou.

- Chuy disse que vocês são as melhores com os carros, e apenas nós três não será suficiente para salvar a carga de um ataque. - ela estava me pedindo ajuda?

- Você está...

- Te pedindo ajuda? - assentiu. - Eu não confio em ninguém mais do que vocês para isso. - sentenciou e parecia decidida.

- Confiar? E o que te faz pensar que eu sou digna de confiança? - perguntei rindo com desdém. - Você não me conhece, gringa. - ela riu com desdém. Com. Desdém. Agh!

- Conheço o suficiente para saber que posso confiar em você. Já te disse no dia do acordo, você valoriza a palavra e eu também.

Acabei suspirando e deixando meu corpo cair contra a cadeira.

Merda. Não estava em meus planos fazer nada relacionado ao Viceroy, mas como ela disse, eu valorizo a palavra. Levei as mãos ao rosto arrependendo-me do que ia fazer e então me incorporei novamente, ficando de pé.

- Em meia hora a gente se encontra no armazém.

Não sei se ela respondeu ou não, porque sai rápido demais para ouvir.

Fosse o que fosse aquela merda de carregamento, hoje seria nossa responsabilidade.

//

Já estamos chegando na parte quente :D

E aí? gostando?

Capítulo 9: Questão de confiança

Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Meu Deus, estou vivendo a história como vocês, e não resisti. Precisava acabar esse cap hoje e não sei se amanhã posto, provavelmente não, mas compenso postando agora!

JESUS, SE SEGUREM.

MUSICA PARA O CAP:

IN THE END - LINKIN PARK

YOU COULD BE MINE - GUNS N' ROSES (estao na playlist)

//

Meia hora depois como o combinado, todas estavam no armazém. Camila havia tomado um rápido banho para aguentar o que estava por vir. Não conhecia muito sobre o cartel de Sinaloa, apenas que eram inimigos e só. Mas inimigos do tipo perigoso.

Não teve muito que explicar as meninas. Elas deviam um favor e estavam pagando. Ponto.

Para isso haviam preparado os carros das abordagens. Ally se encarregou de encher o tanque de cada um, sendo Camila e Lauren em um e Dinah e Normani em outro. Lucy e Veronica iriam ao caminhão.

Quando o carregamento chegou, observaram que dessa vez o contêiner era menor e como de costume, o cadeado estava devidamente fechado.

O motorista era alguém conhecido, assim como os outros, apenas entregou as chaves e se foi. Antes de sair se reuniram em uma mesa que estava colocada ali. O plano da rota até o Valle estava exposto, assim como os possíveis caminhos do deserto.

- Eu não aconselho velocidade. A carga pode ser menor, mas a mobilidade continua limitada. Em caso de um ataque é melhor que o caminhão siga a frente sozinho e vocês fiquem atrás. – Allyson explicou. – como a rota tem dois sentidos, desviar dos carros vai ser um completo suicídio. Procurem manter distância e se comunicarem. – todas escutavam atentamente e quase sem piscar. – Calculo que os primeiros cinquenta quilômetros estarão livres, mas logo aqui – a loira assinalou um cruzamento das autovias no mapa – há uma grande possibilidade que eles estejam à espera. Recomendo acelerar tanto quanto for possível e que antes de chegar, vocês assumam as posições.

- Mas e se eles não atacarem por essa? – Veronica perguntou.

- Então, o que não seria nada aconselhável, eles vão esperar até a fronteira, no desvio em que vocês entram no Valle.

- Por que não seria aconselhável? O Valle é deserto e tem muito mais espaço. – Lauren questionou, ao que Allyson suspirou.

- Não é obvio? – Dinah riu com escárnio. – Justamente por ter mais espaço. Nós poderíamos desviar do ataque facilmente e o caminhão teria mais área para as manobras.

- A rota é perigosa e estreita, se eles intercederem ali, apenas um pode sair vivo. – Camila completou. As outras três se olharam.

- Como vocês sabem tudo isso? – Lucy perguntou encarando-as. Normani e Dinah sorriam, Camila revirou os olhos e Ally deu de ombros.

- Nós costumamos levar à sério qualquer missão. – a baixinha completou. – Preparadas? – todas assentiram e assim cada uma ocupou seu respectivo lugar. Normani e Camila dirigiam cada uma um dodge, com Dinah e Lauren no banco do carona. Lucy se encarregou dos armamentos, subindo ao caminhão com um rifle enquanto Veronica ocupava o volante.

Alguns minutos depois elas deixavam o armazém em direção à rota.

O caminho era silencioso. Camila e Lauren iam à frente, o caminhão atrás e logo depois Normani e Dinah escoltando-o.

Impaciente, Lauren tinha o braço direito apoiado na janela e o esquerdo em sua perna. Não parava de batucar os dedos no joelho apesar do silêncio.

- Você se importa se eu colocar música? – Camila assentiu sem desviar os olhos da pista.

A morena procurou até que finalmente achou a rádio que buscava. In The End do Linkin Park começou a tocar e de repente Lauren relaxou. Parecia concentrada finalmente, o que Camila não entendeu.

- Sério que você se concentra com isso? – a morena deu de ombros.

- Qual o problema?

- Geralmente as pessoas se concentram com o silêncio. – Lauren riu e não respondeu. Camila esperava algo parecido, já que o estilo de Lauren e as camisas que usava, sempre de alguma banda de rock, gritavam sobre seu gosto. Até que a música não era tão exagerada como Dinah dizia, que provavelmente a morena participava em rituais satânicos.

Acabou rindo ao lembrar-se da amiga que provavelmente estaria olhando-a com o cenho franzido se escutasse aquela musica.

- Que foi? – Lauren inquiriu ao ver o sorriso da latina, que deu de ombros.

- Nada. – se certificou que o caminho estava livre para então encarar a morena, olhando-a no fundo dos olhos. – Suponho que você também não tem um tipo, Jauregui. – e logo seus olhos estavam novamente na pista. Lauren também não entendeu, mas seu coração pareceu gostar do elogio.

- Cinco quilômetros.

A voz de Normani ecoou no rádio e Camila olhou uma última vez para Lauren.

- Preparada? – perguntou apertando o volante com mais força.

- Go hard or go home. – foi a resposta que Lauren deu. E então You Could Be Mine, Guns N' Roses começou a tocar.

- Go hard or go home. – Camila repetiu e acelerou sem pensar duas vezes, adiantando o caminhão e colocando-se a frente de Normani. – Posições. – Lauren disse pelo rádio e imediatamente Veronica reduziu a velocidade, assim como Normani, deixando um bom espaço entre os veículos.

O cruzamento estava há alguns metros e então todas aceleraram.

Olhando pelo retrovisor em seu lado do carro, Lauren deixou que a melodia fosse sua única preocupação, até que um SUV todo preto apareceu logo atrás.

- Chegaram. – avisou e Camila continuou acelerando enquanto passava a marcha.

Apesar da velocidade sincronizada, o veículo intruso se aproximava cada vez mais. Sua desvantagem por ter que esperar a passagem pelo cruzamento deu alguns segundos, mas eles estavam se recuperando rapidamente.

- Eles estão chegando muito rápido. – Camila avisou olhando pelo retrovisor de sua porta.

- Continua. – Então Lauren esperou atentamente, segurando o rádio na mão. – Vero, ele vai tentar te adiantar e te obrigar a parar. Mantenha uma distância com Normani e quando ele tentar entrar, você acelera e vira o caminhão para esquerda. Vamos obrigá-los a sair da pista.

- Afirmativo.

Camila não entendeu a linguagem, mas continuou acelerando como combinado.

- Se conseguirmos mantê-los na direita, terão que reduzir a velocidade se vier outro carro. – Camila assentiu. Já havia entendido o plano, mas agradeceu mentalmente por ela explicar.

E assim foi. Bastou alguns poucos metros para que então a SUV se colocasse à esquerda de Veronica e acelerasse.

A mulher seguiu as ordens e no momento certo acelerou também, diminuindo o espaço entre ela e Normani, fazendo o outro veículo desviar para esquerda novamente.

- Preciso que vocês se certifiquem dos carros que se aproximam. – foi à vez de Dinah ecoar no rádio.

- Afirmativo. – Lauren respondeu fazendo Camila franzir o cenho. – Já ouviu, Cabello.

Não que estivesse acostumada a receber ordens, mas Camila assentiu e assim o fez. Acelerou tanto quanto pôde. Alguns quilômetros depois e com os carros um pouco atrás, a rota continuava vazia.

- Merda. Não tem ninguém para cruzar esse caminho? – perguntou

mais para si.

Os quilômetros passavam e Veronica, assim como Lauren havia pedido, desviava o carro a cada nova tentativa da SUV em se aproximar, obrigando-a a ficar na contramão.

Camila avistou o desvio do Valle e estava ficando sem opções. Então teve que apelar a seu bom senso de motorista. Certificando-se de que Lauren estava com o cinto de segurança e que não havia nenhum carro atrás, a latina puxou o freio de mão sem soltar o acelerador e imediatamente o carro virou, ficando na mesma pista que a SUV.

- HOLY SHIT! – Lauren gritou assim que o carro virou bruscamente. Camila sorriu para a morena e acelerou tão forte como podia. – Cabello, que merda você está fazendo? – Lauren perguntou vendo como a SUV estava cada vez mais próxima, assim como a ribanceira ao seu lado. Se Camila não mudasse de pista, um dos carros teria que desviar e a saída era o barranco.

Mas ela confiava em seu instinto. Não desistiria nem desviaria. Era matar ou morrer. Então ela continuou acelerando, passando a marcha e sentindo a adrenalina em suas veias assim como a música.

- Camila... – Lauren segurou com força no banco e não parava de olhar pra latina e o carro a sua frente.

- Que porra você está fazendo, Mila? – Dinah perguntou pelo rádio, mas não obteve resposta.

- Lauren? – foi à vez de Lucy ecoar, também sem resposta.

- Você tem certeza? – Lauren questionou uma última vez.

- Absoluta. – então a morena assentiu entregando toda sua confiança a Camila, que continuou.

120km/h era o que o painel marcava quando elas estavam se aproximando. Frear não adiantaria nada, então ela passou a marcha e continuou.

A SUV também.

140km/h

Cara a cara, sem tempo para mais, Camila apenas fechou os olhos quando viu os faróis a sua frente.

- CAMILA! – Dinah gritou.

A última coisa que escutou foi o barulho de um carro capotando. Quando abriu os olhos viu a pista completamente limpa a sua frente, e então reduziu a velocidade. Olhou para o lado com um sorriso triunfante e Lauren estava por fim respirando.

- Estás loca! – a morena disse com um sorriso enorme, fazendo Camila gargalhar alto. Ela então reduziu ainda mais a velocidade e novamente puxou o freio de mão, colocando o carro na outra direção.

- Que merda foi essa? – dessa vez era Vero. Sua voz soava divertida, como se estivesse no mesmo êxtase que elas.

- Vocês estão bem? – Lucy perguntou. As duas se entreolharam

novamente e sorriram, respondendo juntas

- Afirmativo.

E assim ela continuou. Quando chegaram à parte em que a SUV havia desviado, pararam um momento para observar. De fato o carro estava destruído, mas devido à altura não ser muita, a probabilidade que estivessem vivos eram grandes. Ainda mais quando viram o movimento ao redor do veículo. Prova de que não havia mortos. Lauren estreitou os olhos tentando reconhecer os dois homens que abandonavam os restos do carro, mas foi inútil.

Entraram no carro novamente e entraram no Valle encontrando o caminhão e o carro parado logo ali.

Pararam novamente e desceram, sem entender o que estava acontecendo.

- Aconteceu alguma coisa? – Lauren perguntou. Veronica e Lucy estavam pálidas enquanto Dinah e Normani pareciam não entender nada.

- Nós... ouvimos vozes. – Lucy explicou. Lauren franziu o cenho e Camila arregalou os olhos encarando as amigas que deram de ombros.

- Elas pararam e a gente também... – Normani explicou dando de ombros.

- Como assim vozes? – Lauren insistiu.

- Vozes Lauren. Pedidos de ajuda, porra! – Veronica deslizava as mãos pelo cabelo e andava de um lado para o outro. – Eu ouvi, caralho! – explicava vendo a reação das amigas. Então, como se estivessem ouvindo a conversa delas, algo dentro o contêiner soou.

- Auxílio! – de fato era uma voz. De mulher. Elas se entreolharam novamente e Veronica apontou para o contêiner, como demonstrando que não estava louca.

- Que merda... – Lauren sussurrou. – Vocês sabem o que tem dentro desse contêiner? – Camila e as outras negaram veemente. Lauren olhou para Lucy e assentiu. A colombiana foi até a cabine do caminhão e apareceu com um alicate grande.

- O que vocês... – Dinah quis perguntar, mas tudo era um pouco óbvio.

- Vocês sabem usar armas? – perguntou encarando-as. Elas assentiram não muito certas, mas foi suficiente. De repente apareceram pistolas de todos os lados. Veronica cedeu uma a Dinah, Lucy uma a Normani e Lauren, a Camila, ficando cada uma delas com outra.

Enquanto Lauren e Veronica retiravam as armas das costas, e andaram até o fundo do caminhão, escoltando uma Lucy que carregava o alicate quase do seu tamanho.

Quando se posicionaram ao fundo do contêiner, todas apontaram para a porta e então Lucy se aproximou.

Posicionou o alicate e olhou para Lauren que iniciou a contagem.

- Um... dois...três. – Lucy forçou a ferramenta e o cadeado se desfez. A porta abriu imediatamente e apesar da concentração que tinham, Camila, Normani e Dinah abaixaram as armas imediatamente. Lucy que já estava colocada em posição, manteve as mãos em alto assim como Veronica e Lauren.

Mas elas estavam tão desconcertadas quanto.

- Que porra é essa... – Vero sussurrou.

Dentro do contêiner havia um total de doze mulheres. Todas sujas de sangue e com hematomas visíveis, além das mãos e pés amarrados, assim como uma fita adesiva na boca.

Camila avançou em Lauren empurrando-a pelos ombros.

- HIJA DE PUTA, COMO VOCÊ ME COLOCA EM UMA MERDA DESSA! –

Mas Lauren estava tão transtornada como ela e, abraçando-a de forma que seus braços estavam imobilizados, olhou nos olhos da latina com o maxilar rígido antes de falar.

- Eu juro por tudo que você quiser que eu não sabia nada disso.

Camila, ofegante e sem conseguir desviar os olhos de Lauren esperou por algum sinal de mentira, mas não encontrou. Não conhecia Lauren muito, mas algo ali, naquele olhar, lhe dizia que ela estava dizendo a verdade.

Então assentiu levemente e Lauren a separou.

O olhar das mulheres era de medo e nervosismo. Todas estavam ofegando.

Mas as que estavam fora pareciam mais apavoradas.

E não era para menos.

Elas tinham acabado de descobrir uma rede de tráfico de mulheres.

Capítulo 10: As Aparências Enganam

Apareceu a margarida!

Gente, juro que escrever com celular é a maior bosta! Demoro mil anos e ainda tenho que mandar pro email, passar pra wattpad e social TUDO COM CELULAR.

Exausta. Enfim. Espero que vcs gostem do cap e comentem as surpresinhas :))))
obrigada pelos votos, amanhã tem mais!!!

//

As mulheres que estavam dentro do contêiner, todas com sinais claros de abuso, algumas inclusive com as roupas rasgadas e sujas, olhavam assustadas para o grupo de mulheres que estava fora.

Para então, todas as armas estavam apontando para baixo e elas se olhavam esperando por respostas.

Lauren passou as mãos pelo cabelo e esfregou o rosto, grunhindo frustrada.

- What the fuck? - foi a única coisa que Veronica conseguiu dizer.

Camila olhava para suas amigas pedindo calma. Apesar do desejo latente de sair correndo o mais rápido possível, algo nela gritava para que ficasse. Pelas mulheres, e para descobrir quem era Lauren Jauregui.

- Lauren... - Lucy chamou a amiga, acenando com a cabeça para dentro do contêiner onde uma delas, uma mulher morena, de uns 19 anos e com o rosto coberto de sangue, era a única a estar sem a fita adesiva na boca.

- Por favor, no nos hagan daño! - pediu com um espanhol arrastado, revelando que pertencia à zona rural. Lauren então respirou fundo procurando pela calma, antes de falar.

- Meu nome é Lauren, e essas são Veronica, Lucia, Camila, Dinah e Normani. Não faremos nada contra vocês. - as mulheres se olharam, não muito certas daquelas palavras.

- Lauren... - Camila a chamou e logo todas se afastaram do caminho, reunindo-se. - Que merda você está pensando em fazer? - perguntou desconfiada. A morena olhou para o rosto de todas detenidamente e então falou.

- Precisamos de um plano.

Viceroy ficou possesso de raiva quando soube que o cártel de Sinaloa havia conseguido roubar a carga. A bronca e sermão que Lauren, Veronica e Lucy receberam fora a mais severa de todas. Segundo o capo, milhões de dólares foram perdidos com aquela graça. E para recuperar elas deveriam transportar dois contêiners ao dia, fazendo tudo mais complicado.

Porém, a entrega demoraria a chegar, pois Viceroy disponibilizaria mais escolta. Enquanto isso, ordenou que continuassem com o plano inicial.

Assim que acabaram de comunicar a notícia, Lauren se afastou para falar ao telefone com alguém. Camila observou de longe como gesticulava e parecia

nervosa, até que voltou.

- Já está tudo resolvido. - e aquela frase pareceu suficiente para Lucy e Veronica, mas não para Camila que a puxou pela braço afastando-se de todas.

- O que você resolveu, exatamente? - questionou com os braços cruzados. Lauren estava sem paciência, mas sabia que se queria a confiança da latina, precisavam trabalhar juntas.

- É uma história complicada, mas digamos que o cártel de Sinaloa comprou a ideia de que roubaram a carga. - com o cenho franzido, Camila retrucou:

- Você é a capataz de um dos narcos mais perigosos do país, e acabou de usar contatos com o cártel inimigo?

Lauren assentiu sem mais, deixando a latina ainda mais confusa.

- Você está me achando com cara de pendeja? - Lauren arqueou a sobrancelha. - Eu quero a verdade. O que você vai fazer com essas mulheres? Elas provavelmente foram abusadas e espancadas e não estão aqui por vontade própria. Não quero saber quem é seu chefe nem você, mas elas só saem daqui quando eu tiver certeza que estão a salvo! - quando percebeu estava a poucos centímetros de Lauren que não se abalou com as ameaças de Camila. Permaneceu com o cenho franzido como se ponderasse o que estava prestes a falar.

- Como você disse, sou a capataz do narco mais perigoso do país e as pessoas me devem favores. Só estava cobrando-os. Eu te dou minha palavra de que não sabia de nada disso, e que elas estarão em um lugar seguro. - Camila cruzou os braços e não se afastou.

- Para onde elas vão? - Lauren passou as mãos bo rosto pedindo por paciência.

- Eu preciso que você confie em mim, Camila.

- Para. Onde. Elas. Vão? - Lauren enrijeceu o maxilar para não fazer uma besteira e então desviou o olhar para as outras mulheres que as encaravam confusas. Parecia uma briga de casal.

- Uma denúncia anônima foi feita aos federais. Eles já estão a caminho. - Camila franziu o cenho.

- Aos federais?

- Foi o que eu disse! - e assim Lauren se dispôs a sair, mas Camila novamente a puxou pelo braço, fazendo-a retroceder a poucos centímetros de distância.

- Por que você está fazendo isso? - perguntou quase em um sussurro.

Lauren olhou a mão segurando seu braço para então olhar nos olhos castanhos que se escondiam baixo o brilho do pôr do sol, repletos de confusão. A morena engoliu seco antes de responder, ignorando que sua cabeça gritava o quão linda Camila era e estava daquele jeito. Era uma mulher de princípios.

- Você não me conhece, diabla. Eu já te disse que não sou um monstro.

- Mas você trabalha... - Lauren bufou irritada.

- As aparências enganam.

E saiu sem esperar por uma resposta.

Explicou às mulheres que estavam no caminhão que elas seriam enviadas de volta pra casa depois que os federais chegassem. Que ficassem calmas e contassem toda a verdade.

Imediatamente as sirenes começaram a soar ao longe e elas se apressaram em ocupar os carros e saíram dali o mais rápido possível.

Algumas horas mais tarde, enquanto todas estavam jantando no restaurante Cabello, o jornal anunciava que os federais haviam interceptado uma carga ilegal do cártel de Sinaloa, e que estavam esperando por mais informações enquanto investigavam.

Lauren, Veronica e Lucy continuavam sérias ocupando a mesa de sempre e com cara de poucos amigos.

Do outro lado, Camila olhava de longe a interação, distraída em seus pensamentos.

Quando o olhar de Lauren encontrou o seu, a latina não se preocupou em desviar, assentindo quase que imperceptivelmente e recebendo o mesmo gesto em resposta.

De fato, Lauren havia cumprido sua palavra. Era um ponto a favor. Arriscou seu posto e a confiança do chefe por grupo de mulheres que estavam prestes a ter suas vidas arruinadas. Mas a troco de quê? Afinal de contas, quem era Lauren Jauregui? Uma mulher que mata os traidores de seu cártel, mas salva as mulheres de ser parte do tráfico. Aparentemente, Lauren Jauregui tinha princípios, a questão era entender quando os usava.

Em meio a toda aquela tensão, o resto do dia passou sem mais novidades. Dinah e Normani contaram tudo com os mínimos detalhes para Allyson, enquanto diziam uma e outra vez que aquilo era estranho, sem falar que estiveram a ponto de ser cúmplices.

Mas Camila tinha sua mente longe.

Se Lauren havia tomado aquela decisão, por que estava tão irritada e séria? Assim que acabara de comer, a latina viu como a mulher deixava o restaurante com as outras duas e desaparecia na calada da noite.

Havia muitas perguntas e poucas respostas, e foi com essa ideia que Camila a seguiu. O carro de Lauren tinha alguns quilômetros mais a frente, mas conhecendo toda a redondeza do jeito que conhecia, Camila não teve problema em alcançá-la, mantendo uma distância razoável.

Quando Lauren finalmente parou, estava no mirador de San Juan, lugar de onde podia observar a cidade por completo. As luzes quase se misturavam com as estrelas. Mas Lauren não era idiota e havia percebido que Camila a estava seguindo.

Quando a latina desceu do carro e se colocou ao seu lado, ela nada

disse. Dedicaram apenas alguns minutos para observar tudo com calma, sentindo o vento forte no rosto enquanto se apoiavam no batente.

- É um lugar calmo. - Lauren finalmente quebrou o silêncio, mas continuava olhando o horizonte. - Gosto de vir aqui de vez em quando. - Camila então a fitou.

- Você costuma sair de Juárez pra vir até Chihuahua? - Lauren a olhou finalmente, assentindo.

- Temos muitos trabalhos na fronteira. Pelo menos três vezes ao mês estamos por aqui. - a latina assentiu e desviou o olhar novamente. Chegava a ser perturbadora a intensidade que Lauren conseguia olhá-la.

- Por que você ajudou aquelas mulheres, Lauren? - Camila finalmente perguntou, colocando-se de lado para encará-la enquanto apoiava a lateral do corpo no batente.

Lauren abaixou a cabeça e suspirou, rindo com escárnio antes de olhar para frente de novo.

- E por acaso isso importa?

- Para mim, sim. - quando Lauren a olhou, Camila quase se arrependeu de ter confessado aquilo. Mas manteve sua palavra e o olhar firme. E foi aí que Lauren ocupou a mesma postura que a latina, olhando-a de frente.

- E por que te importa? - o silêncio se fez presente. Camila pensou na resposta adequada, mas a verdade era que não havia resposta. Então ela deu de ombros.

- Eu não sei.

- Não sei qual é a ideia que você tem de mim, diabla. Mas eu não sou um monstro.

- Não é o que seu trabalho e currículo diz. - espetou arrancando uma risada baixa da morena.

- Você não deveria acreditar em tudo que dizem. - foi a vez de Camila rir com desdém.

- Falou a mulher que serve a um mafioso sanguinário que não conformado com vender droga e matar pessoas, ainda se dá o trabalho de sequestrar e forçar mulheres à prostituição por dinheiro. - Lauren negou com a cabeça já irritada.

- Você não sabe de nada! Acha que eu faço tudo isso porque quero?! - retrucou alterando a voz, mas Camila não recuou.

- Então por quê? Por que você se presta a isso, Lauren? - a morena franziu o cenho.

- Isso não é da sua conta. - Camila negou com a cabeça lentamente, indo em direção a seu carro. Mas antes de entrar, encarou a morena por última vez e disse:

- Meu pai sempre falou que os olhos são o espelho da alma. Não precisa ser muito observador para saber que você odeia o trabalho que faz. Se quer

saber por que eu não aceito os trabalhos que o Viceroy manda, é exatamente por isso. Porque eu odeio esse maldito cártel e toda a merda que ele traz ao povo.

- Então por que você serve a jefa? - questionou gritando para que ela ouvisse. Camila deu de ombros.

- Porque como você disse, quando a gente deve favor, tem que pagar.

E sem esperar por resposta alguma, entrou no carro e arrastou às pressas, saindo tão rápido de lá quanto lhe era possível.

Lauren levou as mãos a cabeça olhando pro céu, como em busca de resposta. Então não era seu pai, sua família ou qualquer aliança secreta. Camila devia um favor a la reina del sur. E por se prestar ainda a fazer aqueles trabalhos, era um favor grande. Muito grande.

Distraída com essa conclusão, a morena foi surpreendida quando seu celular tocou, mostrando o nome de Veronica na tela.

- Corrida da morte no Valle. Os federais foram avisados. - disse imediatamente. Lauren bufou do outro lado enquanto acariciava as temporas.

- E eu com isso, Vero?

- Camila e as outras estão na escala da competição.

- Merda!

Tão rápido como lhe foi possível, pegou a estrada em direção ao Valle.

Se passaram dez minutos desde que Camila havia saído a toda velocidade e provavelmente estaria chegando ao local. A morena então acelerou tanto quanto lhe foi possível na esperança de chegar a tempo.

O deserto estava, como de costume, escuro e silencioso. Pelo menos nos primeiros quilômetros. Não demorou muito para que a gritaria e o rugido dos motores se fizessem presentes ao longe, pelo que Lauren estacionou de qualquer jeito e saiu correndo em busca de Camila ou das meninas, mas não precisou de muito. Dinah estava dentro do carro de Camila enquanto ela junto a Normani e Ally estavam com Josete analisando a ruta da morte. Consistia em um caminho entre as montanhas, cuja sinalização eram bandeiras de cor fluorescente para marcar o caminho. Exigia não só a atenção máxima, como faróis baixos e destreza. O motorista devia ser rápido e cuidadoso ao mesmo tempo, pois a qualquer movimento errôneo poderia entrar na ruta errada e se perder, ou como o próprio nome dizia, acabar topando com uma montanha e morrer.

Além do mais, a ruta era estreita, permitindo que apenas um carro passasse de cada vez entre os obstáculos, sendo as possibilidades de adiantar totalmente limitadas.

Como era de se imaginar, dessa vez quem ia competir era Dinah. Josete tentava tranquilizar às outras dizendo que não era a primeira vez da loira, e que o caminho estava seguro. Mas elas não temiam pela derrota ou porque Dinah

fosse se perder.

Afinal de contas existe celular e localizador. O problema era que durante todas as competições da carreira da morte, sempre, e digo sempre, sete carros davam a largada, mas nunca todos haviam conseguido alcançar a meta.

O prêmio era grande. Dez mil por motorista dava um total de 70 mil dólares, sendo 50 o prêmio e os outros 20 comissão dos organizadores. Sem falar nas apostas. Com isso em mente, alguns levavam a sério a competição. Tanto, que não se preocupavam em tirar quem quer que fosse do seu caminho.

Apesar de ter participado outras vezes, Dinah nunca ganhou, mas pelo menos voltou.

Devido ao perigo, era organizada uma vez a cada mês, e assim como as outras, era totalmente inesperada. Uma mensagem no celular e todos deveriam se encontrar no Valle.

Lauren passava entre a multidão com pressa na tentativa de chegar até Camila o mais rápido possível. A música estava alta e as pessoas se divertiam como se de uma festa tratasse.

Quando finalmente chegou até a latina, passou no meio de todos e a encarou, praticamente sussurrando.

- Você precisa sair daqui. - Camila franziu o cenho.

- Do que diabos você está falando? - Lauren olhava para os lados apenas para se certificar, enquanto Josete e as outras olhavam pra elas.

- Você precisa sair daqui com as outras e dizer pra Dinah ir embora. - repetiu impaciente e novamente em um tom baixo.

- Por que? - retrucou desafiante e com a sobrancelha arqueada.

Lauren suspirou apertando os dentes e as mãos em punhos.

- Por que você nunca faz as coisas de primeira? - questionou irritada, mas Camila continuou igual.

- Porque eu não aceito ordens de ninguém, gringa. - não que aquele adjetivo utilizado para nomear os brancos ou americanos a incomodasse. Na verdade Lauren estava pouco se fodendo. Mas ela tinha tentado, o que aconteceria depois dali não era culpa sua. Por isso mostrou as mãos em sinal de rendição para então dar um passo atrás.

- Eu tentei te avisar. - e sem mais, saiu andando de costas olhando enquanto encarava os olhos castanhos, nas esperança de que, assim como decifrou seu ódio pelo trabalho, Camila percebesse que ela estava em perigo.

A latina continuou com o cenho franzido e aquela sensação de que algo não estava totalmente certo a invadiu novamente. Cruzou seu olhar com Dinah uma última vez, que estava atenta aos movimentos da amiga, e então olhou ao redor. Os carros estavam preparados, a garota que dava a largada também. Josete contava o dinheiro distraídamente enquanto Normani e Ally encaravam Camila, tentando adivinhar o que ela estava procurando entre a multidão.

A largada foi dada e quando a poeira baixou, bastaram dez segundos e o caos se fez. As sirenes se aproximaram a toda velocidade.

- Mierda! - disse para si quando começou a correr em direção aos outros carros. Viu de longe como Normani e Lauren entravam no carro da morena a toda velocidade, e na tentativa de pegar o outro carro, uma viatura entrou em seu campo de visão.

Estava prestes a se render quando um carro preto parou bruscamente a sua frente.

- Entra! - Lauren gritou e dessa vez a latina aceitou a ordem sem titubear.

A porta nem sequer havia sido fechada quando Lauren arrancou

cantando pneu, indo tão rápido quanto lhe era possível. Porém, a viatura lhe seguia de perto, obrigando-a a praticamente competir.

- Eu te avisei! - grunhiu irritada enquanto Camila ligava para alguém pelo celular.

- Os federais apareceram, você precisa pegar a trilha do santo e sair daí o mais rápido possível! - Lauren não ouviu a resposta, mas pelo golpe que Camila deu no porta-luvas, deduziu que não era boa. - A la mierda o dinheiro, Dinah! Saia daí agora!

Lauren a olhava pelo canto do olho. Estava mais preocupada em que a amiga não fosse pega do que com o dinheiro que havia invertido. Mas também participava apenas em corridas de grande porte. Mais uma contradição naquela mulher.

Porém seus devaneios foram interrompidos quando alcançou a saída, porém a viatura estava cada vez mais perto.

Acelerando pela autovia como diabo que foge da cruz, Lauren guiava o gran torino a espera do desvio que levava a Chihuahua. Sabia que seria inútil tentar se livrar dos policiais até então, e por isso se limitou a acelerar.

Camila olhava pelo retrovisor e repetia "vamos, vamos" constantemente.

Ao ver o desvio, Lauren se preparou para entrar e manteve a velocidade, porém pelo desconhecimento da ação, a viatura acabou passando direto, dando a elas alguns minutos de vantagem.

Entre as ruas movimentadas e a velocidade que tinham, Lauren não duvidou em entrar em um beco e estacionar o carro. Porém o deixou de frente pra saída, preparada em caso de que algo desse errado. E foi então que elas respiraram quando desligou o motor.

- Essa foi por pouco. - disse, recebendo um "sim" baixo por Camila.

- Já estava pensando em como explicaria a meus pais essa passagem pela polícia. - Lauren riu com a ideia de que, apesar de tudo que fazia, a latina ainda devia satisfações aos pais.

- Seria engraçado de ver. - completou olhando pra Camila enquanto

sorria, e para sua surpresa, a latina lhe correspondeu.

Camila ia dizer algo quando a sirene novamente se aproximou e um farol iluminou o carro imediatamente.

Foi sem pensar, ou talvez aquela coisa de que quando estamos em situações de risco ou medo, acabamos revelando nossos segredos e desejos mais íntimos.

Fosse lá o que fosse, Lauren não pensou se era certo, ela apenas puxou o rosto da latina para si, inclinando-se minimamente e a beijou com vontade enquanto tinha sua mão esquerda puxando levemente o cabelo de Camila, que apesar do susto logo correspondeu. A língua de Lauren se deliciava com cada centímetro da boca da latina, explorando com calma, deixando que seus lábios se encontrassem suavemente, porém com desejo e necessidade. Era um beijo lento, mas carregado de confissões silenciosas.

O farol então diminuiu, e porque sou eu quem conta, digo que imediatamente, mas elas não sabiam dizer em que momento, pois continuavam ali beijando-se.

A mão direita de Camila arranhava levemente o pescoço de Lauren e quando precisaram respirar, se separaram lentamente com os lábios vermelhos e ainda encostados.

- Acho que ele já foi... - Lauren disse com a voz cortada e rouca, a garganta completamente seca e o corpo aceso. Camila assentiu, porque era a única coisa que ela podia fazer enquanto se separavam, suspirando ao olhar pra frente.

Fora de longe o melhor beijo que elas haviam provado.

Mas foi apenas um modo ágil de se livrar dos agentes.

Não foi?

//

Ai meus feeeeeeeels!!

Capítulo 11: Girls Just Want To Have Fun

GENTE ESSA XOXOTA AZEDA TA BUGADA, TIVE QUE APAGAR E POSTAR DE NOVO. SE TIVER ERRO ME AVISEM. BJB BJB

Olha quem chegou!!!

Gente, estou adorando os comentários de vcs sobre a fic! é tão bom saber que vcs estão gostando que ai... fico escrevendo pedaços dos caps no cel toda hora!!

Então, continuem, viu?

Cap cheio de viadagenzinha porque amanhã é dia de HEA e não vou aparecer aqui... MAS! Já estarei com o computador e vai ser sussa escrever por esses dias, fechado?

Obrigada a todos pelos votos e comentarios! Responderei todosjaja! Chêro!

//

O dia em Chihuahua amanheceu como se o sol decidisse brilhar única e exclusivamente para a cidade. Camila não precisou do despertador porque não havia conseguido pregar o olho uma vez que Lauren a deixara em casa.

Após o beijo, ambas decidiram atuar como se tudo não passasse de um mero jeito de despistar as autoridades.

Não precisaram se pronunciar sobre aquele acordo, já que interiormente ambas pensaram "sim, foi só um beijo sem importância". Mas na verdade, a latina deslizava a ponta dos dedos pelos lábios com os olhos fechados, como se quisesse reviver o momento.

Passara a noite em claro se perguntando como alguém podia ser tão perfeita e antipática ao mesmo tempo. Lauren Jauregui era o tipo de mulher que faria Camila sentar a cabeça, se não fosse uma cretina.

Já Lauren estava nas mesmas. Tomando um café carregado para aguentar o dia, a morena se pegou sorrindo contra a xícara ao se lembrar de como fora bom e desejou internamente que houvessem outras fugas e agentes por despistar.

Parecia que o dia tinha tudo para ser perfeito. Pelo menos pra elas.

No entanto, Dinah abriu a porta com extremo cuidado para não acordar a amiga, surpreendendo-se ao vê-la sorrindo de olhos fechados. A loira então estreitou os olhos e procurou por alguém mais no quarto, sem encontrar nenhuma explicação plausível para a felicidade espontânea.

- Ok... Vou sair e entrar de novo, apenas para que você tenha tempo em pensar na resposta de por que acordou sorrindo. - Camila deu um pulo da cama assustada com a voz repentina, e então Dinah fez o que havia dito. Porém ao entrar novamente, estava acompanhada por Normani e Ally.

- Bom dia? - perguntaram com expressões confusas ao ver Camila acordada e de bom humor. A latina deu um sorriso amarelo e tinha as bochechas

coradas devido ao constrangimento de ter sido pega.

- Bom dia? - respondeu sentando-se na cama, fazendo logo em seguida um coque no cabelo enquanto bocejava.

- Ela está estranha... - Ally disse ainda com o cenho franzido.

- Eu disse a vocês! - Normani completou em um sussurro. Logo astrês começaram a discutir entre elas, como se Camila não estivesse ali. A latina então revirou os olhos e tossiu para chamar a atenção das outras, que ficaram em silêncio.

- Eu estou aqui. Posso saber o motivo dessa invasão? - as três se olharam e então Dinah se adiantou.

- Normani disse que viu a Jauregui te trazendo ontem.

- E a gente viu como você entrou no carro dela para fugir. - Ally completou. Normani sussurrou um "fofoqueira" para Dinah que lhe lançou um beijo, enquanto Camila negava com a cabeça.

- É verdade. Jauregui me ajudou a fugir dos maderos e me trouxe em casa. - disse como se não fosse nada importante. Mas logo começou a brincar com a barra do lençol.

Ok. Deixa eu explicar uma coisa a vocês. Se elas tinham algo a favor, além da fama, era a beleza. Desde pequenas todos os garotos queriam estar com elas, inclusive as garotas. E apesar do trabalho, Camila tinha uma certa insegurança quanto a relacionamentos.

Tudo aconteceu quando ela tinha 16 anos. Havia uma garota em sua sala, Olivia. Era a menina mais bonita do colégio Santa Trinidad, e dava alguns sinais confusos pra latina. Ela sorria e acenava tímida para Camila, às vezes inclusive parava para conversar, mas no dia seguinte era um cubo de gelo. Camila, que até então não sabia muito bem como se aproximar de uma garota, teve que pedir conselho a suas amigas que, como era de se esperar, a apoiaram a que chamasse Olivia para sair. E assim foi como Camila conseguiu seu primeiro encontro com Olivia. Parecia que uma bela amizade estava surgindo quando a garota lhe roubou um beijo, que logo levou a outros e outros, até um relacionamento sólido no qual o colégio todo conhecia a história. E foi em uma noite fria, como poucas vezes houve em Chihuahua, quando Camila tinha 18 anos que Olivia precisou partir. Seus pais haviam decidido tentar a sorte nos Estados Unidos, mas Olivia não queria namoro a distância, então terminou. Alguns meses depois Camila soube que a garota já estava namorando com um gringo, deixando seu coração aos pedaços.

Não foi a história de amor mais dramática, mas serviu para que a latina jurasse a si mesma que amor era problema. Olivia dizia que a amava e ela foi idiota. Do tipo que deixa na porta de casa e leva chocolates para o almoço da escola.

E foi assim que se desapegou de qualquer relação. Bom, entre aspas. Rosita ia por aí dizendo a todos que era a mulher da Diabla, mas não era como se Camila estivesse preocupada.

O ponto, queridos leitores, é que para Camila todos beijos eram iguais

e qualquer cama servia de aconchego. Até Lauren.

Voltando.

As três se olharam ao ver como Camila brincava com a barra do lençol.

- Camila... - Normani a chamou, e quando a latina alçou a cabeça mordendo o lábio elas souberam. Correram para se sentar na cama e olhavam atentamente para ela que estava cada vez mais sem jeito.

- Não é grande coisa... - disse, então as outras assentiram animando-a a continuar. - Bom... quando estávamos fugindo dos maderos, ela estacionou em um beco pra gente se esconder, mas eles nos acharam... - todas assentiram novamente. - E então ela...

- Ela... - Dinah repetiu mexendo as mãos para que continuasse.

- Ela me beijou... - disse mordendo o lábio em seguida. Ally gritou comemorando enquanto Dinah e Normani se queixavam de algo.

- Eu disse! Vocês me devem cem dólares! - a baixinha comemorou enquanto Dinah e Normani murmuravam com insatisfação.

- Como assim? - Camila perguntou confusa.

- Ally disse que você estava gostando da Jauregui e nós apostamos que não. - Normani explicou.

- Que? Gostando? Não! Ela me beijou pra despistar os federais... - então as três se olharam para logo voltar a atenção à Camila e dizer em sincronia:

- Aham!

A latina abriu a boca para retrucar, mas fechou novamente sem pronunciar nenhuma palavra. E então grunhiu.

- Argh! Fora do meu quarto!

- Nem vem! Vi você sorrindo e com os dedos nos lábios! - Dinah disse fazendo as outras pronunciarem um "uuuuu" em chacota.

- Alguém está se apaixonando... - Ally comemorou enquanto desviava de uma almofada.

- Ela é uma cretina mal comida! - Normani repetiu as palavras da latina, fingindo uma voz fina e arrancando gargalhadas das outras.

- Fora. Daqui! - disse séria, prestes a se levantar da cama e então elas saíram correndo entre risadas. Mas Camila não conseguiu fingir por mais tempo, e acabou se deixando cair na cama com um sorriso estampado no rosto.

- Ai Jauregui... o que você está fazendo comigo?

Enquanto isso no armazém, Lauren folheava o jornal enquanto Veronica beia café encarando-a, apoiada na pia da cozinha. Lucy logo entrou e, ao ver que Lauren não tinha cara de quem queria matar alguém, acenou para Vero enquanto se servia um pouco de café. Veronica sorriu arqueando as sobrancelhas sugestivamente, então Lucy encarou Lauren uma vez mais. Quando a morena percebeu as risadinhas ao fundo, levantou a cabeça com cara de poucos amigos e

então Vero disse:

- Jauregui beijou a diabla. - Lucy praticamente cuspiu o café que tinha na boca, e Lauren revirou os olhos.

- Fofoqueira! - espetou voltando a atenção ao jornal. Lucy logo ocupou a cadeira ao seu lado com os olhos brilhantes.

- Isso é verdade? - Lauren grunhiu em resposta, sem deixar de ler a notícia tão interessante a sua frente. Lucy deu um pequeno tapa no ombro da amiga, bebendo mais um sorbo.

- É, Jauregui. Dessa vez você não escapa... - Lauren preferiu fingir que não havia escutado nada, e que seu coração não estava acelerado ao se lembrar do beijo.

Então o motor do dodge ecoou e Vero olhou pela janela.

- A namoradinha da Jauregui chegou com os cavalos do apocalipse. - Lucy mateve os olhos em Lauren que, conhecendo a amiga, se segurou para não esboçar nenhuma reação. - Que favor é esse que ela, além de fazer esses trabalhos, ainda vai pra cama dessa mulher? - se perguntou e então Lauren finalmente levantou a cabeça.

- Nós não sabemos se isso é certo. - Vero mostrou as mãos, se rendendo.

- Você vai ficar defendendo ela agora que está apaixonada? Digo, porque se for verdade, teremos que dar o nome dela ao Viceroy... Não? - Lauren revirou os olhos levantando-se.

- Se ela for uma das amantes, faremos como o combinado. - Vero assentiu.

- Mas você pretende trocar mais beijos com ela ou...

- Foi apenas para despistar os federais! - Lauren retrucou imediatamente enquanto abria a porta, mas conseguiu ouvir o "aham" que tanto Lucy como Veronica pronunciaram juntas.

Ao descer as escadas de metal, observou como Camila estava novamente olhando algo no motor do carro. Não havia sinal das outras que, provavelmente, estariam no restaurante trabalhando.

A medida que se aproximava, o som dos fones se fazia mais alto. A melodia do merengue com o reggaeton e a voz de Carlos Vives era a escolhida. Lauren conhecia o estilo devido aos costumes, não que fosse seu estilo, mas acabara tendo que escutar por Lucy e Veronica. Reconheceu a música como Nota de Amor, e não conseguiu evitar olhar para bunda da latina que se remexia levemente enquanto ela olhava algo. Bastou a morena se apoiar no carro para que Camila sentisse algo roçando sua perna, levantando-se imediatamente. Quando viu que era Lauren, levou a mão ao peito e suspirou.

- Hija de la... - Lauren riu com a reação da mulher, cruzando os braços e encarando-a. A lembrança da noite se fez presente quando seu olhar desviou aos lábios de Camila, mas logo tratou de dissimular olhando-a nos olhos.

- Você vai acabar ficando surda.

- Que? - a latina gritou e então parou a música. - Desculpa, o que você disse?

- Que você vai ficar surda. - repetiu com um sorriso torto, fazendo-a fitar o pequeno ipod em seus dedos, meio sem jeito.

- Meu pai sempre diz isso.

- Seu pai sabe das coisas. - Camila assentiu e um silêncio incômodo se fez.

- Você... chegou bem? - a latina perguntou praguejando-se em seguida pela pergunta estúpida. Mas o sorriso que Lauren abriu valeu à pena. A morena assentiu com o rosto iluminado. Era estranho se sentir bem por Camila ter se preocupado em perguntar aquilo?

- Essa semana estaremos sem carregamento, mas se você precisar de ajuda com alguma coisa, é só chamar. - Lauren disse afastando-se do carro. Camila assentiu querendo pedir para que ela ficasse, mas nada disse. Lauren também esperou pelo convite, mas ao ver que não houve nenhum, caminhou de volta à escada. Camila fechou os olhos com força arrependendo-se do que ia fazer, mas soltou sem pensar.

- Aquela ajuda com o carro, ainda está de pé? - Lauren sorriu antes de se virar, ficando séria logo depois para encarar a latina, como se aquele convite não fosse tão importante.

- Claro. Você não vai se importar em que uma gringa toque seu tesouro? - brincou enquanto amarrava o cabelo em um rabo de cavalo alto. Camila sentiu o cheiro de baunilha, aceitando-o como um cheiro que combinava com Lauren. Se distraiu com o pescoço da morena e em como adoraria beijá-lo, mas logo retomou a atenção ao motor, envergonhada.

- Vamos ver do que você é capaz... - Lauren riu novamente dando um pequeno repasso na bunda da latina quando esta se curvou novamente para olhar o motor, e com um suspiro baixinho, desviando os pensamentos impuros das mil coisas que queria fazer com aquela bunda, curvou-se também para ouvir a explicação do problema.

Lá de cima, Veronica e Lucy espiavam as duas com olhares sugestivos e risadas cúmplices.

No restaurante, Rosita caprichava em uma quentinha para levar até o armazém. Fazia muito tempo que Camila andava cheia de problema e trabalho, sem tempo para visitá-la. E como Rita sempre estava em seu pé, a latina evitava aparecer no restaurante em seu horário de trabalho. Pelo menos isso era o que pensava.

A lasanha de Dona Sinuhe estava no ponto exato e junto ao suco de limão com hortelã que Sofia havia preparado, Rosita logo estava a caminho do armazém.

Quando chegou, se preocupou em abrir o primeiro botão de seu uniforme, fazendo jus a seu decote generoso. Ajeitou o cabelo no reflexo da janela,

confirmou que os dentes estavam limpos e entrou toda sorridente. Mas seu sorriso logo murchou quando viu Camila gargalhando muito próxima a uma mulher que tinha o rosto sujo de graxa. A latina logo pegou um pano e se dedicou a limpar com cuidado a zona suja, enquanto a outra mulher, que Rosita percebeu ser belíssima mesmo suja, olhava pra Camila de uma forma nada amigável.

Então ela pigarreou chamando a atenção das duas e Camila se afastou rapidamente, ficando meio tensa ao ver a mulher ali parada.

- Oi... - Rosita disse sem jeito, fuzilando Lauren com o olhar para depois sorrir abertamente para Camila.

- Oi... - a latina respondeu com um sorriso sem mostrar os dentes.

- Trouxe seu almoço. - disse mostrando a sacola. Lauren revirou os olhos e pigarreou, chamando a atenção de Camila.

- Vou subir pra terminar de limpar isso. - apontou para bochecha. - A gente se vê depois... - Camila assentiu acompanhando com o olhar a graciosidade de Lauren para subir as escadas. Quando a mulher desapareceu no andar de cima, ela se aproximou. Rosita tentou beijá-la, mas Camila se esquivou pegando a sacola.

- O que você trouxe? - Rosita bufou irritada, mas cedeu.

- Lasanha com suco de limão e hortelã. - Camila então sorriu abertamente e fechou os olhos ao sentir o cheiro da comida. - Quem é ela? - Rosita perguntou na lata, cruzando os braços e com cara feia. Camila riu deixando um beijo na bochecha da mulher.

- Uma amiga. E obrigada pela comida. Quanto é? - e bastou aquele gesto para amolecer o coração de Rosita, que tentando esconder sua alegria, disse brincando com os dedos.

- Fica por conta da casa. - Camila sorriu torto assentindo. - Te vejo mais tarde? - perguntou esperançosa. Mas a verdade era que Camila tinha outros planos.

- Não sei... - desconversou. - Te ligo quando souber, tudo bem? - a outra mulher assentiu deixando um beijo demorado no canto dos lábios da latina e saiu rebolando. Camila mordeu o lábio inferior ao ver o corpo escultural que tantas vezes fora seu indo embora, e por primeira vez não conseguiu sentir desejo.

Tinha um enorme apreço por Rosita. Sabia que era uma mulher direita e feita pra casar. daquelas que te esperam acordada e te levanta com o café da manhã pronto. Do tipo que lhe é fiel até com o pensamento e se entrega por completo. Rosita merecia alguém que a amasse da mesma forma, mas Camila não era esse alguém.

Camila pegou a sacola e subiu para deixar a comida na cozinha. Vero e Lucy acabavam de sair para fazer algo, mas Lauren continuava perdida no andar de cima. Camila deixou a comida na mesa e foi ao banheiro para lavar as mãos, e como não estava acostumada a ter companhia na hora do expediente das outras, abriu a

porta de vez. E acabou encontrando uma Lauren sem camisa, apenas de calça e um sutiã preto rendado. A latina precisou segurar a respiração quando seus olhos foram aos seios da morena.

- Des-desculpa! - disse levantando o olhar imediatamente. - Eu não sabia que você... - Lauren deu de ombros e se virou novamente, continuando a passar a mão no rosto para limpar a sujeira.

- Sem problemas. - Camila pressinou os olhos com força e encarou as costas definidas, mas não de forma exagerada, e completamente branca da mulher. Percebeu a tatuagem de uma libélula na nuca, e desejou beijá-la.

Na verdade desejou muitas coisas, mas preferiu sair imediatamente de lá. Porém, parou na porta e virou-se minimamente.

- Você tem almoço? - perguntou. Lauren a olhou pelo espelho antes de responder.

- Estava pensando em ir no restaurante...

- Tem bastante comida, se você quiser... - a morena sorriu sem deixar de limpar a bochecha nem de olhar pra latina.

- Te vejo daqui a pouco. - Camila assentiu e deixou o banheiro respirando fundo.

Acabou lavando as mãos na pia da cozinha.

Enquanto preparava os pratos, talheres e copos, Lauren entrou já vestida e devidamente limpa.

- O cheiro é bom. - Camila sorriu sem mostrar os dentes.

- A lasanha de dona Sinuhe é a melhor lasanha que você vai experimentar na vida.

A morena apenas riu e ocupou uma das cadeiras. Camila sentou-se ao seu lado, dividindo a comida e servindo o suco. Lauren estava prestes comer quando a viu juntando as mãos.

Sem jeito e baixo o olhar da latina, a morena repetiu o gesto escutando atentamente a oração.

- Deus, abençoe este alimento com sua graça, assim como aqueles que colaboraram para que essa refeição estivesse aqui. Amém.

- Amém. - Lauren repetiu imediatamente. Havia ficado com os olhos abertos admirando a ação. Camila parecia mais simples e despreocupada. Então ela esperou para que Lauren desse a primeira garfada, e quando a viu fechando os olhos e praticamente gemendo de prazer, sentiu-se realizada.

- Santa mierda! - exclamou de boca cheia. Camila sorriu satisfeita e então finalmente passou a comer.

Lauren degustava a comida como se acabara de voltar de uma guerra. Não precisaram trocar nenhuma palavra, o simples fato de estarem ali compartilhando aquele silêncio.

Camila, apesar da pressa de Lauren, foi a primeira em acabar. Enquanto bebia o suco

com os cotovelos apoiados na mesa, observava os movimentos de Lauren por cima do copo.

Quando a morena acabou e percebeu que Camila a estava olhando, logo sentiu-se coibida, e seu rosto corou levemente. No canto dos lábios tinha um pouco de salsa, mas ela não sabia como avisar, então preferiu ignorar.

- Obrigada. Estava muito boa mesmo... - Camila abaixou o copo um pouco e sorriu.

- Eu disse que era a melhor...

- Sim, você disse. - Lauren estava um pouco nervosa.

A verdade é que o fato de Rosita ter aparecido incomodou, apesar que um pouco. Não que ela estivesse apaixonada, mas de fato havia algo. Principalmente depois do beijo. As duas pareciam dispostas a se deixarem levar... mas até aonde era a questão.

- Por quê o cártel? - a latina perguntou sem mais. Lauren suspirou, pois aquela não era precisamente a conversa que esperava. Então a olhou como se quisesse lhe dizer algo. E no fundo queria... Se era verdade que os olhos eram o espelho da alma, ela esperava que a latina pudesse desvendar aquele segredo. Mas logo, como mandava o protocolo, desconversou dando de ombros.

- Às vezes, na vida, a gente faz escolhas, e depois tem que arcar com as consequências. - Camila assentiu fitando seu copo vazio... e então a olhou profundamente.

- Você se arrepende de algo?

- Que eu tenha feito trabalhando no cártel? - a latina assentiu.

- Mais do que consigo suportar, às vezes. - foi a vez da morena fitar os dedos que estavam brincando em cima da mesa. - Mas não é o tipo de coisa que eu costumo pensar. - Camila entendeu a mensagem de que aquele não era um bom assunto, e preferiu deixar de lado. - Por que os carros? - dessa vez a pergunta teve um sorriso torto como resposta.

- Meu pai. - confessou apreensiva. - Ele correu durante um tempo, até que precisou cuidar da gente. Todas as lembranças que tenho estão relacionadas a um carro, competição ou uma oficina. - Talvez eu seja a consequência das escolhas do meu pai... - Lauren assentiu, entendendo mais daquela suposição do que Camila podia imaginar. - E você me deve uma revanche. - disse estreitando os olhos. A gargalhada de Lauren ecoou na cozinha fazendo a latina sorrir quase que automaticamente.

- Você nunca vai esquecer disso, huh?

- Não até ter minha revanche. - Lauren assentiu enquanto seu sorriso ia desaparecendo, então Camila, sem conseguir evitar, levantou a mão esquerda e, meio que duvidando, a levou até o canto dos lábios de Lauren, limpando a sujeira.

O toque foi sutil, e quando Lauren viu a mancha vermelha nos dedos dela, envergonhou-se limpando a boca sem jeito.

Ambas ficaram sem jeito. Parecia um ato íntimo demais. Então, em

uma terrível tentativa de melhorar o incômodo de serem duas adultas incapazes de processar, e aceitar, o que seus corpos estavam dizendo no momento, Camila começou a recolher as coisas lentamente e Lauren logo se prontificou a ajudá-la.

Primeiro levaram os objetos sujos até a pia. Camila se encarregou de lavá-los enquanto Lauren limpava a mesa em silêncio, praguejando-se por não saber como reagir.

Quando acabou, pegou o pano que estava pendurado e se dedicou a secar os pratos com cuidado. Pensou no cheiro de Camila, nos lábios. Em como havia ficado feliz ao ver a reação da outra mulher quando entrou no banheiro e a viu sem a camisa.

Talvez o beijo não havia sido só um mero despiste. Na verdade ela já havia aceitado que não. Só restava saber se Camila pensava do mesmo jeito. Distraída, Lauren não percebeu quando a latina acabou tudo e apoiou o quadril na pia, ficando ao seu lado. Lauren então guardou o último prato e a fitou.

Percebeu como os olhos da latina se desviaram a seus lábios e logo a seus olhos novamente. Também percebeu que os cílios de Camila eram finos e longos, e seus olhos debaixo deles eram quase um convite a fazer alguma besteira.

E quem não vive de besteira na vida?

Pensando nisso foi que Lauren, meio dubitativa, levou a mão a cintura de Camila, atraindo-a para perto e afastando-se minimamente, de forma que a menor ficou entre ela e a pia.

Não precisavam de palavras. Tudo estava entre os olhares, a expectativa. Então Camila mordeu o lábio inferior minimamente ao ver como Lauren a puxava contra si com um pouco de força, mas nada exagerado. Logo, a morena se aproximou um pouco mais, encostando-se lentamente, para enfim beijá-la devagar.

Quase que instantaneamente, Camila levou os braços aos ombros de Lauren, usando as mãos para puxar o cabelo da morena.

A intensidade aumentou. Elas ladeavam a cabeça para que os movimentos fossem mais profundos, mas não pareciam desesperadas. Pelo contrário, estavam deliciando-se e dessa vez não havia nenhuma desculpa. Queriam e ponto.

Quando o calor foi dominando seu corpo, Lauren se atreveu a levar as mãos a bunda da latina, apertando-a com força. Tanta, que a levantou do chão, colocando-a sentada na pia.

Camila abraçou a cintura da maior com as pernas, e sentiu as unhas não tão grandes de Lauren arranhando suas costas. Passou a puxar o cabelo da morena com mais força e a beijar sem tanta calma.

E tudo estava perfeito demais, bom demais, se não fosse pelo celular que tocou no segundo seguinte, fazendo-as pararem.

Lauren apoiou sua testa na de Camila e suspirou frustrada.

- Atende. - foi a única coisa que a latina disse com a voz cortada, arrependendo-se assim que viu a identificação.

Era a chefe.

E o problema não era exatamente a interrupção, que também. Mas o fato dela pedir para Lauren ir até sua casa.

No fundo Camila não queria dar asas a sua imaginação, mas chegada a aquele ponto e conhecendo a mulher para quem trabalhava, sabia exatamente o que podia significar.

E foi sentindo-se uma idiota como ficou na cozinha vendo Lauren desaparecer pelo armazém, indo a casa da mulher.

As horas se passaram. Não muitas, talvez uma ou duas. Ou nem sequer isso. Mas Camila estava andando de um lado para o outro sem saber por que estava tão irritada com aquilo.

Afinal, o que ela esperava? Lauren era apenas uma mulher, não era para tanto.

Ou sim?

Al carajo.

Quando deu por si já estava a caminho da casa da chefe, estacionando um pouco mais afastada.

Quando olhou pela janela da cozinha, não viu movimento nenhum.

- Mas o que eu estou fazendo? - praguejou-se em um sussurro.

Estava prestes a sair quando enfim viu a mulher em uma camisola vermelha de seda, tão curta que mais parecia uma camisa.

Tinha os cabelos soltos e uma bata do mesmo tecido e cor cobrindo-a minimamente. Mas o pior foi ter que aceitar que aquilo não era uma loucura quando Lauren apareceu em seu campo de visão. Do ângulo em que estava, viu como sua chefe deslizava o dedo indicador pelo braço de Lauren até segurar sua mão. Depois elas se inclinaram, mas Camila não quis ver o resto.

No fundo ela tinha razão.

Lauren Jauregui era uma cretina.

Não demorou muito para entrar no restaurante cuspidando fogo e com a cara de quem queria matar mais de um.

Foi então que Dinah se aproximou e, depois de muito insistir, conseguiu arrancar uma confissão da amiga.

A loira se limitou a servir um shot de tequila que Camila não precisou de ajuda pra tomar.

Preferiu ficar calada encarando o pequeno copo. Tão distraída que não percebeu quando Lauren entrou completamente feliz por vê-la ali sentada.

Animada, a morena se sentou ao seu lado, mas quando viu a reação da latina, franziu o cenho.

- Está... tudo bem? - Camila riu com escárnio dando dois tapas fortes no balcão.

- Está tudo ótimo, Jauregui. - e foi assim como se levantou e deixou o

lugar as pressaa, fechando a porta sem nenhum cuidado. Lauren franziu o cenho e encarou a barra vazia.

Quando Dinah a viu, saiu logo da cozinha indo ao balcão.

- Uma corona, por favor. - Lauren pediu, e a loira colocou a metade do corpo sobre a barra, apoiando as mãos.

- A barra está fechada. - Lauren franziu o cenho e então um caminhoneiro foi até o balcão para pagar a conta que Dinah cobrou com um sorriso.

- Oh, coloque mais uma corona pra levar. - Dinah assentiu e logo pegou a cerveja no freezer, abrindo-a para o homem. - Obrigada.

Lauren estreitou os olhos pra loira que sorriu de forma falsa.

- A barra não estava fechada?

- Pra você, sim.

E foi assim que Dinah a deixou e voltou pra cozinha.

Lauren preferiu não se preocupar com o que havia acontecido e voltou para o armazém querendo saber se estava tudo bem com Camila. Mas a latina tinha a música estupidamente alta enquanto trocava o óleo do dodge. Lauren a chamou uma vez. Duas. Fez gestos pra que a latina tirasse os fones, mas Camila a ignorou completamente.

- Ei! - Lauren se colocou a sua frente e puxou o fone, recebendo um olhar ameaçador como resposta. - Eu estou falando com você!

- E eu estou te ignorando. - Camila novamente colocou o fone e foi até o carro, colocando o óleo. Lauren novamente caminhou até ela, puxando-a de forma brusca e retirando os fones.

- O que aconteceu? - a latina respirou fundo, controlando-se para responder.

- Nada.

- E por que você está me ignorando? - Camila novamente riu com escárnio, negando com a cabeça.

- Cretina. - sussurrou dando as costas a morena que dessa vez era quem respirava pedindo forças. Então a puxou com mais agressividade ainda, jogando-a de costas contra a porta do carro e espalmando as mãos na lateral do corpo, impedindo que a latina tivesse opção de fuga.

- Você ficou maluca?! - Camila perguntou com o cenho franzido.

- Oh, tenho certeza que não falta muito pra isso acontecer. Fala de uma vez! - Camila tentou sair, mas Lauren a empurrou com o quadril.

- Me solta. - disse com os dentes apertados.

- Não. Pelo menos não até você falar.

- Eu só vou falar mais uma vez. Me. Solta. - Lauren ofereceu seu sorriso mais cafajeste antes de retrucar.

- Ou se não, quê? - Camila devolveu o mesmo gesto, porém com falsa inocência. Não pensou duas vezes em levantar a mão com o galão de óleo derráma-lo sobre a cabeça de Lauren que fechou os olhos.

Em questão de segundos o líquido cobriu a morena por completo, mas ela não se afastou.

- Você vai se arrepender de ter feito isso. - Camila começou a gargalhar. Lauren deu um passo para trás e finalmente fechou as mãos em punhos. Mas quando ela se aproximou novamente, a latina ficou séria de repente.

- O que você... Lauren... - advertiu, mas a morena também estava rindo. E foi assim como ela carregou a latina em um ato súbito, colocando-a sobre seu ombro direito e levando-a até os fundos onde ficava uma garagem improvisada, completamente suja de graxa e óleo devido ao conserto dos carros.

Camila esperneava e batia nas costas de Lauren, mas ela não se abalava. Continuou andando a passos firmes e então colocou latina em uma poça de óleo, água e barro.

Suja da cabeça aos pés e xingando de todos os jeitos que sabia, Camila praguejou todas as linhagens anteriores de Lauren, que era quem estava gargalhando.

- Isso é pra você aprender a não brincar comigo, Cabello.

E a morena saiu direta ao banheiro tentar se limpar.

Não serviu de muito, mas foi suficiente para tirar o excesso e não sujar seu carro até chegar à pensão.

Durante o caminho se perguntou por que havia sido tão idiota em achar que tudo estava indo bem. Camila era tão babaca quanto antes, e o melhor era ela se concentrar no trabalho.

Assim que chegou, precisou de quase duas horas para tirar todo aquele cheiro e líquido do cabelo, além de ter jogado sua roupa fora.

Dedicou outras duas horas a limpar as botas e o banheiro, lembrando-se a cada segundo de seu propósito. Quanto antes acabasse com o trabalho, antes estaria longe da louca da Cabello.

Camila passou pelo mesmo processo, porém não conseguiu evitar as burlas das amigas e da própria família.

Profundamente irritada, ela estava decidida a ficar tão longe quanto lhe fosse possível da outra mulher.

Mas como a vida tem muitas artemanhas, Lauren também gostava de mexer no carro para se acalmar. Não sabia muito, mas limpá-lo era um de seus passatempos favoritos. A ajudava a pensar e esclarecer suas idéias.

Dinah, por sua vez, perdeu no jogo dos palitos e teve que ir até o armazém para verificar os carros e alarmes. Quando ouviu a melodia de Highway To Hell, logo soube de quem se tratava.

Aproximou-se e se apoiou na parede com os braços cruzados, observando como Lauren limpava o carro que já estava mais do que limpo.

A morena tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo e cantava a música baixinho. Quando acabou, Somebody To Love começou a tocar. Lauren

grunhiu e largou o pano para mudar a música quando viu a sombra pelo canto do olho, e no segundo seguinte desenfundou a arma das costas apontando para Dinah, que levantou as mãos e deu um pulo para trás.

- Sou eu, louca! - disse.

Lauren revirou os olhos e ativou novamente o seguro da arma, guardando-a.

- Dá próxima vez, avise. - disse e logo mudou a música. Smells Like Teen Spirit e a calma renasceu. Dinah se aproximou, mesmo sem ter sido convidada. Quando Lauren a viu parada um pouco mais perto, largou o pano novamente e se colocou a frente da loira.

- O que você quer? - perguntou ríspida.

- Eu perdi cem dólares por sua causa. - Dinah disse estreitando os olhos enquanto a analisava de cima a baixo. Lauren franziu o cenho e Dinah revirou os olhos. - Uma aposta de que você é a Camila... já sabe...

- Eu e a Camila...? - Dinah estalou a língua negando com a cabeça.

- Eu estava começando a gostar de você, Jauregui. Podia pelo menos ter feito meus cem dólares valer á pena. - suspirou frustrada e deu as costas para sair. Mas Lauren estava cansada e irritada. Primeiro Camila e agora a babaca da melhor amiga. Então ela correu até a loira que a esperou na porta.

- Do que você está falando? - Dinah riu com escárnio.

- Se quer ser uma cretina, é problema seu. Mas não se faça de idiota nem se meta no caminho da minha família, ou eu juro que...- Lauren repirou fundo e então deu um passo a frente. Com os dentes trancados e as mãos fechadas, falou:

- Do que diabos você está falando, Dinah?

- De como você beijou a Camila e logo foi se esfregar na cama da jefa! - e mais uma vez sua língua tinha sido mais rápida. Lauren franziu o cenho em confusão, incrédula.

- Quem te falou isso? - Dinah cruzou os braços e levantou o queixo. Lauren acariciou as temporas e foi direto ao carro. Pelo menos já sabia o que estava acontecendo.

- Pra onde você vai? - Dinah gritou ao vê-la guardando as coisas na mala e entrando no carro. Quando Lauren parou ao seu lado, abriu a porta do carona para que ela entrasse.

- Vamos resolver isso.

Dinah não estava muito certa, mas obedeceu e alguns minutos depois estava na porta da sua casa. Não precisou chamar, pois Camila estava saindo pelo portão e ao vê-la chegando com Lauren esperou por uma explicação.

Enquanto a morena se apoiava em seu carro com os braços cruzados, Dinah se aproximou da amiga.

- A filha do Marilyn Manson quer falar com você. - Camila revirou os olhos e estava prestes a ignorar a amiga e entrar no carro, quando a mesma a puxou

pelo braço. - É sério, Mila. Você deveria ouvi-la pelo menos. - Camila arqueou a sobancelha e logo se aproximou sem responder a Dinah.

Lauren desencostou do carro e se perguntou para onde ela estaria indo aquela hora. Pelo perfume e a roupa combinando, pra uma corrida que não era.

- O que você qu...

- De onde você tirou que eu tive algo com sua chefe? - disse sem rodeios. A latina abriu a boca e fechou várias vezes, mas nada saiu. Estava consternada por ter sido pega. Mas fez uma nota mental de matar Dinah depois. - Foi por isso que você fez aquela cena toda no armazém? - a latina levantou o queixo e cruzou os braços.

- Não, e não sei do que você está falando.

Lauren deu um passo a frente, perdendo a paciência.

- Camila... Eu não sei o que te falaram, mas...

- Ninguém me falou nada, Jauregui. Eu mesma vi você e ela! - devolveu mais ríspida do que esperava. Lauren franziu o cenho.

- E o que você viu exatamente?

- Vi como ela estava seminua na sua frente e vocês se beijavam! E não é que isso seja da minha conta, mas você podia ter a decência de... - foi interrompida pela mão da morena em sua boca.

- A parte do seminua eu não nego, mas o beijo é impossível.

- Deu dão de bedi explicação! - Lauren tirou a mão para que ela pudesse falar direito. - Eu não te pedi explicação! - espetou afastando-se.

- Claro, você preferiu me ignorar e armar uma cena!

- Porque eu vi você beijando ela depois de ter me beijado! - gritou exasperada e logo passou a mão pelo cabelo. - Olha... - suspirou retomando o controle. - Não me importa o que você fez ou deixou de fazer, apenas... fique longe de mim. - estava prestes a sair quando Lauren a puxou pela mão, abraçando-a.

- Por que você tem que ser tão teimosa? - os olhos da latina se prenderam aos verdes de Lauren, e inevitavelmente deslizaram a seus lábios.

- Porque...sim. - respondeu em um sussurro, e Lauren adquiriu o mesmo tom.

- O que você viu foi uma tentativa vulgar de sedução. Eu não tenho nada com ela, Camila.

- Não... não me importa. - Lauren sorriu torto.

- Então por que você despejou um litro de óleo em mim e me ignorou? - Camila deu de ombros sem conseguir se afastar, apesar do aperto de Lauren ser leve.

- Eu...

- Você...

- Eu não sei. - disse com o cenho franzido.

- Serve de algo se eu disser que talvez o que você achou que era um beijo, foi apenas ela me entregando isso? - com a mão livre retirou um pedaço de

papel amassado do bolso e mostrou para Camila, onde havia um endereço anotado. Apesar de tudo, Camila estava muito presente na vida da chefe e conhecia cada uma das suas propriedades. E aquele endereço anotado no papel não pertencia a nenhuma. - O próximo carregamento chega depois de amanhã e o cártel de Sinaloa não vai comprar a ideia do roubo de novo. - explicou. Camila assentiu sentindo-se aliviada pela verdade. Lauren queria beijá-la. Céus. Ela queria muito beijá-la. Mas não sabia se era o certo, então deu um passo para trás, afastando-se minimamente.

- Consegui o último pedaço da melhor lasanha do mundo para jantar. Você...- ia terminar a frase quando a latina engoliu o nó em sua garganta antes de interrompê-la.

- Eu já... tenho planos.

- Ah... - Lauren disse sem graça. - Tudo bem. - sorriu sem mostrar os dentes, passando a mão pelo cabelo. - Então... a gente se vê... - Deus, ela se sentia uma completa babaca. Havia ido até ali para dar satisfações a alguém que estava prestes a se encontrar com outra. Definitivamente, ela não sabia o que estava fazendo com sua vida.

Camila se limitou a assentir, sentindo-se a pior pessoa do mundo. Havia ligado para Rosita assim que saiu do banho, decidida a esquecer qualquer coisa que pudesse envolver a morena dos olhos verdes. Mas saber a verdade, que Lauren havia ido até lá para se explicar e o convite...

Agora quem era a cretina?

Quando o gran torino desapareceu na escuridão da pista, ela se apressou em entrar em seu carro e ir até a casa de Rosita que não estava muito longe dali.

A mulher a recebeu com uma camisola preta e quase transparente, cheirando a amêndoas e com um sorriso estampado.

Mas durante o caminho todo e cada segundo ao lado de Rosita, ela sentia que não era justo para nenhuma das duas.

Depois de muitas lágrimas e súplicas, Camila finalmente conseguiu que a mulher entendesse que o melhor seria colocar um fim naquela coisa que elas tinham.

Rosita custou, mas se havia algo nela era dignidade. E se era isso que Camila queria, então era esse o fim.

Camila saiu de lá aliviada, mas ainda se sentia uma completa idiota. Talvez...

Não. Ela não...

Mas o que custava?

Então ela arriscou. Foi até o armazém e sentiu o alívio tomar seu corpo quando viu a luz da cozinha acesa. Subiu as escadas de dois em dois degraus e respirou fundo ao parar na porta, dando dois toques. Ouviu um "entra" meio mau humorado e sorriu para si antes de abrir a porta encontrando uma Lauren emburrada encarando a lasanha em seu prato.

- Ainda tem um pedaço da melhor lasanha do mundo? - disse com um sorriso tímido. Quando Lauren alçou a cabeça, teve que reprimir sua alegria com um suspiro, assentindo levemente. Apontou para cadeira a seu lado e Camila logo a ocupou. Havia duas garrafas de Corona vazias, e a lasanha ainda estava intacta.

- Só tem esse... se você não se importa em compartilhar. - Lauren disse meio sem jeito.

- Assim está perfeito. - a morena sorriu e ao perceber o olhar da latina para cerveja vazia, se apressou em pegar mais duas na geladeira e abri-las.

Brindaram e olhando uma nos olhos da outra deram o primeiro gole.

Não sabiam exatamente o que estavam fazendo.

Mas que diabos, nós sim.

Capítulo 12: I Want It That Way

Cheguei!

Sem muito o que dizer, só agradecer pelos comentários e pelo carinho de vocês! ESTOU MUITO FELIZ QUE A FIC TENHA UMA RESPOSTA TÃO BOA! OBRIGADA MESMO, CONTINUEM COMENTANDO QUE TÁ LINDO!

BOM, PARA ESSE CAP RECOMENDO QUE VOCÊS ABRAM A LISTA MARAVILHOSA QUE EU CRIEI NO SPOTIFY E PROCUREM AS MÚSICAS QUE APARECEM, MAS ESPECIALMENTE "I WANT IT THAT WAY E BYE, BYE, BYE"

Sim, essas. Vocês vão entender :) Vai ficar mais engraçado se vocês escutarem, sério. Na parte que Lauren pegar o iPod da Camila vocês já preparam elas, na ordem.

Chêro!

//

No dia seguinte, as más línguas comentavam que a Corrida da Morte seria naquela noite. Como acabara sendo cancelada com a aparição dos federais, os competidores seriam os mesmos e não seria necessário pagar a inscrição. Mas como elas sabiam, era apenas um rumor, porém isso não significava que ficariam despreparadas.

Depois do jantar, Camila e Lauren passaram a noite conversando sobre coisas completamente triviais. Desde segredos sobre seus carros preferidos ou os que algum dia queriam ter, até seus filmes preferidos. Nada aconteceu, nem houve nenhum assunto comprometedor, afinal nem elas mesmas sabiam o que estava acontecendo.

Já era de madrugada quando se despediram fechando o armazém e cada uma seguiu seu caminho.

Um abraço e um beijo no rosto bastaram para que a despedida fosse feita, mas no fundo foram dormir incompletas.

Quando acordaram, como de costume Dinah, Normani e Ally foram para o restaurante trabalhar enquanto Camila estava no armazém trocando algumas peças do carro, que seria o que Dinah usaria para competir.

Enquanto isso, Lauren estava na pequena cozinha com Veronica e Lucy.

- O que nós vamos fazer com esses carregamentos? – Lucy questionou. Lauren tinha alguns papeis em suas mãos, todos sobre o tal endereço que a chefe lhe dera.

- O cartel de Sinaloa não vai aceitar a responsabilidade sem ter a carga... – Vero disse.

- E o Viceroy não vai aceitar mais erros. – a colombiana completou. Lauren suspirou assentindo, pois no fundo sabia que elas tinham razão.

- O único jeito é acabar com o fornecedor. – As outras duas a olharam

com o cenho franzido e Lauren deu de ombros. – Essas mulheres tem que sair de algum lugar, e também deve haver algum modo delas chegarem a esse lugar. – elas assentiram começando a entender. – Se conseguimos fechar a casa do fornecedor, então ele não terá carregamento.

- Pelo menos por enquanto... – Lucy disse suspirando. – Não acredito que estão se prestando a isso... – Vero deu um leve aperto em seu ombro.

- Sabemos que pra eles isso é só mais uma forma de ter dinheiro. – explicou, mas aquilo não tirava a indignação de sua mulher.

- Os federais devem começar uma investigação a fundo em breve, precisamos ser mais rápidas que eles ou acabaremos com a responsabilidade. Esse é o local de onde elas procedem. – retirou o endereço do bolso da calça e o colocou sobre a mesa. – Encontrem uma via segura para chegar até lá sem que eles saibam ou percebam. Preparem um plano de evacuação e amanhã de manhã, antes que o caminhão chegue para levá-las, faremos uma visita. – as duas assentiram. Veronica pegou o endereço e Lucy a pasta que estava nas mãos de Lauren.

- Como você sabe que essa mulher não tem nada a ver? – a colombiana perguntou olhando os dados que constavam no papel.

- Porque ela me deu o endereço.

- Mas ela deu achando que era uma ordem do Viceroy. – Vero retrucou.

- Ela não é a amante oficial dele por nada, meninas. Ela sabe muito bem que ele não pediu. – explicou enquanto amarrava o cabelo e se preparava para sair.

- E então por que ela te deu se sabia que você estava mentindo? – Lucy perguntou quando ela já estava na porta. Lauren olhou por cima do ombro antes de sair.

- Quid pro quo. Em breve saberemos o preço desse favor. – e saiu fechando a porta.

- Você acha que ela vai pedir algum favor sexual? – Vero perguntou com os olhos brilhando, mas recebeu como resposta um tapa na nuca. – Ai, amor! – reclamou levando a mão à zona. Continuou resmungando enquanto Lucy continuava olhando os papeis. A colombiana direcionou um olhar reprovador e Vero imediatamente se calou, concentrando-se em sua tarefa.

Lá em baixo, Lauren olhava apoiada no portão dos fundos, como Camila dançava bachata com a mangueira de óleo. Se pegou sorrindo ao ver como a latina dava giros e se sentia em uma verdadeira pista de dança.

A música, como percebeu, não estava tão alta como de costume. Camila usava o macacão de sempre com uma regata branca bastante ajustada. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto deixando seu fino pescoço à mostra.

Linda.

Em um dos giros acabou se assustando ao ver a morena observando-a.

- Santa mierda! Algum dia você ainda vai me matar de susto! – disse retirando os fones. Lauren riu aproximando-se, vendo como o Dodge tinha o capô aberto e estava sem rodas. Impressão minha ou você mudar o óleo desse carro todos os dias?

- Na verdade uma vez a cada três meses, mas ontem eu acabei usando o óleo para outra coisa. – disse com a língua entre os dentes. Lauren revirou os olhos lembrando-se do acontecido. – Estão comentando por aí que hoje será a Corrida da Morte. O verão está chegando e os ventos estão trazendo mais areia pro Valle. Isso nos obriga a ter que mudar todas as rodas e fortalecer o motor. Para não atolar, já sabe... – explicou sorrindo sem mostrar os dentes. Lauren assentiu surpreendida pelos detalhes. Nunca havia visto alguém levar tanto à sério uma corrida ilegal.

- Você acha que ela vai ganhar? – perguntou se apoiando no carro. Camila deu de ombros colocando a mangueira no depósito.

- Ninguém pode saber. Todos os competidores são bons. Ela conhece a rota, o que nos dá uma vantagem, mas uma vez que os carros estão lá, depende de cada motorista.

- O nome é bastante descritivo. – Camila assentiu suspirando.

- Na última apenas cinco dos sete cruzaram a linha de chegada. A cada edição fica mais complicado, mas eu confio nela.

- Por que vocês participam? – Camila pareceu ficar tensa e a encarou fixamente. – Digo, se você não se importa em responder...

- É uma longa história. Mas... não é por diversão. – Lauren assentiu levemente, entendendo que não era um bom momento para conversar sobre aquilo e então se desencostou do carro rapidamente.

- Vou deixar você acabar com os ajustes... – Camila assentiu sentindo seu peito apertar. Gostava da companhia de Lauren. Na verdade, a queria por perto o tempo todo. Mas da última vez fora ela quem pediu que a morena ficasse, e seu orgulho não lhe deixava fazer outra vez. Lauren esperou pelo convite saindo a passos lentos, sentindo-se inútil por não saber o que fazer. – Bom, se precisar de ajuda estarei lá em cima. – Camila, que estava de costas e pronta pra tirar a mangueira sorriu, mas logo ficou sério ao se virar e aparentou desinteresse.

- A verdade é que tenho que colocar os quatro pneus... se você não estiver fazendo nada... – Lauren negou sorrindo. – Tem um macacão no armário do banheiro.

Rapidamente Lauren optou por se trocar. Por sorte, o ocorrido com o óleo a fez levar uma muda de roupa em uma mochila, por tanto ficou com a mesma camisa branca com as mangas cortadas. A estampa era uma mulher com um cigarro na boca, parecia Marilyn Monroe, mas estava tão desgastada que poderia ser qualquer uma.

Quando desceu, Camila já estava colocando o pneu dianteiro da parte direita. Mostrou os outros e as ferramentas assim que a viu chegar, e Lauren logo se

ocupou do traseiro do mesmo lado.

O silêncio não era incômodo, mas era a única coisa que havia além dos parafusos e ferramentas que elas pegavam do chão. Então a latina tirou os fones do iPod, ligando o pequeno aparelho ao som do carro a través do Bluetooth.

A melodia suave de I Say a Little Prayer ecoou fazendo a latina mexer a cabeça ao compasso. A voz impactante de Aretha Franklin fez Lauren sorrir e reconhecer a música imediatamente.

- Pensei que o bom gosto dos Cabello tinha ficado com sua mãe... – provocou fazendo Camila revirar os olhos.

- Saiba que eu herdei algo mais que a beleza e o talento para cozinhar. E quem escolhe as músicas do restaurante sou eu. – Lauren fez uma careta como se não acreditasse e então Camila jogou o pano que estava em sua perna na mulher, que o pegou no ar, rindo audivelmente. – É sério!

- Impossível que você conheça essas músicas do nada... – insistiu.

- Talvez ela e o meu pai tenham muita influência no meu gosto musical... – confessou fazendo Lauren apontar o indicador para ela como se dissesse "viu aí".

- Nesse caso, acho que você herdou algo mais que a beleza mesmo... – Camila sentiu suas bochechas esquentarem ao ouvir o elogio, sorrindo envergonhada. Lauren desviou o olhar para o parafuso que estava encaixando, sentindo-se idiota por dentro. Quando tempo fazia que não flertava com uma mulher? Mais do que qualquer um poderia imaginar. A verdade é que seu trabalho tomava todo seu tempo.

O silêncio se fez presente outra vez. Camila já tinha acabado, mas fingiu estar apertando os parafusos até que Lauren acabasse, para que assim as duas pudessem ir juntas ao outro lado.

Mas logo a melodia salsera se fez presente e Lauren enrugou o nariz ao ouvir a voz de Marc Anthony. Camila deu um sorrisinho travesso, olhando a reação da morena pelo canto do olho. Agora Quién era uma das músicas preferidas de Sinuhe. Na verdade qualquer música de Marc era a favorita da matriarca. Adorava colocá-lo todos os domingos bem cedo, enquanto preparava a comida no quintal da casa.

Por diversas vezes fora a banda sonora de seus momentos ao lado de Alejandro, que costumava tirá-la para dançar na frente das filhas, deixando-a completamente envergonhada.

Lauren, apesar do gosto especial, não pôde ficar quieta. Seu pé logo estava batendo ao ritmo da música no chão enquanto encaixava o pneu.

Lauren foi a primeira a acabar, levantando-se e indo até o pequeno freezer que havia nos fundos, onde pegou uma garrafa de água.

A música continuava soando e ela logo avistou o aparelho responsável por isso. Sorriu contra a garrafa e caminhou até o mesmo.

Camila estava se levantando quando viu a morena com o iPod na mão.

- O que você...

- Vamos ver os segredos que você esconde, Cabello.

A latina arregalou os olhos e correu até Lauren. Se você quer saber os segredos de alguém, vá até a lista de músicas mais reproduzidas. Lauren logo abriu a lista de todas as músicas. Havia mais de mil, e então começou a deslizar o dedo pela tela. Camila tentava tirar o aparelho da mão dela, mas com o braço livre a impedia de se aproximar. Então Lauren abriu a boca em descrença.

- Não pode ser!

- Me dá isso logo, Lauren! – Camila pediu, mas Lauren começou a rir, dando play na música.

Primeiro o violão, mas Camila não precisou escutar o "Yeeeeeah" para saber de quem se tratava.

- Camila Cabello gosta dos Backstreet Boys! – disse em deboche.

Quando a música começou a tocar, Lauren se afastou aumentando o volume. Camila estava com os braços cruzados e cara de poucos amigos. Logo o refrão começou, mas para surpresa da latina, Lauren começou a cantar

- Tell me why, ain't nothin' but a heartache. Tell me why, ain't nothin' but a mistake. Tell me why, I never wanna hear you saaaaaaay, I want it that way!

Quando a segunda parte começou, Lauren estava mais do que emocionada com a letra e Camila gargalhava com a desempenho da morena, que estava dando tudo de si para imitar a boyband.

- Am I, your fire? Your one, desire? Yes I knooooow, it's toolaaate, but I want it that way!

A morena se aproximou pegando a mão de Camila enquanto repetia o refrão da música e fechava os olhos cantando, usando o iPod como microfone.

Camila não conseguia tirar o sorriso do rosto pela idiotice de Lauren, surpreendida por ver aquele lado que ela jamais pensara presenciar. Então, cansada do espetáculo, Lauren abriu a boca novamente ao ver outra música na lista, colocando-a.

- Lauren, não! – Camila advertiu, mas a morena tinha os olhos abertos e o lábio inferior entre os dentes quando Bye, Bye, Bye do NSYNC começou a tocar. Lauren se afastou e começou a dançar ao ritmo da música de olhos fechados. Camila escondeu o rosto entre as mãos, mas seu sorriso continuava ali.

Foi então que o refrão se aproximou e ela levantou o rosto a tempo de ver como Lauren executava a coreografia perfeitamente.

Foi então que Camila gargalhou ainda mais alto, divertindo-se verdadeiramente com o pequeno show. Lauren logo a acompanhou deixando a música rolar e um pouco envergonhada.

Não saberia explicar o que a fez fazer tudo aquilo. Há muito tempo não se deixava levar e apesar da idade, aquelas mesmas músicas eram o sucesso

quando estava saindo do colégio. Havia um lado em Lauren Jauregui que conseguia ser engraçado, foi o que Camila pensou.

Antes que a música pudesse acabar, Lauren devolveu o aparelho a Camila que o aceitou. Lauren estava prestes a recolher as ferramentas do chão quando se aproximou de Camila.

- Se você contar isso pra alguém, vou negar até a morte. – e piscou o olho fazendo a latina rir ainda mais, até suspirar ao vê-la abaixando-se para pegar os objetos.

Seu coração acelerou sabendo que era uma daquelas pequenas coisas que presenciaria de Lauren de forma exclusiva, e desejou que houvesse muitos momentos como aquele.

Ela não sabia o que era, mas algo tinha mudado.

Foi exatamente as 21h30minh daquele mesmo dia quando todos os celulares na agenda de Josete receberam o aviso de que as 23h00minh se realizaria a Corrida da Morte.

As meninas logo estavam se arrumando e preparando-se para ir ao Valle. Camila tinha o celular na mão e estava parada na porta pensando se deveria ou não chamar Lauren para que fossem com elas.

Quer dizer, convenhamos. Se cada uma fosse por seu lado, se encontrariam para dizer um "oi" e depois cada uma para um canto. Ela queria a companhia de Lauren, queria tê-la perto e a queria na festa de comemoração que sempre acontecia depois da corrida.

Mas como convidá-la? Passaram a tarde toda entre risadas e discussões sobre direção, truques para que o carro desse o máximo de si e outras coisas, mas não houve beijo ou sequer uma tentativa.

Havia guardado o número da morena e tinha sua janela no whatsapp aberta. A foto de Lauren era ela sentada no capô do carro, admirando o pôr do sol no mirador de San Juan. O céu estava alaranjado e ela estava como de costume. Toda de preto e com seus óculos escuros.

Foi quando, para sua surpresa em sua tela o "on line" mudou imediatamente para "escrevendo...". A latina se apressou em sair da conversa e fechar o aplicativo quando o celular vibrou avisando.

Lauren: Cabello?

Camila jogou o celular na cama assustada. Como diabos?

E agora, o que ela ia fazer?

Normani entrou no quarto na hora e fez uma careta confusa ao vera amiga com a cara pálida. Camila fitava o celular e estava mordendo o lábio.

Mani estreitou os olhos e correu para o aparelho, pegando-o.

- Uuuuuu, alguém está trocando mensagenzinha com a Jauregui! – debochou. Camila revirou os olhos suspirando. – Que foi? – a latina deu de ombros. –

Você não vai responder?

- Eu estava tentando falar com ela quando de repente foi ela que falou comigo!

- E qual o problema? Isso é mais uma prova de que vocês precisam se pegar! – a latina se sentou na cama, jogando o cabelo para trás com a mão. – Responde. – a morena estendeu o celular para Camila que negou com a cabeça. – Camila... – a latina suspirou.

- Eu não sei o que está acontecendo!

- Responder seria uma boa forma de saber, não acha? – foi quando Dinah e Ally entraram rindo no quarto e ao ver o semblante sério das outras duas, arquearam a sobrancelha.

- Algum problema?

- A Jauregui mandou uma mensagem e Camila está se mijando nas calças para responder.

- Normani! – Camila bufou cruzando os braços.

- Já estão assim, é? – Ally implicou.

- Quantos anos vocês tem? Esperava isso da Sofia e do grandão, mas de vocês? – Dinah revirou os olhos pegando o celular.

- Dinah o que vo... – a loira levantou o indicador pedindo um momento para amiga e começou a digitar freneticamente. Logo depois, bloqueou a tela e jogou o celular para Camila. – Agora vamos que eu ainda quero me preparar!

E assim, saiu jogando o cabelo para trás acompanhada por Ally e Normani.

Camila se apressou em desbloquear o celular e como temia, Dinah havia respondido a Lauren.

Camila: Jauregui! Te espero na entrada do Valle para irmos juntas?

Lauren: Estou lá em 20.

A latina respirou fundo sentindo seu coração acelerar. Foi até a porta, mas antes de sair se olhou por última vez no espelho, mexendo no cabelo e analisando seu look. Usava um top cropped de manga larga na cor amarela, uma calça jeans escura com os joelhos rasgados e estava usando seus coturnos de salto. A maquiagem dessa vez era mais visível.

É diábala, parece que você encontrou seu inferno particular.

Novamente o cenário era de carros, música alta e muita gente. O Valle parecia estar ainda mais cheio. Cada vez que a polícia aparecia era um incentivo a mais para que todo mundo assistisse ao acontecimento. Jovens de todas as idades já estavam bebendo, rindo, conversando e na expectativa para o grande momento da noite.

Como o combinado, Lauren estava estacionada na entrada esperando por elas.

Apoiada no carro, a morena usava seu traje favorito. Coturnos pretos, calça preta,

uma camisa da cor granate [n/a: vinho] e sua jaqueta de couro. Normani estacionou o Dodge que usavam nas missões, agora sem as jantes como suporte, enquanto Dinah parou para que Camila descesse e logo foi para seu lugar. Ally, que estava no carro com Normani, optou por deixar as outras duas a sós.

Lauren sorriu quando a latina se aproximou, olhando-a dissimuladamente de cima a baixo. Camila estava simplesmente linda.

A latina jogou o cabelo para trás e usou a melhor de suas caras de mau humor, sorrindo apenas quando se aproximou de Lauren o suficiente para que, juntas, caminhassem até o lugar da largada.

Algumas pessoas comentavam, reconhecendo as duas. Outras sorriam e acenavam para elas, mas Camila estava nervosa demais fingindo desinteresse.

Quando Josete viu as duas se aproximando, fez uma cara de interrogação para Camila que assentiu como se dissesse "depois te conto". O jovem deu de ombros e continuou a conversar com as garotas que tinha ao redor. Finalmente elas chegaram até as outras. Dinah estava apoiada no carro atendendo aos conselhos de Ally.

Normani estava apreensiva. Na verdade sempre que Dinah corria essa era sua reação. E era mais complicado ainda dissimular, já que costumava ser a calada e paciente do grupo. Dinah constantemente a olhava, pois interiormente encontrava na morena sua tranquilidade. Todo mundo ao redor parecia saber o que ambas sentiam, e inclusive elas sabiam. O problema era o medo de aceitar a verdade: estavam completamente apaixonadas uma pela outra.

Lauren observava atentamente como as três começaram a dar conselhos e instruções a uma Dinah que, se estava nervosa, dissimulava perfeitamente.

Logo foi o momento da largada e a loira teve que ocupar seu lugar no carro depois de abraçar as amigas.

Camila foi a última em falar com ela, aproveitando para se abaixar ao lado do copiloto.

- Ganar o ganhar, pendeja. – disse e recebeu um aceno em resposta. Dinah colocou o carro ao lado dos outros.

Segundo a análise de Allyson, o único perigoso era o Honda NSX preto, cujo dono e motorista era o jovem Reikon "el líder". Representava uma das gangues do Latin King e queria o respeito das pistas também. Conseguiu se inscrever na corrida depois de levar todos os torneios individuais. As pessoas começavam a falar do garoto como uma nova promessa, e havia dito abertamente que a Diabla e suas amigas eram seu alvo. Era um fanfarrão e adorava se gabar, mas no fundo, tinha motivos para isso. Era realmente bom e ousado. Depois de ver como os traficantes matavam sua família, passar por vários orfanatos e matar seu melhor amigo para entrar na gangue, medo era uma palavra desconhecida para o menino de 21 anos.

Dinah estava cantando a parte de Nicki Minaj em "Feeling Myself"

baixinho quando a jovem encarregada de dar a largada com seu sutiã se colocou na frente dos carros. Essa era sua forma de se concentrar, segundo ela.

Três.

Dois.

Um.

O sutiã tocou o chão e a poeira se fez presente. Camila sentiu o aperto em seu ombro e não precisou olhar para saber que era Lauren. Enquanto isso todos estavam sérios e em silêncio. Alguns carros abriram a mala para mostrar os televisores acoplados, de onde poderiam assistir a corrida devido ao sistema de câmeras que haviam colocado no circuito.

Como era de se esperar, Reikon liderava com uma Dinah concentrada logo atrás. Os carros iam a fila para facilitar o recorrido e com o farol baixo. A qualquer momento o sinal de curva apareceria e deveriam agir rápido.

A 90km/h a areia e a escuridão dificultavam a vista, e foi quando o primeiro túnel se aproximou. Reikon acelerou e Dinah também.

Quarta.

110km/h.

O túnel estava colocado por debaixo das montanhas. Mas não era um caminho único. Vários desvios levavam a lugares diferentes do deserto e eles precisavam manter a rota além do controle, caso contrario a montanha podia desabar em suas cabeças. O caminho, por tanto, era mais estreito. E foi quando a loira desviou o carro para esquerda na tentativa de conseguir a liderança na entrada, mas o jovem foi mais rápido e, depois de acelerar, entrou primeiro.

- Mierda! - golpeou o volante segurando-o com força e mantendo o pé no acelerador.

Reikon seguia as placas com atenção, desviando virando sempre no último momento.

O último carro ficou para trás quando, em uma das curvas, acabou perdendo o controle e o carro encontrou com a "parede" de frente.

Agora eram apenas seis.

O túnel e os quilômetros passavam, Reikon continuava na liderança. E foi naquele momento que Dinah viu o sinal avisando que a saída estava a pouco mais de trezentos metros. A partir dali teriam que dar a volta e fazer o mesmo caminho pelo outro lado. Quem conseguisse a liderança naquele momento, praticamente tinha o prêmio.

Dinah esperou pacientemente trocando a marcha, e quando chegou a saída, viu como o Honda NSX saltava tamanha a velocidade.

Quinta.

A loira se segurou com força e também sentiu o Dodge sair disparado, quase voando.

Mas havia uma vantagem em trabalhar para o cartel. Ela estava

acostumada aos tuneis e ao espaço reduzido.

A loira puxou o freio de mão e manteve a direção do volante para direita. Reikon, devido a velocidade, acabou passando direto e teve que frear para fazer a curva. Com essa manobra, Dinah parou justo na frente da entrada que levava ao caminho de volta e então acelerou.

Estava novamente a 110km/h e aumentou o farol para ver a sinalização e os suportes.

Pelo retrovisor viu a pequena distância que havia conseguido. Não sabia quantos carros estavam atrás, mas tinha certeza que Reikon continuava ali.

Foi então que, concentrada com a primeira curva, sentiu um forte golpe na traseira que se não fosse por sua destreza, tinha encontrado a parede.

- Filho da puta!

Olhou pelo retrovisor e novamente o garoto acelerou indo direto a seu encontro. Mais um golpe e o carro derrapou pela curva, mas ela conseguiu mantê-lo no último momento.

Quarta.

125km/h

O Dodge não aguentava mais, e frear não serviria de nada naquele momento. Manteve a distância esperando pela placa que avisaria a saída.

- Vamos, vamos! – apertava o volante sem deixar de olhar pelo retrovisor.

Reikon estava próximo novamente e talvez ela não aguentaria mais um golpe.

Foi quando a bendita placa apareceu.

100 metros.

- Sim!

Quinta.

A loira saiu endemoniada do túnel, novamente sentindo o carro se elevar com a velocidade.

Quarta.

Manteve os 125km/h e pelo que pôde contar, restavam apenas quatro carros.

Reikon estava se aproximando, mas agora estava mais preocupado em impedir que os outros carros conseguissem desviá-lo, deixando o caminho quase que livre para uma Dinah que mudando a marcha com força, aumentou os faróis para avisar de sua chegada.

Quinta.

A multidão já estava perto assim como o som alto.

Camila apertou o braço de Lauren ao ver que os carros se aproximavam. Ela só queria ter certeza. Lauren abaixou o olhar sentindo a força da latina, mas não reclamou.

Ally tinha as mãos juntas, como se estivesse rezando. Normani as

mãos na cintura e mascava o chiclete rápido demais.

- Vamos, pendeja! – Camila sussurrou até que finalmente reconheceu a parte da frente de seu carro.

Segundos depois o Dodge cruzava a linha de chegada e elas estavam pulando. Ally abraçou Normani e, na euforia do momento, Camila pulou no pescoço de Lauren que a recebeu girando-a no ar.

Dinah freou o carro levantando toda a areia e saiu correndo indo em direção a Normani que foi a primeira a recebê-la.

Enquanto isso Camila continuava abraçada a Lauren. As duas se encaravam sorrindo e olhando uma nos olhos da outra.

Tudo havia mudado.

qtGDo



Capítulo 13: La Invitación

Hellouuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuus!

Aff, hoje fiz papel de escrava e limpei a casa toda. Aí fui dormir cedo, super cansada e inventei e ouvir a playlist da fic.

MALDITA HORA!

Mil ideias na cabeça e tive que levantar pra escrever.

Espero que gostem.

Pra leitura ficar melhor recomendo que vocês escutem as músicas que aparecem. Estão todas na playlist e vou deixar a ordem por se alguém quiser preparar:

Trini Dem Girls

Do It Again

Californication

Quisiera

Highway To Hell

A Thousand Miles

//

Um dos costumes das corridas do Valle era a festa que acontecia depois de cada torneio. Para o vencedor, era o momento em que todos queriam uma foto, conversar ou parabenizar. Para o resto, bebida e gente por conhecer.

O lugar escolhido dessa vez foi à beira do Río Papigochi. Uma cabana improvisada com uma carpa e freezer era o lugar de onde as bebidas saíam. Caixas de som ecoavam por todo o lugar as músicas escolhidas por uma mulata com a metade da cabeça raspada e o resto do cabelo trançado. Trini Dem Girls havia sido a primeira música escolhida pela mesma para ambientar o lugar.

Os carros estavam estacionados ao longe e as tochas junto com alguns balões que continham velas dentro davam um ar de luau ao lugar. Exceto porque era um rio.

Detalhes.

Algumas pessoas dançavam, outras conversavam e os mais

apaixonados aproveitavam a temperatura alta da primavera para dar renda solta ao desejo.

Dinah estava desfrutando da popularidade, mas no fundo estava radiante mesmo por ter conseguido o prêmio. Cada competição elas escolhiam uma representante, dependendo do circuito, para participar. Ganhar era algo mais que ter o dinheiro. Era manter a confiança, estar à altura de tudo que representavam uma para outra.

Normani estava mais do que orgulhosa da amiga, assim como Ally. Mas a morena tinha cara de poucos amigos ao ver como a maioria das pessoas se insinuavam para loira. Ally observava tudo bebendo uma piña colada, e escondia o riso cada vez que Normani revirava os olhos quando Dinah parava para dar atenção.

Pelo lado de Dinah, cumpria com sua "obrigação", mas estava especialmente feliz e queria estar com elas. Bom, desculpando Camila que estava conversando com Lauren e mostrando como tudo funcionava.

Enquanto todos optavam por drinks assim como Ally, Dinah, Normani, Camila e Lauren desfrutavam de uma Coronita com sal e limão.

E assim a festa continuou e começou a esquentar quando Lauren e Camila finalmente se reuniram com as outras e Josete enviou uma garrafa de José Cuervo e copos.

- Pela rainha do Valle! - Normani disse levantando o pequeno copo. As outras imitaram o gesto quando Dinah abriu um sorriso enorme ao receber o elogio, recebendo uma piscadela de Normani. Brindaram, provaram o sal que estava na mão, beberam e finalmente chuparam o limão. Lauren fez uma careta de desgosto devido ao gosto forte e as outras, já acostumadas, riram do ato.

- Pelo jeito a gringa só bebe cerveja! - Dinah espetou e Lauren revirou os olhos. - Seus pais não te ensinaram a beber tequila? - Lauren deu um largo trago na cerveja para se desfazer do sabor enquanto negava com a cabeça.

- Eu sou americana. - as meninas franziram o cenho. Camila ladeou a cabeça sem entender.

- Americana? - Lauren assentiu bebendo novamente. - Mas você é uma cubana nata. - a morena riu.

- Minha mãe é cubana, conheceu meu pai e foram para os Estados Unidos, e foi lá onde nasci. - elas assentiram entreolhando-se.

- Pelo menos o sotaque ela ensinou... - Ally judiou arrancando risadas de todas. A verdade era que o sotaque de Lauren era arrastado demais, tanto que chegava a ser engraçado quando ela comia o "s" nas palavras.

- Sempre soube que gringa era o apelido perfeito para você! - Camila disse estalando a língua. - De que parte?

- Miami. - todas fizeram um "uuuuuu" em coro.

- Cubanos... - Normani debochou estalando a língua.

- Qual o problema? - Lauren perguntou com o cenho franzido.

- Qualquer lugar do sul está repleto de boricuas, dominicanos ou porto-riquenhos. Parece que formaram uma nova colônia na Flórida. - Lauren revirou os olhos.

- Não costumo passar muito tempo ali... - vendo que o assunto ficava cada vez mais pessoal, a morena se adiantou em mudar o rumo da conversa. - E não é como se vocês fossem mexicanas natas! - Normani apontou para Lauren, como dando a razão.

- Boa observação, gringa. Mexicana nata aqui só Allyson. - a baixinha que já estava um pouco alta, acenou com a mão. - Camila é metade cubana e metade mexicana. - Lauren arqueou as sobrancelhas com a informação. - Eu, como você pode perceber, também não sou daqui, e Dinah, ainda estamos procurando a procedência. - se aproximou um pouco para cochichar, mas alto suficiente para que todas escutassem. - A achamos na lata do lixo. - Dinah empurrou a morena sutilmente, rindo envergonhada.

- Polinésia. - Lauren assentiu.

- Então vocês não são familiares? Digo, de sangue. - se apressou em corrigir.

- Claro que sim! Ally e eu somos irmãs gêmeas, ou você ainda não percebeu nosso parecido? - Normani ironizou puxando Ally para um abraço, arrancando uma gargalhada das outras. - Claro que não, Jauregui. Mas a vida tratou de fazer o resto. - e essa foi à única explicação que Lauren recebera, mas era suficiente por enquanto.

O assunto continuou sobre coisas aleatórias, algumas vezes elas compartilhavam alguma ou outra aventura e a bebida nunca acabava.

Motivo pelo qual Normani estava tão brincalhona e falante. Além da vitória, a bebida tinha a morena bem feliz e falando pelos cotovelos. Dinah também já dava sinais de "alegria" rindo um pouco mais alto do normal.

Mais um shot de tequila, depois outro e Lauren também já estava começando a se sentir do mesmo jeito que elas, e decidiu parar.

Um tal Fênix se aproximou para conversar com elas, mas a morena não estava se sentindo bem e pediu licença, indo um pouco mais afastada para que o ar fresco lhe ajudasse com o mal estar.

Perto do estacionamento havia alguns troncos de árvores cortados que serviam de banco. Lauren se sentou em um deles e aproveitou para ver o brilho da lua refletida na água e ponderou muitas coisas em sua vida.

Em primeiro lugar, que por primeira vez estava infringindo uma ordem de seu chefe. Havia matado e torturado alguns homens, custodiou por incontáveis vezes a entrega de toneladas de droga, inclusive acompanhava o capo em suas negociações. Mas os homens que matou ou eram narcos que não pagavam a dívida, ou haviam cometido algum crime contra o cartel. Nunca eram inocentes nem pobre coitados. Apesar de o prato forte ser a droga, nunca havia nem sequer encostado em um cigarro em toda sua vida e Viceroy era seu chefe, por tanto sua obrigação

também era protegê-lo.

Mas todos os dias, se lembrava do olhar assustado daquelas mulheres e garotas amarradas e lastimadas dentro daquele contêiner como se fossem animais indo a uma exposição. E provavelmente os animais teriam melhores condições.

Era uma decisão importante, mas apesar de tudo, Lauren Jauregui tinha um código ético: nada de mulheres ou crianças. E assim como ela, Veronica e Lucy também. Por isso já tinham tudo preparado para invadir a casa, ou bordel como suspeitavam, onde de alguma forma conseguiam aquelas mulheres.

Por outro lado estava Camila Cabello. Começava a entender porque a denominavam "la diablo". A mais jovem aparecia em seus sonhos no meio da noite do nada, fazendo-a acordar ofegante e suando. Cada vez que havia movimento no armazém corria para janela na esperança de que fosse ela. Repetia os beijos que trocaram uma e outra vez em sua cabeça e simplesmente não entendia. Ela não escolhia pensar em Camila, mas ultimamente não sabia fazer outra coisa.

Mas ela não podia esquecer-se de sua missão. Ela tinha que começar a investigar as amantes da jefa para seu chefe, e se a latina estava entre elas... Melhor não pensar nisso agora.

E melhor mesmo, porque Camila se aproximou ao vê-la sentada com os pés cruzados e o olhar distraído.

- Ei, você. - disse envergonhada com as mãos no bolso da calça.

Lauren sorriu sem mostrar os dentes, sinalizando o lugar ao seu lado. Camila logo se sentou olhando a lua imediatamente. - Hermosa... - sussurrou. Lauren se limitou a desviar o olhar para o rosto da mulher, admirando-a para então responder:

- Sim. Hermosa... - mas ela não estava falando da lua precisamente.

Pouco tempo depois, Camila, que não havia percebido nada a olhou.

- Está tudo bem? - Lauren assentiu.

- Fazia muito tempo que não bebia assim... - Camila riu suavemente.

- Na verdade você nunca havia provado tequila...

- Certo. - voltaram ao silêncio e uma jovem gritando enquanto o, aparentemente namorado, a levava correndo para água chamou a atenção das duas. Pela gargalhada da garota quando finalmente foi jogada, elas também sorriram.

- Não é estranho? - Camila perguntou fitando-a. Lauren franziu o cenho. - A gente vive sem saber o que o dia seguinte trará. Conhecemos pessoas da maneira mais aleatória possível e sem saber como nem por que, elas acabam adquirindo uma grande importância nas nossas vidas. - Lauren engoliu em seco, assentindo.

- Às vezes a gente tem que enfrentar alguns demônios na vida, apenas pela possibilidade de encontrar um anjo que faça tudo valer à pena. - Camila estreitou os olhos e acabou rindo. - Ei, é sério! - a latina aumentou o tom da risada, levando a mão à boca. Lauren acabou sorrindo com o som, e então ficou séria. - Sua risada é um dos melhores sons que eu já escutei.

Camila ficou séria e suspirou. Não esperava pelo elogio, nem Lauren em fazê-lo, mas suponho que o álcool era uma boa justificativa.

Camila desviou o olhar, encarando o rio envergonhada. Suspirou novamente e então passou a perna por cima do tronco, ficando assim de frente para Lauren que, não entendeu, mas fez o mesmo. Camila colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha e começou a arrancar a casca do tronco.

- Por uma dívida. - disse sem olhar para Lauren que arqueou a sobrancelha sem entender. Mas Camila não levantava a cabeça, então Lauren usou os dedos da mão esquerda para levantá-la pelo queixo. - O motivo de a gente competir. É por uma dívida. - Lauren assentiu com o cenho franzido, animando-a a continuar. - Há dois anos um dos terra tenentes do cartel de Sinaloa estava comendo no restaurante e uns sicários chegaram para matá-lo. Entre o tiroteio o restaurante acabou destruído e o dinheiro não foi suficiente pra reforma. Meus pais acabaram com uma dívida muito alta, e o restaurante era nosso único sustento, então eles colocaram a casa a venda.

- E foi então que você conheceu la reina del sur... - concluiu. Camila assentiu e deu de ombros.

- Naquele momento eu só queria ajudar meus pais e manter nossa casa. Não pensei muito nas consequências.

- E entre o pagamento estavam os trabalhos? - a latina assentiu.

- No começo ela quis que nós entrássemos para o cartel, mas nós não queríamos estar nesse meio, então eu lhe ofereci mais um trato. Os trabalhos seriam fáceis, dentro do que cabe, em troca de um valor fixo cada mês.

- Quanto? - Camila franziu o cenho.

- A prestação?

- A dívida.

- Seiscentos mil. - Lauren arregalou os olhos. - Mas já pagamos quase a metade. Com o prêmio de hoje conseguiremos pagar a prestação.

- E o que acontece se vocês não pagam? - a latina suspirou.

- Então não podemos escolher o trabalho.

- Quanto falta? - Camila riu com escárnio.

- Mais da metade. - Lauren passou a mão pelo cabelo e suspirou. - Para correr precisamos dos carros em perfeitas condições. As peças, os arranjos para o motor e os pneus, tudo isso é um investimento e não podemos usar o dinheiro todo dos prêmios para pagar, então dividimos. Somos quatro e três corremos pelo menos duas vezes no mês.

- Mas nem sempre as corridas tem prêmios altos. - Camila assentiu.

- Por isso só aceitamos duelos ou a Corrida da Morte.

Finalmente tudo fazia sentido.

A latina estava envergonhada por finalmente ter contado a verdade, mas para Lauren era um alívio, além de um peso maior em sua consciência por não

estar sendo totalmente sincera com a menor.

- É muito nobre da parte de vocês fazer isso. - disse com um meio sorriso. Camila deu de ombros e olhou pra cima. Odiava ver a compaixão nos olhos dos outros, mas Lauren não a olhava desse jeito. Parecia admirada e... culpada? Algo do tipo.

- É a família. Eles são tudo que eu tenho.

- Eles têm muita sorte de ter você. - novamente olhando para baixo, Camila acabou sentindo a mão de Lauren encaixar em seu pescoço, obrigando-a a olhá-la nos olhos. A morena havia se aproximado um pouco mais, como se fosse beijá-la. A latina desviou os olhos aos lábios de Lauren, entreabertos e molhados. - E eu também por poder fazer isso...

Antes que ela pudesse perguntar, a morena a tomou em um beijo lento e intenso, desviando a mão do pescoço ao couro cabeludo de Camila, onde puxou levemente para que levantasse o rosto um pouco mais e a com a mão direita livre, a levou até a cintura da menor, puxando-a mais para perto.

Camila aceitou o gesto ladeando a cabeça para uma maior profundidade e logo levou as mãos ao pescoço de Lauren, que deslizou as mãos então para suas coxas e atraiu a latina ainda mais para si, de forma que as pernas da mesma ficaram sob as suas.

Camila puxava o cabelo de Lauren levemente, aproveitava para morder o lábio da morena cada vez que precisavam respirar e não parava, em momento algum, de beijá-la ou de corresponder.

O sabor da tequila misturada com a cerveja era quase inebriante. Seu cérebro só conseguia emitir a mensagem de que "elas estavam se beijando", por muito tempo, e cheias de gestos carinhosos como selinhos, o deslizar dos narizes nas bochechas e algum que outro sorriso entre os beijos.

Quando se distanciaram minimamente, ela aproveitou para manter sua testa apoiada com a de Lauren, suspirando baixinho. Lauren a abraçou forte, deslizando as unhas por debaixo do top de Camila e a fitou.

- Você está acabando comigo, Cabello. - confessou. Camila sorriu com os olhos fechados, perdendo-se nas carícias que lhe provocavam arrepios.

- Você também está acabando comigo, Jauregui.

- O que você vai fazer amanhã? - a latina abriu os olhos e encontrou as esferas verdes tão perto, que pôde distinguir as diferentes tonalidades que tinham. E eram incríveis.

- Você está me propondo um encontro? - Lauren deu de ombros.

- Talvez. - Camila se afastou minimamente, estreitando os olhos.

- Essa é sua forma de tentar me conquistar? - Lauren se aproximou minimamente para usar seu tom provocador, sussurrando a resposta.

- Está funcionando? - Camila acabou com o resto da distância, roçando seus lábios com os da morena ao responder.

- Talvez. - Lauren sorriu contra os lábios da latina e se entregou ao beijo novamente, sentindo a língua da menor entrando em sua boca sem a menor cerimônia.

Um pouco mais afastadas, mas na mesma sintonia, Dinah e Normani dançavam ao som de Do It Again. Ally estava de longe observando tudo, apreensiva com a proximidade que as duas estavam tendo.

Com o tumulto das pessoas e alguns empurrões, Dinah acabou com as mãos na cintura de Normani que a olhava um pouco ofegante. A morena foi à primeira em desviar os olhos aos lábios de Dinah, que logo fez o mesmo. Deram um passo à frente, ambas ofegando sem nem sequer estar fazendo tanto esforço. Talvez pela ansiedade de finalmente estar naquela situação.

Foi assim que, em algum momento de toda aquela tensão sexual, elas estavam separadas por alguns míseros centímetros, e da mesma forma que Dinah deslizou o braço um pouco mais, unindo os corpos e em uma tentativa urgente de que a morena não pudesse desistir. Normani deslizou as mãos pelos braços de Dinah até que finalmente apoiou seus braços nos ombros da loira. O refrão da música era a única coisa que elas escutavam, além de suas respirações pouco antes que os lábios finalmente se encostaram e elas se deixaram levar.

Allyson deixou seu queixo cair entre um sorriso e não perdeu tempo em tirar o celular do bolso e registrar o momento. Enquanto olhava o resultado da foto um jovem acabou esbarrando na mesma. Ao girar-se o garoto, loiro, de olhos azuis e muito mais alto que ela parecia envergonhado.

- Desculpa. - disse sem jeito. Allyson sorriu e negou com a cabeça. O jovem olhou ao redor e então estendeu a mão para ela. - Troy. - a loira aceitou a mão, oferecendo a sua em um aperto leve.

- Allyson. - respondeu sorrindo.

Lauren acabou levando Camila para casa, deixando uma mensagem para as outras as avisando. Já eram maiores para voltar pra casa.

O caminho foi silencioso e ao som do rádio de Lauren. Californication foi à primeira escolha da morena que dirigia com cuidado, apesar do efeito das bebidas ter diminuído depois de tantos beijos. Estacionou um pouco mais afastada para que o rugido do motor não acordasse os vizinhos. Quando saíram do carro, Lauren imediatamente puxou Camila para seu lado, passando seu braço direito pelos braços da latina que imediatamente entrelaçou sua mão com a que estava solta em seu ombro.

Caminharam em silêncio até a porta, onde Lauren a abraçou deslizando o nariz pela bochecha da menor que fechou os olhos e apoiou as mãos nos braços de Lauren, sentindo os mesmos apertando-a de leve.

- Na hora do almoço está bem pra você? - a maior perguntou. Camila assentiu e logo se inclinou para aceitar o beijo que Lauren lhe deu. Quando se afastaram, depois de alguns beijos curtos, a latina entrou em casa e ao fechar a

porta, sorriu dando um "tchau" para uma Lauren que ainda estava ali de pé esperando que ele entrasse.

Enquanto Camila se apoiava na porta uma vez fechada e sorria para si, Lauren fazia o contorno de seu lábio inferior e caminhava de volta ao carro com um sorriso brincando no rosto.

Agora ela só precisava preparar um assalto e um almoço romântico.

Assim que o dia amanheceu, Lauren, Veronica e Lucy estavam se preparando na pousada para sair.

Vero havia alugado um carro para não levantar suspeitas e as três estavam vestidas de preto. Entre as roupas que estavam em suas malas retiraram as armas, carregando-as e colocando-as na cintura e uma extra no pé. Optaram por coletes à prova de bala, casaco folgado e luvas. Os cabelos, presos em um coque frouxo, estavam feitos estrategicamente para que não deixassem em evidência que se tratava de mulheres. Cada uma pegou um capus que deixava unicamente os olhos à mostra e se dirigiram à van alugada.

Veronica dirigia o carro enquanto Lucy ia ao banco ao lado dando as indicações.

Lauren estava sentada na parte de trás trocando mensagens com Sofia, apenas para que tivesse tudo pronto para quando chegasse.

O endereço estava pela redondeza da cidade, por onde tinham que pegar uma estrada de terra cheia de buracos. Não havia movimento de carros e o único acesso era o mesmo caminho para ir e voltar. Quando estavam se aproximando, aproveitaram para colocar o capus e uma vez que Veronica estacionou, saíram do carro em uma formação bastante conhecida por elas. Lauren no meio, Veronica do seu lado esquerdo e Lucy, no direito.

Lauren assentiu e então cada uma se colocou a um lado da porta. Pelo que haviam investigado, a velha casa no meio do nada era custodiada por uma senhora e quatro homens.

Quando Lauren tocou a campainha, logo escutaram passos. A morena colocou a mão no olho mágico, obrigando a senhora a abrir a porta, e quando a mesma, com uma aparência jovial abriu, a morena já estava com a arma apontando.

A mulher arregalou os olhos e se colocou a um lado. Lauren levou o indicador aos lábios e a senhora assentiu freneticamente. Logo depois acenou com a cabeça para saída, e a guardiã do cativo saiu imediatamente de lá.

Assim, pois, restavam apenas os quatro capangas.

Para quando elas entraram, um deles, de quase dois metros de altura, pele escura e coberta de tatuagens, com um moicano e um piercing no nariz estava descendo as escadas.

Quando pensou em desenfundar a arma que estava em sua cintura, Lauren foi mais rápida e disparou um tiro certeiro em sua testa, fazendo-o cair pela

escada. O barulho chamou a atenção dos outros três que saíram já com as armas em mãos, encontrando as três em posição de ataque e também portando as pistolas.

Mas novamente não tiveram oportunidade de sequer reagir, já que ao chegar à sala improvisada cada um recebeu um tiro limpo na testa, caindo imediatamente ao chão.

Elas nada falavam, tudo era feito a través de olhares e acenos com a cabeça. E foi assim que começaram a revistar a casa. Cada gaveta, cada armário da cozinha e cada móvel em busca de câmeras ou microfones. Além de papéis ou qualquer coisa que pudesse informar sobre o proprietário.

No andar de cima havia dois quartos. Ambos estavam em péssimas condições e as paredes desgastadas pela umidade. A única coisa que tinham eram alguns colchões no chão, muitos sujos de sangue ou de terra e uma única janela que estava fechada com cadeado. Também havia um único banheiro composto por uma pia com um espelho sujo e velho, e um vaso sanitário no mesmo estado. Vero levou a mão ao nariz e saiu dali tão rápido quanto decidiu que estava "limpo".

A cozinha era, por assim dizer, um dos cômodos mais limpos e bem arrumados. Então elas deduziram que era o cômodo em que a tal senhora que abriu a porta ficava. A mesa tinha quatro lugares e tinha uma cafeteira com uma cesta de pão. Tinha fogão, pia, geladeira e comida nos armários. Provavelmente porque os capangas precisavam se alimentar.

A sala tinha apenas um sofá velho e uma televisão com uma antena improvisada.

Revisaram os bolsos dos homens, achando alguns dólares, maconha, cocaína e a identidade além da carteira de motorista. Lucy se encarregou de guardar as mesmas em um saco e no bolso traseiro de sua calça. E foi então que a colombiana avistou uma porta aos pés da escada.

Olharam-se e com o queixo Lauren fez o gesto para que Veronica abrisse, empunhando a arma.

Assim que Vero abriu a porta, tanto Lauren como Lucy apontaram para mesma, descobrindo uma escada.

Veronica entendeu pelos gestos que ela ficaria em cima e Lucy desceria com Lauren.

Ao final da escada foi que elas descobriram que talvez era melhor ter ficado em cima.

Um total de cinco mulheres estavam amordaçadas e com as mãos algemadas a um cano, além do rosto coberto de sangue e seminuas.

Elas começaram a se debater e a tentar gritar, mas os adesivos em seus lábios limitavam o som a alguns grunhidos mudos.

Lucy se desesperou internamente e olhou para Lauren que guardou a arma na cintura e levantou as mãos para mostrar que não estavam ali pelo mesmo propósito. As mulheres pararam de gritar e então ela se aproximou de uma e se abaixou lentamente para tirar o adesivo. Lucy também tinha a arma apontando para

baixo e foi quando Lauren tirou o adesivo que a mulher, com não mais de dezoito anos gritou:

- Cuidado!

Lauren sentiu o impacto de um pé em suas costas que a fez cair sobre a mulher e quando Lucy levantou a arma, o responsável pelo golpe golpeou sua mão, fazendo o objeto cair.

No final das contas, eram cinco.

Com a mesma aparência que os outros, o brutamontes se posicionou assim como Lauren e Lucy que estavam em posição defensiva.

Lucy foi à primeira em ir até ele, na tentativa de acertar um soco em seu rosto, mas o mesmo desviou e aproveitou a guarda baixa para acertar um direto no rosto da colombiana que caiu desacordada no chão.

Lauren então avançou abaixando-se quando o mesmo tentou repetiro golpe e ao se levantar, foi ela quem direcionou um soco no nariz dele, fazendo-o cambalear para trás.

Foi então que ele tirou uma faca da cintura e sorriu mostrando um de ouro. Lauren levantou as mãos fechadas e manteve o corpo em diagonal.

Ele deu um passo à frente e a morena desviou o corpo para direita e logo para esquerda quando novamente tentou, aproveitando a confusão para acertar um soco no queixo do mesmo, obrigando-o a cambalear para trás e tropeçar nos próprios pés até encostar-se à parede.

Lauren então acertou a costela direita do homem e jogou o corpo para trás quando ele tentou alcançar seu pescoço com o objeto, mas na hora de atacá-lo deixou o abdome livre, onde o homem raspou a lamina afiada fazendo a morena gemer e dar um passo para trás. O casaco rasgou e ela sentiu o tecido do colete molhar.

Lauren respirou fundo e avançou sem pensar. Com o braço esquerdo intercedeu à nova tentativa do capanga de acertá-la, atingindo o estomago do mesmo com o punho direito. O homem se encurvou e a morena forçou a cabeça do mesmo contra seu joelho.

Tonto e com a faca já no chão, Lauren usou as duas mãos para segurar a cabeça e acertar distintos golpes no rosto dele, até que o mesmo caiu desacordado.

A morena respirou fundo e chutou a faca para longe, dando a volta a tempo de ver Lucy apontando a arma para ela e disparando.

Mas o tiro passou ao seu lado acertando o homem que estava no chão e segurando uma arma.

Agora elas só precisavam dar um jeito nas reféns e enviar mais uma denuncia anônima aos federais.

De volta ao armazém, Lucy segurava um saco de gelo no rosto e

Lauren pressionava o casaco na altura de sua costela. Quando entraram pela porta da frente, Camila estava lavando as mãos e arregalou os olhos ao ver a cena.

- Mas o que... - Vero olhou para Lauren que assentiu, e subiu imediatamente com Lucy, deixando-as a sós.

- Tivemos um pequeno... problema. - disse no que pareceu um grunhido. Odiava imprevistos. Elas tinham contado quatro e erraram. Se Lucy não tivesse disparado a tempo, talvez teria algo mais que um corte.

Camila se aproximou tirando o casaco e vendo a camisa branca que Lauren usava totalmente vermelha na zona.

- Vamos. - disse puxando-a pela mão até a escada, onde subiu rapidamente ainda segurando a mão da morena que tinha um sorriso nos lábios.

Quando chegaram à primeira porta, quatro antes da cozinha, a latina tirou uma chave do bolso e a abriu, revelando um cômodo bastante organizado. Havia uma cama de casal com lençóis limpos com estampas de flores. Uma cômoda marrom com quatro gaveta, provavelmente com roupas, e em cima do móvel alguns cremes, perfumes e maquiagem.

Camila a colocou sentada enquanto tirava uma espécie de maleta debaixo da cama. Ao ver a cruz vermelha, Lauren o identificou como kit de primeiro socorros.

A latina parecia irritada pois molhava o algodão e cortava a gaze sem nenhum cuidado.

- Camila... - Lauren a chamou, mas ela continuava concentrada em preparar os curativos e cortar o esparadrapo. - Camila... - mas a latina não parava. - Camila!

- Quê?! - Lauren pegou as mãos da latina com delicadeza, fazendo-a soltar os objetos.

- Foi apenas um corte superficial... Não precisa ficar assim. - a latina enrijeceu o maxilar e respirou fundo. Lauren revirou os olhos e se levantou. - Nem sequer precisa de pontos.

Mas a latina a empurrou, fazendo-a se sentar outra vez. Cruzou os braços e a encarou irritada.

- Aonde vocês foram?

- Você sabe a resposta. - Camila suspirou e jogou o cabelo para trás.

- Por que não me avisou? - Lauren franziu o cenho e ela se apressou em emendar: - Para ir com vocês!

- Porque tínhamos tudo controlado. - Camila arqueou as sobrancelhas e Lauren acabou rindo. Aproveitou para puxá-la pela cintura, colocando-a sobre sua coxa direita. - Houve um pequeno contratempo, mas já está tudo resolvido. - a latina assentiu suspirando.

- Havia... - ao morder o lábio inferior sem conseguir acabar a frase, Lauren assentiu respondendo, e se apressou em mudar o tema.

- Mas agora está tudo bem e pelo menos conseguimos um pouco mais

de tempo. Já está quase na hora da gente ir.

- Quê? Não! Você precisa ver um médico. - Lauren revirou os olhos abraçando-a com força.

- Um band-aid desses e um banho, e podemos ir. - Camila ia resmungar, mas a morena aproveitou para beijá-la, silenciando-a.

A latina não teve mais saída do que corresponder [n/a: como se fosse um sacrifício, né], abraçando o pescoço de Lauren e, ao finalizar o beijo, suspirou contra os lábios da morena.

- Pelo menos me deixa limpar? - Lauren assentiu soltando-a e então tirou a camisa.

Camila arfou ao ver o torso da morena descoberto.

Usava um top esportivo cinza e estava um pouco molhado pelo suor. Mesmo o tecido elástico "apertando" os seios, não deixou de reparar em como eram bonitos e relativamente grandes.

A barriga estava um pouco suja de sangue seco, mas era marcada na medida certa. Não muito, mas também não era lisa. E se perguntou que diabo de trabalho era aquele que a tinha com o abdome e os braços tão definidos.

Lauren pigarreou atraindo sua atenção e então ela se ajoelhou pegando o algodão com um pouco de álcool. Passou delicadamente pela zona, ouvindo um "issss" da morena pela ardência, mas nada que não pudesse aguentar.

Continuou limpando até que teve que trocar de algodão para acabar finalmente de ver a ferida. De fato não era profunda. Não passa de um corte superficial que com o tempo fecharia sem deixar sequer cicatriz.

Colocou um pedaço de gaze em um esparadrapo e o deixou em cima da cama.

- Vou a casa me arrumar, você pode ficar por aqui e quando acabar o banho, não se esqueça de limpar novamente e colocar o curativo, tudo bem? - Lauren assentiu sorrindo sem mostrar os dentes. Camila se abaixou para selar seus lábios rapidamente e foi embora.

Algun tempo depois, Lauren já estava na porta da casa dos Cabello devidamente vestida e tomada banho.

Dessa vez havia optado pelos coturnos com salto, uma calça jeans de cintura alta azul escura, e uma camisa xadrez vermelha com as mangas dobradas até o cotovelo. Os quatro primeiros botões estavam abertos, revelando um pouco do decote e deixando o top preto de renda que usava a mostra. Seu cabelo estava solto e no rosto tinha seus óculos escuros.

Quando Camila apareceu na porta, tinha quase a mesma roupa que Lauren, a não ser por usar uma camisa ajustada que deixava sua barriga um pouco à mostra e o cabelo solto, porém com duas mechas amarradas atrás e a franja caindo pelo rosto. Usava uma maquiagem leve e tinha o celular nas mãos.

Sorriu envergonhada enquanto saía do portão, indo em direção a Lauren para selar os lábios.

Quando entraram no carro, Lauren abriu o porta-luvas e retirou um iPod de dentro, ligando-o ao som.

A melodia do reggae fez Camila arquear as sobrancelhas. Lauren deu de ombros quando Pasabordo começou a cantar Quisiera.

- Eu também tenho uma lista secreta. - foi à única coisa que disse antes de ligar o carro e pegar a estrada.

Camila riu colocando o cinto, sentindo o vento entrando pela janela enquanto dizia para si mesma que a letra não tinha absolutamente nada a ver com elas e que Lauren não estava querendo dizer nada com aquela escolha.

Enquanto Lauren olhava pelo canto do olho, desejando internamente que a latina prestasse atenção a letra.

O sol forte, o Gran Torino a uma velocidade aceitável e a pose de Lauren Jauregui ao dirigir tinham Camila fascinada.

A latina se deliciava admirando "a paisagem", e foi assim como finalmente percebeu que Lauren tinha outra tatuagem em seu braço direito. 27 em números romanos, na linha do cotovelo. Singela e simples. Fez uma nota mental para perguntar depois pelo significado de ambas.

Highway To Hell chegava ao fim quando Lauren aproveitou que Camila estava distraída olhando pela janela, e então entrelaçou sua mão com a da latina, que tinha a sua descansando sobre a coxa.

Camila não precisou desviar sua atenção, mas sorriu timidamente ao sentir o toque. Quando precisava passar a marcha, Lauren deixava sua mão leve e olhava pelo rabo de olho. Camila sempre ria e acabava passando a marcha correta, fazendo a morena lhe olhar sorrindo. Era uma coisa boba, mas ficaram naquele jogo um bom tempo até que Lauren se ocupou de fazer o esforço por ela mesma, mas sem soltar a mão da latina.

Foi então que A Thousand Miles soou e elas se olharam sorrindo e começaram a cantar juntas.

Making my way downtown

Walking fast

Faces pass

And I'm home bound

Staring blankly ahead

Just making my way

Making a way

Through the crowd

Foi então que elas se olharam para cantar a seguinte estrofe.

And I need you

And I miss you

And now I wonder....

Lauren voltou sua atenção à estrada e elas aumentaram o tom de voz no refrão, cantando totalmente empolgadas.

If I could fall
Into the sky
Do you think time
Would pass me by
'Cause you know I'd walk
A thousand miles
If I could
Just see you
Tonight

Lauren levou a mão de Camila a seus lábios, deixando um beijo casto quando acabaram o pequeno show e a latina sorria enormemente.

E era óbvio que as duas estavam em um ambiente mais do que confortável e que Lauren era uma mulher cheia de surpresas para Camila, assim como sua playlist. Assim como todos os segredos que guardava para si. Assim como o momento em que ela soube, com aquele gesto que lhe deixou totalmente arrepiada, que Lauren Jauregui já não era aquela gringa com cara de mal comida que conhecera.

E foi vendo a placa do mirador de San Juan que teve a certeza:
Lauren Jauregui era muito mais.

E o melhor de tudo é que ela estava prestes a saber que, para Lauren, ela também era.

ft💎o?💎bwK



Capítulo 14: La Diabla

Quiéqueisso???????

Meu Deus, esse wattpad está uma loucura com os votos e comentários. Só tenho a agradecer a vocês! Fico muito feliz que estejam gostando da fic!

Bom, não vou encher o saco e vamos logo ao cap! Desculpem pela demora, mas surgiram mts imprevistos!

Não vou dar nome de música pq vcs cagam e não escutam, mas quem quiser, qualquer uma quente da playlist serve!

OBRIGADA!

//

O Mirador de San Juan era conhecido pela vista privilegiada que dava da cidade. Estava dividido em duas partes. Uma delas era de asfalto, onde os carros estacionavam ali mesmo e podiam observar a variação das construções, além das vistas e paisagens. Ver o pôr do sol ou admirar a noite era algo espetacular.

A outra parte estava coberta por um gramado extenso. Uma espécie de montanha que havia sucumbido aos milagres da natureza e permitia que as pessoas pudessem sentar, fazer piquenique ou simplesmente admirar a paisagem.

Por estar no meio da estrada, era visitado, maiormente no fim de semana, de forma que durante os outros dias estava praticamente vazio. E foi dessa forma que elas o encontraram.

Lauren estacionou o carro à beira do mirador, e enquanto Camila observava a cidade, aproveitou para pegar a sacola que Sofia havia preparado e uma toalha de banho enorme, na cor azul marinho com detalhes brancos.

Camila nada disse, apenas seguiu a morena até a única sombra que havia no gramado. O clima estava quente considerando o horário, mas o vento era fresco e deixava uma brisa agradável para o encontro.

Lauren estendeu o pano com um sorriso tímido, dando de ombros finalmente quando Camila percebeu que se tratava de uma das toalhas que ficavam

no armazém. Pelo jeito ela não estava muito acostumada a fazer piqueniques, mas a intenção era tudo.

Elas se sentaram e logo Camila sentiu o cheiro de hambúrguer. Em especial, o prato chefe no cardápio do Restaurante Cabello. Assim que a morena retirou os pacotes da sacola, o cheiro do cheesburger e batata frita com extra de cheddar, mozzarella e bacon inundou seu olfato. E como não podia faltar, seu suco favorito. A latina estreitou os olhos enquanto cruzava as pernas, já sentada.

- Quê? - Lauren perguntou com um sorriso brincando nos lábios. - Você esperava salmão ao molhe de laranja ou pato com limão?

- Você não tem vergonha de me levar a um encontro e ainda por cima com a minha toalha e a comida do restaurante dos meus pais? - Lauren deu de ombros retirando o papel que envolvia a comida.

- Assim eu tenho certeza que você vai gostar da comida. - Camila revirou os olhos, mas não pôde deixar de sentir sua boca salivar só com o cheiro. - E a toalha foi um detalhe. Finge que são essas clichês que aparecem nos filmes...

- Seu romantismo me entorpece.

- Com o tempo você se acostuma. - Camila sorriu de canto, observando-a com as sobranceiras arqueadas. Lauren novamente a olhou, lambendo o queijo que havia ficado em seu polegar e dando de ombros. - Quê?

- Com o tempo, huh? - a morena, envergonhada e ocultando-se atrás dos óculos sorriu e nada disse.

Camila não precisou dizer o quanto aquela ideia lhe agradava, ou o quanto aquele desastroso primeiro encontro era de longe mais perfeito do que havia imaginado. Lauren era um desastre, mas aqueles desastres que te tiram da rotina, se é que vocês me entendem.

Assim, a comida estava sobre o próprio papel que a envolvia. A batata frita estava colocada a um lado. Enquanto Camila tinha seu suco de morango com hortelã, Lauren tinha o de laranja. Enquanto o hambúrguer da latina era completo, o de Lauren não tinha cebola nem ketchup.

A sacola virou lixo depois que Lauren retirou os guardanapos e com um "que aproveche", começaram a comer. Por trás do óculos, a morena analisava cada detalhe nas ações de Camila que fechava os olhos a cada mordida e às vezes, de tão exagerada que era, tinha que beber um gole do suco para que a mesma descesse. Envergonhada, limpava constantemente o canto dos lábios, até que Lauren riu enquanto mastigava.

Adorável. Pensou.

A luz do sol refletia no rosto de Camila, o vento balançava o cabelo longo de vez em quando, e cada vez que ela passava a língua pelo lábio, Lauren sentia uma terrível vontade de beijá-la.

Enquanto a latina bebia seu suco, deixando a metade do hambúrguer descansando, Lauren experimentava as famosas batatas.

Elas se encaravam o tempo todo, já que estavam sentadas uma de frente para outra, e sorriam como se soubessem que estavam sendo duas idiotas. Afinal, quem vai a um encontro e fica calado? Mas elas continuavam se encarando. Bebendo o suco, mastigando, analisando as feições e gestos da outra. Admirando-se.

- Você não faz o tipo piquenique em um mirador. - Camila disse enfim, depois de analisar as atitudes da morena em silêncio. Lauren passou a mão pelo cabelo, jogando-o para o lado.

- Na verdade, nunca fiz um piquenique em um mirador. - a latina estreitou os olhos.

- Por que será... - debochou olhando pra toalha. Lauren revirou os olhos pegando o copo de suco.

- As relações não são o meu forte.

- Quando foi à última vez que você teve um encontro? - perguntou mordendo o canudo. - Lauren riu com escárnio.

- Você não quer saber a resposta dessa pergunta. - Camila estreitou os olhos, sentindo uma pontada de... Ciúme? Algo assim. Enrijeceu o maxilar e arqueou a sobrancelha esquerda, encarando-a.

- Definitivamente eu quero saber. - Lauren sorriu torto. Aquele sorriso convencido e presunçoso que deixava a latina tão irritada. A morena encarou a paisagem, como se tivesse medo de responder. Novamente deslizou os dedos entre seus fios escuros, coisa que Camila anotou como gesto de nervosismo. Então deu de ombros, fitando-a.

- Esse é o primeiro encontro que eu tenho. - Camila arqueou as duas sobrancelhas, surpresa.

- Você nunca... - Lauren negou com a cabeça. - Você é...

- Não, por Deus! - se apressou em responder. - Que eu não tenha encontros não significa que não tenha estado com outras mulheres. - a latina assentiu lentamente.

- Então eu sou o seu primeiro encontro? - Lauren assentiu. Camila sorriu abertamente, dando de ombros. - Agora tudo faz sentido! - Lauren lhe jogou um guardanapo, mas não conseguiu reprimir o riso.

Enquanto isso na residência dos Cabello, Allyson olhava alguma coisa no celular apoiada no balcão da cozinha quando Dinah entrou cantarolando.

- Alguém acordou feliz... - disse sem desviar os olhos do aparelho. A loira a olhou imediatamente, assustando-se.

- Allyson! - gritou com a mão no peito. A baixinha franziu o cenho sem entender. - Eu não te vi aí!

- Bom dia? - Dinah revirou os olhos e se serviu um pouco de água, sentando-se ao outro lado do balcão.

- Péssimo. Fazia muito tempo que não bebia tanto assim... - Ally estreitou os olhos encarando-a.

- Você lembra do que fez ontem? - perguntou. Dinah a olhou por cima

do copo, bebendo lentamente, como se estivesse pensando em uma resposta.

- Deveria? - questionou por fim. Ally a analisou devagar, cada pequena parte do rosto, enquanto a loira tinha o cenho franzido.

- Você não se lembra de nada em especial? Além de ganhar, digo... - Dinah tentou, mas acabou negando.

- Allyson, o que aconteceu? - quando a pequena ia responder, Normani entrou na cozinha sussurrando um bom dia quase inaudível e coçando a cabeça. Dinah respondeu normalmente, e foi aí que Allyson teve certeza.

- Do que vocês estavam falando? - a morena perguntou sentando-se ao lado de Dinah que lhe ofereceu seu copo d'água e um comprimido. Normani agradeceu com um sorriso e o tomou imediatamente. Ally estreitou os olhos analisando as duas.

- Aparentemente eu fiz algo ontem que deveria lembrar... - Normani franziu o cenho, colocando o copo sobre a bancada enquanto engolia.

- Tipo?

- Você também não se lembra de nada? - a morena olhou para Dinah que deu de ombros como se a baixinha estivesse louca, e logo para Ally que estava com uma expressão perplexa. - Sério que vocês não se lembram de nada? - as duas negaram lentamente. Allyson grunhiu frustrada e pegou o celular. - Vocês... - estava prestes a sair quando olhou as duas e abriu a boca tentando dizer algo, mas nada saiu. - Agh! Não é problema meu! - disse finalmente dando-se por vencida e abandonando a cozinha, deixando as outras duas completamente confusas.

- Você entendeu algo? - Dinah perguntou.

- Ela deve estar na TPM. - as duas deram de ombros e então, Dinah apoiou sua cabeça no ombro de Normani, que levou a mão direita ao rosto da loira, fazendo uma carícia suave. Elas ficaram em silêncio olhando pro nada, até que Dinah levantou a cabeça rapidamente, arregalando os olhos ao encarar Normani que tinha a mesma expressão, para então pronunciarem ao mesmo tempo:

- A gente se beijou?

De volta ao mirador, ambas estavam deitadas na toalha, de forma que o braço de Lauren estava debaixo da cabeça de Camila que tinha o cabelo preso em um coque devido ao calor, e as mãos estavam entrelaçadas enquanto elas riam.

- Não acredito que você não gosta de salsa sendo cubana.

- Metade cubana. - a morena pontuou fazendo Camila revirar os olhos.

- Que seja. Para quem sabe a coreografia de Bye, Bye, Bye e era fã dos Backstreet Boys, salsa parece música clássica. - Lauren enrugou o nariz.

- Podemos esquecer esse momento... - Camila gargalhou alto.

- Nunca! - a latina virou o rosto minimamente, ficando a poucos centímetros do rosto de Lauren. - Na verdade, eu não consigo te olhar sem lembrar isso! - Lauren se inclinou um pouco, bicando os lábios da latina.

- Eu vou negar isso até a morte caso você conte a alguém. - Camila sorriu sentindo outro beijo, e antes que pudesse aprofundar, Lauren se remexeu tirando o braço e apoiando o cotovelo e a cabeça na mão. - Agora é minha vez. Cor favorita.

- Azul.

- Sério? - Lauren tinha o cenho franzido. A latina assentiu dando de ombros.

- Me traz paz.

- Um lugar no mundo que você queira conhecer. - Camila fechou um olho como se estivesse pensando.

- Brasil. - Lauren arqueou as sobrancelhas.

- Por quê?

- Por que não?

- Não sei... É estranho que um mexicano não queira conhecer os Estados Unidos. - a latina revirou os olhos.

- Não é o único lugar no mundo. - Lauren assentiu rapidamente.

- Eu sei. Mas pela fronteira, digo. - Camila suspirou brincando com o botão da camisa da morena.

- Não me leve a mal, mas a única coisa que eu vejo nessa fronteira é desgraça. As pessoas arriscam a vida pelo ideal de outra melhor, o país das oportunidades. Mas logo chegam ali e precisam se submeter a condições que foge totalmente desse padrão. - a latina deu de ombros. - Vão em busca de uma vida melhor e acabam sendo tratados como lixo. - Lauren assentiu com uma espécie de bico, ponderando as palavras da mulher. Mas antes que o silêncio se fizesse presente, a morena se apressou em continuar.

- Uma coisa que você faz quando ninguém está te vendo. - Camila franziu o cenho, até que riu.

- Que? - Lauren tinha um sorriso brincando nos lábios também.

- Dançar.

- Eu já sabia disso. - Camila se apoiou nos cotovelos para observá-la mais de perto, com os olhos estreitos, arrancando uma risada da morena. - Às vezes eu te observo no armazém, já sabe... Enquanto você conserta o carro ou faz suas coisas. - Camila assentiu mordendo o lábio. Então Lauren a observava... Interessante. - Você acaba se empolgando com a música e arrisca alguns passos.

- Você me observa? - Lauren revirou os olhos.

- Como se você não soubesse. - envergonhada, Lauren jogou o cabelo para trás, de forma que Camila se incorporou um pouco, retirando seus óculos. A morena fechou os olhos pela claridade, mas logo foi se acostumando.

- O que você pensou quando me viu por primeira vez? - o coração de Lauren se agitou momentaneamente. Estava prepara para responder aquela pergunta? Suspirou e olhou no fundo dos olhos de Camila, como lhe era de costume,

pedindo silenciosamente que ela levasse a sério suas palavras.

- Que você era o problema mais bonito que eu já vi. - Camila também sentiu seu coração se animar com a revelação, mas não desviou o olhar em momento algum. - Você tem a capacidade de fazer qualquer pessoa perder a cabeça por você. Essa sua arrogância, sua cara de quem não goza direito há anos... - a latina arqueou as sobrancelhas, mas apenas obteve um suspiro como resposta. - Tudo em você grita problema, mas ao mesmo tempo parece que é o que mais me atrai.

Lauren levou a mão direita à cintura da latina, puxando-a para mais perto. Camila desenhou a linha do maxilar da morena com o indicador, sem deixar de olhá-la. Quando Lauren se aproximou mais para colar os lábios, Camila sussurrou antes do beijo.

- Não sabia que minha satisfação sexual era do seu interesse. - Lauren grunhiu mordendo o lábio inferior de Camila com força, sentindo o sorriso presunçoso contra sua boca. O aperto em sua cintura se fez mais forte e a expressão de Lauren também. Seu olhar escureceu rapidamente e sua voz não conseguia passar de um sussurro, completamente rouca e falha.

- Você não imagina o quanto.

Não precisou de aviso, o beijo que Lauren iniciou revelava todas as intenções que guardava dentro de si. Camila não poupou em vontade também, deitando-se na toalha e abrindo um pouco as pernas para aceitar a perna direita de Lauren entre ambas, encaixando-se perfeitamente enquanto a mesma deslizava as mãos por sua coxa, lentamente, até chegar a sua bunda, apertando-a com força. Camila se sentiu mais do que extasiada com o beijo. Estava fervendo, sentindo cada poro de sua pele ardendo em desejo, mas só conseguia demonstrar isso retribuindo com a mesma intensidade e puxando o cabelo da nuca da morena com força, tentando tomar o controle, mas Lauren não deixava.

A morena estava praticamente em cima de Camila, e cada vez que sua mão sentia vontade de entrar em um terreno perigoso demais, apertava a bunda da latina, como se controlando. Mas toda aquela força não se comparava a seu beijo.

Deslizava a língua lentamente entre os lábios da latina, encontrava os lábios macios sempre entreabertos para sugá-los ou mordê-los quando precisava de ar. O sabor a hortelã estava presente, mas se tinha algo que Camila sabia fazer e muito bem, era beijar.

E foi ali que Lauren decidiu que era o melhor gosto que já havia provado, cedendo finalmente o controle, deslizando sua língua dentro da boca de Camila que a sugava lentamente, e foi ali que ela perdeu o controle. Enquanto apoiava seu corpo no cotovelo esquerdo sobre a toalha, se colocou com a metade do corpo em cima de Camila, e finalmente sem poder resistir, deixou que sua mão direita passeasse pelas curvas da latina, voltando à cintura e arranhando levemente a barriga enquanto levantava um pouco a camisa. Sentia a pele de a latina responder a seu tato imediatamente, e foi então que subiu um pouco mais até encontrar o mamilo

completamente enrijecido. Camila estava sem sutiã.

A latina não pôde reprimir seu gemido ao sentir como os dedos de Lauren brincavam com seu seio, apertando levemente, apenas para aliviar a dor da excitação.

Inconscientemente remexeu o quadril procurando pela coxa da morena, que logo entendeu e levantou o joelho minimamente, encontrando o centro da menor.

Lauren já estava ficando fora de si e apesar do desejo, ela sabia que a qualquer momento alguém poderia aparecer. E havia outro fator, o mais importante, na verdade.

Ela queria conhecer e experimentar Camila de todas as formas. E por isso o mirador não era o lugar idôneo.

Mas apenas para provocá-la, descendeu a mão pelo vale dos seios da menor, arranhando seu abdome até finalmente encontrar o cócs da calça, onde introduziu a mão e foi diretamente ao sexo da latina, apertando-o por dentro da calcinha.

Camila quase arqueou as costas se não fosse pelo peso de Lauren, afastando-se minimamente para morder o lábio inferior e reprimir um gemido.

E céus. Ela estava muito molhada. Lauren sentiu a ponta de seus dedos até o último fio de cabelo responder aquele estímulo. Camila estava na mesma situação que ela. Mas subitamente retirou a mão, encarando a latina com a respiração descompassada.

- Eu quero você. - Camila arfou assentindo lentamente, pois não conseguia falar. - Eu quero muito você. - sussurrou enquanto deixava uma trilha de beijos pelo pescoço da latina. Suave e lento, até alcançar o lóbulo de sua orelha, onde mordeu levemente. - Mas não aqui. - Camila fechou os olhos levando as mãos à cintura de Lauren, colocando-as debaixo da camisa e fincando as unhas com força. - Vamos.

E em menos de um minuto elas já estavam em pé recolhendo tudo que estava pelo caminho. Lauren a puxou pela mão praticamente correndo, e jogou tudo pela janela do carro, entrando e logo depois saindo de lá como quem estava desesperada.

E afinal, não estavam?

Dinah andava de um lado para o outro na cozinha enquanto Normani estava bebendo mais um copo d'água. A loira passava as mãos pelo cabelo e se pragueja internamente. Como ela pôde esquecer aquilo? Normani estava nervosa. Para ela Dinah estava irritada e arrependida, ou inclusive enojada com o ato. Mas a morena estava feliz. Sentia aquele nervosismo em sua barriga, lá dentro. Como quando perguntamos algo cuja resposta nos deixa ansiosos. A morena tinha o lábio inferior entre os dentes e observava o ataque da outra como uma criança quando faz coisa errada.

Praticamente a vida toda esperando por esse momento e quando finalmente acontece, esqueciam. Como? Nem sequer lembravam o gosto ou se alguma saiu correndo. De quem foi à iniciativa? E por que Normani estava tão tranquila?

Por que Dinah estava tão nervosa?

- Dinah... - Mani depois de respirar fundo e se armar de coragem, a chamou.

- Quê? - a loira acabou respondendo alto demais. - Digo... Sim? - suavizou a voz. Normani suspirou colocando-se frente à loira.

- Nós... o... eu acho que... - Dinah assentia veemente enquanto esperava por uma resposta. Mas o que Normani ia dizer, afinal? A morena engoliu seco. - Foi um mal entendido. - disse finalmente. A cara de decepção no rosto de Dinah foi tão nítida, que a morena se retratou rapidamente. - Não foi? - e foi à vez da loira engolir em seco.

- Foi? - Normani mordeu o lábio novamente, dando de ombros. Aquele gesto atraiu completamente a atenção da loira, que sem perceber se aproximou dando um passo a frente. Mas Normani não recuou.

- Nós estávamos bêbadas... - justificou, ao que Dinah assentiu devagar, sem conseguir desviar os olhos dos lábios da morena.

- E animadas com a vitória... - Normani assentiu, percebendo como Dinah se aproximava, e um pouco nervosa também.

- Talvez foi algo impulsivo... - Dinah assentiu, próxima demais.

- E não vai se repetir. - foi à vez de Normani assentir, mas já não tinha para onde ir. Ela também estava olhando os lábios da loira, que estava quase em cima dos seus.

- Não. É uma loucura. - a morena completou com um sussurro.

- Totalmente. - Dinah retrucou, mas já tinha as mãos na cintura da morena.

Desviou seu olhar então aos olhos de Normani que parecia expectante, e finalmente voltou sua atenção aos lábios, vendo como a morena deslizava a ponta da língua devagar sem conseguir resistir. E então, Dinah a atraiu contra si e acabou com a distância, colando seus lábios aos da morena que no começo manteve os olhos arregalados. Mas quando sentiu seu lábio inferior entre os lábios de Dinah, logo fechou os olhos e levou as mãos ao rosto da loira, correspondendo o beijo na mesma intensidade.

Estavam tão próximas e a intensidade era tamanha, que quando ladearam a cabeça para aprofundar o beijo, os narizes se roçaram com força, mas elas não se separaram. Continuaram entregues, até que a loira empurrou o corpo de Normani para trás, fazendo-a encostar na parede bruscamente. Foi então que elas se separaram, mas Dinah não quis pensar e logo iniciou outro beijo, mais longo e profundo, sentindo-se no céu, as pernas falhavam com a proximidade e seu cérebro

não conseguia processar direito o fato de que, finalmente, elas estavam se beijando. De novo.

Allyson que passava pela cozinha para sair, parou na porta ao ver a cena, pigarreando com força. As duas se separaram em um pulo, limpando os lábios.

- Estamos atrasadas. - disse cruzando os braços. As outras duas assentiram e se olharam.

Caminharam ao mesmo tempo até a porta e tentaram passar de vez, o que fez com que elas se esbarrassem. Ally reprimia o riso pelo nervosismo das duas, então Dinah se colocou de lado e elas passaram, indo cada uma em uma direção.

Mas não havia problema. Era um impulso...

Não?

Com o Gran Torino estacionado no armazém de qualquer jeito, elas saíram do carro às pressas. Camila foi a primeira, abrindo logo a porta e foi sua vez de puxar Lauren pela mão. Não que a morena reclamasse, pois desviou seu olhar diretamente à bunda da latina, mordendo o lábio inferior ao ver a protuberância que tinha.

Subiram as escadas lentamente, e Lauren não perdia de vista seu objetivo.

Quando Camila tirou a chave do bolso para abrir a porta, Lauren a abraçou por trás com força, deslizando o nariz pelo pescoço da latina enquanto apertava sua cintura.

Camila deixou sua cabeça cair para o lado, fechando os olhos e concentrada em abrir a porta quanto antes.

Uma vez dentro, Lauren fechou a porta com o pé, e logo foi tirando seus coturnos, assim como Camila.

Em pé e paradas uma frente à outra, Lauren a admirou de cima a baixo e a puxou pela cintura, beijando-a com vontade, segurando a cabeça firme com a mão direita, e mantendo-a perto com a esquerda.

Camila levou as suas à barriga da morena, por debaixo da camisa onde fincou as unhas com vontade, arranhando e sentindo os músculos enrijecerem baixo seu toque, subindo as carícias até a costela. Quando sentiu a costura do sutiã, se apressou em desabotoar a camisa, abrindo-a lentamente, redescobrimdo cada pedaço de pele, e dessa vez com o intuito de deslizar a língua por cada centímetro. Deslizou as mãos desde o abdome, passando pelos seios até chegar aos ombros de Lauren, onde arranhou levemente à medida que empurrava a camisa pelos braços da morena, que então se separou. Olhando-a nos olhos, em uma distância mínima, apenas o bastante para sentir como o pano acabava no chão.

Camila a puxou pelo cós da calça, colando os quadris com força e logo abriu o botão antes de descer o zíper, lentamente e sem deixar de olhar nos olhos da

maior.

Lauren se deixou guiar, permitindo que Camila a olhasse a desvestisse do jeito que queria. Pela calça ser muito justa, a latina deslizou as mãos até a bunda de Lauren, espalmando-as para então deslizar o tecido até a coxa, e à medida que se abaixava para continuar o processo, deslizou os lábios pelo pescoço, colo, abdome e finalmente o umbigo de Lauren, até que a calça estava em seus calcanhares. A latina quis continuar com as carícias, mas Lauren a levantou abruptamente pelos ombros, colocando-a a sua frente de novo.

Retirou os pés da calça revelando uma calcinha preta fio dental, cuja frente era rendada e possuía um laço singelo na cor vermelha, no cóc.

Primeiro a morena deslizou as unhas nos braços de Camila, que fechou os olhos sentindo as carícias. Logo, Lauren usou dois dedos para colocar o cabelo da latina atrás do ombro direito, deixando o pescoço livre. Deslizou o nariz desde a parte de trás da orelha até o ombro, enquanto abria os botões da calça.

Com os polegares no cóc do tecido, fez com que o mesmo deslizasse pelas coxas da latina e logo fez questão de repetir seu gesto, espalmando as mãos na bunda da menor para que a calça deslizasse mais fácil. Mas ao invés de esperar a que Camila retirasse os pés, apertou as nádegas da latina com tamanha força, que conseguiu levantá-la um pouco do chão, e foi então que Camila levou as mãos ao cabelo da morena, sentindo com ela a tinha tão fácil.

De volta aos beijos, dessa vez mais agressivos, porém igualmente lentos, Lauren percorreu a calcinha de Camila com a ponta dos dedos, deslizando pela costura e criando uma imagem em sua cabeça da prenda minúscula. Também era fio dental, e se perdia facilmente entre a bunda da latina. Também acariciou as coxas firmes e torneadas, deixando-a unicamente com a camisa.

Foi então que Camila, um pouco mais desesperada, puxou o top de Lauren enquanto descia os beijos ao pescoço da mulher. Não precisou de muito tempo para se desfazer da prenda, mas não evitou deslizar a língua pelo lábio inferior quando viu os seios da morena. No tamanho perfeito de suas mãos e com os mamilos rosados, completamente eretos, Camila primeiro deslizou as mãos pelo colo de Lauren, logo as unhas pela lateral dos seios até que, finalmente, fechou as mãos em cima deles sem nenhum pudor, sentindo em êxtase quando a morena fechou os olhos e gemeu com a carícia. Arranhou o ombro direito com os dentes e o abdome, dessa vez com mais força, com as unhas até chegar à calcinha, que não se entreteve muito retirando.

O sexo rosa e liso com a excitação mais do que nítida, mas Camila estava ainda vestida, e por isso Lauren não lhe deu mais tempo, girando-a com força e colando seu corpo em suas costas. A morena usou a mão esquerda para enrolar o cabelo longo e escuro na mesma, puxando-o com um pouco de força para que Camila deixasse seu pescoço livre, onde ela pudesse beijar e morder a vontade. Levou a mão direita ao seio direito da latina, apertando-o e mantendo o mamilo entre seus dedos. Camila levou as mãos ao cabelo de Lauren, empurrando a cabeça da mulher ainda

mais contra seu pescoço. Com a esquerda, Lauren deslizou as unhas pela barriga de Camila e finalmente introduziu a mão na calcinha da latina, encontrando o sexo da menor encharcado e pulsante, onde iniciou uma massagem forte.

Camila começou a se contorcer e a gemer audivelmente à medida que os dedos de Lauren deslizavam entre seus lábios, chegando a massagear o clitóris e com a outra, o mamilo.

Mas a latina precisava de mais, e estava prestes a gozar se Lauren continuasse daquele jeito.

Tinha a respiração descompassada, o cabelo da morena entre suas mãos, os olhos fechados e a boca entreaberta emitindo os gemidos. Mas o que levou Lauren a loucura, foi quando, a procura de mais contato, Camila passou a rebolar o quadril levemente, roçando assim as nádegas no sexo da morena.

Lauren se apressou em retirar a calcinha da latina, tendo por fim uma de suas partes favoritas no corpo da mesma ao fim livre e novamente a virou para si, tirando a camisa até o pescoço, deixando que a latina fizesse o resto enquanto ela admirava os seios pequenos, porém completamente excitados.

Camila deu um passo atrás, encarando-a e sentindo seu corpo vibrar de prazer quando Lauren a comeu com os olhos. Começou pelos pés, chegando aos joelhos e coxas. Deteve-se um pouco mais no sexo, deslizando a ponta da língua quase que imperceptivelmente pelos lábios. A barriga lisa e levemente marcada, então os seios, onde repetiu o mesmo ato de antes, a clavícula marcada, o pescoço fino e longo, os lábios entreabertos e vermelhos, inchados. Finalmente os olhos.

Se Camila era a diabla, elas estavam prestes a entrar no inferno.

Lauren deu um passo à frente fazendo com que Camila caísse na cama. Primeiro apoiou o joelho esquerdo enquanto a latina se colocava, então a obrigou a abrir as pernas e dobrá-las, apoiando os pés na cama.

Começou deslizando a mão direita pela panturrilha esquerda da latina, até a coxa, onde apertou fazendo Camila gemer de prazer e pela dor enquanto Lauren se colocava entre suas pernas.

Levou o polegar aos lábios de Camila que já tinha o cabelo espalhado pelos travesseiros, deslizando-o pelo queixo até o pescoço. Quando chegou no vale dos seios, usou as unhas vendo a zona se arrepiar à medida que descendia, até o umbigo.

Para quando estava prestes a chegar a seu destino, debruçou-se deslizando a língua pelo lábio inferior de Camila que logo tratou de sugá-la, a tempo de sentir novamente os dedos de Lauren deslizando entre seus lábios.

A latina gemeu audivelmente, abrindo as pernas um pouco mais por instinto.

Lauren manteve a massagem sentindo o clitóris de Camila cada vez mais rígido, sem cessar os beijos.

Camila estava sentindo todo seu corpo formigar. Queria arranhar o

corpo de Lauren, puxá-la mais contra si, e como se estivesse lendo seus pensamentos, Lauren deixou que seu corpo se apoiasse sob o de Camila. Os mamilos se encontraram aumentando o prazer, e quando sentiu que a latina estava estremecendo em suas mãos, introduziu o primeiro dedo, investindo lentamente.

Camila arqueou o corpo desfazendo o encontro das bocas, e Lauren não demorou muito em direcionar sua boca, que já salivava de desejo, ao seio esquerdo da latina que imediatamente levou as mãos à cabeça da morena, motivando-a a continuar. E assim Lauren o fez.

Sua língua tinha superpoderes. Deliciava-se com o mamilo fazendo seu contorno, brincando com o bico ou chupando o seio por completo enquanto Camila se remexia querendo mais contato. Foi então que a maior introduziu o segundo dedo e gradativamente, aumentou a velocidade a medida que passou a morder e lamber o mamilo da latina.

Camila gemia. Não, Camila gritava. Sentiu os beijos de Lauren por seu colo quando a morena desviou sua atenção ao seio direito repetindo os atos.

A velocidade das investidas aumentavam à medida que a latina se contorcia ainda mais na cama. Mas Lauren era paciente, ela queria tudo devagar, no seu momento e se deliciar com o que tantas vezes imaginara. Os gemidos de Camila estavam sendo suficientes para levá-la a loucura. Mas foi quando a latina apoiou sua coxa esquerda no quadril de Lauren, abrindo-se ainda mais, que a morena entendeu o recado e passou a se movimentar junto as investidas. Cada vez mais fortes e profundas, Camila arqueava as costas levando o seio diretamente à boca da morena que não conseguiu. Lauren levantou a cabeça para observar as feições da latina, apoiando-se no cotovelo esquerdo, e foi então que Camila levou as unhas às costas de Lauren, deslizando-as com força desde o pescoço até a bunda da morena pouco antes de explodir em um orgasmo incontável. Gemeu o nome da maior com vontade, como se acabara de abrir as portas do inferno para que ela finalmente pudesse sair.

E nunca melhor dito.

Lauren se deixou cair sob o corpo da latina, sentindo o suor dos corpos fundidos, assim como as respirações.

Camila tinha os olhos fechados deliciando-se com a sensação, gravando em sua memória cada sintoma de prazer que sentira, pois se entregou como nunca havia feito antes.

Quando Lauren se levantou, deitando ao seu lado e admirando o teto com um sorriso nos lábios e a respiração cortada, Camila sentiu sua boca seca e em um ato de completa vulnerabilidade, entrelaçou sua mão com a de Lauren, que correspondeu imediatamente apertando-a. Quando elas se olharam, a latina também estava sorrindo e seus olhos tinham um brilho especial. Por sorte, o mesmo brilho que Lauren portava nos seus.

- É desse sorriso que eu estava falando. - Lauren disse fazendo Camila

revirar os olhos e logo se colocou de lado, admirando o belo corpo da morena. Lauren repetiu o gesto, atraindo-a ainda mais contra si para beijá-la enquanto deslizava os dedos pelas costas da latina.

Camila por sua vez fazia o contorno das sobrancelhas de Lauren, logo do nariz e finalmente dos lábios, chegando ao maxilar enquanto admirava os olhos da morena que estavam em uma tonalidade mais clara.

Enquanto elas estavam naquele silêncio confortável e entre beijos e carícias, o celular de Lauren tocou. E ela estava prestes a levantar para atender, mas Camila se colocou em cima dela, sentando-se sob o quadril da morena. Lauren franziu o cenho, mas Camila, nua e com o cabelo caindo pela lateral do corpo, arqueou a sobrancelha enquanto estalava a língua em um "na, na ni, na não". Lauren mordeu o lábio inferior e apertou os olhos, levando as mãos as coxas da latina.

Nem que fosse um sacrifício ficar naquela cama.

- Agora é minha vez de tirar essa sua cara... - sussurrou mordendo o lábio inferior da morena.

Camila só precisou rebolar uma vez em cima de Lauren para que a mulher ficara excitada de novo. A visão da luz do sol da tarde entrando pela janela de vidro, os lençóis remexidos, o cabelo da latina totalmente desgrenhado e ela... nua e esplendida, coberta apenas pela luz e com seu sorriso mais diabólico no rosto.

Iniciou a tortura com um beijo molhado e lento, apoiando-se nos cotovelos enquanto sentia as mãos de Lauren vagando por suas costas até encontrar seu aparente lugar preferido do momento: a bunda da latina.

Uma vez que a mulher estava mais do que excitada e seu sexo estava encharcado, a latina se prontificou a descer os beijos pelo pescoço de Lauren, mordendo-o um pouco mais forte onde provavelmente ficaria uma marca.

Logo depois deslizou suas mãos até os seios da morena, onde iniciou uma massagem lenta e torturante, sem deixar de rebolar em momento algum.

Lauren apertava a cintura, bunda, arranhava as costas, mas gemia baixo sentindo os efeitos de cada movimento em seu corpo. E foi então que Camila substituiu suas mãos pelos lábios e língua, alternando entre um seio e outro.

Mas Lauren tinha as mãos agora em sua cabeça, e apesar do prazer que sentia, inconscientemente empurrava a menor para baixo, até que ela entendeu o recado.

Camila deslizou os beijos desde o vale dos seios de Lauren até o umbigo, sem deixar de olhá-la em nenhum momento. Foi então que a morena abriu mais as pernas para recebê-la. Camila se posicionou e sem desviar os olhos em um só momento, começou deslizando a ponta da língua pelo sexo de Lauren, que fechou os olhos com força e puxou os lençóis.

Camila então passou a brincar com o clitóris rígido, fazendo momentos circulares para logo chupá-lo, alternando com os lábios.

Lauren se remexia e estava perdendo o pudor.

Levou as mãos a cabeça, puxando seu cabelo e gemendo contra o

braço, mas Camila se aproveitava e fazia os movimentos ainda mais lentos, até que a morena parou de se reprimir e passou a gemer audivelmente.

Foi então que os olhos delas se encontraram, e sem cerimônia, Camila usou os dedos para separar os lábios de Lauren e introduziu a língua, alternando com as chupadas do clitóris.

Lauren foi se deixando ir, remexendo-se, gemendo, respirando com dificuldade. Até que seu rosto se contorceu por completo e abriu os olhos no momento exato em que alcançou a cima.

Soltou o lençol que estava completamente enrugado e apenas sentiu o alívio dominando seu corpo. Logo, ainda meio distante, sentiu os beijos molhados pelo corpo, até que teve o rosto da latina e seu cabelo produzindo-lhe cócegas praticamente em cima. Limitou-se a corresponder o beijo sentindo seu gosto na língua da latina e então a abraçou com força sobre si, sorrindo abertamente quando ela se afastou.

- É desse sorriso que eu estava falando. - foi sua vez de brincar arrancando uma risada gostosa da morena. E ali ficaram encarando-se. Sentindo o prazer e o silêncio.

E elas sabiam. Era o principio de algo novo. Algo delas. Algo muito maior.

//

Espero que o primeiro hot tenha ficado à altura do esperado.

Chêro!

Capítulo 15: Revanche

Holita!

Desculpem a demora, esses dias estava exausta e dormi um tanto cedo.

Geralmente escrevo de madrugada pra mim, meia noite pra vocês, mas agora tô tentando retomar minha vida responsável, mas escrever de dia é tão chaaaaaaaaato. Enfim, vou tentar me organizar novamente. Capítulo muuuuuuuuuuito gostoso de escrever, na parte da corrida recomendo as primeiras músicas da playlist.

Obrigada pelos comentários e votos, dou muuuuuuuita risada com vocês.

All the love, mamasitas.

//

A vida em Chihuahua estava cheia de segredos. Quando não era o tráfico de drogas, a cidade parava para presenciar as corridas. A polícia estava cada vez mais em cima de quem tinha passagem, por isso o negócio andava parado.

Mas nada podia importar menos para nosso casal preferido. Depois de finalmente saciarem a vontade que tinham, atender ao telefone foi inevitável. Viceroy havia recebido o aviso de que o pequeno bordel havia sido invadido e agora os federais estavam investigando mais um caso. Por isso, Lauren deveria se concentrar em distrair o chefe para que ele não tivesse a ideia mirabolante de pedir para que Chuy investigasse.

Mas para isso, ela precisava ser honesta com Camila. Havia enrolado o chefe com as informações sobre as amantes da chefe, e sabia que se queria a confiança de Camila, aquele era o momento exato.

Estava olhando para o celular bloqueado e sentada na beira da cama, quando sentiu os braços finos envolverem sua cintura, seguido de um beijo casto em seu ombro. Logo as pontas do cabelo roçaram em suas costas. Lauren olhou por cima do ombro, recebendo um selinho.

- Aconteceu alguma coisa? - perguntou apoiando seu queixo sob o ombro de Lauren, que respirou fundo apertando o celular. Foi aí que a latina soube a resposta. - O que houve?

Lauren se sentou corretamente na cama, de forma que estava de frente para Camila. As duas tinham o lençol fino cobrindo o corpo. Enquanto Camila havia dobrado os joelhos e os abraçava, Lauren tinha a perna direita para fora da cama e a esquerda apoiada de lado.

- Preciso te contar uma coisa. Mas também preciso que continue confiando em mim... - Camila assentiu franzindo o cenho. - Quando recebemos a ordem de vir para cá, o transporte do carregamento ainda não era algo certo. No começo a informação nem sequer havia chegado até nossos ouvidos. Na verdade chegamos a Chihuahua para outro trabalho. - a latina novamente assentiu, atenta às palavras. - Mas quero que saiba que eu nunca nem sequer ouvi falar de você ousua

família, e tudo que aconteceu depois... já sabe, a gente...

- Lauren. - Camila a interrompeu. - Eu entendi e confio em você. - a morena assentiu ante o sorriso alentador da latina, mas tinha o cenho franzido e estava visivelmente preocupada.

- Você sabe que sua chefe é a amante oficial, por assim dizer, do Viceroy, não sabe? - Camila franziu o cenho assentindo. - Então... Não que ele seja o homem perfeito, mas ele...

- Lauren...

- Ele sabe que ela se envolve com outras pessoas. - Camila continuou confusa, porém já tinha uma ideia do que estava acontecendo. Lauren pigarreou para continuar, respirando fundo. - Camila, o Viceroy quer a lista das amantes da sua chefe pra depois acabar com ela. - a latina arqueou as sobrancelhas sentindo um calafrio pelo corpo.

- Como assim? - perguntou em um fio de voz. - Ele quer matar as amantes e a mulher? - Lauren assentiu.

- Não é novidade para ninguém no cartel que os dois mantêm relacionamentos com outras pessoas, mas chegou a um ponto em que falam mais dos amantes dela do que do quão ele poderoso ele é. - Camila assentia atenta. - Você sabe como as coisas funcionam aqui. Para ele isso é uma ofensa, está deixando sua imagem de macho manchada, então ele nos mandou para provar aos inimigos que ninguém faz ele de idiota.

- E... - foi a vez de a latina pigarrear. - Por que você está me contando isso? - Lauren riu com desdém.

- Você sabe por que. - Camila ponderou se seguir ou não, suspirando finalmente enquanto jogava o cabelo para trás. - A questão aqui é, preciso que você me diga exatamente o tipo de relação, privilégios ou qualquer outra coisa que tenha com ela. - a latina franziu o cenho fazendo Lauren revirar os olhos. - Eu não vou deixar ninguém chegar perto de você. Só preciso me preparar.

- E as outras?

- Elas estão comigo. - Camila passou a brincar com os dedos de Lauren, mostrando-se vulnerável e temerosa. Afinal, acabava de saber que era o alvo das assassinas mais perigosas do México. E, por obra do destino, acabava de iniciar algo com uma delas. Então uma sombra de dúvida cobriu seus olhos.

- Você chegou até mim por um plano? - Lauren parecia ofendida com a pergunta.

- Eu nem sabia que você era você, Camila. - respondeu ríspida. A latina suspirou mexendo no cabelo novamente, e então levou a mão ao rosto da morena, acariciando-o.

- Desculpa. - pediu sem jeito. Lauren assentiu suspirando.

- Tudo bem.

- Eu... Bom, não sei... Você quer saber tudo? - perguntou dubitativa e

Lauren enfim ponderou. Queria saber tudo? E o que era aquela raiva súbita dentro de si? Ciúme? Mas ela nunca sentira isso antes. Enrijeceu o maxilar, mas acabou assentindo.

- Apenas... seja breve. - Camila arqueou uma sobrancelha sorrindo de canto. A ideia de ver Lauren Jauregui morta de ciúme era definitivamente excitante.

- Não tivemos muitos encontros. - Lauren assentiu atenta. - Enossos negócios você já sabe. Há uma mensalidade e os trabalhos. Se não pagamos em dinheiro, temos que pagar com serviços. Até agora não nos arriscamos com isso, então o roubo de combustível foi o máximo que tivemos. Fora isso, não há nada.

- E o dinheiro que ela emprestou a vocês?

- O que tem?

- Cheque, à vista... Você sabe de onde ela tirou? - Camila franziu o cenho.

- Foi à vista. Não perguntei de onde vinha, mas suponho que do cartel. - Lauren assentiu com o cenho franzido, enquanto passava a mão pela testa.

- Ela chegou com a quantidade e colocou na sua mão? - Camila assentiu.

- Em uma sacola preta. Tipo uma maleta. - a morena assentiu novamente.

- E os bilhetes?

- Maços de mil dólares com bilhetes de cem.

- Alguma etiqueta? - Camila olhou para baixo tentando lembrar. - Algo que indicasse se era de um banco ou...

- Não tenho certeza, mas tinha uma espécie de adesivo. - Lauren assentiu motivando-a a continuar.

- Você se lembra da cor? - Camila franziu o cenho tentando reproduzir a imagem em sua cabeça.

- Acho que amarelo. - a morena então ficou confusa.

- Amarelo? - Camila assentiu mais convicta. - Tem certeza?

- Sim... por quê?

- O dinheiro do Viceroy vem com etiqueta azul. Os negócios que ele tem pelo país são os responsáveis por lavar o dinheiro. Se vem sem etiqueta, não foram declarados.

- Então isso significa que...

- Ela tirou esse dinheiro de algum outro lugar. - Camila não sabia se aquilo era bom para ela ou não, mas também não tinha muita escolha.

- E o que você está pensando? - Lauren ficou em silêncio encarando-a. Parecia realmente preocupada. E aquilo fez Camila se perguntar até que ponto a morena era fiel a seu chefe. Estaria preocupada por sua amante estar lavando dinheiro desconhecido, ou por outro motivo? Lauren apenas sacudiu a cabeça, como se desfazendo de uma ideia e sorriu sem mostrar os dentes.

- Nada importante. - se aproximou bicando os lábios da latina enquanto lhe acariciava o rosto. - Alguém mais sabia da sua relação com ela? - Camila revirou os olhos segurando a mão da morena no mesmo lugar, deslizando seu polegar pela mão como resposta.

- Nós não tínhamos uma relação. E além das meninas, só a Rosita. - foi a vez de Lauren revirar os olhos recebendo uma risada em desdém como resposta. - Que? - a morena grunhiu.

- Nada. - disse torcendo lábio. Camila aproximou-se um pouco mais, roubando-lhe um beijo.

- Apesar de tudo, ela é de confiança. - Lauren assentiu.

- Você ainda...

- Não. - respondeu imediatamente. - Por quê? Por acaso você está reclamando algum tipo de exclusividade? - Lauren esboçou seu sorriso convencido, mordendo o lábio inferior da latina.

- Não estou reclamando. Já tenho. - Camila riu um pouco alto, arqueando a sobrancelha enquanto se aproximava ainda mais, roçando seu nariz com o da morena.

- Ah sim? - provocou. Lauren assentiu sem se afastar, e com o mesmo tom provocante, respondeu.

- Se você ainda não sabia, está sabendo agora. - Camila sentiu seu coração ficar feliz e mordeu o lábio inferior, mas não foi suficiente para reprimir seu sorriso. Sentia o olhar de Lauren sobre o seu e o hálito quente em seu rosto. Era ainda mais linda naquela distância.

- Suponho que se tratando de você, isso é algo assim como a coisa mais romântica que já disse a uma mulher... - provocou. Lauren riu com desdém.

- Eu disse que com o tempo você ia se acostumando. - a latina riu do mesmo jeito, mas logo foi interrompida pelo beijo profundo e lento que a morena lhe roubou. Mas quando as coisas estavam voltando a esquentar, Camila a afastou subitamente.

- Com uma condição. - Lauren franziu o cenho. - Quero minha revanche. - Lauren então gargalhou alto, deixando seu corpo cair para trás. Camila revirou os olhos se colocando em cima da mulher com as pernas em cada lado de seu quadril e apoiando as mãos no colchão. Lauren retirou seu cabelo com a mão, fitando-a divertida ao mesmo tempo em que fascinada.

- Uma revanche? - Camila assentiu com a sobrancelha arqueada.

- Quando você quiser.

- Hoje a noite. No Valle. - Lauren franziu o cenho fazendo a latina rir com desdém.

- Na frente de todo mundo?

- Sim. - Lauren puxou o lençol revelando o torso desnudo e mordeu o lábio inferior enquanto admirava os seios um tanto maltratados de Camila. Logo a puxou para um beijo, mas Camila manteve à força nos braços, ficando a alguns

metros de seu rosto. - A revanche. - Lauren assentiu beijando seu pescoço. - Isso é um sim? - perguntou com os olhos fechados ao sentir as mãos da morena deslizando por suas coxas e apertando-a.

- Isso é um o que você quiser, agora cala a boca.

E com um sorriso mais do que feliz, se rendeu ao pedido. Mas naquela noite ela teria sua revanche.

Enquanto isso no restaurante, Normani e Dinah se evitavam constantemente, como se o fato de se aproximarem um pouco era uma espécie de choque que as obrigava a sair correndo. Mas bastava uma se distrair que a outra estava tendo pensamentos impuros ou se lembrando de como foi bom aquele beijo. Allyson olhava tudo da barra, segurando o riso e trocando mensagens de vez em quando com o loiro que havia conhecido.

Troy era engraçado, um tanto estabado e muito atento. Estava sentindo aquele frio na barriga e percebendo seu sorriso bobo quando o telefone vibrava anunciando uma mensagem sua, mas ainda assim se resistia a qualquer encontro.

Falavam de tudo e de nada. O que estavam fazendo, quão chato era aquela aula de robótica que ele estava ou como era frustrante trabalhar no estabelecimento da família e ter que fazer o dobro de tudo.

Ele bem que tentava com algumas investidas do tipo "com certeza os clientes deixam gorjeta por sua beleza". Era um pouco tosco, sabemos, mas a baixinha achava algo fofo. Nunca tivera a oportunidade de se envolver com muitos garotos devido a sua timidez. Obviamente tinha conhecido alguns, saído com outros, inclusive namorou com o Miguel do bairro vizinho, com quem teve suas primeiras aventuras. Mas o relacionamento durou pouco. Miguel era do tipo certinho, até demais. Cabelo engomado, roupa escolhida pela mãe e aquela síndrome de não fazer nada errado que deixava tudo tão... chato. Allyson acabou se cansando e terminou. Era quieta, mas não era um robô. Sentia falta de viver o que suas amigas viviam, de ter aquelas histórias loucas sobre conhecer alguém e de repente estar fazendo coisas diferentes. Mas pelo que estava sentindo e vendo, Troy era um ótimo candidato. Porém ainda estava um tanto nervosa quanto a isso.

O movimento no restaurante estava fraco. Rosita havia pedido alguns dias de férias, alegando resolver alguns papeis. Mas todas, até a abuela Rita que se mostrou muito feliz com a notícia, sabiam o motivo real. Ela estava evitando encontrar Camila, e ninguém podia culpá-la.

Mas mesmo assim não tinha muita coisa para fazer, então as meninas acabavam fofocando ou, agora com a situação meio tensa entre Dinah e Normani, focadas no celular.

De volta ao armazém, Camila acabava de mandar uma mensagem para Josete, anunciando que tinha uma aposta. Depois do êxito que Lauren conseguiu, o símbolo do dinheiro praticamente apareceu nos olhos do jovem com a notícia. A diábala em sua revanche contra ela seria o acontecimento do ano. Mesmo

com pouco tempo da Corrida da Morte, aceitou sem pensar.

Pouco tempo depois todo mundo estava recebendo à mensagem, e no restaurante as meninas ficaram surpreendidas. Uma revanche? Essa seria épica.

Depois de Camila sentir como seu corpo chegava ao limite novamente devido aos dedos, beijos e carícias de Lauren, e Lauren finalmente sentir quão incrível era a capacidade da latina, elas saíram da cama para preparar a corrida.

Veronica e Lucy acabavam de chegar quando viram as duas saindo do quarto de Camila, e ficaram observando de longe.

Lauren se apoiou na parede abraçando o corpo magro de Camila que correspondeu imediatamente, apoiando seus braços nos ombros da morena. As carícias não passaram de alguns selinhos e o roce dos narizes nas bochechas, além dos sorrisos bobos. Mas Camila ainda tinha a confissão de Lauren rondando sua cabeça. Seu comportamento e toda sua preocupação. Seria aquele o único segredo que Lauren escondia?

- Que? - a morena perguntou apertando um pouco mais a cintura de Camila quando percebeu seu cenho franzido.

- O que você disse antes... da exclusividade. - Lauren assentiu. - Você estava falando sério? - a morena assentiu novamente.

- Por quê?

- É isso que você quer?

- Você não? - Camila assentiu rapidamente. - Então?

- Sei que é muito pouco tempo para tudo que estamos vivendo, mas você precisa saber que eu preservo a palavra mais do que tudo em uma relação.

- Eu também.

- Não vou te pedir juras de amor nem que você seja a pessoa mais romântica do mundo, mas sim quero que seja sempre sincera. Você pediu que eu confiasse em você, e eu confiei. Estou confiando, na verdade. Mas também quero que confie em mim. - Lauren franziu o cenho. - Seja o que for, aconteça o que acontecer, não minta para mim, Lauren. - e foi então que a latina viu no fundo dos olhos de Lauren uma sombra. A dúvida. Algo diferente.

Talvez ela conhecesse a morena mais do que pensava. Lauren pareceu pensar até que finalmente assentiu sorrindo, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos. Foi ali que Camila soube que havia mais segredos. Ela só precisava decidir se estava disposta à aceitá-los.

Por ora, sim. Então preferiu pensar em que teria sua revanche finalmente e suspirou roubando-lhe um beijo rápido.

- Te vejo depois? - Lauren perguntou e Camila assentiu, deixando um breve roçar de lábios e logo elas desceram as escadas entre risadas.

Camila se despediu de Lucy e Veronica com um aceno com a cabeça enquanto Lauren suspirava sabendo o que estava por vir.

- Você foi pra cama com ela. - Vero disse estalando a língua.

- Vivi para ver você colocando tudo em risco por uma mulher. - Lucy adicionou com desdém. Mas elas não estavam brincando. O assunto era realmente sério. Lauren jogou o cabelo para trás com a mão e suspirou.

- A suspeita era certa. Ela foi amante da chefe. - O casal se entreolhou e enquanto Vero cruzava os braços, Lucy tinha as mãos na cintura.

- E o que você vai fazer agora? - Veronica perguntou impaciente, com o olhar mais do que acusatório.

- Continuamos com o trabalho, mas Camila não estará na lista. - disse dando de ombros. Veronica e Lucy a olharam perplexa.

- Você só pode estar brincando. - Vero disse irritada. - Lauren, ele vai acabar descobrindo!

- Não, não vai. Até por que acabei de descobrir algo muito mais importante.

- Surpreenda-me. - Lucy disse.

- Lembra do empréstimo que ela fez em troca de favores e pagos mensais? - as duas assentiram. - A forma de pago foi a de sempre. Maços de mil dólares com bilhetes de cem, todos fechados com adesivo... amarelos. - as duas franziram o cenho imediatamente.

- Mas o do Viceroy é azul ou sem adesivo. - Lucy disse pensativa, ao que Lauren assentiu. - Em todos esses anos nunca vi nada parecido.

- Você acha que ela tem um negócio a parte? - Vero inquiriu e Lauren deu de ombros.

- Só investigando para saber. Precisamos de alguém atrás dela. - o casal assentiu concordando com a ideia. - Mas com cautela. Se é a parte, ela deve ter tudo perfeitamente controlado para não chegar aos ouvidos dele.

- E como você pretende fazer isso, se só chega perto quem ela quer? - Lauren deu de ombros.

- Camila. - Lucy assentiu, mas Vero parecia irritada.

- Você contou a ela, não contou? - Lauren assentiu com a cara fechada. Amava Veronica como sua irmã, mas quando adquiria aquela pose de mãe e dona de razão, tinha vontade de quebrar sua cara.

- A do Viceroy, sim.

- Não preciso te lembrar das regras que você mesma inventou. - Lauren deu um passo à frente com as mãos na cintura.

- Que bom que você sabe disso. - Vero nada disse, continuou encarando a amiga até que levantou as mãos, rendendo-se.

- Se você gosta mesmo dessa mulher, sabe que mais cedo ou mais tarde ela vai acabar descobrindo tudo.

- No momento certo e oportuno ela vai saber.

- E você acha que ela vai aceitar a mentira assim? - Lucy ponderou e Lauren suspirou passando a mão pelo cabelo.

- Não sei, ok? Não sei nem sequer o que está acontecendo. Só que ela

tem algo diferente. Eu nunca estive nessa situação e vocês sabem. Trabalho é trabalho, sempre foi.

- Mas ela mudou o jogo. - a colombiana completou.

- Ela mudou tudo. - Lauren reconheceu.

- É isso que você quer? Você confia nela a esse ponto? - Vero inquiriu um pouco menos acusatória. Lauren assentiu imediatamente, ao que a amiga apoiou a mão em seu ombro, apertando-o brevemente. - A gente vai dar um jeito. - disse convencida, o que fez Lauren sorrir sem mostrar os dentes.

Ela só não imaginava quão rápida aquela profecia se cumpriria.

Como de costume, às onze horas daquela noite todo mundo estava reunido no Valle. A notícia da revanche se espalhou tão rápido, que Josete mal teve tempo de abrir as apostas.

Só que o que ninguém entendeu, foi como as duas chegaram juntas e logo, ao sair dos carros, se abraçaram em um canto. Lauren estava apoiada em um dos carros que estavam estacionados e tinha Camila entre suas pernas. A latina estava de lado, rindo de alguma coisa que Dinah contava, assim como Allyson e Veronica.

Lucy trocava algumas informações com Normani, e o resto observava a interação sem entender nada.

Além disso, a fofoca de que Lauren, Veronica e Lucy eram as "tais assassinas", mas não era como se alguém fosse se aproximar para dizer oi.

Elas continuavam em sua pequena bolha, e volta e meia às meninas pegavam Lauren admirando Camila com um sorriso bobo. A morena era de pouca conversa, mas prestava atenção em tudo que elas diziam. Só que, naquele momento, tinha algo melhor para admirar.

Era estranho. Muito estranho. De não se suportarem ao trabalho. E do trabalho a aquilo que, por ora, chamaremos de algo, mas suponho que vocês já sabem do que estou falando.

A cumplicidade, carinhos e gestos, como se estivessem juntas há muito tempo.

Camila gostava de sentir as unhas de Lauren na suas costas expostas, enquanto Lauren gostava de sentir as unhas da latina em seu pescoço, suavemente, quase como um carinho. Também gostava do cheiro que exalava, e mais ainda de como ficava impregnado em suas roupas.

Não havia passado nem sequer um dia desde que começaram a aceitar que sentiam algo e já parecia o casal mais apaixonado do mundo.

Foi então que Josete se aproximou, primeiro aceitou as brincadeiras de Dinah, sorrindo tímido. Não percebeu como Normani revirava os olhos e bufava entediada com a interação, mas avisou que estava na hora.

Elas não estavam para despedidas ou carinhos, assim que um selinho

demorado foi suficiente para dizer tudo. Uma aposta era uma aposta.

Enquanto elas iam até os carros e logo até a largada, Josete se aproveitava de sua posição para escolher a jovem que cederia seu sutiã pra largada.

Quando finalmente escolheu uma com traços asiáticos e pouco mais de dezenove anos, anunciou o grande momento da noite.

Camila estava concentrada e mais do que confiante. Assim que Lauren se colocou ao seu lado, aproveitou que as janelas estavam abertas e olhou com um sorriso torto pra latina que a encarou com desdém.

- Espero que você não tome o resultado como algo pessoal. - Lauren disse dando de ombros. Camila arqueou a sobrancelha e com o mesmo tom despreocupado, contestou.

- Você vai correr ou falar? - Lauren riu com a resposta, colocando a atenção na mulher à sua frente, que segurava um sutiã amarelo. Respirou fundo e então sussurrou para si enquanto pisava o acelerador.

- Go hard or go home. - Camila fechou os olhos por uns míseros segundos, também sussurrando enquanto fazia seu motor rugir.

- Ganar o ganhar.

Disse finalmente.

Os carros estavam colocados, os motores rugiam, a jovem olhava para todos movendo o sutiã no alto, provocando a todos que a admiravam. Camila e Lauren estavam concentradas esperando o momento da prenda cair.

Primeiro olhou para Camila, fazendo com os dedos um gesto para que a latina se aproximasse, então ela colocou o carro um pouco mais a frente. Logo, fez o mesmo em direção a Lauren que também adiantou o Gran Torino. Camila apertou o volante, Lauren também. Se olharam por última vez totalmente sérias, então o sutiã caiu e em perfeita sincronia elas aceleraram.

Acirradas e uma ao lado da outra, alcançaram os 70km/h em menos de dez segundos. A noite escura e o caminho do deserto livre até os barris ao final.

- Vamos flaca, não seja tão fácil. - Lauren disse passando a marcha e acelerando um pouco mais.

- Essa vez não, Lauren. - a latina chegou à segunda, colocando-se ao lado da morena imediatamente.

- Vamos, diabla. - Lauren sorriu para si, chegando à quarta e então abriu certa vantagem, olhando pelo retrovisor e rindo ao ver como Camila tentava adiantá-la pela esquerda, mas logo a acompanhou, bloqueando a passagem.

Já estavam em 90km/h quando Camila fingiu ir para direita e uma vez que Lauren tentou bloqueá-la, guiou o carro pela esquerda ao mesmo tempo em que alcançava a quinta e com isso a vantagem.

Lauren riu negando com a cabeça e acelerando. Ao longe, os faróis mostravam a proximidade dos barris que marcavam a curva. Camila mudou para terceira e acelerou. Lauren também.

No momento da curva, a latina usou toda sua força para puxar o freio de mão, deixando o carro derrapar pela areia.

Mas pra sua surpresa, Lauren fez o mesmo.

Fizeram a curva quase ao mesmo tempo, e cada vez que a latina adquiria uma vantagem, a maior logo lhe alcançava.

E assim foram os últimos metros, até que Camila aguardou o momento exato. Quando viu as pessoas mais do que próximas, acompanhou a vantagem de Lauren no último momento, então mudou a marcha com força e acelerou.

- Vamos Cabello. - Lauren disse entre dentes vendo como finalmente, Camila cruzava a linha com poucos centímetros de vantagem.

- Sim! - a latina gritou golpeando o volante e freando bruscamente.

Saiu do carro mais do que feliz, recebendo os gritos de todos e o anúncio de Josete. Lauren estacionou ao seu lado e saiu do carro sorrindo. Quando passou pela menor, que tinha a sobrancelha arqueada, sorriu ainda mais esbarrando propositalmente em seu ombro enquanto dizia:

- Boa corrida. - Camila sorriu mais do que satisfeita e orgulhosa, acompanhando-a logo em direção as outras.

Enquanto Lauren falava com Lucy e Vero apoiando-se em um carro qualquer, Camila comemorou animada com as meninas, que estavam sorrindo. Dinah a abraçou, mas logo todas estavam encarando a latina com um sorriso diferente.

- Eu disse que ela não tinha percebido. - Normani disse explodindo a bola que havia feito com o chiclete. Dinah arqueou a sobrancelha e Ally riu levando as mãos ao bolso da jaqueta. Camila franziu o cenho, confusa.

- Que? - perguntou irritada pela atitude das outras que se entreolharam.

- Ela deixou você ganhar, Mila. - Normani disse fazendo a latina franzir o cenho enquanto arqueava a sobrancelha e enrijecer o maxilar. Dinah assentiu dando a razão à morena, e quando Camila olhou para Ally esperando uma explicação, ela então disse:

- Ela só soltou o acelerador. - a baixinha completou. Camila deu um riso nervoso, negando com a cabeça.

- Mentira... - disse com desdém. Dinah lhe puxou abraçando-a, como em consolo e foi então que a latina se irritou ainda mais, soltando-se rapidamente e caminhando à passos rápidos atrás de Lauren.

- Você me deixou ganhar? - gritou enquanto chegava. Lauren, que estava de costas para ela, esboçou um sorriso torto pras amigas, mas antes de se virar ficou séria.

- Claro que não. - disse como se fosse óbvio, puxando-a para o meio de suas pernas. - Você ganhou!

- Lauren... - Camila ameaçou. A maior revirou os olhos colocando a franja da latina atrás da orelha.

- Flaca... Não importa se você vence por um centímetro ou por um quilômetro. Vencer é vencer. - Camila estreitou os olhos, afastando-se minimamente, ao que Lauren sorriu puxando-a novamente para mais perto. - Você ganhou.

Mas Camila estava séria, principalmente ao ver que Lucy e Veronica estavam rindo pelo reflexo do capô.

- Lauren... - estava prestes a iniciar mais um debate quando a morena a beijou, obrigando-a a calar a boca.

- Por que você nunca aceita as coisas de primeira? - disse contra seus lábios. Camila sorriu suspirando.

- Porque eu não aceito ordens de ninguém, gringa.

Lauren negou com a cabeça, mas aceitou o beijo que veio à continuação.

Camila estava em dúvida ainda com a vitória. Mas por enquanto, havia conseguido sua revanche.

Por enquanto.

//

O que vocês acham? A flaca ganhou essa corrida ou não, meu povo? Chêro.

Capítulo 16: El Beso Del Final

Hellous! Desculpem a demora, estava em um processo de bloqueio e preguiça, mas voltei com tudo. Espero que estejam gostando, e vou tentar postar a continuação ainda hoje, mais tarde. Tenho muitas coisas dos próximos caps adiantadas, acho que esse fds vai ser bem produtivo pra gente! Obrigada pela paciência, votos e comentários, dou muuuuita risada com vcs!

Recomendo 'El Beso Del final' que tá na lista na parte do armazem!

Me falem o que acharam depois!!!

Chero!

--

Depois da revanche, os dias retomaram sua calma. Rotina era a palavra certa para definir o que estavam tendo naquele momento. Dias tranquilos, restaurante com o movimento de sempre, Dinah e Normani fingindo que não tinham uma tensão sexual sem resolver, Ally trocando mensagens com Troy e finalmente um casal que não se desgrudava.

Camila e Lauren estavam cada vez mais compenetradas e cúmplices. Qualquer hora do dia era um bom momento para que elas ficassem juntas, todas as refeições também. Incluídas as que não comiam exatamente.

A latina havia percebido a preocupação que pesava os ombros de Lauren, mais do que ela estava acostumada. De vez em quando se reunia com Veronica e Lucy para conversar, e todas sempre tinham o semblante sério e preocupado. Além do mais, essa era outra. O casal estava sempre fora, resolvendo mil coisas e ligando para Lauren toda hora. daquelas ligações que ela era obrigada a atender.

Mas no final das contas, Lauren sempre sorria acariciando o rosto da latina, respondendo um "está tudo bem". E bom, para Camila isso era suficiente. Entendia que Lauren estava mais do que comprometida em seu trabalho. Havia desobedecido uma ordem e apesar de ser aquele ser humano que ela tanto admirava a cada dia mais, continuava sendo uma assassina. E não uma qualquer, mas sim a mais temida da região.

Era difícil vê-la daquele jeito quando tentava, mesmo que sendo um desastre, surpreender a latina com a mesa decorada ou levando-a a passeios improvisados pela redondeza.

Lauren não era romântica, e muitas vezes dizia as coisas na lata, sem saber o quão importantes era. Coisas como "você é a mulher mais linda que eu já vi", do nada, assim, olhando-a de repente e soltando a declaração como se Camila já soubesse.

Ou então aquela mania que tinha de entrelaçar as mãos delas. Já seja caminhando na rua ou no carro.

A sensação de segurança que elas tinham ao estar juntas era o que

elas mais gostavam. Eram pequenos detalhes que faziam o coração de Camila se remexer de alegria, e muitas vezes a latina dormia se perguntando se Lauren não percebia quão maravilhosa era.

Com o dinheiro das corridas mais a vitória do duelo contra Lauren, Camila conseguiu pagar algumas das dívidas que seus pais tinham com os novos fornecedores, mas ainda assim sobrou uma boa quantia para que pagassem a prestação daquele mês pra chefe. O grande problema era saber se para ela seria suficiente, já que com o trabalho de Lauren focado em persegui-la, precisavam de um pouco de sorte para não aparecer nenhum carregamento de última hora.

Enquanto a calma reinava no ambiente, Camila ajudava Lauren a trocar o óleo do Gran Torino e aproveitava para ver os detalhes que o capô escondia.

- Há quanto tempo você não trocava esse óleo? - perguntou com uma careta ao ver o recipiente sujo e cheio de poeira. Lauren deu de ombros.

- Antes de chegar, mas com toda a poeira do Valle e a falta de tempo, parece que foi há anos atrás. - enquanto escutava, Camila caminhava até um armário que estava próximo ao carro, abrindo-o e revelando vários galões fechados. - Tudo isso é de vocês?

- Sim. - disse pegando o que estava no alto e voltando a fechar as portas. - A maioria dos produtos que os carros truncados precisam vem dos Estados Unidos. Nem todos os mecânicos da cidade conhecem as marcas, então aproveitando que o meu pai tem a oficina, pedimos uma quantidade relativa tanto para ele como para o trabalho. - Lauren franziu o cenho observando como Camila despejava o líquido com cautela.

- Vocês compram os produtos? - Camila a encarou com as sobrancelhas arqueadas.

- Por que te surpreende?

- Porque sua chefe te faz roubar litros de combustível e material, por exemplo. - Camila riu com desdém.

- Quanto mais você aceita os favores e presentes, mais acaba ficando na mão deles. Já tenho dívida demais pra ficar me arriscando a ter que aceitar qualquer coisa. - Lauren assentiu admirando o pescoço fino de Camila, que continuava concentrada em sua tarefa. A morena então se apoiou no carro, logo ao lado da latina. Era estranha aquela admiração por Camila não ceder às tentações que o cartel oferecia? Talvez. Mas todos aqueles valores só a tornavam ainda mais incrível, na cabeça de Lauren, claro.

- Como você consegue? - Lauren perguntou do nada quando Camila já havia acabado e estava limpando as mãos no macacão azul.

- O que? - a latina perguntou com o cenho franzido e a poucos centímetros do rosto de Lauren.

- Não se envolver. - Camila deu de ombros fechando o capô e encostando-se ao lado de Lauren enquanto fitava os dedos.

- Nos não somos santas... Para ter o respeito que hoje temos, eu precisei me meter em muitas outras coisas antes do cartel. Não que eu me considere parte, mas sei que devo favor e o que acontece caso eu não queira pagar. Mas não é como se a gente fizesse isso por gosto, entende? - Lauren assentiu com os braços cruzados. - Não sei se foi a melhor escolha, ou se havia outro jeito. A gente só procurou uma saída rápida e essa foi a primeira que encontramos. Mas os maderos não querem saber se você é só uma transportadora ou se trafica. Estar relacionado com o cartel é suficiente para que eles te considerem no mesmo nível que os outros.

- Você já foi pega por eles? - Camila negou rapidamente.

- Sorte ou o trabalho muito bem feito. Não sei dizer. Mas pelos contatos que temos, nem sequer há uma ficha ou nome. - Lauren assentiu. - E você? - Camila perguntou um pouco receosa. Não sabia se queria conhecer aquele lado, mas já que estavam...

- Eu o quê?

- Como você consegue trabalhar no que trabalha e ao mesmo tempo defende umas mulheres desconhecidas, arriscando a própria vida. - Lauren encarou a latina, ficando séria de repente.

- Eu te disse que as aparências enganam. - Camila a analisava com cautela. - Não é como se me obrigassem a ocupar esse posto. Mas a maioria dos homens que nós limpamos são justamente os que fazem essas coisas. - Camila assentiu. - Nunca fizemos nada contra pessoas de bem, mulheres ou crianças, entende? Nisso o Viceroy não se mete.

- Muito nobre da parte dele. - ironizou fazendo Lauren rir.

- Ele é um crápula, mas tem um código. Ele não se apresenta como o homem mais honesto do mundo nem tenta se esconder, entende? - Camila assentia atenta. - Quando você o conhece, sabe que é o capo de um cartel, e se não, ele faz questão de te dizer. As pessoas que fazem negócios ou aceitam o dinheiro que oferece, sabem de onde vem. Drogas, tráfico pela fronteira e da produção.

- Assim como as consequências de aceitar. - adicionou e Lauren assentiu confirmando.

- Os filhos estudam em colégios bons, a mãe tem uma casa com tudo que você imaginar, inclusive segurança privada. É tudo com dinheiro sujo, mas quanto mais você pensar que alcançou um limite de produção ou venda, ele vem e supera no mês seguinte. Pra ele e todas as pessoas que o rodeiam, sair não é uma opção. Dentro tem tudo que querem, e quanto mais tem, mais querem conseguir.

- E você quer isso? - Lauren a encarou brevemente, negando com a cabeça. - Então por que não compra sua liberdade? - disse segurando a mão de Lauren entre as suas, fazendo uma carícia leve. A morena se curvou um pouco deixando um beijo na testa da latina.

- Porque ainda não é o momento. - Camila franziu o cenho e Lauren lhe beijou novamente, desfazendo a ruga.

- Você gosta do que faz? - perguntou em um sussurro. Lauren apoiou a mão direita no pescoço de Camila, obrigando-a a lhe olhar.

- Não. - respondeu ainda com os lábios contra a testa da latina. Camila suspirou assentindo. - Mas não é o momento de se preocupar por isso. Não é o futuro que eu pretendo para nós. - Camila se afastou imediatamente com a sobancelha esquerda arqueada e um sorriso brincando nos lábios.

- Futuro? Nós? - Lauren deu de ombros ficando a frente da latina e puxando-a pela cintura com delicadeza.

- Que? - retrucou com um sorriso torto. Camila já tinha os braços apoiados nos ombros da morena e não conseguia esconder sua felicidade.

- Nada... só acho que você não percebe a força que suas palavras tem. - a latina confessou admirando os lábios entreabertos da morena. Lauren tinha o cenho franzido. Oh céus, ela realmente não sabia. Era como aquelas crianças inoportunas que dizem a verdade sem filtro, só pelo fato de ser verdade.

- Isso é um problema? - perguntou confusa.

- Não se você quiser um futuro. - Camila respondeu com um meio sorriso. Lauren sorriu e deslizou o nariz pela bochecha da latina, para logo lhe morder o lábio inferior.

- Bom saber. - Lauren puxou o corpo da latina um pouco mais contra si, e então levou as mãos imediatamente à bunda de Camila, onde apertou com força, levantando a do chão.

Imediatamente, a latina abraçou a cintura de Lauren com as pernas, sentindo como a morena a sentava no capo do carro entre o beijo que trocavam. Lauren tinha as mãos no mesmo lugar, ora as deslizava para as coxas, ora apertava a cintura de Camila com mais força, enquanto a latina tinha suas mãos por baixo da camiseta de Lauren, sentindo a tensão dos músculos em cada movimento. Talvez o final do momento seria outro se o celular de Lauren não começasse a vibrar quase que desesperadamente em seu bolso, e foi então que ela se afastou, apoiando sua testa na de Camila e suspirando.

- Sim? - disse em um grunhido. A voz era masculina e forte, a única coisa que Camila entendeu foi o "Jauregui", porque Lauren se afastou para atender a ligação.

Passava a mão livre pelo cabelo, respondia com "sim" e "entendido" e tinha o olhar distante.

Tinha uma pose fria e irritada, o que não sabíamos era se tudo aquilo era fruto do que aquele homem lhe dissera. Quando voltou ao encontro da latina estava visivelmente preocupada, mas ainda distante.

- O que houve? - Camila perguntou com o cenho franzido, e Lauren a encarou com o maxilar rígido. Analisou detenidamente cada feição do rosto fino. Tinha um meio sorriso nos lábios, mas seus olhos permaneciam frios, distantes... Novamente apoiou sua testa na de Camila e suspirou apertando os olhos com força. - Lauren... - Camila a chamou com um sussurro, mas a morena apenas negou com a

cabeça e então a beijou. Um beijo cheio de saudade para quem estava fazendo aquilo há algum tempo. Um beijo com sabor de despedida.

Mas Camila não perguntou. Deixou que seu corpo sentisse todos os toques de Lauren, que sua pele respondesse a cada carícia de suas unhas a medida que a morena lhe retirava a roupa. Estava diferente, como se tratasse de uma despedida silenciosa.

Quando a latina já estava apenas com a camisa e calcinha, Lauren a encarou novamente e a incentivou a abraçá-la com as pernas enquanto caminhava em direção as escadas, sem deixar de beijá-la um segundo.

Quando chegaram ao segundo andar, a morena entrou no quarto de Camila e a deitou na cama com delicadeza, retirando sua camiseta e o macacão que usava. O calçado já estava espalhado por algum lugar, e enquanto Camila lhe retirava a lingerie, Lauren deslizava os dedos pelos braços da latina, sem deixar de admirá-la com devoção.

Camila estava insegura e com medo. Não entendia o que estava acontecendo, mas não se deteve. Deslizou as unhas pelas costas de Lauren quando a mesma direcionou seus lábios ao pescoço fino, beijando-o com delicadeza. Camila fechou os olhos e abraçou a cintura da morena com as pernas. Foi quando sentiu Lauren se apoiar com o braço esquerdo enquanto a encarava, deslizando a mão direita entre os corpos delas até alcançar o sexo úmido da latina, onde estimulou com uma massagem lenta, sem desviar o olhar das órbitas castanhas. Camila quis decifrá-la, mas a medida que o prazer aumentava, ela apenas sentia seu corpo curvando-se e seus olhos fechando. Lauren então introduziu dois dedos na latina, mantendo a lentidão e o olhar em cima dela. Investia lentamente, movendo seu corpo com cada movimento. O suor dos corpos e as respirações aceleradas, Camila tinha a boca entre aberta e usava as costas de Lauren como apoio, fincando as unhas e gemendo cada vez mais alto. Era intenso e profundo, Lauren investia cada vez mais forte direcionando os lábios novamente ao pescoço da latina que estava perto de alcançar seu orgasmo. A medida que os movimentos aumentavam, Camila se sentia ainda mais perto.

Quando finalmente o alcançou, pensou ter escutado um "perdóname" quando Lauren se deixou cair em cima dela exausta.

Camila esperou seu corpo relaxar, esgotada demais para perguntar se havia imaginado ou se realmente Lauren tinha pedido a perdoara. E com todo o cansaço e intensidade, acabou acordando uma hora depois na cama, coberta pelo fino lençol e abraçada ao travesseiro que já tinha o cheiro da morena. Sentiu seu peito apertar e não conseguiu evitar as lágrimas enquanto apertava a almofada com força.

Lauren havia ido embora. Aquilo não passara de uma despedida.

Uma despedida sem explicação. E ela já estava sentindo o sabor amargo da saudade.

Sentiu seu peito rasgar e sua respiração ficar pesada. Deitou-se admirando o teto branco e se permitiu chorar por vários minutos.

Mas a vida de quem trabalha no cartel não tem tempo para isso, e foi então que ela recebeu o aviso imediato de que teria que acudir a um encontro de última hora com a chefe.

Aparentemente haviam recebido um aviso de que os federais estavam planejando interceptar um carregamento da chefe, o transporte de um dos seus carros preferidos, e ela precisava de suas melhores motoristas.

Tomou um banho rápido com o nó ainda em sua garganta e olhou-se no espelho uma última vez apenas de toalha. Respirou fundo e terminou de secar o cabelo. Teria tempo de procurar uma explicação depois, mas naquele momento ela precisava trabalhar.

Vestiu-se rapidamente e logo já estava saindo do armazém com o dodge a caminho da garagem da chefe. Um chalé no bairro nobre de Chihuahua.

Quando chegou, Dinah já estava encostada na Lamborghini Veneno Roadster, lixando as unhas com cara de tédio.

Modelo italiano, 4.500.000, chegando de 0 a 62 km/h em 2,9 segundos na cor branca. O sonho de consumo de qualquer um. Mas, adquirida ilegalmente, assim como todos os bens da mulher.

Quando desceu do carro, Dinah logo franziu o cenho ao ver o rosto da amiga. Estava especialmente irritada, e Dinah poucas vezes tinha visto a amiga assim.

- O que houve? - perguntou dando um passo a frente. Camila levou a mão à testa e suspirou.

- Um problema de última hora.

- Lauren? - Camila engoliu sua vontade de chorar e assentiu levemente. Dinah não se convenceu, mas aceitou por ora.

- Pra onde devemos levá-lo? - Camila perguntou olhando o interior do carro.

- Uma carreta transportadora está nos esperando no meio do valle, vão levar a donzela até o Distrito Federal por um tempo. - Camila assentiu olhando ao redor. Dinah estava com o outro dodge que elas usavam para os roubos de combustível.

- Muito bem. Estarei logo atrás e você procura manter uma distância mínima. Caso tenha algum movimento, você toma a frente e nos encontramos lá, entendido? - Dinah assentiu entregando-lhe as chaves. Quando Camila ia entrar no carro, a loira apoiou sua mão sob a da latina.

- Seja o que for, vocês vão se ajeitar, tudo bem? - Camila a olhou com os olhos brilhando, até que assentiu levemente. Não estava tão certa disso.

Logo, saíram em direção a rodovia. Era só mais um trabalho.

Enquanto isso no restaurante, Normani tinha a cabeça apoiada nos braços enquanto Ally limpava o balcão. Foi então que a loira empurrou uma dose de tequila e a morena imediatamente levantou a cabeça, tomando-a de um gole.

- Um dia difícil? - Ally perguntou e Normani respondeu assentindo. - Quer conversar? - a morena bufou negando com a cabeça.

- Desde quando você é psicóloga? - Ally riu com desdém secando os copos que estavam a sua frente.

- Desde quando você e Dinah estão se evitando porque se beijaram. - Normani arregalou os olhos e abriu a boca algumas vezes, mas nada saiu. Ally arqueou as sobrancelhas repetidas vezes, fazendo a morena revirar os olhos.

- É complicado... - Normani justificou.

- O quê, exatamente?

- Ela... eu... tudo! - Ally tirou o celular do avental, mexendo em alguma coisa para então empurrar o aparelho a Normani. Se tratava de uma foto. Essa em concreto, ela estava admirando uma Dinah próxima demais. Na seguinte, elas estavam se beijando. Então era verdade.

- Complicada é a morte, que não tem solução. No resto, a gente sempre dá um jeito. - a loira disse voltando aos copos. Normani continuava olhando as fotos, dando zoom, sentindo um frio na barriga cada vez que parava na imagem do beijo.

- Ela disse que foi uma coisa do momento... - reclamou torcendo o lábio, ao que Ally riu com desdém.

- E você acreditou? - Normani deu de ombros, respondendo.

- Por que não? - Ally lhe retirou o celular bruscamente, e então apoiou as mãos no balcão.

- Talvez porque vocês estão dizendo isso a si mesmas desde que se conheceram, apenas para não reconhecer que estão loucas uma pela outra? - Normani novamente abriu a boca e a fechou, perplexa.

- Como você...

- Por Deus, Mani! Todo mundo sabe, menos vocês!

- Você acha que ela também... - Ally revirou os olhos. - Ally, é sério!

Eu não sei mais o que fazer!

- Que tal falar a verdade? - disse como se fosse óbvio.

- E se ela vier com essa história de que é só um arrebatado...

- Então pelo menos você tentou. - Normani franziu o cenho.

- E arruinar o que temos? - Ally deu de ombros.

- Você sabe tão bem quanto eu que pra ganhar precisamos correr riscos.

A loira recolheu a caixa com os copos secos e abandonou o local entrando na cozinha, deixando para trás uma Normani pensativa.

De volta à rodovia, Dinah mantinha o carro em 70km/h, vendo Camila de longe pelo retrovisor.

- Sem movimentos por aqui. - disse pelo rádio.

- Por aqui também. - a latina confirmou.

A loira estava batucando os dedos no volante ao som de Flawless quando perdeu Camila de vista pelo retrovisor. Foi então que ela diminuiu a velocidade e se concentrou em procurar pela amiga, perdendo a atenção do que tinha a sua frente.

Foi então que a Lamborghini apareceu em seu campo de visão e ela respirou aliviada, mas assim que se encostou no banco, um outro carro veio em sua direção tão rápido, que a loira só teve tempo de sentir um impacto do choque.

O dodge deslizou pela pista e capotou três vezes, parando a alguns metros de Camila que freou com toda sua força ao ver de longe o acidente.

- Dinah! - gritou sentindo sua garganta reclamar e saiu do carro correndo. Estava há poucos metros, mas o dodge estava totalmente destruído.

Chegou até a janela do motorista e usou o cotovelo para quebrar o resto do vidro. A cabeça de Dinah sangrava e ela estava desacordada.

- Dinah, por favor. - chamou, mas o corpo da amiga parecia inerte. Levou os dedos ao pescoço, os batimentos eram fracos, mas estavam ali.

Sabia que tirá-la seria perigoso, pois poderia provocar alguma lesão ainda mais grave. Olhou ao seu redor, mas estava tudo deserto. Procurou pelo celular no bolso, mas havia deixado no carro.

Foi então que ouviu o rugir de um motor muito bem conhecido por ela, freando logo ao lado.

Lauren saiu do Gran Torino tão desesperada quanto a latina, ajoelhando-se ao seu lado. A morena levou as mãos ao rosto de Camila, que estava preocupada e confusa.

- Você está bem? - perguntou afoita. Camila assentiu levemente, desviando o olhar para Dinah.

Lauren levou os dedos ao pescoço da loira e olhou para Camila, retirando o celular do bolso. Continuou olhando fixamente para a latina esperando por uma resposta no aparelho, mas Camila continuava com o cenho franzido, sem entender.

- Ela precisa de atenção médica. - Camila assentiu imediatamente, sem desviar o olhar. Quando Lauren obteve resposta, a latina viu como ela engolia em seco antes de falar. - Agente especial Lauren Jauregui, número de placa 70115. Preciso de um helicóptero com paramédicos e uma viatura na rodovia 66, perto do Valle. Jovem ferida com um golpe na cabeça por acidente automobilístico. Sim. E uma ambulância também.

Essa é a coisa engraçada sobre a verdade. Ela geralmente aparece. Agora Camila sabia o porquê.

--

Como se vcs ao soubessem hahahaha!

Capítulo 17: Verdades Secretas

Como prometido. Sério que vocês não pensaram que Lauren era maderá? kkkkkkkkkkkkkk aiai adoro vocês.

Chêro.

//

Não demorou a que o barulho da hélice do helicóptero se fizesse presente junto às sirenes da ambulância. Devido ao terreno extenso do Valle, o helicóptero pousou enquanto a ambulância seria a responsável de levar o corpo até o mesmo.

Camila ainda estava em estado de choque, com raiva, decepcionada. Se tivesse em outra situação, teria passado seu carro por cima de Lauren sem pensar. Ela havia mentido, traído sua confiança. Não pediu juras de amor nem muito menos promessas. Apenas honestidade. E a morena falhou.

- Jovem, sessenta quilos, traumatismo craniano e aparentemente sem outras lesões. Precisamos de autorização para levá-la ao hospital universitário. – o paramédico disse ao enfermeiro que lhe acompanhava. Enquanto Lauren abria a porta do veículo, cuidadosamente retiraram o corpo de Dinah colocando-o sobre a maca.

Camila estava de pé um pouco mais atrás, observando tudo apreensiva. Assim que o corpo foi imobilizado, Lauren se aproximou dos médicos.

- É um caso prioritário, entrarei em contato com o hospital. Façam o que tiver que fazer. – a mulher assentiu e logo estavam carregando-a até a ambulância onde Lauren fechou a porta e viu o veículo afastando-se a toda velocidade.

Não demorou muito para que novamente escutassem a hélice do helicóptero enquanto se afastava em direção à cidade.

Camila viu tudo de longe, e quando Lauren deu a volta para olhá-la, a latina simplesmente enrijeceu seu maxilar e negou com a cabeça.

- Camila... – Lauren a chamou, mas a latina saiu a passos longos até a Lamborghini, arrastando rapidamente fazendo com que todos os pneus soassem.

A morena não pôde fazer nada a não ser acompanhá-la ao longe.

Lauren olhou para o céu, perguntando-se como havia deixado que tudo terminasse assim. O trabalho era sua prioridade, sempre. Por que Camila teve que aparecer? E o pior, o que aconteceria agora?

Imediatamente retirou o aparelho do bolso e marcou o número de Veronica enquanto caminhava até seu carro.

- Você tinha razão. Dinah sofreu um acidente e está em uma unidade de emergência a caminho do hospital universitário. Autorize o tratamento que for

necessário.

- Lauren, que porra você fez? – a mulher gritou do outro lado. Lauren fechou a porta do Gran Torino e o arrastou rapidamente.

- Só faça o que eu estou pedindo.

- Mas agora elas...

- É uma ordem, agente Iglesias! – a última coisa que ouviu foi o suspiro de Veronica e desligou. Sim, agora elas tinham sua equipe e seu trabalho de cinco anos nas mãos. Mas Lauren não podia tirar da cabeça o olhar de decepção e raiva com que Camila a olhou por última vez.

Assim que Camila chegou ao Valle, ligou para Normani e Ally avisando do acidente, e logo elas foram buscá-la.

A caminho do hospital, a latina explicou o que havia acontecido além da descoberta sobre Lauren. As outras duas não só ficaram perplexas, como presenciaram o juramento da latina de que nunca mais queria ver Lauren Jauregui em sua frente.

Quando chegaram ao hospital, a loira estava sendo atendida ainda pelos médicos. Ficaram na sala de espera que havia na recepção. Allyson rezava silenciosamente abraçando uma Normani completamente destruída. Camila estava séria encarando suas botas sujas de barro.

Foi tudo tão rápido. Reduziu a velocidade porque estava se aproximando demais, e no segundo seguinte estava vendo o carro de Dinah capotando. Por sorte a loira usava o cinto de segurança. Mas as três voltas que o veículo deu foram suficientes...

Enquanto analisava os fatos, perguntava-se o que doía mais. O fato de poder perder sua melhor amiga e irmã, ou a decepção de ter confiado em Lauren. Provavelmente os dois. A diferença é que ela confiava em que Dinah ficaria bem, mas Lauren... Ela nunca confiaria de novo.

Camila POV

Poucos lugares são tão terríveis que um hospital. Talvez o cemitério esteja na primeira posição, mas um hospital é tão horrível quanto. Não há ninguém bem aqui, além dos doutores. Quero dizer... Ninguém vai ao hospital estando bem. Por isso você sabe que aqui só tem desgraça.

A última vez que estive em um, foi quando Sofia nasceu. Talvez essa seja a única coisa boa desse lugar. Mas tenho certeza que a ala de maternidade fica vazia tão rápido como os corações de todos aqueles que perdem alguém aqui.

Deve ser uma merda ser médico nessas horas. Chegar com a cara de cansaço e um falso pêsame, avisando que seu familiar ou amigo morreu. Quantas vezes eles devem dizer isso ao longo da vida? Hospitais são uma merda. Principalmente quando está sendo pago por um madero.

A ironia da minha vida. Aprendiz de criminosa apaixonada por uma agente especial. Como eu nunca desconfiei antes? A facilidade delas para controlar uma arma, o interesse pelos assuntos sujos da chefa. Sem falar na rapidez com que

conseguiram contatar com os federais. Sabe quantas denúncias anônimas esses filhos da puta investigam? Mas eu disse apaixonada? Qué carajos! Lauren Jauregui é uma maderá. Isso é a única coisa que me importa.

E como eu disse, ali vem o doc. Alto, cabelo grisalho e a roupa ensanguentada. Olha ao redor da sala e então revisa sua prancheta uma última vez.

- Familiares de Dinah Jane Hansen. – todas nos levantamos imediatamente e ele se aproxima. Por sorte, sorrindo. – A paciente chegou com um traumatismo, provavelmente causado pelo impacto do carro. Controlamos as constantes e aparentemente não há nenhum sinal de hemorragia interna. As lesões do rosto e braços são superficiais e com o cuidado adequado não deixarão cicatriz. No momento está sedada e em observação. Se a noite não apresenta surpresas, terá alta amanhã de manhã. – Ally sussurrou um graças a Deus e Normani, assim como eu, soltou um suspiro. Bem, ela estava bem. – Não passou um susto desafortunado.

- Quando poderemos vê-la? – Normani perguntou afoita.

- Agora, se querem. As visitas são de um em um, mas podem estar o tempo que quiserem. Seu quarto é o 512, por aquele corredor.

Todas acompanharam a mão direita do médico apontando pela porta que entrou, e nos olhamos. Ela estava bem e isso para mim era suficiente. Para Ally também, então deixamos que Normani fosse à frente.

Enquanto Allyson avisava aos meus pais que estava tudo bem, eu fui até a recepção para pagar a conta. A última coisa que eu queria era dever dinheiro aos federais.

Mas ao chegar, qual não foi minha surpresa ao ver aquela babaca ali assinando alguma coisa. Devo reconhecer que para ser policial e estar infiltrada há cinco anos, é bastante estúpida.

- Que merda você está fazendo aqui, Jauregui? – ela se virou rapidamente, olhando-me assustada. Dessa vez foi impossível não reparar no brasão que tinha pendurado no pescoço. Pelo tamanho da estrela e quantidade de detalhes, era não era uma mera agente. Genial, diábolica. Pelo jeito você também é uma babaca.

- Resolvendo os papéis do traslado.

- Eu não quero sua ajuda. – ela suspirou passando a mão pelo cabelo.

- Camila...

- Eu. Não. Quero. Sua. Ajuda. – a atendente nos olhava assustada, mas eu não podia me importar menos.

- Podemos conversar lá fora?

- Não. – suspirou novamente.

- Por favor?

- Eu não tenho nada pra falar com você, agente. – pouco tempo, mas o suficiente pra perceber quando ela enrijecia o maxilar e suspirava devagar, como se controlando. – E espero que não esteja assinando nada respeito ao atendimento de minha irmã. – ela levou a mão à testa, deslizando os dedos como quando queria pedir

paciência a seu autocontrole.

- É isso que você quer? – disse na cara de pau, deixando os braços caírem. Ri com desdém. Só podia ser uma piada.

- Foi você quem quis assim!

- Eu posso explicar. – disse com os dentes apertados.

- Eu não quero sua explicação. Você e sua equipe já podem sair do meu armazém antes que eu avise sobre essa sua brincadeirinha de polícia e ladrão. – ela deu um passo à frente, me encarando.

- É isso que você quer? – e naquele momento... ah, maldita sea, Jauregui. Não é momento para isso.

- Sim. Quero você fora da minha vida. Se eu souber que você se aproximou de alguém ou do restaurante, juro por Dios que acabo contigo. – e ela assentiu lentamente, me olhando e dando um passo atrás.

Eu já conhecia o sabor da perda e da decepção. Só nunca pensei que com ela seria esse o fim. Nem me lembrava de como doía.

E essa foi à última vez que eu vi Lauren Jauregui.

Narrador POV

No quarto 512, Normani segurava a mão de Dinah e limpava as lágrimas ao ver a loira deitada, inconsciente e com uma venda na cabeça.

- De todas as vezes que eu pensei em você, em nenhuma delas foi assim. – confessou fungando. – Desde a primeira vez que te vi na rua enfrentando os trombadinhas, fiquei maravilhada com sua pose. E cada vez que você fala uma besteira, não consigo evitar não rir por dentro. Também não consigo evitar me preocupar quando a gente trabalha, ou ter ciúme quando alguma mulher chega perto demais. Tem tantas coisas que eu preciso te dizer... – Normani limpou as lágrimas olhando para o rosto coberto por arranhões devido ao vidro do carro. – A verdade é que eu sou apaixonada por você desde a primeira vez em que te vi. Mas eu nunca pensei que você... já sabe. Que você poderia sentir alguma coisa. Sempre fomos como irmãs e você tem aquele jeito de ficar com qualquer uma e depois vem correndo me contar como foi. A verdade é que eu quero te matar cada vez que faz isso. Mas depois daquele beijo... Deus, eu acho que estou enlouquecendo. – riu sem jeito, limpando as lágrimas novamente. – Não tem um só dia em que não pense ou me lembre de como foi. Ou que eu queira que não seja só um arrebatado pra você. Que seja algo mais que um impulso... Eu só sei que eu não posso te perder, Dinah. – a morena não conseguia dissimular seu desespero. – Você precisa ficar bem, acordar amanhã para que a gente te leve pra casa. Eu preciso que você volte pra mim. Por favor... – sem forças, a morena caiu aos prantos apoiando sua testa na cama enquanto chorava.

Estava tão desesperada, que o choro era seu alívio por saber que estava tudo bem. Mas aquele desespero a manteve ali, com a cabeça baixa e chorando, sem ver que Dinah havia aberto os olhos e tinha um sorriso nos lábios.

Quando a morena se acalmou, Ally entrou em seu lugar, trocando

algumas palavras de conforto com a loira e cedendo o lugar para Camila que foi um pouco menos sentimental, mas não pode segurar sua culpabilidade.

- Sinto muito por isso, enana. – confessou alisando a mão da loira. – Mas já está tudo resolvido e amanhã estaremos em casa. Dona Sinu está doida preparando todos os pratos que você gosta. – riu olhando para o teto, impedindo que as lágrimas caíssem. – Me perdoe por ter te colocado nessa. Mas a partir de agora teremos mais cuidado, ok? Falta pouco pra essa maldita dívida acabar, e em breve estaremos no caribe como você sempre diz... Apenas fique bem, sim? A família está te esperando. E bom... – Camila pigarreou brincando com os dedos da loira. – Não sei se você estava nos ouvindo, mas... A Jauregui... Ela resultou ser uma madeira, acredita? – riu com desdém. – Todos aqueles segredos... No final você tinha razão. A gringa era encrenca. – foi então que Dinah abriu os olhos de repente.

- A Jauregui é uma madeira? – perguntou assustada ao que Camila deu um pulo para trás.

- Porra, Dinah! – levou a mão ao peito com os olhos arregalados.

- Que? Você achou que eu estava morta?

- Não, mas... – a loira revirou os olhos.

- Conta logo.

- Eu não deveria chamar o médico? – perguntou confusa.

- Depois. Conta logo isso e depois a gente chama ele.

- Mas você estava sedada!

- Mas eu acordei! – rebateu irritada, fazendo uma careta de dor ao se remexer na cama. – Foi um golpezinho de nada, eles que são uns exagerados. Você sabe que vazo ruim não quebra. Agora conta.

Logo, Camila começou a narrar os acontecimentos deixando Dinah ainda mais perplexa. Foi então que, ao acabar e ouvir as ameaças da loira de que chutaria a bunda branca da filha de Marilyn Manson e a mandaria de volta ao inferno, chamaram o doutor.

O homem entrou acompanhado de Normani e Allyson que estavam mais do que felizes de ver a loira acordada. Dinah esperou por algum gesto de Normani que demonstrasse que tudo que a morena havia dito estava ainda ali, recente. Mas Normani estava distante, duvidando a cada palavra que dizia... quase arrependida. Foi então que Dinah engoliu toda sua alegria, transformando-a em decepção.

Talvez a morena se declarou no calor do momento, no desespero. Talvez o melhor era ela pensar que Dinah não havia escutado nada.

//

Quem aí também odeia esse chove não molha?

Se acabar ainda hoje, posto o próximo.

Capítulo 18: Quizás, Quizás, Quizás...

Cheguei! Vamos com o primeiro da noite!

Pra entender um pouco a história da Lauren agora que sabemos a verdade, e o começo do novo rumo da fic, então bastante narrado e com poucos diálogos. Espero que estejam gostando. As músicas que aparecem estão na playlist, então já sabem:

Search Your Heart - Rudolph Taylor

Quizás, quizás, quizás - Gaby Moreno

//

Lauren POV

Quando eu tinha quinze anos ligaram para o meu colégio dizendo que eu tinha que ir ao hospital com meus irmãos. Meu pai havia sido transladado de uma base militar secreta e estava em estado grave. Meu primeiro pensamento foi que precisava cuidar de meus irmãos e minha mãe. Não tive tempo para me desesperar ou chorar. Eu só pensava neles.

Quando chegamos ao hospital, ele estava sendo operado, o que gerou a cicatriz que ele tem no abdome e no pescoço. Por sorte, tudo saiu bem e alguns dias depois ele estava em casa. Mas se tenho que dizer onde tudo começou, foi ali, naquele hospital.

Ver meu pai sedado e cheio de curativos, com várias feridas superficiais e um médico que dizia que caso ele tivesse alguma sequela nunca mais poderia exercer, foi o que mudou não só minha vida como a dos meus irmãos.

Ele passou por um conselho de guerra porque havia sido acusado de entrar em campo de batalha sem autorização de Washington. Mas seus homens estavam em perigo e se ele não enviasse um batalhão, teria que enviar seus superiores até a casa dos familiares de dezesseis soldados para avisar que estavam mortos por defender a pátria.

Minha casa ficou cheia de advogados e oficiais dispostos a defendê-lo. Depois do conselho de guerra, ele conseguiu demonstrar suas intenções e foi absolvido. Devido à idade e o perigo, minha mãe pediu que ele ficasse em casa, então o velho Mike aceitou treinar os agentes especiais.

Por isso eu digo que ali foi quando tudo começou. Taylor decidiu que queria ser advogada, porque havia muitos casos como o do nosso pai no exército e ela queria ajudar todas aquelas pessoas que colocavam o coletivo em primeiro lugar. Chris achou que se tivessem mais oficiais na aeronáutica, o pelotão estaria mais seguro, e se alistou também. Mas eu sempre soube que no exército seria a mera sombra do meu pai. Seria difícil igualá-lo pelo fato de ser uma mulher. Então eu procurei outra via.

Entrar no FBI foi, modéstia aparte, a coisa mais fácil que eu já fiz na minha vida. As provas foram tão fáceis que eu nem acreditei. Aos 19 anos eu já havia

superado a posição de cadete e me ofereceram a primeira missão. Se conseguisse me infiltrar em uma faculdade e descobrir o fornecedor de LSD e heroína, ganharia o posto de agente automaticamente. Pra minha sorte, Veronica e Lucia também estavam alistadas e aceitamos a missão. Aquela foi a primeira vez que me infiltrei. Meses depois enquanto estávamos em uma festa, encontramos o cara. Um filhinho de papai que tinha um mini cartel dentro da universidade de Miami e se achava o maioral. Uma equipe especial invadiu seu quarto, bastou uma ordem para aceder a suas contas e logo ele estava preso por tráfico e produção de estupefacientes.

Como nos fora prometido, acabamos como agentes de campo.

Investigações chatas aqui, algumas parcerias com a DEA e a CIA ali, cheguei aos 21 anos e a herança de Pablo Escobar se fazia cada vez mais forte. Foi então que a DEA pediu nossa ajuda para frear a expansão do tráfico na fronteira.

Aquela foi minha segunda missão.

Só que dessa vez me deram o cargo de agente especial. Isso significava que seria a responsável pela missão. Escolheria os agentes e tudo seria conforme minhas ordens. Veronica e Lucia já estavam juntas e não duvidaram em me acompanhar. Elas eram as únicas que eu precisava. O resto se infiltrou no cartel de Sinaloa e nos outros que pertencem à Colômbia como o cartel de Cali e Medellin.

Cinco anos se passaram. Comecei como intermediaria, levando a carga "sem saber o que havia", assim como Camila e suas amigas. Até que um dia em uma das emboscadas que a DEA fazia, tive que decidir entre minha missão e ser revelada. Foi então que acertei um agente e ajudei o Viceroy a fugir. Depois daquele dia fui posta a prova junto com as meninas inúmeras vezes. Cada dia me dava uma tarefa diferente, mais perigosa.

Ainda me lembro antes de dormir o primeiro cara que matei. Ele estava desviando o dinheiro da coca. Viceroy descobriu e me deu uma única saída. Ele me suplicou, pediu por seus filhos e sua esposa. O cara chorou ajoelhado na minha frente. Eu nunca tinha matado ninguém. Veronica, Lucia, Chuy e Viceroy estavam comigo no meio do deserto. Dei três passos atrás e um tiro limpo em sua testa.

Depois daquele dia, nos tornamos os olhos e seguranças desse filho da puta.

Vi de tudo que vocês imaginarem nessa vida. Prostitutas fingindo adorá-lo por um maço de dólares. Jovens querendo ser como ele, outros traficantes morrerem de overdose ou pela polícia. E todos os dias antes de dormir, me pergunto se vale à pena.

Mas então me lembro do meu pai naquela cama de hospital. Em como ele sacrificou seu posto e sua vida pelo seu pelotão. E é por isso que eu estou aqui, cinco anos depois. Para evitar que eles continuem acabando com a vida de tantas pessoas. Só que não é um trabalho fácil.

Conquistar seu posto é difícil, a confiança do chefe ainda mais, e basta

um deslize para acabar em um saco preto no fundo do rio.

Nossa missão é clara, mas quanto mais tempo passamos aqui, mais difícil fica investigar. Um erro pode custar à vida, e nós não entramos pra perder.

Há quatro regras básicas para ser uma boa agente infiltrada.

1. Os traficantes são nossos inimigos.
2. Não confie em ninguém.
3. Não revele sua identidade a ninguém.
4. E nunca, sob hipótese alguma, se apaixone ou se envolva

sentimentalmente com o inimigo.

E eu quebrei todas na primeira vez que a vi entre aquela multidão.

Durante os oito anos que levo na agência, nunca deixei nada nem ninguém se colocar em primeiro lugar no meu trabalho. Até ela aparecer.

E Veronica tinha razão. Sempre teve. Mas eu não escolhi isso. E agora arrisquei meu trabalho para ajudá-la, e acabei em suas mãos como sempre. Só que dessa vez, sem ela.

Ah, diabla... Se você soubesse como deixou minha vida de cabeça pra baixo, não teria ido embora assim.

Flashback On

Pensão El Rosario, Chihuahua.

Veronica e Lucia estavam na recepção me esperando. Acabava de chegar de mais uma cerimônia na qual condecoravam Chris pela milésima vez por sua labor na guerra do Iraque. A viagem foi exausta e no dia seguinte deveríamos nos apresentar para ajudar Chuy em um carregamento. Viceroy estava levando fama de corno e pediu que resolvêssemos esse problema, e já que estávamos ali, ajudar não estaria mal.

- Tudo bem por lá? – Veronica perguntou depois de me abraçar.

- Sim. Sua mãe mandou um beijo e reclamou que vocês nunca aparecem nessas comemorações. – elas riram imaginando a senhora Iglesias mandando o recado.

- E o Chris? – Lucy perguntou.

- Feliz, como sempre. Meu pai está muito orgulhoso e já estamos sem espaço na sala pra tanta medalha.

- Ser um Jauregui não é fácil... – Vero ironizou. – Mas então, estamos pensando em dar uma volta pela cidade.

- Disseram que tem uma corrida ilegal no Valle, a maioria dos membros do cartel estão por lá, incluídas as mocinhas da chefe. Miles e Mendes pediram que a gente desse uma olhada. O tenente tá mais do que irritado com todo esse assunto do combustível. – Lucy completou.

Eu estava cansada. Um voo de Miami ao Distrito Federal e de lá a Chihuahua era algo assim como uma morte lenta.

Mas uma ordem da central era uma ordem. Miles é o agente mais

babaca que o FBI já teve. Acha que só porque tem uma arma e lambe a bunda do chefe, merece respeito. Vive fumando um cigarro que fede mais do que seu perfume de supermercado e é incapaz de fazer qualquer coisa sem nossa ajuda.

E como sempre, trabalho é trabalho.

A verdade é que nunca tive tempo de me divertir como os jovens de hoje em dia, e aquilo me parecia algo tão... patético. Se eles vissem a metade de coisas que já vi, pensariam duas vezes antes de frequentar esses lugares.

Estacionamos um pouco mais afastadas para ver o movimento. Reconhecemos alguns cadetes que estavam começando no negócio, mas foi ao ver elas chegarem como as donas do lugar que senti todo meu cansaço desaparecer.

Diabla, conhecida por todos como a melhor motorista e suas amiguinhas. E eu imaginava tudo, menos que ela fosse tão linda e gostosa. Além daquela expressão fechada, de quem não tem paciência nem tempo a perder, assim como eu. Parecia ser a mulher perfeita.

Segundo a lista que havíamos recebido da central, Dinah se encaixava no perfil da foto que tínhamos dos roubos das carretas.

- Parece que encontramos os ladrões. – Veronica disse abraçando Lucy por trás.

- Quem diria que elas seriam capazes de fazer algo assim. – completei mais pra mim do que pra elas, que assentiram. Lucy se remexeu cutucando Veronica antes de falar.

- Ih, conheço essa cara.

- Cara de quem vai fazer besteira. – Veronica completou.

Elas me conheciam bem até demais.

Falei com um dos capangas do organizador e já estava dentro, mas adicionei um valor extra caso ele convencesse a diabla de competir.

E não é que o cara conseguiu?

Quando passei pela multidão até encontrá-la, tive uma leve impressão de como seria o inferno. Seu inferno. Quanto mais próxima ficava, mais bonita parecia. E ela tinha aquele olhar de quem ia ganhar. O mesmo que o meu.

Correr nunca foi uma ciência exata para mim, mas o bom rock, a cerveja mexicana e um carro clássico eram tudo que eu precisava na vida.

Gran Torino foi uma herança do meu avô. Vi várias vezes como ele e o meu pai lavavam o carro e consertavam na garagem. Aos 16 passou pra mim e desde então a missão de limpá-lo e conservá-lo ficou comigo. Cuidar do Gran Torino é como estar com meu pai. Me ajuda a pensar e me dá paz.

No fundo Allyson tinha razão, meu motor estava trancado. De não ser por isso, Camila havia ganhado facilmente a corrida. Eu não era melhor motorista que ela, mas tinha recursos. As bombas de nitro foram fundamentais pra levar a vitória e a imagem dela totalmente irritada.

Na minha cabeça, aquilo seria parte do plano. Mas foi ali que aprendi mais uma lição: com Camila Cabello não há planos.

As vezes que tentei contar a verdade. Ou as que me senti uma filha da puta por mentir. Se ela soubesse...

Mas nem eu sei. Ou talvez sim.

Agora, olhando a foto dela me dando língua usando meus óculos escuro e sentada no capô do meu carro... Agora eu entendo. Eu me apaixonei por Camila Cabello.

Um erro de principiante.

Mas foi a melhor forma de errar.

Narrador POV

Os dias em Chihuahua passavam lentos e sem nenhum sinal das três mulheres. Camila estava trancada na garagem de sua casa, tentando dar vida a camionete velha de seu pai. Passava o dia debaixo do veículo concentrada em cada peça que trocava. O nome de Lauren estava proibido, assim como perguntar qualquer coisa à respeito.

De noite, uma cerveja para que o sono chegasse. Às vezes chorava silenciosamente, mais por ódio do que por saudade. Lauren lhe enganara, e isso era a única coisa que parecia importar.

Mas naquele domingo ela se sentia um pouco melhor. Dinah já estava totalmente recuperada apesar de alguns curativos no braço. Alejandro estava preparando o churrasco enquanto Sinu colocava a mesa. Elas estavam sentadas observando tudo com um sorriso no rosto. Foi então que Alejandro se aproximou até o velho reproduzidor de vinil que estava na varanda, colocando um disco e pegando uma cerveja. Quando a voz de Rudolph Taylor soou, o patriarca fechou os olhos se deliciando com a Corona e a voz suave do homem.

Search Yout Heart lembrava Alejandro da época em que levava Sinu para dançar nos bares da cidade e colocava uma moeda naquelas velhas máquinas, arriscando alguns passos lentos para roubar um beijo à mulher que se fazia de difícil na época.

- Estão ouvindo essa música? Era assim que se conquistava uma mulher! Não com essas porcarias que vocês escutam hoje de reggaeton. – disse apontando a garrafa para as filhas, que riam entretidas. – Don't put me baby, oh no, no, in misery!

Sinu chegou com a panela de arroz na mão e fechou os olhos também ao ouvir a melodia.

- Oh essa música! – começou a se balançar ao compasso. – Você se lembra, Ale? – o homem assentiu aproximando-se e levando a panela para esposa.

- Graças à ela eu toquei na sua bunda por primeira vez. – zombou arqueando as sobrancelhas sugestivamente, recebendo um tapa da esposa no braço. – Ay, mujer!

- Respeite suas filhas! – reclamou, mas logo o homem a abraçou por trás, beijando-lhe o pescoço.

- Mijas, vou mostrar a vocês como uma boa música e uns passos podem transformar uma mulher brava em dócil. – disse deixando a cerveja na mesa.
– Sofia, prepare Gaby Moreno! – a menina levantou-se rapidamente e foi até o reproduutor, escolhendo o disco.

- Ale, eu estou suja de comida! – Sinu disse envergonhada quando o marido a segurou para iniciar a dança.

- Hermosa! – respondeu sorrindo para a senhora que negou com a cabeça.

Gaby Moreno iniciou Quizás, Quizás, Quizás e com ela, o casal os pasos do bolero.

Siempre que te pregunto qué, cuándo, cómo y dónde
Tú siempre me respondes
Quizás, Quizás, Quizás
Y así pasan los días y yo desesperando
Y tú, tú contestando quizás, quizás, quizás
Estás perdiendo el tiempo pensando, pensando
Por lo que más tú quieras, ¿hasta cuándo?, ¿hasta cuándo?
Y así pasan los días y yo desesperando
Y tú, tú contestando quizás, quizás, quizás...

Camila se sentiu incômoda com a letra e principalmente, com a cumplicidade de seus pais. Maldita hora que pensou em Lauren e que talvez, talvez... talvez se ela tivesse escutado sua explicação, poderia encontrar um sentido a tudo aquilo que sentia. Se pegou olhando para sua garrafa de cerveja vazia, perguntando-se onde estaria ou se talvez, talvez... talvez estaria pensando nela também.

Se Lauren imaginava um futuro, por que não foi sincera?

Nada fazia sentido. Tudo que havia dito e depois como agiu...

Retirou o celular decidida a ligar pra morena e tirar satisfações, mas no mesmo momento a foto da chefe apareceu na tela. Deslizou o dedo na tela e atendeu com o cenho franzido.

- Ouvi dizer que Dinah esteve no hospital.

- Sim. Mas já está em casa. Não passou de um susto.

- Fico feliz. Sei que hoje é seu dia com a família e não quero te incomodar. Mas você sabe que temos um trato... – Camila levou a mão atesta, levantando-se imediatamente.

- Sim, mas como acidente... precisei pagar o hospital e...

- Camilita... – a chefe suspirou do outro lado. – Eu sinto muito por sua irmã. Mas negócios são negócios. – a latina engoliu seco apertando os olhos.

- Sim, senhora. Eu sei...

- E então? – ela não tinha o dinheiro. Havia reunido uma boa quantidade, mas os gastos do atendimento levaram quase toda a quantia e seu orgulho não permitiu que Lauren pagasse. Ela não tinha saída.

- A senhora dirá. – percebeu como a mulher sorriu ao outro lado.

- Ótimo. Preciso de vocês amanhã no depósito abandonado. Receberei uma carga que vem da Colômbia e preciso que vocês me ajudem a recebê-la sem levantar suspeitas. – Camila suspirou, rendida.

- Hora?

- Uma da manhã.

-- Estaremos ali. – estava prestes a desligar quando ouviu a mulher chamá-la. – Sim?

- Você ainda tem as armas que eu emprestei? – a latina franziu o cenho, dubitativa.

- S-sim... por quê?

- Você vão precisar delas.

E desligou sem mais explicações.

//

Eita lasqueira no caminho da feira!

Quem aí já imagina o que vai acontecer?

Mais tarde a gente se lê!

Abraço :D

Capítulo 19: This Is How You Remind Me

Cheguei!

Bom, decidi juntar dois caps em um porque se não ia ficar um saco parar e escrever, aí fiz tudo de uma vez! Então no caso esse seria o último de hoje, mas equivale a dois caps, portanto POSTEI TREEEEEEEEEEEEEEEEEES CAPITULOS PRA VCS!

Ta vendo como sou boazinha? Espero que gostem e finalmente entenderemos a fic!

//

Chihuahua, depósito de borracha abandonado, 00h22min.

A noite estava especialmente fria e escura. A primavera estava prestes a se despedir e dar passo ao verão, mas ainda assim estava fresco. Camila estava na porta do lugar estabelecido com as outras, todas apoiadas no carro. As luzes dos postes iluminavam a rua deserta da área industrial de Chihuahua. As fábricas ficavam localizadas quase na fronteira com Ciudad Juárez. A fábrica havia sido fechada por falência, mas a única coisa que mantinha a porta fechada era um cadeado enferrujado. Era fácil entrar

- Isso não está cheirando bem, Mila. - Dinah disse guardando as mãos no bolso da calça.

- Nada com essa mulher cheira bem, Dinah. - a latina contestou olhando ao redor. Eram as únicas ali, aparentemente.

- Custava você ter deixado a maldita pagar tudo? - Dinah reclamou, recebendo um olhar ameaçador de Camila que a fez se encolher. Normani vendo as coisas esquentarem, se meteu.

- Já estamos aqui, ok? O importante é acabar isso logo e chegar a casa quanto antes. Aconteça o que acontecer, estamos juntas, entendido? - Ally assentiu, mas Dinah e Camila continuavam se encarando. - Entendido? - a morena disse com a voz mais grossa, e então as duas assentiram confirmando. - Ótimo.

- Isso soa a negociação de droga. - Ally mudou o foco do assunto. Camila franziu o cenho ao se lembrar de uma conversa com Lauren. Uma das últimas, na qual explicou que o dinheiro do Viceroy tinha uma etiqueta diferente, e que provavelmente ela estaria criando um negócio por sua parte. No momento, a latina pensou que Lauren estava investigando para seu chefe, mas agora sabendo da verdade, tudo fazia sentido.

- Eu acho que ela está criando um negócio a parte do cartel. - disse encarando o chão. As meninas se olharam confusas.

- Ela é meio desequilibrada, mas não acho que chegue a tanto. - Normani disse. Mas Camila continuava séria. - Não?

- Não sei meninas. - a latina suspirou. - Ela pediu que estivéssemos aqui e não vai adiantar nada ficar pensando no que pode acontecer. - todas

assentiram ouvindo o barulho das rodas se aproximando. Com a cabeça Camila avisou que ocupassem suas posições e atentamente cada uma segurava as armas dentro da jaqueta.

A SUV preta se aproximou e logo identificaram a chefe. O carro se deteve a poucos metros delas, e a mulher desceu tão exuberante como sempre com um sobretudo preto... Algo quente demais para o vento que havia. Mas quem eram elas para questionar.

- Meninas... - disse olhando para todas, que acenaram com a cabeça. - Admiro a pontualidade no trabalho de vocês, por isso são as melhores. - elas nada disseram, continuaram observando a mulher e seu motorista. Um negro alto, forte e que sempre andava com um paletó preto, camisa branca e gravata preta. Não falava nem esboçava reação.

A mulher olhou seu relógio no pulso esquerdo e acenou para o homem, que logo foi abrir a porta.

- Precisaremos transportar algo? - Camila inquiriu, ao que a chefe negou com a cabeça.

- Não. Vocês hoje estão aqui como convidadas. - a latina arqueou a sobrancelha esquerda, mas acabou concordando. - Por favor. - disse estendendo a mão para porta enquanto caminhava.

As meninas a acompanharam ao interior do depósito e logo o tal homem foi até um extremo levantando uma palanca, que fez com que as luzes acendessem. Havia algumas máquinas cobertas de poeira e havia um leve cheiro a borracha queimada. Mas o centro do lugar estava vazio, e Camila tinha quase certeza que aquela não era a primeira vez que ela estava ali.

O tempo passava e o silêncio era mais do que incômodo. Ally já havia calculado três formas diferentes de abandonar a fábrica, e todas incluíam quebrar alguma porta ou janela, mas eram viáveis. Camila mantinha sua atenção à única porta aberta enquanto Dinah olhava de rabo de olho para Normani que parecia entretida com o teto. Os dias se passaram e ela nada disse sobre o acontecido no hospital. Normani continuava distante, diria até que evitando a loira, enquanto Dinah preferiu ficar com as palavras na cabeça e deixar o assunto por um tempo.

Pouco tempo faltava para hora marcada do encontro, e ouviram o barulho de mais um carro estacionando. Logo depois um homem entrou pela porta com outros dois em seu encalço. O que estava na frente, com um paletó cinza, camisa preta e gravata também cinza, tinha um charuto nos lábios. Seu sapato social brilhava mais que a chaparia do Porsche Cayman e seus dedos assim como seus pulsos estavam cobertos de ouro.

Os que estavam atrás era mais simples. Um deles, o da esquerda, tinha o cabelo na altura do ombro, porém jogado para trás com uma quantidade excessiva de gel. Sua camisa de coqueiros estava praticamente toda aberta, revelando seu peitoral cabeludo. Uma corrente de prata com uma cruz relativamente

grande brilhava sob a pele. Tinha uma calça jeans um pouco ajustada demais e botas de cowboy. Por cima, uma jaqueta de couro marrom um pouco folgada.

O outro, da direita, tinha a cabeça raspada na 1. Uma corrente fina de ouro em seu pescoço e a barba mal feita. Sua camisa era de seda, azul e com bolinhas brancas. Também estavam abertas demais, mas seu peitoral não era tão cabeludo assim. Tinha um palito de dente entre os lábios e olhava pras meninas com uma cara de tarado que Camila logo estava apertando a arma em seu bolso. Sua calça também era ajustada e usava botas de tipo militar na cor preta, mas sem jaqueta. A manga da camisa estava dobrada até seu cotovelo e a arma em sua cintura era visível. Provavelmente um revolver 45 prateado com a empunhadura preta.

Simpáticos.

- Buenas noches, reinas. - o mafioso da frente, provavelmente o chefe, disse com um sorriso totalmente amarelado, provavelmente pelo charuto.

- Você está atrasado. - foi a única coisa que a chefa disse. As outras continuavam caladas. O homem abriu os braços como pedindo desculpas.

- Perdón.

- Trouxe a encomenda? - a chefa perguntou com as mãos no bolso do grande casaco.

- Trouxe meu dinheiro? - ele revidou ao que ela riu com desdém.

- Primeiro a encomenda, Braga. - Camila gelou ao ouvir o nome.

Braga era ninguém mais e ninguém menos que o chefe do Cartel de Sinaloa. Inimigo principal do cartel Juarez, a quem a chefa pertencia e era amante do capo.

Braga assentiu e olhou para seus capangas. O da cabeça quase raspada foi o escolhido para sair um momento, e então voltou com uma maleta prateada. Assim que chegou, olhou para o chefe que assentiu e então abriu a mesma revelando duas placas de metal com os desenhos perfeitos da nota de cem dólares.

As meninas se entreolharam prendendo a respiração.

- Como combinado, dois moldes. Frente e verso. - o homem disse assinalando a mala com a mão. O capanga logo fechou a mala imediatamente. - Agora, meu dinheiro. - a chefa olhou para seu motorista que, não me perguntem de onde, apareceu com uma sacola esportiva na cor preta. Ao abri-la, Braga pôde observar o que provavelmente seria o pagamento.

- O que eu faço com você se forem falso? - questionou. Braga deu de ombros expulsando a fumaça lentamente de sua boca e nariz.

- Você não terá que pensar nisso. São exclusivas da casa da moeda americana. - a chefa assentiu.

Olhou uma última vez para o motorista que deu um passo a frente, e o outro fez o mesmo. Quando ele estendeu a sacola, o outro estendeu a mala e então trocaram ao mesmo tempo dando um passo para trás. Foi então que a aporta abriu abruptamente.

- FBI! Everyone down!

Todos tentaram correr, mas logo o local estava cheio de homens vestidos de azul marinho com rifles nas mãos entre outras armas pelo corpo; capuz preto e capacete, deixando unicamente os olhos à mostra. Alguns deles tinham o nome DEA estampados no peito, mas a maioria estava com as siglas do FBI.

Imediatamente todos se jogaram ao chão. Camila trincou o maxilar e olhou para as outras que estavam deitadas de bruços e com a mão na cabeça.

Então, novamente, tudo foi rápido demais. Tiros e pessoas correndo entrando pela porta disparando os agentes que acabaram preocupados demais em revidar. A chefe e os outros conseguiram sair pela janela e a latina logo reconheceu os capangas. Obviamente ela não apareceria ali sozinha. As meninas eram apenas uma distração. Seus homens estavam escondidos, talvez porque ela já imaginava aquilo.

O problema é que elas não puderam fugir e, enquanto os tiros eram disparados de um lado a outro, elas eram algemadas e levantadas rapidamente até um dos camburões que estavam fora.

Algemadas e sérias, todas estavam em silêncio enquanto o veículo parecia entrar na rodovia. Não sabiam dizer quanto tempo passou exatamente, mas tinham a cabeça baixa e não conseguiam cruzar os olhares.

Estavam jodidas.

Camila se praguejava interiormente, mas já de nada servia.

Quando o veículo se deteve, elas foram levadas pelos mesmos homens até um elevador em um estacionamento. O que era estranho já que estavam em uma central de polícia.

Quando as portas metálicas se abriram, o movimento era quase nulo. Alguns agentes estavam ao telefone, outros a tela do computador e alguns transitavam com papéis na mão. Tinham em comum o brasão na cintura ou no pescoço.

Elas estavam na central do FBI.

Caminharam sérias sendo guiadas até uma porta onde as colocaram. A sala era de interrogatório, já que havia uma mesa, cinco cadeiras de um lado e duas do outro. Além de câmeras e um espelho enorme.

Retiraram as algemas e logo elas estavam a sós.

- Maldita perra. - Dinah resmungou massageando os pulsos apertados demais pelas algemas. - Ela sabia que estava tudo armado e preferiu usar a gente como isca.

Camila olhava fixamente para o espelho a sua frente. Via seu reflexo, mas no fundo estava rezando para que o alvo ao outro lado estivesse vendo a raiva brilhar em seus olhos. Ally tinha o cenho franzido e repassava cada movimento que haviam feito, até que questionou:

- Como ela podia saber que o FBI ia entrar? - Camila suspirou passando a mão pelo cabelo enquanto respondia.

- Ela não estava esperando o FBI. - Normani a encarou com as sobrancelhas arqueadas.

- Não? - a latina negou com a cabeça olhando o reflexo novamente. Camila olhou pra câmera com a cabeça na direção de Normani e a morena logo entendeu. Quanto menos elas falassem, melhor pra elas.

Continuaram esperando. A sala estava sem ventilação e o calor começava a irritar. Estavam com sono quando a porta foi aberta abruptamente. Mas pra surpresa da latina, não era quem ela esperava ver.

Alto, loiro, olhos azuis, a camisa social branca com as mangas dobradas até o cotovelo, calça social azul marinho e a gravata azul claro com o nó mal feito. A arma na cintura, uma Glock 38 e a placa pendurada no pescoço. Em suas mãos uma pasta na cor bege.

- Senhoritas, sou o agente Miles e gostaria de conversar um pouco. - disse sorrindo sem mostrar os dentes. Mas elas continuavam sérias. Camila as olhou uma a uma e logo entenderam a mensagem. Voto de silêncio.

Miles abriu a pasta e algumas fotos apareceram, todas com uma qualidade péssima que não conseguia identificar o rosto da pessoa, além de algumas páginas preenchidas a mão, provavelmente algum relatório.

Elas estavam sentadas de qualquer jeito nas cadeiras, exceto Ally que mantinha a pose ereta. Normani mascava seu chiclete e Dinah tinha a sobrancelha arqueada. Miles provavelmente seria o típico perdedor que ela colocaria na lata de lixo do colégio.

- Camila Cabello, Normani Kordei, Dinah Jane Hansen e Allyson Brooke. - disse olhando para elas enquanto apoiava os braços na mesa. - Ficha limpa, porém suspeitas de roubar carretas de combustível e agora, por participar em uma operação ilegal de falsificação de dinheiro. Algo a dizer? - questionou, mas todas continuavam na mesma posição e caladas. - Nem sequer um "sou inocente"? - disse irônico, mas elas continuavam firmes. Miles suspirou e entrelaçou seus dedos. - Ok, senhoritas. Vou explicar a vocês como funciona as coisas. Eu faço perguntas, vocês respondem. Se vocês se negarem, serei obrigado a levar todas à prisão preventiva e acusá-las de cúmplices. O que seria uns... dez anos? Talvez sete com a condicional. - mas elas não se mexiam. Normani fez uma bola com o chiclete e então a explodiu audivelmente. Miles a encarou visivelmente irritado, e a morena sorriu sem mostrar os dentes. - Vou explicar mais... - antes que o homem continuasse, a porta se abriu com a mesma força e uma Lauren com a calça do uniforme de operações especiais, as botas, porém uma camisa branca básica com as siglas FBI entrou com mais uma pasta na mão, a mesma arma na cintura e o brasão também em seu pescoço. - Agente Jauregui... - disse visivelmente nervoso. Lauren o olhou com a sobrancelha arqueada e logo Veronica e Lucy apareceram vestidas do mesmo jeito.

- Agente Miles. Pensei que tinha dado a ordem clara de que ninguém entrasse sem minha autorização. - o jovem abriu a boca e fechou algumas vezes,

consternado e revisando os papéis.

- Eu só...

- Fora. - Lauren disse sem paciência, acenando para porta. Miles franziu o cenho rindo com desdém.

- Sou o oficial a cargo da investigação e...

- É o oficial a cargo da investigação dos assaltos aos caminhões de combustível, e eu sou a oficial a cargo da operação El Señor de los Cielos, e até onde sei, nenhuma dessas senhoritas são suspeitas para que interrogue.

- Agente Jauregui...

- Fora. - Lauren disse impaciente. Miles fechou a pasta irritado e arrastou a cadeira com força antes de se levantar. Saiu batendo a porta com força e então Lauren ocupou o assento à frente delas, com Veronica a sua direita e Lucy a sua esquerda.

Olhou primeiro para Ally que tinha um sorriso tímido. Dinah tinha a sobrancelha tão arqueada que quase saía de seu rosto, além de um bico estranho. Camila a encarava séria, com o maxilar rígido e os olhos ardendo em fúria. Normani mascava o chiclete com força e a olha com desdém. Até mesmo a melhor oficial ficaria constrangida com a cena.

- A versão oficial é que todos fugiram e essa agência não existe. - disse séria, mas nenhuma das outras disse nada. Veronica abaixou a cabeça prendendo o riso e Lucy continuava séria com a mão na boca e o cotovelo apoiado na mesa, dissimulando seu divertimento.

Lauren estava um pouco nervosa e não deixava de encarar Camila fixamente. A morena então abriu a pasta e espalhou várias fotos pela mesa, direcionando-as às outras. Além do homem que elas reconheceram como Viceroy, Chuy e a chefe, Lauren, Lucy e Veronica também apareciam nas fotos. Primeiro, Lauren empurrou a foto do Viceroy.

- Até 1997, o cartel Juarez era liderado por Amado Carrillo, também conhecido como "El Señor de los Cielos". Quando a polícia conseguiu matá-lo em um operativo, seu irmão, Vicente Carrillo Fuentes, conhecido como "El Viceroy", herdou o comando. Ele não só é o capo como também dono de todos os benefícios que o cartel recebe com todas as organizações espalhadas pela fronteira. - Lauren então empurrou a foto de Chuy. Todas estavam atentas às fotos, mas ainda com a pose irreverente. - Chuy ou Juan Pablo Ledezma, lugar tenente de "La Línea". - a morena empurrou sua foto assim como a das outras duas. - "La línea" é o nome do grupo de choque do cartel formado por Chuy, eu, Lucia e Veronica. Algumas pessoas pensam que nós somos os únicos, mas há cerca de uns oitenta mercenários treinados pelas forças especiais do exército. Eles são conhecidos como "Los Lince". Com nossa infiltração a maioria acabou presa, mas ainda assim a quantidade que está fora é relevante. A maioria se encarrega da proteção dos familiares e assuntos nos Estados Unidos.

Todas continuavam com a mesma expressão, perguntando-se porque Lauren estava contando tudo aquilo. Finalmente, a morena chegou à foto da chefe, empurrando-a em direção à elas.

- Teresa Mendoza. - finalmente a chefe recebia um nome. Foi então que todas arquearam a sobancelha. Ninguém sabia seu nome. - Criada em Sinaloa, se apaixonou por "Güero" ainda jovem e se mudou pra Culiacán com ele. Um bom dia recebeu uma ligação de um celular que era exclusivo para dar um único aviso caso tocasse: Güero morreu. Ele era o melhor amigo de Viceroy. Quando Güero morreu, assassinado. - a morena frisou a informação. - Teresa foi até a capela de Malverde onde Epifanio Vargas recebeu a agenda do Güero com todos os contatos do cartel e possíveis inimigos em troca da vida dela. Tentou pedir ajuda aos contatos de seu então marido, mas todos se aproveitaram dela de diversas formas. A maioria acabou com um tiro na testa, motivo pelo qual ela fugiu pra Espanha e foi presa na prisão do Puerto de Santa Maria. - Lauren retirou da pasta a foto de uma mulher loira, trinta e poucos e com cara de poucos amigos. - Lá conheceu Patricia O'Farrel, seu primeiro caso oficial depois do Güero, com quem ao sair iniciou um negocio de drogas. Quando o negócio começou a funcionar, ela voltou pro México pra se encarar com o Viceroy. As suspeitas são que ele matou Güero pra ficar com a agenda de clientes, que hoje está em seu poder. O que o Viceroy não sabe é que Teresa descobriu a verdade e enquanto o engana se fazendo passar por sua amante, está armando uma vingança. Graças a vocês, descobrimos que ela não só está se aproveitando do dinheiro dele, como está criando uma nova organização que fornece drogas e lavado de dinheiro para toda América do Sul.

- Por que você está nos contando tudo isso? - Dinah perguntou visivelmente irritada. Lauren suspirou entrelaçando as mãos em cima da pasta.

- Levo cinco anos atrás dessa agenda e descobrindo tudo isso que acabei de contar a vocês. Nossa situação é delicada dentro do cartel e quanto mais responsabilidade temos, mais estão atrás da gente. - Lucy retirou a mão da boca para completar.

- Isso torna impossível criar uma investigação. - Camila estreitou os olhos desconfiada. Lauren não estaria... Oh, infernos. Claro que ela estava.

- Legal, mas você ainda não me disse o porquê de contar toda essa novela mexicana. - Dinah disse remexendo a mão com desdém. Veronica sorriu presunçosa e então tomou a frente.

- Nós sabemos da participação de vocês com os roubos e do envolvimento com Teresa. - as meninas se remexeram desconfortáveis na cadeira, menos Camila que continuava encarando Lauren com um sorriso brincando nos lábios. A morena, por sua vez, se mantinha séria. - O operativo foi mais uma desculpa pra trazer vocês até aqui sem levantar suspeitas. - Lucy assentiu e logo se apressou em concordar.

- A chefe colocou vigilância em vocês desde que nós chegamos. O encontro de hoje

foi um plano para testar a fidelidade de vocês a ela, porque ela quer que vocês entrem pra organização dela. - elas se entreolharam, sem entender. Lauren suspirou, tomando a frente novamente.

- Com os roubos do combustível e o envolvimento nos trabalhos, vocês tem no mínimo dez anos de prisão. Se somamos as corridas ilegais e os transportes que vocês fizeram no tráfico de mulheres, podemos chegar aos vinte e cinco facilmente. - Normani riu com desdém, apoiando as mãos na mesa.

- O que você quer, gringa? - Lauren a olhou e logo desviou sua atenção a Camila.

- Um trato. Vocês nos ajudam a conseguir a agenda e se infiltram na organização de Teresa, e em troca eu ofereço o indulto. - Novamente elas se entreolharam, incluindo Camila que estava séria até então, mas se acomodou na cadeira, finalmente falando.

- Por que eu confiaria em você? Você já mentiu uma vez. - O coração de Lauren se remexeu ao ouvir a voz da latina, mas tinha tanto desprezo que ela sentiu o ódio em cada sílaba. Mas ela nada podia fazer, então assentiu reconhecendo sua culpabilidade.

- Você tem razão. Não tem como saber se é certo. - confessou e Camila se sentiu, momentaneamente, abalada pelo tom distante e distraído. Lauren guardou todas as fotos dentro da pasta novamente e a encarou séria. - Mas é minha palavra a única coisa que você tem. É pegar ou largar.

Dinah deu uma leve cotovelada em Camila e arregalou o olho pra amiga. Normani suspirou e Ally já estava imaginando o que faria se Camila se levantasse mandando Lauren pra merda. Mas pra surpresa delas e alívio de Dinah, Camila suspirou decidida e encarou as agentes.

- Aceitamos. - as meninas suspiraram aliviadas e Lauren assentiu. Não pensou que fosse tão fácil.

- Por agora vocês continuam com a vida normal, qualquer coisa que Teresa pergunte ou diga, vocês comentam com a gente. Continuaremos no armazém, se vocês não se importarem. Viceroy ainda acha que estamos atrás das amantes. - explicou. Camila pensou em retrucar, mas não estava em uma boa posição para isso. Vero se levantou assim como Lucy, mas antes de sair disse:

- Sei que pra vocês nada disso estava planejado, e pedir que confiem na gente é o mesmo que contar uma piada. Mas estamos a cinco anos dessa agenda, assim que tudo acabar vocês receberão o indulto e nós voltaremos pra casa.

Elas nada disseram e logo Lauren também se levantou.

- Vocês já podem ir. - disse e saiu sem olhar pra trás.

Pouco tempo depois elas estavam na garagem assim como o dodge de Camila, e logo voltaram pra casa.

Acabavam de selar o acordo com as três últimas pessoas que queriam ver na vida.

Irônico.

Quando o dia amanheceu, o relógio não precisou avisar a hora. Todas estavam acordadas e digerindo o turbilhão de informações que receberam.

Mas Camila estava especialmente irritada. Ela estava muito irritada.

Queria odiar Lauren, queria muito, mas depois de toda aquela história e sua pose na sala de interrogatório pareceu entender. Mas se Lauren confiou nela agora, por que não confiar antes? Isso era o que mais a deixava puta. Aceitaria no começo como aceitou agora, não precisava ela usar aquela lábia e pose para conquistá-la e depois despedaçar seu coração.

Lauren Jauregui era uma cretina e ela estava completamente irritada por ter ignorado isso.

Decidiu que o melhor era aliviar sua raiva lavando o dodge. Colocou seu iPod estupidamente alto e se esqueceu de tudo lavando-o. Quando o veículo estava perfeitamente limpo e brilhante, guardou tudo e subiu exausta até a cozinha.

E qual não foi sua surpresa quando encontrou Veronica sentada comendo uma rosquinha e olhando alguns papeis. Entre eles, varias fotos suas de diferentes ângulos. Todas tiradas antes que elas se conhecessem.

Veronica fechou a pasta rapidamente e se levantou.

- Não é o que você está pensando. - Camila trincou a mandíbula e fechou as mãos em punhos. indo pra cima de Veronica e acertando um soco na mulher. Veronica cambaleou para trás. Camila avançou contra ela empurrando-a até a geladeira e apertando o pescoço da agente com força. Veronica segurou os pulsos de Camila tentando se soltar, mas a latina estava possessa de raiva.

- Ela não sabe dessas fotos! - disse com dificuldade pela falta de ar. Foi então que a agente acertou um soco no estomago da latina e finalmente se soltou e levou as mãos aos joelhos tentando respirar. Camila não esperou e acertou um golpe direto no rosto de Veronica, que caiu sentada no sofá que havia. Quando a latina quis ficar por cima, Vero imobilizou sua cintura com as pernas e segurou seus pulsos.

- Foi por você, Camila! - gritou fazendo a latina deter o braço no ar. - Foi por você que ela mudou um operativo inteiro. Para que ninguém do FBI soubesse quem vocês eram! - Camila se afastou com o cenho franzido, observando-a ofegante. Veronica se sentou no sofá passando a mão pela bochecha esquerda que latejava. - Ela praticamente mudou a lei pra que vocês não fossem pegas. Você tem ideia de quantas coisas estamos arriscando contando tudo isso a vocês? - a latina sentou-se na cadeira, olhando para baixo. - Cinco anos, Camila. São cinco anos metidas nesse inferno! Fazendo coisas que eu jurei defender, vendo coisas que eu não desejaria a ninguém. Sabe a quantidade de homens que tivemos que matar? Ou de companheiros que perdemos no caminho quando foram descobertos? E ela arriscou tudo por você. - aumentou o tom de voz apontando pra latina. - A Lauren que eu conheço teria deixado sua amiga morrer, mas não revelaria a identidade. Eu nunca tinha a visto colocar alguém por cima do trabalho. - riu com desdém passando a mão pelo cabelo. - Tudo que ela te disse era verdade. Só omitiu o fato de que somos

agentes federais, mas no resto... - Camila a encarou com o cenho franzido. Vero já estava indo em direção a porta e a olhou por última vez. - Tudo foi real.

E se foi batendo a porta com força. Camila continuou sentada olhando as fotos em cima da mesa, e uma em especial lhe chamou a atenção. Estava no parque, no primeiro encontro delas. A latina sorria abertamente, como se estivesse gargalhando e Lauren tinha um sorriso torto admirando-a.

Veronica não só estava atrás dela, mas também estava investigando se o que Lauren estava fazendo era certo. Se Camila era a pessoa certa para revelar a verdade.

Talvez no fundo a história não fosse como ela pensava.

Porque essa é a coisa engraçada sobre a verdade. Ela sempre aparece.

//

Tô exausta. Qualquer erro corrijo depois!

Obrigada meu povo.

Chêro.

Capítulo 20: Te Hubieras Ido Antes

Cheguei lindas. Vocês querem att todo dia, suas escrotas?

Que vida de escrava essa a minha. MAS, aqui estou.

Adorei, me diverti muuuuuuuuuuuuuito mesmo escrevendo esse cap.

Espero que vocês gostem, tenho especial carinho pois a música (que vcs vão entender) é minha preferida nos momentos de embriaguez.

Mas eu só peço, por favorrrrrrrrrrrrr que no PLAY vocês escutem Te Hubieras Ido Antes. Está na Playlist e pra que vocês entendam o cenário e acompanhem a cena do jeito que eu pensei. Sério, vale a pena. Nunca pedi nada a vcs.

Adoro os comentários, dou muita risada, mas não aparece do que vcs estão comentando então eu não sei e fico sem saber o que responder. Mas leio todos.

Obrigada.

//

O que leva uma pessoa a confiar em outra?

Empatia. Carência. Necessidade.

A confiança é um diamante em bruto que pouco a pouco vai adquirindo a forma preciosa. À medida que a relação vai se fortificando, nós vamos dando pequenos passos até que um dia baixamos a guarda e liberamos todos os demônios que adormecem em nosso interior. Fantasmas do nosso passado que ainda não descansaram, e de vez em quando atormentam. Porque as pessoas a nossa volta observam aquilo que nós queremos. O único acesso que elas têm é aquele que permitimos. Como se o coração fosse à caixa forte e para entrar, antes, todo mundo tivesse que passar pela recepção onde o "agente cérebro" faz o reconhecimento, examina, investiga e finalmente, decide liberar o passe de visitante. E assim como em todos os lugares que guardam uma caixa forte, durante a estadia e o recorrido, o cérebro vigia o tempo todo, cada passo, cada atitude... Pra ele todos são suspeitos. Todos querem roubar a caixa ou danificá-la. É um agente experiente e desconfiado, difícil de convencer e enganar. Mas alguns, depois de muitas visitas, acabam sendo conhecidos por ele e recebem passe livre.

Todo mundo tem passado, e já não há mais segredos. O problema são as cicatrizes que esse passado deixou. Como isso nos afeta, como somos vestígios de todas as decepções. Ruínas andantes que foram se deteriorando com o tempo. As pessoas se aproximam, observam os traços, tiram fotos do monumento, mas são poucas as que admiram a beleza real e entendem a ideia do escultor. Mas as que entendem, as que se convertem em visitantes com passe livre... essas pessoas descobrem o diamante dentro da pedra. Elas olham nos olhos dos demônios que escondemos e os acalmam, domando-os. Essas pessoas são as que entregamos o nosso principal tesouro, guardado na caixa forte. E uma vez feito, não há volta atrás.

Precisamos saber que assim como as promessas, a confiança também

é uma espécie de contrato onde a palavra é a única garantia. As pessoas mudam. Às vezes porque é inevitável. Outras, porque é necessário. O fato é que elas mudam, e pode acontecer que elas se transformem naquele tipo de pessoa que diziam odiar.

O problema de confiar nas pessoas é que elas te seguram, mas em algum momento te soltam. E dói. Assim como as carícias. Em determinados momentos salvam, mas quando deixam de estar, matam.

E como a confiança é um diamante, alguns são verdadeiros, inquebrantáveis. Outros... apenas imitação e no primeiro golpe, quebram.

O certo é que só deixamos de apostar quando nos acostumamos a perder.

Somos encarregados de duas coisas na vida: viver com nossos erros, e se esforçar para aprender com eles. Mas o problema dos erros, é que geralmente beijam bem. E a verdade é que as garrafas, as mentes e as pernas, são melhores abertas.

Lauren estava sentada comparando a lista que a central tinha conseguido dos bens de Teresa. Alguns já estavam em seu conhecimento, outros eram novos e bastante expansivos. Foi quando seu celular tocou e ela, distraída, atendeu sem olhar a tela.

- Alô.

- Você deveria ter vergonha de atender esse telefone. – a morena largou o papel na mesa, pálida e olhando pra frente com os olhos arregalados.

- Eu... estive ocupada. – respondeu sem jeito.

- Claro que você esteve. – conseguia ouvir as unhas chocando em uma superfície do outro lado. A voz suave não deixava de ser autoritária. Talvez a única capaz de fazer a mulher estremecer. – Mas eu já estou acostumada com essa desculpa. – Lauren suspirou passando a mão pelo cabelo. – Você acha certo eu saber das coisas pelos outros?

- Não? – respondeu imediatamente.

- E por que não faz nada a respeito?! – Lauren apertou os olhos com força, trincando o maxilar. A outra mulher suspirou, controlando-se.

- E-eu... – mas foi interrompida imediatamente.

- Quando você vem de novo? – a morena suspirou apoiando o cotovelo na mesa enquanto massageava a testa.

- Madre, eu estou trabalhando. A fronteira pode ser pequena, mas preciso sair do país e isso não é tão fácil assim.

- Nós queremos conhecê-la! – Lauren novamente apertou os olhos. – Tive que saber pelos Iglesias já que minha própria filha não se preocupa em contar algo assim!

- Acho que os Iglesias podem ter exagerado um pouco nas novidades...

- Lauren Michelle.

- Tudo bem... eles não exageraram.

- Seu irmão estará em casa na semana que vem, prepararei algo caseiro para que você a apresente em condições a sua família.

- Mas...

- Não ouse me desobedecer, Michelle. – Lauren suspirou.

- Não sei se... ela... estará disponível. – ouviu sua mãe respirar fundo, controlando-se.

- Tenho certeza que você poderá dar um jeito nisso. – Lauren tinha a mão livre no rosto e já havia pensado em cinco formas diferentes de matar Veronica.

- Madre... É mais complicado do que a senhora pensa.

- Michelle, complicado é ter os três filhos e um marido trabalhando para as forças armadas e viver com medo de atender ao telefone pela notícia que podem me dar. Não quero saber como você vai conseguir sair desse lugar e estar aqui na sexta-feira da semana que vem com sua namoradinha...

- Ela não...

- ...Mas quero vocês aqui para o fim de semana. Não me obrigue a pedir uma operação especial de resgate.

- Ok, madre. – Lauren se apressou em responder rindo de nervoso. – Estaremos aí para o próximo fim de semana. – Clara suspirou finalmente, satisfeita com a resposta.

- Como estão as coisas?

- Complicadas.

- Alguma previsão de quando isso acaba?

- Mãe, não é o tipo de conversa que nós...

- Oh, por Dios! Eu não sou idiota, Michelle. Seu pai já me explicou como funciona. Você está precisando de ajuda? Por que nunca me deixa te visitar? – Lauren riu com desdém, apoiando-se no encosto da cadeira.

- A senhora sabe por que.

- Mas ninguém precisa saber que eu sou sua mãe! Levo algumas vasilhas com comida, te dou um abraço e depois vou conhecer a cidade. – foi então que a morena riu sentindo a tensão abandonar seu corpo.

- Eu sei que é complicado, dona Clara. Mas não é por falta de vontade. Eu só... É pela segurança da família, tudo bem? – Clara suspirou ao outro lado. – E, já que os Iglesias não te contaram... nós estamos sendo muito bem cuidadas. Há um restaurante com a melhor comida mexicana e cubana, depois da sua claro, que eu já provei. – Clara pareceu alegrar-se ao outro lado, empolgada.

- Você não estará mentindo pra mim, Michelle?

- Claro que não. O restaurante é da família...

- Oh! Já entendi, já entendi! Por isso você já não liga pra casa, senhorita!

- Não! – se apressou em responder. – Eu... Nós não estamos em um bom momento que digamos.

- O que você fez?

- Por que a senhora acha que eu fiz alguma coisa?

- Porque seu trabalho consiste em mentir, querida. – justificou suavemente. Lauren suspirou assentindo, mesmo que a mãe não a visse.

- Talvez a senhora tenha razão.

- Claro que eu tenho. Mas o importante, querida, é saber que os erros são parte da vivência. Nós podemos tentar não errar, mas às vezes é inevitável. A questão é que alguns erros nos ensinam que tudo é questão de lutar um pouco mais.

- E se você é a única disposta a lutar?

- Não me obrigue a te dar uma aula sobre literatura clássica e romantismo. Eu não te eduquei assim, Michelle. – respondeu irritada, fazendo a morena rir. – Nenhuma história de amor é fácil. As pessoas pensam que a conquista é o mais difícil, mas esse é apenas o começo. O realmente difícil é mantê-la viva. Por isso todos os livros tem um final.

- Mas as histórias reais não. – completou o velho ditado que sua mãe sempre dizia. Lauren suspirou assentindo. – Suponho que se render não é uma opção.

- Não quero saber o como, mas quero você aqui, entendido?

- Sim, senhora!

- Agora preciso ir, tenho uma reunião com os reitores. Você acredita que nessa altura da minha vida querem que eu faça um curso de reciclagem? – disse indignada, o que fazia Lauren rir. – Esses idiotas não sabem da metade do que eu vivi e aprendi, e acham que há qualquer coisa sobre a história inventada por essas máquinas fúteis que eu não saiba.

- Talvez seja bom explorar outros horizontes, madre.

- Querida, quando eu quis explorar novos horizontes aceitei uma garrafa de tequila de um soldado charmoso, e acabei em solo americano no mês seguinte.

- A senhora tem razão. Não há nada que eles possam fazer. – Clara suspirou remexendo em alguns papéis.

- Qué Dios te bendiga, hija. Não se esqueça de me avisar sobre a chegada.

- Amén, madre. Assim que tiver os horários das passagens, mando um aviso.

- Te quero. E, Michelle...

- Sim?

- Fico feliz que finalmente esse dia tenha chegado.

- Eu também, madre. Eu também.

- Cuidese mija.

Clara desligou o telefone depois de ouvir a despedida da filha, deixando-a pensativa encarando a parede. Quando a porta se abriu, toda a reflexão

da morena desapareceu ao ver o casal que havia causado a situação entrar sorrindo. Ao ver a cara de Lauren, ficaram sérias. Vero olhou para Lucy engolindo seco, e a colombiana levantou as mãos como se não tivesse nada a ver.

- Você não consegue manter a boca fechada mesmo. – disse se levantando e cruzando os braços.

- Foi sem querer! – Vero se justificou levantando as mãos, como se rendendo. – Minha mãe começou a falar e eu estava distraída vendo a Lucy caminhar de lingerie pelo quarto, então ela falou algo como "oh, querida, minha amiga Molly tem uma filha muito bonita, talvez você queira que eu a apresente a Lauren" e claro, como você queria que eu raciocinasse com Lucy andando seminua na minha frente? – Vero falava sem parar e quase não respirava. Lauren a encarava com os olhos estreitos e assentindo levemente. – Foi então que eu automaticamente disse, "então, mãe, ela já tem alguém" e eu não, eu juro que não sei o que ela disse à tia Clara, mas você sabe como minha mãe é e... Espera. Estamos falando disso, não? – Lauren revirou os olhos.

- Por sua culpa, tenho que aparecer lá na semana que vem... Com Camila! – Veronica e Lucy se olharam e logo deixaram a gargalhada ecoar. Lauren continuava séria encarando-as, com vontade de tirar a arma e acabar com a graça. – Vocês acham engraçado? Ótimo. Agora por sua culpa, terei que explicar a minha mãe por que ela vai organizar a casa inteira para receber uma mulher que não quer me ver nem pintada de ouro! – Veronica deu de ombros indo até a fruteira e pegando uma maçã.

- Você está infiltrada em um cartel de drogas há cinco anos e não é capaz de enfrentar sua mãe? – debochou.

- Você sabe muito bem quem é minha mãe. – Vero revirou os olhos e logo se sentou, cedendo seu colo a Lucy.

- Lauren, sua mãe deixou de pertencer ao serviço secreto cubano desde que se casou com seu pai. Além do mais, ela é sua mãe! Não acho que ela vá cumprir as ameaças de usar os contatos para... – Lauren cruzou os braços e a encarou com a sobrelheira arqueada. – Ok, talvez ela venha aqui buscar a Camila. Mas você tem uma semana para impedir isso. – disse apontando para amiga e chega. Lauren suspirou passando a mão pelo cabelo.

- Da próxima vez, feche os olhos e a boca! – disse indo até a porta. Lucy se levantou rapidamente, chamando-a.

- Ei, aonde você vai?

- Pensar em um jeito de que minha mãe não mande o serviço secreto sequestrar Camila.

A porta se fechou abruptamente, demonstrando a irritação da morena que desceu as escadas com passos firmes. Havia passado tanto tempo analisando os papéis que não havia percebido que o pôr do sol já estava se aproximando. Evitou olhá-lo. Na verdade, evitava fazer qualquer coisa que lhe recordasse os momentos com Camila. O que era bastante complicado já que a latina parecia estar em qualquer

canto da cidade. Desde que fecharam o acordo a morena fazia o possível para respeitar o pedido da latina, mantendo-se sempre longe ou evitando estar nos mesmos lugares que ela.

A questão é que, graças a que Camila entendeu o lado de Lauren e descobriu as fotos, se convenceu de que no lugar da agente, teria feito o mesmo. Mas parecia que Lauren não estava disposta a lutar para tê-la de volta, e por isso ela também respeitava a distância.

Mas não podemos dizer o mesmo sobre nosso outro casal favorito.

Dinah estava sentada em uma cadeira em seu quarto enquanto Ally trocava os curativos do braço e da testa. A loira estava de costas pra porta e constantemente reclamava do ardor provocado pelo remédio.

- Isso está doendo, pigmeu! – reclamou afastando o rosto. Ally já estava cansada e sem paciência, por isso revirava os olhos a cada queixa.

- E o que você quer que eu faça? É pra arder! – suspirou irritada enquanto pegava um pedaço de algodão e o molhava com o líquido.

- Seja mais cuidadosa!

- Você está mais insuportável do que o normal... – a baixinha resmungou aproximando o algodão da testa de Dinah, que se afastou um pouco, mas logo cedeu. Olhava para o porta retrato colocado na estante, logo atrás de Ally. A foto não tinha muito. Ela estava junto às outras, abraçadas e sorridentes. Cada uma tinha uma garrafa de cerveja na mão, mas no momento da foto Normani tinha dito algo e então Dinah a olhou sorrindo. O fotógrafo congelou o exato momento em que a admirava bobamente e a morena sorria tão feliz como... como nunca.

Ally estranhou que Dinah não estava reclamando e forçou o algodão um pouco mais, fazendo a loira apertar os dentes e olhá-la com raiva.

- Ai! – disse. Ally a encarou com as sobrancelhas arqueadas, analisando-a. – Que? Tem algum bicho na minha cara?!

- Ok... – Ally colocou o algodão no lixo e suspirou sorrindo, pedindo paciência a Deus, na verdade. – Quer me contar o que tem deixado seu humor tão... peculiar? – Dinah suspirou passando a mão pela testa.

- Desculpe por isso, Allycat. – a menor colocou a mão sob o joelho da amiga, fazendo uma leve carícia. – Acho que você sabe o motivo...

- Normani? – Dinah assentiu. Mas como se fosse invocada, a morena apareceu na porta, porém desistiu de anunciar sua chegada quando ouviu seu nome. Ally tentou avisar a Dinah, mas a loira já estava começando a falar.

- Quando eu estava no hospital e ela entrou para me ver, bom... ela. – Allyson negava com a cabeça, mas Dinah continuou mesmo assim. – Ela simplesmente se declarou pra mim, Ally! Disse que me ama desde que nos conhecemos, pediu que eu voltasse pra ela! – a baixinha tinha os olhos arregalados, mas Dinah estava indignada. – Porra, a merda do golpe foi fraco e eles achavam que eu estava em quê? Em coma? Escutei tudo que ela disse, e quando acordei ela estava

lá, com aquela cara de quem não disse nada e distante... e... Que porra, Ally? – foi então que a loira se calou e fechou os olhos com força. – Ela está atrás de mim, não está? – perguntou.

- Você ouviu tudo?! – Normani perguntou irritada e entrando no quarto.

- Ok... – Ally recolheu tudo e foi se levantando. – Eu vou...

- Sim, Normani! Eu escutei sua declaração! Essa que você preferiu fingir que não tinha dito!

- Eu vou indo... – mas ninguém prestou atenção. Dinah estava de pé cuspiendo raiva, do mesmo jeito que Normani, em uma distância muito pequena.

- Tchau! – as duas disseram ao mesmo tempo, sem desviar o olhar.

Ally saiu correndo deixando-as a sós.

- Você ouviu tudo e ficou calada?! – a morena perguntou ofendida.

- O que você queria que eu fizesse? Você simplesmente fingiu que nada tinha acontecido.

- Talvez me avisar que estava acordada?!

- Eu... – Dinah abriu a boca e a fechou novamente, sem conseguir dizer nada.

- Você! Como sempre, você! – Normani riu com desdém enquanto Dinah franzia o cenho. – Eu pensei que você estava inconsciente!

- Normani, eu estava dopada, não em coma!

- Mas você ouviu!

- Sim! Ouvi você se declarar, e também ouvi como você chorava me pedindo pra ficar com você, pra logo fingir que nada aconteceu e me tratar com a indiferença que vem me tratando!

- Eu... – foi a vez de Normani abrir a boca e fechar, sem nada dizer.

- Você! Qual o seu maldito problema?! Se acha no direito de chegar, falar todas essas coisas depois de me beijar e simplesmente...

- Como? Você que me beijou! – Dinah fez uma cara de ofendida.

- Você me beijou primeiro! – Normani respirou fundo, irritada.

- Você me beijou na festa do Josete e depois na cozinha! Duas vezes! – disse colocando o dedo no rosto da loira.

- Eu não me lembro disso.

- Claro que não! Pelo jeito você só se lembra do que te convém! – disse ríspida.

- Por que você fingiu não ter dito nada?

- Porque você fingiu não ter ouvido nada! – respondeu exaltada. – Eu estive esperando o momento certo de...

- De que? De dizer tudo aquilo na minha cara? Estou aqui, Normani. Diga! – a morena abriu a boca e fechou duas vezes, sem emitir som e deu um passo para trás.

- Suponho que você já tem sua resposta. – Dinah pegou seu celular em cima da cama e olhou para Normani uma última vez antes de sair do quarto batendo a porta com força.

Normani continuou ali parada e congelada. Dinah tinha escutado e aparentemente estava esperando para que ela repetisse tudo... ou se explicasse. Por essa, ela não esperava. Levou a mão ao rosto grunhindo frustrada. Merda. Dinah havia ido embora.

Concretamente, a loira estava a caminho da cantina La Perla Negra, um bar antigo que ficava aberto 24 horas durante todos os dias do ano. Servia todos os tipos de bebida e os clientes podiam escolher a música do local. Geralmente era rock, vallenato, algum que outro bolero ou clássicos antigos. E era o novo local preferido de Lauren.

Depois do retorno, se dedicou a afogar suas penas e aliviar o estresse na barra do La Perla, bebendo sempre uma garrafa de Jack Daniels sozinha. Assim era como seus dias acabavam, e esse era o motivo de Camila nunca encontrá-la pela cidade.

Vicente Fernández estava cantando há vários minutos e a garrafa estava ainda com mais da metade. Olhava o fundo do copo como se quisesse afogar seus pensamentos. O problema é que eles eram tão reais e vivos, que as vezes via o rosto de Camila na garçonete que lhe servia. Sua jaqueta surrada, o cabelo solto que sentia o toque de suas mãos constantemente, os olhos cobertos de olheiras e o olhar perdido.

Cansada da mesma voz, Lauren se levantou e foi até a máquina. Pelo horário, o La Perla estava um pouco vazio. Dois motoristas tomavam cerveja e conversavam amigavelmente, enquanto os funcionários arrumavam o lugar.

Sua primeira escolha foi Etta James

The Love You Save May Be Your Own. Selecionou algumas mais, e então voltou pelo caminho que fez.

"I'm talking to all the lovers in the house tonight. Now listen, you know I want you to find out what's wrong and get it right, or you should leave love alone. Because the love you save, it might be your own."

Etta disse antes de começar a cantar. Lauren respirou fundo, pegou sua garrafa e seu copo e se sentou em uma das mesas ao centro, escutando o sábio conselho que a mulher lhe brindava. Continuou bebendo a música e bebendo. Foi então que Search Your Heart começou.

I can't believe

Your love is gone

How do you expect for me to live baby, in this wide world alone

Oh search your heart

And find some love for me

A imagem do olhar de Camila quando ela se identificou no telefone com a central não saía de sua cabeça. Mas aquele era o preço de uma verdade não

contada.

E ela queria ficar ali até a garrafa acabar. Talvez ficasse se a porta não tivesse sido aberta por uma Dinah ainda em cólera. Quando a loira a reconheceu, se aproximou imediatamente fazendo uma careta pelo cheiro forte.

- Chica, você está horrível. – disse sentando-se. Lauren deu de ombros e esvaziou seu copo, preparando-se para enchê-lo novamente, mas foi impedida pela mão da loira. Lauren a olhou prestes a matá-la.

- Se você vai querer minha companhia para essa bebedeira, ao menos me deixe escolher algo nativo. – explicou.

- Eu não quero sua companhia. – Lauren disse séria, fazendo Dinah revirar os olhos.

- Marina! Uma garrafa de José Cuervo Premium. A gringa paga. – Marina, a jovem garçonne que se parecia a Camila, não perdeu tempo em aparecer com a garrafa, dois copos pequenos, um recipiente com sal e um prato com várias rodela de limão cortados pela metade. Marina ficou esperando pelo pagamento, motivo pelo qual Lauren arqueou a sobrancelha encarando uma Dinah que já estava se servindo. – Que? Deixei a carteira em casa.

E o que é um peido para quem já está cagada, não é mesmo amigas? Lauren levou a mão ao bolso da jaqueta e tirou um maço de bilhetes. Marina e Dinah arregalaram os olhos. Lauren retirou duas notas de cem e entregou-as a Marina.

- A gringa paga. – Lauren repetiu com desdém. Marina logo pegou o dinheiro e saiu sorrindo. Dinah sorriu também, terminando de empurrar o copo para morena.

- Pelos amores frustrados. – alçou seu copo, assim como Lauren. Lamberam um pouco do sal e viraram o copo, chupando o limão em seguida.

- Dios! – a morena reclamou fazendo uma careta. – Isso parece desinfetante.

- Serve pra limpar a alma. – Dinah explicou servindo outra dose. – Não sabia que você frequentava La Perla. – Lauren deu de ombros.

- Gosto da música. – Dinah riu com desdém.

- E do depósito de bebida.

Quando o som das cordas do violão ecoaram, Dinah a olhou com as sobrancelhas arqueadas. Mi Santa. Uma escolha moderna demais para os cavalheiros da outra mesa. E... por casualidade, o cantor preferido de Camila quanto à bachata. Dinah negou com a cabeça vendo Lauren suspirar.

- Você está mesmo fodida. – a agente riu com desdém, mas nada disse.

Yo valoro la mujer por nacer de una mujer

Y aun te amo en mi peor momento.

Nadie puede comprender mi religión por tu querer

Eres mi diosa y yo por ti hasta muero, en cualquier momento.

Soy capaz de lo incapaz por ti, mi cielo.

Na música, uma mistura de bachata com flamenco espanhol, Romeo exaltava seu amor a sua santa, deusa e religião.

Pongo en ti toda mi fe, me arrodillo a tu merced

Y aunque hablen nunca me arrepiento.

Mi sacramento fue en tu cama, bautizándome en tus aguas

Por ti ayuno y no me importa el tiempo, en cualquier momento.

Dinah levantou o copo novamente, brindaram, provaram o sal, a bebida e o limão.

Quando Romeo estava pronunciando sua última frase, elas já estavam com a garrafa quase pela metade. Foi então que Lauren sussurrou as palavras com o copo ainda contra os lábios, antes de beber:

"Porque eres mi santa y solamente creo en Dios, y en vos".

E bebeu.

Finalmente e foi quando Dinah sentiu dentro de si a mesma dor e despeito que Lauren sentia, La Diabla foi a escolhida.

Normani não tinha muitas técnicas de sedução, mas desde aquele beijo... Que digo beijo! Desde que apareceu na vida de Dinah, a transformou em um inferno. E isso elas tinham em comum.

Além o alto estado de alcoolismo que padeciam, claro. Dinah bebeu mais uma dose, colocando o copo com força na mesa. Quase não conseguiam falar.

- Sabe por que você fez isso, gringa? – questionou apontando-a.

Lauren continuava com a mesma cara de enterro de antes.

- Surpreenda-me. – mas sua voz também falhava.

- Porque você está completamente apaixonada por ela. – a morena franziu o cenho. – Você fez toda essa merda de acordo e indulto, pra livrar a bunda dela. Ou seja, você está apaixonada.

- Eu estou? – perguntou mais para si do que a outra.

- Aham. Você está. – Lauren arqueou as sobrancelhas olhando a um ponto fixo, e então suspirou, chegando a sua conclusão.

- Merda. Eu estou. – Dinah assentiu servindo outra dose. – Você também está louca por Normani. – completou, mas Dinah já não se importava em negar. E estava bêbada.

- Completamente.

- Mas elas não estão nem aí pra gente. – Lauren disse levantando o copo.

- Um brinde por isso! – repetiram os gestos anteriores e beberam. A porta logo foi aberta e um grupo de mariachis chegaram. Era uma quinta-feira, dia de show. Os homens, vestidos de preto e com chapéus típicos da região, entraram com seus instrumentos e saudando a todos. Dinah estreitou os olhos ao vê-los, sorrindo de canto. – Sabe o que nós vamos fazer?

- Beber até esquecer? – Lauren disse como se fosse óbvio, rindo com desdém.

- Não. – Dinah se levantou, ficando um pouco tonta e se segurando na mesa. – Vamos reconquistá-las! – disse firme, com toda firmeza que sua voz embolada podia transmitir, lógico.

- Nós? – Lauren perguntou apontando para si. Dinah assentiu. – Como?

- Você quer sua mulher de volta? – Perguntou batendo as mãos na mesa, curvando-se à altura da morena.

- Claro que eu quero! – disse se levantando também, apoiando-se na cadeira.

- Então vamos!

Dinah foi em direção aos mariachis, conversaram, mas os homens já tinham o show marcado, segundo o cantor. Dinah estreitou os olhos para Lauren, e a morena sorriu arqueando as sobrancelhas como se entendesse o recado.

Novamente colocou a mão no bolso da jaqueta e entregou a metade do maço aos músicos.

- Se ela me perdoar, pago o dobro amanhã. – obviamente aceitaram, e logo estavam a caminho da casa dos Cabello.

La Perla estava a uma distância relativa, suficiente para que escolhessem a música que iam cantar, e como fariam os coros.

- Você entendeu, Jauregui? – Dinah perguntou quando já estavam na porta. Por sorte, o quarto de Normani e Camila eram justamente os que tinham a janela na parte da frente.

- Entendi. – grunhiu irritada. Havia respondido aquela pergunta umas cinquenta vezes. Os mariachis se prepararam e então elas procuraram por algumas pedras.

Começaram a lançá-las nas janelas. Das dez que cada uma jogou, cinco foram para parede, outras no telhado, e o resto não teve força suficiente.

Foi então que Dinah viu um tijolo e o admirou sorrindo. Lauren se colocou a sua frente, impedindo-a de jogá-lo. Pegou novamente as pedras e respirou fundo olhando pra janela. Era a melhor atiradora da central, só tinha que se lembrar de como fazer estando bêbada.

Lauren mirou na janela de Normani, estreitou os olhos e cambaleou um pouco, mas acertou. Repetiu o gesto na janela de Camila, e também deu no branco.

Quando lançou a segunda, Normani foi logo até a janela abrindo-a. Pra seu azar, Camila havia escutado na primeira e já estava com a cabeça para fora quando Lauren a lançou, acertando a testa da latina que xingou. Lauren arregalou os olhos para Dinah, mas logo ocuparam suas posições. Dinah assentiu para os mariachis e a melodia do vallenato começou.

Primeiro as trombetas e o violão.

Normani olhou para Camila do outro lado da janela. A latina tinha o cenho franzido.

- Más qué diablos es eso... – sussurrou quando Dinah e Lauren deram um passo a frente, começando a cantar.

(Play)

No existe amor perfecto

Y empiezo a pensar que esto del amor

Es una fantasía

Aun no me la creo

Que tú ya no te acuerdes de todas las veces

Que te hice mía.

Y todavía me exiges que olvide tu sonrisa

Y borre de mi mente todas tus caricias

Me subes hasta el cielo

Y luego caigo al suelo porque tú te vas

Cuando más te quería

Elas se abraçaram e começaram a se balançar de um lado a outro, anunciando o refrão.

Te hubieras ido antes

Porque no te marchaste cuando aún no eras tan indispensable

Me pides que te olvide cuando hiciste todo para enamorarme

A que estabas jugando dime porque diablos me obligaste a amarte

Y luego te alejaste.

Te hubieras ido antes

No creo que merezca que mi corazón tires a la basura

Me suena tan ilógico que ahora digas que no fue tu culpa

¿Si no te interesaba, por qué me besabas con tanta ternura y con tanta dulzura?

Te hubieras ido antes, y así ya no tendría estas ganas de buscarte.

Normani e Camila tinham as mãos na boca, prendendo a risada pela cena. Elas estavam interpretando com tanta força e vontade, que era impossível não ver o lado cômico.

Empolgadas com o resultado, continuaram.

Y todavía me exiges que olvide tu sonrisa

Y borre de mi mente todas tus caricias

Me subes hasta el cielo y luego caigo al suelo

Porque tú te vas cuando más te quería

Te hubieras ido antes

Porque no te marchaste cuando aún no eras tan indispensable

Me pides que te olvide cuando hiciste todo para enamorarme

A que estabas jugando dime por qué diablos me obligaste a amarte

Y luego te alejaste
Te hubieras ido antes no creo que merezca
Que mi corazón tires a la basura
Me suena tan ilógico que ahora digas que no fue tu culpa
Si no te interesaba por qué me besabas con tanta ternura y con tanta

dulzura

Te hubieras ido antes
Y así ya no tendría estas ganas de matarme!

Ao acabar, elas estavam ofegantes e cambaleando ainda. Talvez um pouco suadas pela adrenalina.

Se olharam assustadas, pois nenhuma das outras duas dizia nada.

Pela distância e embriaguez era difícil perceber que, apesar da cena e ter acordado a família toda, elas estavam sorrindo. Sorrindo de verdade.

Mas as coisas se complicaram quando Alejandro apareceu no jardim com sua escopeta.

Continuará...

//

Ay, ay, ay!!!!!!

Quantas lembranças com essa música... e José. Enfim, o que acharam?

Minhas aulas começaram, último ano, formatura, etc... peço um pouquinho da paciência de vcs. Vou no ritmo que posso!

Chêro!

Capítulo 21: El Perdón

Helloooooooooous migas!

Cap pequeno porque hoje é um dia muuuuuuuito especial e eu preciso aproveitar com uma pessoa também especial, então dividi em dois, ou seja o próximo vem (eu vou tentar) amanhã, ou então depois, fechadinho?

Obrigada pelos comentários e votos, dou muita risada com vocês.

Tem música nova na playlist! Como vocês já perceberam, todos os caps tem alguma relação com elas, deixo o spoiler!

//

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

Ao acabarem, elas estavam ofegantes e cambaleando ainda. Talvez um pouco suadas pela adrenalina.

Olharam-se assustadas, pois nenhuma das outras duas dizia nada.

Pela distância e embriaguez era difícil perceber que, apesar da cena e ter acordado a família toda, elas estavam sorrindo. Sorrindo de verdade.

Mas as coisas se complicaram quando Alejandro apareceu no jardim com sua escopeta.

O homem então carregou a arma e apontou para o grupo em sua porta.

- ¡Hijos de la chingada! ¿Eso son horas de despertar una familia? – Lauren olhou para Dinah assustada, mas a loira estava tão confusa quanto ela. A luz do velho poste era fraca e não dava pra ver direito.

- Alejandro... – Lauren disse, fazendo o homem ficar ainda mais irritado ao reconhecer a voz.

- Você?

- Eu posso explicar, nós...

- Vou acabar com sua raça! – Lauren engoliu a saliva com dificuldade e tinha as mãos levantadas, Dinah ainda não conseguia dizer nada pelo choque.

Foi então que Camila e Normani finalmente chegaram até o jardim ofegando.

- Papá! – Camila gritou aproximando-se e abaixando a arma.

- ¡Déjame, mija! – forçou o cano da arma em direção à morena, mas Camila novamente a abaixou.

- Eu cuido delas, ok? – Alejandro franziu o cenho e estreitou os olhos, tentando identificar a loira ao lado de Lauren. Quando a reconheceu, ficou vermelho de tão irritado.

- Dinah Jane! – gritou.

- Oi? – a loira respondeu com um sorriso amarelo e dando um

tchauzinho.

- Já para dentro! – Dinah olhou para Lauren que assentiu de leve, mas ainda tinha as mãos levantadas. A loira andou tentando se mostrar o mais sóbria possível, e para sua sorte Normani saiu a seu encontro no portão, ajudando-a a entrar. – Que diabos você estava pensando, pendeja? – a loira deu de ombros coçando a cabeça. Camila pigarreou, colocando a mão sobre o ombro do pai antes de dizer:

- Eu cuido delas, pai. Melhor o senhor voltar ou a mamãe vai ficar preocupada. – Alejandro grunhiu irritado, encarou Lauren uma última vez e entrou na frente.

- Essa é sua forma de pedir desculpas, Jane? – Normani perguntou segurando-a de lado enquanto caminhavam até a porta.

- Depende, se eu disser que sim você vai cuidar de mim e me dar um beijo? – Normani riu sem graça, disfarçando a vergonha pela sinceridade.

- Quanto você bebeu?

- Uma garrafa. – disse arqueando as sobrancelhas sugestivamente.

- Anda, vamos cuidar dessa bebedeira.

Assim que Camila ouviu a porta se fechando atrás de si, caminhou até o portão. Lauren estava com as mãos no bolso da calça e tentava se manter em pé, cambaleando o corpo de vez em quando. Camila estava sorrindo porque, era cômico o estado e todo o espetáculo, mas ao mesmo tempo inusitado. Quem diria que Lauren se prestaria a algo assim?

Os mariachis já estavam longe desde que Alejandro apareceu, portanto elas estavam sozinhas.

- Não sabia que seu pai tinha uma escopeta. – disse ainda assustada. Camila fechou o portão e abraçou o corpo pelo vento frio, assentindo de leve. – Pensei que ele ia atirar. – disse rindo.

- Provavelmente ele o faria.

- É... Se serve de algo, foi ideia da Dinah.

- Eu imaginei. – Lauren estava sem jeito. Camila lhe olhava fixamente e apesar de não parecer irritada, também não parecia feliz. O silêncio se fez incomodo e todas suas esperanças estavam no chão.

- Então... Eu vou indo. Desculpa qualquer coisa. – Camila franziu o cenho assentindo, mas não muito segura se Lauren seria capaz de andar sozinha.

- Você vai dirigir agora? – perguntou angustiada. Lauren negou rapidamente.

- Não, eu... uh... – coçou a cabeça com o olho esquerdo fechado. – Eu acho que vou pegar um taxi.

- Essa hora? – a morena deu de ombros.

- Também posso caminhar, não está muito longe daqui. – a latina novamente assentiu, mas ainda estava desconfiada. Lauren sorriu sem mostrar os

dentes e foi em direção à direita, praguejando-se mentalmente por ter feito o ridículo. E pior, por ter pensado que aquilo funcionaria.

- Lauren? – Camila a chamou quando já estava de costas. Parou e se virou lentamente, ainda cambaleando.

- Você me chamou? – perguntou desconfiada. Camila assentiu.

- É por ali. – disse apontando para esquerda. A morena olhou a sua volta e então apontou para latina, dando-lhe a razão.

Caminhou de novo com a cabeça baixa, mas mesmo assim não viu uma das pedras que estavam no chão, e acabou tropeçando.

Mas Camila estava ali, e com ótimos reflexos. A latina conseguiu segurá-la a tempo, levando os braços à cintura de Lauren que a abraçou também para se apoiar, o que fez os rostos ficarem muito próximos.

E elas se olharam durante alguns segundos. A latina tinha um sorriso brincando nos lábios, mas Lauren estava totalmente séria, olhando-a com o cenho franzido.

- Ops. – a morena disse rindo. Camila não aguentou e riu também. Era adorável. Se não fosse o forte cheiro a José.

- Talvez seja melhor você ficar no armazém essa noite. – Lauren assentiu levemente e elas se separaram, mas Camila continuou segurando-a pela cintura. – Você consegue caminhar? – a morena assentiu de novo. Tentou dar um passo, mas acabou pisando em falso e se apoiou novamente em Camila. – Ok, melhor irmos de carro.

- Ei, eu estou bem! Até consigo fazer um quatro! – disse com a voz embolada. Camila se afastou cruzando os braços.

- Faz, então. – Lauren riu presunçosa e levantou os quatro dedos da mão direito, colocando-os na frente da latina.

- Quatro. – Camila revirou os olhos e a colocou sentada no passeio de sua porta.

- Ok, senhora engraçadinha. Fique aqui que eu vou só pegar a chave. – ia entrando quando sentiu sua mão ser puxada.

- Mas você vai voltar? – Lauren perguntou com uma expressão triste, quase fazendo um bico. Camila precisou de todo seu autocontrole para não se derreter, assentindo. Lauren a soltou e entrou em casa correndo. Pegou a chave que estava no móvel ao lado da porta e saiu. Fechou o portão com cuidado para não fazer barulho.

Não demorou nem dois minutos, mas Lauren tinha a cabeça apoiada nos braços que por sua vez estavam apoiados em seus joelhos.

- Lauren? – Camila a chamou, sem obter resposta. – Oh Dios mío. – disse olhando pra cima. Ela havia dormido. Se abaixou à altura da morena e levou a mão ao seu braço, movendo-a para chamá-la. – Lauren...

- Hmm...

- Vamos. – Lauren levantou a cabeça rapidamente, encarando-a com um sorriso bobo.

- Camila? – a latina riu.

- Sim.

- O que você está fazendo aqui? Eu estava sonhando com você. – a latina não conseguiu evitar envergonhar-se com a sinceridade, mas preferiu ignorar. Afinal, Lauren estava bêbada.

- Vamos, vou te levar ao armazém.

Camila estendeu a mão para que Lauren se apoiasse e logo já estavam dentro do carro. A latina lhe ajudou a colocar o cinto e foi para seu lado indo devagar. Lauren apoiou a cabeça no banco e olhava pela janela. Quando estavam um pouco perto, à morena se virou encarando uma Camila concentrada.

- Que? – perguntou sem deixar de olhar pra frente. Lauren deu de ombros.

- Você é linda. – Camila sorriu, mas logo ficou séria novamente, fingindo que não havia escutado. – E cheirosa. Muito cheirosa. Você tem cheiro de baunilha, então fui naquela mercearia que tem na esquina do armazém, e pedi qualquer coisa que tivesse baunilha, mas o dono disse que só tinha sorvete. Então agora eu tomo sorvete de baunilha. – Camila não conseguiu evitar e acabou rindo, negando com a cabeça. Lauren deu de ombros novamente. – Mas você é mais gostosa que o sorvete.

- OK, chegamos! – a latina se apressou em responder, levantando o freio de mão e tirando a chave. Lauren franziu o cenho, concentrando-se ao máximo para acertar o botão do cinto. Quando conseguiu soltar-se, sorriu como se aquilo fosse uma proeza. Bom, em seu estado, era.

A latina abriu a porta enquanto Lauren tentava se manter em pé. Logo, viu que caso a deixasse sozinha acabaria dormindo ali parada, então deixou que a morena se apoiasse com o braço em seus ombros, e foram subindo as escadas devagar até chegar ao banheiro.

- Esse não é seu quarto. – Lauren disse com o cenho franzido.

- Não, é o banheiro.

- Eu pensei que íamos para seu quarto. – disse com um bico.

- Você precisa de um banho. – Lauren negou veemente, ainda com o bico.

- Falso. Eu preciso de você. – Camila suspirou sentindo seu coração se animar.

- Definitivamente, precisa de um banho. – foi então que Lauren sorriu arqueando as sobrancelhas.

- Você vai tomar banho comigo? – a latina revirou os olhos empurrando-a.

- Não. A água gelada vai te ajudar a ficar mais... lúcida. – Lauren deu de ombros e entrou no banheiro. Começou a tirar os coturnos, chutando-os para

qualquer lado junto com a jaqueta. Camila foi até o chuveiro e o ligou, sentindo a água fria no braço.

Lauren ficou parada olhando a bunda da latina que estava inclinada para não se molhar, e quando Camila se virou a encarou com a sobrancelha arqueada. Lauren foi em sua direção, puxando-a pela cintura. A latina nada fez, ficou parada e sem reação ao tê-la tão perto. Sentia o cheiro da bebida forte misturando-se com seu hálito, assim como a respiração descompassada. Os olhos de Lauren estavam em um verde forte, e ela estava séria. Deixou que a morena se aproximasse um pouco mais, e quando estava a ponto de beijá-la, Camila se afastou rapidamente.

Lauren abaixou a cabeça suspirando e logo se virou até o chuveiro, estirando o braço.

- Shit! Está fria! – reclamou, mas Camila não lhe deu tempo e a empurrou para debaixo do chuveiro com um sorriso travesso. [n/a: sorria que eu estou te filmaaaaando]. Lauren abriu a boca e fechou os olhos sentindo a água molhando suas roupas e seu corpo.

Camila continuou rindo ao vê-la encolhida debaixo d'água. Foi então que Lauren olhou para porta e quando a latina se distraiu olhando também, a puxou contra si.

- Lauren! – gritou irritada sentindo a água fria enrijecer seu corpo. Lauren começou a rir e a abraçou, ficando as duas debaixo da água.

Lauren a puxou um pouco mais deixando sua risada morrer enquanto a encarava. Camila, quase que mecanicamente, levou os braços aos ombros da morena, aproximando-se lentamente.

Primeiro roçaram os lábios superficialmente, ainda com os olhos abertos. Lauren esperou por uma confirmação, e quando Camila a olhou nos olhos e depois desviou a seus lábios, a morena a apertou com força e se deixou levar, beijando-a com vontade.

As duas se colocaram em baixo do jato forte. As mãos de Camila estavam entre o cabelo molhado de Lauren que por sua vez tinha as mãos apertando a cintura da latina. Se beijavam com tanta intensidade que os narizes se roçavam cada vez que ladeavam a cabeça, e não se separavam por nada.

Lauren apoiou o corpo de Camila na parede e deixou que sua mão desviasse à bunda da latina, apertando com força. E foi então que Camila pareceu acordar, afastando-se rapidamente e encharcada. Em ambos os sentidos.

Lauren estava assustada, sem entender a reação e ainda debaixo do chuveiro visivelmente confusa.

- Eu... Eu... – a latina tentava falar tirando o cabelo do rosto e com a respiração acelerada. – Acho que já foi suficiente. Precisamos trocar de roupa. – Lauren continuou calada, vendo como ela se afastava e saía, quase chocando-se contra a parede. A morena suspirou colocando a cabeça em baixo do jato de água e com os olhos apertados.

Mas sorriu ao sentir o gosto dos lábios da latina novamente. Camila estava apoiada na parede ao lado da porta com os olhos fechados e mordendo o lábio inferior. Sabor a tequila. Sim, definitivamente era o melhor dos gostos.

Enquanto isso, na casa dos Cabello e depois de se esbarrar em todos os objetos que tinham a frente, Normani conseguiu colocar Dinah em sua cama.

- Eu pensei que você fosse mais divertida, Mani. – a loira disse emburrada.

- Você está bêbada, Dinah. – a loira revirou os olhos, sentando-se na cama.

- Levemente.

- Amanhã você vai se arrepender. – Normani disse negando com a cabeça e levantando-se, foi quando Dinah a puxou e a morena acabou sentando-se muito próxima à boca da loira.

- Sabe, Normani... eu estou cansada de te ver fugir por medo. – a morena abriu a boca e fechou, sem nada dizer. Dinah deslizou a ponta da língua quase que imperceptivelmente pelos lábios e então encarou os olhos de Normani. – Você me quer? – a morena tentou se afasta, mas Dinah a estava segurando pela cintura com força. – Quer ou não? – perguntou quase contra os lábios de Normani que não conseguiu mais do que sussurrar com a proximidade.

- Que...ro. – Dinah sorriu torto.

- Eu também quero você. – Normani suspirou sentindo seu coração errar uma batida. – Então agora que esclarecemos isso, podemos parar de fingir, não acha? – a morena assentiu admirando os lábios de Dinah. – Ótimo, porque eu estou bêbada e parece que a vontade de te beijar só aumenta. – Normani a encarou fixamente, parecendo completamente segura de si.

- E está esperando o que? – Dinah não esperou por uma segunda indireta e a puxou para si levando a mão esquerda à nuca da morena e a direita em sua cintura.

Normani precisou se apoiar na cama tamanha foi a força e intensidade que Dinah iniciou o beijo, mas não se afastou nem reclamou. Correspondeu do mesmo jeito levando as mãos ao cabelo da loira e puxando-o com força. Ladeavam a cabeça constantemente dando uma maior profundidade. Normani deixava sua língua passear pelos lábios de Dinah, assim como a loira se entregava sugando o lábio da morena lentamente, alternando com mordidas.

Quando se afastaram por necessidade de ar, suspiraram ao mesmo tempo com um sorriso nos lábios.

- Isso significa que você vai ficar comigo? – Dinah perguntou com os olhos brilhando e seu corpo quente, mais pela insegurança e nervosismo que outra coisa. Normani sorriu acariciando a bochecha da loira.

- É o que você quer? – Dinah assentiu veemente.

- Então eu fico. – o sorriso das duas era tão grande que não cabia naquele quarto. Apesar do desejo, Dinah ainda estava muito alterada e sua ficha com

Alejandro não estava nada boa, mas mesmo assim deixou um lugar ao seu lado para que Normani se deitasse. A abraçou por trás deixando um beijo no pescoço da morena.

- Boa noite, amor. – Dinah se despediu fazendo Normani se derreter ao ouvir a bendita palavra.

- Boa noite. – respondeu quase em um sussurro sem tirar o sorriso do rosto.

Pelo menos para ela o plano havia funcionado.

Voltando ao armazém, Lauren já estava seca com uma calcinha nova e uma camisa branca com o dobro do seu tamanho. Não havia sinal de Camila que estava se trocando no banheiro.

A morena se deitou na cama olhando para porta e lutando contra o sono, mas ele foi mais forte e acabou adormecendo com a luz acesa.

Quando Camila entrou no quarto, Lauren estava de lado e encolhida pelo frio. Tinha o rosto praticamente enterrado no travesseiro provavelmente sentindo o tal cheiro de baunilha. Sentiu seu coração se derreter e se aproximou já com uma nova muda de roupa e o cabelo preso em um coque.

Com cuidado para não acordá-la, a cobriu com o lençol e ficou admirando a expressão calma desde uma distância relativamente curta. Usou a ponta dos dedos para retirar uma mecha de cabelo do rosto e não conseguiu evitar acariciar a bochecha da morena, que se remexeu com o contado.

Camila suspirou e se levantou para ir embora, mas antes de sair sentiu sua mão se puxada. Lauren estava acordada e com o cenho franzido.

- Pra onde você vai? – a latina suspirou, sorrindo tristemente.

- Pra casa. – Lauren engoliu com dificuldade, assentindo. Acariciou os dedos da latina suavemente sem deixar de olhá-la, tomando a coragem para falar.

- Você... Podia ficar comigo hoje? – perguntou sem jeito.

- Lauren...

- Mesmo que amanhã de manhã você vá embora. Por favor, Camila. Só fique... Essa é a primeira vez desde que tudo aconteceu que eu não tive vontade de atirar em minha cabeça para não pensar em você. – a latina suspirou assentindo, recebendo um sorriso triste de Lauren como resposta.

- Vou trocar de roupa. – disse finalmente. Lauren assentiu imaginando que era uma desculpa para que ela fosse embora, então virou-se ao outro lado não querendo ver.

Mas Camila era uma mulher de palavra, então tirou os coturnos e a roupa. Abriu a primeira gaveta e pegou a primeira camisa que encontrou, vestindo-a e tirando o sutiã.

Soltou o cabelo molhado e se deitou na cama levantando o lençol.

Lauren estava dormindo e provavelmente não sentiu como Camila suspirou contra seu cabelo sentindo o cheiro de menta do xampu. Começou a pentear o cabelo da morena com os dedos e lentamente.

- Eu vou ficar. – sussurrou. – O tempo que você quiser. – passou o braço pela cintura da agente, abraçando-a enquanto deslizava o nariz pelo cabelo. – Eu prometo.

Fechou os olhos e tentou dormir. Ao seu lado, Lauren abriu os seus sorrindo finalmente.

E se lembrou de procurar os mariachis no dia seguinte para cumprir sua palavra e pagar o dobro do que haviam acertado.

//

Deus tenha pena dessa ressaca braba!

.*

Capítulo 22: You Found Me

Que pasó mijas!?

Estou de volta. Demorei um pouco mais porque ontem foi dia de bachata!

Como vocês estão? espero que bem.

Mais uma vez obrigada pelos votos e comentários, de verdade!

///

O dia amanheceu como se o sol soubesse da dor de cabeça que elas estavam sentindo, forte e quente. As janelas com as cortinas abertas foram o despertador para manhã ensolarada. O forte cheiro a tequila exalava pelo quarto e Lauren estava especialmente enjoada, como se sua cabeça estivesse sendo martelada. Sua barriga dava voltas e não tinha forças nem sequer para ficar de lado caso quisesse vomitar.

Com todo o esforço do mundo conseguiu abrir os olhos e virar o rosto para seu lado esquerdo, encontrando o que temia: vazio. Se sua memória e toda a garrafa que bebeu não lhe falhara, poderia jurar que havia feito uma serenata junto à Dinah cantando um vallenato e que acabou dormindo abraçada a Camila. Inclusive, que a mesma tinha dito que ficaria o tempo que ela quisesse.

Mas talvez estivesse tão bêbada que tudo não passou de um sonho. Ou sua imaginação brincando com seu coração. Respirou fundo admirando o teto branco e ponderando entre pegar a arma ou tomar um banho e vomitar até seu corpo não aguentar mais.

Mas enquanto pensava, pegou o travesseiro onde supostamente Camila havia dormido e o cheiro abraçando-o. Baunilha. Franziu o cenho pela intensidade, mas logo se lembrou de que aquele era o quarto da latina. E foi então que a porta se abriu um pouco forte demais fazendo Lauren soltar a almofada rapidamente, mas não o suficiente, pois Camila estava sorrindo enquanto segurava uma bandeja com um prato, um pedaço de pão e uma xícara. Mas o principal e mais importante: vestida unicamente com uma camisa preta que chegava até suas coxas com o emblema da banda Metallica estampado. Lauren a olhou de cima a baixo sem conseguir reprimir seu suspiro ante a imagem. Então o sonho era real. Sentou-se na cama fazendo uma careta pela dor de cabeça e esforço enquanto Camila se aproximava com cuidado, apoiando a bandeja em seu colo e se sentando ao seu lado.

- Dizem que baunilha é bom pra ressaca. – Lauren disse olhando o prato com sopa a sua frente, envergonhada por ter sido pega.

- Anham... – Camila contestou sorrindo. Lauren a olhou sem jeito, levantando o queixo na direção do prato, como perguntando o que era. – Sopa de ovo. – a morena fez uma careta e levou a mão até a boca ao ouvir. – Acredite, é ótima pra ressaca.

- Acho que vou ficar só com o café. – Lauren disse pegando a xícara e sentindo o cheiro fresco. Deu o primeiro gole quase que gemendo pelo sabor. Camila a admirava, ponderando se era um bom momento para manter sua promessa. – Que? – Lauren perguntou com os olhos estreitos.

- Você... Lembra do que aconteceu ontem? – a morena engoliu devagar, assentindo lentamente. Camila soltou o ar que não sabia estar prendendo. – De... tudo? – Lauren assentiu novamente.

- Olha eu... – tentou se explicar, mas acabou suspirando. Lauren deixou a xícara sob a bandeja e passou a mão pelo cabelo. Camila a olhava com o cenho franzido. – Foi ideia da Dinah. – disse firme fazendo a latina rir. – Estou falando sério. Eu estava respeitando seu pedido, tentando ficar longe de vocês. Mas ela apareceu no La Perla e eu...

- La Perla? – a latina interrompeu. – Vocês estavam no La Perla? – Lauren assentiu com o cenho franzido. – Agora tudo faz sentido.

- Enfim, o ponto é que ela chegou e trocou minha garrafa de uísque por uma de tequila, e a segunda coisa que eu lembro é de estar subornando uns mariachis que tinham um show marcado, para que fossem com a gente até sua casa.

- Só isso? – Lauren fechou o olho esquerdo como se estivesse pensando e sorriu sem jeito.

- Também lembro do seu pai saindo com uma escopeta... – Camila assentiu. – O que veio depois é confuso...

- Você disse que toma sorvete de baunilha agora. – Lauren abriu a boca.

- Oh... eu disse? – Camila assentiu. – Certo... – a morena passou a mão pelo cabelo de novo. – Então... provavelmente a parte do você é mais gostosa que o sorvete...

- Você também disse, sim... – Lauren assentiu suspirando.

- Idiota... – sussurrou para si, mas obviamente Camila escutou. A latina pegou um pedaço do pão para dissimular seu nervosismo.

- Só isso? – Lauren pigarreou pegando a xícara novamente.

- Você achou que eu precisava de um banho... – a latina assentiu, olhando-a nos olhos enquanto levava um pedaço de pão à boca. – E... eu te beijei. – Camila assentiu de novo, mastigando lentamente. – Depois você me trouxe para o quarto e eu pedi que você ficasse. – confirmou novamente. Lauren sorriu de canto com os olhos estreitos ainda pela claridade. – E você ficou.

Camila abaixou a cabeça e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha, para logo dar de ombros.

- Eu tentei ir embora... – confessou fazendo Lauren ficar séria. – Eu realmente tentei, mas não consegui. Na verdade eu estou tentando ir embora desde que você chegou à cidade. Mas foi inútil.

- Camila... – a latina levantou a mão pedindo que se calasse. Lauren

assentiu suspirando, e então ela continuou.

- Antes de você ir embora eu senti que você me beijou diferente... E eu fiquei sem saber o que fazer porque você estava me demonstrando que ia embora, mas mesmo assim eu não consegui dizer nada. Apesar do pouco tempo eu te conheço, Lauren. Deus eu... – suspirou fechando os olhos com força. – Eu te conheço muito bem, e todas as vezes que você dizia que não tinha nada acontecendo, meu coração apertava porque eu sabia que você estava mentindo. – Lauren queria interrompê-la, mas preferiu se calar e assentir tristemente. – Você podia ter dito a verdade, podia ter me contado o que estavam fazendo. Acho que te dei provas suficientes de que podia confiar em mim. Céus! Eu te pedi que fosse honesta! E quando você apareceu no acidente, eu tive uma pequena esperança de que aquele seria o momento em que tudo voltaria ao normal. E de certa forma foi. – respirou fundo passando a mão pelo cabelo, e continuou. – O problema não foi descobrir que você era uma agente federal. Mas sim descobrir que você mentiu.

- Eu não menti. – Lauren disse irritada. – Eu não menti pra você em nada, Camila. – a latina riu com desdém. – Eu não te disse tudo, nisso você tem razão. Não fui honesta com você quanto a toda a verdade, mas eu não menti. – respondeu firme.

- E como você explicaria tudo? – Lauren suspirou deixando a cabeça cair pra trás. Passou a língua pelos lábios e então afastou a bandeja.

- Você quer mesmo saber? – Camila assentiu com o cenho franzido. Lauren a encarou e passou a mão pelo cabelo antes de começar a contar sua história. – Meu pai é capitão do exército americano. – Camila arqueou as sobrancelhas. – Na época não passava de um comandante, e sofreu uma emboscada em uma missão que o levou ao hospital e um conselho de guerra. Eu tinha quinze anos, mas vê-lo naquela cama me fez repensar sobre tudo que havia imaginado ser na vida. Saber que ele teve a coragem de se sacrificar e desobedecer a uma ordem para manter seus soldados a salvo me fez saber o que queria. – Lauren deslizou os dedos pela bandeja, encarando-a com o cenho franzido, distraída. – Aos dezoito fiz as provas para entrar no FBI junto a Veronica e Lucy.

- Veronica e Lucy? – a morena assentiu. – Você as conhece desde...

- Sim. Muito antes de entrar, estudávamos juntas e somos amigas desde que eu tenho uso da razão. – a latina assentiu. Lauren pigarreou antes de continuar. – Depois de resolver nossa primeira missão, conseguimos ascender e acabamos como agentes. Foi então que a DEA pediu nossa ajuda para frear o tráfico da fronteira. Lucy é colombiana, Veronica nasceu nos Estados Unidos, mas sua família é uma mistura entre cubanos e porto-riquenhos. E eu... bom, você já sabe.

- Eles pediram que vocês se infiltrassem no cartel? – Lauren assentiu respondendo.

- Outros agentes já estavam infiltrados, então foi fácil chamar a atenção de Chuy e Viceroy. Passamos rapidamente de ser meras transportadoras a

ter a confiança de cuidar dos familiares. Chegamos a ser parte dos lince, mas quando começamos a filtrar as fichas, Viceroy me fez matar um dos seus inimigos.

- Foi à prova... – Lauren confirmou assentindo. – Lucy e Veronica não precisaram? – Lauren a encarou séria, como se o assunto fosse pesado demais.

- Elas estavam comigo. – Camila assentiu. – Logo depois ele entregou a responsabilidade de cuidar dos carregamentos mais importantes e de sua própria segurança.

- Tudo que dizem sobre vocês...

- Os assassinatos e torturas?

- Sim...

- É verdade. – Camila engoliu o nó em sua garganta, colocando a mecha de cabelo novamente atrás da orelha. Assentiu digerindo a resposta. – Eu sei que não é fácil, mas não eram pessoas boas... Não digo que a morte seja a condenação, não sou quem para julgar o destino das pessoas. Mas eu não me arrependo. – a latina assentiu.

- Eu sei... É que... As pessoas tem medo.

- Que eu tenha uma playlist secreta e faça serenatas para te reconquistar não é algo que eles saibam, Camz... – com a piada as duas riram, ficando sérias logo depois. – Nós não temos amigos aqui dentro. Somos as três, uma cobrindo as costas da outra. Quanto mais as pessoas fiquem longe, melhor pra gente.

- E como vocês conseguem continuar a missão e aparecer na agência sem que ele saiba? – perguntou nervosa.

- Nós tomamos cuidado. Sabemos todas as estratégias e como eles trabalham. Às vezes arriscamos a missão de outros agentes para que eles confiem ainda mais. Quando Viceroy desconfia que tem algum topo e aparece uma emboscada, mesmo sendo da agência, somos quase que obrigadas a interferir e salvar o carregamento.

- Então vocês estão protegendo-o. – acusou, mas Lauren suspirou negando com a cabeça.

- Se todas as emboscadas tivessem resultado, ele descobriria que somos nós.

- Mas você acabou de dizer que interfere.

- Quando está ficando muito na cara de que há um topo entre a linha e os lince.

- E o que seu chefe diz sobre isso? – perguntou sarcástica, mas Lauren a encarou séria e então um sorriso presunçoso se formou.

- Eu sou o chefe. – Camila abriu a boca tentando dizer algo, mas logo a fechou.

- Você...

- Eu sou a responsável pela missão. – a latina assentiu. – Olha só... Lauren se remexeu, sentando-se mais próxima de Camila. – O que você precisa saber, os detalhes e por que estamos fazendo tudo isso, eu disse quando vocês foram

pegas. Eu só preciso pegar a agenda que Viceroy esconde com o nome de todos seus clientes e contatos. Essa agenda é a chave para acabar com o tráfico da fronteira e, pelo menos por um tempo, com os capos dos cárteles.

- E onde está essa maldita agenda? – perguntou irritada. Lauren riu com desdém.

- No bolso da calça ou debaixo do travesseiro do Viceroy.

- Ele fica com ela o tempo todo? – Lauren assentiu.

- Se fosse tão fácil, você acha que eu estaria fazendo isso por cinco anos? – Camila negou lentamente. – E agora ainda tem a Teresa com sede de vingança.

- Como ela descobriu que foi ele quem matou o Güero? – Lauren deu de ombros.

- Provavelmente investigando. E eu não a culpo por querer se vingar. O problema é que ela está chamando a atenção dos carteles inimigos, e isso nos faz ter mais trabalho.

- Você acha que ele vai te pedir para matá-la? – perguntou apreensiva. Lauren aproveitou para colocar a tal mecha que sempre caía atrás da orelha da latina, que se arrepiou ao sentir o toque superficial dos dedos em seu rosto.

- Eu não sei o que ele vai querer fazer. Só sei que agora as coisas estão mais tensas do que nunca, e precisamos agir. – Camila riu com escárnio, negando com a cabeça.

- Isso é surreal, Lauren. – a morena franziu o cenho. – Você é uma agente do FBI, eu sou uma aprendiz, sem falar que tem a tal lista dos amantes que...

- Você não precisa se preocupar com isso, Camila. – Lauren a interrompeu. A morena se aproximou um pouco mais, ficando a uma distância curta, levantando o rosto de Camila com os dedos em seu queixo, para que a latina a olhasse. – Você não precisa se preocupar com nada. Não vou deixar que ninguém se aproxime de vocês, mas eu não posso fechar os olhos para o que aconteceu. Miles está investigando o roubo de combustível, e mesmo que para o cartel não signifique nada, foram milhões de dólares. As empresas estão pressionando porque os roubos continuam. Enquanto ele não tem nenhuma informação vocês estão fora do radar, mas mesmo que a missão acabe, ele terá que fechar o caso e eu não posso interceder.

- Mas você nos ofereceu o indulto... – disse nervosa e Lauren se apressou em assentir.

- Exatamente. Preciso comprovar que vocês nos ajudaram a resolver o caso, e então será favor por favor, entende? – a latina assentiu.

- E se a gente ajudar vocês...

- A ficha fica limpa. – Lauren acariciou a bochecha esquerda da latina, sorrindo de canto.

- Meu pai te odeia. – Camila confessou rindo, fazendo a morena suspirar.

- Eu também me odiaria se fosse ele.

- Ele acha que você quebrou meu coração... – Lauren suspirou, deslizando os dedos pelo braço de Camila, até alcançar a mão, onde passou a brincar com os dedos.

- Eu sei que escolhi a pior das formas para omitir a verdade. E sei que no fundo, mesmo que você seja forte e inabalável – zombou arrancando um riso baixo da menor. – Eu te decepcionei. – Camila a encarou séria, procurando por algum vestígio de mentira. – Mas se você deixar e ainda me quiser como algo mais do que a madeira que vai limpar sua ficha... Eu ainda tenho aquela toalha de banho na mala do carro, e posso ligar para Sofia pedindo um almoço especial... – Camila gargalhou dando um tapa fraco na perna de Lauren.

- Idiota...

- Estou falando sério, Camz. – a latina franziu o cenho sem entender.

– Eu quero você de volta. – Camila suspirou sentindo seu coração acelerar.

- Sem mentiras? – Lauren assentiu imediatamente. – Não importa se é parte da missão ou qualquer outra coisa, Lauren. – advertiu.

- Você vai saber de tudo. – Camila estreitou os olhos encarando o verde claro, quase cinza, e dessa vez sem nenhuma sombra de dúvida. Lauren sorriu de canto ao ver que estava quase a convencendo, e se aproximou lentamente para unir os lábios. Camila suspirou sem se afastar, dando a resposta que ela precisava.

Lauren apenas encostou os lábios, mas logo deu início a um beijo cheio de saudade, lento e carinhoso.

Em casa, Dinah estava dormindo quando sentiu os dedos de Normani deslizando-se por seus cabelos. O carinho suave aliviava a dor de cabeça e vontade de morrer que a loira estava sentindo. Quando abriu os olhos a morena estava muito próxima, no travesseiro ao lado admirando-a com um sorriso no rosto.

- É um sonho ou ainda estou bêbada ao ponto de te ver em minha cama? – Dinah perguntou quase em um sussurro que parecia estar gritando. Normani riu envergonhada. – Um sorriso... isso pode ajudar a descobrir. Mas acho que só beijando pra saber.

Normani revirou os olhos antes de sentir os lábios de Dinah contra os seus, e acabou cedendo ao beijo suave. E para sua surpresa Dinah se afastou rapidamente franzindo o cenho, realmente confusa.

- Que? – a morena perguntou prendendo o riso.

- É você... – a loira disse assustada. Normani finalmente gargalhou encaixando sua perna entre as pernas de Dinah.

- Claro que sou eu, idiota. Quem você acha que passou a noite toda cuidando você? – Dinah abriu a boca e a fechou, ainda confusa.

- Eu... – finalmente suspirou puxando o corpo da morena ainda mais contra o seu e cheirando seu pescoço. – Obrigada.

Normani colocou as mãos por baixo da blusa de Dinah, acariciando levemente as costas da loira com a ponta das unhas enquanto sentia a respiração em seu pescoço

- Precisamos conversar... – disse finalmente. Dinah se afastou suspirando.

- Nem sequer me declarei e você já quer destruir minhas ilusões? Mulher cruel. – Normani riu novamente, deslizando o polegar pelo queixo da loira.

- Sobre nós... o que sentimos. – Dinah assentiu concordando. – Você lembra de tudo que me disse ontem?

- Você se refere à música ou a super declaração... – a morena revirou os olhos.

- Não foi uma super declaração.

- Claro que foi! Eu disse que estou cansada de te ver fugir... e que te quero!

- E isso é sua super declaração? – Dinah deu de ombros assentindo. – Eu estou falando sério, Dinah. – a loira suspirou passando a mão pelo rosto.

- Eu também, Normani. Eu quero você. – a morena abriu a boca e fechou sem nada dizer, assustada pela sinceridade da outra. – Desde a primeira vez que te vi, só não tive a coragem de fazer nada a respeito.

- Eu sempre tive todas como irmãs... mas com você foi sempre mais do que isso. – Normani confessou com o cenho franzido, então encarou os olhos castanhos como se fossem a coisa mais bonita que havia visto. – Por mais que eu tentasse... – Dinah sorriu colocando a mão dentro da manga da camisa de Normani, arranhando o braço levemente com as unhas.

- A vida não foi muito justa com a gente... – Normani assentiu dubitativa. Sempre que tocavam no assunto "família" a morena ficava meio tensa ou se mantinha calada, por isso na maioria das vezes evitavam perguntar sobre seu passado. – Mas sempre tivemos uma à outra, e eu sei que você tem medo de se arriscar, porque eu também tenho. Nossa família está aqui, e mesmo que eu não consiga te ver como uma irmã, se não conseguirmos que funcione, eu sempre estarei aqui.

- Mesmo que não dê certo? – Dinah assentiu rapidamente.

- Mas faremos de tudo para dar... não? – a loira perguntou afastando-se. Normani riu assentindo.

- Só digo que se caso não der...

- Eu não irei a nenhum lugar, Mani. – a loira confessou séria.

- Promete? – a morena perguntou tão vulnerável que Dinah quase não a reconheceu, mas assentiu rapidamente.

- Prometo. – Normani suspirou mordendo o lábio inferior.

- Isso significa que...

- Estamos juntas. – Dinah disse e ambas suspiraram ao mesmo

tempo.

- Finalmente...

- Se você tivesse me beijado antes... – Normani abriu a boca em descrença.

- Você que me beijou! – Dinah revirou os olhos.

- Claro que não!

- Claro que sim, vo...

- Normani! – a loira a cortou falando um pouco mais alto.

- Que? – rebateu no mesmo tom arrancando um sorriso presunçoso de Dinah que logo avançou roubando-lhe um beijo de tirar o fôlego. Tanto, que quando se afastou a morena precisou suspirar.

Três toques ecoaram na porta, mas elas não se preocuparam em se afastar.

- Dinah, fiz uma sopa de ovo e café bem forte pra você, mija. – Era Sinu, então sim se afastaram rapidamente.

- Merda! – Normani sussurrou. – E agora? – Dinah continuava tranquila sem entender.

- O que você está fazendo? – perguntou confusa.

- Ela vai me ver aqui!

- E?

- E que... – Normani franziu o cenho. – E que vai querer saber porque dormi em sua cama se você estava apenas bêbada! – Dinah arregalou os olhos e se sentou rapidamente na cama.

- Dinah? – Sinu gritou novamente. – Vamos logo, está pesada e quente! Acorde!

Foi então que a loira apontou para cama.

- Você só pode estar brincando... – Normani disse bufando. A loira deu de ombros e foi até a porta. Sem alternativa, a morena acabou se escondendo lá mesmo.

- Buenos días, má'. – disse abrindo a porta. Sinu entrou rapidamente fazendo uma careta ao ver o estado do quarto que estava todo desorganizado. Colocou a bandeja sob a cama e se sentou, indicando com a mão que a loira ocupasse o outro lado.

- Buen día, mija. – A loira assim o fez e logo deu um gole longo no café fresco. – Como você se sente? – perguntou acariciando o rosto da filha. Dinah deu de ombros meio sem graça pelo espetáculo.

- Com um pouco de dor de cabeça... Desculpa pelo barulho de ontem... – Sinu riu negando com a cabeça.

- Nada, nada mija. Você já sabe como seu pai é estressado. Eu achei que vocês levam jeito pra coisa. – Dinah riu comendo um pedaço de pão, sem jeito. Sinu negou com a cabeça fazendo a loira franzir o cenho, e então disse. – Normani, você já pode sair daí. Eu sei que vocês dormiram juntas. – Dinah quase cospe o café

em cima da senhora que tinha um sorriso nos lábios. Normani, que estava em baixo da cama, apertou os olhos e saiu praguejando-se. Quando finalmente apareceu, estava sem jeito e apenas com uma blusa dos Lakers que chegava até suas coxas. – Agora vocês vão me falar se finalmente decidiram assumir o que sentem. – elas se olharam assustadas e responderam ao mesmo tempo:

- Como a senhora sabe? – Sinu revirou os olhos deixando um espaço para Normani ao seu lado.

- Todo mundo nessa casa sempre soube, menos vocês. Agora andem, contem logo o que decidiram! – elas se olharam assustadas, mas logo sorriram começando a contar.

De volta ao armazém...

O beijo não passou disso, já que a ressaca de Lauren era mais forte e logo ela estava fazendo uma careta, afastando-se entre os selinhos. Camila mordeu o lábio inferior desenhando as sobrancelhas da maior com a ponta do dedo indicador esquerdo e então quebrou o silêncio:

- Preciso te falar uma coisa. – Lauren franziu o cenho assentindo. – Há uns dias encontrei Veronica na cozinha e ela estava vendo uma pasta...

- Uma pasta? – Camila assentiu rapidamente.

- Tinha umas fotos... nossas... – a morena arqueou as sobrancelhas, afastando-se.

- Nossas? Camila...

- Estávamos no mirador e outras eram minhas, muito antes de tudo acontecesse... – Lauren apertou os dentes.

- Eu não pedi que ela tirasse essas fotos.

- Eu sei. – Camila engoliu em seco, segurando as mãos da morena e acariciando-as, tentando acalmá-la. – Ela me falou sobre seu código de missões.

- Código de missões? – Lauren perguntou confusa.

- Que você nunca tinha colocado ninguém na frente do trabalho... – a morena se afastou estreitando os olhos.

- Ela disse isso? – Camila sorriu convencida assentindo. Lauren revirou os olhos e lhe roubou um beijo rápido.

- Eu pedi que você confiasse em mim porque eu confio em você. – Lauren se apressou em assentir. Franziu o cenho brincando com a costura da barra da camisa.

- Camila, eu nunca fui boa com relacionamentos...

- Jura? – a latina interrompeu sarcástica, fazendo Lauren revirar os olhos.

- Minha vida toda foi minha família e meu trabalho. Não costumo confiar em ninguém nem colocar ninguém na frente deles. Mas com você eu não tive controle. Você é a primeira pessoa pela qual eu abro mão disso, entendeu? Não sei

como nem quando, mas aparentemente você é minha calma. Minha segurança. É quem me conhece e sabe quem sou. Quando você me olha... – Lauren suspirou negando com a cabeça. – Eu não tenho como me esconder. Quando eu tenho você assim, perto... Eu tenho certeza de quem quero ser e onde quero chegar. Nunca pensei que precisava de alguém ao meu lado até que você apareceu. Você me encontrou, Camila. – a latina respirou fundo levando às mãos ao rosto de Lauren, onde acariciou as bochechas com os polegares. – No dia do acidente... – Lauren suspirou deixando os ombros caírem. – Elas estavam me pressionando para que falasse com você. O caso está complicado e elas sabiam que mais cedo ou mais tarde você ia descobrir...

- E você achou que ir embora era a solução? – perguntou irritada, afastando-se. Lauren negou rapidamente e a puxou de volta.

- Não. Eu... eu tinha decidido te contar toda a verdade, mas precisava dos documentos. Os que te mostrei na agência. – Camila assentiu desfazendo sua careta. – Só que... eu sabia que você não ia me perdoar, então meio que me despedi...

Camila assentiu lentamente digerindo a confissão. Mas logo uma ideia passou por sua cabeça.

- E como você soube do acidente?

- Eu fui atrás de você no armazém e Allyson estava guardando seu carro. Ela me disse que você estava transportando o carro de Teresa com Dinah.

- E você simplesmente foi atrás de mim? – a morena deu de ombros.

- Se eu deixasse pra depois, acabaria desistindo.

- Eu quis te matar, Lauren. – confessou. – Quis tirar você da minha vida de todas as formas possíveis. – a agente abaixou a cabeça, assentindo tristemente.

- Você rejeitou minha ajuda... – disse quase sussurrando, mais pela dificuldade de pensar como seria se Camila desistisse dela do que por outra coisa. A latina riu com desdém.

- Você devia saber que eu nunca aceitaria sua ajuda. Não depois de descobrir tudo.

- E por isso você agora está nas mãos de Teresa. – disse irritada, desviando o olhar para janela do cômodo. Camila levantou-se minimamente, apenas para se sentar no colo da morena com uma perna de cada lado e abraçá-la. Lauren a encarou séria e visivelmente irritada. – Ela vai cobrar fazendo vocês participarem de tudo.

- E assim será mais fácil descobrir o que ela quer. Vocês disseram que para investigá-la precisaríamos entrar.

- Mas não obrigada! Ela pode pedir qualquer coisa, sendo que se você entra sem dever favor, tem pelo menos o direito de rejeitar. – explicou irritada. Camila sorriu torto pela preocupação, fazendo Lauren ficar ainda mais nervosa. – Isso

é perigoso, Camila!

- Eu sei, eu sei! – disse revirando os olhos. – Mas já tenho a solução pra dívida. – seu sorriso convencido fez Lauren estreitar os olhos, levando as mãos a cintura da latina e afastando o rosto para encará-la antes de dizer:

- Qual?

- Race Wars. – Lauren franziu o cenho. – Quinhentos mil dólares para o primeiro lugar.

- Quinhentos mil? – perguntou perplexa.

- Aham... – Camila mordeu o lábio inferior. – Eu já me inscrevi...

- Quando será?

- Daqui a duas semanas. – Lauren assentiu abraçando-a com mais força.

- Você vai correr com o dodge? – Camila assentiu vendo o sorriso irônico de Lauren surgir.

- Qual o problema?

- Nada! – respondeu rapidamente tentando segurar o riso. – É um bom carro...

- Lauren... – ameaçou fazendo a morena rir.

- Tudo bem, tudo bem... Eu acho que você deveria usar outro.

- Que outro? – perguntou estreitando os olhos. Lauren deu de ombros deslizando as unhas pelas costas da latina.

- O meu. – os olhos de Camila brilharam com a proposta. Agarrou a gola da camisa da morena puxando-a mais para perto. Lauren já estava gargalhando com a felicidade da menor.

- Você está falando sério? – a morena assentiu. – Você vai me deixar correr com o Gran Torino?

- E treinar também. Até onde eu sei só tem profissional nessa competição...

- Lauren, se isso for uma brincadeira eu... – mas a morena lhe interrompeu rapidamente.

- Ei! Eu estou falando sério. Você pode usá-lo quando quiser... – Camila suspirou fechando os olhos e deixando a cabeça cair pra trás.

- Dios, esto es el cielo! – Lauren gargalhou admirando a alegria da menor que logo a beijou afoita e começou a agradecer entre os beijos.

- Obrigada. Obrigada. Obrigada! – a agente retribuiu sem pudor, chegando a apertar as nádegas da latina com força por baixo da camisa, enquanto a sentia sugar sua língua.

Foi então que seu celular tocou desesperadamente, e dessa vez ela reconheceu a melodia especial, afastando-se.

- Eu realmente preciso atender... – disse sem jeito. Camila suspirou afastando-se.

Foi até a jaqueta da morena que estava pelo chão e ao pegar o

aparelho viu o nome "Clara" na tela, mas nada disse e apenas jogou o mesmo. Lauren atendeu rapidamente nervosa e sem jeito.

- Alô? – Camila não conseguia ouvir o que a tal Clara dizia ao outro lado, mas percebeu que Lauren estava nervosa demais. – Sim... Sobre isso... Eu ainda não perguntei. – viu a morena suspirar e já cruzou os braços encarando-a com a sobrelha arqueada. Lauren sorriu sem mostrar os dentes e continuou. – Eu sei que tenho que comprar as passagens, mas ainda não tive a oportunidade de perguntar! ... Não precisa fazer isso! – a morena suspirou passando a mão na testa. – Ok! Vou resolver isso quanto antes... Sim... Eu também.

Quando desligou, Camila não só estava visivelmente irritada, como também séria e com os braços cruzados. Lauren sorriu novamente sem mostrar os dentes e foi até a ponta da cama, puxando a latina de volta a seu colo. Camila se acomodou novamente, mas continuava séria e esperando por uma explicação. Lauren a abraçou forte e a latina podia jurar ter visto sua testa brilhar pelo suor.

- Então... Uh...

- Lauren... - advertiu. Odiava quando a morena divagava e demorava para dizer algo.

- Você tem passaporte? – Camila franziu o cenho.

- Passaporte? – Lauren assentiu.

- Tenho, por quê? – a morena suspirou aliviada. – Quem é Clara, Lauren? – a morena levantou a cabeça com um sorriso brincando nos lábios.

- Por quê? Você está com ciúme? – provocou. Camila novamente a puxou pela gola da camisa.

- Quem é? – a agente mordeu o lábio inferior excitando-se com a pose autoritária, mas ela estava realmente irritada e, por muito que estivesse adorando vê-la assim, não queria abusar da sorte.

- Clara é minha mãe. – Camila a soltou imediatamente. – E ela está preparando um fim de semana especial, na semana que vem, pra te conhecer... Em Miami.

Camila deixou sua boca cair em descrença e piscou lentamente duas vezes. Lauren deu um sorriso amarelo esperando pela reação, mas Camila continuava parada e com a boca aberta.

Um fim de semana especial?

Conhecer os Jauregui?

Em Miami?

Oh mierda...

///

Jugué con una diabla que es experta en esos juegos del amor... ♪♪

Capítulo 23: Topos, maderos e só...

Quem for diabético sai do site que o docinho chegou!

BRINCADEIRA.

MENTIRA

HELLOUS! Cap meio bleeeh pq eu to bleeh, mas logo vocês vão entender que é necessário esse tipo de diálogo pra gente ir descobrindo as treta.

Obrigada pelos comentários e votos, vocês são lindas!

Respondendo as dúvidas de onde eu tiro o espanhol, bueno... esqueci de dizer a vocês que moro em Madri. Massssssssssss sou soteropolitana, mainha!

All the love.

//

Camila estava sentada na beira da cama olhando para o chão fixamente. Lauren decidiu deixá-la pensando sobre o que havia acabado de dizer e foi tomar banho para aliviar a ressaca.

Conhecer os Jauregui não parecia grande coisa. Quer dizer... tirando o fato de que seu pai é um general do exército americano. Porque havia esse pequeno detalhe: Camila não sabia que todos pertenciam às forças especiais de alguma forma. Mas Lauren não estava lhe pedindo tanto, afinal, já conhecia seus pais e irmãos. A verdade é que havia poucas coisas que Lauren não sabia de Camila. Qual o problema em passar o fim de semana com eles, certo? É uma família normal como outra qualquer... certo? Ceeeeerto.

Quando a porta se abriu, Lauren secava o cabelo com uma toalha branca e estava coberta unicamente por uma camisa preta cuja estampa era letras brancas que diziam "fuck the Police". Estava apenas de calcinha e um tanto distraída.

Ao encontrar Camila sentada e olhando para o nada, ficou admirando-a e tentando decifrar o que estaria pensando. Se aceitaria ir ou se diria que era cedo demais... Seu pior temor não era esse. Se fosse por ela, não iriam a Miami até o noivado! Mas conhecia sua mãe... Clara Jauregui sabia ser a professora calma e dócil que seus alunos precisavam conhecer. Mas quando se tratava de sua família... a matriarca era pior que uma leoa. Quando abandonou o Serviço Secreto para se casar com Michael deixou duas coisas claras a seus superiores: a primeira era que continuava sendo cubana e amando sua pátria, mas estaria longe e fora do radar das relações entre ambos os países. A segunda, que uma vez estabelecida com sua família, todo aquele que ousasse se aproximar só sairia vivo dos EUA caso ela estivesse morta. Respeitava as regras, mas tinha tantos contatos como os próprios agentes atuais. E apesar de sua perfeita fachada aos olhos dos outros, quem sabia seu segredo também conhecia as consequências de seus atos. Principalmente seus

filhos.

Mas Camila não precisava saber disso.

Sem pressão... por agora.

- Camz? – a latina a olhou imediatamente com o cenho franzido.

- Sim?

- Está... tudo bem? – Camila assentiu sorrindo sem mostrar os dentes.

- Tudo ótimo! – respondeu euforia demais. Lauren assentiu dubitativa, mas preferiu ignorar os fatos. Olhou ao redor procurando por sua calça, mas o quarto aparentemente estava sem nada seu. – O que houve? – a latina perguntou levantando-se.

A camisa com o emblema da banda e as mangas cortadas, de forma que quando ficava de lado dava para perceber que estava sem sutiã, marcando o contorno de seus seios. Seu cabelo solto e meio bagunçado e o fato de estar apenas de calcinha por baixo, fez Lauren esquecer o que estava procurando imediatamente. Admirou as coxas largas prendendo um suspiro. Camila estava extremamente sexy.

- Lauren? – a chamou com um sorriso brincando nos lábios. A morena levantou o olhar finalmente sacudindo a cabeça para se desfazer dos pensamentos que estava tendo.

- Calça. – disse por fim com a voz cortada. Pigarreou para recuperar a compostura e ficou séria. – Estou procurando pela minha calça. – Camila assentiu com um sorriso torto, andando lentamente até ela. Lauren estava prestes a encaixar seus braços na cintura fina, mas a latina desviou no último momento abrindo a segunda gaveta.

- Está molhada ainda. Posso te emprestar uma... – disse enquanto procurava entre as roupas, até que tirou uma calça de moletom preta. Por ser de elástico e pela diferença corporal, seria a única que entraria no corpo da agente. Era de tipo skinny e provavelmente deixaria a bunda especialmente... marcada, se é que vocês me entendem. Estendeu a prenda e Lauren a aceitou, mas havia percebido o divertimento da latina e também estava sorrindo.

- Ou... podemos ficar assim até as roupas secarem. – disse puxando-a pela cintura. Camila imediatamente levou os braços aos ombros de Lauren e fechou os olhos ao sentir como a morena deslizava o nariz por seu rosto ternamente.

Quando Lauren a sentiu entregue, deslizou as mãos por baixo da camiseta, arranhando as coxas de Camila até alcançar as costas, provocando-a enquanto se aproximava da boca da latina e quando estava prestes a sentir os lábios finos, se afastava.

Camila estava sorrindo com a provocação, sentindo seu corpo responder a cada toque, e mal sentiu como seu corpo estava sendo guiado novamente até a cama. Quando sentiu a mesma tocando a parte traseira de suas coxas foi tarde demais. Lauren descendeu as mãos às nádegas da latina e apertou com força, impulsando-a para cima. Camila gritou pelo susto inesperado e logo sentiu seu corpo cair de encontro ao colchão macio. Não conseguiu reprimir sua risada alta e

contagiante quando Lauren, também sorrindo subiu na cama de joelhos e se encaixou entre suas pernas.

A maior apoiou os cotovelos na altura da cabeça de Camila, aguentando o peso do corpo e deixou que os corpos se encaixassem lentamente. Camila retirou o cabelo de Lauren, colocando-o na nuca com a mão e a puxou de encontro a seu rosto, mas no último momento Lauren se afastou novamente com um sorriso torto. A latina arqueou a sobrancelha esquerda e quando estava prestes a reclamar, sentiu seu lábio inferior ser puxado entre os dentes de Lauren. Sentiu seu corpo relaxar quando a agente tomou seus lábios em um beijo calmo e provocante, tão lento que lhe chegava a provocar certo desespero. Cada vez que Lauren lhe sugava o lábio inferior abria os olhos e a encarava com um sorriso torto, o provocante de quem sabe o que está fazendo e adorando.

Lauren manteve suas mãos segurando o lençol com força, controlando-se para não tomá-la de um jeito enfermigo. Foi então que Camila levou as mãos ao quadril da morena, puxando-a com força para baixo e abrindo as pernas para abraçá-la. Lauren entendeu o recado e, imóvel entre as pernas da latina, finalmente iniciou o beijo que Camila tanto ansiava, mas manteve a lentidão. Se afastou minimamente deixando sua língua para fora e a menor não duvidou em sugá-la lentamente enquanto fincava as unhas na cintura rígida. Não se separavam para nada, nem sequer respirar. Os lábios já estavam vermelhos e inchados tamanha era a pressão que faziam.

Quanto mais profundo o beijo ficava, Lauren se remexia sob o corpo magro, fazendo com que elas se roçassem em um vai e vem lento e torturante. A agente apoiou os joelhos na cama com força e usou as mãos para apertar as coxas da latina com força, fazendo-a arfar e gemer baixo pela dor. Puxava o músculo com força e arranhava a zona com vontade. Deslizou os beijos ao pescoço fino e com cheiro de baunilha, mas suavizou o aperto e foi então que sentiu as unhas de Camila reclamarem em sua bunda, como se ela quisesse que continuasse com a tortura.

Lauren mordeu o pescoço de Camila enquanto deslizava as mãos lentamente até as mangas da camisa. Colocou as mãos por dentro do grande corte sentindo o abdome da latina enrijecer. Subiu a carícia lentamente até que encontrou os mamilos rígidos por baixo do tecido, encaixando-os entre os dedos e puxando-os com força.

Camila arqueou as costas sentindo sua respiração pesar e o suor tomar seu corpo. Estava quente como inferno ali e Lauren não tinha pressa. Começou a massagear os seios devagar e com força, quase esmagando-os enquanto continuava o vai e vem em cima da latina.

Quando Lauren voltou a atenção aos lábios, Camila estava gemendo baixo e suavemente. Seus olhos estavam abertos e a encarava fixamente, como se suplicasse. A maior precisou morder o lábio inferior e reprimir sua queixa pela cara de "por favor, me coma" que Camila havia feito. Foi de encontro à orelha direita da

latina, mordendo o lóbulo da mesma antes de sussurrar com a voz rouca e cortada:

- Eu não posso. – Camila gemeu de frustração ao ouvir. Mas Lauren continuava com os movimentos e a massagem. – Mas estou aqui e quero te ver gozando. – a latina gemeu novamente se retorcendo em baixo do corpo quente. – Então você vai me deixar fazer o que quiser com você, entendido? – Camila trincou o maxilar quando Lauren a encarou desafiante e finalmente assentiu, praguejando-se pois era a primeira vez que atendia a uma ordem da mesma. Mas quase gozou quando Lauren lhe ofereceu seu sorriso mais perverso e triunfante. – Minha vontade é de rasgar essa camisa, mas você ficou tão sexy com ela, que dessa vez vou deixar.

- Anda logo... – reclamou sentindo as mãos de Lauren irem imediatamente à barra da camisa e logo estava apenas com uma calcinha azul marinho. Lauren ladeou a cabeça ao ver a prenda e deslizou a ponta dos dedos pela costura que tinha um laço singelo costurado ao centro da barra. Deslizou o indicador com força fazendo o contorno da linha do sexo de Camila lentamente e quando encontrou o centro, pressionou com força. Camila gemeu e se remexeu em baixo de Lauren, que fechou as mãos em punhos segurando a barra do tecido fino, abaixando-se novamente até a orelha da latina.

- Mas não posso dizer o mesmo disso. – e sem esperar resposta, puxou com toda sua força rasgando a prenda de vez. Camila gemeu ainda mais alto e logo se sentiu livre.

A calcinha foi para algum lugar do quarto enquanto Lauren lhe abria as pernas ainda mais, deslizando a língua entre o vale dos seios da latina para logo contornar o mamilo direito com a mesma.

Camila encaixou as mãos no cabelo ainda molhado, puxando-o e direcionando o rosto da agente que entendeu o pedido e passou a sugar o mamilo.

O sexo de Camila estava úmido e exposto, pois ela continuava com as pernas abertas. Lauren mantinha as mãos em suas coxas apertando-as, e logo as deslizou as nádegas onde puxou com a mesma força, provavelmente deixando a marca de suas mãos ali. Camila gemia de dor e de prazer, mas não reclamava. Ela nunca reclamava. Com os olhos fechados e a boca aberta, gemendo tão alto quanto queria, chamava pelo nome de Lauren e sussurrava palavras em espanhol

Mas foi quando sentiu a mão da morena massageando seu sexo que pensou não aguentar mais.

Todos os movimentos de Lauren eram lentos e fortes, como se quisesse marcar cada milímetro e tomar o corpo como seu. Assim como era.

A massagem foi ficando mais intensa e logo o dedo do meio da agente penetrou a latina sem que deixasse de fazer os movimentos, brincando com o clitóris com seu polegar.

Lauren desviou a atenção de seus lábios ao queixo de Camila, mordendo-o e então, puxou o lábio inferior da latina com força, penetrando cada vez mais rápido e fundo.

Camila acompanhava os movimentos subindo e descendo seu quadril,

indo assim de encontro à mão de Lauren.

Apertou os braços fortes e rígidos sentindo-o levemente marcado, e fincou as unhas quando estava a ponto de sentir seu orgasmo se aproximando. Arranhou o mesmo até as costas de Lauren, e chegou a arrancar a pele da morena quando explodiu em um orgasmo avassalador.

- Lauren! – chamou apertando os olhos e com a boca aberta.

Lauren se afastou, o suficiente para ver aquela expressão de prazer e mordeu o lábio inferior ao sentir o gozo de Camila em seus dedos.

Em algum lugar de Chihuahua, Veronica e Lucy encaravam um Chuy concentrado nos nomes que constavam no papel em suas mãos.

- Carajo, essa mulher tem mais amante do que a população desse povoado... – reclamou surpreso. O casal riu com desdém. Veronica se adiantou em responder:

- Esses são os que temos conhecimento. – Chuy assentiu dobrando o papel e guardando-o na calça.

- E a Jauregui? – perguntou cruzando os braços e logo Lucy lhe respondeu:

- No armazém resolvendo umas coisas. – ele assentiu desconfiado, encarando as duas enquanto coçava o queixo.

- Andam dizendo por aí que ela está de caso com a diabla. – disse insinuante e Vero deu de ombros antes de lhe responder:

- Pelo visto ela gostou muito da comida dos Cabello. – debochou recebendo um tapa de Lucy na cabeça, mas Chuy estava rindo. – Ai, mulher!

- Quando você vai aprender a ser séria? – perguntou irritada e Chuy assobiou sussurrando um "cagona" baixinho, que fez Vero ficar ainda mais irritada.

- Eu só estava fazendo uma piada com o Chuy, somos família, qual o problema? – se defendeu, mas Lucy revirou os olhos e cruzou os braços emburrada. Vero continuou coçando a cabeça e olhando feio para o homem que parecia adorar o espetáculo.

- Espero que vocês mantenham um olho nelas, não quero problemas com o Viceroy. – alertou e elas assentiram.

- Está tudo controlado. – Vero disse como se não fosse importante.

- Alguma notícia dos carregamentos? – Lucy mudou de assunto recebendo um grunhido de Chuy.

- Nada, hombre. Los pinches maderos limpam tudo.

- Como descobriram o esconderijo? – Vero insistiu franzindo o cenho e se fazendo de desentendida. Chuy deu de ombros coçando a cabeça.

- O chefe acha que foi coisa de topo... – se era uma prova, elas passaram muito bem com a cara de surpresa que fizeram.

- Mas nós já limpamos todos! – Vero se queixou parecendo

verdadeiramente irritada. Lucy percebeu como Chuy parecia aliviado depois de ver as reações, como se sua suspeita tivesse sido dissipada.

- É o que pensávamos, mas o contato do FBI disse que a denuncia foi anônima. Elas podem ter conseguido avisar de algum modo enquanto aqueles idiotas estavam distraídos. – explicou finalmente e elas assentiram. – Bueno mijas, tenho que voltar pra Juárez. Digam a Jauregui que ela me deve uma corona por não ter aparecido. – o casal assentiu e se despediram do capataz que logo estava partindo com seu velho Maseratti.

- Você ouviu o que ele disse? – Vero perguntou vendo o veículo desaparecer ao longe.

- Claro e conciso. – Lucy completou passando as mãos pelo cabelo.

Preferiram sair dali quanto antes e contar a novidade a Lauren.

O cartel tinha o topo, que eram elas. E agora acabavam de descobrir que o FBI também. Restava saber quem.

De volta ao armazém, depois que tomaram banho novamente, o casal [proib...] favorito se vestiu entre risadas e brincadeiras. Quando ouviram o barulho da porta da cozinha que estava algumas portas ao lado se fechando, saíram para olhar o que era.

Veronica estava jogada na cadeira com a cabeça apoiada na mesa de qualquer jeito. Lucy estava servindo um copo d'água encarando a expressão frustrada da esposa.

- Aconteceu alguma coisa? – Lauren perguntou entrando. Sentou-se na cadeira ao lado de Veronica e imediatamente puxou Camila para se sentar em seu colo.

- Estávamos com o Chuy. – Lucy explicou. Camila estava prestes a levantar para deixá-las a sós, mas Lauren a manteve firme. Quando a latina fez uma careta tentando se soltar, Lauren revirou os olhos.

- Você pode ficar, Camz. – envergonhada, Camila aceitou e continuou observando. Veronica se levantou passando a mão pelo cabelo e foi até a mulher, servindo-se também.

- Ele tentou nos pegar no velho teste do topo. – a colombiana explicou. Lauren franziu o cenho sem entender. – Mas nós não deixamos nada passar.

- O problema é que aparentemente o contato deles no FBI disse que o caso do bordel foi uma denuncia anônima! – Veronica explicou exasperada.

- Contato deles? – Lauren inquiriu surpresa. – Que merda é essa? – Lucy suspirou deixando o copo na pia e se sentou de frente para o casal.

- Aparentemente tem alguém dentro soprando o que a gente faz fora. – explicou. Lauren levou a mão direita ao rosto, esfregando-o.

Elas ficaram em silêncio enquanto Camila as encarava.

- Pode ser qualquer um daquela maldita agência! – Veronica disse finalmente, sentando-se ao lado de Lucy.

- Precisamos ter cuidado a partir de agora. – Lauren completou.

Camila se levantou rindo com desdém. As outras três olharam para ela com o cenho franzido.

- Esse é o truque mais velho que eu já vi. – explicou cruzando os braços.

No momento a porta foi aberta novamente e Normani, Dinah e Ally entraram sorrindo, mas ficaram sérias ao vê-las.

- Uou... estou sentindo o ambiente um pouco pesado! – Dinah disse fazendo uma careta.

- Segundo o Chuy o FBI tem um topo que da as informações ao cartel. – Camila explicou divertida.

- É por isso que vocês estão com essa cara? – Normani inquiriu com deboche ao que as agentes assentiram.

As irmãs se olharam e pronunciaram ao mesmo tempo com o mesmo tom de deboche:

- Maderas!

Sem tempo para que perguntassem, as quatro deixaram a sala e foram saindo em fila. Lauren se levantou rapidamente acompanhada das outras duas e quando chegaram ao andar de baixo, Ally havia aberto seu notebook e estava mexendo em alguma coisa.

- Você vai me explicar que merda vocês estão fazendo? – Lauren sussurrou no ouvido de Camila que observava tudo em silêncio.

- Espere e verá.

Depois de teclar algumas coisas, Ally sorriu convencida e virou o aparelho para as outras.

Todas as fichas dos agentes federais estavam na tela. Lauren, Veronica e Lucy estavam boquiabertas ao ver a agência por uma tela pequena no lado superior direito, ao vivo.

- Que porra... – Vero sussurrou.

- Bem vindas ao nosso mundo. – Dinah zombou.

- Se tem uma coisa mais fácil do que entrar para o cartel é achar um policial corrupto. – Ally explicou. – A maioria de vocês trabalham infiltrados ou em missões com a DEA. – a baixinha disse dando de ombros. Normani abraçou Dinah por trás, apoiando o queixo no ombro da loira e continuou:

- Com o tempo pode acontecer três coisas. Vocês morrem, fecham o caso ou...

- Se entregam ao tráfico. – Dinah concluiu.

- Mas eu quero saber por que você tem acesso a documentos classificados e eu estou vendo o Jerry coçar o saco dentro da minha agência! – Lauren reclamou sem paciência. Camila revirou os olhos, puxando a morena para trás e abraçando-a.

- O que elas estão tentando dizer é que, por mais que os traficantes

sejam uns cretinos, os policiais, alguns... não ficam atrás.

- O dinheiro do cartel é sujo e não entra nos bancos. – Dinah disse.

- E o salário de vocês é uma merda. – Normani completou.

- Pra saber quem pode estar filtrando informação, basta olhar as contas e últimos movimentos. – Ally concluiu. As agentes se entreolharam desconfiadas.

- Lauren é a exceção. – Veronica disse, recebendo um olhar reprovador da morena. Camila engoliu seco, tentando não pensar que ela era a exceção dos agentes que tem um salário de merda. Ou seja, os Jauregui eram ricos. Ótimo. Maravilhoso.

- E você pode ter acesso a essas contas? – Lauren perguntou a Ally mudando de assunto rapidamente. As meninas riram com desdém ante a pergunta.

- Assim você me ofende, Jauregui. – a baixinha zombou voltando o olhar à tela. Tecleou mais algumas combinações e novamente virou o aparelho para elas. – Cerca de quarenta agentes estão recebendo ingressos superiores a dez mil ao mês. Não tem como saber se todos eles recebem dinheiro da droga ou em que caso estão envolvidos. Vocês vão precisar estudar caso por caso. – disse salvando a informação em um pen drive e entregando-o a Lauren que estava com a boca aberta.

- Como diabos vocês fez isso, Allyson? – perguntou perplexa. A baixinha ia começar a explicar quando Lucy lhe interrompeu:

- Cuidado, Ally. Tudo que você disser será usado contra você. – Ally fechou a boca imediatamente ficando pálida. Normani e Dinah deram um passo a frente e abraçaram as duas a Lauren, guiando-a pelo armazém enquanto explicavam que a pequena só estava ajudando.

Camila aproveitou a deixa para puxar Lucy e Veronica, olhando sempre por cima do ombro para ter certeza que Lauren não sabia de nada.

- Que história é essa de que ela é a exceção? – perguntou quase sussurrando. Vero olhou para Lucy que arqueou as sobrancelhas como dizendo "agora se vira" e cruzou os braços. A mulher suspirou antes de responder:

- Pelo jeito ela já te deu a notícia... – Camila assentiu veemente.

- Do que estamos falando? Casa? Apartamento? – Lucy e Veronica riram com desdém. Lucy colocou a mão no ombro da latina, compadecendo-se. – Lauren parece estar mais histérica do que eu, como se ela quisesse que eu surtasse ou desistisse a qualquer momento. Cada vez que tocamos no assunto ela ficar tensa! – reclamou cruzando os braços. – Acho que ela tem vergonha de me levar e a mãe está pressionando.

- Casa. – Vero respondeu prendendo a risada. Camila suspirou passando a mão pelo cabelo.

- Ei, não precisa ficar nervosa. Te dou minha palavra de que os Jauregui são a família mais dinâmica que eu já conheci. – a colombiana explicou apertando de leve o ombro da latina, que assentiu em resposta. – E quanto ao nervosismo dela, você tem que entender, não é fácil. Não é vergonha... é apenas

esse pequeno problema que ela tem que a faz ser diferente de... todo mundo!

- É, Camilita. Não precisa ficar nervosa. Vai ser tipo o presente de natal que os Jauregui estão esperando a vida toda. – Vero zombou. Camila estreitou os olhos encarando as duas.

- Como assim? – as outras se olharam, confusas. Lucy estreitou os olhos e procurou por Lauren que estava conversando com as outras mais ao fundo, e depois olhou para Camila, pálida e nervosa. – Do que vocês estão falando?

- Camilita... – Vero disse olhando para Lucy e logo dando um passo à frente. – Lauren te contou o quê sobre a família?

- O pai é general do exército, a mãe professora da universidade, e ela tem outros dois irmãos mais novos que ela.

- Só? – Lucy perguntou e Camila assentiu. – Não te disse nada mais sobre a tradição ou por que a mãe dela está tão empolgada em te conhecer? – a colombiana insistiu e Camila negou lentamente, como ponderando.

- Por quê? – perguntou desconfiada. As outras suspiraram olhando-se.

- É melhor ela te falar... – Vero explicou. Camila enrijeceu o maxilar e deu um passo à frente encarando as duas.

- Agora! – disse. Lucy deu de ombros quando Vero lhe questionou com o olhar.

- Camilita... Lauren não tem vergonha de te levar pra conhecer os pais.

- Então por que ela está nervosa em vez de me tranquilizar com isso?

– questionou exasperada. A resposta ficou para Lucy que deu de ombros antes de falar:

- Porque você é a primeira pessoa que ela leva pra casa. – Camila deixou o queixo cair em descrença.

- Ela nunca...

- An, na... – as duas responderam negando com a cabeça. – Camila bufou irritada.

- Qual o problema dela? – o casal deu de ombros.

- Lauren sempre soube o que queria, não se deixa distrair facilmente... – Vero explicou.

- E o baile? Ela não teve acompanhante no baile? – a latina se apressou em perguntar.

- Oh sim! – Lucy contestou rindo.

- Betty Boobs, animadora, alta e tinha uns... ai! – Vero reclamou ao sentir o tapa em sua cabeça.

- Cala a boca! – Lucy a repreendeu, continuando. – Nós nos encontramos na festa por toda essa coisa de que os casais de meninas não era muito comum.

- Betty acabou no banheiro com o quarterback. – Vero concluiu fazendo Camila franzir o cenho.

- E desde então ela...

- Oh, não! – Vero cortou. – É porque ela é chata mesmo.

- E porque não tem ninguém nesse cartel que cumpra as expectativas da tenente Jauregui. – Lucy ironizou. Camila abriu a boca e respirou fundo.

- Te... tenente? – as duas se olharam outra vez, como dizendo "essa tá lascada mesmo". – Ela não é jovem demais para ser tenente?

- Essa história a gente deixa para ela contar... – Lucy disse sorrindo sem mostrar os dentes.

- Tranquila Camilita. Os Jauregui são legais e não precisa se preocupar. São apenas soldados condecorados e com a parede da casa cheia de medalhas. – Vero disse enquanto ia de encontro a Lauren. Lucy deu três tapinhas do ombro da latina seguindo o mesmo caminho, deixando-a só.

Camila olhou para Lauren, concentrada no que Ally lhe explicava e suspirou.

- Só...

//

Só...

Capítulo 24: Buenas noches, señor Cabello.

Super holita!

Sentiram minha falta? Cheguei!

Bom, capítulo pequeno porque domingo é dia de namorar, né migas?
(E porque amanhã eu tenho aula cedo)

Obrigada pelos comentários e votos!

E sim, vou ao show das meninas dia 26!!!! Depois conto a vocês
tudinho!

Chêro lindas!

//

À medida que os dias se passavam, Camila ficava ainda mais nervosa com a ideia da viagem. Lauren tinha tudo a lhe oferecer, mas para os olhos da agência e da própria família, Camila era parte do cartel. Estava distraída e acelerada ao mesmo tempo. Passava a maior parte do tempo pensando na impressão que causaria ou como deveria se comportar. Tentava disfarçar sua preocupação e focar na preparação para a guerra das corridas.

Pelo menos não precisava fingir tanto, já que Lauren estava ocupada com as outras procurando entre os arquivos os possíveis topos da agência. Mas quando estavam juntas, a morena sempre arranjava um jeito de fazê-la esquecer da preocupação, mas era justamente quando estava sozinha que tudo piorava.

Ela estava junto às irmãs no armazém vendo alguns vídeos das corridas anteriores enquanto Lauren, Lucy e Veronica estavam no andar de cima como de costume.

- Esse é bom. – Dinah disse enchendo a boca com a pipoca que tinha nas mãos. – Mas o motor não parece trancado. – Ally assentiu colocando a mão da vasilha e comendo algumas poucas enquanto respondia:

- Porque não está. – a baixinha confirmou.

Normani, que estava ao lado de Camila, chupava um pirulito atenta aos detalhes do carro e interveio:

- Quem participa em uma guerra de corrida sem trancar um carro? – perguntou ladeando a cabeça. Ally deu de ombros enquanto acabava de mastigar para responder:

- Os carros fabricados desde 2009 tem potência suficiente para aguentar o peso das arrancadas.

Continuaram observando as corridas. Era uma competição simples. Dois carros em uma pista apenas de ida. Tinha o mesmo modelo que as competições do Valle, exceto que a cada vitória o ganhador subia um posto e se enfrentava a outro. Para aspirar a final, deveriam ganhar um total de cinco corridas. Em uma pista com um único caminho de ida, os carros recebiam a largada e deveriam alcançar a linha final. O primeiro que cruzasse, era o vencedor. Durava um total de cinco

minutos cada ronda e o torneio se realizava em um único dia. Perder significava estar eliminado, então conhecer os possíveis adversários era importante.

Mas Camila estava aérea. Ela sabia que precisava se preparar e se concentrar, mas sua cabeça não deixava de dar voltas. Enquanto as meninas tagarelavam e opinavam sobre a qualidade dos concorrentes, além de comer e falar de boca cheia, ela estava olhando para um ponto fixo enquanto mordida o lábio inferior. De repente, Dinah percebeu e acenou com a cabeça em sua direção. As outras a olharam confusas e a loira se adiantou em falar:

- Mila? – a latina se assustou, olhando-as.

- Sim? – respondeu assentindo. Elas se entreolharam novamente e foi a vez de Normani falar.

- Está tudo bem? – Camila assentiu franzindo o cenho. – No que você estava pensando? – insistiu e a latina suspirou deixando a cabeça cair para trás.

- Na viagem a Miami. – confessou. Dinah assobiou negando com a cabeça:

- Chica, você está em problemas. Não podia ter se apaixonado por outra? Tinha que ser logo uma agente federal? – Camila a fuzilou com o olhar.

- Como se eu soubesse que ela era agente federal... – grunhiu fazendo Dinah responder com uma careta.

- Por que você está tão preocupada? – Ally interveio. – Não é como se nós fossemos traficantes ou algo. Lauren deve ter contado a verdade...

- Exceto por um detalhe, Ally. – Normani interrompeu. – A Jauregui não é a única madeira da família. – a baixinha franziu o cenho ante a afirmação.

- Camila? Do que Normani está falando?

- O pai é general do exército, o irmão está na aeronáutica e a irmã é advogada do JAG além de ser tenente coronel, os três serviram no Afeganistão. – explicou encarando os dedos. Dinah tossiu ao se engasgar com a pipoca enquanto escutava a novidade e Ally tinha os olhos arregalados.

- Qué carajos, Mila? A família toda é madeira? – Dinah inquiriu ao que Camila se limitou a assentir. – E o que você vai fazer? – a latina deu de ombros.

- Não posso fazer nada, Dinah! Ela diz que está tudo bem e que a mãe é uma mulher bem... peculiar.

- O que isso quer dizer? – Normani se meteu e Camila novamente deu de ombros.

- Não sei. A única coisa que ela diz é que eu vou entender quando conhecê-la. – as três assentiram e então Dinah, oportuna como sempre, ficou com a última palavra.

- Eu também estaria cagada se estivesse nessa encrenca. Só faltava ela também ser uma traficante retirada! – disse rindo, mas as outras continuaram sérias. Normani pegou uma pipoca e jogou nela, fazendo uma cara feia. Camila revirou os olhos e se afastou um pouco, passando a mão pelo cabelo.

Ally e Normani olharam para Dinah com a sobrancelha arqueada, como insinuando que deveria corrigir a besteira. A loira suspirou, mas logo sorriu quando uma ideia cruzou sua cabeça.

Normani começou a negar enquanto Ally ficava ainda mais assustada, mas Dinah não prestou atenção e falou mesmo assim:

- Mila? – a latina a olhou desconfiada. – Seu problema é enfrentar os Jaguars sozinha? – Camila assentiu lentamente. Dinah sorriu e deu de ombros. – Talvez você se sentiria melhor se Lauren soubesse realmente o que você está sentindo...? – Camila assentiu de novo.

- O que você está insinuando, Dinah? – a loira deu de ombros se levantando.

- Já que você tem que enfrentar os soldadinhos de chumbo, nada mais justo do que a Jauregui se enfrentar aos Cabello. – Camila franziu o cenho pensando, mas logo sorriu.

- Conhecer os Cabello oficialmente, huh? – as outras se levantaram sorrindo também. Camila correu de encontro a Dinah e lhe deixou um beijo estalado na bochecha. Logo repetiu o gesto com Ally e Normani, e saiu correndo até o andar de cima.

Tocou a porta apressadamente e quando ouviu o "entre", passou sem conseguir conter seu sorriso.

Veronica estava servindo um copo de suco para si e se sentou. Lauren estava concentrada com uns papéis na mão e Lucy comia amendoim. As três estavam olhando fixamente para Camila que manteve a postura firme e respirou fundo antes de falar.

- Meus pais querem te conhecer oficialmente. Hoje a noite.

Veronica cuspiu o suco e quase caiu da cadeira. Lucy reprimiu o riso fazendo um barulho estranho e Lauren abriu a boca e a fechou, sem conseguir dizer nada.

- Hoje? – Camila assentiu veemente. – Camz eu... – pigarreou se colocou mais reta na cadeira, fuzilando Veronica com o olhar e tentando aparentar calma. - ... Estou um pouco ocupada com os papéis. – Camila cruzou os braços e arqueou a sobrancelha.

- Não tem outro dia, Lauren. Além do mais, precisamos de uma pista parecida à do torneio. Meu pai foi piloto de Nascar e conhece todas as pistas daqui. Ele pode nos ajudar a conseguir uma para que eu treine.

- Mas Camz, está muito em cima, sua mãe precisa preparar tudo... – tentou justificar. Se levantou caminhando em direção a latina.

- Não se preocupe, ela já estava preparando o jantar e colocar um prato a mais não será um problema. – Lauren a puxou pela cintura, engolindo em seco. – Qué pasa? Você não quer conhecer meus pais? – Camila provocou se fingindo de ofendida, pois sabia exatamente o efeito que tinha. Lauren se apressou em

responder.

- Não! Claro que não! Na verdade eu já os conheço... tecnicamente...

- Mas não oficialmente! Lauren... – a latina estava praticamente fazendo um bico, então a morena não teve mais resposta do que assentir suspirando.

- Tudo bem, eu estarei lá.

- Ótimo! – Camila lhe bicou os lábios e se afastou rapidamente. – Te ligo para avisar a hora!

E saiu sem mais.

A agente apoiou a testa na porta, suspirando. Atrás de si, Vero e Lucy começaram a gargalhar audivelmente.

E ela sabia por que. Depois do espetáculo da serenata, provavelmente Alejandro já sabia a história toda e ela havia partido o coração de sua flaca. Mesmo que por pouco tempo.

Ela só precisava fazer as pazes com seu sogro.

Só...

Assim que chegaram a casa, Dinah já foi gritando até a cozinha anunciando que teriam uma convidada para o jantar.

- Mas assim, sem avisar? Eu não preparei nada especial! – Sinu que já estava na cozinha, se descabelou e começou a dar voltas de um lado para outro sem saber o que fazer. Camila foi até a mãe e segurou o rosto da mesma entre as mãos.

- Má', é a Lauren. Não precisa exagerar.

- Mas eu não tenho tempo de preparar nada!

- Ela é apaixonada por sua lasanha! – Sinu assentiu lentamente.

- Lasanha?

- Sim, madre, lasanha.

- Acho que dá tempo preparar uma lasanha.

E assim foi como a matriarca saiu correndo pela cozinha para preparar tudo com a ajuda das meninas. Ajuda de Ally e Camila, na verdade. Porque Dinah e Normani aproveitavam para comer o frango enquanto as outras trabalhavam.

Quando Sofia chegou com Alejandro, se assustaram ao ver o movimento pela casa.

- Mas que diabos está acontecendo, mujeres? – perguntou parado na porta. Todas olharam automaticamente para Camila que logo foi em direção ao pai, dando-lhe um beijo no rosto. – O que vocês estão aprontando? – perguntou cruzando os braços.

- Papá... por favor não fique louco... – Alejandro arqueou a sobrancelha vendo como a filha dava um passo atrás e respirava fundo. – A Lauren vem jantar com a gente.

Todas viram como o homem respirou fundo e se controlou para não ficar vermelho.

- Eu não quero essa mulher aqui, Camila! – disse com os dentes

trincados. Camila, que já estava preparada, se manteve calma.

- Há uma versão da história que o senhor não conhece, e queremos contá-la. Juntas...

- Que versão?

- Uma que o senhor vai gostar. Prometo. Mas agora, por favor... – pediu fazendo um quase bico e abraçando-o. – Seja amável, sim?

- Não gosto quando vocês escondem algo de mim. – Sinu revirou os olhos vendo o marido se fazer de difícil e foi até o mesmo.

- Ale, deixe de coisa! É a primeira vez que Camila traz alguém pra casa, seja amável e prepare as cervejas, sim? – deixou um beijo na bochecha do marido e voltou para bancada onde estava montando a lasanha.

- E você ainda as ajuda com essas invenções. Eu não lhe digo nada, Sinu! Depois, depois... – e saiu resmungando pela casa.

Camila suspirou olhando pra cima e voltou a ajudar.

- Acho que em umas três horas já estará tudo pronto. – Sinu disse por fim e a latina logo enviou uma mensagem para Lauren.

A morena, por sua vez, estava de lingerie e com uma toalha enrolada na cabeça enquanto admirava três conjuntos diferentes em cima da cama.

Quando Veronica entrou no quarto, ela estava indecisa entre qual conjunto escolher.

- O que você está fazendo? – perguntou se sentando na poltrona que havia.

- Escolhendo uma roupa. – respondeu torcendo o lábio e suspirando. – Camila podia ter inventado isso em outro momento!

- Qual o problema? Você já conhece os Cabello. – Lauren lhe direcionou um olhar carregado de desdém. – Tudo bem, talvez Alejandro te odeie, mas quando descobrir a verdade vai te idolatrar!

- Preto demais pode assustar, não acha? – mudou de assunto rapidamente. Veronica se levantou e pegou o vestido que estava estendido.

- Isso aqui está descartado. Você vai para um jantar com a família da sua garota e não uma gala do seu pai. – jogou o vestido a um lado do quarto. – Acho que a calça preta com o top cinza e a jaqueta ficaria excelente. Você não precisa pagar de boa moça, eles vão te conhecer e conhecer nosso segredo. – a segurou pelos ombros, encarando-a. – Não se preocupe com isso, ok? Foi um mal entendido e você não ia adivinhar que tudo ficaria tão... sério. Agora vista-se, coloque seus coturnos novos, os de salto, e vá atrás de sua garota.

Lauren respirou fundo e assentiu convicta. Vero deu dois tapinhas e foi até a porta.

- Ah! Se sobrar comida, traz pra gente! – piscou um olho e então saiu deixando uma Lauren risonhas vestindo-se.

Pouco tempo depois, as meninas estavam brigando para ver quem

tomava banho primeiro. A mesa já estava posta, as cervejas perfeitamente geladas e Alejandro esperava pacientemente sentado em sua poltrona da sala que dava para janela. Tinha uma coroa na mão esquerda e o controle da televisão na direita. Encarava o jogo de baseball, mas tinha sua preocupação na chegada de Lauren.

Estava com a roupa que Sinu separou, perfeitamente engomada, assim como seu cabelo grisalho penteado e a barba feita. Cheirava a colônia de barbear e estava esperando pelas mulheres de sua vida.

Camila havia escolhido uma calça marrom e um top vermelho. Manteve o cabelo solto e ondulado. Manteve a maquiagem e o perfume leve, já que Lauren tinha alergia. E como a morena elogiava sempre seu cheiro a baunilha, optou por exagerar mais no sabonete do que nos outros detalhes.

Pronta, ajudou a mãe com o vestido e foi à cozinha para ter certeza que a lasanha estava em seu ponto.

Entretida com o que fazia, não percebeu que seu pai finalmente havia se levantado e estava espiando pela janela ao ouvir o motor do Gran Torino desligar em sua porta.

Lauren saiu do veículo com um engradado de Corona nas mãos. Alejandro estreitou os olhos. Ele não sabia que Lauren tinha perdido meia hora no mercado decidindo entre vinho branco ou a cerveja, até que finalmente optou pela caixa. Mas só o fato de ter respeitado os costumes da casa e ter percebido sua paixão pela bebida, era um ponto a favor.

Bem feito, Jauregui.

A agente parou na porta e respirou fundo, ajeitando sua jaqueta. Tocou a campainha e em poucos segundos a porta se abriu revelando um Alejandro sério e bebendo o último gole de sua cerveja.

Lauren logo sorriu, saudando-o com educação.

- Buenas noches, señor Cabello. – Alejandro ficou parado e a analisou de cima a baixo. Lauren já estava desconfortável com o gesto e prestes a sair quando Camila apareceu na escada logo atrás do pai e tinha os olhos arregalados.

//

Eu sou má, eu sei!

Amanhã vem a continuação e vamonos pa Miami, papi!

Capítulo 25: Um bom soldado na tempestade

I'm back bitches!

Sinto a demora, só explicar que eu divido o computador com minha mãe e ela ultimamente anda trabalhando em casa, então a preferência é dela :/ Também estudo de manhã e pra mim são 4 horas a mais que pra vocês (alguns 6 horas de fuso), entre a aula e escrever, eu fico muito justa de tempo e as vezes não da mesmo, preciso dormir cedo se não durmo na aula!

WHATEVER!

O IMPORTANTE AQUI É QUE EU CHEGUEI.

ADORO OS COMENTÁRIOS, LEIO TODOS E EM BREVE RESPONDEREI!

Vou fazer muitos snaps do show, e vou deixar o user no twitter no dia, pra quem quiser sentir o gostinho de tê-las. (eu sou uma vadia, eu sei hahahahahaha MAS ESTOU FELIZ! 5 DIAS PORRA)

Obrigada pelo carinho.

//

Anteriormente...

Lauren logo sorriu, saudando-o com educação.

- Buenas noches, señor Alejandro. – Alejandro ficou parado e a analisou de cima a baixo. Lauren já estava desconfortável com o gesto e prestes a sair quando Camila apareceu na escada logo atrás do pai e tinha os olhos arregalados.

- Você veio mesmo... – disse ainda parado na porta. Lauren assentiu sem entendeu muito bem o que aquilo significava.

- Sim senhor...

- Mesmo depois do espetáculo que você armou na minha porta... – Lauren respirou fundo, mas não mostrou vergonha, senão totalmente o contrário.

- Sobre isso, senhor... Foi um momento delicado.

- Ya...ya... – estava com o cenho levemente franzido e ar desconfiado. Não se mexia da porta e a encarava constantemente, como se quisesse intimidá-la. Mas Lauren havia enfrentado homens piores, e por mais estranha que fosse a situação, era difícil intimidar a jovem agente. – Me dê um motivo para não pegar a escopeta, Lauren.

- Papá! – Camila intercedeu antes que a morena pudesse responder, colocando-se ao lado dele. – O que você está fazendo? – Alejandro revirou os olhos.

- Estava tendo uma conversa com ela antes de você chegar. – fingiu um sorriso sem mostrar os dentes. – Bem vinda a casa, Lauren. – e sem esperar resposta, saiu em direção à sala deixando as duas a sós.

Lauren soltou o ar que estava segurando e deixou os ombros caírem.

- Isso vai ser mais difícil do que eu pensava... – disse para si. Mas Camila estava sorrindo e a puxou pela jaqueta, deixando um beijo terno em seus

lábios.

- Ele acha que você quebrou meu coração, dê um desconto... – Lauren assentiu e passou o braço direito, que estava livre, pela cintura da latina e a puxou mais para si.

- Talvez alguns beijos possam ajudar...

- Ah, sim?

Camila atendeu ao pedido e logo iniciou outro beijo mais demorado. Lauren até se esqueceu da situação em que estava e o mundo ao seu redor pareceu por fim estar no lugar. Mas antes que o beijo virasse algo mais, elas se separaram o suficiente para que a agente suspirasse encantada ao sentir o cheiro da latina e ver sua roupa por fim.

- Você está linda. – o rosto de Camila corou levemente e ela não resistiu a beijar a mulher de novo.

- Obrigada. – disse tímida. – Você também está. – Lauren deu de ombros sentindo a latina se afastar.

- Estou me arrependendo de ter descartado o uniforme como opção. Talvez seu pai se sentisse ameaçado... – Camila riu puxando-a pela mão para dentro da casa.

- Não seja boba, ele vai te adorar. – Lauren sussurrou um "claro" quando chegou até a grande mesa de jantar, perfeitamente colocada com uma toalha branca impecável, pratos, talheres e copos. Normani, Dinah e Sofia ocupavam a lateral esquerda da mesa, enquanto Ally estava ao lado direito com outras duas cadeiras. Alejandro já ocupava a cabeceira com sua cerveja em mãos, e Sinu estava de pé colocando a travessa de lasanha no centro da mesa.

- Lauren! – disse animada e abraçou a nora com força. Lauren se sentiu aliviada por pelo menos ter a bênção da mulher.

- Boa noite, senhora Cabello.

- Sinu, querida. Apenas Sinu. – a matriarca ocupou a outra cabeceira e indicou que elas se sentassem.

Lauren não sabia muito bem o que fazer com a caixa de cerveja que tinha em suas mãos e ficou em pé olhando para todos. Dinah e Normani estavam rindo baixinho da palidez da agente, enquanto Sofia estava especialmente animada por conhecer a namorada de sua irmã.

- Eu cuido disso. – Camila disse retirando a caixa das mãos de Lauren, que sussurrou alarmada quando a viu se afastar:

- Você vai me deixar sozinha?!

- Eu já venho! – e sem esperar resposta, Camila se foi e Lauren ficou em pé, parada, sorrindo como uma babaca sem saber o que fazer.

- Sientate, mija! – Sinu disse enquanto colocava o guardanapo de linho em seu colo. Lauren sorriu em resposta e puxou a cadeira, meio nervosa, pois tinha o olhar de Alejandro sob si o tempo todo.

- Boa noite, Jauregui. – Dinah disse sorrindo com desdém e Lauren

precisou se segurar para não revirar os olhos.

- Boa noite... – respondeu a contragosto. Camila logo voltou e ocupou o lugar ao seu lado.

Um silêncio incomodo se estabeleceu e todos se entreolhavam. Sinu olhou de forma ameaçadora para Alejandro, que estava bebendo a cerveja e este a colocou imediatamente na mesa, quase grunhindo. Ela fez um gesto com a cabeça para que ele falasse, e então o patriarca suspirou audivelmente, fingindo tédio.

- Bom, vamos comer! Sofia, a oração é sua. – a menina assentiu e as meninas foram passando os pratos para Sinu, responsável por servir a comida. Lauren aproveitou que a latina se mexeu para entregar seu prato e sussurrou ao pé do ouvido:

- Seu pai me odeia. – Camila riu baixinho e negou com a cabeça.

- Claro que não.

Com todos os pratos servidos, se colocaram em posição de oração e Sofia pigarreou antes de começar. Lauren, que já estava familiarizada com o gesto, também o fez.

- Abençoi, Senhor, os alimentos que vamos tomar; que eles renovem as nossas forças para melhor Vos servir e amar. Obrigada papai por trazer os ingredientes, obrigada mamãe por fazer a melhor lasanha do mundo, e obrigada Deus por ter me dado as melhores irmãs do mundo. Que nossa família continue unida e saudável, e que a Kaki seja muito feliz ao lado de Lauren. Amém.

Ao acabar, todas tinham um sorriso diferente nos rostos, mas Alejandro permanecia sério e fuzilava a filha menor com os olhos. Havia colocado Lauren na oração da família e sua implicância agora era ainda maior. A agente estava completamente sem jeito ante o detalhe, e se limitou a comer a lasanha.

- Desculpe se não estiver tão boa, Lauren. Camila me avisou em cima da hora e mal tive tempo de prepará-la do jeito certo. – Sinu disse com um sorriso terno, tão característico nela, mas a morena já estava com a boca cheia e se controlando para não gemer de satisfação.

- Está incrível, Sinu. Sua comida é excelente! – contestou fazendo a matriarca sorrir abertamente e seus olhos brilharem. Dinah revirou os olhos encarando a agente e pronunciou baixo:

- Puxa saco...

- Jane! – Sinu a repreendeu imediatamente e Lauren esboçou um meio sorriso.

- Então, Lauren... – Alejandro começou pegando um pedaço de pão e encarando-a. – Você está pensando em se mudar para Chihuahua? – Lauren franziu o cenho sem entender a pergunta, mas por sorte Camila se meteu.

- Ela mora em Juárez, papai.

- Juárez? – Lauren assentiu rapidamente. – Mas está a muitos quilômetros daqui do mesmo jeito.

- Eu estou em uma pensão... – interveio explicando. – Na verdade sou de Miami, moro em Juárez devido ao trabalho. – Alejandro trocou um olhar rápido com Sinu que o estava repreendendo silenciosamente e decidiu ignorar sua vontade de iniciar um interrogatório.

- Miami? – Lauren assentiu. – Por quê?

- Minha família é de lá, senhor. – Dinah aproveitou para se meter:

- Lauren é uma gringa, papai. – aquilo sim pegou o homem de surpresa. Camila chutou a perna da irmã por baixo da mesa, repreendendo-a. Sinu também estava confusa, e intercedeu.

- Americana? Pensei que era cubana. – Lauren terminou de mastigar e então respondeu:

- E sou. Pelo menos em parte. – disse sorrindo verdadeiramente ao se lembrar de sua mãe. – Minha mãe é cubana e meu pai americano. Se conheceram em La Habana ainda jovens.

- Eu sou de Cojimar! – disse animada. – Conheci o Ale lá também! Quando Camila tinha seis anos decidimos vir para cá! – explicou feliz.

- Não conheço, mas Camila fala muito de lá.

- Ah que saudade eu tenho da minha Cuba! – Sinu disse suspirando pela nostalgia. – Quem sabe um dia levamos a família para conhecer nossas raízes. – divagou voltando a comer. Alejandro que estava olhando tudo calado, perguntou como se nada:

- E o que levou seu pai a Cuba? – Lauren bebeu um gole de água, criando coragem para dar aquele passo. O encarou firmemente e então respondeu:

- A crise dos balseiros, senhor. – Alejandro deixou o garfo cair no prato e a encarou desconfiado.

- Mas você disse que seu pai era americano... – Lauren assentiu lentamente.

- O que foi essa crise? – Sofia perguntou confusa ainda com a boca cheia. Sinu que também estava surpreendida, disse:

- Foi em 1994. Fidel Castro tinha levado o país a uma forte crise econômica e começaram os protestos contra ele. Trinta e sete mil cubanos se jogaram em mar aberto para tentar chegar até os Estados Unidos. – foi então que Alejandro uniu os pontos e com a cerveja levantada e prestes a dar um gole, perguntou:

- Marinha? – Lauren assentiu.

- Naquele momento, sim. – ele a olhou desconfiado, bebendo lentamente. Tinha a sobrancelha arqueada, do mesmo jeito que Camila quando estava desconfiada. Lauren também bebeu um gole de cerveja e continuou. – Ele é general do exército de terra, senhor. – Alejandro quase cospe o líquido no prato. Olhou para Sinu que também tinha os olhos arregalados. Sofia passou a mastigar lentamente e as outras estavam se segurando para não rir.

- Seu pai é general do exército americano? – Sofia questionou. Lauren

assentiu sorrindo sem mostrar os dentes, e a menina correspondeu animada. – Legal!

- E sua mãe, querida? – Sinu desconversou levando a comida até a boca.

- Professora universitária.

- Oh sim?

- Literatura Universal, mamá... – Camila disse terminando de comer e pegando a cerveja também.

- Adoro literatura clássica! – Lauren se surpreendeu com a afirmação da mulher, sentindo-se aliviada. Pelo menos ela e Clara teriam bastante que conversar... Espera... por que ela estava pensando isso? Vai com calma, Jauregui. Sacudiu a cabeça levemente para voltar à atenção, a tempo de escutar como Alejandro resmungava do outro lado:

- Mas estudou Arquitetura...

- É mesmo, má'. Por que a senhora escolheu Arquitetura? – Dinah questionou. Sinu deu de ombros.

- Era o que eu queria no momento...

- E por que não exerce? – Lauren perguntou. Sinu sorriu tristemente, brincando com o garfo.

- A vida tinha outras coisas preparadas para mim. – o silêncio novamente se fez incomodo e Normani olhou para Lauren negando levemente com a cabeça. Tão oportuna... Todas perceberam como Alejandro estava levemente irritado, ou talvez decepcionado? Eu diria que... triste. Aquela tristeza que da pela culpabilidade. A ideia de ter arruinado o sonho de sua esposa pelas circunstancias da vida.

- Mas ela desenha muito bem! – Ally se adiantou em dizer. – O quadro da paisagem que está na sala, foi ela que fez! – Sinu se envergonhou brincando com o guardanapo e deu de ombros.

- Às vezes faço algumas coisinhas... – Camila sorriu amavelmente para mãe, acariciando a mão da mesma por cima da mesa.

- É um dos meus preferidos... – Sinu agradeceu com um sorriso, mas logo se levantou.

- Espero que tenham guardado espaço para sobremesa. Fiz uns pasteis doces.

- Eu te ajudo! – Sofia disse rapidamente e logo foi atrás da mãe. Assim, ficaram a sós novamente com Alejandro, que estava pensativo e um tanto mal humorado. Bebeu o resto de sua cerveja rapidamente e se levantou.

- Diga a sua mãe que eu não quero sobremesa.

Quando se retirou, todas se entreolharam e logo olharam para Lauren parecia culpada.

- Eu... sinto muito. – Camila lhe acariciou o rosto, negando com a cabeça.

- Não foi culpa sua. Esse assunto sempre o deixa um pouco pra baixo.
- respondeu deixando um beijo casto nos lábios da morena. Dinah suspirou colocando seu prato sob o de Normani e disse:

- Ele sempre faz isso. Não tenha como algo pessoal, Jauregui.

Lauren franziu o cenho e então uma ideia lhe passou pela cabeça.

- Aonde você vai? – Camila perguntou quando ela se levantou.

- Já venho.

A latina olhou para as outras sem entender nada, mas aceitou. Lauren procurou na sala e não havia sinal de Alejandro. Olhou para escada pensando em que poderia ter subido, mas logo direcionou o olhar à porta que dava a varanda e caminhou lentamente até que viu a silhueta do sogro na mesma cadeira em que ela conversou com Camila outrora.

Alejandro tinha mais uma garrafa em sua mão e olhava distraído para frente. Quando percebeu que Lauren o estava observando, apenas olhou para o lugar vazio ao seu lado e nada disse.

A agente quase pulou de alegria com o convite e se sentou em silêncio.

- Eu sinto muito pela serenata... – ele a olhou com a sobrancelha arqueada e ela deu de ombros. – Eu estava desesperada...

- Se não tivesse cagado, não precisaria disso... – Lauren riu com desdém e assentiu olhando suas botas.

- Não tive muitas opções. – Alejandro bebeu lentamente e a olhou. – O senhor sabe por que sua filha não queria me ver? – ele pensou em responder com alguma ironia, mas apenas negou com a cabeça. Lauren o olhou séria e então disse, sem duvidar:

- Ela descobriu que eu sou uma agente do FBI. – Se a notícia de que Michael era general o tomou por surpresa, aquela quase o fez cair da cadeira. – Veronica e Lucy também. Estamos infiltradas no cartel há cinco anos.

- Você é madera? – Alejandro perguntou sem acreditar. Lauren riu pela expressão, mas acabou assentindo.

- Sim, senhor. Agente especial Lauren Jauregui.

- E como ela descobriu?

- No acidente da Dinah...

- Você trouxe o helicóptero?

- Sim, senhor. – Alejandro confirmou assentindo e continuou bebendo, mas direcionou sua atenção ao horizonte. – Quando eu nasci, meu pai já ocupava um cargo importante no exército, e basicamente o que ele fez a vida toda, tanto comigo como com meus irmão, foi honrar todos os sacrifícios que ele já fez pelo país. E foram bastantes... Então ele nos criou para ser um bom soldado na tempestade, para amar a pátria como se ama a família. Mas principalmente, para proteger aquilo que amamos. – Alejandro a encarou atento, mas Lauren continuava olhando para frente.

– Quando eu completei 18 anos, ele me ofereceu a possibilidade de entrar diretamente ao exército e trabalhar à suas ordens. Mas eu rejeitei. Viver à sombra dele era algo que eu não queria, e nem estava preparada. Enquanto meus irmãos ocuparam cargos diferentes na aeronáutica e no JAG, eu optei por estar longe deles. Quando conheci sua filha, senhor... Ela foi simplesmente tudo que eu não estava preparada para enfrentar. Até então eu sabia o significado de amar a pátria, a família... o que era se sacrificar para manter meu povo seguro. Mas eu não sabia o que era proteger algo que amo. Meus irmãos são muito melhores que eu, então eles nunca precisaram dos meus cuidados. Com Camila eu entendi o significado de ser um bom soldado na tempestade. Nós estamos trabalhando juntas para que ela se livre da dívida limpa, e eu lhe dou minha palavra de que não importa o que aconteça, ela sempre estará protegida. – quando Lauren finalmente deixou que seus olhos encontrassem os olhos de Alejandro, ele estava sério, porém com uma expressão mais tranquila.

- Um bom soldado na tormenta? – Lauren assentiu séria. Foi então que ele se inclinou levemente e tirou uma cerveja da caixa que Lauren havia levado e a ofereceu, abrindo-a. Quando a morena aceitou a bebida, ambos brindaram olhando-se e então sorriram. – Bem vinda à família, Jauregui. – e depois do gole, riu com desdém negando com a cabeça e encarando-a, mas dessa vez sorrindo. – Maderos, huh? – Lauren de ombros também sorrindo. – Essa Camila só aposta alto...

E por falar nela, estava indo já desesperada ao encontro dos dois, mas parou bruscamente quando os encontrou rindo e bebendo juntos. Espirou pelo vidro da janela a cena e finalmente suspirou aliviada. Sinu, que passava pelo corredor um tempo depois, se aproximou apoiando as mãos no ombro da filha.

-Todo bien por aquí? – Camila assentiu sorrindo.

- Mejor que nunca.

Logo, voltaram para cozinha para limpar tudo, e pouco tempo depois Lauren e Alejandro entraram com as garrafas vazias e rindo à toa. Conversavam sobre modelos antigos e ao ver o resto da família, ele se aproximou animado deixando um beijo na bochecha de cada uma.

- Bendito és tu entre as mulheres! – exclamou divertido.

- Ale, você está bêbado?! – Sinu que estava enxugando os pratos disse quase irritada. Camila olhou para Lauren questionando-a e a morena deu apenas de ombros, puxando-a para um abraço.

- O que você fez? – perguntou sussurrando.

- Está comprovado, nenhum Cabello resiste a uma Jauregui... – a latina revirou os olhos deixando um tapa fraco no estomago da morena que reclamou falsamente.

No dia seguinte, elas acordaram cedo para ir até o circuito iniciar os treinos. Alejandro, pela experiência e agora sua ótima relação com Lauren, também

estava com elas.

Ally tinha todos os aparelhos necessários para calcular os mínimos detalhes enquanto Normani e Dinah estavam no restaurante trabalhando.

O Gran Torino já estava na linha de partida com os pneus devidos e com Camila ao volante.

Alejandro tinha um cronometro no pescoço e usava seu Ray Ban Aviator. Devido ao forte sol, Lauren tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo alto e usava uma camisa branca básica com seu jeans e coturnos inseparáveis. Também usava seu óculos escuros e se mantinha ao lado de Ally que programava tudo.

- Muy bien, flaca. Você tem que se concentrar em arrancar o carro tão rápido quanto puder. Uma boa saída pode te dar a vitória. – Alejandro gritou e Camila se limitou a assentir. Estava ansiosa e maravilhada com a sutileza do carro. – Preparada? – a latina assentiu.

- Cuidado na hora de acelerar e cuidado com a marcha! – Lauren também gritou e Camila revirou os olhos.

- Eu não sou uma principiante! – reclamou bufando. Lauren deu de ombros e negou com a cabeça, como se soubesse o que estava prestes a acontecer.

Camila manteve o pé como o indicado e quando Alejandro deu a largada, aconteceu o que todos esperavam. O carro foi pra frente no impulso e morreu. Lauren riu para si vendo como Camila batia no volante irritada.

- Eu disse... – zombou para Ally que negou com a cabeça. Alejandro indiciou que Camila desse marcha ré e disse:

- Ok, flaca. De novo. Tente manter a calma. Se você sair afoita o carro pode morrer ou demorar demais em arrancar. – Camila assentiu e novamente recebeu a ordem.

Dessa vez o carro não morreu, mas demorou demais em largar e os pneus traseiros cantaram.

- De novo.

Ela repetiu e anotaram os segundos em que demorou em sair.

- De novo.

E assim foram, mas as saídas ainda eram bruscas demais e ela já estava completamente irritada.

Alejandro e Lauren se olhavam a cada arranque e Ally apenas negava com a cabeça, indicando que não era uma boa marca ainda.

Camila saiu do carro irritada e prendeu o cabelo imediatamente em um coque.

- Tem alguma coisa errada! Eu não consigo sair direito! – reclamou e então Lauren se aproximou abraçando-a.

- Ei, você está fazendo certo. Talvez o nervosismo esteja...

- Lauren! – a interrompeu separando-se bruscamente. – Já disse que não sou uma maldita principiante! – a morena levantou as mãos em rendição e se afastou.

- Lauren! – Alejandro a chamou e lhe disse algo. Logo, Lauren entrou no carro e se preparou.

Quando Alejandro deu a largada o carro saiu rapidamente surpreendendo a própria Ally. Camila tinha a boca aberta e se aproximou com passos largos do pai.

- O que você disse a ela?!

- Pedi que ela fizesse a saída. – a latina, irritada e perplexa, encarou a namorada com os braços cruzados.

- O que você fez? – Lauren deu de ombros e segurou o rosto de Camila entre as mãos.

- Eu relaxei Camz. Você está tensa e na hora de tirar o pé acaba aumentando a força da saída. – Camila respirou fundo e assentiu. Lauren lhe deixou um beijo na testa e então ela tentou uma última vez.

Alejandro deu a largada novamente e por fim ao acelerar o carro saiu sem morrer.

Ally levantou o polegar para Alejandro que sorriu e quando Camila saiu correndo contra ele, a abraçou girando-a no ar. Lauren também estava rindo de longe, quando seu celular tocou. Era Veronica.

- Problemas no paraíso.

- O que houve?

- Quando Camila entrar em solo americano, o nome de vocês vai constar na central.

- E o topo pode unir os pontos... – deduziu passando os dedos pela testa.

- Bingo.

- O que você propõe? – Veronica riu do outro lado.

- Você não vai gostar nada da ideia... – Lauren grunhiu ao pensar na única possibilidade.

- Tem certeza que não tem outra?

- An, an...

- Fucking hell...

- Boa sorte com isso.

- Nenhuma pista de quem pode ser? – Vero suspirou.

- Estamos fazendo tanto quanto podemos, Laur... Seja quem for, está se escondendo muito bem. Os arquivos que a Ally conseguiu ajudam, mas os ingressos são muito complexos para definir algum padrão...

- Tudo bem. – Veronica riu de novo.

- Daria meus dedos por ver sua cara agora.

- Veronica?

- Sim?

- Fuck you.

Lauren desligou o celular ouvindo a gargalhada da amiga e suspirou.

Olhou para Camila uma última vez e então abriu sua lista de contatos e deu entrada na chamada. Pouco tempo depois obteve resposta.

- Já tem as passagens?

- Hola, madre... – disse sem jeito ouvindo um suspiro como resposta.

- Lauren Michelle... – Lauren respirou fundo e então disse finalmente.

- Eu preciso de sua ajuda.

- Sou toda ouvidos.

//

Qual será essa outra opção, manas? Aceito palpites. Quem acertar, dou uma rosquinha!

Chêro!



Capítulo 26: Not A Bad Thing

ESTOU VVVVVVVVVVVVVVVVVVVVVIVA PORQUE DEUS É HARMONIZER!

MINHA GENTE EU NÃO CONSIGO EXPLICAR A VOCÊS O QUE FOI ESSE SHOW PORQUE NEM EU SEI DIREITO O QUE FOI. MEU DEUS DO CÉU, EU CANTEI, BERREI, XINGUEI, SOFRI E CHOREI COM AQUELAS CINCO! SÃO LINDAS DEMAIS. VOCÊS DEVEM TER ME VISTO SURTAR NO TWITTER, OS VIDEOS SÃO UM DESASTE PORQUE EU SOU IMBECIL E CANTAVA JUNTO COM ELAS OU XINGAVA... AFF EU NÃO ESTAVA PREPARADA PARA ISSO. AINDA FICA PASSANDO OS FLASHES NA CABEÇA DOS MOMENTOS, DE QUANDO ELAS CANTAVAM E FALAVAM "TE AMO"!!!!!!!!!! SOCORRO, EU DESEJO QUE TODO MUNDO PASSE POR ESSA EXPERIENCIA NA VIDA, PORQUE SINCERAMENTE, É TUDO.

Bom, agora vamos fingir que sou normal.

Não tive estrutura pra aparecer aqui antes, mas voltei a ativa.

Juradinho que não vou demorar tanto. Agradecer de coração a vocês pelos comentários e votos, mesmo em caps anteriores eu leio todos! Me divirto e sofro com vocês também.

Pela foto vocês já imaginam o que vem, né? Alguem aí acertou? (quando sair a resposta vocês me falam pra eu dar uma rosquinha).

Espero que continuem gostando e pra quem queria saber, sim, eu moro aqui há 9 anos e estudo... na verdade estou no meu último ano da faculdade de Jornalismo e tamo aí na atividade!

Chêro!

//

Camila estava com a mala aberta sob a cama, revisando cada objeto e prenda de roupa.

- Eu estou esquecendo alguma coisa... - disse para si. Dinah apareceu na porta e se apoiou na parede observando o debate interno da irmã.

- O carregador do celular. - Camila estalou o dedo e se virou sorrindo.

- Você sempre me salva. - a loira riu vendo a ansiedade da latina,

percorrendo todas as gavetas a procura do carregador.

- Você está nervosa? - Camila o encontrou em baixo de algumas roupas sujas e então, olhando para ela suspirou assentindo.

- Como el infierno. E Lauren anda cheia de mistérios com a ida!

Quando perguntei a ela sobre o preço das passagens, desconversou dizendo que nós não precisaríamos. - mas Dinah não parecia surpresa, na verdade desviou o olhar as fotos que estava sob a cômoda e Camila logo percebeu, estreitando os olhos. -

Dinah? - a loira se virou segurando a respiração com as mãos no bolso.

- Hum?

- Você sabe de algo? - a loira ponderou, olhou para cima e assentiu com a cabeça enquanto respondia:

- Não. - Camila franziu o cenho.

- Sim ou não? - Dinah novamente assentiu, mas disse o contrário:

- Não. - a latina revirou os olhos e cruzou os braços.

- Dinah, quando você está mentindo, você mexe a cabeça enquanto responde. - A loira fez um "pfff" exagerado.

- Claro que não!

- Você assentiu e disse que não.

- Eu fiz isso? - Camila assentiu com a sobrancelha arqueada.

- Mierda!

- Cospe! - a loira suspirou e fechou a mala passando o zíper e logo a colocando no chão.

- Eu não sei muito. Lauren ontem me perguntou se você tinha algum problema cardíaco ou de ansiedade. - Camila franziu o cenho pegando sua bolsa em cima da mesa.

- Por que ela perguntou isso? - Dinah, que já estava na porta, sorriu torto antes de dizer:

- Logo você vai entender. - e saiu deixando uma Camila com uma interrogação enorme na cabeça.

Mas antes de acompanhá-la, a latina se olhou uma última vez no espelho.

Camila estava usando uma calça branca rasgada na coxa e no joelho, um cropped também na cor branca e sandália de salto preta. Completou o conjunto com um casaco preto e a bolsa também na cor preta. Havia deixado a maquiagem leve, mas seu cabelo estava liso. Tentou ser o mais formal possível sem aparentar ser outra pessoa. Não que tivesse vergonha de seus coturnos, mas é como tudo na vida... sempre que nos sentimos pressionados a superar qualquer tipo de julgamento, inconscientemente tentamos nos adaptar ao entorno, ser aceitos.

Estava linda. De uma forma simples e delicada, na versão mais frágil entre todas as que tinha. Desceu as escadas olhando para o chão constantemente, nervosa pela expectativa. Lauren já estava na porta conversando com Dinah e ficou em silêncio assim que a viu chegar. Acompanhou a descida com a boca levemente

aberta e suspirou quando Camila alcançou o último degrau. Dinah deu uma risadinha cínica com a expressão e Camila ficou claramente confusa:

- Quê? - Lauren suspirou novamente, admirando-a de cima a baixo, e então negou levemente com a cabeça.

- Nada... Você está... linda. - Camila sorriu envergonhada, agradecendo quase em um sussurro. - Bom, está tudo certo? - a latina assentiu.

Tinha se despedido dos outros membros da família antes que saíssem para trabalhar. Dinah lhe abraçou apertado, desejando sorte ao seu pé de ouvido. Logo foi a vez de Lauren abraçá-la e entre algumas ameaças, acabaram saindo de casa.

A morena acompanhou o rebolado singelo da namorada no caminho até o carro, colocando os óculos escuros e sorrindo torto com sua visão. Não que tivesse dúvida, mas cada dia estava mais certa de que Camila era a mulher que ela sempre esperou para apresentar a seus pais.

Depois de colocar a mala junto a sua na parte traseira do carro, se dirigiu ao seu lugar encontrando uma Camila já com cinto de segurança.

- Você resolveu o problema das passagens? - Lauren a olhou sorrindo e era de uma forma diferente. Como se estivesse aprontando e então assentiu

- Tudo mais do que resolvido. - Camila estreitou os olhos, encarando-a.

- Você está fazendo alguma coisa errada... - Lauren entrelaçou sua mão direita com a da latina e a levou até os lábios, beijando-a.

- Confia em mim Camz, está tudo resolvido.

E ela não tinha muito a fazer ou dizer, e por isso se limitou a admirar a paisagem tão conhecida por si mesma enquanto Lauren as levava a Deus sabe onde.

Mas seu desconhecimento durou pouco. Em questão de alguns minutos, Camila já reconhecia a estrada que levava ao 66º Batallón de Infanteria de la Ciudad de Chihuahua.

Ela olhou para Lauren com os olhos arregalados, mas a morena continuava tranquila, olhando sempre para frente.

Camila pensou que talvez fosse um atalho, mas aquilo seria impossível, pois a base estava em um lugar mais do que deserto.

À medida que se aproximavam até a entrada, seu nervosismo aumentava cada vez mais. Queria perguntar o que estava acontecendo, mas nada saía. Sentiu um leve aperto em sua mão e então Lauren sorriu para ela:

- Você confia em mim? - perguntou e ela assentiu meio dubitativa. Quero dizer, confiava, mas não deixava de ser uma jodida base militar.

Na entrada, Lauren se deteve e logo um dos oficiais se aproximou saindo de uma cabine.

- Buenas tardes. - Lauren respondeu com um aceno com a cabeça e abriu seu porta-luvas, onde Camila viu uma Glock 18 junto a alguns documentos e o

brasão. Ela tinha uma maldita arma! Claro que ela tinha!

- Agente especial Lauren Jauregui, estão me esperando. - ao mostrar o brasão o oficial fez uma posição de sentido imediata e ordenou que abrissem o grande portão. Lauren lhe respondeu com mais um aceno e entrou devagar na base.

Oficiais de todos os rangos e armados, alguns com papéis, outros carregavam objetos. Caminhões, jipes, motos e até mesmo bicicletas. Lauren continuou o caminho lentamente por uns bons metros, e Camila se distraiu admirando cada detalhe da grande construção. Então era ali que tudo acontecia, pensou. Quando o carro finalmente teve seu motor apagado, estavam novamente no meio do... nada. Exceto por um pequeno detalhe.

A sua frente havia uma aeronave, relativamente pequena para o que ela já tinha visto. E exageradamente pequena para a ideia que tinha das aeronaves militares.

O Gulfstream IV C-20G na cor cinza, tinha sua porta aberta com as escadas já instaladas. Mas o detalhe principal era a bandeira dos Estados Unidos pela chaparia e leme da aeronave. Configurado especialmente como modelo militar para o exército americano, o modelo tinha sua especialidade em operações de transporte VIP, sendo que seus assentos podem ser removidos para transportar carga. Com uma capacidade para 26 passageiros, contava com uma cabine de mando para quatro membros da tripulação, bodega, cozinha e porta de carga. É usado principalmente pela marinha e transporte dos oficiais de alto rango.

Lauren desceu do carro e foi em busca das bagagens. Camila ainda estava processando tudo que seus olhos captavam quando viu um homem alto e forte, com um macacão cinza, botas pretas e um óculos aviador aparecer na porta. Tinha um sorriso torto nos lábios e mascava um chiclete. Quanto mais se aproximava, mais nervosa a deixava e tudo por um simples motivo: era a versão de Lauren com cabelo curto e um pouco mais de altura. E aquilo só tinha uma explicação.

Quando o homem alcançou a morena que já tinha as malas fora do carro, a abraçou com força e demoradamente. Apesar da ternura que lhe provocou ver aquela cena, Camila só tinha mais certeza ainda do grande problema que estava metida.

Camila POV

Já vi de quase tudo nessa vida e por isso nada me assusta. Mas tem coisas que a gente não espera, não é mesmo? Você acha que está preparada ou que não pode se surpreender mais e então acontece. Conhece uma pessoa que chega e muda todas essas certezas.

Quem é ele eu já sei. Infernos, eles são iguais! Olha esse sorriso convencido? Eu estou aqui parada apertando as alças da bolsa com tanta força como posso, enquanto os dois conversam animadamente. Ele a analisa constantemente e a abraça, como se tivesse passado muitos anos distante.

Novamente olho para o avião e... Se for o que eu estou pensando,

qual o poder dessa família? Porque se estivéssemos aqui para dar uma carona ao playboy gringo, ela não teria pegado as malas. Se estivéssemos aqui para viajar em classe turista, não estaríamos na zona de embarque da base com um bicho desses. Vocês entendem meu nervosismo? Gringa maldita!

Mas pararam de conversar. Por que ele está me olhando com esse sorriso? Por que ela está sorrindo do mesmo jeito? Não. Fiquem aí. Não precisa vir até aqui, estou bem. Mierda, Lauren!

Narrador POV

O tal homem ficou parado um pouco mais atrás com os braços cruzados enquanto Lauren caminhava até a namorada e, ao apoiar as mãos nos ombros da latina sentiu a tensão que a mesma estava sentindo.

- Se eu te contasse o plano você ficaria irritada e diria que não... - explicou com cautela. Camila mal piscava e continuava apertando as alças da bolsa com força. - Devido a que não descobrimos ainda quem é o topo, não tem como passar despercebidas pelo controle dos aeroportos... - a latina assentiu lentamente. - Por isso eu precisei apelar à família...

- E então temos um avião... - Lauren assentiu.

- Sim. É um avião usado para transportar oficiais de alto rango. - Camila assentiu piscando lentamente.

- A-Alto rango?

- Sim.

- Eles vão com a gente? - Lauren riu baixinho.

- Não, Camz. Esse avião é pra gente. - A latina deixou seu queixo cair, mostrando sua descrença. Lauren ficou séria de repente. - Você está bem?

- Você conseguiu um avião do exército americano para nos levar? - Lauren assentiu como se não fosse grande coisa. Foi então que Camila levou as mãos ao rosto e suspirou. Onde ela havia se metido. O poder ia muito mais além do que ela pensava. Parecia uma história de princesas e contos de fadas.

- Camz? - a latina levantou o rosto rapidamente, tentando ficar calma.

- Sim?

- Você... está bem com isso?

- Com o fato de seu pai ter conseguido um avião pra resolver nosso problema como empregadas de um cartel de droga? Não! Estou ótima!

- Na verdade, foi minha mãe quem conseguiu... - Camila abriu a boca novamente.

- Q-quê?! Como assim?!

- Te explico no caminho. Deixa eu te apresentar o piloto, já estamos atrasadas.

Lauren a puxou rapidamente, tentando disfarçar seu nervosismo ao deixar escapar a informação. O piloto parecia intrigado com a interação, mas logo estava sorrindo novamente. Camila sorriu em resposta, meio sem jeito.

- Camila, esse é o nosso piloto... - Lauren a olhou sorrindo e completou - O coronel Chris Jauregui.

- Você não imagina o prazer que é te conhecer, Camila. - disse e a abraçou. A latina deu três tapinhas nas costas do jovem enquanto tinha os olhos arregalados.

Agora só restavam três.

- Já chega Chris! - Lauren disse revirando os olhos e envergonhada pelo comentário.

- Provavelmente Lauren não tenha te contado sobre a falta de capacidade dela de se apaixonar, mas saiba que você nos tem nas mãos por tal proeza! - zombou. Chris tinha o espanhol fluente e com o mesmo sotaque que Lauren. Era cheiroso e simpático, apesar do sorriso malcriado. Talvez fosse a pose dos Jauregui. Camila continuava sem saber o que responder, então assentia e sorria.

- Podemos ir logo? Daqui a pouco dona Clara liga perguntando... - Lauren se apressou em dizer. Chris assentiu e foi em direção as malas. Lauren o acompanhou apenas para entregar a chave do Gran Torino a um oficial que se aproximava.

- Você não contou nada a ela, não é? - Chris perguntou enquanto se abaixava. Lauren suspirou e negou com a cabeça, e ele riu convencido. - Oh, que saudade eu senti de suas trapalhadas. Esse fim de semana será maravilhoso!

Zombou e saiu carregando as malas. Lauren foi até Camila e apoiou sua mão nas costas da latina, guiando-a até a aeronave.

Camila nada dizia. Estava concentrada em todas as perguntas e tapas que queria dar em Lauren. Estava ficando irritada com tanto nervosismo, pois não era algo comum nela. Trabalhava para um cartel de drogas! Aquilo não era nada comparado ao que tinha visto. E eis que essa é a ironia da vida, amigos... Às vezes são as coisas mais simples, as que mais assustam.

O interior do Jet era um sonho. Parecia um catálogo de estofado e decoração. As poltronas colocadas em ambos os lados eram de couro e em um tom marro claro, quase bege. Havia também três sofás ao longo do espaço e algumas mesas entre eles. O teto era branco e o chão estava coberto por um tapete também marrom que parecia tão confortável como os assentos. A verdade é o que exército americano não deixava a desejar.

Lauren a guiou até uma das mesas e se sentou e um extremo enquanto Camila ocupava o outro. A menor se apoiou na mesa para sussurrar:

- Lauren, você já está me explicando qué diablos está pasando aqui! - quando a morena ia começar a falar, seu celular tocou e ela pediu silenciosamente que Camila esperasse para atender. A latina cruzou os braços imediatamente e arqueou a sobrancelha.

- Madre... Sim, já estamos aqui... Se não houver atrasos e a base liberar o voo direto, em umas seis horas estaremos em Miami... Eu sei que você

organizou tudo desde a semana passada... - disse suspirando e acariciando as temporas. Camila só escutava uma mulher tagarelando sem parar ao outro lado, mas falava tão rápido que não dava pra entender nada. - Não sei o que ela achou do Chris, mãe, ainda não perguntei... Porque acabamos de sentar! ... Desculpa... - disse torcendo o lábio. Camila então pareceu ficar mais relaxada ao ver como Lauren entrava na linha com sua mãe. - Ela está muito irritada com essa história de avião privado, saiba disso. E eu vou dizer que foi culpa da senhora... - brincou rindo, mas logo ficou séria. - Ok, Chris está me chamando. Daqui a pouco a gente se vê, tchau mãe! Te amo!

E desligou rapidamente. Camila descruzou os braços e novamente se apoiou na mesa.

- Agora, cospe!

- Laur, estamos indo! Tudo bem pra você? - Chris gritou de longe fazendo Camila bufar pela interrupção. Lauren a olhou esperando uma confirmação e a latina assentiu.

- Sim!

- Ok, coloquem os cintos, estamos sozinhos e tem comida na cozinha!

Assim o fizeram e logo sentiram as turbinas ligarem e a porta se fechar. Era tão estranho saber que seu cunhado estava pilotando um avião como se estivesse dando carona a elas com um carro. Mas estava tão impaciente que deixou a estranheza a um lado e se concentrou em Lauren. Cruzou as mãos sob a mesa e a encarou. A morena passou a mão pelo cabelo e repetiu o gesto.

- O que você quer saber?

- Tudo. Mas principalmente, o que sua mãe tem a ver com tudo isso! - Lauren suspirou e assentiu.

- Digamos que antes de ser professora universitária ela... teve outro trabalho...

- Que tipo de trabalho, Lauren... - Camila perguntou pausadamente.

- Ela trabalhou para o governo...

- Fazendo? - Lauren coçou a testa e a latina se impacientou. Camila fechou os olhos e deslizou as unhas pela testa. - Só me diz que ela não foi do exército ou política... - Lauren sorriu negando veemente.

- Não, nada disso. - Camila suspirou aliviada. Talvez tivesse algum cargo dentro do governo, e com isso ela podia lidar.

- Tudo bem. Tem alguma coisa a mais que eu precise saber? - Lauren fechou o olho esquerdo como se estivesse pensando

- Você sabe que minha irmã, Taylor, é tenente coronel e pertence ao JAG? - Camila assentiu.

- O que é JAG? - o avião começou a andar, mas elas continuavam conversando.

- É a advocacia geral da marinha. São advogados, promotores e juizes que também pertencem ao exército e aplicam as estipulações do código de justiça

militar com o direito internacional.

- Eles têm um código próprio? - Lauren assentiu.

- As circunstâncias que um soldado enfrenta não é a mesma que um civil ou policial. Estamos falando de decisões extremas que podem levar um país inteiro a uma guerra ou a morte de todo um pelotão. Às vezes precisam improvisar ou infringir o código, e pra isso está a JAG. Eles julgam, acusam e defendem todos os casos tanto de combate como missões secretas.

- Parece interessante...

- Ela é bem... decidida... - explicou com um sorriso brincando nos lábios ao se lembrar da tenacidade da caçula. Taylor odiava perder e principalmente quando tinha certeza que estava certa.

Chris avisou pelo alto falante que estava preparado para decolar[n.a: vai! Eu deixo a onda bater forte na cabeça... os fortes entenderão].

A sutileza do despegue foi o mais fascinante pra latina. Em poucos segundos a aeronave foi adquirindo altitude e finalmente puderam se desfazer do cinto.

Camila olhou pela janela distraída, vendo as nuvens e como a cidade ficava cada vez menor. Lauren aproveitou a distração e foi até a cabine para acertar os últimos detalhes com Chris.

- Alguma resposta? - perguntou sentando-se na cadeira do copiloto.

- Nada. Estão analisando os planos programados para hoje.

A vista desde aquela parte era mais do que privilegiada. O sol forte deixava o céu ainda mais claro e nítido. As nuvens pareciam ir de encontra, mas no final se desvaneciam. Lauren se divertia admirando a sensação de grandeza e Chris tinha um sorriso singelo.

- Isso é maravilhoso... - ela comentou.

- Sim. Principalmente com uma lindeza dessas...

- Quanto tempo faz que você não pega um comercial? - ele assobiou ao ouvir a pergunta.

- Acho que essa é a segunda vez.

- E é muito diferente dos caças? - Chris apertou alguns botões no painel e finalmente olhou para irmã.

- Bastante. Não só pela agilidade na hora de manobrar, mas o tamanho e a velocidade são o que mais noto. Sem falar no objetivo... - disse torcendo o lábio. Lauren assentiu entendendo.

- Alguma previsão de quando acaba? - Chris estalou a língua.

- Esse tipo de coisas nunca acaba Laur. Obama disse que ia acabar a missão, mas a guerra está cada vez pior. Os rebeldes estão conseguindo armamento pesado, até avião estão derrubando! - Lauren olhou para frente de novo, engolindo o nó de preocupação em sua garganta.

- Qual será seu próximo destino? - ele deu de ombros.

- Síria, Israel... Afeganistão não precisa de atividade aérea extra...

- Talvez seja um bom momento para você descansar, Chris... Ficar em casa. São duas guerras seguidas que você se ofereceu voluntariamente...

- Laur... - ele a cortou suspirando ao ver o rumo da conversa. - Já conversamos sobre isso...

- Sim! E todos nós entendemos seus motivos! Mas Síria e Israel não são nossas guerras...

- Mas tem soldados nossos.

- Assim como os russos, ingleses, espanhóis, franceses... Somos aliados.

- E o que você quer que eu faça? Fique um ano em casa esperando outra guerra? - perguntou aumentando o tom de voz. - Eles precisam de mim agora!

- Não! Que você mantenha sua atividade na base. Tem tantos outros modelos e necessidades... O envio de mantimentos ou transporte de carga... Talvez ficar alguns meses em alguma embarcação... - Chris revirou os olhos.

- Isso é muito chato! - Lauren suspirou negando com a cabeça.

- E por que você não tenta a base do papai? - ela a olhou franzindo o cenho.

- E o que eu vou fazer em uma base de treinamento especial? - Lauren lhe sorriu e arqueou a sobrancelha esquerda, fazendo o jovem revirar os olhos.

- Pode ser muito útil...

- Claro que sim! E ter que aguentar todo mundo falando do quão maravilhosa você é... - Lauren deixou seu queixo cair fingindo surpresa.

- Você está com ciúme? - ele deu de ombros acanhado.

- Ah, Laur... Você ficou um ano treinando com o papai, e cinco anos depois ninguém conseguiu alcançar suas notas... - foi à vez a morena revirar os olhos.

- Foi um curso prático, Chris.

- Mas até hoje ninguém conseguiu superar a novata! Por que você não volta? - Lauren riu da loucura do irmão.

- Não, obrigada.

- Qual o problema? Você já tem o posto te esperando... - a morena suspirou entediada.

- Agora é minha vez de dizer: nós já conversamos sobre isso. Esse posto não é meu! Eu não me alistei ao exército...

- Mas suas notas te deram o rango de tenente!

- Caso eu quisesse me alistar! - o corrigiu aumentando a voz. - Mas isso não é para mim. Eu gosto do meu trabalho e você sabe quão difícil é viver na sombra do papai!

- Imagine viver na sombra do pai e da irmã mais velha... - completou

com desdém. - Viu como não é uma decisão fácil? - ela riu com desdém.

- Mas você gosta de ser um soldado. Dos protocolos e dessas missões suicidas...

- Porque ser uma agente especial infiltrada em um cartel é muito mais seguro!

- Mais do que uma guerra? Totalmente. Mais do que invadir um

território inimigo no meio da noite sem saber se pode ser uma emboscada e que o avião exploda? Não tenho a menor dúvida! Eu trato com gente inexperiente, que acha que dinheiro é tudo na vida e escolheram a via mais fácil. Muitos dos narcotraficantes mal sabem ler! Atiram de qualquer jeito e batem como uma criança de cinco anos! A probabilidade de que eu morra é muito menor do que a sua que pilota um caça em plena guerra! - Chris levantou as mãos se rendendo ao ver o tom irritado da irmã.

- Você tem razão, mas é disso que eu gosto. - Lauren bufou negando.

- Nós não chegaremos a lugar algum com isso...

- Por que você não vai até a cozinha e prepara algo pra sua garota, huh? - Lauren revirou os olhos se levantando.

- Quantos anos você tem para falar essas coisas?

- Você está vermelha?! Meu Deus! Você está com vergonha de dizer que ela é sua garota! - a agente deu um pequeno empurrão no jovem e foi até a saída, mas antes o olhou por ultima vez, deixando seu sorriso morrer.

- É bom te ver de novo, fedelho. - Chris assentiu sorrindo abertamente.

- É bom te ver também, tenente.

- Você sempre acaba com o momento... - disse indo embora, mas ainda o escutou ao longe:

- Algum dia você vai aceitar esse posto, Laur! Algum dia!

Lauren passou pela porta da cozinha e parou no corredor. Sorriu para si e retrocedeu um passo, entrando no pequeno cubículo. Havia uma geladeira, minibar, micro-ondas, copos, taças, talheres... tudo muito sofisticado e perfeitamente decorado. Abriu o pequeno armário e encontrou pães e torradas. Na geladeira havia todos os tipos de frios e bebidas, então optou por um lanche rápido. Dois sanduíches preparados meticulosamente por sua obsessão de ordem, suco de laranja, água e uma garrafa de vinho que havia encontrado. Completou com os copos, taças e talheres e a levou com cuidado.

Devido ao céu aberto e o clima favorável, não havia nenhuma turbulência ou movimentos estranhos. Quando chegou até a mesa, Camila estava concentrada lendo *Veinte Poemas de Amor Y Una Canción Desesperada*. O cabelo estava preso em um coque e estava descalça. Seus pés estavam recolhidos em baixo do corpo e ela tinha a cabeça apoiada no encosto da poltrona.

Quando sentiu o cheiro da comida, acordou e fechou o livro rapidamente, sorrindo ao ver a bandeja.

- Hora do almoço.
- Não me diga que você fez um sanduíche pra mim! - debochou.
- Ha. Ha. Há. Saiba que esse será o melhor sanduíche da sua vida!
- Hmmm... O sanduíche não sei, mas tenho outras muitas "melhores coisas da minha vida" graças a você. - piscou o olho fazendo Lauren sorrir abertamente.

- Ok senhorita Casanova... - Camila envolveu o seu em um guardanapo antes de experimentar e ao dar a primeira mordida, fechou o olho e gemeu de satisfação. Lauren também começou a comer sem disfarçar seu sorriso.

- Dios! O que você colocou aqui?
- Segredo Jauregui! - a latina estreitou os olhos e Lauren revirou os seus. - Minha mãe fazia pra gente levar pra escola e com o tempo eu aprendi.
- Não pensei que você fosse tão familiar assim... - Lauren deu de ombros.

- Não posso deixar ninguém saber disso. - Camila assentiu mastigando lentamente. - Mas eles são tudo pra mim...

- Você tem tantas facetas que quando fala esse tipo de coisa, parece que estou conhecendo uma pessoa nova... - Lauren franziu o cenho. - Você não percebe, mas sua pose de "sou a melhor e vou te matar caso você me olhar" funciona muito bem.

- Porque essa é a verdade... - zombou fazendo a latina lhe jogar um guardanapo.

- Você sabe que é apenas um escudo.

- Sim...

- Mas quando estamos a sós ou com as meninas, eu vejo quem você realmente é... - Lauren deixou o sanduíche quase na metade sob a mesa e a olhou fixamente.

- Eu não me escondo de você, Camila. Talvez não me mostre da forma mais nítida possível, mas...

- Eu sei... - a cortou imediatamente. - E entendo seus motivos.

- Mas estou aprendendo... Só não estou acostumada, nem sei como fazer direito... - confessou envergonhada. A latina também deixou sua comida no prato e estendeu sua mão até tocar a de Lauren, acariciando-a.

- Estou disposta a descobrir aos poucos. Eu não vou desistir de você, Lauren. - a agente soltou o ar que estava prendendo, assentindo lentamente.

- Que bom, porque você vai ser a primeira mulher que eu levo pra casa... - Camila fez uma careta, mas logo sorriu.

- Confesso que apesar do nervosismo, saber disso me faz muito feliz.

- Que não teve outra antes de você? - a latina assentiu. - Por que é tão importante?

- Porque, apesar de ter conhecido outras pessoas, você mudou todas as regras do meu jogo. Na verdade, você ganhou meu jogo com minhas próprias

regras. E isso ninguém tinha conseguido. Quando você conhece alguém que tem esse poder de mudar sua vida e te deixar completamente a mercê desse sentimento, então você se sente única... especial. Quando você me olha, eu me sinto a pessoa mais linda do mundo. E você me olha do mesmo jeito quando estou arrumada e quando estou suja de graxa e suada. Então eu sei que é verdade. Eu sei que me sinto única porque pra você, eu sou a única. - Lauren levou a mão delicada a seus lábios, deixando um beijo singelo. - Que você confie em mim a esse ponto me faz querer te mostrar todos os dias que pra mim você também é a única.

- Todos os dias, huh? - Lauren zombou. Camila foi deixando seu sorriso aparecer aos poucos.

- Todos os dias.

- Eu vou cobrar isso, flaca. - Camila deu de ombros e voltou a comer.

- Não está nos meus planos fugir.

Lauren não retrucou. Elas sabiam que não precisava. Continuaram em silêncio se encarando, comendo, rindo... entre brincadeiras Camila tentava adivinhar os ingredientes do tão magnífico sanduíche, mas Lauren era mais difícil de distrair do que qualquer outra pessoa. Quando acabaram, a latina aceitou uma taça de vinho, mas pediu que não exagerasse. Devido às longas horas de viagem, optaram pelo sofá. Sentaram-se de lado e uma frente à outra. Lauren recolheu as pernas da latina, apoiando-as em cima de suas coxas enquanto bebiam e conversavam.

As horas passavam rapidamente e continuavam na mesma cumplicidade. Ao chegar à terceira taça, as risadas eram um pouco mais exageradas e os olhares também. Optaram por deixar a bebida de lado e Camila se aproximou um pouco mais.

- Apostaria por todos os gêneros menos o romântico se tratando de você! - Lauren zombou.

- Por quê?!

- Porque você não faz o tipo que chora com Titanic! - Camila revirou os olhos.

- Titanic é horrível, quem chora com isso? - Lauren abriu a boca em descrença. - Que? Você chora?

- Não! Mas todas dizem que é uma história linda!

- Claro que não! Ela o deixa morrer! - respondeu indignada e Lauren gargalhou.

- A porta não ia aguentar...

- Mas ela podia tentar!

- Sim, podiam. E acabariam mortos...

- Mas teriam tentado!

- Espera, se fosse a gente... você ia preferir morrer comigo a me deixar viva para contar a história?

- Quem disse que você seria a Rose? - Lauren deu de ombros.

- Nós temos o mesmo tom de pele! - Camila gargalhou. - Que? Estou falando sério... Ei, para de rir! - apesar da falsa indignação, Lauren também estava sorrindo com a gargalhada da latina. Era jovial, alta, energética... contagiante. A felicidade de Camila a tinha assim, e sem perceber estava com o rosto quase rasgando, admirando cada feição. Quando Camila foi parando de rir e limpou as lágrimas, elas estavam com os rostos próximos. - Você é linda... - a latina suspirou e levou sua mão esquerda ao rosto de Lauren, acariciando-o.

- Obrigada...

- Eu acho que não te pedi desculpas pelo que aconteceu.

- Não é necessário...

- É... é sim. Porque eu quase te perco... - Camila riu com desdém fazendo o contorno da sobrancelha da morena com seu indicador.

- Nem que você mentisse mil vezes isso iria acontecer. Sabe por quê?

- Lauren negou lentamente, sem deixar de olhá-la. - Porque eu já sou mais sua do que minha. E mesmo querente te odiar, eu não consegui...

- Mas você me ignorava, e isso doía... - a latina estalou a língua e negou com a cabeça lentamente.

- Eu estava desesperada por que você viesse atrás de mim. No hospital eu quis que você insistisse mais... - Lauren franziu o cenho.

- E por que você não cedeu as minhas tentativas? - Camila deu de ombros.

- Orgulho... - foi a vez de Lauren revirar os olhos.

- Foi a pior semana da minha vida.

- A minha também. - Lauren a olhou com devoção, pensando se seria precipitado demais ou se ela se importaria com a ausência de romantismo. Mas foda-se, não tinha filtro e não conseguia mais guardar para si.

- E eu não estou disposta a te perder novamente. - a latina sorriu e lhe bicou os lábios.

- É muito bom saber disso...

- Porque mesmo que eu quisesse, não tem mais volta. - ao franzir o cenho e tentar entender, o coração de Camila acelerou, sentiu o calor em seu corpo aumentar e quase não piscava. Ela não ia... - Eu não planejei nada disso, Camila. Mas aconteceu... - Oh ela ia... - Aconteceu e eu nunca tive tanta certeza de algo na minha vida como eu tenho agora, na verdade tive durante esses dias longe de você... De que estou completamente apaixonada por você.

//

ARREGALEI OS OLHOS E PRENDI A RESPIRAÇÃO! Ö

TT: 5h1sthenewblack

Capítulo 27: How Deep Is Your Love?

A CAPIVARA DA SORTE FEZ O MILAGRE!

AQUI ESTOU... ainda não me recuperei totalmente desse show, mas vamos levando.

Como vocês estão? Antes que comecem a me xingar, na minha cabeça eu acabo os capítulos no suspense porque no dia seguinte eu posto, mas não sei que vadinah acontece que sempre que eu digo "hoje vou att, ou amanhã" NÃO SAI ESSA XOXOTA AZEDA. Então eu não faço de proposito, ok? Mas já aviso que vou terminar esse com suspense também, MAS COMPENSAREI AMANHÃ COM UM MEGA CAP CHEIO DE ASJDNALKSNDASDNLKAJDNAJS juradinho de dedinho.

Obrigada a tooooooooooooooooooooood@s.

Besitos.

//

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

- Porque mesmo que eu quisesse, não tem mais volta. – ao franzir o cenho e tentar entender, o coração de Camila acelerou, sentiu o calor em seu corpo aumentar e quase não piscava. Ela não ia... – Eu não planejei nada disso, Camila. Mas aconteceu... – Oh ela ia... – Aconteceu e eu nunca tive tanta certeza de algo na minha vida como eu tenho agora, na verdade tive durante esses dias longe de você... De que estou completamente apaixonada por você.

O sorriso que Camila esboçou foi suficiente para que Lauren sorrisse também, sentindo todo o peso em suas costas desaparecer pela reação. Sorrir era um bom sinal, não?

- Repete. – pediu em um sussurro. Lauren franziu o cenho, mas atendeu ao pedido.

- Eu estou completamente apaixonada por você. – Camila fechou os olhos mordendo o lábio inferior.

- De novo. – Lauren sorriu minimamente entendendo o ponto, e então se aproximou aos lábios da latina e esperou paciente para que ela abrisse os olhos. Quando assim o fez, também estava sorrindo e disse contra os lábios da menor:

- Eu estou completamente apaixonada por você. – Camila suspirou e levou sua mão esquerda ao pescoço de Lauren. A analisou por uns segundos e então sorriu com os olhos brilhando.

- Isso é ótimo, sabe por quê? – Lauren negou com a cabeça. – Porque, mesmo lutando com todas as minhas forças contra isso, eu também acabei completamente louca e apaixonada por você, gringa.

Lauren sorriu. Aquele sorriso que vai crescendo gradativamente e você já não sabe mais como tirá-lo do rosto. Sentiu a carícia do polegar de Camila em seu pescoço e como ela também estava sorrindo contra seus lábios. Olhavam-se sem a necessidade de pronunciar nenhuma palavra, afinal tudo estava dito.

A latina deslizou seu nariz suavemente pela bochecha de Lauren que

fechou os olhos, logo foi à vez dos lábios. Um simples encostar superficial. Tomaram todo o tempo do mundo para iniciar o beijo, primeiro encaixando os lábios suavemente, e logo Camila deslizou sua língua dentro da boca de Lauren, que a sugou lentamente.

Lauren puxou o que restava do corpo da latina pra cima do seu, e Camila se limitou a se encaixar sob o quadril da morena à medida que o beijo ficava mais intenso. Como lhe era de costume, levou as mãos ao cabelo escuro de Lauren, bagunçando-o e puxando-o quando sentiu as mãos ágeis da agente deslizando por suas costas e ombros, deslizando o blazer. Camila se afastou para olhá-la nos olhos enquanto a prenda deslizava por seus braços e Lauren parecia tão dominada pelo desejo quanto ela. Fosse pelas taças de vinho ou pela adrenalina do momento, as respirações aceleradas diziam o que ambas queriam saber.

Dentro da cabine, Chris sorriu para si olhando o visor a sua frente e o desligou ao ver o que estava acontecendo no sofá. Concentrou-se no plano de voo e entrou em contato com a central.

Lauren apertou as coxas de Camila com força e a latina suspirou. Que demônios, ela também queria. Camila a atacou quase que desesperada e deixou que Lauren abrisse sua calça e, deslizando as mãos dentro da prenda lentamente até chegar de encontro a suas nádegas, que a abaixasse até seus joelhos. A ideia de que Chris pudesse aparecer a qualquer momento era mais do que excitante, porque obviamente elas não sabiam que ele não apareceria tão cedo.

Lauren mordeu o queixo da latina enquanto usava os dedos para deslizar a calcinha da latina ao mesmo lugar que a calça. Mas Camila levou a mão direita à nuca da maior e puxou com força, fazendo-a direcionar o olhar para si. Lauren franziu o cenho e pensou em se queixar da dor, mas o sorriso escroto e sexy de Camila fitando-a com a sobrancelha esquerda arqueada a fez morder o lábio inferior para reprimir o gemido.

A morena aproveitou, sem desviar o olhar, para subir as mãos pelo abdome da latina, lentamente e por cima do fino tecido do top. Quando alcançou os seios da latina, pôde senti-los rijos e duros. Lauren apalpou os dois com força e Camila puxou o lábio inferior da morena com seus dentes, apertando com força para reprimir o desejo.

Seu centro estava mais do que dolorido e passou a se esfregar suave e lentamente sob o corpo de Lauren, que continuava com a massagem. Camila a beijou novamente com força e fome.

Lauren manteve a mão esquerda fazendo seu trabalho e deslizou a direita pelo mesmo caminho até encontrar o sexo encharcado da latina.

Camila não conseguia se concentrar e muito menos se controlar. Quando os dedos de Lauren encontraram seu clitóris e iniciaram uma massagem lenta, deslizou seus lábios pelo pescoço fino da morena e o mordeu entre alguns beijos.

Lauren a escutava gemer baixo em seu pé de ouvido e também estava em uma péssima situação.

Quando a ponta de seus dedos encontraram a entrada da latina, Camila mordeu o ombro da morena com força reprimindo seu gemido e longe de qualquer queixa, Lauren adorou a sensação de dor. Mas não precisou de nenhum esforço.

Camila por si mesma fez questão de descender seu corpo, sentando por completo nos dedos da agente. Antes que Lauren pudesse retirá-los, a menor levantou o corpo minimamente e rebolou de leve antes de descer. Lauren precisou esconder seu rosto no pescoço de Camila e gemer contra sua garganta ao sentir o corpo pequeno fazendo o que bem queria com seus dedos.

Camila sentava lentamente, e alternava os movimentos rebolando e puxando o cabelo de Lauren que mantinha a massagem em seus seios. Quando se afastou para olhá-la, percebeu que as órbitas verdes estavam tão escuras e dilatadas que Lauren parecia estar fora de si. E no fundo, estava.

A agente desviou sua mão esquerda dos seios a nádega da latina, apertando-a com força e guiando os movimentos. A sensação das paredes esfregando-se em seus dedos era mais do que prazerosa. E Camila, apesar de estar levando o ritmo, aceitou a ordem e passou a rebolar e descender de uma forma torturante, sem desviar seu olhar castanho dos verdes.

O coque no cabelo da menor estava se desfazendo com os movimentos, mas Lauren adorava vê-lo solto, e foi por isso que desviou novamente sua mão livre até o mesmo e o puxou com força, deixando-o solto. Camila gemeu contra seus lábios.

- Lauren... – estava quase chegando. Lauren sentia e conhecia muito bem. Puxou novamente a cabeça da menor, só que dessa vez a guiou para que a ladeasse e então a beijou.

Camila aumentou a velocidade de seus movimentos e apertou os olhos com força ao sentir seu ventre apertar e levou o rosto ao pescoço de Lauren, refugiando-se ali para poder se entregar ao prazer.

- Ah!

Camila gozou devagar e sentindo a massagem dos dedos de Lauren ainda sob seu clitóris e sem que pudesse controlar, gozou novamente fincando as unhas no couro do sofá para reprimir o grito.

Deixou seu corpo mole cair e esperou pacientemente a que sua respiração normalizasse. Lauren lhe acariciava o cabelo suavemente enquanto deixava beijos ternos em seu pescoço.

- Maldita... – sussurrou recebendo um riso como resposta.

Já com a respiração normalizada, retirou seu rosto do local seguro e beijou os lábios de Lauren com ternura.

- Você é linda. – a morena disse de repente, analisando os traços da

menor. Camila sorriu sem jeito e a beijou de novo.

Se apressou em colocar suas roupas no lugar enquanto Lauren a olhava sorrindo.

- Que? – a morena deu de ombros.

- Nada. – Camila estreitou os olhos e a agente revirou os seus. – É a primeira vez que eu faço algo na presença de um familiar. – Camila a olhou reprimindo o riso.

- Às vezes eu esqueço que você é quase virgem. – Lauren a puxou bruscamente contra si, mordendo-lhe o lábio com força.

- Você sabe muito bem que de quase e virgem eu não tenho nada.

Com a adrenalina ainda a flor da pele, elas voltaram a se beijar e Camila não teve pudor em enfiar sua mão direita dentro da calça de Lauren, que gemeu ao sentir o contato dos dedos finos com sua intimidade. Ao sentir que Lauren estava mais do que pronta, Camila abriu a calça da agente afoita e sem deixar de beijá-la.

Lauren estava mais do que acesa e deixou que Camila controlasse a situação. Levantou o quadril minimamente para que a latina deslizasse a calça junto à calcinha e então estava ali, com as pernas semiabertas e a calça em seu tornozelo. Mas Camila tinha outros planos e, ajoelhada no chão, levou as mãos às pernas e puxou o corpo de Lauren pra ponta. Deslizou a língua pelos lábios ao ver a intimidade da morena exposta para si e, abrindo um pouco mais as pernas de Lauren, se encaixou.

Iniciou os beijos pela parte interna da coxa, aproveitando para olhá-la enquanto continuava com a tortura. Lauren estava expectante e, quase que por inércia, levou a mão direita à cabeça da latina, puxando-a levemente ao destino que queria. Camila sorriu da forma mais descarada que sabia e manteve os beijos, cada vez mais ousados e provocantes, na virilha de Lauren que já arfava.

Mas também não conseguiu manter o jogo por muito tempo. Com a ponta da língua separou os lábios úmidos e logo a deslizou de baixo para cima, detendo-se no clitóris, onde o chupou com lentidão. Lauren aguentou o gemido na garganta sem deixar de olhá-la. Camila repetiu o mesmo gesto algumas vezes, aumentando a velocidade gradativamente.

Quando Lauren já estava se contorcendo, a latina procurar pela entrada e introduziu a língua lentamente. Lauren deixou sua cabeça cair para trás e se apoiou no encosto, empurrando com a mão a cabeça da latina a seu centro.

Camila continuou brincando com a língua tanto na entrada como em volta do clitóris e quando sentia que Lauren estava próxima, diminuía os movimentos.

- Camila! – Lauren chamou com os dentes apertados, ouvindo (e sentindo) o riso travesso da latina com a súplica.

Mas não precisou pedir uma segunda vez. Camila manteve os movimentos e, dessa vez a velocidade também, seduzindo-a até que a morena finalmente explodiu em um orgasmo forte. Para retribuir a satisfação que havia

recebido, Camila aproveitou para brincar com os dedos também, massageando o clitóris de Lauren enquanto a mesma sentia o prazer explodir em seu corpo, e logo outra vez.

Lauren apertou o assento com força e curvou a cabeça para trás abrindo a boca e gemendo baixo.

Camila se retirou limpando o canto dos lábios com os dedos e com um sorriso brincalhão se levantou, ajudando-a a se vestir novamente. Lauren não tinha forças nem sequer para mexer os braços, mas só em ver a descaração no rosto da latina, sorriu.

- Diabla... – resmungou deixando-se vestir como uma criança pequena.

Enquanto isso na cabine, Chris dava as coordenadas de sua posição à torre de controle.

- Vamos lá, pequena. Chegou a hora de chegar a casa. – digitou um código no painel e logo o rádio encontrou a frequência. – Atenção controle, Cessna 152, nível de voo 3700.

- Base Aérea US Marshal, Miami. Bom dia Cessna 152.

- Bom dia. Roger Coronel Jauregui solicita autorização para aterrissar. – durante alguns segundos o silêncio foi à única resposta. Até que pouco depois a voz masculina se fez presente.

- Autorizado Roger. Pista 16. Vento em calma, QNH 1005. Notifique nível requerido.

- Nível zero, mil, zero, cem, zero, zero.

- Recebido. Gulfstream IV C-20G, três mil pés. Passageiros a bordo?

- Dois. Ordens do general Michael Jauregui. – novamente o silêncio se fez presente e Chris prendeu a respiração até ouvir a voz novamente.

- Muito bem, Cessna 152. Pista em processo de aterrissagem. O general está a sua espera na pista.

- Recebido. – Ao desligar a conexão, o coronel pressionou o botão do microfone. – Estamos em casa, senhoritas. Coloquem o cinto.

Pouco tempo depois a aeronave estava seguindo os comandos da torre e finalmente pousava em solo americano.

As manobras foram executadas com facilidade e quando Chris desligou o motor, elas já estavam mais do que prontas para descer. Camila havia retocado a maquiagem no banheiro e estava novamente apresentável. Lauren tinha um sorriso de canto nos lábios, admirando à latina constantemente em seus movimentos nervosos.

Quando a porta foi aberta, a escada já estava posta e ao longe puderam enxergar a silhueta de duas pessoas. Um homem e uma mulher, que Camila teve a leve sensação de conhecer.

À medida que se aproximavam, a latina piscava rapidamente tentando acreditar no que estava vendo.

Michael e Clara tinham um sorriso enorme nos lábios vendo como Lauren se aproximava com as mãos entrelaçadas à bela jovem ao seu lado. Mas Clara passou de feliz a nervosa imediatamente.

- Camz? – Lauren perguntou ao sentir que a latina estava praticamente sendo arrastada.

- Lauren, quem é essa mulher? – a morena franziu o cenho.

- Minha mãe. Por quê? – Camila arregalou os olhos e então a encarou estupefata.

- Lauren...

- Camila, você está me assustando...

- Eu já conheço sua mãe.

//

BOOMB! Do que será que elas se conhecem?



Capítulo 28: How I Met Your Mother

WASSUP MAMASITAS. Kiubo pues?

Como les parece que esta vez si he cumplido con lo dicho y miren a ver, aquí estoy!

Agora chega de graça. Vamos ao capítulo logo, e espero que vocês gostem do rumo da fic... esse mundo é pequeno demais, meu povo. É tudo nosso e nada deles.

//

Camila POV

Cuba, Cojimar - 28 de Março de 1999.

Acabava de chegar do colégio e, como de costume, minha mãe havia preparado meu lanche. Suco de morango com hortelã e um sanduíche de queijo. Naquele dia não tive tarefa, então teria a tarde toda para brincar.

Eu tinha duas amigas no bairro, Marielle e Sandra. Costumávamos brincar na calçada de amarelinha ou de bonecas no jardim da casa delas, que estava um pouco mais a frente da minha. Mas naquele dia todo mundo estava em suas casas concentrados ou nos bares concentrados na televisão.

O país estava paralisado por um único acontecimento: a reputada esquadra "amateur" cubana, duas vezes campeã olímpica e mais de vinte vezes titular em um mundial, jogava, por primeira vez, contra um dos maiores times da Grande Liga estadunidense desde o triunfo de Fidel Castro em janeiro de 1959. Orioles vs Camden Yard de Baltimore.

Mas o mais memorável foi o resultado: 3-2 em 11 entradas para os Orioles. Cuba estava em festa, era um fato histórico. Mas pra mim seria lembrado por outra razão.

Enquanto meus familiares estavam assistindo ao jogo na sala, eu estava no meu quarto brincando com minhas bonecas. Nossa casa era grande e tinha três andares. Devido ao urbanismo histórico, todas tinham o mesmo desenho. Altas e em forma de quadrado. As parcelas eram muito próximas, separadas por pequenos

becos. Os telhados serviam de varal, por tanto eram construídos como uma espécie de laje. Às vezes me aventurava com as meninas em pular de uma casa para outra, e cada vez que conseguíamos cair no telhado vizinho, era como escapar da morte.

Meu quarto ficava no último andar da casa, aos fundos. De vez em quando escutava meu pai gritar, mas nada fora do comum. Havia fogos de artifício também, ou isso foi o que eu pensei quando escutei um estrondo.

O que veio depois foi algo que jamais contei a ninguém, nem as meninas.

Era como se alguém se aproximasse às pressas. Escutava alguns homens gritando cada vez mais próximos. Até que os passos finalmente chegaram ao meu teto. Escutei como alguém reclamava de dor ao cair em pé, exatamente na minha cabeça. Logo depois, outro barulho se fez mais forte, um helicóptero.

Minha janela estava aberta, não sei se por sorte ou por azar. Mas do nada, naquela noite uma mulher acabou pendurada pela grade. Conseguiu com muito custo se erguer e cair finalmente no tapete do meu quarto, há poucos metros de mim.

Ela tinha algumas feridas no rosto e seu abdome estava coberto de sangue. Logo que ela estava a minha frente, as hélices do helicóptero estavam bem em cima da casa. Mas não durou muito e logo foi embora.

Ela suspirou e me olhou com um sorriso cansado. Eu estava completamente assustada olhando-a com minha boneca de pano na mão.

- Olá. - ela disse arrastando-se até a parede e finalmente se sentando, apoiando as costas para olhar pela janela sem se levantar, como se estivesse fugindo de alguém.

- Olá. - respondi ainda meio dubitativa.

- Como é seu nome, linda?

- Camila. - ela sorriu ainda mais e suspirou apertando os olhos e com a mão na barriga.

- Prazer Camila. Você é uma menina muito corajosa por não ter gritado. Eu preciso de sua ajuda. Será que posso confiar em você? - eu assenti lentamente, sem entender muito bem o que estava acontecendo. - Preciso de álcool, algodão, uma agulha e linha... Ah, e um pouco de água também. Será que você pode conseguir pra mim?

Não tinha a menor ideia, mas pelos poucos filmes que havia visto com meu pai, parecia estar em um de ação. Consegui tudo que ela me pediu com facilidades já que os adultos, distraídos com o jogo, não questionaram meu trânsito pela cozinha.

Quando voltei ao quarto e lhe entreguei tudo, assisti em silêncio àquela mulher que tirou a camisa, bebeu um pouco da água, limpou a ferida com o álcool e depois, sem sequer reclamar, costurou um pequeno buraco que tinha na altura de sua costela.

- O que aconteceu com você? - perguntei atenta a seus movimentos.

Ela sorriu sem jeito, como se estivesse fazendo muito esforço para aguentar a dor.

- Digamos que... me meti em alguns problemas. - assenti e continuei observando-a. - Você gosta de bonecas? - ela me perguntou apontando com o queixo para Lola, a boneca que estava em minha mão. Dei de ombros.

- Não muito. Prefiro carros. - ela riu.

- Carros? - assenti veemente.

- De corrida... - ela enfiava a agulha e a puxava, assim como minha mãe costurava as calças do meu pai. De vez em quando mordida o lábio ou parava para respirar, mas não reclamava. E eu achava aquilo o máximo. - E você?

- Se eu gosto de bonecas? - não pude evitar revirar os olhos. Me acerquei um pouco mais a ela e sentei em forma de índio.

- Não, de carros! - ela riu novamente voltando a costurar.

- Prefiro os clássicos.

- Eu também! - disse empolgada.

- Qual o seu preferido?

- Meu pai tem um Dodge!

- Dodge? É um bom carro.

- Sip... E o seu? - ela sorriu de canto e me olhou.

- Gran Torino. Meu pai também tem um. - para mim, ouvir aquelas duas palavras era como estar no céu. Meu pai vivia falando daquele modelo e eu sonhava com algum dia poder dirigir um. - Você conhece?

- ¿Estás de bromas? Claro! - mas não consegui disfarçar minha decepção.

- Aconteceu alguma coisa?

- Meu pai é piloto de Nascar, mas o abuelo está dodói e ele não poderá competir no próximo mundial. Ele disse que quando ganhasse teríamos um Gran Torino.

Ela me olhou e nada disse. Pouco tempo depois estava retirando o resto de linha e recolhendo o que havia usado. Ela se levantou e olhou pela janela mais uma vez e veio até mim, segurando em meus ombros.

- Você é uma menina muito esperta, Camila. Amanhã alguns homens virão para perguntar se você me viu, e eu preciso que você diga que não. Ninguém pode saber que você me ajudou, entendido? - assenti atentamente e ela se abaixou, ficando à minha altura. - Muito bem. Se você guardar nosso segredo, prometo te dar um presente.

Ela piscou para mim e foi até a janela. No momento seguinte ela pulou. Corri em direção à janela a tempo de vê-la correr pelo jardim e sair, sempre olhando para os lados.

Como havia dito, no dia seguinte dois homens vieram até minha casa. Minha mãe me chamou para perguntar se eu havia escutado ou visto algo, e como havia treinado perfeitamente no espelho, neguei e continuei brincando com a boneca.

Assim que eles foram embora, tocaram nossa porta novamente para deixar um pacote.

Era um envelope amarelo e estava cheio. Quando minha mãe abriu começou a chorar e chamou por meu pai.

Dentro do envelope havia o dinheiro suficiente para comprar um Gran Torino junto a um bilhete.

Gracias por todo. Aprovechen el dinero.

C.

Não compraram o carro, já que na outra semana estávamos fazendo as malas e indo para Chihuahua. Mas compramos o restaurante que hoje não só é o sustento da nossa família, como nos levou ao cartel, e do cartel até aqui.

C.

C de Clara.

Narrador POV

Camila caminhava graças à que Lauren praticamente lhe arrastava. A morena ainda não havia entendido o que ela quis dizer com "conheço sua mãe". Talvez por alguma matéria no jornal devido a seus estudos sociológicos relacionados à literatura, pensou. Clara já estava recuperada do pequeno susto, e seu sorriso era ainda maior.

Mike também estava ansioso e sorridente, e à medida que elas se aproximavam sentia seu peito encher ainda mais.

Quando finalmente chegaram de encontro ao casal, Lauren dedicou um sorriso tímido e um abraço forte em cada um. Camila assistia tudo de longe sem saber muito bem como reagir.

- Mãe, pai... Essa é a Camila. - Clara se adiantou em puxá-la para um abraço muito mais apertado do que Lauren esperava, e graças a isso Camila respirou finalmente.

- É muito bom te conhecer, Camila. - Clara disse em um espanhol perfeito.

- Muito obrigada. - a latina respondeu sem jeito e logo cumprimentou o patriarca, que a abraçou com um pouco menos de entusiasmo, porém lhe dedicou o mesmo sorriso.

- Bem vinda à família, Camila. - Mike também parecia dominar o idioma, mas ainda tinha o forte sotaque americano. - Como foi à viagem? Chris fez jus às medalhas? - Lauren revirou os olhos, mas acabou sorrindo.

- Sim, ele passou no teste...

- Claro que eu passei, sou o melhor da promoção. - o jovem Jauregui chegou carregando as malas e sem o macacão. Usava uma calça jeans, camisa branca e coturnos.

Clara correu para abraçar o filho, que largou as bagagens no chão e a carregou.

- Chris! - a pesar da queixa, a mulher estava gargalhando com os beijos que recebia.

Camila sorria tímida um pouco mais afastada vendo a interação. Logo depois foi a vez de Mike. Os golpes que um dava ao outro nas costas soavam como os bárbaros ao retornar da guerra.

- Bem vindo a casa, meu coronel!

- Saudades, viejo.

- Finalmente a família toda reunida! - Clara suspirou e entrelaçou seu braço com o do marido. - Mikey, vamos para casa que ainda tenho que preparar algumas coisas.

O homem nada disse, apenas saiu à frente acompanhado da esposa. Chris piscou para irmã e cunhada, caminhando logo em seguida.

- Eu disse que não seria para tanto... - Lauren zombou puxando a latina pela cintura. Camila sorriu assentindo, mas em sua cabeça estava pensando em como contaria à morena sobre àquele episódio em Cuba. Tinha medo de que Lauren pensasse qualquer outra coisa, e o pior, que descobrisse algo sobre sua mãe que até então desconhecia.

- É... não foi para tanto... - concordou e se deixou guiar em direção ao estacionamento.

A base aérea não era muito diferente da que estivera há poucas horas. Talvez tudo fosse um pouco maior e com equipamentos mais avançados, mas não deixava de ter o mesmo cenário. Soldados, carros, armas... Para Camila tudo era muito estranho de se ver, afinal era sua primeira vez nos Estados Unidos. Mas Lauren e sua família pareciam estar passeando pelo jardim da casa. Constantemente o general saudava alguns soldados, inclusive o próprio Chris. Clara se encarregava de arrastá-los para que não ficassem conversando mais do que o estritamente necessário.

Lauren era mais acanhada. Andava ao lado de Camila comentando algumas coisas como as diferenças nos uniformes, ou como ela conhecia a base de cima a baixo de tanto tempo que passava brincando com os irmãos.

A verdade é que a latina esperava tudo de um jeito muito extravagante. Desde a atitude dos Jauregui até a posição econômica da família. Mas pelo contrário, eles pareciam tão normais e unidos como a sua.

Na entrada, não se surpreendeu ao encontrar um Range Rover Evoque preto, imponente e praticamente blindada ao lado de uma Harley Davidson Sportster 883 também na cor preta.

Chris colocou as malas no carro onde Mike e Clara já estavam dentro. Camila foi em direção ao mesmo, encontrando o jovem segurando a porta de trás aberta.

- Aonde você vai? - ele perguntou franzindo o cenho. Camila olhou para Lauren que estava parada ao lado da moto com um sorriso torto e prendendo o

cabelo em um coque.

- Incrível... - Chris estalou a língua e entrou no carro - Ela adorase
exibir... - reclamou e logo em seguida fechou a porta.

A latina voltou de encontro à Lauren que estava colocando o capacete.
Cruzou os braços, ainda parada, e estreitou os olhos.

- Você é tão clichê! - debochou arrancando uma gargalhada da agente
que lhe estendeu outro capacete. A latina se apressou em prender seu cabelo
também e se proteger.

- Você achou que eu entraria em um carro desses depois de dirigir um
Gran Torino? Nem fodendo.

Lauren subiu ao veículo e ajudou a latina logo depois, que sem
dificuldade alguma ocupou o lugar na garupa.

A abraçou com força e apoiou o queixo no ombro direito da morena.

- Cada dia eu tenho mais certeza que você é a mulher da minha vida!

- Lauren sorriu abertamente ligando a moto e retirando o pedal com força. Acelerou
algumas vezes, fazendo o motor rugir e chamando a atenção de todo mundo.

- Que bom. Porque eu nunca duvidei de que a minha fosse você.

Lauren soltou o freio e elas saíram deslizando pela estrada que dava à
rua principal, girando à direita. Camila a abraçou um pouco mais forte. Não por
medo, mas pela felicidade do momento.

Lauren pilotava tranquilamente e a latina se sentia livre. Observava as
ruas e as pessoas, admirava a praia pela orla e o sol. Mulheres em biquíni andando de
patins, outras de skate. Famílias passeando, casais, postos de sorvete ou comida,
lojas... Não tinha nada a ver com sua adorada Chihuahua.

O trânsito estava um pouco caótico, mas a vantagem de estar com a
moto lhes permitia desviar facilmente. A medida que os quilômetros passavam,
Camila podia perceber a ausência de urbanização.

Os prédios ficavam mais ostentosos e com uma distância relativa
entre eles. Também havia alguns condomínios com jardins exuberantes e casas
luxuosas. Mas elas continuavam o percurso.

Sem sinal de civilização, alguns quilômetros depois elas estavam
entrando em uma vila peculiar. As casas eram protegidas por grandes paredes e
portões, sendo visíveis apenas alguns coqueiros, jardins ou partes da fachada. E foi
então que Camila voltou a ficar nervosa. Quando Lauren girou à direita, a latina
prende a respiração.

Um jardim impecável decorava um caminho de pedras e um grande
portão preto com detalhes dourados. Ao centro, um brasão com as iniciais JM
estampadas. Havia uma câmera e um interfone, mas assim que Lauren apareceu, o
mesmo se abriu.

Como retirada de um catálogo de imóveis à venda, a casa dos
Jauregui era o sonho de qualquer pessoa. Sua grama verde estava na medida certa,
decorando a grande piscina ao centro. A fachada na cor bege lembrava o estilo da

arquitetura árabe com muitos mosaicos e molduras de tipo conubial. Sacadas amplias assinalavam as suítes, que eram bastantes. As janelas eram altas assim como as portas. Escadas ligavam o grande jardim à entrada principal cuja porta tinha o mesmo símbolo do portão.

Lauren estacionou na entrada, mas não havia sinal dos Jauregui. Ajudou a latina a descer primeiro. Quando retiraram o capacete, Camila suspirou observando cada detalhe ao seu redor. Mas Lauren parecia estar sem jeito.

- É a casa dos meus pais. Eu não tenho nada a ver com isso... - explicou mostrando as palmas. Camila revirou os olhos e lhe estendeu o capacete.

- Claro que não...

Lauren enfim entrelaçou sua mão esquerda com a da latina e subiu as escadas. Ao chegar à porta, antes que pudesse tocar a campainha, a mesma se abriu revelando uma jovem loira com olhos claros. Estava sorrindo e usava um vestido rozê tomara que caia. O cabelo solto era longo e liso, e Camila se perguntou qual era o maldito problema dos Jauregui que todos tinham que ser extremamente atrativos.

A loira praticamente pulou no colo de Lauren que gargalhou levantando-a do chão.

- Quanto tempo, fedelha!

Ao colocá-la no chão a jovem pareceu um pouco mais tímida quando seu olhar encontrou os castanhos. Primeiro admirou a latina de cima a baixo com um sorriso torto. Seria típico deles, a latina pensou.

Depois deu um passo a frente.

- Você deve ser Camila. - a latina assentiu, mas foi puxada rapidamente para um abraço caloroso. - Bem vinda a casa, Camila.

A latina sorriu, pois era a única coisa que sabia fazer tamanha era sua timidez.

Taylor, que não precisou de apresentações, entrou deixando-as a sós. Lauren deu de ombros pedindo paciência e a puxou novamente pela mão.

Camila POV

Cancela todos os clichês que eu achei ter presenciado na minha vida ou nos filmes de Hollywood. Essa família supera todos e cada um deles. Como pode algo assim, Dios mío? Donde diablos me he metido!

Se a fachada já era de outro mundo, pisar nesse chão de mármore deve ser pecado. Eu consigo ver meu reflexo nisso aqui! E essa escada? Parece que a qualquer momento a cavalaria vai entrar para anunciar que a rainha chegou. Qual o problema desses gringos com o dinheiro?

Entramos e eu já quero me encolher dentro da minha própria mala. Não que o dinheiro me assuste, o que me assusta é o fato de Lauren não aparentar ter nada disso! Por Deus, ela dorme com camisetas de propaganda de bebidas alcoólicas!

E o que falar do teto? É tão alto que para trocar a lâmpada devem

usar no mínimo um andaime.

Mas cá entre nós, eu estou mais preocupada e ainda um pouco transtornada, com o fato de C. ser ninguém menos que a mãe dela! Eu nunca esqueci aquela mulher, nem nunca consegui achar nada que me levasse até ela para pelo menos agradecer.

- Camz? Está tudo bem? - Lauren me chamou ao pé da escada. - Estou te chamando! - assenti e caminhei até ela, quase que pedindo perdão por pisar aquele chão tão... brilhante.

- Sim, eu só estou um pouco impressionada... - ela me puxou pela mão novamente e logo estávamos em um corredor. Quem diz logo, diz mil degraus depois. Para quê tudo isso, madre de Dios?

O corredor eu nem comento. Se você juntas todas as toalhas lá de casa e costurar, não chega à metade do tapete que cobre o chão. E olha que somos sete pessoas! As paredes tem alguns quadros de aviões, barcos, mapas, alguns retratos da família e muitas portas.

Não se é na terceira ou na quarta que Lauren para e antes de entrar me olha meio sem jeito.

- Ok. Chegamos a um ponto muito delicado da relação. - assenti dando um passo à frente. - Você vai conhecer meu quarto... - ela parece nervosa. Provavelmente seja a primeira vez que outra mulher sem ser sua mãe e irmã entram aqui, mas confesso que toda essa ideia de ser "a primeira" é muito divertida.

- Anham...

- Você não pode desistir agora, tudo bem? - assenti rindo.

- Lauren, vamos logo. - ela respirou fundo e abriu a porta.

Quando eu digo que ela não tem nada a ver com essa família, não é brincadeira.

Esperava pôsteres de mulher pelada, carros, paredes pretas e caveiras como decoração. Quem sabe alguns livros ou como Dinah adora fantasiar, capsulas de sangue e cérebros de pessoas. Mas longe disso. Parece que Lauren Jauregui é a prática da expressão: as aparências enganam. O quarto é grande. Muito grande. O chão é feito de madeira marrom escura com um tapete cinza. As paredes, bom, as duas que tem, são brancas assim como o teto. Estão quase vazias, exceto por algumas fotos dela em sua formatura no colégio junto a Veronica e Lucy. Outra ao lado de seu pai com o uniforme de camuflagem. Também há algumas com seus irmãos, sorrindo abraçados ou quando pequenos. Sua mãe aparece em algumas na cabeceira da cama e só. Na parede ao lado direito, que dá para um closet e o que deve ser o banheiro, não há nada. O resto, são as vistas mais lindas que eu já vi na minha vida. Em forma de L, as paredes foram substituídas por janelas sem fim, que dão para uma sacada, e essa sacada tem como cenário o mar. A areia branca e as ondas ao fundo. É simplesmente mágica. A sensação de paz e tranquilidade que emana não tem descrição.

Voltando aos móveis, a cama é maravilhosa. Quadrada e enorme, os lençóis não poderiam ser outros que cinza e pretos, assim como as almofadas. A cabeceira é um branco acinzentado, e na parede que a suporta há uma foto a grande escala. Está em preto e branco e são as vistas do mirador de San Juan junto ao Gran Torino estacionado. Lauren está sentada no capô abraçando os joelhos e admirando a vista. Está vestida de preto e com seus óculos escuros. O cabelo solto está levemente balanceado pelo vento e ela parece calma, apesar da foto ser de perfil. E ali, no canto esquerdo e quase que escondidos, estão um violão e uma guitarra elétrica. Ambos na cor preta como eram de se esperar.

Fico parada olhando para os dois porque, nem em mil infernos eu diria que ela toca. E ela parece perceber porque se aproxima dos instrumentos sorrindo sem jeito. Linda.

- Gibson Angus Young SG e Rosewood, mais conhecidas como Lola e Rosa. Edições limitadas... - agora parece lembrar algo, pois está sorrindo ao deslizar a ponta dos dedos pelas cordas. - Um presente de minha avó.

- E você as chama Lola e Rosa? - ela revirou os olhos e apontou para mim.

- Cuidado com o que você vai falar. Elas são sensíveis! - não consegui reprimir o riso, mas seu nervosismo é o que mais me diverte. Ela suspirou olhando para as vistas graças a que as cortinas não estão. - Então... o que achou?

Sua insegurança nessas horas é o que mais me dá vontade de correr até ela e beijá-la de todos os jeitos possíveis.

- Surpreendente... e incrível. - ela sorriu de lado. Deus, você não pode fazer isso. Talvez nem saiba o efeito que tem, mas... é. Não dá.

- Provavelmente você esperava algo mais... heavy? - assenti. - É... desculpa pela decepção.

- Sem problemas. Acho que posso conviver com essa Lauren organizada e simples. - ela suspirou olhando para cima, fingindo alívio ao levar a mão ao peito.

- Isso me deixa muito mais tranquila! - reviro os olhos e ela se aproxima puxando-me para que me sente ao seu lado na ponta da cama.

Estamos olhando o mar em silêncio por uns segundos e ela brinca com meus dedos. Mas eu continuo nervosa. Não sei como agir porque constantemente estou mordendo a língua para não falar.

- Camz... - me chama sem desviar o olhar das vistas.

- Sim?

- Por que você está tão nervosa? - finalmente ela gira o rosto e... Céus... como ela é linda. Juro que queria entender o poder que esse olhar fixo tem, que parece que te desnuda por completo. Como se tivesse o poder de saber até seus pensamentos mais internos; de despertar os demônios ou de amansá-los. É como se ela fosse meu maior problema e a única solução de todos eles. - Camila?

- Eu preciso te contar uma coisa... - ela franziu o cenho, e quando faz

isso, quando está confusa e não entende algo parece tão... inocente.

- Conta. - e eu suspirei porque simplesmente não sei por onde começar. Girei o corpo um pouco para estar de frente pra ela, apoiando a perna no colchão. Ela fez o mesmo e apoiou suas mãos em minha coxa, apertando-a de leve para me dar a coragem necessária. Coloquei o cabelo atrás da orelha, porque não consigo evitar me sentir uma criança indefesa quando ela está tão pendente dos meus movimentos. Então simplesmente contei tudo com os detalhes que lembrava. Ela ouviu atentamente e séria. - E apesar de ter sido há muitos anos, eu tenho certeza, Lauren... Era sua mãe!

Quando acabei de contar, ela sorriu sem jeito e acariciou as costas das minhas mãos. Por que ela está rindo?

- Bom... Obrigada por ter compartilhado isso comigo... Eu...

- Você acha que é mentira, não é? Lauren eu...

- Camila! - me interrompeu bruscamente. - Eu acredito em você. - foi minha vez de franzir o cenho sem entender.

- Você... acredita? - ela assentiu. - Eu acabei de dizer que sua mãe apareceu na minha janela quando eu tinha seis anos, com um tiro na costela e que provavelmente estivesse fugindo do governo e você... acredita? - ela riu assentindo novamente.

- Sim.

- Por quê? - pergunto frustrada. Esperava um ataque de pânico. Pelo menos eu estaria assim se descobrisse isso. Mas ela suspirou e pigarreou coçando a garganta.

- Lembra o que eu te disse sobre ela?

- Que além de ser uma mulher com um temperamento difícil é professora de Literatura Universal?

- Antes disso... - penso um pouco no turbilhão de coisas que ela me contou nos últimos dias e então caio no mais evidente:

- Que ela trabalhou para o governo cubano? - Oh merda... isso tem que ser uma piada.

- Antes de ser professora, ela... - por favor que não seja o que eu estou pensando... - pertenceu ao Serviço Secreto cubano. Provavelmente essa foi a última missão que ela teve.

Levo minhas mãos ao rosto e acaricio a testa com os olhos fechados. Eu preciso ficar calma.

- Você está me dizendo que sua mãe pertenceu ao serviço secreto e que vocês sabem disso? - ela assente. Diablos... Respiro fundo e tento manter a calma.

- Mas agora ela é professora universitária e essa vida ficou pra trás...

Respiro fundo lentamente sentindo meu corpo fraquejar. Ouço a voz de Lauren um pouco longe me chamando, mas estou tonta. Sinto algo macio em minhas costas e meus olhos pesados.

Me cago en la puta. Diablos de familia complicada.
E a última coisa que eu penso, é que esse será um fim de semana
muito longo.

//

A ideia é pegar e não se apegar, vai que vcs acham uma família
Jauregui na vida?

Capítulo 29: V de Vendetta

Olá seres lindos! Hoje sem gaiatice porque vamos falar de um tema importante. Todos os dados que aparecem são reais e de fontes oficiais. Espero que quando chegue a parte da "explicação" vocês tenham paciência para ler tudo. Começamos a parte que eu mais gosto de escrever: suspense. Desde já peço desculpa pela sacanagem de acabar o cap na melhor parte, mas quero que vocês pensem comigo e adivinhem o que vai acontecer! Eis o desafio: quem será? Rá! Como sempre recomendo, agora mais do que nunca: prestem atenção nos detalhes.

Obrigada pelos votos e comentários, vocês me fazem feliz! Dá gosto escrever, sério!

TT: 5h1sthenewblack

Tudo nosso e nada deles! Vlw flws!

//

Quando Camila acordou, estava apoiada nos travesseiros e coberta. Sentiu um leve cheiro a perfume, não muito forte, e abriu os olhos lentamente. Sua cabeça estava doendo e pela tontura, a vista custou um pouco a normalizar. Mas logo identificou a silhueta de Lauren em pé ao lado da cama. A morena sorriu mostrando compreensão e desviou o olhar ao lado da latina, que o acompanhou encontrando com Clara sentada e sorrindo antes de explicar:

- Você desmaiou por alguns minutos, querida. – a latina se apressou em se sentar, percebendo que estava sem as sandálias e sentindo-se observada.

Lauren se aproximou com um copo d'água na mão e lhe ofereceu. Com um sorriso tímido, Camila aceitou e não deixou de perceber o silêncio incômodo enquanto bebia. Clara olhou para Lauren uma única vez e a morena revirou os olhos.

- Vocês precisam conversar... – explicou a latina que assentiu lentamente, entregando o copo vazio. – Estarei lá em baixo, qualquer coisa pode sair correndo... – a piada, no fundo, tinha mais de verdade do que ela podia pensar. Mas Camila assentiu entendendo e fechou os olhos quando Lauren se curvou para lhe deixar um beijo casto na testa.

Antes de sair, a agente direcionou um olhar à mãe, que revirou os olhos em resposta.

- Ela vai ficar bem! – não muito convencida, Lauren finalmente as deixou a sós. Camila se sentia vulnerável, como se novamente tivesse seis anos e aquela estranha acabara de invadir seu quarto. Depois de alguns segundos em silêncio, olhando-se seriamente as duas, não resistiram e começaram a rir. – Olá.

- Olá. – Camila respondeu tímida, brincando com a manga do blazer.

- Aqui estamos outra vez... – a latina assentiu mordendo o lábio inferior.

- O mundo é muito pequeno mesmo... – Clara sorriu assentindo.

- Fico feliz em te ver de novo, Camila. Sempre soube que você

chegaria longe. – a latina riu com desdém.

- Você me viu uma única vez. – Clara sorriu sem mostrar os dentes, torto como quem escondia alguma coisa a mais, e então ela soube de quem tinham herdado aquele gesto.

- Na verdade foram algumas... Tive que ter certeza de que você não se metia em problemas por me ajudar. – a latina franziu o cenho. – Acho que Lauren adiantou alguns detalhes...

- Que você trabalhou para o serviço secreto? Oh sim! – debochou. – Foi um detalhe muito importante... – apesar do tom de voz calmo, a menor se mostrava levemente irritada pela situação.

- Isso foi há muito tempo. Cojimar foi minha última missão. – Camila suspirou acalmando-se.

- Eu te procurei por um tempo, pra te agradecer pelo dinheiro... – explicou colocando o cabelo atrás da orelha e fitando os dedos.

- Não é necessário esse tipo de coisas, Camila. Você me ajudou muito mais do que eu a vocês, acredite. – Clara era calma e parecia ter muita paciência, pelo menos parecia... – Com a idade a gente acaba tendo certas dificuldades na hora de agir. Se você não estivesse naquele quarto, eu não teria chegado a tempo ao hospital. – a latina novamente franziu o cenho. Clara levantou a camisa na altura da costela e Camila não precisou de muito esmero para ver uma cicatriz mal feita no mesmo lugar que ela lembrava.

- Eu não entendi o que você tinha feito até que o tempo passou. Você está louca! – brincou sem disfarçar o susto. Clara deu de ombros e sorriu.

- Se não fosse pela garotinha astuta que você foi provavelmente teria sido pior. – com um sorriso tímido, Camila assentiu e ficou em silêncio. Franziu o cenho quando uma ideia rondou sua cabeça e olhou para sogra sem jeito antes de perguntar meio dubitativa:

- Lauren sabia que... – Clara se apressou em negar com a cabeça.

- Somos uma família muito liberal, mas isso continua sendo material classificado. – Camila assentiu novamente e o silêncio se manteve, até que Clara insistiu – Você contou a sua família?

- Não. Na verdade não contei a ninguém... – riu levemente. – Eles não teriam acreditado nem aceitado o dinheiro.

- Você conseguiu o carro? – Camila negou com a cabeça.

- Algo muito melhor. – Clara estreitou os olhos, mas o sorriso que a latina esboçou foi tão genuíno que ela não conseguiu se manter séria. – O restaurante da família.

- Oh o restaurante! – a matriarca torceu o lábio fingindo tédio. – Lauren não fala de outra coisa. Pelo visto sua mãe tem um ótimo dom...

- Sim... – respondeu acanhada, colocando o cabelo novamente atrás da orelha. Claro apoiou sua mão direita no joelho da latina e o apertou levemente.

- Sabe Camila... Lauren não foi de ter relacionamentos durante a juventude, e logo que cumpriu a maioria de idade, entrou no caminho do pai... Quando eu soube que ela tinha alguém... – a mulher estalou a língua dando três tapinhas no joelho da latina. – Eu não pude ficar mais feliz e curiosa. – Camila riu envergonhada, mas tentava manter o olhar nos olhos da sogra. – Não quis me meter com investigações nem fazer nada que pudesse incomodá-la, mas quando soube que vocês não poderiam entrar juntas devido aos novos acontecimentos da agência, suspeitei que tinha algo diferente em você. E se sou honesta, não gostei dessa ideia.

- Eu... – Clara levantou a mão pedindo que esperasse, e continuou.

- Mas eu pensei que, sendo a agente que ela é e com toda a experiência... Ela não traria alguém a casa se soubesse que nós não aceitaríamos. E só por isso, fiz questão de ajudá-las. E quando você desceu daquele avião... – a mulher suspirou sorrindo e acariciou novamente o joelho da latina. – Eu nunca fiquei tão aliviada e feliz por ter uma memória maravilhosa! – a latina riu novamente, ficando vermelha. – Não vou perguntar sobre o trabalho de vocês, nem quero interceder. Mas saiba que para mim e para Michael, você é muito bem vinda nessa casa.

- Obrigada... – contestou sem jeito.

- Não se sinta coibida com a gente. Somos mais normais do que parece. – zombou tirando a tensão do momento. Após dar outros tapinhas suaves no joelho de Camila, Clara se levantou e ajeitou a camisa, suspirando. – Agora vou descer e acabar o almoço. Não será como o de sua mãe, mas com certeza você vai adorar. – se agachou um pouco para sussurrar – Lauren deve estar na porta esperando, com medo de que você realmente saia correndo...

Camila mordeu o lábio e tapou a boca com a mão. Após uma rápida piscadela, Clara foi até a porta e a abriu de repente. Lauren, que estava apoiada na mesma, praticamente caiu dentro do quarto. Envergonhada frente à mãe que estava com os braços cruzados e cara de poucos amigos, a agente se manteve reta.

- Ia te chamar porque a comida está queimando...

- Anham. – Clara deu um passo a frente e sorriu, fazendo a filha suspirar aliviada. – Você fez a escolha certa, querida. – deixou um beijo na bochecha da morena e saiu.

Camila tinha a sobrancelha arqueada e segurava o riso quando Lauren fechou a porta e caminhou até a cama, suspirando.

- Ela dá esse sorriso assim, mas você não tem ideia da agilidade que ela tem com facas. – sentou-se na cama e roubou um selinho demorado da menor. – Como você está?

Camila se acomodou no peito da morena, sentindo o alívio com as carícias que Lauren fazia em seu cabelo e suspirou.

- Assustada. Nunca imaginei que... bom... a mulher que praticamente mudou a vida da minha família seria sua mãe... – Lauren riu fazendo seu peito vibrar

e Camila se remexer um pouco.

- Se ela já estava louca por você sem nem te conhecer, agora você vai ser algo assim como a nora perfeita. – afastando-se um pouco, a latina sorriu arqueando as sobrancelhas. Lauren revirou os olhos e a puxou de volta. Continuaram por alguns minutos em silêncio. Lauren acariciando o cabelo de Camila, e esta brincando com a barra da camisa da morena. – Então... tudo bem? – a latina sorriu internamente com o nervosismo da maior, mas se afastou assentindo.

- Vai demorar um pouco pra acostumar com esse... detalhe. Mas acho que o pior já passou.

Com um sorriso sem mostrar os dentes, Lauren a puxou quase para seu colo e iniciou um beijo lento. Camila correspondeu sem duvidar, mas quando sentiu as mãos da morena em sua bunda, se afastou minimamente sorrindo e recebeu um grunhido como resposta.

- Camz... – a latina riu apoiando os braços no ombro da agente e negou com a cabeça.

- Seus pais estão lá em baixo e não tem nem duas horas que fizemos! – Lauren direcionou seus lábios no pescoço da menor, dando beijos longos alternados com mordidas.

- Mas eu quero toda hora... – Camila sentiu o arrepio recorrer seu corpo e precisou fechar os olhos com força para se afastar, segurando o rosto da morena entre suas mãos para controlá-la.

- Acho melhor eu ir pro meu quarto. – Lauren franziu o cenho e logo sorriu torto. Camila não entendeu e estreitou os olhos ante o cinismo da outra.

- Esse é o seu quarto.

- Como assim?

- Camila, meus pais não são idiotas... – a latina se afastou, saindo rapidamente da cama e visivelmente exaltada.

- Eu sei que eles não são idiotas... eles fizeram três filhos com muito esmero! Com todo respeito, claro. – Lauren franziu o cenho sem entender. A latina empinou o nariz e cruzou os braços antes de sentenciar – Lauren, eu não vou ficar no mesmo quarto que você na casa dos seus pais. – a morena abriu a boca e a fechou, tentava falar sem conseguir expressar nada ante a confusão.

- Mas... – a latina começou a bater o pé e permaneceu na mesma pose, até que Lauren suspirou pedindo calma aos céus. – Camz, isso é uma estupidez.

- Pra mim se chama respeito.

- Mas não há nenhum problema em dormir aqui! Quando Taylor traz o namorado, ele dorme no quarto dela! E ela é menor que eu!

- E o que eu tenho a ver com isso? – Lauren respirou fundo de novo.

- Eles não se importam com isso, Camila.

- Mas eu sim. – a morena apertou os dentes, mantendo a calma por fora.

- Você não quer dormir comigo? – perguntou finalmente e foi a vez da latina abrir a boca imediatamente para responder, mas fechá-la logo em seguida.

- Argh! Não tente virar o jogo, não se trata disso! – Lauren deu de ombros.

- Estou dizendo que não há problema e você insiste em que quer dormir em outro quarto... então você não quer dormir comigo.

- Esse não é o ponto, Lauren! – a morena se levantou cruzando os braços.

- Claro que é. A pergunta é simples. Você quer dormir comigo ou não?

– Camila estreitou os olhos e em seguida empinou o nariz novamente para responder:

- Na casa dos seus pais, não. – Lauren arregalou os olhos e abriu a boca, pois não esperava aquela resposta.

- Você está falando sério? – Camila assentiu. Com um bico que quase chegava à praia, Lauren levou as mãos à cintura e olhou ao redor, assentindo lentamente. Camila estava morrendo de vontade de voltar atrás, também de gargalhar pela pose da morena, mas se manteve firme. Até que Lauren deu de ombros e foi a vez da latina ficar confusa. – Tudo bem.

- Tudo bem?

- Sim. Se você quer tanto dormir em outro quarto, vamos.

Lauren saiu na frente pegando a mala da latina e abrindo a porta.

Camila ficou ali parada com a boca aberta e estupefata com a ação.

Pegou as sandálias no chão e saiu andando rápido em direção ao corredor. Viu que duas portas depois havia uma aberta e foi até lá. De fato, era o que ela pensava.

Lauren tinha colocado a mala ao pé da cama em um quarto um pouco menor e mais simples. Uma cama de casal ao centro, uma penteadeira, um armário pequeno e um sofá com duas poltronas.

- O banheiro está na porta da frente. Tem toalhas limpas e tudo que você precisar. As cortinas abrem com esse controle... – pegou o objeto em cima da cama e mostrou - Mas o sol quase não bate aqui, então o quarto fica mais frio...

Começou a explicar tudo rapidamente e séria. Camila piscava lentamente, digerindo tudo que via. Ela estava realmente irritada. Apesar de que a latina tinha vergonha, talvez tivesse exagerado um pouco... mas agora era tarde para voltar atrás e ela não mudaria de ideia. No fundo já estava se arrependendo.

Além do tráfico de drogas há uma razão, um pouco menos conhecida, pela qual a cidade mexicana Juárez, estado de Chihuahua é conhecida e temida.

Desde janeiro de 1993 o pesadelo para mais de 20 000 famílias começou

Mulheres jovens e adolescentes entre 15 e 25 anos de idade, geralmente com poucos recursos econômicos e que são obrigadas a trabalhar desde

cedo.

Mais de 800 mulheres que, antes de ser assassinadas, são cruelmente violadas e torturadas.

A população acusa as autoridades pela passividade frente ao caso, enquanto a Corte Interamericana de Direitos Humanos acusa o Estado Mexicano dos fatos.

O Estado de Chihuahua se localiza na fronteira com os Estados Unidos, separados unicamente pelo Rio Bravo que une o estado à cidade de El Paso, Texas.

Tanto a atividade criminal como o crescimento demográfico começou a aumentar drasticamente com a industrialização da zona e, especialmente, pelo Tratado de Livre Comércio da América do Norte em 1994. Esse tratado foi as portas para o sonho de mudar de vida a muitas mulheres. Melhores oportunidades e condições de vida. Então elas foram atrás.

A primeira vítima contabilizada foi Alma Chavira Farel, em janeiro de 1993. Desapareceu sem deixar pistas e sua família nunca obteve respostas.

Em maio de 1993, Gladys Janeth Fierro, 12 anos de idade foi encontrada morta por estrangulamento e com sinais de violação. Em setembro de 1995, Silvia Rivera Morales, 17 anos foi encontrada ao sul do aeroporto, violada, estrangulada e torturada brutalmente.

Mas a tortura era algo novo... E se repetiu no mesmo ano e no mesmo lugar, em um bairro favorecido.

1996, seis corpos foram encontrados na zona desértica Lomas de Poleo.

Mulheres, jovens, esfaqueadas, multiladas e violadas.

Sagrario González, 17 anos. Saía de trabalhar quando desapareceu em abril de 1998. Dias depois foi encontrada em um terreno baldio morta, violada, estrangulada e esfaqueada.

Mas os últimos corpos tinham um detalhe. Nas costas, desenhado com um objeto pontiagudo, um triângulo.

Em fevereiro de 1999, o presidente do México, então Ernesto Zedillo, se reuniu com Bill Clinton em Mérida, estado de Yucatán para pedir apoio nas investigações. No mês seguinte, o caso passou as mãos do FBI, mas as investigações não tiveram resultado algum.

Somente no ano de 2007, as autoridades contabilizaram um total de 7700 assassinatos. No ano de 2011, 1910 mulheres foram vítimas dos abusos do machismo.

E a cifra continua.

Atualmente um 77% desses crimes estão sem resolver.

As fábricas de onde procedem todas as vítimas, "Maquiladoras", se caracterizam por:

Mão de obra barata

Exploração laboral

Só trabalham mulheres. A maioria, emigrante do campo.

Sem educação

Salários precários

O sonho de ser "mulher independente e moderna" as leva a um destino vulnerável e sem segurança.

Mas, além das Maquiladoras e do Tratado de Livre Comércio há um fator mais preocupante. O machismo. Desde o ponto de vista do patriarcado, há duas expressões no México comumente usadas para mostrar a diferença entre homens e mulheres: o machismo e o marianismo. A primeira se caracteriza pela agressão e força masculina, e a segunda pela subordinação e desenvolvimento do gênero doméstico. O marianismo espera que a mulher cumpra com o papel doméstico de "mulheres e esposas", abstendo-se de realizar trabalhos remunerados fora do lar. A violência de gênero na Cidade de Juárez pode ser uma reação negativa contra a mulher que obtém uma maior autonomia pessoal e independência, enquanto os homens acabam perdendo com isso a condição de gênero dominante.

Os feminicídios estão ligados, alguns, ao tráfico de drogas e trata de pessoas. Juárez é a sede do cartel de drogas mexicano conhecido pelo seu alto nível de violência direta a população. Além do mais, as gangues são uma ameaça permanente, principalmente as mulheres da fronteira. A atividade das gangues cria um alto risco devido a baixa proteção institucional existente. Mas de todos, apenas 1% dos crimes são responsabilidade dos narcos.

Veronica e Lucy estavam no armazém junto a Dinah, Normani e Allyson. Conversavam sobre as edições anteriores da Race War quando Dinah foi chamada para receber um pacote sem remetente.

A loira o levou até o andar de cima analisando-o por todos os ângulos com o cenho franzido. Ao vê-la, Normani se preocupou:

- O que foi?

- Chegou isso pra gente... – Ally franziu o cenho e esticou o pescoço tentando ver antes de falar

- Como assim pra gente?

- Tem nosso nome. Dinah Jane, Normani Kordei, Allyson Brooke e Camila Cabello. – Vero se adiantou e esticou a mão:

- Posso ver? – Dinah lhe entregou o pacote e a morena junto a Lucy se ocupou em abri-lo.

Retangular e com uma grossura relevante, Vero não viu problema em retirar o envoltório para descobrir uma caixa em tamanho A4. Quando a abriu veio a surpresa. Se tratava de um arquivo confidencial com o carimbo do FBI e o símbolo do estado mexicano.

Todas se entreolharam e deram de ombros ao mesmo tempo. Lucy optou por pegar as luvas de látex antes de abrir a pasta e qual não foi sua surpresa quando descobriram um relatório informativo sobre uma investigação que, pelo visto,

estava aberta novamente:

"La Cazadora de Chóferes" era o nome e não era difícil saber por quê. Por isso, quando Lucy leu o nome da missão, as outras arregalaram os olhos.

- Que foi? - Vero perguntou confusa. Dinah suspirou e começou a explicar:

- La Cazadora de Chóferes é o nome que a polícia deu a uma mulher... na verdade uma vingadora que apareceu em 2013. Foi responsável por assassinar vários motoristas sem nenhum motivo aparente. -

Allyson continuou:

- Até que ela enviou uma carta explicando aos meios que seu motivo era vingar as mulheres assassinadas e violadas nos últimos 20 anos pelos motoristas de ônibus.

Normani que estava visivelmente afetada olhando para o centro da mesa, prosseguiu:

- Lembro dos titulares. Publicaram alguns trechos da carta... começava com um "Se creen muy malos, ¿Verdad?". O primeiro assassinato foi o mais limpo de todos. Três tiros certeiros na cabeça... Os outros foram mais cruéis. Tiros e sempre deixando o filho da puta vivo para tentar fugir e acabar morrendo no caminho.

Lucy estava surpreendida e visivelmente curiosa.

- Mas não pegaram ela? Ouvi sobre isso na agência... - Dinah riu com escárnio antes de responder:

- Pegaram uma tal Diana que assumiu a autoria de dois assassinatos, mas um tempo depois continuaram... Ela foi a heroína do país por muito tempo, mas desde que os meios não falaram nada mais sobre ela, a gente não sabe se de fato acabaram ou se ela continua com a vingança.

Lucy continuou passando as folhas que continham fotos, dados, endereços, alguns resultados de exames de DNA e comparação de resíduos.

- Essa investigação está mais do que completa, mas parece que só leva a becos sem saída... - disse sem desviar o olhar dos arquivos. Vero olhou novamente dentro do envelope, retirando outro na cor branca e menor, também sem remetente. Dinah o retirou de sua mão e o abriu, lendo em voz alta:

¿Qué mejor silencio del que la muerte? Mejor no hagas las preguntas que no quieres oír la respuesta.

LCDC.

Ficaram em silêncio digerindo as palavras.

Ally, a mais confusa de todas, olhou para Vero e Lucy que pareciam temerosas:

- O que ela quis dizer com isso?

Vero suspirou encarando-a e depois de olhar uma a uma, respondeu:

- Ela está pedindo ajuda.

Foi a vez de Normani interceder:

- Ajuda para quê?

Lucy fechou a pasta enquanto retirava as luvas e respondeu:

- Para continuar com a vingança.

//

BANG, BANG! Gostaram? Aceito teorias desde já!

Muitas pra falar hoje com vcs, então peço desculpa pela extensão das notas.

Primeiro, meu Deus eu não respondo os comentários, MAS LEIO TODOS, LEIO TODOS JURO JURADINHO E DOU MUITA RISADA COM VCS

Segundo, as pistas serão claras sempre, mas a intenção é confundir vocês ao máximo. Adoro as teorias e adoro o suspense, então vou demorar a mostrar quem é a caçadora. Na vida real, Diana é a própria e já foi presa. Ela só assassinou dois dos motoristas dos ônibus que transportavam as operárias das maquiladoras. Na fic, Diana será a "falsa caçadora" e foi presa, mas os assassinatos continuaram. Desta forma, pra gente a caçadora segue solta e Diana se converte em mais um personagem misterioso. Por que ela se entregou sendo inocente? Por que a Caçadora pediria ajuda a um grupo de pseudotraficantes? Qual o vínculo que faria uma assassina em busca de vingança chegar a esse extremo?

Pretendo deixar o mistério um bom tempo, mas entre as possíveis pistas e descobertas já será revelada a assassina, só que como vou confundir, resta saber quem de todas é a verdadeira, entenderam? Bem, até aí perfeito. Agora, a forma que ela vai se comunicar com as meninas... considero que o espanhol é a chave da fic. Vocês precisam pensar comigo. Se passa no México e o tempo todo, entre elas, falam em espanhol, mas é como se estivesse traduzido e então a gente lê em português. Pra viver a história precisamos do cenário detalhado, por isso quando Vero, Lucy e Lauren conversam entre elas, é em inglês, as gírias e códigos do FBI também... As cartas da caçadora são em espanhol, e eu considero que mantê-las assim deixa o assunto mais interessante, veraz... entendem? Assim como algumas palavras e expressões. Como Chihuahua é a fronteira, as meninas falam inglês e entendem perfeitamente... Mas usarei mensagens fáceis de entender ou deduzir pra ser mais fácil traduzir e nas notas finais deixarei a tradução literal. A não ser que vcs prefiram que eu já coloque em PT, sou a súdita e vcs rainhas queridinhas. Então, como boa defensora da democracia que sou, deixo vcs decidirem e vamos ao consenso:

Tudo em PT ()

Manter o ES ()

Só isso, segue o cap e continuo agradecendo aos votos e comentários sempre.

*Puente de las Américas: ponte na fronteira de El Paso, que une México com EUA, é custodiada por militares e BEM TENSA ALÉM DE MOVIMENTADA.

*** A música que a Lauren canta é a introdução de 679 na versão cover que está na playlist. Falando nela, fiz uma versão da playlist bad só com música

em espanhol pra chorar as pitanga com uma José:

<https://open.spotify.com/user/nfreitasm/playlist/1LXgwgorsDdREuAOsSOoQb>

(vou deixar no twitter e na sinopse tb!!!)

//

Presidio Paso del Norte, Ciudad Juárez – México

A sala de visita estava repleta de mulheres com um conjunto cinza e um crachá com seu número de identificação, ansiosas pela chegada de seus visitantes. Algumas golpeavam os dedos na superfície metálica das mesas, olhando constantemente pra porta.

Não era muito difícil a vida das detentas. Quero dizer, dentro do cabe estar condenada a viver daquele jeito por anos e muitas vezes sem esperanças de recuperar a vida que deixaram ao entrar. Mas a verdade é que muitas haviam aceitado seu destino. Assassinato, tráfico, prostituição, roubo... A lista de crimes era extensa e a de vítimas, em muitos casos, também. Outros chegavam a ter um motivo tão banal que elas mesmas se perguntavam por qué carajos não pensaram um pouco mais antes de arruinar a vida por um cabrón infiel.

É surpreendente a quantidade de mulheres que estão ali pelo simples fato de não perdoarem a infidelidade do companheiro e acabar assassinando-o junto a sua amante. A honra, no bairro, é algo muito mais importante do que a própria liberdade. Mas uma delas destacava entre todas. Não por suas vestes, penteado ou tatuagens. Se não pelo contrário. Andava sempre sozinha, olhar frio, cenho franzido e cara fechada. Estatura média, cabelo sempre preso e cicatrizes pelo corpo. Suas feições eram de uma mulher que, em algum momento de sua vida, fora bonita. Mas com o passar dos anos e o desgaste de carregar o passado consigo fizeram de suas rugas algo mais visível do que a própria beleza.

Ninguém falava com ela, também porque ela não responderia. Mas todas conheciam seu nome e sua história.

Outra coisa que destacava era que, desde que se entregou, nunca, e dou ênfase na palavra: nunca, havia recebido uma visita.

Até então.

Com mais sobrepeso do que o possivelmente regulamentado pelo código de defesa, a carcerária se aproximou da cela 527 com a cara de tédio de sempre. Um mecanismo que usava para se proteger do olhar atravessado de algumas detentas. Parou frente a enorme grade de metal e com o cassetetes deu três golpes na fechadura. A mulher que estava até então deitada e lendo um livro, *El Vendedor de Sueños* de Augusto Cury. Abaixou o livro minimamente ante o barulho, levantando a vista. A agente não se amedrontou com o olhar severo, avisando:

- Visita. – não evitou franzir o cenho ante a notícia, levantando-se imediatamente. Calçou os crocks negros e logo estava de pé.

Caminhou pacientemente até a porta que sempre passava sem olhar e esperou até que a agente a abriu. Passou o olho lentamente pela sala, até que na

última mesa, ao fundo, quase que pegada à parede encontrou o olhar que há anos havia deixado para trás. Respirou fundo e foi até o encontro, sentando-se cara a cara com seu passado.

- Estava começando a pensar que esse dia nunca chegaria. – sua visitante, uma jovem com a mesma seriedade esboçou um sorriso triste ante a confissão:

- Desculpe pela demora, as coisas se complicaram.

- Sem problemas, mija. Mas vamos ao ponto, não temos muito tempo. – a jovem assentiu concordando e, depois de olhar por cima do ombro da mulher a sua frente, apenas para confirmar que ninguém as observava, falou:

- Acho que chegou o momento de continuar. O tráfico está parado e uma guerra entre cárteles está por vir. Entre os enfrentamentos e transportes, os maderos vão estar mais ocupados do que nunca. – a mulher assentiu acariciando o queixo.

- Pode ser... Você conseguiu os arquivos? – a jovem assentiu veemente, apoiando-se um pouco na mesa para falar mais baixo.

- Não foi nada difícil e já tenho a relação de trinta suspeitos, com endereço e foto atualizada.

- É um bom começo. E o que achou sobre os maderos? – a jovem trincou o dente e respirou fundo antes de continuar.

- Encontrei a ficha de Zuñiga. – ao ouvir o nome, a mulher fez o mesmo gesto de raiva da jovem. – El muy cabrón conseguiu o posto de delegado da Polícia Federal de Juárez. – sem conseguir reprimir seu ódio, a detenta espalmou as mãos na mesa, curvando-se um pouco para frente com os olhos brilhando:

- Quero esse hijo de la chingada pendurado en el Puente de las Américas!* – a jovem assentiu e suspirou. – Mas muito cuidado com pedir ajuda, seu registro ainda está nos arquivos. Evite chamar a atenção e se as coisas complicarem, paramos novamente. Entendido? – assentiu novamente. – Muito bem. Como você está? – perguntou com um tom mais suave, mas ainda com a expressão séria, o que fez a jovem rir.

- Bem, obrigada por perguntar. E você? – ela deu de ombros.

- Mal, mas acostumada. Você está muito bonita... – ressaltou com um âmago de sorriso. A jovem envergonhada retribuiu.

- Obrigada.

- Um minuto! – a carcerária gritou fazendo com que todos a olhassem e se retirou.

- É hora de ir. Continue com o trabalho e volte apenas quando tiver notícias, tudo bem? – a jovem assentiu vendo como a mulher se levantava. Quando estava prestes a virar as costas, a puxou pela mão:

- Diana... – a mulher a olhou sentindo o aperto ficar mais forte. – Foi bom te ver. – a mulher por primeira vez sorriu e assentiu levemente.

- Lo mismo digo, mi niña.

Sem mais, deu as costas e seguiu seu caminho adquirindo sua postura séria e firme novamente. A hora da vingança finalmente havia chegado.

Miami, Florida – Estados Unidos

Camila estava sentada em seu quarto olhando para mala fechada a sua frente. Que diabos ela havia feito ao pedir ficar em quartos separados? Bom, mas não teria muito tempo para pensar, pois três toques a fizeram acordar de seus devaneios.

- Passe! – a porta se abriu levemente com uma Taylor confusa olhando o quarto.

- Lauren me disse que você estava aqui... – a latina assentiu com um sorriso amarelo, percebendo o quão havia sido idiota se até a irmã achava estranho a separação. – Por que você está aqui? Vocês já brigaram? Eu sei que ela é uma babaca resmungona, mas...

- Eu que pedi! – interrompeu fazendo a jovem ficar com a boca aberta. Taylor piscou lentamente e logo fez uma careta de confusão.

- Você pediu pra ficar em outro quarto? – Camila assentiu praguejando-se internamente. – Por quê?

- Eu... não quero desrespeitar seus pais... – Taylor, que estava séria, gargalhou de repente assustando-a.

- Deus, você é tão fofa! – com a mão na barriga, a loira se aproximou puxando a mão da latina para fora do quarto. – Tudo bem, se você acha que assim é melhor, não vou dizer nada. Pensei que a cara de idiota da minha irmã era porque vocês haviam discutido, mas agora tudo faz sentido! – Taylor falava muito e muito rápido. Arrastava Camila pelo corredor e escada sem deixá-la falar. Quando estavam próximas à porta que, pelo barulho Camila deduziu ser o cômodo onde iam comer, a loira se deteve e a encarou. – Não sei se vai servir de muito, mas meus pais não ligam para essas coisas. Provavelmente meu pai vai te perguntar quando você pretende voltar com um neto e minha mãe... bom, ela me dá saís de banho para usar com meu namorado. – Camila engoliu a saliva com dificuldade para não soltar um palavrão com a confissão. – Assim que, se for por eles, não se preocupe. Pode invadir o quarto dela de madrugada à vontade.

Com uma piscadela, Taylor a deixou ali parada e entrou falando sobre estar morrendo de fome e que já havia chamado a convidada. Camila respirou fundo olhando-se no reflexo de um armário de vidro que havia ao lado da porta.

- Pendeja! – disse para si. Normal que estivesse frustrada, havia sido uma idiota para nada.

Respirou fundo novamente, passou a mão pelo cabelo e então abriu a porta. Para sua surpresa estava na cozinha. Era grande, espaçosa e com os moveis perfeitamente colocados. O chão era de granito branco, brilhante como tudo na casa. A mesa ao centro era branca com cadeiras vermelhas. As paredes tinham um

revestimento de madeira, em um tom marrom claro enquanto os armários e gavetas eram uma mistura de vermelho e branco. A geladeira era grande, duas portas e de metal, assim como os outros eletrodomésticos. Havia alguns quadros com comidas e uma réplica da última ceia a sua direita. Bom, ela achava que era réplica. Com aquela família tão peculiar, não se surpreenderia se fora a original roubada no mercado negro.

Mas voltando a sua surpresa, era que a outra porta que havia estava aberta e podia escutar risadas. Continuou seu caminho até que encontrou uma mesa com uma toalha branca colocada sob a grama. Era o jardim. Flores de todos os tipos e cores, uma churrasqueira muito parecida a de seu pai estava queimando alguma coisa onde Michael, com um gorro de cozinheiro, bermuda, uma camisa de basquete do Miami Heat e sandálias revirava a carne. Clara estava sorrindo enquanto Chris a beijava de uma forma exagerada. Taylor remexia a salada e Lauren revirava os olhos bebendo um gole de cerveja. Sim, cerveja. Corona.

A latina sorriu sentindo o alívio invadir seu corpo.

Os Jauregui eram tão normais quanto sua família. Os mesmos costumes, porém de uma forma mais... sofisticada. Pensou que Dinah estaria gritando alguma coisa para Ally e sendo repreendida por Sinu. Normani estaria sentada rindo baixo junto a Sofia e seu pai estaria com Mike conversando alguma coisa. O cenário era tão real em sua mente que não percebeu que todos estavam em silêncio olhando-a. Em especial Lauren que parecia abobalhada com a cerveja a meio caminho. Se cansaria alguma vez de admirá-la?

Quando se aproximou, a latina enfim acordou sorrindo largo e sinceramente.

- Está tudo bem? – a morena perguntou recebendo um aceno como resposta.

- Melhor do que nunca. – com a resposta, Lauren preferiu ignorar sua

irritação respeito a cena de dormir em quartos separados, e por isso a abraçou colocando o braço sob os ombros da latina e puxando-a até a mesa.

Todos estavam sorrindo abertamente com a cena, o que fez a morena revirar os olhos e Camila sorrir envergonhada.

- Não acredito que eu vivi para ver esse dia! – Chris zombou, mas logo deu uma piscadela para irmã, oferecendo mais uma cerveja. – Camila, me disseram que você como boa mexicana adora cerveja.

- Sim... – respondeu envergonhada. Chris pegou mais uma na bacia cheia de gelo que estava ao seu lado e a abriu, estendendo-a enquanto dizia:

- Ótimo, porque nós também!

Camila aceitou e se manteve sob o abraço cálido e seguro de Lauren. Clara que parecia a mais feliz entre todos, havia optado por uma taça de vinho enquanto analisava a mesa para ver se estava tudo perfeito:

- Acho que podemos comer. Mikey, que demora é essa?! Camila deve

estar morrendo de fome! – o patriarca olhou para latina assustado, mas ela se adiantou em falar:

- Oh não! Eu estou bem... Lauren fez um sanduíche no avião, acho que posso esperar.

Como se tivesse dito algo errado, jurou ter escutado um "merda, Camz" da boca da morena quando todos a olharam entre surpreendidos e assustados. Camila bebeu um gole da cerveja disfarçando seu constrangimento esperando que alguém a salvasse. Clara, fechando a boca e sorrindo aos poucos foi a encarregada:

- Oh... Tudo bem então. Mas eu estou com fome! – disfarçou. A latina olhou para Lauren assustada e sussurrou:

- Disse algo errado? – a morena suspirou negando com a cabeça, mas quando ia responder, Taylor se aproximou rapidamente segurando o rosto da latina entre as mãos:

- Ela fez um sanduíche pra você? – Camila assentiu lentamente, até que sentiu seu rosto sendo puxado e um beijo estalado em sua bochecha – Camila, você já é minha pessoa favorita nesse mundo! Ela não faz esse sanduíche nem pra mim! Sério, não sei o que você tem ou faz, mas já te adoro!

Taylor voltou ao encontro dos outros e Chris simplesmente levantou sua cerveja, acenando pra irmã. Lauren estava constrangida e revirou os olhos quando viu o sorriso triunfante no rosto de Camila.

- Cala a boca. – resmungou, mas a latina deu de ombros.

- Eu não disse nada... – levou a garrafa até a boca e antes de beber continuou: - ... ainda.

- A carne já está pronta! – Michael avisou levando a bandeja até a mesa e se sentou na cabeceira. Clara estava ao seu lado direito junto a Chris. Do outro lado, Taylor e Camila que estava por sua vez ao lado de Lauren que estava sentada na outra cabeceira.

Banana frita, arroz a la cubana, salsas, salada de alface com milho e queijo branco, pão, e costelas. Camila se sentia em casa. Só que dessa vez percebeu a diferença. Cada um serviu seu próprio prato. Enquanto Sinu estava acostumada a mimar as filhas e o marido, os Jauregui eram independentes. Michael cortava a carne para facilitar a degustação enquanto os outros se serviam calmamente. Não havia briga pela quantidade ou pedaços de pão voando pela mesa. Mas não que reclamasse, adorava aquela peculiaridade em sua família.

Outro detalhe foi que, já servidos, todos estavam prestes a comer depois de dizer "bom apetite", mas Lauren pigarreou chamando a atenção quando Camila a olhou com o cenho franzido. Michael e Chris pararam com o garfo prestes a entrar na boca, olhando-a:

- Camila costuma agradecer os alimentos antes de comer. – envergonhados, os dois largaram o prato e esperaram. Sem saber o que fazer, olharam para Lauren que imediatamente estendeu a mão. Chris apoiou a sua, logo

Clara e assim sucessivamente. De mãos dadas e olhos fechados, Lauren olhou uma última vez para Camila que estava sorrindo triunfante antes de começar:

- Deus, agradecemos pelos alimentos e todas as pessoas que contribuíram para que essa mesa estivesse repleta. Abençoa essa refeição e a família Jauregui com suas dádivas e proteção, e fazei com que a união e harmonia permaneçam no lar. Amém.

Todos repetiram o "amém" em sincronia e esperaram a que a latina fosse a primeira em provar. Sorrindo enquanto mastigava, Camila observou como todos voltavam a comer animadamente.

Lauren também tinha um sorrisinho nos lábios não só pelo constrangimento que havia causado a sua família, mas pela satisfação da latina com o ato.

- Camila, prove a salada! Fazia muito tempo que não a preparava! – Clara disse ao ver o prato da latina só com arroz e carne. – Os meninos quase nunca estão em casa e Mikey come na base.

Sem esperar por uma segunda ordem, Camila se serviu provando-a.

- Está no ponto! – elogiou. – Na verdade tudo está maravilhoso! – Clara suspirou quase que apaixonada e Michael assentiu agradecendo. Ele ainda usava o gorro e quando Clara o viu, revirou os olhos.

- Ele se acha o cozinheiro com isso, mas quem acende a churrasqueira sou eu! – espetou.

- Mulher, você não precisa me ridicularizar assim na frente dos meus filhos e nora! – reclamou fingindo irritação. – Camila, na verdade eu odeio tudo que tem a ver com tecnologia. Desde que substituíram o carvão por essa coisa elétrica, mal sirvo para isso!

Taylor então aproveitou para interceder:

- Até hoje ele procura a caixa de mensagem no celular!

- Pra quem encarou uma guerra sem munição extra e chegou vivo à base, esses aparelhos são uma perda de tempo! – todos reviraram os olhos, mas a loira continuou:

- Sem essa, papai. Essa desculpa com a gente não é válida!

Chris emendou:

- Já destruí um refúgio terrorista com um motor em chamas e o combustível no vermelho, pousando de emergência no quintal de uma roça e mesmo assim sei fazer uma ligação! – Michael revirou os olhos segurando a costela nas mãos.

- Olha só para seus filhos, Clara. Acham que já viram tudo nessa vida... – a mulher suspirou limpando os lábios antes de responder

- Gostaria de vê-los com os rebeldes! – Mike gargalhou deixando a cabeça cair para trás.

- Eles teriam feito picadinho de vocês! – Camila, estranhando o tipo de

brincadeira, olhou para Lauren que deu de ombros como dizendo "é o normal por aqui". Clara mexeu a mão com desdém, pegando a taça de vinho:

- Camila, querida. Não estranhe esse tipo de coisa, parece que eles não conseguem manter uma conversa sem relacionar algo ao exército.

- Tudo bem. Soa... interessante.

- Suponho que seus pais são mais normais... – continuou, mas a latina apenas deu de ombros sorrindo com timidez, ou talvez orgulho:

- Provavelmente minhas irmãs estariam brigando por mais comida enquanto minha mãe fica louca tentando acalmá-las, e meu pai estaria sorrindo desde a cabeceira da mesa porque não importa a quantidade que faz, elas sempre brigam... – todos estavam sorrindo também. Chris, curioso, disse:

- Isso soa mais interessante que nossas batalhas. Quantas irmãs você tem?

- Quatro. – o jovem assentiu levantando a garrafa

- Um brinde a seus pais! – Clara lhe ofereceu um tapa na nuca. – Ai, mãe!

- Olha o respeito, fedelho! Todas são da sua idade? – Clara continuou

- Sofia é a menor, tem 17. Allyson 24, Normani 23, Dinah 22 e mês que vem faz 23... e logo estou eu com 23 também. – todos se olharam percebendo o detalhe das idades, mas Taylor perguntou:

- Mas vocês são trigêmeas? – rindo, Camila negou com a cabeça.

- É uma longa história. Digamos que Dinah, Normani e Allyson são adotadas...

- Ah sim! – a loira assentiu sorrindo. Michael assobiou ao fazer as contas e disse:

- Deve ser uma loucura para seu pai viver com esse tanto de mulher!

- Lauren assentiu e se intrometeu:

- Você nem imagina! Quando elas decidem falar ao mesmo tempo ou te olham como se estivesse te desafiando a falar algo, acho que consegue ser um cenário pior que o da guerra! – todos riram, mas a morena olhou pra Camila piscando o olhos.

- O sangue latino, mija... o sangue latino... – Clara explicou. Osilêncio reinou novamente e continuaram comendo.

De vez em quando falavam sobre a comida, até que finalmente acabaram e estavam apenas bebendo e brincando um com o outro. Foi então que Michael aproveitou para falar:

- Bom, e quando conheceremos sua família, Camila? – Lauren que estava prestes a beber congelou, Camila a olhou pedindo ajuda e todos ficaram em silêncio observando-as.

A morena bebeu e engoliu com calma, pensando em uma resposta.

- Em... Não sei, papai. Acho que poderíamos esperar um pouco mais para isso...

- Por quê? – insistiu confuso. Lauren olhou para Camila e a latina viu então sua oportunidade. Já se sentia em casa, não havia mais vergonha.

- Bom, tendo em conta que sua filha nem sequer me fez um pedido oficial... – Chris cuspiu a cerveja que estava bebendo, Taylor, Clara e Michael olharam para Lauren de uma só vez e falaram em sincronia:

- Você o quê? – Lauren deu de ombros e olhou para Camila antes de responder:

- Por que eu tenho que fazer o pedido? – a latina deu de ombros:

- Porque você me chamou para um encontro primeiro. – Taylor abriu a boca e a fechou antes de falar:

- Ela te levou a um encontro? – Camila assentiu e Lauren revirou os olhos:

- Vocês querem parar de tratar essa situação como se tudo fosse chocante?

- Tendo em conta que seu único encontro na vida foi o baile de graduação com a Bety, sim!

- Taylor... – Lauren advertiu respirando fundo, mas a loira estava em seu terreno favorito:

- Se você estivesse a vida toda esperando para ver a irmã mais velha fazendo coisas normais, estaria do mesmo jeito. – Lauren grunhiu revirando os olhos e se levantou:

- Se vocês não fossem tão chatos e intrometidos, quem sabe eu teria me adiantado em fazer esse tipo de coisas.

Sem paciência, a morena deixou o jardim entrando na casa com passos largos. Clara massageou os olhos, Michael e Chris se olhavam com uma espécie de bico nos lábios e olhos arregalados e Taylor tinha a boca aberta. Camila suspirou sorrindo e se levantou também, falando:

- Não a levem tão a sério. Acho que peguei um pouco pesado... – Clara suspirou e disse:

- Não nos leve a mal, querida. Mas ela sempre foi muito fechada respeito a isso e nosso defeito é querer saber de tudo que acontece com ela... – Camila assentiu compreendendo:

- Eu sei. Ela só fica envergonhada quando todo mundo reage assim. Mas não se preocupem, no fundo ela só está nervosa com a ideia de fazer tudo mais sério... Vou dar uma olhada nela, tudo bem?

Assentiram e assim que a latina desapareceu na cozinha, voltaram a fofocar.

Camila optou por olhar no quarto da morena, então foi direta. Na porta e com a mão na maçaneta, conseguia ouvir uma melodia baixa do violão. Abriu a porta devagar e entrou tentando fazer o mínimo barulho possível.

Lauren estava na sacada, sentada no chão e com o violão no colo. A

melodia era lenta, ela estava com os olhos fechados e cantava baixinho:

I'm like, yeah, she's fine

Wonder when she'll be mine

She walk past, like press rewind

To see that ass one more time

And I got this sewed up

Quando percebeu que tinha plateia, Lauren parou de tocar envergonhada.

- Que romântica... Você conseguiu fazer com que Fetty Wap soasse como Ed Sheeran. – Lauren deu de ombros rindo:

- O violão deixa tudo mais romântico... – Camila sentou-se ao seu lado e cruzou as pernas colocando o cabelo atrás da orelha:

- Você... se irritou com o que eu disse? – suspirando, Lauren negou com a cabeça:

- Não... digo, Taylor consegue me tirar do sério sempre. Acho que ela faz um pouco de propósito.

- Você não precisa se envergonhar dessas coisas, Lo... – a morena suspirou novamente, deixando o violão com cuidado ao seu lado:

- Eu não tenho vergonha, Camz. Mas eles simplesmente não conseguem ver a situação com a mesma normalidade que eu. Pra eles tudo é tão...

- Novo? – Lauren deixou os ombros caírem e apoiou a cabeça na parede:

- Exagerado...

- Você precisa entender...

- Oh eu entendo, pode ter certeza!

- Não, você não entende. Durante toda sua vida você foi uma pessoa fechada, resmungona e malditamente séria.

- Você me conhece há três meses, Cabello. – Camila deu de ombros:

- Suficiente para saber tudo isso... – Lauren revirou os olhos e olhou pra frente – O que eu quero dizer é que eles não estão acostumados a ver esse seu lado. Provavelmente nem saibam desse seu gosto especial por boybands e agora por rappers. – Lauren a encarou fazendo cara de desdém:

- É culpa da Dinah que fica colocando essas músicas no armazém!

- Claro, e saber a coreografia de Bye, Bye, Bye também?

- Isso foi uma época obscura da minha vida... – as duas riram. Camila pegou a mão esquerda de Lauren, colocando-a entre as suas e brincou com os dedos:

- Eles só estão muito felizes em saber que você é tão normal como qualquer pessoa...

- Eu sei... – ficaram em silêncio admirando o mar ao longe, até que Lauren franziu o cenho ao se lembrar de uma coisa e se remexeu, ficando de lado e olhando pra Camila. – Você falou sério? – Camila a olhou com o cenho franzido – O pedido oficial... você sabe... – a latina riu e deu de ombros:

- Não é grande coisa... Quero dizer, estamos bem como estamos. Não há pressa.

Lauren assentiu e mordeu o lábio depois fez um bico estranho, como se quisesse falar alguma coisa. Claro que Camila esperava um pedido, ela também queria fazer as coisas oficiais, só não sabia que correspondia a ela fazer esse tipo de coisa. Mas como a latina disse, ela tomou a iniciativa de levá-la a um encontro, então... Pensou por uns segundos e então a olhou uma última vez sorrindo. Camila estreitou os olhos sabendo que alguma coisa estava por vir:

- Você está aprontando alguma coisa...

- Quero te levar em um lugar.

- Lauren se você se sentiu press...

- Eu quero te levar em um lugar! Posso? – Camila assentiu

lentamente. – Bem, você precisa de algo mais confortável e eu preciso fazer umas coisas antes. O que você acha da gente se encontrar daqui a... uma hora no jardim?

- Confortável tipo? – Lauren deu de ombros:

- Qualquer coisa que você se sinta confortável usando. – a latina revirou os olhos e se levantou. Lauren também enquanto pegava o violão:

- É alguma espécie de encontro? – a morena sorriu curvando-se para dar um selinho demorado nos lábios da latina:

- Será o que você quiser...

- Oh Deus, você está definitivamente aprontando!

- Ei! Estou sendo romântica como Fetty Wap! – fingiu indignação puxando-a pela cintura. Camila imediatamente levou os braços aos ombros da morena:

- Anham... – sorrindo, ambas começaram um beijo lento por alguns segundos, separando-se minimamente logo depois – Estou falando sério, você não precisa se preocupar... – Lauren deslizou o nariz pela bochecha da latina e depois deixou um beijo casto na testa da menor:

- Eu sei... Mas realmente quero te mostrar uma coisa. – Camila suspirou afastando-se minimamente. Limpou o vestígio de brilho que havia deixado nos lábios da morena, afastando-se:

- Tudo bem. Então... nos vemos daqui a uma hora? – Lauren assentiu e mordeu o lábio quando a latina se afastou.

Fetty Wap tinha toda a razão... com aquele traseiro na sua frente, dava vontade de rebobinar o tempo.

Tirou o celular do bolso e marcou um número, quando obteve resposta, disse:

- Preciso de sua ajuda... Sabe se o barco está pronto para usar? ... Te vejo no jardim.

//

ê lá em casa!

Capítulo 31 - Esta noche dime que me quieres

Are you ready to play?

Vamos desembolar essa treta um pouco... continuo adorando as teorias. Algumas pessoas já acertaram, mas... espero que estejam atent@s a tudo que escrevi, cada detalhe importa... nomes, objetos... já sabem.

Obrigada mais uma vez, não cabe em mim tanto carinho por vocês gostarem tanto da fic e comentarem. Chêro especial!

//

1998 El Paso, Texas – Estados Unidos

A casa de campo da família costumava ser habitada pela babá e a garotinha que, ainda sendo um bebê, perdeu seu pai em um acidente automobilístico. A tragédia deixou algo mais que a saudade. O império da família ficou a cargo de sua mãe que, entre a pressão de levar a família adiante e manter a fortuna, acabou centrando toda sua vida no trabalho e empresas pelo país. Cresceu com a ausência dos pais, porém não lhe faltou amor. Sua babá era sua melhor amiga. Brincavam, estudavam, aprendiam... a vida na casa de campo era uma aventura diária para elas.

Mas foi quando sua mãe decidiu ter uma segunda oportunidade com a vida e se apaixonou por John que tudo mudou.

John tinha alguns vícios e costumes muito pouco ortodoxos para uma família cheia de tradição e história.

Quando sóbrio, parecia algo assim como o perfeito pretendente. Mas bastava um copo a mais para que a realidade mudasse. E com o estresse de gerenciar multinacionais por todo o país, John não recebia a atenção que queria de sua noiva.

Em uma das tantas noites em que se deixou levar pela raiva da rejeição, John decidiu beber um pouco mais do normal até encontrar a garotinha brincando na piscina com a babá. Por sorte, "nana" como costumava ser chamada carinhosamente pela família, era algo mais do que uma simples babá e empregada.

Não precisou de muito para saber o que estava por acontecer. Ela conhecia os homens da índole de John. Mexicana e criada em Juárez, Nana sabia muito bem a realidade da vida. Viu como sua família se arriscou nas maquiladoras e fronteira em busca de uma vida melhor ao fugir do campo, mas se considerava uma mulher de sorte. Quando seus pais acabaram na casa da patroa, ela que era jovem e bela se encantou com a menina e nunca mais deixou a residência familiar.

Escutava atentamente os conselhos de seus pais e de boba não tinha nada.

Por isso Nana foi clara nas instruções a pequena. Quando John

estivesse em casa, ela deveria se trancar no quarto e só sair quando a chamasse pelo nome completo. Se a chamara pelo primeiro nome apenas, devia permanecer no mesmo lugar. Mesmo que gritasse ou suplicasse.

Repetiu a ordem tantas vezes quanto necessária até que a menina entendeu e acatou.

Assim, pois, cada vez que John chegava a casa, Nana apenas direcionava o olhar e a menina corria a seu quarto, se trancando no banheiro com a chave dentro de sim. E Nana, esperta como era, já havia preparado os brinquedos, livros de pintura, lanche... Justamente para distraí-la.

As visitas de John começaram a ser constantes e a ordem permanecia a mesma. Sempre antes de dormir, Nana chamava a jovem pelo nome completo e então abria a porta. Costumava estar com a cara inchada, mas seu sorriso permanecia ali. Tomavam banho juntas e dormiam abraçadas.

A casa de campo guardava as paixões do falecido pai: obras de arte. Entre elas, uma coleção de revólveres e espingardas antigas.

Era uma noite de abril em que a garota se entediou dentro do banheiro. Cansada dos mesmos brinquedos e com todos os livros coloridos, ela se lembrou de sua boneca nova que estava em cima da cama.

Pensou, então, que por sair rapidinho até o quarto não haveria problema. Abriu a porta em silêncio e colocou o rosto para fora. Ao não ver movimento nem escutar nada, saiu rapidamente em direção a seu brinquedo. Quando estava dando as costas ouviu um grito agudo acompanhado de um choro e se assustou. Reconheceu os gritos e o choro. Era Nana.

Por que Nana estava chorando? Estaria em perigo?

Abraçou sua boneca com força e fechou os olhos. Nana estava pedindo por socorro, mas lhe havia dito que não podia sair de lá sem que ela a chamasse. A indecisão lhe manteve estática perto da porta à medida que os gritos se faziam mais agudos junto ao choro.

E assim como Nana, a garotinha era esperta e conhecia a casa completamente. Sabia os esconderijos e o que usar para se proteger. Abriu a porta do quarto em silêncio, conferiu o corredor e foi até a parede a sua frente. Deixando a boneca sob uma mesa que havia ali, se apoiou na cadeira e retirou um revólver da estante. Com a boneca em baixo do braço e a arma na mão direita, a menina seguiu os gritos e súplicas até o andar de baixo.

No meio da sala, Nana estava com as mãos sob a cabeça e se debatia. Sobre ela, John estava rindo e movimentando-se, mandando-a calar a boca.

"Por favor, dejéme"

Era a única coisa que Nana dizia quase sem forças.

Foi quando John levantou a cabeça e empalideceu que a jovem babá também levantou a sua, engolindo o grito de desespero. A garotinha já estava perto demais e a boneca havia caído no chão quando um baque surdo ecoou.

O corpo de John caiu sem vida no chão da sala e o sangue escorreu.

Nana levantou-se correndo, limpando as lágrimas e ajeitando seu vestido de qualquer jeito. E agora? Ela precisava sair dali o mais rápido possível. Quando a patroa chegasse chamaria a polícia. Ela não passava de uma empregada, o que a polícia pensaria depois de juntar as provas e nas circunstâncias que o homem estava?

Nana não tinha tempo e por isso levou a garotinha até seu quarto as pressas. Com algumas mudas de roupa, suas economias de todos aqueles anos, o velho revólver e a boneca, Nana fugiu com ela tão rápido como pôde.

Primeiro pegaram um taxi até a rodoviária e lá pediu duas passagens no primeiro ônibus que fosse à fronteira. Ainda tinha algumas tias vivendo em Juárez e poderia pedir sua ajuda. Sim, esse era seu plano.

Mas a menina continuava em silêncio, assim como ela. Até que já sentadas dentro do ônibus, enquanto brincava com o cabelo da boneca, perguntou:

- Nana, você está brava comigo?

- Não, mi amor, Nana não está brava.

- E para aonde vamos?

- Você lembra da tia Julia? – a menina assentiu. Com um sorriso, Nana continuou enquanto alisava o cabelo da menina e deixava uma lágrima cair – Iremos visitá-la.

- Por que você está chorando? – Nana não conseguiu responder.

Simplesmente puxou a garota contra seu peito e a abraçou com força.

"Eu vou te proteger, pequeña. Nana não vai deixar nada acontecer com você".

Sussurrou aos prantos com a menina em seu colo.

Pouco tempo depois o ônibus chegava à fronteira. Estava tarde e a polícia observava os passageiros do ônibus noturno como de costume. Era o único meio de locomoção pela zona e costumava transportar as operárias até a cidade. Com a lanterna e revisando os bancos de longe, o policial apenas assentiu com a cabeça e um sorriso cúmplice demais. Ninguém percebeu, exceto Nana.

O ônibus iniciou sua rota indo devagar. Nana se preparou e colocou a mochila nas costas de sua protegida junto à boneca. Abriu a janela e se manteve atenta a cada movimento.

Há poucos metros do deserto do Valle, o ônibus parou, mas manteve as portas fechadas. O motorista se levantou e pouco depois ouviram as sirenes do carro da polícia.

Nana apertou os dentes e os olhos. A vontade de chorar lhe consumia, mas ela tinha uma única meta naquela noite e era manter a pequena a salvo.

- Você consegue sair pela janela? – perguntou. A menina olhou para baixo e assentiu com um sorriso. Nana o retribuiu, mas logo vigiou que o motorista continuava conversando com os dois policiais. – Quero que você saia por essa janela

e corra pela pista até o povoado mais próximo. Está bem perto. Você consegue? – a menina assentiu veemente. – Não pare nem olhe pra trás, entendido?

- Mas e você?

- Eu estarei logo atrás, mi niña.

Animada com a brincadeira, a garotinha seguindo as instruções da babá deslizou facilmente pela janela e logo pegou a mochila oferecida. Sorriu e mandou um beijo com um tchauzinho antes de correr por trás do veículo, desaparecendo na calada da noite.

E ela correu sem olhar pra trás como havia dito que faria. Chegou exausta e confusa até a cidade de Chihuahua, parando frente a uma igreja onde outras crianças estavam brincando e ali ficou esperando por Nana.

Todos os dias, sentada na porta da igreja, ela ficava olhando a entrada da cidade abraçada a seus joelhos, mas por mais que ela esperou, Nana nunca apareceu.

Miami, Florida – Estados Unidos

Camila havia optado por um conjunto branco composto por uma saia longa e um top cropped de manga cumprida. Não sabia o que lhe esperava e preferiu usar sandálias rasteiras para o encontro.

Quando chegou ao jardim encontrou a silhueta de Lauren que falava ao telefone e passava a mão no cabelo. Pensou em voltar para mudar de roupa quando viu as vestes da morena, mas antes que pudesse fazer o caminho, os olhos verdes acabaram encontrando-a com um sorriso.

Lauren estava descalça e aparentemente a única coisa que lhe cobria o corpo era uma camisa do Miami Heat na cor preta e com o número 7 na dorsal além do JAUREGUI. As pernas descobertas eram tão brancas quanto, mas o contraste do cabelo preto e caindo ondulado de qualquer jeito pelos ombros ofuscavam o detalhe.

A agente desligou o celular e continuou sorrindo, observando a latina de cima a baixo a medida que esta se aproximava.

Se cumprimentaram com um beijo rápido, e Lauren não conseguia tirar a expressão de felicidade do rosto.

- Quando você disse confortável eu... – a morena deu de ombros beijando-a de novo, dessa vez com um pouco mais de empenho.

- Assim está bem, Camz. Vamos? – como não sabia muito bem o que estava inventando, Camila apenas assentiu e se deixou levar pelo tato da mão de Lauren entrelaçada a sua.

Seguindo o caminho da grama chegaram até um pequeno portão que por sua vez, parecia levar a um píer onde havia um barco branco não muito grande. Atado ao píer com uma corda grossa, Chris desceu do mesmo sorridente ao encontro delas.

- Está tudo pronto, fedelha. – Lauren assentiu e continuou puxando Camila, que se limitou a sorrir quando o jovem lhe sorriu.

- Lauren, o que você está fazendo? – a morena riu como se fosse uma pergunta estúpida, enquanto apoiava o pé esquerdo dentro do barco e aproveitou o impulso para entrar.

- Quero te mostrar uma coisa, vem. – estendeu a mão para que Camila a seguisse, e a latina revirou os olhos, fazendo o mesmo sem precisar da ajuda, o que a fez revirar os olhos.

No pequeno iate, os vidros espelhados refletiam o azul do mar. A cabine estava um pouco mais acima, cobrindo o interior. A proa tinha uma espécie de colchão assim como na popa. Era relativamente espaçoso para o tamanho, e pelo pouco que pôde ver do interior, parecia cumprir os mesmos requisitos da casa: bom gosto.

- Eu não vou perguntar sobre isso, já que você parece estar confortável demais para não saber o que está fazendo... – a latina disse olhando tudo a sua volta. Lauren suspirou e a puxou pela cintura, abraçando-a:

- Sim, eu sei o que estou fazendo. Você poder confiar em mim por um momento? – Camila cruzou os braços e arqueou a sobrancelha esquerda. Em seguida mexeu no cabelo, jogando a franja para o lado esquerdo, o que fez Lauren rir.

- Você não vai me impressionar com essas coisas. – assentindo, Lauren a abraçou com mais força e deslizou o nariz pelo pescoço da latina que estremeceu. Cheirava a baunilha como sempre, seu cheiro favorito.

- Eu sei que não. Mas realmente quero te mostrar uma coisa e não podemos chegar a não ser assim. – explicou e manteve as caricias com o nariz, alternando com alguns beijos delicados na zona. Dubitativa, Camila desfez a birra e apoiou os braços nos ombros da morena:

- Espero que você seja tão boa com isso como é dirigindo. – Lauren arqueou as sobrancelhas sugestivamente e disse:

- Tem Jet-ski se você quiser apostar. – Camila negou com a cabeça sorrindo e a puxou para um beijo, finalizando-o ao puxar o lábio inferior da morena com os dentes.

- Você não está preparada para essa derrota, gringa. – Lauren gargalhou alto fazendo a latina olhá-la com as sobrancelhas arqueadas:

- Isso é uma aposta? – Camila deu de ombros fingindo desinteresse:

- Isso é o que você quiser... – Lauren estreitou os olhos assentindo lentamente e então deu de ombros:

- Feito. O que você vai me dar?

- Quem disse que eu vou te dar algo?

- Se supõe que os perdedores pagam a aposta, não? – Camila riu com desdém.

- Nesse caso, o que você vai me dar? – Lauren deu de ombros e sorriu, afastando-se:

- Nós já passamos por isso, flaca... – foi a vez de Camila revirar os

olhos:

- Está com medo?
- Nunca. Qual seu preço? – a latina sorriu torto antes de responder:
- Você não está disposta a pagar.
- Tente.
- Aulas de tiro. – Lauren deixou a boca cair em descrença.
- Pra que porra você quer aulas de tiro? – Camila deu de ombro

olhando as unhas com descaso:

- Pra uma eventualidade qualquer... – a agente estreitou os olhos

cruzando os braços:

- Que eventualidade Camila?

- Você está perguntando demais, maderá. – desafiou com seu tom insolente. Mas Lauren estava se divertindo por dentro, pelo que assentiu passando a mão no cabelo.

- Ok, aulas de tiro se eu perder. – Camila sorriu triunfante. – Você não quer saber meu preço? – a latina riu acariciando as bochechas da agente:

- Não preciso perguntar. Você vai pedir sexo. – Lauren abriu a boca

novamente, dessa vez fingindo indignação:

- Claro que não! – Camila riu com mais vontade e cruzou os braços:

- Andale, qual seu preço? – com o nariz empinado, Lauren também cruzou os seus antes de responder:

- Você dorme comigo. – a latina estalou a língua:

- Tão previsível... – Lauren pensou em rebater, mas Camila a puxou pelo pescoço com força parando a centímetros antes de dizer:

- Porque você não usa a boca para fazer algo mais produtivo do que falar? Calada você fica tão mais bonita... – Lauren levou o braço direito à cintura da latina, puxando-a com mais força:

- No me tientes, Cabello... No me tientes...

- Si no, ¿qué? – Lauren deslizou a ponta da língua pelos lábios encarando a boca da latina:

- Você vai se arrepender. – suspirando, Camila a encarou antes de responder em desafio:

- Eu adoro mulher brava.

Antes que a morena começasse a protestar, tomou a iniciativa de beijá-la pelo tempo que quis, afinal, elas tinham o dia todo pela frente.

Enquanto isso no armazém, Vero comia uma maçã e olhava todos os arquivos que haviam recebido da cazadora de choferes:

- Aqui tem a ficha de no mínimo uns dez motoristas, além de um corpo inteiro de polícia. – Lucy que estava olhando a tela do computador com a maior cara de tédio, finalmente pareceu se interessar:

- Polícia? – Vero assentiu, mordendo a fruta e falando de boca cheia:
- Sim. E todos agentes de alto rango. – retirou o papel passando-o para a mulher que analisou lentamente os nomes da lista, até que franziu o cenho e sussurrou:

- Zuñiga...

- Sip. Teófilo Gutiérrez Zúñiga é o atual delegado da Polícia Federal de Juárez. Além de uma ficha cheia de arquivos classificados, foi relacionado com los Caballeros Templarios. Pelo menos onze dos vinte e três agentes do corpo estão na mira do FBI.

- Mas por que ele está na lista? – antes que Vero pudesse responder, Dinah entrou pela porta limpando o suor com uma toalha.

- Dinah vai te responder. – a loira olhou com expressão confusa as duas, servindo-se um copo d'água:

- Responder o quê? – estava levando o copo à boca quando as agentes responderam em sincronia:

- Los Caballeros Templarios. – a loira congelou no lugar, apertando levemente o copo enquanto suspirava.

- Onde vocês viram isso? – finalmente bebeu o líquido lentamente, levando a garrafa consigo até a mesa. Lucy mostrou a lista à ela, explicando:

- Apareceu nos arquivos de um dos suspeitos que a cazadora mandou.
– Dinah olhou os nomes com calma enquanto bebia, até que deu de ombros. Surgiram em Michoacán mais ou menos em 2011 e prestam serviço ao cartel de Sinaloa. O capo é um tal Servando Gómez Martínez, conhecido como "La Tuta" e tem como terratenente um tal de "El Pepe". – Vero continuou mordendo a maçã e falando:

- Mas se eles surgiram em 2011, o que tem a ver com os assassinatos? – Dinah riu com desdém.

- Os Templarios são narcos, mas a maioria dos patrocinadores são policiais que, em troca de dinheiro e um falso poder, facilitam a passagem do carregamento pela fronteira. Antes de ser delegado, Zuñiga teve que ser agente de campo. – Lucy e Vero se olharam, então a colombiana continuou:

- E pela idade dele, deve ter sido agente de campo há um bom tempo atrás... – Dinah assentiu dando-lhe a razão.

- Achem onde o Zuñiga trabalhava antes de ser delegado, e talvez encontrem a ligação.

Imediatamente Lucy digitou algumas coisas no computador e pouco tempo depois olhou para Veronica e Dinah, virando a tela para ambas.

Teófilo Gutiérrez Zúñiga estava com sua farda e todo seu currículo policial. Condecorado algumas vezes por seu serviço à comunidade, principalmente quando fez parte dos guardiões da fronteira.

Entre o mar calmo de Miami, o iate Grace navegava lentamente.

Lauren estava usando seus óculos escuros, mas o sol estava preguiçosamente se apagando. Camila estava deitada na proa, sentindo os raios fracos no rosto e com os olhos fechados.

Sua cabeça com todos os acontecimentos estava no modo automático, sem pensar muito bem em tudo que estava acontecendo.

Mas acho que todo mundo sabe sobre essas coisas. Quero dizer... quando se trata de amor, não há muito que pensar. A gente tenta, não é? Tenta se proteger e manter os pés no chão. Tenta se programar para não se arriscar e enfrentar outra decepção. Tenta esperar a pessoa certa pra se entregar, e inclusive tenta esquecer quando já é tarde demais.

E pra quê? Se parece que quanto maior é a barreira e mais sólidos os cimentos, maior é o estrago quando tudo desmorona. Há pessoas que são assim. Chegam e deixam nossas vidas de cabeça pra baixo fazendo um verdadeiro desastre. E só então entendemos por que os grandes desastres naturais têm nome de mulher.

A questão é que, se tratando de alguém que te dá esperança, não há coerência que dê jeito.

Saber que Lauren estava apaixonada por ela era, quiçá, a melhor coisa que havia acontecido em sua vida desde... muito tempo. Afinal, ser correspondido não é a finalidade?

Se o medo da rejeição nos acovarda na hora de arriscar, a certeza de um sim é suficiente para soltar a corda e se deixar cair no precipício. O final é inesperado. E, por favor, a quem queremos enganar? Esses são justamente os melhores. Afinal, quem vive uma história que já conhece o fim? Vivemos por esses pequenos momentos de adrenalina, essa incerteza... a possibilidade de se surpreender com uma história na qual somos os personagens principais.

Mas sabe o ser humano? É, ele nunca está completo nem satisfeito. Sempre quer mais. Mais certeza, mais carinho, mais atenção... mais amor.

Amor.

Aquilo que a gente procura em outra pessoa, porque não encontramos em nós mesmos.

Lauren estava apaixonada por ela, e no momento era a única coisa importante em todo aquele caos que habitava sua cabeça.

Permaneceu ali, sem perceber que a morena se aproximava com uma manta. Quando o colchão afundou um pouco, a latina abriu os olhos lentamente, tendo a bela imagem de uma Lauren em pé, banhada pelo sol e com os cabelos ao vento e sorrindo.

Com um movimento com a cabeça, pediu que a latina se sentasse e se colocou atrás dela, servindo de apoio.

Quando Camila se apoiou em seu colo, Lauren levou as mãos ao ventre da latina, fazendo carícias aleatórias na zona e deixando um beijo em sua bochecha.

- Ainda estou esperando essa tal coisa que você tanto quer me

mostrar... – resmungou fechando os olhos de novo. Sentiu como a agente sorria contra seu pescoço antes de deixar um beijo casto e então dizer:

- Abre os olhos. – Camila demorou um pouco a abri-los, mas logo entendeu.

A sua frente estava acontecendo um dos maiores milagres da natureza.

Com as águas tranquilas, o céu era uma mistura de cores. Azul claro, rosa, rozê, amarelo e finalmente laranja. Uma bola brilhante ao centro, tão grande que elas pareciam ser capazes de tocá-lo caso esticassem os braços.

Lentamente desaparecia procurando esconderijo no mar.

- Lauren... – Camila estava extasiada. Lauren a abraçou com mais força e suspirou:

- Quando o sol e a lua se encontraram por primeira vez, se apaixonaram perdidamente e começaram um grande amor. Até que alguém decidiu que quando a Terra fosse criada, o Sol iluminaria o dia e a Lua a noite. Dessa forma, eles teriam que se separar. Como era de se esperar, a tristeza tomou conta deles porque naquele momento entenderam que nunca mais se encontrariam. O Sol tentava aguentar por eles, mas a Lua não conseguia. Por isso, o Sol pediu que dessem uma companhia pra ela, e apareceram as estrelas. Assim continuaram. O Sol fingia que estava feliz, mas a Lua não sabia disfarçar a tristeza. Enquanto o Sol arde de amor por ela, a Lua vive na escuridão da pena. Muitos homens tentaram conquistar a Lua, mas nunca conseguiram. No final sempre voltam sozinhos. Mas nenhum amor é totalmente impossível, nem sequer o deles. Por isso criaram o eclipse. Hoje, eles vivem esperando esse instante... esse instante onde podem estar juntos amando-se sem se preocupar com nada mais. E apesar de tudo, no fim do dia, o Sol deixa sua despedida para que a Lua volte a brilhar.

- Eu não sabia que você era tão... sensível. – Lauren revirou os olhos.

- Você acabou com o meu momento. – Camila riu levantando o tronco e girando-se minimamente, de forma que ficou de frente.

- É uma bonita história. – Lauren assentiu suspirando e olhando o horizonte.

- Minha avó costumava me contar essa história sempre... – sem querer perguntar, Camila se limitou a deslizar as unhas pelo pescoço da morena, obrigando-a a olhá-la:

- Você está tentando me dizer que nossa relação é meio impossível e que nos encontraremos de vez em quando? – Lauren riu negando.

- O que eu tento dizer é que... cada vez que você conhece alguém, sua vida muda e, tanto se concorda como se não, nós nos encontramos. Eu entrei em sua vida e você na minha. Não sei se foram as melhores circunstâncias... Se alguém programou que mesmo você sendo insuportavelmente teimosa e insolente, fizesse com que de repente toda minha vida fizesse sentido. – a morena suspirou,

entrelaçando seus dedos com os da latina. – Sei que você estava nervosa com o fato de toda minha família ser... – Lauren pensou um pouco, mas Camila sorriu:

- Fala... – revirando os olhos, a morena acabou sorrindo:

- Madera... – a latina sorriu comemorando e levando as mãos ao céu.

– E que você seja parte do cartel... Mas... o que eu estou tentando dizer é que com tudo isso, as coisas aconteceram. E eu não me arrependo nem quero voltar atrás, Camila. – a latina assentiu olhando o pôr do sol de novo antes de sorrir encarando o cenho franzido de Lauren. Finalmente ela havia entendido:

- Se eu tivesse que apostar por isso... – estalou a língua – Não arriscava nem uma corona. Mas você tem essa coisa insuportavelmente atraente de ser perfeita com todos os defeitos. – o coração de Lauren acelerou minimamente, e ela puxou a cintura da latina, colocando-a sentada de lado em seu colo, mas Camila se resistia, até que cedeu:

- E agora, se soubesse de tudo... Arriscaria uma corona? – perguntou sorrindo, mas nos olhos a latina percebeu a profundidade da pergunta. Camila fez o contorno das sobrancelhas de Lauren em silêncio e, olhando-a nos olhos, respondeu:

- Eu apostaria meu Dodge por você, gringa. – Lauren engoliu o nó do nervosismo, assentindo lentamente.

- Essa é sua forma de dizer que...

- Que eu estou disposta a me arriscar por você com o que eu mais amo.

- Isso é muito.

- É tudo que eu tenho.

- Há algo mais que você precisa saber... – Camila franziu o cenho, mas Lauren tinha seu sorriso torto nos lábios e então se aproximou do ouvido esquerdo da latina, sussurrando:

- Eu já apostei por você. – sem disfarçar o sorriso, a latina se limitou a roçar os lábios com os da morena, acompanhado de uma leve carícia com o nariz na bochecha. – E agora quero apostar por nós. – Camila abriu os olhos encarando-a com a cabeça minimamente ladeada. Lauren sorriu assentindo de leve.

- Lauren, você não...

- E você, quer apostar comigo? – a latina apertou os olhos sorrindo, deixando a cabeça cair para trás, comemorando internamente. Quando olhou novamente para Lauren, ela estava sorrindo abobalhada, mas com os olhos expectantes. Camila assentiu lentamente:

- Eu aposto tudo que tenho. – Lauren a abraçou com mais força, descendendo o olhar aos lábios entreabertos pelo sorriso enorme que Camila esboçava. Quando encontrou os castanhos novamente, não reprimiu o sorriso insolente:

- Coisa insuportavelmente atraente de ser perfeita, huh? – a latina revirou os olhos, sentindo suas bochechas corarem:

- Cala a boca, idiota.

- Você disse...
- Não me faça voltar atrás.
- Uma aposta é uma aposta. – disse contundente. Camila assentiu:
- Uma aposta é uma aposta.

De fato. Uma aposta é uma aposta.

//

You lose.

Capítulo 32 - Desenterrando o passado

Ei meus amores! Adivinha quem começou a trabalhar em uma web de futebol internacional? Sim, euzinha aqui! Estou muito feliz, porém sem tempo. Mas quero contar a vcs que programei os dias pra escrever no meu painel de calendário... pq se tem algo que fode a leitura é a demora, eu sei! Organizei tudinho já, tudo bem? Agora tenho meus horários disponíveis marcados pra escrever e trabalhos. Capítulo ficou pequeno, porém não vou demorar a continuar.

Obrigada, viu? Vcs fazem qualquer cansaço desaparecer! Cada vez que leio os comentários eu me sinto realmente mal pela demora... juro, as vezes durmo e digo "porra, mais um dia, devem estar querendo me matar"... MAS vamos ao tema... Novas pistas, estou adorando o que li até agora. Muitos comentários vagos, mas uns aí já estão no caminho certo. Vamos lá?

Aquele chero pela paciência!

//

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

- Eu aposto tudo que tenho. – Lauren a abraçou com mais força, descendendo o olhar aos lábios entreabertos pelo sorriso enorme que Camila esboçava. Quando encontrou os castanhos novamente, não reprimiu o sorriso insolente antes de dizer:

- Coisa insuportavelmente atraente de ser perfeita, huh? – a latina revirou os olhos, sentindo suas bochechas corarem:

- Cala a boca, idiota.

- Você disse...

- Não me faça voltar atrás.

- Uma aposta é uma aposta. – disse contundente. Camila assentiu e respondeu:

- Uma aposta é uma aposta.

De fato. Uma aposta é uma aposta.

Não demorou muito a que o frio chegasse e Lauren as levou de volta para o píer. Durante o trajeto de volta a morena aproveitou para explicar algumas coisas a latina. Desde comandos a como entender os avisos do mar.

Grace chegou à casa sã e salva, e com muita habilidade a agente abandonou o barco e estendeu a mão para ajudar uma Camila sonolenta até o jardim.

Caminharam abraçadas e rindo sobre qualquer lembrança que tinham das palavras, encontrando-se com Michael e Clara, sentados nas cadeiras de balanço da varanda com uma taça de vinho nas mãos. Puxando a latina pela mão, Lauren foi à direção de seus pais. Michael estava terminando de beber quando elas chegaram, e

disse:

- E então meninas, como foi o passeio?

- Bem, pai. Quantas taças vocês já esvaziaram? – Clara franziu o cenho, irritando-se antes de falar:

- Ora essa, Mikey, é impressão minha ou sua filha está insinuando que estamos bêbados? – o general deu de ombros, bebendo mais um pouco antes de responder:

- Minha experiência diz que você sempre tem razão, querida. – Lauren revirou os olhos e foi cutucada por Camila que lhe repreendeu com o olhar.

- Veja, até Camila percebeu que você é uma exagerada!

- Madre, eu só achei estranho às gargalhadas...

- Sua mãe estava se lembrando do último baile na academia...

- Oh céus, não, por favor... Camila não precisa saber disso! – a latina ficou curiosa, mas o comentário de Lauren fez com que os pais dessem de ombros e se calassem, como pedindo desculpas por não poder contar. – Bom, nós vamos indo. Cuidado com esse vinho e não durmam tarde! – estava prestes a sair quando Clara se adiantou:

- Ei, señorita, venga acá! – Lauren se deteve e a olhou séria. O sorriso de Clara e suas bochechas coradas revelavam tudo. Ela ia dizer alguma coisa incômoda. – Você não está percebendo algo diferente, Mikey? – o homem franziu o cenho, verdadeiramente confuso. Camila reprimiu o sorriso envergonhada, e Lauren revirou os olhos:

- Boa noite, mãe... – Clara se levantou rapidamente, abraçando as duas, mas logo puxou apenas Camila, apertando-a com força entre os braços:

- Oh minha querida! Espero que tenha estado a sua altura... – sussurrou fazendo a latina rir.

- Eu ouvi isso... – Lauren disse com os dentes apertados. Clara segurou o rosto da latina, sorrindo abobalhada:

- Seja bem vinda oficialmente à família, querida Camila. – envergonhada, Camila assentiu sem jeito, olhando para Lauren em seguida:

- Muito obrigada.

- Eu é que lhe agradeço.

- Ok, chega disso! Vocês estão passando dos limites... não é como se ela tivesse salvado minha vida ou... – Clara a abraçou com força, dando três tapinhas nas costas da filha que ficou muda:

- Oh querida, foi exatamente isso que ela fez. Algum dia você vai entender...

Sem mais, a matriarca voltou ao seu lugar estendendo a taça ao marido, que a preencheu novamente. Lauren deu de ombros e arrastou a agora, oficialmente namorada, até a casa. Mas Michael continuava confuso:

- Do que diabos vocês estavam falando? Você está chorando, mulher?

– nervoso, se remexeu aproximando-se ao rosto da esposa que limpava as lágrimas e sorria ao mesmo tempo:

- Nossa menina encontrou quem a faça feliz, Mikey...

- Ela...? – Clara assentiu, fazendo o general gargalhar e negar com a cabeça. - Aposto um jantar no Ma Petite que ela usou o anel de mamãe... – Clara riu com desdém:

- Aquele pedaço de latão... Claro que não! Pode ligar pra pedir uma reserva. Tenho certeza que Grace esteve presente de outro jeito...

- Como você pode ter tanta certeza disso? Você nem estava lá! – bufou irritado. Clara sorriu acariciando o rosto do marido:

- Porque eu sempre tenho razão! – disse taxativa fazendo-o suspirar. Ficam em silêncio alguns segundos admirando o céu estrelado e então ele a olhou novamente, com o cenho franzido:

- Você chamou o anel de minha mãe de latão? – Clara arregalou os olhos e bebeu o vinho, escondendo-se atrás da taça:

- Claro que não, meu amor. É uma joia... peculiar. – Michael a olhou por última vez, mas ela estava fingindo desinteresse admirando o mar. Grunhiu frustrado, mas se manteve em silêncio enquanto Clara prendia o riso.

- Pois saiba que essa joia peculiar é a que Camila usará, se é que ela é mesmo a escolhida...

- Eu sei querido... Eu sei...

Mas Clara não se referia à joia precisamente.

No andar de cima, Lauren estava na porta do quarto de hóspede com as mãos no bolso do short. Camila estava encostada na porta mordendo o lábio inferior ante o silêncio incomodo. Lauren riu negando com a cabeça e finalmente disse:

- Está entregue. – Camila assentiu. – Você tem tudo que precisa? – a latina assentiu novamente. – Tudo bem. Então... – Lauren acenou com a cabeça para sua porta – Eu acho que vou indo...

- Tudo bem...

- Se precisar de alguma coisa, pode chamar. – Camila assentiu de novo. Lauren deu um passo à frente, encurralando-a entre a porta. A poucos centímetros dos lábios da latina, sussurrou fazendo com seu hálito roçasse o rosto da menor – Tem certeza que você quer dormir aqui? – Camila respirou fundo sentindo cada parte de seu corpo vibrar. E mais fundo ainda teve que procurar pela força de vontade para responder:

- Te...nho. – Lauren assentiu, suspirando um pouco frustrada, mas não se afastou. Deslizou dessa vez o nariz pelo maxilar da latina quase que sem tocá-lo, até chegar ao ouvido direito onde voltou a perguntar com a voz mais pesada do que o normal:

- Absoluta? – Camila apertou os olhos e engoliu a saliva com

dificuldade, levando as mãos à cintura da agente, empurrando-a bruscamente.

- Sim. – se apressou em abrir a porta. – Boa noite, amanhã a gente...

– disse enquanto entrava, mas Lauren a puxou pela mão:

- Ei, e meu beijo? – Camila deixou um beijo rápido na bochecha da morena e entrou fechando a porta rapidamente. Lauren deixou sua testa cair de encontro à porta, fechando os olhos com força. Do outro lado, Camila tinha as costas contra a superfície de madeira, apertando os olhos com força. – Maldita sea, diabla... You're fucking killing me.

Mas a diferença de Lauren que estava voltando a seu quarto frustrada, Camila tinha um sorriso no rosto.

- Eso espero, gringa... eso espero.

No armazém, Veronica e Lucy repassavam pela milésima vez todos os nomes que estavam na lista que a cazadora havia enviado. Nada fazia sentido.

Estavam há dois dias atrás de pistas sem nenhuma fundamento. Todos aqueles nomes tinham em comum a profissão e a rota que cobriam. Os policiais, apesar de agora ocuparem outros rangos, nos anos assinalados eram os responsáveis pela fronteira. Os motoristas, alguns agora aposentados e outros trabalhando para outras empresas, na época dirigiam os ônibus noturnos que levavam as operárias das maquiladoras para a cidade. E podia ser uma pista ou algo, mas sem provas ou cenários para relacioná-los era impossível chegar a uma base sólida e, por tanto, iniciar uma investigação federal.

Elas estavam cansadas e irritadas com tanto enigma. Vero jogou os papéis em cima da mesa e deixou a cabeça cair para trás, massageando o pescoço:

- Isso é uma rua sem saída, Lu! – a colombiana assentiu bocejando:

- Parece que estamos andando em círculos... Eles estão limpos! Anão ser o Zuñiga, esses caras não tem nem uma multa por velocidade ou estacionamento em lugar indevido... – Vero negou com a cabeça, encarando a esposa:

- O que será que essa louca quer? Por que mandar todos esses arquivos pra gente? – Lucy deu de ombros:

- Talvez tenha algo que a gente não está vendo...

- Tipo o quê? Já reviramos esses papéis de cima a baixo, sei até a ordem dos nomes nas listas... Não tem nada! – bufou frustrada. A colombiana continuou olhando os papéis a sua frente e disse:

- Além da profissão, a única coisa estranha é a relação com os Templários...

- Mas ela não quer vingar o tráfico e sim as mulheres... – Lucy de repente olhou para Veronica como se acabasse de entender tudo. – Eu falei alguma coisa...? – a colombiana assentiu, puxando a mulher para um beijo desajeitado e eufórico:

- Você disse tudo! – espalhou os documentos de qualquer jeito até que achou um em concreto, continuando: - Por isso esses filhos da puta não tem o

nome sujo! Tanto os motoristas como os policiais se ajudaram!

- Lucy, os Templários apareceram em 2011... – Vero explicou frustrada, mas a colombiana se adiantou em contestar:

- Não, o nome Templários ligado aos traficantes surgiram em 2011, mas antes, quando eram agentes de patrulha e fronteira, se você observar... – colocou as listas uma ao lado da outra – Todos os anos coincidem. Os motoristas e os policiais, ambos trabalhavam juntos e na mesma rota. Não é estranho que com tantos anos de trabalho, eles nunca tenham reportado nada estranho à central? – Vero estreitou os olhos antes de responder:

- Você acha que eles tinham uma espécie de acordo?

- É a explicação mais lógica! As mulheres desapareceram ou foram assassinadas em áreas da responsabilidade desses policiais além da rota dos motoristas. Uma é casualidade, mas todas...

- É um padrão...

- Exatamente! Como eles não escutaram nada ou viram nada? Cada ônibus tem que passar pelas viaturas, já seja na saída ou no caminho, e todas elas desapareceram no decorrer do transporte... – de repente, tudo fazia sentido e elas estavam ainda mais elétricas. Enquanto Lucy procurava pelo nome dos policiais, Veronica chegava à conclusão mais óbvia de todas:

- Mas de todos, o que mais destaca é o Zuñiga... Porque ela tem tanto interesse nele? – Lucy parou o que estava fazendo para olhá-la.

- Como assim? – Vero se encurvou pegando os papéis que estava em suas mãos minutos antes:

- Em todos os arquivos onde o nome de Zuñiga aparece, ele está sublinhado. Não importa o rango, porque tem outros que chegaram a entrar no exército ou acabaram na política... Zuñiga é o único que destaca...

Lucy nada disse, apenas digitou freneticamente.

- Ally deixou uns arquivos abertos de quando estávamos investigando o topo da agência... – explicou enquanto continuava, até que finalmente achou o que queria – Te tengo, hijo de perra. – girando o computador, mostrou a Veronica o resultado de sua suspeita. Na tela, um informe confidencial e desestimado do Delegado Teófilo Zuñiga, acusado por estupro por uma senhora que, dias depois desapareceu do mapa até os dias atuais. O caso fora desestimado por falta de provas.

- Ele foi acusado... – a colombiana assentiu respondendo a esposa, antes de completar:

- E misteriosamente, a suposta vítima desapareceu depois de ter feito a acusação.

- Fizeram constar nos arquivos, mas quando ele chegou ao posto de delegado preferiram omitir... Você acha que essa mulher que denunciou...

- Pode ser a cazadora? – Vero assentiu e Lucy deu de ombros. – Não

sei... Precisamos pedir os arquivos do informe à delegacia... Mas isso causaria muitos problemas de jurisdição.

Ficaram em silêncio tentando encontrar uma saída, até que se olharam sorrindo e disseram ao mesmo tempo:

- O jeito é ir atrás do Zuñiga.

Lauren estava dando voltas na cama. O travesseiro parecia pedra e o colchão de repente era o lugar mais incomodo de deitar. O quarto estava completamente escuro e a única coisa que tinha era o reflexo da lua ao longe. Quando ouviu o barulho da maçaneta, quase que imperceptível, prendeu a respiração em alerta. Poderia tirar a arma que estava em baixo da cama, mas lembrou-se que a casa de seus pais era uma fortaleza. Não havia forma de chegar até ali sem ser notado, muito menos até seu quarto. Por tanto a suspeita era quase única.

Permaneceu quieta até que ouviu um barulho de algo golpeando a quina da cômoda, mas como não ouviu nenhuma queixa de dor, continuou sem saber quem era o intruso. Foi então que o colchão afundou um pouco e o lençol foi levantado. Um corpo quente se encaixou em suas costas e ela já estava sorrindo antes mesmo que o braço fino pousasse em sua cintura.

Baunilha.

Sentiu o nariz sendo enterrado em sua nuca e se remexeu rapidamente encontrando o hálito quente de Camila quase que contra seu rosto. Sentiu como a latina suspirava antes de falar:

- Ok, foi uma ideia estúpida e... é impossível dormir sem você.

Principalmente sabendo que está do outro lado da parede... – Lauren ia responder, mas sentiu os dedos finos em sua boca, calando-a. – Mas isso não quer dizer que a gente vai fazer... você sabe. Você vai me abraçar, nós dormiremos e antes que seus pais acordem eu volto pro quarto de hóspedes... entendido? – Lauren assentiu lentamente, puxando a cintura da latina contra seu corpo ainda mais. – Lauren... – reclamou, mas a morena a calou com um beijo antes de responder:

- Sim, foi uma ideia estúpida e continua sendo estúpido você me evitar por respeito a meus pais. Eles têm três filhos e não são idiotas... – Camila ia rebater, mas a morena a calou novamente com outro beijo, prosseguindo enquanto a latina tentava retomar a respiração – Mas isso não quer dizer que eu não posso te beijar ou te tocar. Entendido? – Camila assentiu lentamente. Quando Lauren avançou contra ela, se afastou um pouco para falar:

- Mas só beijo, nada de mão boba! – apesar do escuro, Lauren revirou os olhos.

- Cala a boca, Camila. – disse avançando de novo, mas a latina se afastou:

- Entendido? – Lauren respirou fundo, imaginando como a menor estaria rindo de sua frustração naquele momento:

- Sim, caralho! Agora cala a boca e me beija. – com uma risadinha

cínica, a latina enroscou suas pernas com as de Lauren e enfiou a mão por dentro da camisa que a agente usava, arranhando-lhe as costas antes de sentenciar:

- Como eu adoro mulher brava...

Se não fosse pela escuridão, Camila teria visto o sorriso convencido de Lauren antes de beijá-la. E de repente, aquela cama e os travesseiros se tornaram o lugar mais confortável do mundo.

O sábado em Chihuahua estava cheio de trabalho para os Cabello.

Sinu havia acordado todo mundo cedo para iniciar uma faxina geral.

Depois de falar com Camila no telefone, contou a boa nova para todos de que finalmente tinham algo oficial e que os Jauregui queriam conhecê-los. A matriarca ficou tão animada com a ideia que já havia planejado tudo nos mínimos detalhes caso decidissem aparecer por ali. Mas para isso precisava se desfazer das velhas tralhas que suas filhas acumulavam.

Depois de arrumar os quartos e armários, era hora de se desfazer da infância. Cada uma ficou responsável por selecionar as coisas que queriam guardar na garagem e as que poderiam servir para alguém.

Dinah estava ajudando Alejandro com algumas caixas de ferramenta quando a energia da casa se foi.

- Mierda! Já disse a sua mãe para não lavar o fogão com água! – o homem resmungou irritado. Dinah riu negando com a cabeça, deixando uma caixa ao lado do pai.

- Vou pedir pra Ally dar uma olhada, já venho!

Dinah procurou por Ally pela casa, chamando-a aos berros, mas a loira não respondia. Quando já estava pra desistir, cruzou a porta da garagem e deixou a voz morrer ao vê-la em pé frente a uma caixa cheia de objetos. Nas mãos, Ally segurava uma boneca e parecia distraída. Estava suja e com uma aparência surrada, como se tivesse muitos anos.

- Ally? – quando a loira escutou a voz da irmã, imediatamente deixou o brinquedo voltar pra caixa e deu um pulo para trás, assustada:

- Deus, Dinah!

- Está tudo bem? – insistiu com o cenho franzido. A loira assentiu sem jeito, colocando a caixa as pressas junto com as outras que estavam empilhadas.

- S-sim. Eu só... estava descendo as caixas que a mamãe pediu. – Dinah deu de ombros e preferiu deixar pra lá.

- Falando nela, acho que lavou o fogão de novo com água. – Ally também riu, limpando as mãos uma na outra.

- Provavelmente. Anda, vamos logo antes que papai comece a gritar...

Antes de fechar a porta da garagem Dinah olhou uma última vez pra boneca largada sob a caixa, se perguntando se irmã poderia saber a procedência.

//

É isso aí... Também é importante pegar as reações!! Afinal sou bem descritiva por algo. Quem leu Happy Ever After sabe que nenhum detalhe é em vão... Desde cores a sei lá... cenários. Tudo tem um por quê na fic. T u d o.

Chero lindas!

Capítulo 33 - Momentos

Viu só como eu me organizei? Com um pouco de sorte, amanhã tem mais!

Obrigada

//

Quería decirte algo.

No sé si debo...

¿Recuerdas aquel día?

Pues desde ese día.

#microcuento

2004 – Chihuahua, México

O colégio San Buenaventura abria suas portas para hora do lanche. As meninas usavam uma saia cinza com camisa branca e um suéter azul turquesa. As meias, dependendo da época do ano e também na cor azul, chegavam até o joelho ou em forma de meia-calça. O sapato social devia estar perfeitamente engraxado e limpo. Já os meninos tinham o mesmo conjunto, mas substituíam as meias e saia por uma calça social cinza.

Assim que o sinal tocou, todos os alunos saíram correndo pelo corredor na direção da cantina. O colégio era misto, porém de influência católica, da ordem franciscana. Além de rezar todos os dias pela manhã, participavam de missas, comemorações religiosas e a aula de religião era obrigatória.

Mas, voltando aos alunos, o corredor era um caos. Desde crianças a adolescentes, o momento do intervalo era o mais esperado. Mas havia três garotas, mal encaradas e com poucos amigos que nunca seguiam as regras da pirâmide social. Elas não tinham grupo nem escala. Andavam sempre juntas e se sentavam no pátio para comer. Os meninos se sentiam atraídos pelo mistério e falta de paciência que tinham, enquanto as meninas as invejavam porque não havia forma de irritá-las. Não prestavam atenção as brincadeiras de mau gosto e, todo aquele que tentava se meter no caminho delas, acabava na lata de lixo. Assim, tinham suas próprias regras e hierarquias.

A mais esguia era conhecida como a líder. Tinha sempre uma resposta na ponta da língua e tinha fama de ser a defensora dos pobres coitados. Ninguém entendia por que, mas na frente dela ninguém sofria bullying. Era conhecida como a cubana e sempre andava com as outras duas. A morena era Normani e a loira, Dinah. Eram uma espécie de segurança e além de mais altas, eram mais perversas. Camila preferia ameaçar apenas, elas optavam sempre por ridicularizar.

Como de costume estavam comendo o lanche que a mãe havia preparado para elas e conversando. Camila estava especialmente irritada aquele dia, falando de boca cheia:

- O pendejo do senhor Miguel vai acabar com a gente nesse teste de

conhecimento. – disse irritada. Dinah revirou os olhos mordendo seu sanduíche e respondendo com a mesma falta de educação:

- Híjole! Você sempre se estressa com essas coisas, Mila. Já disse que vou conseguir com os gafotas as respostas. Relájate, guey. – retrucou e Normani assentiu concordando:

- É, Mila. Por que você se preocupa tanto com as provas? A gente sempre consegue as respostas.

- Porque mamá disse que com menos de seis no boletim a gente tá fora da garagem, pendeja! – as outras duas bufaram irritadas pela insistência da amiga e continuaram comendo em silêncio, até que viram um alvoroço perto da grande lixeira que ficava em baixo da árvore.

Com a cabeça, Camila acenou para o local e as outras duas se viraram para olhar. Dois meninos um pouco maiores que elas estavam carregando uma menina baixinha, loira e com óculos de grau. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo alto e usava uma mochila lilás com espinhos. Sem piedade, a colocaram dentro da lixeira e saíram rindo. Camila, que já estava nervosa, amassou o envoltório do sanduíche com força e se levantou. As outras duas correram atrás dela, indo como um foguete até o lixo. A baixinha estava com um bico enorme retirando a sujeira do uniforme, mas curiosamente falava em inglês até que, ao ver as outras três fechou a cara e disse mais firme:

- Qué me ven? Perderam alguma coisa? Se querem jogar mais lixo, andele, joguem! – as três garotas arquearam as sobrancelhas e se entreolharam. Dinah riu com escárnio, falando:

- Você é bem valente pra quem está dentro de uma lixeira com uma mochila de espinho, enana. – a menina estreitou os olhos e bufou irritada, ignorando-as. Tentou se apoiar na borda para sair, mas pelo seu pequeno tamanho não alcançava. Camila estreitou os olhos tentando se lembrar de onde a conhecia, até que sorriu maliciosamente:

- Você é a cerebrinho de informática, não é? – a menina assentiu lentamente.

- Eu tenho nome. – disse com um bico. Dinah novamente intercedeu:

- Anã de jardim? – as outras riram.

- Há há há. Sim, e o seu é vara de pescar? – Dinah deu um passo à frente, mas foi parada por Camila e a baixinha levantou os braços como se protegendo.

- Me solta Mila!

- Calma Dinah. Você provocou, aguenta. – bufando, a jovem deu um passo atrás e cruzou os braços. – Bom, e como é seu nome?

- Allyson. – a latina coçou o queixo assentindo e depois de alguns segundos pensando, disse:

- Então, Allyson... Tenho uma proposta pra você.

- Eu não tenho mais lanche, eles roubaram! E meus cadernos estão no alto do armário que eu não alcanço, então não tenho nada a lhe oferecer! – disparou a falar fazendo-as franzir o cenho, e então a latina continuou:

- Ok, ok! Calma, pendeja. Não quero seu lanche nem seus cadernos. – Allyson franziu o cenho desconfiada:

- Não? E o que você quer?

- Estamos com dificuldade em matemática e robótica. A verdade é que uma ajuda na prova e nos estudos seria ótimo...

- E o que eu ganho com isso?

- Sem abusos, sem lixeira, sem cadernos no alto do armário... – e Normani completou piscando o olho:

- E com lanche.

- Eu ajudo vocês nas provas e a estudar, e em troca vocês me protegem? – as três assentiram veementes. Allyson ponderou um pouco. – Como eu sei que vocês estão falando a verdade? – Normani riu torto dando um passo a frente junto a Dinah, ajudando-a a sair da lixeira e colocando-a no chão. Limparam um pouco a roupa e o cabelo da pequena, voltando a seus lugares e a morena concluiu:

- Você só vai saber se confiar, Allycat. Mas se serve de alguma coisa, a palavra pra gente é o mais importante.

Camila estendeu a mão e a pequena, duvidando um pouco, aceitou apertando devagar.

- Bem vinda, Allyson. Eu sou Camila.

- Dinah.

- Normani.

Normani ofereceu o resto do seu sanduíche à loira que aceitou e comeu animadamente, alegando que estava morrendo de fome. Foram diretas ao banheiro, onde a ajudaram a se limpar e estar apresentável novamente. No corredor, Dinah pegou os cadernos e aproveitou para pedir os exercícios de literatura. Por coincidência, estavam na mesma sala. Só que como as meninas viviam sempre em seu pequeno mundo, quase não prestavam atenção nos outros. Camila a conhecia porque sentavam perto nas aulas de informática. Mas algo que havia percebido era que Allyson não tinha amigos. Ninguém. Chegava e ia embora sozinha, e sempre que questionada por sua família dava evasivas.

Naquele mesmo dia, após o colégio foram direto para casa dos Cabello. Camila apresentou a nova amiga a seus pais que a convidaram para comer e enquanto Sinu lavava o uniforme da menina, elas ouviam atentamente as explicações de Allyson para o teste do dia seguinte. E elas nunca mais se separaram.

Atualmente – Miami, Flórida – Estados Unidos

Lauren dormia profundamente servindo de travesseiro para uma Camila que estava praticamente em cima dela e com as pernas enroscadas na

morena. As duas pareciam serenas e confortáveis, abraçadas sob o lençol fino que estava mais do que bagunçado pela cama.

Ao longe, a latina escutava alguns toques na porta, remexendo-se pelo barulho, mas não acordava.

Pouco a pouco a consciência foi tomando conta e, de repente, abriu os olhos ao apalpar seu "travesseiro". Com um pulo, a latina já estava em pé fora da cama chamando por sussurros a Lauren:

- Amor, acorda! Sua mãe! – mas a morena se remexeu resmungando:

- Camz, para de se mexer, ainda está cedo... – disse manhosa. Camila olhava por todo o cômodo procurando uma saída, mas Lauren não acordava.

- Lauren, porra! Sua mãe...

- Michelle, filha! Vamos, acorde! – a morena abriu os olhos com dificuldade, coçando-o:

- Por que você está tão nervosa? Abre a porta! – resmungou recebendo uma almofada no rosto. – Ai, Camila!

- Fala baixo, idiota! – pediu entre dentes.

- Michelle? Está tudo bem aí?

- Eu preciso sair daqui sem que ela me veja! – a morena se sentou na cama cruzando as pernas, e continuava sem entender:

- Qual o problema dela te ver aqui? Camila, você é minha namorada...

- Eu disse que ia dormir no quarto de hóspedes! – Lauren deixou a cabeça cair para trás, exausta e se levantou da cama. Camila tinha um bico nos lábios e cara de quem está pedindo por favor, motivo pelo qual a morena não resistiu e indicou a cortina.

- Já vai, mãe... – quando teve certeza que a latina estava entre o pano e não era possível ser vista, abriu a porta – Bom dia, dona Clara! – fingiu um sorriso sem mostrar os dentes

- Te acordei? – Lauren assentiu apoiando-se na porta e bocejando.

- Não tem problema... precisa de alguma coisa?

- Sim! O café já está pronto e temos que arrumar as coisas para receber os convidados! – a morena franziu o cenho, acordando de repente:

- Con-convidados? – Clara assentiu animada. – Convidados de quê, mãe?

- Seu pai não te avisou? – Lauren negou lentamente, arrependendo-se de ter sido tão ingênua com o convite:

- Oh, querida! Chris receberá mais um reconhecimento e achamos que era melhor celebrar aqui!

- Uma celebração do exército? – Clara assentiu. – Todos os oficiais responsáveis pelo Chris e amigos do papai? – confirmou novamente. – No jardim de casa?

- Sim Lauren!

- Não, madre... eu não sabia. – disse trincando o maxilar.

- Ah, querida! Não tem importância, já sabe agora. Ande, se arrume para tomar café e me ajudar com os preparativos. Ah! – empurrando a filha e colocando o rosto dentro do quarto, concluiu – Camila, tomei a liberdade de escolher uns vestidos para você, espero que não se importe. Lupita está terminando de passar. – Lauren reprimiu o riso quando a latina saiu de seu esconderijo completamente envergonhada e puxando a camisa com a embalagem de Jack Daniels para tentar tapar suas pernas.

- Bom dia, Clara. – a mulher que parecia se divertir com aquela situação muito mais que elas, piscou o olho:

- Bom dia, linda. Também tomei a liberdade de transferir sua mala... – se afastou e entregou a mesma a Lauren. – Achei que você ficaria mais cômoda.

Sem tempo para resposta, deixou um beijo na bochecha da filha e abandonou o quarto gritando um "não demorem" enquanto descia.

Quando Lauren fechou a porta, começou a rir da cara fechada de Camila, que caminhou envergonhada até ela, escondendo o rosto no pescoço da agente que a acolheu com carinho, abraçando-a com força:

- Você pelo menos tentou, amor...

- Cala a boca, idiota! – reclamou afastando-se bruscamente. – Isso é culpa sua! Você tinha que ter me acordado! – Lauren abriu a boca e a fechou novamente. – Se você não fosse tão confortável e... cheirosa eu... teria acordado na hora! – disse irritada e com o nariz em pé, mas Lauren não conseguiu reprimir seu sorriso torto, puxando-a pela cintura:

- Confortável e cheirosa, huh? – a latina tentou se desfazer do abraço, mas a morena a puxou com mais força:

- Lauren... – advertiu irritada. A agente riu dando de ombros:

- Só estava pontuando...

- Cala a boca. – grunhiu de cara fechada e acertando um tapa no ombro da morena.

- Mmm... eu adoro mulher brava. – debochou e quando Camila quis retrucar, aproveitou para beijá-la com gosto.

Seria um fim de semana loooooongo.

Enquanto isso em Chihuahua, Vero e Lucy estavam pelo zoológico andando entre as pessoas. Lucy tinha o celular na mão e olhava por cima dos óculos enquanto Vero olhava ao redor, atenta. A colombiana parecia surpresa com o que estava lendo:

- Esse Zuñiga está metido em tudo que você puder imaginar. Lavado de dinheiro, tráfico de droga, assedio sexual, estupro, corrupção... – Vero estalou a língua:

- E mesmo assim deixaram que esse cara fosse delegado? – a mulher olhava atentamente para todos ao seu redor, até que puxou a esposa para um canto,

acenando para parte dos macacos com o queixo. Lucy olhou e levantou o celular ampliando a foto.

- Te tengo, hijo de perra. – continuaram atentas e observando ao redor. – Precisamos chegar mais perto para ter o sinal do celular dele. – retirou um aparelho minúsculo do bolso, entregando-o a Veronica. – Isso é um sensor. Você só precisa colocar no bolso em que estiver o celular e teremos acesso a tudo. – Veronica assentiu segurando-o.

Observaram um pouco mais fixando os traços do homem. Alto, bigodudo, a barriga não era muito grande, mas a idade era visível. Estava vestido com roupas normais e não ostentava tanto como os narcos. Sua esposa e filhos estavam rindo dos animais quando ele se afastou um pouco para atender uma ligação e, minutos depois colocava o aparelho no bolso direito da jaqueta. Foi então que Veronica caminhou distraidamente até ele e esbarrou no homem.

No ato, aproveitou para colocar o sensor no bolso e sorriu com falsa ingenuidade.

- Perdón! – ao vê-la, Zuñiga que estava prestes a reclamar, sorriu também provocando um forte sentimento de nojo na agente pelo olhar lascivo que o homem lhe ofereceu, analisando-a de cima a baixo.

- Nada, hermosa... – Veronica assentiu sorrindo e deu a volta, retornando a seu lugar enquanto apertava as mãos em punho pelo nojo.

Alguns metros mais longe de onde estavam, quando o homem se distraiu novamente, se aproximaram de novo a ele e em poucos segundos o sensor fez seu trabalho, dando acesso à Lucy. Mas a colombiana franziu o cenho quando o receptor apitou novamente.

- Tem alguém na mesma frequência... – disse e logo alçou a cabeça.

Caminharam seguindo o sinal, à medida que ficava mais forte até que já estavam afastadas das pessoas, chegando à zona dos pássaros. Estava situada no alto de uma escada, como se fosse uma colina. Subiram as escadas fingindo distração, quando Veronica avistou alguém com uma câmera profissional apontando para a família Zuñiga. Com um casaco cinza e o capuz na cabeça, impossibilitando a vista do rosto e as mangas longas, também cobriam a mão.

O celular continuou apitando e então, como se estivesse sentindo a presença, o portador da câmera virou-se enfocando no casal. Veronica respirou fundo, já se preparando:

- Shit...

Em questão de segundos a latina subiu os últimos degraus que restavam e correu atrás da silhueta cinza pelo bosque adentro. Com uma velocidade fora do normal, desciam a colina natural escorregando de vez em quando com o chão. Veronica se apoiava nas árvores, e cada vez que se aproximava, parecia aumentar a velocidade e correr mais.

Continuaram descendendo e ao longe a agente avistou um barranco, pensando que ali seria o encontro.

Mas pra sua surpresa, a silhueta se apoiou nas madeiras que protegiam o lugar e se jogou no vazio:

- Não! – gritou apoiando-se e olhando para baixo, a tempo de ver o corpo caindo sob algumas lixeiras e logo depois correndo ainda mais rápido.

Ofegante e vendo seu objetivo se afastar cada vez mais rápido, a agente praguejou chutando o vento e deixando a cabeça cair para trás.

Quando deu a volta para continuar andando encontrou no chão um recipiente transparente com um cartão de memória dentro. Abaixou-se limpando o objeto e sorriu minimamente. Agora tinha algo. Com sorte, as impressões digitais. Com cuidado guardou no bolso da jaqueta e fez o caminho de volta.

Antes de voltarem para o armazém, passaram na agencia filial para que analisassem o estojo e logo depois voltaram para o lugar encontrando Dinah no andar de baixo limpando os vidros do Dodge.

Vero a cumprimentou assim como Lucy, mas a colombiana prestou atenção em algo mais. Em cima da mesa junto a cera e um trapo que usavam para espalhá-la, estava uma câmera muito parecida a que haviam visto no suspeito. Lucy se aproximou olhando o objeto e então perguntou:

- Dinah? – a loira levantou a cabeça olhando-a. – De quem é essa câmera?

- Da Ally, por quê?

//

Eu adoro, eu me amarro ♪

Capítulo 34 - Dile al amor

O povo sempre é soberano, então... 1/3

Chêro! Obrigada sempre, vocês são uma das minhas alegrias. Vou falar pouco e no último venho com gaiatice, ta bem? Lindas.

//

De todas las opciones,
de todas las personas,
de todos los lugares,
de todo entre todos, tuviste que ser tú.

Conmigo.

#microcuento

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

Antes de voltarem para o armazém, passaram na agencia filial para que analisassem o estojo e logo depois voltaram para o lugar encontrando Dinah no andar de baixo limpando os vidros do Dodge.

Vero a cumprimentou assim como Lucy, mas a colombiana prestou atenção em algo mais. Em cima da mesa junto à cera e um trapo que usavam para espalhá-la, estava uma câmera muito parecida a que haviam visto no suspeito. Lucy se aproximou olhando o objeto e então perguntou:

- Dinah? – a loira levantou a cabeça olhando-a. – De quem é essa câmera?

- Da Ally, por quê?

Veronica trocou um rápido olhar com Lucy, negando em seguida com a cabeça:

- Estava atrás de uma como essa... – a loira assentiu e deu e ombros, como se não fosse transcendente. – Você sabe onde a Ally está?

- Chegou correndo e foi se trocar, acho que ela tem um encontro com o grandão.

- Tudo bem. Qualquer coisa estamos lá em cima... – com um aceno, se despediram e as agentes foram para o lugar de sempre. Enquanto fechava a porta, Lucy disse:

- Não devemos nos precipitar! – disse de imediato. – É uma mera coincidência! – Vero passou a mão no rosto e sentou-se, meio frustrada:

- Essa história não me cheira nada bem, Lucía...

- Não começa com suas teorias mirabolantes. Lembra do começo? Nós

achávamos que elas estavam relacionadas ao cartel e na verdade estão pagando uma dívida!

- Uma semelhança é casualidade, mas esse assunto da cazadora simplesmente não encaixa. De repente chegam os arquivos pedindo ajuda a elas. Por quê? Ninguém sabe do pacto que elas têm conosco, e mesmo assim essa mulher entra em contato.

- Não se esqueça de que ela pediu ajuda á elas, simplesmente Dinah entregou o pacote a gente e nos deixou participar. Não tinha como saber nossa identidade... – com o argumento de Lucy, Vero suspirou frustrada.

- Algo não me cheira bem, amor... – a colombiana deu de ombros, sentando-se ao seu lado:

- Se elas têm alguma ligação, o laboratório vai encontrar no estojo.

- De qualquer forma eu acho que deveríamos investigá-las... Apenas por precaução... – Lucy suspirou negando com a cabeça, rejeitando a ideia da esposa:

- Eu entendo a gravidade do problema, mas não podemos abrir uma investigação só por uma câmera. Fazer isso seria comprar uma briga não só com elas, mas com Lauren e Camila. É cruzar uma linha sem volta, e nós já sabemos o que acontece com os topos e traidores... – mas Veronica estava decidida e, levantando-se, retirou o celular do bolso e marcou um número:

- Neste caso, se elas não têm nada a esconder, nós também não temos o que temer... não?

- Você tem certeza disso? – Vero não precisou responder. Continuou com o aparelho no ouvido e então falou:

- Agente Iglesias. Preciso que vocês enviem por correio tudo que encontrarem sobre Allyson Brooke, Normani Kordei, Dinah Jane Hansen e Camila Cabello... Sim, é urgente... Por uma investigação federal... São suspeitas de assassinato.

Em Miami, Camila se olhava no espelho com o vestido, não muito convencida de estar usando aquela roupa e aqueles sapatos. Não que ela não gostasse, mas era estranho. Estava levemente maquiada e tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo alto e com a franja aberta ao meio. O vestido branco abraçava suas curvas. Era completamente fechado e sem mangas, liso e acima do joelho. Parecia simples, mas os cortes tinham um toque clássico que a deixava mais elegante.

O jardim já estava repleto de oficiais. Clara havia preparado tudo no mínimo detalhe, e Michael estava tão orgulhoso que cumprimentava com entusiasmo todos seus convidados.

A latina observava tudo distraidamente desde o quarto de Lauren. Ainda tinha o zíper das costas aberto e tentava se convencer de que tinha que descer

em vez de se trancar ali com a morena.

Enquanto calçava os saltos marrons, sentiu o vento leve do vulto de Lauren por trás de si frente ao espelho. A morena não estava usando farda e sim um vestido preto de tubo, muito simples a não ser pelo decote. Tinha o cabelo solto e penteado, coisa atípica nela, e saltos vermelhos a jogo com suas unhas e batom. Lauren estava maquiada, os olhos destacavam muito mais do que o normal e ela estava sorrindo torto, admirando a latina de cima a baixo.

Camila se sentia atraída pela pose rebelde e irreverente que a mulher adquiria nas ruas e trabalho, mas aquela Lauren arrumada, feminina e aspirando ao posto de femme fatale, era definitivamente a melhor das suas facetas. Conseguia ser sexy tanto com sua expressão amarga como vestida para uma ocasião. Tanto, que a latina nem se preocupou no pouco tecido que lhe cobria as coxas.

Mas Camila se fez de indiferente e continuou puxando um pouco mais o penteado, até que olhou por cima do ombro e levou as mãos à cintura. Lauren entendeu e se aproximou por trás. Quando tocou o zíper para fechá-lo, a ponta de suas unhas roçou minimamente a coluna da latina que, por inércia, sentiu o arrepio lhe consumir. Lauren subiu lentamente o feche e ao chegar ao pescoço, retirou o cabelo da latina colocando-o sobre o ombro direito e deslizou seu nariz pela curva do pescoço de Camila.

Baunilha e la vie est belle. A mistura perfeita para deixar a morena extasiada. Não sabia dizer se todo aquele turbilhão de sensações e fascinação pelos pequenos detalhes era pelo pouco tempo que levavam juntas, descobrindo-se a cada dia, mas tudo em Camila era fascinante para Lauren, e segundo fontes muito confiáveis, era recíproco.

Mas voltando.

Lauren deixou um beijo singelo, um leve roçar de seus lábios na nuca da latina para não deixar nenhuma marca e a abraçou por trás, deixando que seus olhares se encontrassem no reflexo do espelho. Suspirando e com um sorriso orgulhoso, disse:

- Você está linda e isso me irrita. – Camila revirou os olhos, mas o rubor em suas bochechas revelaram a verdade. Desviou o olhar a seu vestido, como se estivesse procurando algo, mas Lauren insistiu. – Eu estou falando sério. É muito frustrante saber que não posso simplesmente te levar daqui e vou ter que falar com esse bando de gente chata... – a latina deu de ombros, ladeando a cabeça e sorrindo logo depois:

- Por que não? Parece uma proposta irrecusável...

- E tentadora. Mas temos que ficar, pelo menos até a entrega... – explicou torcendo o lábio. Pouco tempo depois a porta soou e foi aberta. Clara procurou pelo quarto até encontrá-las. Em suas mãos tinha um estojo coberto por veludo azul marinho. Estava sorrindo e arqueou as sobrancelhas sugestivamente quando Lauren estreitou os olhos. – Madre... – disse dubitativa.

- Vocês estão espetaculares! – disse suspirando e ignorando a mensagem implícita. – O vestido ficou perfeito, Camila. – envergonhada, a latina assentiu sem jeito. Clara ficou ali parada sorrindo e admirando as duas abraçadas. Estava prestes a chorar? Foi o que Lauren pensou.

- Mãe? – a mulher pareceu acordar, assentindo.

- Você pode me deixar a sós com Camila um momento?

- Eu não sei se é uma boa ideia, dona Clara. – a mulher deu de ombros.

- Uma pena que você seja minha filha. Agora, fora Michelle. – zombou acenando pra porta com a cabeça. Lauren bufou frustrada e disse um baixo "te espero lá fora", fuzilando a mãe com o olhar e saindo. Clara estava sorrindo ainda mais abertamente, e se aproximou. – Espero que você não tenha se importado com minha ousadia quanto a sua roupa. Mas eu não podia te deixar fora disso...

- Não tem problema, até porque não trouxe nada para ocasião... – assentindo, a matriarca dos Jauregui abriu o estojo retangular, revelando uma pulseira de prata muito singela. Era fina e tinha uma âncora como pingente. Camila não entendeu, ou não queria entender, franzindo o cenho com o olhar nostálgico que Clara olhava o objeto:

- Quando Michael chegou à Cuba, ele estava iniciando como oficial. Era um dos cabos do USS Constitution. Meu pai tinha uma cantina no porto, onde os marinheiros costumavam passar as noites livres.

- Foi onde vocês se conheceram? – perguntou e Clara assentiu em resposta.

- Eu estava iniciando na agência e as missões eram perigosas, mas ajudava sempre que podia servindo as bebidas. Quando ele entrou pela porta com os amigos fazendo a maior algazarra, meu primeiro instinto foi revirar os olhos. Céus, os marinheiros eram tão idiotas! Eles cantavam todas as mulheres falando algumas palavras em espanhol tipo "Do you want to know my papi?". – as duas riram com o comentário. Clara se sentou na cama e Camila a acompanhou, sempre atenta a história. A mulher alisava o contorno do estojo enquanto contava. – Mas ele era o mais tranquilo, aparentemente, então se sentou no balcão enquanto os outros gritavam e ficavam fazendo apostas entre eles. Agora, diz para os meninos que foi porque se apaixonou por mim quando me viu, mas eu sei que ele era o encarregado de levá-los sãos e salvos de volta e por isso se controlou. – Camila riu novamente, mas nada disse. – Se você me perguntar a roupa que ele estava usando naquele dia, no dia que me pediu em casamento ou como tinha o cabelo no dia do nascimento de Lauren, eu lembro perfeitamente. – Clara olhou para Camila séria, virando-se minimamente. – Eu lembro de tudo que aconteceu entre nós, Camila. E sabe por quê? – a latina negou engolindo em seco. – Porque quando se trata de amor, esses pequenos detalhes são tudo. Os gestos e as lembranças completam o sentimento. Por isso que não é apenas o amor o que mantém uma relação, mas sim o conjunto de tudo. Quando ele quis me pedir em casamento, sabia que eu não podia usarnenhum

anel ou algo que identificasse o compromisso, porque eu ainda era uma agente ativa. Imagine só uma espiã com um soldado americano? – estalou a língua negando com a cabeça. – Era arriscado demais. Mas eu tive que escolher, e quando ele se ajoelhou e abriu esse estojo, foi quando eu decidi. A âncora representava as circunstâncias... o porto, ele tendo que embarcar de volta. Mas também significa para os marinheiros o último refúgio, a esperança... porque no meio das tempestades, é ela quem mantém a estabilidade dos barcos...

- Clara eu... – mas a mulher continuou sem deixá-la falar:

- Sempre confiei nos meus filhos seguindo os passos do pai, afinal eu também me arrisquei muito nessa vida. Mas não posso evitar, nessa altura, não me preocupar por eles, entende? – Camila assentiu. – Lauren sempre foi muito fechada, do tipo que aguenta tudo em silêncio e se mantém firme para que todo mundo se apoie nela... Mas ela não tem em quem se apoiar. A forma como ela te olha ou como se comporta... – a mulher riu negando com a cabeça – Eu não posso estar mais feliz e completa na minha vida, Camila. E mesmo que ela não saiba ainda, eu te digo que você é a estabilidade dela. A âncora, quem a mantém firme nas tempestades, e quem o fará durante muito tempo. E sabe por que eu sei? – a latina negou com o cenho franzido – Porque ela arriscou tudo para te proteger. De todas as coisas que nossa família tem, o trabalho para esses meninos é tudo. Às vezes eu fico meses e até anos sem vê-los. E se o telefone tocar a hora que for, eles saem correndo e onde estiver. Mas ela não pensou duas vezes antes de arriscar uma missão de cinco anos por você.

- Eu não tinha visto por esse lado... Nós ainda estamos em uma fase confusa. Não a culpo, mas concordamos em ir com calma. – Clara assentiu.

- Principalmente nesse meio, é o melhor que vocês fazem. E sei que chamar a atenção seria muito arriscado, por isso eu quero que você fique com isso... – estendeu o estojo, mas Camila franziu o cenho. – Lauren deveria decidir, mas acho que nem ela entendeu ainda a importância que você tem na vida dela. Mas eu estou te dando a responsabilidade de aceitar o posto como âncora dela... – revirou os olhos rindo pelo termo infantil – Não só no trabalho, mas na vida em geral.

- Clara, eu não posso aceitar isso. É um presente do Michael e...

- Por favor, Camila. Eu estou te pedindo que você cuide da minha filha... – séria e praticamente sem piscar o olho, Clara a encarava firmemente com o objeto nas mãos.

Camila então entendeu que mais do que um compromisso com a morena, ela estava adquirindo um com a sogra. Dessa vez a mulher não estava sorrindo, mas era o mesmo olhar pedindo ajuda que lhe ofereceu há anos atrás, quando entrou por sua janela ferida. Respirando fundo, Camila não precisou ponderar nada mais e estendeu o braço esquerdo. Clara retirou a joia e a colocou no pulso fino, fechando-a com delicadeza onde encaixou perfeitamente. E logo depois sorriu abraçando a latina com força.

Camila admirava seu pulso com um sorriso tímido.

- Obrigada por confiar.

- Eu que lhe agradeço por ter aparecido em nossas vidas... de novo.

Agora vamos? – Camila assentiu se levantando, seguindo a mulher. – Quero te apresentar a todos os convidados, e que você se sente junto á nós!

Camila não teve tempo para se assustar, pois a sogra a puxou pela mão para fora do quarto. Lauren estava ao final do corredor gesticulando e preocupada enquanto falava ao telefone, mas ao vê-las se despediu imediatamente e encerrou a chamada.

- Tudo bem? – Camila perguntou recebendo um sorriso como resposta. A olhou nos olhos e dessa vez, diferente de todas as anteriores, parecia dizer a verdade.

- O que vocês tanto conversavam? – perguntou arqueando a sobrancelha. Clara lhe deixou um beijo estalado na bochecha e piscou para Camila, saindo rapidamente. Lauren olhou para latina esperando uma resposta, mas ela apenas deu de ombros.

- Coisa nossa. Vamos? – a morena estreitou os olhos e negou com a cabeça:

- Você nem chegou e já está querendo mandar, Cabello... – revirando os olhos, Camila apoiou os braços nos ombros da maior:

- Gosto de deixar as regras claras desde o começo.

- E o que te faz pensar que eu vou te obedecer, flaca? – a latina fechou o olho esquerdo e ladeou a cabeça como se estivesse pensando, e então sorriu perversamente, aproximando-se um pouco mais até que seu nariz roçou com o de Lauren:

- Hoje, por exemplo, o fato de que eu estou sem calcinha. – Lauren arregalou os olhos, afastando-se um pouco. – O resto dos dias, veremos. – piscou os olhos rapidamente de forma sugestiva, fingindo um ar de inocência imediatamente. Mas Lauren estava séria.

- Vo-você... sem calcinha? – Camila assentiu dando de ombros. – Por quê? – sorrindo perversamente de novo, respondeu:

- Porque eu posso. – Lauren respirou fundo, sentindo o ambiente ficar quente demais de repente. Camila saiu rebolando graciosamente com os saltos, parando na porta para esperá-la. A agente preferiu acompanhar de longe, focando no quadril da latina e sussurrou baixinho enquanto suspirava:

- Sim você pode. Você pode tudo.

- Você disse algo? – perguntou com o cenho franzido, e Lauren negou rapidamente indo ao seu encontro:

- Nada. Só estava pensando alto. Vamos? – quando a morena abriu a porta, as duas saíram juntas e sorridentes, prontas para enfrentar o mar verde e azul de pessoas fardadas com seus acompanhantes pelo jardim.

No armazém, Veronica acabava de desligar o telefone agradecendo ao estagiário que acabava de enviar os arquivos encontrados no cartão de memória que ela encontrou no zoológico.

- Aparentemente não havia digitais nem nada que identificasse o fugitivo, mas conseguiram as fotos e recuperaram alguns arquivos apagados. – Lucy se apressou em ir para o computador, abrindo a pasta que acabava de aparecer na tela.

Fotos, obviamente. Mas fotos muito suspeitas. Começando pelas apagadas, as imagens mostravam a entrada e fachada de duas casas luxuosas. Uma fazia mais o tipo casa de campo, com a piscina vazia e a grama ressecada. Mostrava que pertenciam a alguém com dinheiro, mas também estavam um tanto descuidadas.

Também havia fotos da fachada de uma empresa com uma H e três estrelas ao redor como símbolo. O edifício era grande e a fachada tinha uma fonte. Na mesma pasta havia alguns carros e um homem engravatado que deixava um deles. Na verdade o mesmo homem aparecia diversas vezes tanto ao telefone como conversando com o que elas identificaram como grupo de seguranças.

Lucy continuou passando e então encontrou uma nova pasta. E então a surpresa as tomou por completo. Fotos de policiais, membros do exército de diferentes rangos, inclusive alguns ministros atuais. Todas de perto e em uma excelente qualidade.

Veronica correu para pasta que tinha em suas mãos, procurando a lista com todos os suspeitos que a caçadora havia enviado e começaram a comparar.

Casualidade ou não, os nomes e fotos do arquivo coincidiam com as fotos atuais que estavam no cartão. Um acompanhamento minucioso e muito de perto de todos os suspeitos.

Elas se olharam perplexas e então Lucy disse:

- Seja quem for, parece que essa história vai muito mais além do que uma simples denúncia. – Vero assentiu ainda perplexa:

- It's a fucking massive revenge.

Camila POV

A vida em si é feita de escalas. Quando você nasce, ocupa um lugar na família. Filha, neta, irmã, prima, sobrinha... na escola, pertence a um grupo social. Na faculdade, inevitavelmente você passa a pertencer a um grupo intelectual e quando passa a trabalhar também. A sociedade tem nome para tudo. E não é novidade que essas segmentações servem para que você se junte apenas com aqueles que pertencem a sua posição. Classe baixa, média, alta. Clero, nobreza, família real, aristocratas... O alto escalão está sempre marcado por duas características básicas: poder e dinheiro. Se você não tem um desses dois, considere-se um fracassado.

Passear entre essas pessoas é ver tudo isso em um exemplo prático. Todos estão fardados e além dos nomes, cada uniforme representa o poder, a posição

na escala social deles. Os vestidos, joias e penteados, marcam a hierarquia entre o resto. Quanto mais caro, provavelmente mais importante. Se cumprimentam, mantêm o protocolo e conversam de coisas que interessam a esse determinado círculo. E eu me pergunto... que diabos estou fazendo aqui?

O preconceito é gerado pela incompatibilidade social. Como desde séculos atrás a raça negra fora considerada inferior, mesmo com os avanços da sociedade, com o poder ou com a melhoria das condições, parece que foram marcados com brasa quando à posição. Então não importa as circunstâncias, a chegada de um negro em um ambiente de brancos sempre chamará a atenção. Porque dentro da mentalidade das pessoas, mesmo que inconsciente, está essa ideia. Pobres e ricos não são compatíveis. Negros e latinos são sujos e pobres. Entendem o ponto? Não podemos encaixar em um ambiente diferente ao que fomos criados. A partir do momento em que nascemos toda nossa vida é estipulada e catalogada. É como se tivéssemos nosso destino marcado pelas condições na qual existimos. Por isso é tão complicado respeitar e tolerar. Nos fracionam para que os grupos não se contaminem. Eis o motivo de tantos problemas.

As pessoas me olham e sorriem. Os que percebem que não pertencço a esse grupo social demonstram a educação do gesto. Os que não, imaginam que pelo vestido e maquiagem provavelmente eu seja um deles. E eu me pergunto... o que pensariam se eu aparecesse aqui com a roupa que uso diariamente? O que pensariam se em vez de um vestido e perfeitamente arrumada, Lauren estivesse com suas camisas de banda com mangas cortadas e seus óculos escuros?

Nós não encaixamos aqui. E eles... oh, eles nunca entrariam no nosso lugar.

A aprendiz de traficante e a policial. Os pais humildes e os pais ricos. As irmãs adotadas e sem educação e os heróis. É como as histórias de príncipes e plebeias do mundo moderno.

Gringos... no saben un carajo de la vida.

Os soldadinhos de chumbo recebem medalhas por matar inimigos. Mas eles estão para proteger, não é certo? Deveriam receber uma medalha por proteger o país e não por destruir o país dos outros. Mas no padrão da sociedade, o "deveriam" nunca é provável.

O que Clara está fazendo aqui eu não sei. Como ela consegue se adaptar aos valores tão distintos aos dela? Ser uma agente especial cubana entre todos esses cargos do exército americano tem que ser uma missão mais do que especial.

- Camila! – e falando nela... Não sei se é a necessidade que tenho de falar umas verdades a todas essas pessoas que me olham, mas me arriscaria a dizer que ela tem uma satisfação especial em pronunciar meu nome em voz alta. Já é a quinta vez que ela me chama aos berros para me apresentar a alguém. E lá vou eu.

- Clara. – respondo com um sorriso educado. O velho da minha frente

usa um bastão na mão direita e parece inclinado. Não sei se pela perna ou pelo tanto de medalha e insígnia que carrega. Qué diablos, parece uma árvore de natal de tanto enfeite.

- Esse é o general O'Donell. General, essa é minha nora, Camila. – lhe cumprimento com um aceno e ele me olha de cima a baixo.

- Não sabia que Chris havia terminado com Olivia! – fala surpreso. Clara ri dando um leve golpe no ombro do velho.

- Oh não, eles continuam firmes. Camila é a namorada de Lauren. – Santa mierda, que Deus me ajude a não rir. A cara do velho é indescritível. – General? – ela o chama com receio, parece que a qualquer momento vai infartar. Procuro um copo d'água com o garçom que passa ao meu lado e lhe ofereço. Ele bebe, mas me olha por cima do copo como se quisesse me matar.

- Estou bem, obrigada. – diz finalmente. O rosto dele parece aliviado finalmente. – Prazer, Camila. – assinto sem saber muito bem o que ele quer dizer com isso.

- Ela, assim como eu é cubana.

- Ah sim?

- Sim! Agora se o senhor nos desculpa... – e vamos embora. Ela está fazendo isso com todo mundo. Parece que adora jogar na cara de todos eles essa informação. Então eu chego a conclusão de que, para Clara ser uma Jauregui também é difícil. – O filho desse velho escroto manda flores pra cá sempre que Lauren está na cidade. Já perdi as contas de quantas vezes tentou levá-la para sair. – estala a língua negando com a cabeça e me guiando a um grupo de mulheres. Arqueio a sobancelha olhando-a. – Não se preocupe, querida. Eu mesma as jogo no lixo antes de Lauren chegar.

Cubanas. Sempre perfeitas.

Chegamos ao encontro das viejas. Uma mais pintada que a outra. Parecem saídas de revistas de maquiagem. Pela apresentação, são irmãs e namoradas dos amigos do Chris. Não parecem surpresas quando Clara me apresenta, provavelmente porque fofocam pelos cantos sobre tudo que acontece entre eles. Começam a falar sobre o encontro anual de não sei que... Espera, essa é a Lauren? Claro que é. Conheço aquela bunda de longe.

Agora eu só preciso saber quem é a que está sorrindo para ela. E por se fosse pouco, usa farda. Mierda.

- Se vocês me dão licença...

Sapato alto e jardim, uma péssima combinação. Caminho até o encontro delas que parecem adorar a conversa rindo. Hahahaha eu também quero rir. Vamos ouvir a piada.

Assim que chegou, a mulher me olha e Lauren que estava de costas, se vira imediatamente.

- Camz! Leila, é dela que eu estava falando. Camila, essa é a tenente

coronel Leila Dumas.

- Prazer. – digo curvando-me para aceitar o beijo em minha bochecha.

- Bem vinda a família, Camila. Lauren estava falando de você agora mesmo.

- Espero que só coisas boas!

- Oh sim! Deixe eu te falar que você é a pauta do dia. – e ela sorri. É jovem, estatura média, morena, os olhos meio puxados, provavelmente uma mistura entre mexicano e alguma outra nacionalidade. Os lábios são grandes e carnudos, os dentes perfeitos e o nariz fino. Enquanto Lauren explica como elas se conheceram quando ela fez um ano de prática no batalhão do pai, Leila me olha sorridente, como se fossem amigas de longas datas e só. Mas então ela se vende sozinha.

Quando dirige o olhar à Lauren, a perra não se controla e desliza a ponta da língua quase que imperceptivelmente pelos lábios olhando para os lábios de Lauren. Imagino que durante esse ano elas foram algo mais do que companheiras de batalhão.

Putá.

- ... Ela estava destinada em Porto Rico, mas já voltou.

- Oh! Então você fala espanhol? – ela assente veemente.

- Sim, meu pai é da ilha. –

- Porto-riquenha?! – ela assente. Olho para Lauren e ela percebe a ironia das minhas palavras. Maldita, pelo jeito tem queda por latina.

- Bom, acho que já está quase na hora da entrega, deveríamos ir. – Isso, desconverse e me tire daqui. – Te vejo depois? – a vadia assente concordando demais pro meu gosto. Assim que dá as costas, Lauren se vira e me olha com o cenho franzido.

- Ok... o que foi isso?

- Você comeu ela. – ela arregala os olhos e abre a boca como se fosse dizer algo, mas fecha novamente.

- Foi há muito tempo. – diz finalmente e eu rio com desdém. Eu sabia.

Narrador POV

Camila deu as costas e saiu caminhando com passos rápidos até a primeira fila de cadeiras, próxima ao palco que haviam armado. Lauren foi atrás sorrindo sem jeito quando passava pelos convidados. Havia duas cadeiras livres na ponta esquerda e apenas uma ao lado de Taylor. Camila olhou para Lauren desafiante e se sentou, justamente na que estava ao lado da cunhada. Lauren arregalou os olhos com a ação e viu como imediatamente a latina iniciou uma conversa animada com sua irmã.

Foi até sua mãe que conversava com o mestre de cerimônia, sempre sendo acompanhada pelo olhar de Camila que fingia interesse na conversa quando a namorada lhe olhava e quando não, se virava para ver o que estava fazendo. Após cochichar algo com a mãe, que parecia confusa, mas assentiu veemente, a morena

voltou ao encontro delas.

- Taylor, com licença. – Puxando a latina pela mão, saíram caminhando pelo jardim até chegar na garagem, onde não havia ninguém.

- Me solta sua animal! – Camila reclamava se debatendo e tentando se soltar do aperto, mas Lauren não estava nem um pouco abalada. Quando estavam o suficientemente longe, a soltou e a encarou:

- Que porra você está fazendo? – Cruzando os braços, Camila arqueou a sobrancelha.

- Nada.

- Nada?! Você acabou de armar uma cena!

- Porque eu acabei de conhecer sua ex!

- Ela não é minha ex!

- Você foi pra cama com ela! – Lauren quis rebater e acabou fechando a boca, enchendo-a de ar e depois expulsando-o.

- Foi há muito tempo... – explicou calmamente. – Eu tinha 19 anos, Camila.

- Y a mí, qué? Te la tiraste!

- Eu nem sequer sabia da sua existência!

- Mas ela está aqui!

- Porque é amiga do Chris também! Camila... – suplicou dando um passo a frente. – Isso é desnecessário. – a latina abriu a boca em um 'o', como se fosse a pessoa mais ofendida da face da terra. Lauren fechou a boca instantaneamente, puxando-a pela cintura com força. – Eu só estava cumprimentando-a e, caso tenha se esquecido, falando de você...

- Ela gosta de você. – sentenciou com os braços cruzados. Lauren revirou os olhos.

- Não, ela não gosta. E, caso gostasse... – continuou antes que a latina pudesse rebater – Não tenho nenhum interesse nela. Por favor, Camz... Até porque, você está se esquecendo da Rosita?! – Camila deu um passo atrás completamente indignada.

- Não tem comparação. – Lauren também parecia se irritar pelo próprio comentário, por ter lembrado da outra. E o que era algo para encerrar a conversa, a deixou realmente irritada.

- Não tem?! Ela sim é sua ex! E o que você me diz sobre a Teresa? – Camila levantou o indicador:

- Isso foi há muito tempo! – foi a vez de Lauren revirar os olhos e cruzar os braços:

- Não mais do que a Leila. – a latina fechou as mãos em punhos.

- Para de falar no nome dessa perra!

- Você está sendo hipócrita!

- E você uma cretina. Não é justo você jogar essas coisas na minha cara! – a agente franziu a testa, perplexa:

- Você que começou!

- Porque ela está aqui, respirando o mesmo ar que a gente, lambendo o lábio quando fala com você e esperando o momento de atacar! – Lauren deixou a cabeça cair para trás, suspirando. Era inútil. Ela nem sequer queria discutir sobre aquilo.

- Você está exagerando...

- Você sabe que não! Pelo menos eu nunca mais vi a Rosita nem a Teresa.

- Eu também não via a Leila há anos, Camila! Ou você esqueceu que durante os últimos meses eu estava em Chihuahua?

Mas de repente a insegurança tomou a latina por completo. Quantas mais, entre aqueles "amigos do batalhão", Lauren havia conhecido melhor? Era novidade que estivesse comprometida, mas não era para ninguém nenhum segredo que ela tinha muita fama.

Porque estava tão nervosa e irritada com aquele assunto se, no fundo, ela tinha o mesmo currículo? Sua cabeça não parava de criar diferentes teorias e perguntas cujas respostas não dependiam dela. Era tudo tão indireto, com frases feitas e enigmáticas. Até para pedi-la em namoro Lauren usou metáforas. Porque não podiam ser diretas e sinceras uma com a outra? Camila olhou o pingente uma última vez antes de encarar a namorada e perguntar:

- Qual a roupa que eu estava usando quando a gente se conheceu?

- Jaqueta de couro, regata branca e jeans preto rasgado no joelho. Por quê? – sem duvidar. Lauren respondeu imediatamente. Não precisou nem pensar. Camila, com seu coração na mão e mais do que surpreendida, respirou fundo contendo-se:

- E nos pés? – insistiu.

- Coturnos. Eles te dão sorte nas corridas. Por quê? – Lauren tinha o cenho franzido e não entendia nada. Mas a latina... oh ela estava querendo pular de alegria.

- Como você consegue se lembrar disso? – perguntou perplexa. Lauren suspirou irritada com o joguinho e disparou sem pensar duas vezes:

- Porque eu te amo!

2/3

//

¿Qué tenía aquello para que valiera tanto la pena?

- Decían que estaba prohibido.

#microcuento

Camila piscou lentamente ao ouvir as palavras. Lauren estava tão surpreendida quanto ela, e ficaram ali em silêncio até que, simultaneamente, começaram a deixar o sorriso aparecer. A morena parecia aliviada e a latina queria pular de alegria, e o fez. Correu em direção a Lauren que a recebeu sem mais problema do que manter o equilíbrio com os saltos. Imediatamente Camila começou a depositar beijos pelo rosto da mais velha que não parava de rir.

- Camz! – chamou sentindo-a suspirar em seus braços. Camila apoiou sua teste sob a de Lauren e disse contra seus lábios:

- Repete...

- Porque eu te amo. – disse sorrindo.

- Repete.

- Por que. Eu. Te. Amo. – Camila a beijou de repente, sem deixar que terminasse de falar direito e, antes de se afastar, disse:

- Sabe de uma coisa, gringa? – Lauren negou com a cabeça, ainda extasiada. – No dia em que nos conhecemos, você estava de preto da cabeça aos pés. A camisa era da Metallica, a que eu roubei pra usar como pijama e você estava com aquela jaqueta surrada que você tanto gosta.

- E nos pés? – Camila sorriu torto, olhando-a fixamente.

- Coturnos, porque você é uma badgirl de carteirinha. – elas riram. – Sabe por que eu sei isso? – Lauren negou de novo. – Porque eu te amo.

Inesperadamente, Lauren começou a girar abraçando o corpo da menor com força. Estavam rindo e abraçadas, beijando-se quando Clara chegou para chamá-las, mas acabou se calando no momento em que as viu e pedindo ao mestre mais alguns minutos.

Logo, elas voltaram sorridentes e olhando-se com cumplicidade até a primeira fila, onde se sentaram nos assentos livres bem no meio, entre Taylor e Clara que nada disse, apenas sorriu.

O mestre de cerimônia anunciou então o começo de tudo. O general O'Donell fez as honras e dedicou umas poucas palavras ao desempenho de Chris durante todos os anos. Depois foi a vez de Michael e finalmente do general Armada, responsável pelo jovem Jauregui em oferecer a medalha ao mérito da proteção civil.

Chris subiu ao pequeno palco com seu uniforme azul marinho e o chapéu. Se colocou em posição de sentido e se manteve sério enquanto Armada colocava a insígnia junto as outras. Todo mundo aplaudiu, dez tiros ecoaram no céu pelos companheiros de brigada postos em fila e todos se levantaram enquanto ele acenava sorridente.

Mais um para coleção.

Camila percebeu que Lauren estava um tanto tímida e incômoda. Sorria e olhava com orgulho para o irmão, mas não parecia muito convencida de que aquela era a forma correta de se reconhecer algo.

Quando ele desceu, primeiro cumprimentou os pais e irmãs, seguido de Camila e Olivia. Os convidados imediatamente se espalharam e retomaram as atividades anteriores, mas elas continuaram em sua bolha interna. Agora juntas o tempo todo, mantinham uma distância segura – para ambas –. Cada vez que Lauren parava para cumprimentar alguém, Camila ficava um pouco atrás observando. Muitos perguntavam por onde ela andava ou quando tinha pensado fazer uma visita ao corpo, mas a agente simplesmente desconversava e seguia.

Se olhavam de vez em quando com sorrisos cúmplices e aproveitavam aquele momento secreto, aquela felicidade interna que pertencia a elas e só.

Já no banquete, enquanto todos se sentavam na mesa, Lauren cochichou algo no ouvido de Clara que assentiu animadamente. Puxou Camila pela mão e foram até a cozinha onde a morena preparou alguns pratos com tudo que tinha pela frente.

- O que você está fazendo? – Camila questionou.

- Nós não precisamos ficar com os soldadinhos de chumbo. – zombou tampando-os com guardanapo e guardando em uma cesta que estava preparada, estrategicamente ali, o que fez Camila estreitar os olhos. Casualidade demais. – Quero te levar em um lugar.

Camila nada disse, apenas acompanhou a morena pelo trajeto até a parte de fora onde a Harley Davidson Sportster 883 preta estava estacionada. Lauren se apressou em subir colocando a cesta na parte detrás, mas Camila cruzou os braços.

- Vamos trocar de roupa! – Lauren revirou os olhos e estendeu a mão.

- Não é necessário, vem.

- Lauren, eu estou sem calcinha! – a morena sorriu presunçosa, dando de ombros:

- Melhor ainda. Vamos! – e como ela podia se negar? Não se fez mais de difícil e aceitou o apoio, sentando-se na garupa. Abraçou Lauren tão forte como pôde e apoiou o queixo no ombro da morena. – Se tiver com frio, chega mais perto.

- Cretina.

Rindo da piada, Lauren arrancou a moto e saiu da casa tão rápido como pôde. O sol estava se pondo, os carros preenchiam as pistas e a orla estava repleta de pessoas. Lauren continuou seu caminho pegando a autovia.

Quando chegaram à praia já havia anoitecido. Com os sapatos nas mãos, elas caminharam pela areia até que chegaram a um ponto deserto.

- Agora você precisa fechar os olhos. – e Camila assim o fez. – Não abre! – a latina assentiu.

Lauren espalhou pela areia pequenas velas e estendeu a mesma toalha azul que havia usado no primeiro encontro. Manteve a cesta a um lado, retirou a garrafa de vinho e as taças, junto a um edredom grosso.

- Pode abrir.

Camila abriu os olhos lentamente, sorrindo cada vez mais ao ver o cenário. As ondas estavam fracas, a lua forte e o céu estrelado. As velas iluminavam a toalha e faziam sombra com a silhueta de Lauren que a puxou pela cintura:

- Lauren...

- Tentei compensar a gafe do primeiro encontro.

- Mas a toalha é a mesma...

- Pra não perder a essência, você sabe...

- É perfeito...

Caminharam até a toalha onde se sentaram. Lauren serviu um pouco de vinho e ficaram de frente pro mar, bebendo e conversando sobre como era linda a vista.

De volta ao armazém, Veronica e Lucy haviam encontrando o ponto em comum entre todos os policiais e ministros. Todos eles, antes de chegarem ao posto atual, haviam trabalhado como guardiões da fronteira. Lucy suspirou apoiando a testa na mão direita:

- Pelo menos a gente já sabe o porquê de todos esses oficiais...

- Aparentemente ela acha que eles estavam envolvidos com os estupros e assassinados.

- Faz sentido... digo, ao trabalhar ali, todos os ônibus tem que ser revistados antes de continuar o percurso. As maquiladoras estavam pela zona do Valle. O mais provável é que nessas inspeções, algo tenha acontecido...

- Mas a questão é... como ela sabe disso? – Lucy encarou a tela e suspirou:

- Esse é o grande mistério do caso. A cazadora tem que ter algum vínculo com as vítimas. Por mais que seja indignante, tomar a vingança por si própria é mais do que ética.

A porta foi aberta e Dinah entrou com expressão cansada. Jogou o pano que tinha nas mãos no canto e cumprimentou as meninas enquanto se servia um copo d'água.

- O que vocês tanto fazem aqui, casal? – as agentes trocaram um rápido olhar, entendendo o plano sem necessidade de falar. Vero mostrou a tela para Dinah, que apenas franziu o cenho. – Que merda é essa?

- São fotos atuais dos homens da lista que a cazadora mandou.

- Vocês encontraram todos? – assentiram e Vero explicou:
- Nem todos são policiais, alguns agora exercem como ministros ou estão aposentados...

- E o que vocês acham disso? Digo... são muitos anos desde a primeira vítima, relacioná-los aos corpos e desaparecimentos é quase impossível se não sabemos por onde começar. – Assentiram e Lucy pontuou:

- Estamos tentando ligar os motivos da cazadora.

- E o que vocês acharam? – Vero coçou o queixo e suspirou:

- Provavelmente que uma das vítimas tenha uma relação com ela? –

Dinah assentiu lentamente quando a porta se abriu e Normani entrou parecendo assustada:

- O que ela fosse uma as vítimas. – Todas mostraram sua melhor expressão de confusão e a morena apenas jogou mais uma pasta sobre a mesa. – O carteiro acabou de trazer.

Enquanto Lucy lia o arquivo, explicou:

- Isso é uma denuncia feita em uma delegacia no ano de 1998. A vítima, identificada como D. Rodríguez e apresentou queixa por estupro e tentativa de assassinato. A letra é horrível, mas parece ser que ela foi abordada em um ônibus que saía da fronteira. Agh, essa letra é impossível! – Vero estendeu a mão:

- Deixa eu ver... O ônibus saía da fronteira e foi abordado por uns policiais. O motorista fechou as portas e depois de inspecionar, desceram do veículo e pediram que algumas das mulheres lhes acompanhasse... – estreitou os olhos tentando entender. – Parece que eles as ameaçaram com levá-las presas caso não fizessem o que pediam, e então as estupraram e uma vez terminado, decidiram matá-las para que não dissessem nada. Oh merda...

As outras se olharam e Dinah, intrigada perguntou:

- Quê?

- Olha o nome do oficial que ela identificou... – disse apontando para última linha do papel. Todas se curvaram para ler e se olharam novamente e disseram em voz alta:

- Teófilo Zuñiga.

Na praia, Lauren estava coberta com o edredom e Camila estava entre suas pernas, de forma que a tela praticamente as abraçava. Tinham o riso fácil pelo vinho e confidenciavam seus desejos mais pessoais. Camila apoiou a cabeça no peito da morena enquanto ponderava:

- Eu prefiro me casar na praia... não sei, algo íntimo, entende? As pessoas simples, tudo ao ar livre e natural, descalços...

- Poucos convidados...

- Exatamente! – Lauren deixou um beijo na cabeça da latina.

- Concordo. E quanto a casa?

- Casa, definitivamente. Se possível perto do mar e longe da loucura

da cidade...

- Só falta você pedir um labrador para o clichê ficar completo... – a agente zombou recebendo uma cotovelada de leve. – Ouch...

- Um labrador branco! Não sei... só gosto de espaço e calma. Uma casa na praia é ideal para isso.

- Anotado. – Camila se remexeu para olhá-la

- Anotado? – Lauren sorriu envergonhada. – Você está planejando o nosso futuro por acaso, gringa?

- E se eu tiver? – desafiou arqueando a sobancelha. Camila ficou séria por alguns segundos e então sorriu, olhando novamente para frente.

- Saiba que eu prefiro café pelas manhãs.

Chihuahua, 2004

Elas estavam preparando a exposição de robótica. Tinham que construir com lego um carro e uma garagem onde, na apresentação, o estacionariam. Ally estava com os cálculos das peças para que o motor funcionasse, enquanto as outras brincavam de montar coisas aleatórias. Riam enquanto se perturbavam, até que a campainha tocou e Sinu foi até a porta, recebendo um agente fardado e com cara de quem não tem nenhuma notícia boa para dar.

O agente entrou e explicou a situação para Sinu. Se tratava do assassinato dos Brooke-Hernández. No que parecia ser um acerto de contas entre a máfia e o pai, Jerry, os vizinhos testemunharam a chegada de quatro homens vestidos de pretos e com capacetes, que entraram na casa e dispararam incontáveis vezes todos os membros. Jerry, Paty e os irmãos de Ally faleceram no ato, e graças à vizinha que costumava cuidar da menina quando voltava do colégio – antes de conhecer os Cabello, puderam identificá-la.

A notícia deixou a baixinha desconcertada. Ally chorava aos berros e perguntava as amigas por que tudo de ruim tinha que acontecer sempre com ela. Por que seus pais e irmãos... por que assim? Era frágil, dócil e educada. Não desejava nem fazia mal a ninguém.

Sinuhe e Alejandro ficaram extremamente afetados com a notícia e, já que tinha Dinah e Normani consigo, não pensaram duas vezes em entrar com o pedido de adoção de Ally. O que não sabiam era que, Jerry apesar das dívidas, havia deixado um grande patrimônio. Mas havia uma cláusula em seu testamento que até os 24 anos Ally não poderia cobrá-los, em caso de falecimento.

No dia seguinte, Ally não chorava e nem sequer lamentava. Era como se fosse substituída por um robô. Continuou com seus afazeres, levou flores as tumbas de seus familiares e ali, frente a eles jurou que algum dia descobriria a verdade, e esse dia faria com que todo o sofrimento fosse vingado.

Atualmente, Chihuahua. Cemitério Jardín de los Santos

Silêncio, o sol se pondo e o cheiro de flores recém-trocadas. Quatro lápides estavam colocadas uma ao lado da outra, todas com o sobrenome Hernández.

Allyson estava frente a eles e tinha um papel amassado em suas mãos, apertando-o com força.

- Faz muito tempo que não venho aqui... Sinto muito pela demora, mas as coisas andaram um pouco fora do lugar... Conheci um garoto em uma festa... – riu dando de ombros. – Ele parecia legal, mas vocês já sabem que eu não sou boa me relacionando com as pessoas. E bom, acho que não era ele o escolhido... Mas descobri que os pais dele são juízes. Acredita que o senhor Ogletree foi responsável por julgar o assassinato de vocês? – riu com desdém e fungando. – Ele nunca achou provas suficientes para um mandato de prisão. Hoje o Troy me chamou para ir a sua casa e me desculpem, sei que vocês me ensinaram a não mexer nas coisas dos outros, mas foi maior que eu. O senhor Ogletree ainda tem os arquivos e se meu instinto não me trai, acho que chegou a hora de limpar nosso nome, papai. Eu sinto muito por não ter procurado antes, mas eu também devo muito aos Cabello. Eu só... me perdoem, por favor. – chorando, a loira ajoelhou-se frente a lápide de seu pai, curvando-se e sem conseguir reprimir seus soluços. Pedia perdão repetidamente, sentindo a culpa lhe consumir.

Foi então que o papel em sua mão caiu revelando uma foto. Um pouco mais jovem e agraciado, nem sequer o tempo seria capaz de confundir.

Viceroy, com seus 30 e poucos anos estava sorrindo ao lado de Jerry que não parecia muito feliz em posar para foto. Mas com os informes policiais tudo fazia sentido. Negócios eram negócios, e aparentemente Jerry não havia conseguido cumprir sua palavra com o capo, pagando o preço da traição.

Mesmo que não tivesse como saber daquilo, Allyson se culpava. Afinal, ela agora trabalhava, mesmo que indiretamente, para o homem que assassinou sua família.

Capítulo 36 - Mala Conducta

E chegamos ao 3/3!

Todo mundo que disse o "sabia que era a Ally" já pode me pagar uma coxinha, porque foram tombadas legal. Pra quem ainda não entendeu, aí vai a luz: A garotinha mata o padrasto e os pais da Ally foram assassinados! Antes de saber que foram assassinados pelo cartel, no cap "introducing the squad" eu contei que eles haviam sido assassinados enquanto ela estava na casa dos Cabello. Por tanto, descartada desde o primeiro momento!

A votação no ttr ficou 50-50. E agora descobriremos quem acertou.

BY THE WAY, TARCY (MSLEEJAUREGUI) FEZ ANIVERSÁRIO E EU DEIXEI A DEDICATÓRIA PENDENTE! DEEM MUITO AMOR A ELA E FELICIDADES MESMO QUE ATRASADA, TARCY! ESPERO QUE VC TENHA ACERTADO!

A todos vocês, um chêro e obrigada.

Sexta feira estou voando para Salvador Bahia, território africano, baiano sou eu, é você, todos nós, uma voz... OXENTE! Então vou tentar entre o trabalho, aula, compras de ultima hora e malas postar um antes de viajar, mas NÃO SE PREOCUPEM, ENQUANTO ESTIVER LÁ VOU ATUALIZAR PELO MENOS UMAS DUAS VEZES, TA BEM? Fico só um mês lá, então será pouco o sofrimento!

Quem for de SSA pode fazer caruru e marcar essa cerveja. PS: adoro vatapá.

Até breve lindos!

//

De todos modos para vos no es novedad,
que el mundo y yo
te queremos de veras.
Pero yo siempre un poquito más que el mundo.

II

#Benedetti

2010 Restaurante Cabello, Chihuahua – México

Os anos se passaram, e aquela garotinha que ficou dias esperando por sua Nana na porta da igreja havia crescido. Graças à ajuda do padre, que quis saber sua história e acabou acolhendo-a na associação da igreja, conseguiu sobreviver. Sua mochila tinha as economias que Nana lhe deixou acabaram escondidas em uma caixinha.

Na associação deu continuidade a sua educação, conheceu outras crianças e cresceu aprendendo a se virar sozinha sempre. Se fez mais decidida e, inevitavelmente, adquiriu aversão a relacionamentos e confiança. Nana lhe dissera que iria a seu encontro e nunca apareceu. Ela também nunca contou a ninguém sua

história e decidiu se reinventar.

Ao acabar a educação primária, a associação se fez responsável pela entrada não só dela, como todos aqueles da sua idade no colégio San Buenaventura.

Conhecer os Cabello foi tudo aquilo que almejava com sua família, mas no fundo sabia que seria impossível. Ao crescer descobriu naquele lar uma nova oportunidade. Sem notícias de sua mãe e nem sequer tocar no assunto, deixou que Sinuhe e Alejandro, junto às outras meninas fossem finalmente a família que perdera.

Era a hora do final do expediente e a garotinha, agora sem o seu sorriso característico e com 19 anos, estava limpando guardando a caixa de copos já lavados quando a porta do restaurante foi aberta. O estrondo da caixa tocando o chão e os cristais se esparzindo pelo chão ecoou. Algumas cicatrizes e o cabelo descuidado, um pouco mais acima do peso e com os olhos frios, Nana no final das contas havia cumprido sua promessa. Demorou, mas ali estava.

- Nana? – perguntou com a mão na boca, sem acreditar. Nana esboçou um sorriso pequeno, tímido, quase imperceptível e respondeu:

- Mi niña... – a jovem correu aos braços de Nana, abraçando-a com força.

- Você veio! – disse entre soluços, sentindo o aperto dos braços em seu corpo.

Após alguns minutos recuperando-se, elas se sentaram em uma das mesas. A jovem garçonne se dispôs a preparar um prato rápido de arroz, carne e legumes, pão, suco e pudim de sobremesa. Nana comia agradecida, ouvindo atentamente tudo que havia acontecido desde aquela fatídica noite até aquele dia. Como havia conhecido os Cabello, como foi o processo de adoção, as encrencas que enfrentou na rua, mas no final sempre acabou levando a vantagem e como era trabalhar ali. As economias continuavam em sua caixa, perguntando inclusive se as queria de volta. Nana riu e negou com a cabeça enquanto mastigava:

- Claro que não! Era para você usá-las! – a menina deu de ombros:

- Não quis gastar... caso você voltasse e precisássemos. – com um sorriso triste, Nana lhe acariciou a bochecha e terminou de comer. Empurrou o prato agradecendo pela comida e suspirou.

- Muitas coisas aconteceram mi niña...

- Por que você está assim? – perguntou engolindo o choro. Nana deu de ombros e sorriu sem mostrar os dentes:

- A vida não foi fácil. Não pude aparecer antes. Mas te procurei durante todos esses anos. Quando soube que você estava bem e que os Cabello se encarregaram de você, me tranquilizei e resolvi algumas coisas, esperando o momento certo de voltar.

- Mas por que você não me ligou ou mandou algum recado?! Eu pensei que você tinha morrido! – esbravejou, mas logo ficou em silêncio, ladeando a cabeça e fixando o olhar nas cicatrizes. – O que aconteceu naquela noite? – Nana apertou os dentes e fechou as mãos. – Eu já não sou mais aquela garotinha, Nana. Eu sei o que

fiz. – respirando fundo e assentindo, a maior deslizou a língua pelos lábios preparando-se.

- O ser humano é um lixo pequena... Graças a Deus que você conseguiu fugir ou eu não teria forças para continuar. Aqueles desgraçados acabaram com minha vida...

- Soube dos casos das operárias... Eles... – engolindo seco, não sabia como continuar a pergunta.

- Sim, eles abusaram de todas as mulheres naquele ônibus. – disse com raiva, fazendo a menor começar a chorar, mas aguentando em silêncio. – Nos ameaçaram com a cadeia, mas eu não estava preocupada com ir presa... Talvez se tivesse ficado calada as coisas seriam diferentes... – riu com desdém. – Me torturaram e quando caí desmaiada, acertaram um tiro aqui... – assinalou o abdome. – Foi coisa de Deus. Acordei na casa de uns agricultores que cuidaram e chamaram uns índios para tratar as feridas. Me recuperei e quando dei por mim quase um ano havia se passado...

- Eu sinto muito por isso Nana, eu...

- Shhhh... pequena! – segurou a mão da menor com força, olhando-a fixamente nos olhos. – Você não tem culpa! Graças a Deus conseguiu fugir! Olhe para você agora... linda! Agora não me arrependo de ter te deixado. Minha maior preocupação foi pensar em como você sobreviveria, mas veja só! – fungando, a jovem limpou as lágrimas.

- Mas você sofreu! Você... você sofreu por mim sempre, Nana!

- E eu não me arrependo de nada! – sentenciou firme. – ¿Me oyes? De nada. Preferiria morrer a que qualquer um daqueles nojentos chegassem perto e você! – ficaram em silêncio por alguns minutos, enquanto a pequena se acalmava. – Sabe algo de sua mãe? – a menina levantou a cabeça, assentindo lentamente.

- Não acontece muitas coisas em sua vida...

- Ela deve ter ficado destruída. Você entrou em contato? – negou veemente. – Por quê?

- Ela nunca acreditaria em mim. Os policiais acham que você matou o John e fugiu comigo. Se eu voltasse agora com a verdade, acharia que foi você que me obrigou a carregar a culpa... – Nana estalou a língua, negando com a cabeça.

- Isso não está certo... Ela é sua mãe!

- Mas colocou aquele nojento em casa! Se ela tivesse se preocupado mais comigo do que com a empresa, nada disso teria acontecido! – esbravejou. – Se ela está sofrendo, é pelas ações dela!

- Não diga isso! – repreendeu. – Nenhuma mãe merece passar pelo sofrimento de perder uma filha! – a jovem deu de ombros.

- Ela já não trabalha mais. Colocou um pendejo pra levar os negócios e fica em casa trancada. – riu com desdém, brincando com os dedos. – Esse maldito anda cheio de segurança como se fosse o dono do mundo. Pelo menos não está

levando a empresa à quebra, mas também não me importo... – deu de ombros fingindo descaso. Nana espalmou as mãos na mesa:

- Essa empresa é sua!

- Não, Nana! – retrucou fazendo o mesmo, com os olhos brilhando. – A herdeira morreu naquele dia. Eu sou uma Cabello, e devo toda minha vida a eles. – ficaram em silêncio.

- Diablo de pendeja... Ela deve estar te procurando como louca. Você podia tirar toda essa família do buraco se quisesse! – a jovem deu de ombros.

- Podia, mas eles são honestos e somos felizes assim. Com certeza não aceitariam nada e não precisamos de mais. Talvez nos falte dinheiro, mas em casa temos todo o carinho que ela não soube me dar.

- Algum dia você vai se arrepender disso, pendeja. Agora me conte, o que pensa fazer da vida? – a menor riu torto.

- Estamos treinando para começar a fazer nosso nome no Valle... – Nana negou com a cabeça.

- Niña, se meter com essa gente é perigoso...

- Eu sei, eu sei... Mas nós só queremos as corridas, nada mais. – levantando as mãos em rendição, Nana disse:

- Ouvi por aí que você e as outras são respeitadas nas ruas... – a menina sorriu sem jeito, assentindo. – Isso é bom... Não deixe ninguém pisar em você, está me ouvindo? Não tema nada nem ninguém! E cuidado com esses pendejos... – apontou para ela, sorrindo logo depois. – Estou orgulhosa de você, mi niña...

Ficaram novamente em silêncio, até que a menina a olhou séria:

- Você sabe quem fez isso com você? – acenou com o queixo. Nana ponderou se responder ou não, e então assentiu.

- Nunca esqueceria a cara daquele verme... Teófilo Zuñiga.

- Teófilo Zuñiga... – repetiu em sussurro. – Onde ele está?

- Agora é o delegado. Mas tem os dias contados... ele e todos. – a menor franziu o cenho.

- O que você tem pensado?

- Você quer mesmo saber? – assentiu veemente em resposta.

- Eu lhe devo isso, Nana. Você me salvou!

Nana analisou a expressão da jovem em silêncio e então tomou uma decisão.

Atualmente, Chihuahua, México

Os arquivos sobre as Cabello estavam a caminho como havia afirmado a central. Veronica e Lucy continuavam com a investigação, lendo e relendo a denúncia, fazendo anotações, inclusive aprendendo a decifrar a letra horrível do policial que redatou. Vero estava nervosa com aquele círculo infinito, sem conseguir ver uma saída viável:

- Parece que quanto mais a gente olha, menos sabe! Alguma coisa

está passando por alto... – Lucy levantou rapidamente, arrastando a cadeira e levantou todos os papéis procurando algo, até que achou:

- Eu já sei o que! – um recorte de jornal, especificamente a manchete com um retrato robô. "La cazadora de choferes". Colocou frente a esposa e logo a denuncia. – D. Rodríguez... – Vero a olhou surpresa:

- Diana Rodríguez... – a colombiana assentiu. – Foi ela quem fez a denúncia do Zuñiga!

Apressadas, não precisaram falar nada e começaram a procurar o paradeiro de Diana, e Vero foi a primeira em obter uma resposta:

- Está presa!

- Ela não podia ser o encapuzado do zoológico...

- Não, e isso nos leva a nossa primeira teoria. Ela se entregou como autora dos assassinatos dos três motoristas, mas logo depois continuaram...

- Ela tem uma cúmplice!

- Touché, preciosa. – disse pegando a chave do carro.

- Aonde você vai?

- Chegou a hora de conhecer a cazadora. Estou indo na prisão, vamos ver o que ela tem a dizer sobre isso. – Deixou um beijo rápido nos lábios de Lucy e saiu pela porta.

Dinah, que estava no quarto ao lado, desceu as escadas correndo atrás de Veronica.

Em Miami, o sol invadia a janela do quarto de Lauren que dormia placidamente com uma Camila encolhida em cima de si. Após as confidencias, acabaram se deixando levar ali mesmo, onde ninguém mais do que a Lua presenciou a entrega. Quando o dia estava prestes a amanhecer, voltaram para casa e foram direto para cama.

O telefone da agente soava sem parar, vibrando e praticamente caindo do criado mudo. Com o sono e a dor de cabeça, ela estendeu a mão direita tateando a superfície. A latina se remexeu virando-se para o outro lado e se cobrindo, enquanto resmungava:

- Atende logo se não eu vou jogar pela janela. – Lauren grunhiu e finalmente atendeu.

Era Lucy, acelerada e falando alto, o que fez a morena dar um pulo da cama enquanto escutava toda a história. Camila, vendo a agonia de Lauren em procurar pelo notebook também acordou, preocupada com tudo e encontrando finalmente seu celular quase sem bateria, mas com vinte e sete chamadas não atendidas de Dinah.

Enquanto Lauren consultava o que Lucy lhe enviava, apenas respondendo um "como? Quê? Por que vocês não me avisaram antes?", Camila passava a mão no rosto e olhava pela janela escutando o que Dinah contava.

Estavam no automático. Escutavam tudo tentando assimilar as

informações, se olhavam de vez em quando sabendo que estavam ouvindo a mesma história, só que com diferentes versões.

Com quase uma hora de conversa, quando Lauren se despediu de Lucy, a latina aproveitou para dizer a Dinah que depois entrava em contato. Se olharam durante um tempo. Eram os opostos de uma mesma moeda. Por um lado, havia uma versão que defendia. Do outro, a que acusava.

Amor, amor. Investigações, aparte.

Juntas, sem pestanejar e com o mesmo tom de voz autoritário, disseram por fim:

- Precisamos voltar para Chihuahua.

O caminho até o presídio foi curto. Veronica abusou da velocidade e de sua posição. Ao chegar, confirmou que não havia ninguém conhecido ou suspeito e mostrou sua identificação, pedindo para interrogar uma das presidiárias.

Enquanto era destinada ao lugar, Lucy mantinha os olhos na televisão e esperava pacientemente pelos expedientes delas.

Quando chegou ao local, uma sala com um espelho na parede da direita, uma mesa de metal com duas cadeiras, uma em cada extremo e uma única porta, Diana já estava esperando por Veronica, sem entender muito bem o que fazia ali.

- Senhorita Rodríguez... – Diana nada respondeu, olhava fixamente para seu reflexo no espelho. Veronica se sentou a sua frente, abrindo uma pasta marrom. – Sou a agente Iglesias, FBI. Se não se importa, queria fazer algumas perguntas. – A mulher então a olhou finalmente. Estava como ausente, o olhar frio e escuro. Diana não era do tipo que se importava com rangos. Deu de ombros sem nada dizer, ao que Vero assentiu. – Não sei se é de seu conhecimento, Diana, mas há alguns dias iniciei uma investigação sobre policiais mexicanos e motoristas de ônibus.

- ¿Y a mí qué? Por acaso tenho cara de quem se importa? – Veronica respirou fundo ante a audácia, e continuou fingindo descaso enquanto mexia nos papéis:

- Achei que seria do seu interesse, já que fez uma denúncia em 1998 sobre um deles. – percebeu como Diana apertava os dentes e pressionava os lábios levemente, como se controlando. As mãos também estavam fechadas em cima da mesa, algemadas.

- Não, madera. Não é do meu interesse. – Vero assentiu e deu de ombros, mostrando a lista de suspeitos.

- Todos esses homens estão acusados de estupro, assassinato, corrupção, tortura ou em alguns casos, de tudo. – Diana abaixou o olhar diretamente olhando a lista. – Os três que estão sublinhados, você conhece muito bem. Afinal, está aqui por ter confessado ser a assassina. – novamente percebeu como a mulher trincava a mandíbula. Mas logo dava de ombros:

- E daí? Já estou pagando pelo crime. E quer saber? Não me arrependo. – Vero assentiu, suspirando.

- Eu não estou aqui para que se arrependa, Diana. Depois que entrou, outros dois corpos foram encontrados de policiais que, assim como os outros e os motoristas que matou, trabalhavam na fronteira. Não que eu queira defendê-los – explicou rapidamente ante o olhar acusatório da mulher. – Mas matá-los não é uma sentença. Não acha que eles devem pagar pelo que fizeram? Morrer é dar um final rápido, justo. Sem sofrimento. – Diana deu de ombros rindo com desdém.

- Eu não sei por que está me contando isso, madera. Estou aqui – levantou as mãos mostrando as algemas. – Não sou um perigo para eles. – Veronica riu com desdém.

- Não me subestime, cazadora... – o sorriso de Diana desapareceu ao ouvir o nome. – Eu sei muito bem que aqui não é um perigo. E para que todos pensassem isso, você se entregou. – Vero se apoiou na mesa, ficando a poucos centímetros da mulher e sussurrou lentamente. – Eu estou aqui para saber quem é sua cúmplice lá fora, que vai continuar com seu trabalho. – Diana respirou lentamente com os lábios pressionados. Os nós dos dedos ficaram brancos tamanha a força que segurava as mãos, e então se apoiou também, repetindo o gesto:

- Boa sorte com isso. Vocês não tem como provar nada. – Veronica estalou a língua, negando com a cabeça.

Seu celular estava vibrando incessantemente desde alguns minutos no bolso da calça. Estava ignorando, mas sabia que com tanta insistência só podia ser Lucy.

O retirou confirmando suas suspeitas, quando atendeu:

- O que você tem?

- O jornal acabou de avisar que Zuñiga e outros dois tenentes serão julgados pela participação com os Templários.

- Quando?

- Você não vai gostar de saber... Amanhã em Juárez.

- Temos tempo.

- Mas serão trasladados hoje desde Culiacán em um comboio militar. Pedido de proteção especial do ministro de defesa. Vero... daqui há seis horas eles vão passar pela rota 66. Não temos tempo de criar um operativo caso queiram interceder, você precisa descobrir isso logo. – Veronica respirou fundo e desligou o celular. Diana não havia escutado a conversa, mas sim as notícias. E pelo sorriso cínico e triunfante, Veronica sabia que aquela notícia não era nenhuma surpresa.

- Algum problema, madera? – fazendo uma expressão de desdém, Vero negou com a cabeça e fechou a pasta, surpreendendo a mexicana.

- Minha mulher não quer que eu chegue atrasada a um encontro. Temos um jantar com uns amigos... Não sei se você conhece o restaurante Cabello? – a expressão se Diana fechou imediatamente, fazendo a agente sorri cada vez mais. –

Claro que você conhece.

- Não sei do que está falando. – se apressou em recuperar sua pose de desdém novamente, mas já era tarde. Veronica já estava sem paciência e tentou sua última carta:

- Eu não quero prejudicar você nem sua aprendiz. Eu só quero evitar que ela acabe presa e todos esses filhos da puta soltos. Eles tem contatos e você acha mesmo que vai ser tão fácil acabar com eles? Sei que não me conhece, mas te garanto que quero o melhor para essa família. Me deixe ajudar e fazer do meu jeito. Ela é importante pra você.

Por um momento, um mísero momento, pensou que tinha conseguido convencer a caçadora. E de fato, no fundo, ela havia ponderado aquela opção. Mas o ódio ao se olhar no espelho e ver as cicatrizes, como sua vida havia sido arrebatada, Diana deu de ombros:

- Eu não sei do que você está falando. Guardia! – a porta foi aberta e a carcerária entrou, levando-a dali imediatamente.

Estavam no mesmo ponto e agora tinham uma ameaça.

Zuñiga estava no zoológico sozinho, e de repente pede proteção para acudir a um julgamento. Provavelmente porque havia descoberto que alguém estava lhe perseguindo. Ou a aprendiz estaria entrando em contato com ele e ameaçando-o?

De qualquer forma, não havia tempo. Vero recolheu tudo e foi em direção a saída, onde a recepcionista pediu que assinasse na folha de visitas de Diana. Estava em branco, exceto por o espaço de alguns dias antes.

Ela conhecia aquela letra. E conhecia muito bem. Era a mesma caligrafia da nota que chegou junto aos arquivos, pedindo ajuda com a investigação. Não pôde evitar a surpresa ao ver o nome no papel.

Como se lesse sua mente, Lucy a ligou de novo.

- Você não vai acreditar quem é a dona das casas que aparecem nas fotos.

- Acho que tenho um palpite.

Miami, Florida – EUA

- Mas por que tanta pressa assim? Vocês disseram que podiam viajar pela noite! – Clara reclamou enquanto via as meninas arrumando as malas com pressa. Lauren, impaciente, andava de um lado para o outro:

- Porque temos uma emergência, mãe. Eu realmente preciso ir!

- Mas eu fiz um monte de comida, Michelle! Vocês não podem ir depois do almoço? – suspirando, a agente parou frente a mãe e apoiou as mãos no ombro:

- Podemos levar para viagem, mas eu não posso ficar, madre. – Clara cruzou os braços, irredutível.

- Sempre com essas pressas e colocando esse trabalho na frente de tudo. E você, Camila? Não pode convencê-la já que não me ouve? – Com um sorriso

tímido, Camila colocou as mãos no bolso da calça e deu de ombros:

- É importante, Clara. As coisas se complicaram e precisam da gente. Quem sabe quando vocês forem? – suspirando, a mulher acabou assentindo e abanando o ar com desdém.

- Eu gostava de você, linda... Eu realmente gostava. – Lauren gargalhou abraçando a mãe.

- Olha o drama, dona Clara! Nos veremos em breve, sim? Convença o papai a ir quanto antes!

- Você nem tem uma casa e quer que eu vá para lá com esse velho rabugento fazer o quê? Ele é pior que você com esse trabalho dos infernos! Providencie uma casa descente para receber seus convidados e então irei, Michelle! – Lauren arregalou os olhos dramaticamente.

- Então se eu não arranjar uma casa, vocês não aparecem lá? – Clara negou com a cabeça. – Vou morar nessa pensão pra sempre!

- Michelle! – a matriarca reclamou com a boca aberta, mas foi abraçada novamente.

- Estou brincando, mãe. Assim que resolver isso vou procurar uma casa, ok? Inclusive tenho algumas ideias... – olhou de canto para Camila que sorriu envergonhada fechando sua bolsa. Clara estreitou os olhos, alternando o olhar entre as duas e sorrindo. – Vou chamar o Chris para ir! – disse deixando um beijo na bochecha da mãe e saindo as pressas do quarto.

Clara continuou encarando a nora com um sorriso cúmplice e então foi a seu encontro, abraçando-a.

- Foi um prazer recebê-la em casa, querida. Espero que tenha se sentido tão bem quanto eu em reencontrá-la.

- O prazer foi meu, Clara. Obrigada por tudo! – disse correspondendo o aperto e quando se afastaram, sorriu.

- Sei que te pedi muitas coisas durante os últimos dias, mas quero que faça uma última coisa por mim. – Camila assentiu colocando o cabelo atrás da orelha, vendo como a sogra retirava um cartão da calça e o colocava em suas mãos. – Se precisar de ajuda, qualquer coisa... – a olhava como querendo dizer sem palavras que tipo de "ajuda" se referia – Não importa a hora ou onde você estiver, nem as circunstâncias. Apenas marque esse número, entendido?

- Clara eu...

- Entendido? – suspirando, a latina assentiu. – Se possível trate de aprendê-lo o quanto antes e queime-o. Agora venha aqui... – a puxou para um abraço forte. – Cuide de minha menina, Camila.

- Eu vou cuidar. Não se preocupe.

E ela não imaginava a força que aquela promessa tinha.

Armazém, Chihuahua – México

Allyson estava no computador digitando freneticamente quando Vero estacionou o carro às pressas e entrou correndo:

- Onde estão as meninas? – Ally retirou os fones assustada:
- Saíram, mas a Lucy está lá em cima. Aconteceu alguma coisa?
- Merda!

Sem nada dizer, Vero subiu correndo e foi até o encontro de Lucy, abrindo a porta com força. A colombiana já estava com o colete e a farda. As armas devidamente colocadas na cintura e no computador a rota do comboio era assinalada na cor azul.

- Ainda não saíram, temos duas horas para chegar à saída.

Veronica se vestiu rapidamente e uma vez pronta, desceram as escadas correndo.

- Pra onde vocês vão? Que merda está acontecendo aqui?! Eu preciso contar uma coisa a vocês! – Ally gritou, mas elas entraram no carro sem esperar e saíram de imediato. Desde que chegara do cemitério estava esperando o momento para reunir a todas e contar a verdade, mas pelo visto teria que esperar um pouco mais.

Enquanto isso na garagem dos Cabello, Dinah estava sentada ao lado da caixa que Ally havia guardado, observando a boneca surrada em suas mãos. Tinha o olhar perdido e parecia alheia ao que acontecia a seu redor, quando Normani entrou correndo, mas parou bruscamente ao vê-la. A loira então levantou o olhar encarando-a, mas estava sem brilho. Ausente... distraída.

- Dinah...?
- Hm?
- Está... tudo bem? – a loira assentiu.
- E com você? – Normani assentiu levemente também.
- Sim...

- Eu estava te esperando. – a morena deu um passo à frente, entrando devagar e com uma expressão de confusão:

- Me esperando? – Dinah assentiu.

- Queria te contar algumas coisas. Por exemplo... – a loira se abaixou pegando uma mochila preta que estava aberta. Retirou um revolver, uma faca, cordas, uma máscara e um casaco com capuz. Normani arregalou os olhos ao ver os objetos. Dinah colocou a boneca junto, e se levantou pegando uma pasta marrom, muito parecida a que elas tinham com os arquivos da caçadora. – Quando eu te conheci na associação, a primeira coisa que me intrigou foi que você era muito calada. A segunda foi sua doçura e ingenuidade. Não parecia com alguém que conhece o sofrimento...

- Dinah o que você...

- E eu confesso que aquilo era fascinante. Eu tinha passado portantas coisas e tinha tanto ódio dentro de mim, mas você parecia ser boa demais. – riu com desdém. – Com toda essa história da caçadora e que finalmente decidimos ser

sinceras com nossos sentimentos, eu acabei me contagiando. Você fez com que essa doçura e ingenuidade nascessem em mim. E de repente... foi como se eu também nunca tivesse conhecido o sofrimento. – Dinah jogou retirou uma foto da pasta e a jogou no chão, adquirindo uma expressão severa e magoada. – Até que Veronica me mostrou as malditas fotos que estavam no cartão de memória que ela achou. – Levantando o papel que era uma foto, Dinah colocou frente à namorada. – E adivinha só, Normani? A única foto que você tem de sua infância, com essa maldita boneca que você nunca se separava desde pequena e semana passada decidiu jogar fora, é nessa maldita casa.

A morena engoliu em seco, negando com a cabeça.

- Eu posso explicar. – disse levantando as mãos em rendição.

- Eu sei que sim.

A porta da garagem foi aberta com um golpe surdo, mas elas não se mexeram.

- FBI, everyone down!

//

Já que é pra tombar..... TOMBEI! AGORA RAPIDÃO:
SE VOCÊ VOTOU

NORMANI [] QUAL A SENSACAO DE TER ACERTADO?

DINAH [] POR QUE ACHOU QUE ERA ELA?

Capítulo 37 - But she's also a Cabello

HELLO FROM THE OTHER SIIIIIIIIIIIIIIIIIDE ♪

BOM DIA BRASIL! Meu Deus, que coisa maravilhosa esse sol, esse calor, essa gente, atualizar desde aqui sem problema com horário

Como prometido, aqui estou, e essa semana vem mais att. Demorei porque tava chegando e etc, mas já estou de volta.

Queria agradecer especialmente a vocês, porque AEOD chegou as 100k visitas e isso é uma loucura! MUITO OBRIGADA PELA PACIÊNCIA E POR CONTINUAR A HISTÓRIA COMIGO!

Espero que vocês estejam gostando e que não desistam de mim. Quem for de Salvador, vamos se esbarrando por aí. Quem não, chêro igualmente. Vamos lá!

Poucas coisas nessa vida tem tanto sentido como o medo. O ser humano não sabe como reagir a muitos dos acontecimentos, mas ao medo todo mundo sabe como: fugir. Não importa quão longe você chega, o que está em jogo ou quanto quer alguma coisa. Quando o medo entra na jogada, você foge. Todos fugimos, na verdade.

E é fácil de entender. Enfrentar é uma opção a ser ponderada, mas antes, naquele primeiro segundo em que tudo vem abaixo, precisamos de um tempo. Mesmo que no fundo fosse o que esperávamos.

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

– E adivinha só, Normani? A única foto que você tem de sua infância, com essa maldita boneca que você nunca se separava desde pequena e semana passada decidiu jogar fora, é nessa maldita casa.

A morena engoliu em seco, negando com a cabeça.

- Eu posso explicar. – disse levantando as mãos em rendição.

- Eu sei que sim.

A porta da garagem foi aberta com um golpe surdo, mas elas não se mexeram.

- FBI, everyone down!

Cobertas de azul marinho, colete à prova de balas e com os rifles apontando para Normani e Dinah, Veronica e Lucy entraram na garagem e não se intimidaram quando Dinah se colocou na frente da morena, apontando uma Glock 38 e Ally, que só Deus sabe de onde apareceu, chegou por trás com outro rifle. Era difícil sair dali porque nenhuma delas estavam dispostas a ceder.

Ally foi entrando no lugar sem deixar de apontar para as agentes, até que se colocou ao lado de Dinah, que disse:

- Essa não foi uma boa ideia, maderas. – Veronica deu de ombros:

- É o que estamos por ver. Queremos conversar. – Dinah riu com

desdém:

- Claro que sim. Eu bem sei como são as conversas de vocês.

Ninguém vai sair daqui. – sentenciou e Lucy olhou para esposa com um sorriso quase imperceptível, dizendo:

- Veremos. – não precisaram de muito tempo, questão de segundos a porta foi aberta novamente e outros seis agentes, vestidos do mesmo jeito, porém com capacete e apenas os olhos visíveis, entraram apontando para as irmãs. – Agora, abaixem a maldita arma se não querem ir pra agência em uma ambulância!

Normani colocou as mãos no ombro de Dinah, que ainda se resistia a se render, e delicadamente a colocou a um lado. Ally abaixou o rifle suspirando, e Normani finalmente deu um passo à frente:

- Não será necessário. Eu estou aqui. – a morena estendeu as mãos e Veronica com um gesto com a cabeça, ordenou que um dos agentes algemasse a jovem, levando-a consigo. Dinah estava possessa e avançou, querendo ir com ela:

- Solta ela, Veronica! Eu vou acabar com vocês, maderos de mierda! – mas estava sendo contida por outros agentes que bloqueavam a porta. Lucy que já havia abaixado a arma se aproximou da loira, suspirando:

- Dinah, só estamos fazendo nosso trabalho. Prometo que ela será bem tratada, e se quiserem podem vir com a gente. – a loira encarou a agente, testa com testa, muito perto. Seus olhos faiscavam e tinha os lábios em uma linha.

- Vete al carajo, madera.

E saiu disparada, retirando o celular do bolso e marcando um número. Allyson estava em seu encalço, olhando para trás. Dinah entrou no Dodge de Camila e logo Ally a acompanhou.

- Onde você está? ... Temos um problema... Espero que você saiba o que tem que fazer.

E desligou, levantando a areia do chão e saindo pelas ruas de Chihuahua como quem persegue algo. Ou tenta impedir alguém.

O camburão do FBI, agora passava pela rota 66 camuflado por adesivos de uma empresa de mudança. Normani estava ao fundo algemada, com Veronica e Lucy a sua frente, segurando as armas apontando para baixo. A morena tinha o olhar distraído em suas mãos, mas não parecia nervosa. Como se no fundo já esperasse por aquilo.

O caminho era silencioso, a autovia estava vazia e segundo o calculado, o perímetro até a agência clandestina estava livre de interrupções.

Mas o Mazda de Dinah estava logo atrás, há poucos quilômetros, a 140km/h em linha reta, com os olhos da loira fixos em encontrar o veículo a sua frente. Um pouco mais atrás, o Gran Torino tentava alcançar a loira, com Camila dirigindo e Lauren a seu lado, com o telefone no ouvido.

Dentro do camburão, Vero sentiu seu celular vibrar e ao ver o contato, suspirou:

- Diga... Mas... – grunhindo irritada, a agente desligou o aparelho com raiva e gritou para o motorista – Pegue o desvio do Valle.

- Mas senhor...

- Pegue o maldito desvio do Valle!

Normani nada fez, nem sequer levantou o olhar, mas por dentro estava tranquila. Ela sabia que não importava as circunstâncias, há muitos anos que já não estava sozinha. A família sempre estava primeiro.

Alguns minutos depois o veículo parava no meio do Valle. O sol estava escaldante, o chão tão quente que parecia queimar os dedos. O deserto parecia o inferno, literalmente.

Quando desceram, Dinah já estava apoiada no Mazda com os braços cruzados e com Ally ao seu lado, mais séria do que o normal. Camila estava de costas, conversando com elas e Lauren, mais preocupada do que outra coisa, andava de um lado para o outro.

- Que porra aconteceu aqui? – perguntou irritada a Veronica que também estava séria. A subordinada fez um breve resumo do que tinha acontecido, enquanto as outras três continuavam conversando quase que por sussurros.

Quando Lauren terminou de ouvir a história, estava entre perplexa, confusa e irritada. Saiu por dois malditos dias e elas já tinham transformado tudo em investigações federais. Mas o que lhe preocupava não era o caso em si, mas sim a culpada.

Agora ela tinha um dos seus maiores dilemas: amor e trabalho.

Pedi que trouxessem Normani para fora, deixando-a ainda algemada. Lauren encarou a morena negando com a cabeça:

- Que porra você fez, Mani? – a morena suspirou abaixando a cabeça, mas nada disse. Camila veio correndo, olhando a irmã de cima a baixo.

- ¿Estás bien, morena? – Mani assentiu com um sorriso tristonho.

- Já estive pior, flaca. – Camila assentiu e olhou para Lauren.

- O que vocês estão esperando para tirar as algemas? – perguntou irritada, mas nem Lauren, nem as outras duas se manifestaram. Continuaram olhando pra latina, sérias, e foi então que Camila ladeou a cabeça, olhando para namorada. – Lauren? – a morena suspirou, passando a mão na testa, mas nada disse. A latina enrijeceu o maxilar, negando com a cabeça. – Lauren, que porra você está fazendo? – a maior suspirou, encarando as duas:

- Camila, ela está sendo investigada por assassinato. – a latina franziu o cenho.

- E daí? Que ela esteja sendo investigada não requer tê-la presa.

- Mas é o procedimento. Ela vai pra agência, é interrogada, depois nós analisamos a situação e se não houver problema com fuga ou provas, ela será liberada e ficará a espera de julgamento. – Camila riu com desdém.

- Não me tome por idiota, Lauren. Eu sei muito bem o que vocês vão fazer. Vocês podem interrogá-la no armazém! – Lauren enrijeceu o maxilar e deu um

passo a frente.

- É uma maldita investigação federal, Camila. Isso não é a porra de uma missão clandestina! Esse caso não está nas nossas mãos e eu não posso tratá-la diferente de como exige o protocolo. Deixa eu fazer meu trabalho, prometo que ela será bem tratada. – Camila negou com a cabeça, rindo com escárnio:

- Você só leva ela daqui por cima do meu cadáver.

- Camila, se você dificultar as coisas, eu não vou poder fazer nada, porra! – Lauren gritou exasperada. – Eu estou falando de uma investigação federal, na qual ela é culpada por ter assassinado um homem e tem mais dois cadáveres nas costas para ser investigada! Se vocês não colaborarem, isso vai ficar pior e eu não vou poder ajudar!

- Então ajude agora! – rebateu nervosa. – Ajude agora dando a possibilidade dela contar tudo, e depois, se for necessário levá-la, vocês fazem a merda do trabalho de vocês! – Lauren negou com a cabeça, sentindo que o chão estava abrindo entre as duas. Um abismo cada vez maior pelos interesses. – Você não vai me ajudar, não é? – perguntou com os olhos ardendo. Lauren apenas negou lentamente, quase como se estivesse forçando a si mesma a aquilo.

- Eu sinto muito, é meu trabalho. A mãe dela abriu uma queixa contra Diana, que está sendo acusada por um crime que Normani cometeu, e pagou quantidades absurdas para que encontrassem a filha dela. – Camila assentiu olhando uma última vez para Dinah e Ally.

- Tudo bem. – disse finalmente. – Foi você quem quis assim. – não precisou de mais do que uma olhada para que Dinah e Allyson apontassem as armas na cabeça de Veronica e Lucy.

Normani arregalou os olhos e Lauren trincou os dentes.

- Que porra vocês estão fazendo? – não parecia nervosa com o fato de que suas amigas estavam sendo apontadas com uma arma na cabeça. Camila deu de ombros, retirando uma arma das costas também e preparando-a.

- Ela pode ser uma Hamilton, mas também é uma Cabello. Você escolhe madeira. Está comigo, ou contra mim. – Lauren enrijeceu o maxilar tão forte, que todas perceberam seu esforço para não dizer a primeira coisa que pensou. Continuaram se encarando ferozmente até que a agente negou com a cabeça, como praguejando-se. Vero sabia o que estava por vir, e aquilo não era bom. Conhecia a amiga muito bem, e por mais armas que tivesse apontando para si, não baixava a guarda.

- Lauren... – advertiu. Mas a morena deu um passo a frente, encarando-se com Camila.

- Você está tornando tudo mais difícil. – a latina deu de ombros e a olhou com desdém.

- Eu não estou nem um pouco preocupada. Você decide.

Lauren suspirou olhando-a tão profundamente que Camila sentiu seu coração se encolher. Mas ela também precisava fazer uma escolha. Assim como

Lauren amava seu trabalho, ela amava sua família, e nunca deixaria nada nem ninguém encostar um dedo sequer nelas. Lauren sabia disso.

Mas Lauren também sabia que Camila era irredutível, assim como ela era com seu trabalho. Porém foi exatamente por isso que se apaixonou pela latina. Exatamente pela sua decisão quando se trata de defender o que ama. E al carajo com tudo. Ela era a chefe e Camila era sua mulher.

- Solte ela. – disse finalmente. Veronica a olhou perplexa e Camila abaixou a arma. Mas a outra agente não estava satisfeita e exalando incredulidade, disse:

- Você só pode estar brincando. – Lauren a olhou por última vez antes de dizer:

- É uma ordem, agente Iglesias. – e como tal, mesmo com toda raiva e indignação do mundo, Veronica fez o que sua chefe lhe pediu, tirando as algemas dos pulsos de Normani enquanto Ally e Dinah continuavam apontando-as. Lauren deu um passo à frente e encarou a morena da forma mais séria que tinha. Ninguém tinha visto a agente daquele jeito, quando disse pausadamente: – Agora você vai explicar pra todo mundo o que aconteceu desde o dia em que você pisou essa fronteira, entendido? – Normani assentiu passando a mão esquerda pelo pulso direito, massageando o lugar. – Vejo vocês no armazém.

Veronica estava mais do que irritada. Chegou ao armazém jogando tudo de qualquer jeito pela cozinha, passando as mãos no rosto e possuía de raiva. Lucy estava em silêncio, mais cansada do que outra coisa. No fundo ela já esperava aquela reação de Lauren. Camila não era qualquer mulher que a morena simplesmente se atraía. Todas estavam de acordo em que era especial... mais do que especial. Ao ponto de Lauren colocá-la na frente do trabalho? Bom, isso estava evidente. Mas ela também conhecia a esposa e sabia que assim como a amiga, gostava do trabalho responsável e bem feito. Veronica nunca nem sequer levou um grampo da agência, sempre cumpriu tudo ao pé da letra e estava orgulhosa de exercer seu trabalho de forma honesta. Mas estavam cruzando aquela linha, e tudo porque Lauren estava apaixonada pela família de delinquentes.

- Você está estragando tudo, Lauren! – gritou irritada. – Tudo que éramos contra, você está fazendo! – Lauren suspirou, sabendo que a amiga tinha toda razão em estar assim.

- Faremos as coisas desse jeito, mas se de fato ela for culpada, então procederemos como sempre, Veronica. – disse amargurada, servindo-se um copo d'água. Mas Veronica estava irredutível e continuava falando alto:

- Você enlouqueceu? Está arruinando todo nosso trabalho por culpa de uma mulher! – Lauren deixou o copo com força em cima da pia, girando-se lentamente para amiga, que havia percebido seu exagero com o olhar feroz que recebera. Mas Veronica era orgulhosa, e não abaixou a cabeça. Continuou olhando-a com o queixo empinado.

- Você não entende uma merda do que está acontecendo. – foi a única coisa que disse e caminhou até a porta, mas antes de sair manteve a mão na maçaneta, escutando o comentário da amiga:

- Eu entendo perfeitamente. Você está se deixando levar pelo que sente por ela, arriscando nosso trabalho só porque tem a missão nas mãos. Talvez agora ela esteja satisfeita, conseguindo o que queria. Uma maldita pra livrar ela e as irmãs dos problemas. – Lucy olhou a esposa com os olhos arregalados. Veronica engoliu seco, acompanhando quando Lauren virou-se para ela, lentamente.

Os olhos verdes estavam carregados de fúria, e pela expressão facial as duas sabiam que Lauren estava se controlando muito, muito mesmo, para não ir pra cima de sua melhor amiga.

- Eu espero que você não esqueça em nenhum momento de sua vida o que acabou de falar. Porque eu te garanto que por mim, eu nunca vou esquecer. Faremos essa maldita investigação e procederemos como sempre. Mas depois, eu quero que você pegue suas coisas e desapareça da minha frente. A partir de agora vocês continuam com o trabalho em Juárez. – Lucy tentou interceder:

- Vocês estão com sangue quente, é melhor conversarmos depois. – Veronica riu com desdém, mas Lauren permaneceu no seu lugar.

- Não tenho nada para conversar. Quando o interrogatório acabar, quero vocês fora daqui.

Sem olhar pra trás, a morena saiu com uma pasta nas mãos, indo para o andar de baixo.

Mas é o que dizem, na guerra e no amor, tudo vale.

Normani estava sentada a um lado da mesa. Tinha as mãos sob a superfície e estava séria, meio triste até. Ao outro lado, Lauren, Camila, Dinah, Allyson, Veronica e Lucy a olhavam atentamente, deixando-a ter seu tempo para começar a falar. A morena finalmente encarou seu passado, unindo-o ao presente. Engoliu seu silêncio e sem demonstrar nenhum sinal de medo ou covardia, começou:

- Os pais de Diana chegaram ao Texas pela fronteira. Meu pai era o herdeiro de uma empresa têxtil, onde as maquiladoras forneciam a mão de obra, então passava muito tempo entre a fronteira. Não sei como, só que eles tinham muitos anos trabalhando para minha família quando eu nasci. Diana era a única filha deles, e se tornou minha babá. Ainda pequena, meu pai faleceu em um acidente de carro, deixando a empresa a cargo de minha mãe. Ela ficou destruída, tentando manter o nível empresarial que meu pai havia deixado. Diana era minha família. Mãe, pai, avós. Ela fazia o papel de todos e cuidava de mim. Costumávamos ficar sempre na casa de campo, a casa das fotos que vocês encontraram. Alguns anos depois, quando eu tinha mais ou menos seis, ela conheceu o John. No momento eu não sabia nada nem entendia nada, mas graças à Diana me livre de ser estuprada por aquele verme. Ela sempre me trancava dentro do banheiro do meu quarto quando ele estava

lá, e eu não entendia por que, até que a ouvi gritar chorando um dia, e decidi ver o que estava acontecendo. – Ela fez uma pausa, dando de ombros. – Eu era muito pequena sequer para entender o que eu estava vendo, mas eu só sabia que ela estava chorando e tinha que fazer algo. Ela pedia por favor, suplicava que ele parasse. Outro detalhe é que meu pai sempre colecionou armas, e praticamente toda a decoração da casa é isso. Peguei a primeira que vi e fui até a sala, onde ele estava em cima dela e... – respirando fundo, encarou a namorada antes de continuar. – Eu simplesmente aponte o revólver e atirei. Ele caiu no chão, e ela parou de chorar. Depois tudo ficou muito confuso na cabeça. A única coisa que eu lembro é que nós fugimos até a fronteira, onde pegamos um ônibus. Fomos abordadas pela polícia. E ela me pediu que corresse com todas as economias que tínhamos em uma mochila. E eu corri. Cheguei a Chihuahua sem saber nem sequer aonde estava e esperei por ela na frente da igreja por dias, até que o padre Miguel me acolheu e me levou à associação, onde conheci Dinah e logo acabamos indo para o colégio, conhecendo Camila e Ally.

>> Quando chegamos aos 16, o estado tirou todos os benefícios da associação e então os Cabello praticamente nos adotaram, só que sem o trâmite. Começamos a trabalhar no restaurante como agradecimento a Sinu e Alejandro, e alguns anos depois Diana chegou no fim do meu expediente, completamente mudada e cheia de cicatrizes no rosto. Foi quando descobri que Zuñiga junto a outros agentes e o motorista, tinham estuprado as mulheres do ônibus e tentado matá-las. Ela me contou o plano que tinha. Eu devo muito à ela, e estava com tanto ódio de tudo que havia acontecido que aceitei ajudá-la. Mas Diana nunca deixou de cuidar nem me proteger, então deixou tudo pronto. Em 2013, quando se entregou assumindo os crimes que de fato ela tinha cometido, fizemos um plano. Os outros cadáveres teriam que aparecer depois, para ameaçar os da lista e que eles comessem a se desfazer das provas caso soubessem que mesmo com Diana presa, alguém continuava com o trabalho. – Lauren franziu o cenho e a interrompeu depois de olhar os arquivos:

- Então você não matou os outros dois motoristas? – Normani negou com a cabeça vendo como Dinah respirava aliviada. – Foi Diana quem matou? – a morena assentiu.

- Eu simplesmente enviei a nota pra polícia, avisando do lugar em que estavam. Não sei os detalhes, apenas que foram torturados, porém morreram alguns dias depois da prisão dela.

- E qual foi sua função depois disso?

- Eu comecei a reunir todos os dados que encontrei sobre a lista que ela deixou. Passei anos tentando encontrar o paradeiro, conversando com as famílias das vítimas e seguindo todos eles até dar com todos. – Veronica tinha o cenho franzido e braços cruzados, intercedendo também:

- E ela não te pediu que continuasse com o trabalho? Mesmo presa você ficou anos sem visitá-la, até a última semana. – Normani assentiu.

- Minha parte era encontrá-los, reunir as pistas e enviar ao FBI. Foi mera casualidade que vocês aparecessem, mas tendo em conta que todos hoje tem um cargo muito alto, a casualidade acabou sendo perfeita. Ela sabe que eu pedi ajuda a vocês, e sabe que eu nunca faria nada para prejudicá-la, então de certa forma ela também confia em vocês. Só que temos o problema de minha mãe, ela continua procurando por mim e acha que Diana era a amante do John, discutiram e ela acabou matando ele e fugindo comigo. – Camila, séria até então, decidiu se pronunciar:

- E você entrou em contato com ela? – Normani negou.

- Provavelmente ela deve pensar que Diana me obrigou a dizer isso, ou que me manipulou, não sei. Preferi deixá-la onde está e seguir minha vida.

- Mas ela é sua mãe, Mani... – a morena deu de ombros.

- Ela colocou aquele homem dentro de casa, Mila. Ela preferiu o trabalho a cuidar da própria filha. Diana arriscou tudo por mim, arruinou a vida por mim, e eu devo tudo a ela e a seus pais. – Dinah suspirou, se metendo:

- Eu a entendo. Se te serve de algo, morena, eu teria feito o mesmo.

– deu uma piscadela para namorada que sorriu sem jeito. Ally também sorriu para irmã, compadecendo-se por tudo e sem deixar de pensar em sua própria história.

Lauren permaneceu olhando os arquivos e então continuou:

- Bom, com essa declaração o crime contra o John passa a ter outra perspectiva. Vou começar com os trâmites para que seja investigado como um crime por defesa própria. Você lembra exatamente o modelo de arma que usou? – Normani assentiu veemente.

- Melhor, eu tenho a arma. – Lauren assentiu aliviada.

- Isso vai ser de grande ajuda. Preciso também que você faça essa declaração por escrito e assine. Logo depois vou pedir os arquivos e comparar as provas, abrindo novamente o processo, só que dessa vez contra John. Entendo por tudo que vocês tenham passado e sei que é difícil, mas a partir de agora tem que ser do meu jeito, Mani. Vocês vão ter que confiar em mim para que isso dê certo. Investigaremos o Zuñiga e todos os homens dessa lista, e eu te dou minha palavra de que resolveremos tudo. – a morena assentiu aliviada, sorrindo sem jeito. – Preciso que você volte a conversar com Diana e que ela, mesmo que seja extraoficial, corrobore com a sua versão para que você não seja mais suspeita. – Veronica coçou o pescoço percebendo a indireta e sentindo-se uma imbecil. Havia praticamente arruinado a amizade e no fundo Lauren tinha razão. Não foi necessário levá-las a agência.

- E quanto a minha mãe? Se vocês abrirem o caso de novo, ela será avisada. – Perguntou um tanto nervosa, e Lauren assentiu.

- Não podemos fazer outra coisa. Você já é adulta, Mani. É hora de encarar os fatos como tal. – suspirando, a morena assentiu. – Bom, por agora eu acho que tenho suficiente. Vou ligar pro tenente e depois conto a vocês o próximo passo. Agora vão pra casa e por favor, não se metam em mais segredos!

Lauren se levantou e saiu rapidamente, sem olhar para trás. Enquanto

Veronica e Lucy se desculpavam com Normani, Camila aproveitou para sair correndo atrás da namorada, puxando-a pelo braço quando já estava nos fundos:

- Ei! – Lauren parou e a olhou séria. – Obrigada. – disse finalmente, mas Lauren nada disse, nem sequer sorriu.

- O que você fez foi uma falta de respeito, Camila. Entendo sua postura defendendo sua irmã, mas você em nenhum momento ponderou meu trabalho. Você não se preocupou se eu estaria manchando meu expediente ou se estava infringindo alguma lei para dar esse privilégio a ela. Você nem sequer se colocou em meu lugar por um minuto antes de me pedir que a soltasse! – cuspiu irritada. – Eu tenho que olhar pela sua família, mas você não olha por mim. Tive que dar minha cara a tapa com Veronica e Lucy para te defender, sendo que elas são agentes federais assim como eu.

- Lauren eu... – a morena negou com a cabeça, soltando-se. – Eu não tive a intenção de...

- Oh, você não teve a intenção? Você apareceu no meio do Valle me apontando com uma arma junto a Dinah e Ally, mas você não teve a intenção? – a latina enrijeceu o maxilar.

- Eu estava olhando por Normani...

- E eu também! Eu sou uma maldita agente federal, vocês não! Se tem alguém que pode ajudá-la e sabe o que vai acontecer sou eu! A lei da rua não serve em um tribunal, as provas que eu consigo, sim. Mas você olhou por Normani, e esqueceu de olhar por mim.

- Mierda, Lauren! Eu estava nervosa, eu...

- Você, você... Esse é o problema. Pra você só existe você. E pode que eu não tenha nenhuma experiência com relacionamentos, mas eu tenho certeza que isso – apontou para as duas – Está muito longe de ser um.

Lauren deu as costas e subiu as escadas com pressa, batendo a porta com força logo depois, deixando uma Camila cabisbaixa e praguejando-se internamente.

Foi inevitável ver a pulseira com a âncora em seu pulso, onde ela a acariciou pensando que agora tinha consigo a promessa de ser a estabilidade de Lauren, mas na primeira ocasião, foi justamente a tempestade.

//

Mas já dizia o rei, después de la tormenta siempre llega la calma.
Paciência, gafanhotos!

Capítulo 38 - A união faz a força

Boa noite gente linda.

Último cap deu um bug para alguns, e eu não pude corrigir no momento. Então se voltar a acontecer, a fic também está no social, tá bem? Vcs dão uma lida por lá porque eu não fico em casa o dia todo e nem sempre posso corrigir no momento.

Obrigada pela empolgação e palpites, sintam-se abraçadas. Pra quem me procura no twitter é arroba 5histhenewblack. O link das playlists estão na sinopse da fic, ou no spotify procurem por AEOD e AEOD ft JOSÉ (só musica latina da bad)

Chêro!

a foto da

casa: <https://twitter.com/5histhenewblack/status/678365194259664900>

//

Y que lo sencillo fuera tan complicado.

Y que complicarse fuera tan sencillo.

#microcuento.

Depois da breve discussão com Lauren, Camila não deu satisfações a sua família e entrou no carro pegando a estrada tão rápido quanto lhe era possível, enquanto Lauren passou o resto da noite trancafiada no armazém explicando toda a situação a central.

Com Miles no seu pé atrás das fichas tanto de Camila como das outras, acabou perdendo a paciência mais de uma vez com o agente que estava começando a suspeitar da afinidade entre ela e os Cabello. Miles as tinha como principais suspeitas dos roubos, mas sempre que ia atrás de alguma prova ou informação, todos os contatos respondiam a mesma coisa: não sei nada. E era suspeito porque quando oferecia dinheiro ou aumentar o acordo que tinham, os informantes continuavam em silêncio. E agora desconfiava de que alguém com muito poder e talvez dinheiro estivesse controlando até os dedos duros. Mas Lauren não estava preocupada com Miles. Estava preocupada com a mãe de Normani.

Seu chefe lhe havia informado que o trabalho que estavam realizando era excelente, mas precisariam de uma ordem judicial para reiniciar o caso Hamilton. Para isso, Andrea seria avisada e por ser uma mulher de muito poder, a imprensa logo ficaria em cima. O problema da imprensa é que eles têm acesso a muitas informações confidenciais, e muitos dos jornalistas não se preocupam em absoluto que alguns agentes podem estar infiltrados em outras organizações. Se Normani contava com o apoio da agência, então ela também teria que ajudar. Acabou tão exausta que o sono a tomou por completo as 4 AM, sem que pudesse pensar em nada

relacionado a sua namorada que continuava no mirador de San Juan, tentando entender a situação.

Por seu lado, Camila estava séria sentada em seu capô, abraçando suas pernas e admirando o céu estrelado. Em sua cabeça havia agido da melhor forma possível, mas de certa forma estava começando a entender o lado de Lauren. Quando ouviu o barulho de um carro se aproximando, apenas olhou rapidamente para reconhecer o modelo, mas pelo motor já sabia que não era quem esperava.

A porta se fechou com força e os passos eram fortes. Veronica usou um breve aceno com a cabeça e o queixo para saber se podia se sentar com a latina. Camila apenas olhou para o espaço vago ao seu lado e a agente o ocupou em seguida.

- Não foi muito difícil te encontrar.

- Eu não estava me escondendo. – Vero riu sem muita vontade. Já estava acostumada com a tenacidade da latina.

- Suponho que as coisas também não foram bem com você. – a latina estalou a língua antes de responder:

- Não estou acostumada a pensar em ninguém que não seja parte da minha família.

- Também não estava acostumada a ver ninguém por cima do trabalho, mas tudo nessa vida tem uma primeira vez. – O silêncio se fez presente, e Veronica manteve a cabeça baixa enquanto continuava a falar. – Lauren pediu que voltássemos para Juárez. – Camila franziu o cenho e a encarou.

- Pediu? – Vero riu com escárnio.

- Foi uma ordem, agente Iglesias! – tentou imitar a voz da amiga, arrancando uma risada da latina. – Suponho que eu também fiz besteira.

- Ela disse que teve que dar a cara a tapa com vocês. – Vero suspirou olhando para frente.

- Não me leve a mal, diabla, mas eu não concordei com o que ela fez. Respeitei porque é minha superior, mas ela não pode simplesmente fazer o que você pede sem pensar nas consequências do nosso trabalho. – Camila arqueou a sobrancelha e Vero deu de ombros. – Sinto muito se você não pensa assim, mas nessa história toda, quem a conhece de verdade sou eu que a aguento desde o colégio. Em outras circunstâncias, a agente Jauregui não teria feito nada disso.

- Mas Normani não é a culpada. – retrucou e Veronica assentiu veemente.

- Eu sei, mas havia outra forma de saber isso sem faltar umas cinquenta normas. – Camila suspirou.

- Você quer que eu converse com ela? – Veronica negou rapidamente.

- Não. Eu fui uma cretina e a entendo.

- Que merda você disse, Iglesias? – Envergonhada, Vero deu de ombros.

- Talvez eu tenha dito que você está se aproveitando dela para conseguir se livrar dos problemas. – Camila franziu o cenho e enrijeceu o maxilar.

- Eu nunca pensei nisso. – disse séria, ao que Veronica assentiu.

- Eu sei, e como disse, fui uma cretina. Estava irritada por ela ter agido daquele jeito, mas não justifico. Mas você precisa me entender. Lauren foi a primeira pessoa que eu contei que gostava de mulher, foi ela quem me emprestou o carro e preparou meu primeiro encontro com Lucy, e até me deu umas dicas sobre o que dizer para conquistá-la. – as duas riram na ideia de uma Lauren completamente inexperiente aconselhando os outros em algo assim. – Quando Lucy se irrita comigo, eu corro pra casa dela e ela sempre tem o que dizer para que eu me acalme e volte para casa. Perdi a conta dos tiros ou surras que a gente já levou uma pela outra... E mesmo que você seja a mulher que conseguiu destruir todos os muros que ela criou, eu não estou acostumada a vê-la faltando a algo tão importante para nós como o trabalho.

Envergonhada, Camila manteve seu olhar no horizonte, sem saber exatamente o que dizer.

- Suponho que eu também fui uma cretina. – disse finalmente.

- Não te culpo por isso, mas acho que ela tem razão com o que te disse. – Ao olhá-la confusa, Vero explicou. – Todas ouvimos a discussão entre vocês. E não é por nada, mas desde que chegamos aqui estamos arriscando nosso trabalho diariamente enquanto vocês apenas levam os benefícios. A investigação do Señor de los Cielos está parada, vocês foram para Miami e isso ficou uma loucura com a Cazadora, a Race War está por chegar e ainda temos agora o caso Hamilton agora. Se um jornalista se aproximar um pouco, se o Viceroy investigar um pouco... todos esses anos podem ir a merda. Inclusive podemos acabar em uma emboscada por traidoras. – Camila permaneceu em silêncio. – Acho que o mais justo seria que não só ela cobrisse suas costas e da sua família, mas que você também cobrisse a dela. Já que agora nem eu nem Lucy estaremos aqui...

- Vocês vão mesmo embora? – foi a única coisa que perguntou.

- Conheço Lauren e sei que o melhor é dar tempo. Pedir desculpa não adianta nada. – Camila franziu o cenho fazendo Vero rir. – Você vai precisar de algo mais para que ela te desculpe. – a latina grunhiu negando com a cabeça.

- Eu não sou de pedir desculpa ou ir atrás de ninguém. Mas estou muito mais irritada comigo mesma do que com ela.

- Seria muita cara de pau da sua parte pensar que ela é a culpada. – Camila a olhou perplexa e Vero deu de ombros. – Sinto ferir seu ego, mas dessa vez você precisa ir atrás. – torcendo o lábio, Camila passou a arrancar os fios soltos que tinha nos cortes da calça.

- Alguma sugestão? – Vero a olhou com um sorriso torto e assentiu finalmente.

- Vou te ajudar a ter uma perspectiva sobre até onde ela estaria

disposta a chegar por você.

A agente desceu do capô e entrou em seu carro, sendo seguida por Camila no dodge. Pegando a rota tão conhecida por elas, seguiram pela cidade até chegar a uma zona conhecida pela privacidade. Havia poucas casas, todas com muros altos e em uma distância considerável uma da outra, perto de onde sua chefe morava. Chegaram a uma garagem de metal acinzentada, um pouco desgastado e grande. A porta se abriu revelando uma casa branca de dois andares. Uma pequena escada e levava ao número 14 da Vila Magdalena onde uma porta lateral deixava a vista apenas a construção moderna. Ao sair do carro, Veronica retirou um chaveiro repleto de todos os tipos de chave, abrindo a porta e sendo acompanhada pela latina. Evidentemente o interior era muito mais impressionante do que tinha visto. Um jardim simples, apenas com algumas plantas e um gramado extenso, estava composto por uma piscina com jacuzzi. Mobiliada em um ambiente moderno e natural, as cadeiras de madeira tinham o estofado branco. Era grande e ampla, e só pela fachada já estava com a boca aberta.

- A primeira casa que ela comprou na verdade foi um apartamento. – Vero disse se colocando ao lado de Camila que tinha as mãos no bolso traseiro de seu jeans e olhava encantada para a construção. – Acho que o quarto dela era na casa dos pais era do tamanho da sala e da cozinha de lá. É bem simples, muito parecido com o que Lauren é na vida real. Mas no sábado quando vocês ainda estavam em Miami, ela me ligou pedindo para ir atrás de uma mulher e acabei chegando aqui. A mulher resultou ser uma corretora de imóveis e me entregou as chaves dessa casa. – Camila a olhou com os olhos arregalados:

- Ela comprou essa casa? – Vero sorriu assentindo.

- Eu tive a mesma reação. Liguei pra ela sem acreditar e ela me disse que bom, tia Clara estava muito chata com essa história toda de ter casa e querer vir pra cá, sem falar que sua família é bastante grande...

- Veronica, você sabe o preço dessa maldita casa?! – a agente deu de ombros.

- Sei, mas é falta de educação falar disso. O ponto Camilita, é que Lauren apostou tão grande por você, que até uma casa onde caiba a família dela e a sua, ela comprou.

- Ela está completamente louca! – Vero deu de ombros vendo como Camila andava de um lado para o outro.

- A herança da avó dela leva anos no banco, invertida em não sei quantas coisas e se multiplicando a cada mês.

- Mas ela nem gosta dessas coisas! Olha essa piscina! Lauren nem sequer toma sol! – Camila passava a mão no rosto e no cabelo, sem acreditar. – Isso é uma loucura! Essa casa é um exagero para uma única pessoa! – Vero negou com a cabeça e segurou a latina pelos ombros, obrigando-a a lhe encarar.

- Você ainda não entendeu? – Camila negou com o cenho franzido. – Essa casa não é para uma única pessoa. – a latina piscou lentamente. – Ela está

apostando por você, ela conta com você.

- Mas...

- Mas você não está contando com ela. Então, por que ela está arriscando tudo e indo de cabeça no que vocês têm, se você nem sequer se coloca no lugar dela?

- Isso é uma maldita loucura, Veronica! Ela não pode fazer isso! – Vero deu de ombros.

- Já está feito. – segurou a mão da latina e colocou as chaves em sua palma. – Agora você decide o que fazer. Agora eu tenho que ir. – com um beijo na testa da menor, Veronica se foi sorrindo e negando com a cabeça com o estado de Camila encarando a casa como se não acreditasse.

Pouco tempo depois foi à vez de Camila deixar o local e voltar para casa.

Ao chegar, Normani, Dinah e Ally estavam reunidas em seu quarto com uma cara nada boa. Camila respirou fundo e pensou que aquele dia parecia não acabar nunca.

- Pela cara eu já imagino que vocês não tem nenhuma boa notícia... – Dinah se adiantou em perguntar:

- Tudo bem? – Camila ponderou a resposta, sem conseguir tirar a imagem da casa de sua cabeça nem tudo que Veronica havia lhe dito.

- Vai melhorar. O que houve? – as meninas se entreolharam e então Normani explicou:

- A chefe ligou. Estamos com duas prestações atrasadas e ela está cheia de trabalho pra gente. – Camila fechou os olhos e suspirou, apoiando-se em seu armário.

- Que trabalho? – Dinah riu com desdém.

- As maderas tinham razão. Essa vadia está criando uma organização nas costas do Viceroy, Mila. Ela quer que a gente transporte um carregamento para o Braga.

- Um carregamento? Que tipo de carregamento? – a loira deu de ombros antes de responder:

- Ao que tudo indica umas toneladas de droga. – Camila negou com a cabeça.

- Isso só pode ser uma brincadeira de mau gosto. Quando ela ligou?

- Há uns dez minutos.

- Maldita perra! – a latina chutou a porta do armário, provocando um estrondo. – Precisamos fazer alguma coisa. Vender alguns dos carros e adiantar o dinheiro. – Foi a vez de Normani rir com desdém antes de responder:

- Ela quer esse trabalho para amanhã cedo. Conseguir um comprador de madrugada é no mínimo impossível.

Começaram a ponderar várias saídas, pedir empréstimo, juntar as

economias, mas nada parecia suficiente. Ally era a única que continuava em silêncio, até que as encarou e disse:

- Eu tenho o dinheiro. – as meninas viraram o rosto diretamente para loira, em absoluto silêncio e sem entender, então Dinah zombou:

- Acho muito legal da sua parte querer ajudar Allycat, mas seu porquinho não deve ser suficiente. – Normani deu uma cotovelada na namorada que reclamou massageando a costela, enquanto Ally revirou os olhos. Camila cruzou os braços encarando a baixinha:

- Estamos ouvindo. – Ally suspirou brincando com os dedos.

- Estou tentando contar isso a vocês há um bom tempo, mas com tudo que aconteceu eu... eu não achei o momento certo. – assentiram sérias e Camila encostou-se ao armário novamente, então ela prosseguiu. – Como vocês já sabem meus pais foram assassinados em casa por uns sicários... – todas assentiram. – Meu pai era advogado e dos bons, mas era conhecido mesmo por ter acabado trabalhando para o cartel. O juiz do caso tentou investigar, mas a burocracia era tanta que acabou em muitas ruas sem saída, então nunca tivemos uma resposta concreta. Quando conheci o Troy, o garoto loiro do Valle... – assentiram novamente. – Foi mera casualidade que o pai dele fosse esse tal juiz. – Normani sorriu contente:

- Então você pode pedir os inquéritos e recomeçar as investigações. Podemos te ajudar se você... – Ally negou com a cabeça e um sorriso triste:

- Não será necessário. Eu já achei o que estava procurando. – Camila abriu os braços, também animada.

- Melhor ainda! O que você precisa? – ainda sorrindo, mais por orgulho de sua família do que por alegria, Ally novamente negou. Dinah colocou a mão na coxa da loira, apertando de leve:

- O que você descobriu, Allycat? – Ally precisou engolir o choro, mas finalmente conseguiu responder:

- Eu descobri quem era o principal suspeito e, provavelmente quem encarregou o assassinato... – todas ficaram em silêncio esperando a continuação. – Achei essa foto entre os arquivos. – retirou o papel amassado do bolso e o mostrou. Dinah abriu a boca assustada:

- La madre que le parió... Ally, esse cabrón é o Viceroy. – a loira assentiu. – E esse é o seu pai? – assentiu novamente.

- Encontraram transferências da conta do papai a uma das empresas fantasmas que ele tinha. Não me lembro muito bem, mas sei que na época estávamos prestes a perder tudo que tínhamos, inclusive o buffet que meu pai era sócio. Então magicamente um dia ele disse que tinha resolvido tudo, e foi quando começou a defender os traficantes. Pouco tempo depois nos mudamos para Chihuahua e eles foram assassinados. – Camila se sentou ao lado da irmã, abraçando-a.

- Você acha que o Viceroy estava cobrando uma dívida? – Ally

assentiu, sendo amparada por todas.

- Eu tenho quase certeza, Mila. Meu pai não tinha inimigos, começou a ter problemas depois que começou a se relacionar com o cartel. Não há outra explicação. - Depois de abraçá-la, Normani finalmente perguntou:

- Mas você disse que tem o dinheiro... - Ally limpou as lágrimas e se levantou e assentiu.

- Sim. Há alguns dias um notário me procurou no restaurante e pediu que fosse a seu escritório. Segundo ele esteve procurando por mim desde meu aniversário, mas como mudei meu sobrenome para o Cabello quando fui adotada, demorou um pouco... - mordendo o lábio inferior e com um meio sorriso, a loira continuou: - Acho que meu pai já desconfiava do que estava por acontecer e deixou uma poupança em meu nome que só podia ser entregue quando eu fizesse 23 anos.

As meninas sorriram entreolhando-se, e Dinah se levantou:

- Por favor, me diz que esse seu porquinho tem cem mil dólares, por favor, por favor... - Ally gargalhou assentindo.

- Tem um pouco mais que isso... - elas se levantaram abraçando-a e rindo ainda mais alto, o que chamou a atenção de Sinuhe e Alejandro, que entraram no quarto assustados.

- Mais que diabos está acontecendo aqui?! - o patriarca perguntou ainda sonolento, e todas foram em sua direção para abraçá-lo. Sinu observou tudo de longe e sorrindo. - Me soltem! O que vocês estão aprontando?! Sinuhe, eu lhe disse que essas meninas ficaram muito soltas!

- Pare de ser resmungão, Ale! - retrucou voltando para o quarto e finalmente quando ele conseguiu se soltar, as olhou com os braços cruzados:

- Eu conheço vocês mocinhas, e sei que estão aprontando alguma coisa. - em silêncio, as meninas permaneceram atentas ao pai. - Mas saibam que seja lá o que for, espero que se mantenham unidas sempre. Entendido? - assentiram veemente.

Alejandro deixou um beijo na testa de cada uma e voltou para seu quarto. Elas entraram novamente e suspiraram tranquilas. Foi então que Camila jogou a franja para trás e suspirou novamente:

- Ok, temos a metade dos problemas resolvidos. Agora precisamos ter certeza que o Viceroy foi o responsável e se for assim, faremos com que esse hijo de puta pague por tudo. - Normani assentiu e completou:

- Podemos ver com Lauren. Ela é a capataz dela há muito tempo, deve conhecer todo o histórico e pode conseguir essa informação.

- Alguma notícia sobre sua mãe? - A morena negou com a cabeça.

- Aparentemente está esperando uma ordem judicial para reabrir o caso... - Camila assentiu e se sentou na cama. - Vocês ainda não se falaram? - a latina negou com a cabeça.

- Não. Ela está puta e eu não tiro a razão... - Dinah estalou a língua, se metendo:

- Chica, você agiu como uma Cabello, mas acho que exageramos um pouco. Eu também me deixei levar, mas a madeira está louca por você. Não sei onde estávamos com a cabeça para duvidar de que ela ia fazer o trabalho certo com Mani.

- Eu sei, eu sei! Mas ela também tem que me entender. Vocês são minha família, carajo. – levantou-se andando de um lado para outro. – Ela me conheceu assim, o que esperava? Eu não podia ficar de braços cruzados! – Normani deu de ombros, falando:

- Você devia ter confiado nela, Mila. Eu estava tranquila porque sabia que eram elas. Se fosse qualquer outro talvez tivesse reagido, mas até para colocar as algemas Lucy foi delicada. Ela me olhou como pedindo desculpa por fazer aquilo, entende? – Camila assentiu suspirando.

- Ainda consegui que elas brigassem. Parece que Lauren mandou elas de volta para Juárez. E o que é pior! Veronica foi atrás de mim e vocês não vão acreditar no que essa gringa maluca fez! – retirando o celular, Camila abriu a galeria e mostrou uma foto para as irmãs que abriram a boca em descrença. Dinah foi a primeira em se pronunciar:

- Você está fazendo essas coisas estranhas de pensamento positivo, e vai colocar essa casa no mural como desejo? – Camila revirou os olhos. – Parece foto de revista Forbes...

- Porque é uma maldita casa dos sonhos! Mas não, pendeja, não preciso de coisa estranha de pensamento positivo. Lauren comprou essa casa. – todas a olharam ainda mais espantadas. – E agora eu preciso fazer alguma coisa para que ela me perdoe. E vocês vão me ajudar.

//

A chave de uma casa espetacular, três irmãs pra ajudar... e aí, o que vocês acham que Camila vai fazer? Aceito palpites.

BOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOA NOITE GENTE LINDA!

SENTIRAM MINHA FALTA??????????? Eita aperreio de demora, né non?

Eu sei, eu sei! Mas eu estava em Salvador, atualizei de lá, inclusive. Mas por razões de amor maior eu fiquei afastada e sem internet. Espero que vocês não tenham desistido de mim! ://///

Estou preta, alguns quilos mais magra e zen (adivinhem por que). Mas nem por isso me esqueci dessa coisa maravilhosa que é escrever. Então eu voltei e aqui estou na rotina de escrava de novo. Me desculpem pela demora, mas agora estamos de volta.

Como foi de ano novo? Pularam as 7 ondas? Colocaram oferenda pra rainha do mar? E sobre o beijo de 2016? Ai, manas... Que esse ano novo seja repleto de coisas boas para nós, que as fifth coloquem a cara no sol brasileiro, que 5h2 seja magnífico e que tudo aquilo que nos travou o riso em 2015 tenha ficado para trás. Bagagem nova, meu povo!!!! Só o que couber no bolso e no coração! Então vamos lá?

Um xêro no cangote, muita luz e energia positiva. Obrigada, sempre!

Chuva. Antes eu fugia desse tempo. Lembranças ruins. Optava por me esconder debaixo do cobertor, fechar a janela e escutar música alta até que o tempo abrisse de novo. Mas há algum tempo eu mudei a concepção que tinha. Acho que foi desde te conheci. Ou talvez tudo mudou naquela noite, lembra? A luz apagada, a janela aberta, o clima quente e os nossos corpos por fim, encontrando-se. Hoje acordei com o tempo fechado, como ontem. E logo quando pisei fora de casa, começou a chover. Mas dessa vez eu olhei para o céu e sorri. Que chova. Sim... que chova muito.

- Diário de uma saudade, Dia 4.

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

- Ok, temos a metade dos problemas resolvidos. Agora precisamos ter certeza que o Viceroy foi o responsável e se for assim, faremos com que esse hijo de puta pague por tudo. – Normani assentiu e completou:

- Podemos ver com Lauren. Ela é a capataz dela há muito tempo, deve conhecer todo o histórico e pode conseguir essa informação.

- Alguma notícia sobre sua mãe? – A morena negou com a cabeça.

- Aparentemente está esperando uma ordem judicial para reabrir o caso... – Camila assentiu e se sentou na cama. – Vocês ainda não se falaram? – a latina negou com a cabeça.

- Não. Ela está puta e eu não tiro a razão... – Dinah estalou a língua, se metendo:

- Chica, você agiu como uma Cabello, mas acho que exageramos um pouco. Eu também me deixei levar, mas a maderita está louca por você. Não sei onde estávamos com a cabeça para duvidar de que ela ia fazer o trabalho certo com Mani.

- Eu sei, eu sei! Mas ela também tem que me entender. Vocês são minha família, carajo. – levantou-se andando de um lado para outro. – Ela me conheceu assim, o que esperava? Eu não podia ficar de braços cruzados! – Normani deu de ombros, falando:

- Você devia ter confiado nela, Mila. Eu estava tranquila porque sabia que eram elas. Se fosse qualquer outro talvez tivesse reagido, mas até para colocar as algemas Lucy foi delicada. Ela me olhou como pedindo desculpa por fazer aquilo, entende? – Camila assentiu suspirando.

- Ainda consegui que elas brigassem. Parece que Lauren mandou elas de volta para Juárez. E o que é pior! Veronica foi atrás de mim e vocês não vão acreditar no que essa gringa maluca fez! – retirando o celular, Camila abriu a galeria e mostrou uma foto para as irmãs que abriram a boca em descrença. Dinah foi à primeira em se pronunciar:

- Você está fazendo essas coisas estranhas de pensamento positivo, e vai colocar essa casa no mural como desejo? – Camila revirou os olhos. – Parece foto de revista Forbes...

- Porque é uma maldita casa dos sonhos! Mas não, pendeja, não preciso de coisa estranha de pensamento positivo. Lauren comprou essa casa. – todas a olharam ainda mais espantadas. – E agora eu preciso fazer alguma coisa para que ela me perdoe. E vocês vão me ajudar.

Dinah piscou lentamente, fechando a boca aos poucos enquanto gaguejava o principio de um "quê?".

- Qué carajos, Mila...

- Eu sei, eu sei... – a latina assentiu. – Ela está louca e eu sou uma imbecil por ter agido daquela forma. – Normani, que não estava surpreendida pela casa e sim pelo ato, assobiou e disse:

- Você já pode pensar em algo grande, Mila... Algo do tamanho dessa casa! – suspirando, Camila assentiu e foi a vez de Ally interceder:

- Não sei se estou mais perplexa por conhecer esse lado dela ou por tudo ter acontecido hoje. Mas, seja o que for, você conta comigo! – Camila sorriu para as irmãs e logo começou a explicar seu plano, parando em cada detalhe e como de costume, dividindo as tarefas.

Por outro lado, Veronica e Lucy faziam as malas. A colombiana não tinha uma cara nada boa respeito aos últimos acontecimentos e, conhecendo a personalidade da esposa, Vero sabia que o melhor era se calar.

Mas Lucy pronunciava algo em espanhol, baixo o suficiente para que

Vero apenas percebesse que estava dizendo algo, mas sem conseguir entender.

Dobrava as roupas minuciosamente, mas ao guardar as peças praticamente as jogava. Com tédio, Veronica permanecia pensando em tudo que havia dito, na reação de Lauren e demais acontecimentos. Pelo menos havia ajudado em algo, não que se sen...

- Porque você não podia ficar calada, não é? – o grito ecoou no quarto da pensão fazendo a latina saltar ao ouvir a voz da esposa. – Tinha que deixar esse seu cabeção falar mais alto!

- Do que você...

- Eu estou falando da cena que você armou! – recriminou lançando uma camiseta em Vero que levantou a mão a tempo para pegá-la, mas irritada e com o cenho franzido, contestou:

- Você também está irritada comigo? – Lucy respirou fundo e jogou um xampu na esposa que se abaixou deixando o objeto acertar a parede.

- O que você acha? – perguntou com deboche. Vero suspirou e deu um passo a frente com as mãos fechadas em punhos:

- Eu acho que você, como sempre, está sendo injusta comigo. Eu só estava defendendo o correto!

- Não, Veronica, você estava com o ego ferido! – a mulher deixou a boca cair em descrença ante a acusação:

- Você só pode estar de putaria com minha cara!

- Não, eu não estou. Reconheça que você disse tudo aquilo porque, por primeira vez Lauren não te escutou e colocou outra pessoa a frente de tudo, e essa pessoa não foi você!

- Do que merda você está falando?! – gritou exasperada, fazendo Lucy parar a sua frente com o rosto vermelho e olhos faiscando:

- Você sempre colocou Lauren a frente, agiu como se ela fosse sua irmã, mas ela nunca fez mais do necessário por nós. Fechada e teimosa como sempre, é difícil obter sequer um reconhecimento dela. Tudo que Camila faz pelas irmãs, nós já fizemos por Lauren. E então uma desconhecida chega e consegue em pouco tempo o que você almejou durante todos esses anos... – Veronica apertou o maxilar e respirou fundo. Seu desejo era ir de encontro à mulher a sua frente, mas todo o amor e peso da verdade a deixaram imóvel. Lucy deu de ombros, lamentando em seguida a forma em que falou: - Talvez o grande problema não foi ela ter desobedecido a uma ordem por Camila, e sim ter feito isso quando você estava pedindo o apoio dela.

- Isso não é justo... – Lucy assentiu, deslizando a ponta dos dedos no rosto da esposa.

- Não... mas é como pedir que eu coloque outra pessoa à sua frente. São amores diferentes. Eu te amo como esposa, como o amor da minha vida por cima de qualquer trabalho ou ordem. Assim como Lauren ama Camila por cima de qualquer

código de lealdade.

- Mas nós sempre estivemos com ela... – retrucou deixando as lágrimas caírem, com a voz falha.

- Sim, estivemos. E não estávamos acostumadas a vê-la reagir por impulso desde que abandonou o exército... Mas o amor faz isso. Ele muda as pessoas, as torna tolas e valentes, como se nada mais importasse no mundo... Como se não houvesse consequências. – Vero assentiu lentamente, puxando em seguida o corpo de Lucy contra si e abraçando-a forte:

- Eu sou uma idiota. – disse contra o cabelo da colombiana que riu, acariciando as costas da esposa.

- Apenas um pouco infantil. Mas não há problema...

- Agora não tem mais jeito, por culpa dessa pendejada temos que voltar pra Juárez. – Lucy se afastou e sorriu timidamente, bicando os lábios de Vero antes de dizer:

- Será só por um tempo, até que as coisas fiquem mais calmas, ok? Será bom para nós, o caso está parado e precisa de ação. – Vero assentiu concordando, beijando-a delicadamente. – Paciência, logo ela vai entender tudo. – a mulher franziu o cenho, analisando a expressão de Lucy e então riu. A colombiana arqueou a sobrancelha esquerda com questionando a ação, ao que Vero respondeu imediatamente:

- Você é estranha. Há menos de cinco minutos estava lançando coisas contra mim e agora me pede paciência... – Lucy acertou um tapa estalado no braço da esposa. – Ouch, amor! – reclamou acariciando a zona.

- Eu ainda estou irritada com você! E adiante com essas malas, quanto mais fico olhando para elas, mais quero te matar.

Sem discutir, Vero se apressou em deixar tudo pronto e dormir cedo, abraçada à esposa já que no dia seguinte estariam pegando o primeiro avião para Juárez.

Quando o dia amanheceu, o despertador soou incessantemente, sendo desligado com brutalidade por Lauren que estava mais cansada do que o normal. Levantou-se com dificuldade e se preparou para a parte mais difícil do trabalho: responder às perguntas dos familiares das vítimas. Nesse caso, explicar a Andrea Hamilton por que havia solicitado a abertura do caso. Enquanto escovava os dentes, distraidamente olhava as mensagens em seu telefone, encontrando um número desconhecido que havia ligado logo cedo repetidas vezes. Suspirou imaginando o que se tratava, e mal teve tempo de ver as que mostravam as sete chamadas não atendidas de Lucy querendo se despedir.

Enquanto tomava café, devolveu a ligação encontrando-se com a voz de uma mulher um tanto enjoada, a qual lhe pedia para ligar em outro momento. Grunhindo, a agente recolheu suas coisas e se dirigiu por fim ao armazém. Ao chegar, antes mesmo de estacionar, avistou a SUV conhecida. De longe observou como Camila entregava uma bolsa esportiva à Teresa enquanto as outras observavam tudo

detrás.

Lauren bateu a porta do carro com força e caminhou decidida e de cara fechada. Quando a chefe a reconheceu, logo sorriu fazendo Camila trincar o maxilar. Mas a morena apenas pronunciou um "Buenos dias" e subiu sem olhar para trás.

Teresa se despediu deixando-as sob aviso e Camila suspirou extravasando sua raiva ao chutar a mesa. Dinah encarou a irmã com tédio:

- Está evidente que você está morrendo de vontade de falar com ela.

- Camila negou com a cabeça, frustrada.

- Ela não está para conversa. Vai saber o que está pensando agora que viu isso! - Ally apoiou a mão no ombro da irmã, concluindo:

- Fiquei de conversar com ela sobre o caso do meu pai... quer que eu converse com ela? - a latina ponderou, mas acabou por negar timidamente.

- Está bien, güera. Se concentre em conseguir essa investigação e qualquer coisa me ligue, ok? - Allyson assentiu sorrindo sem jeito. - Eu vou atrás de me redimir. Vocês trabalham hoje? - perguntou encarando Normani e Dinah que cochichavam baixinho e riam. Ambas negaram rapidamente. - Andele pues, temos muita coisa pra fazer.

As três abandonaram o armazém e Allyson foi ao encontro de Lauren, quem tinha os olhos atentos na televisão e parecia muito concentrada.

No jornal local, a notícia mais esperada pelas autoridades americanas se confirmava, o capo do cartel de Sinaloa que cedeu o lugar a Braga ao se preso, finalmente havia sido encontrado pela marinha mexicana, responsáveis por sua captura. Segundo as fontes, o narcotraficante estava de volta ao mesmo presídio de segurança máxima que conseguiu fugir, porém dessa vez a cela estava reforçada com metal, fechadura eletrônica, câmeras ligadas às 24 horas e sem pontos cegos, cimento e barras de ferro no interior.

- Será que dessa vez ele fica preso? - Ally zombou ocupando um lugar à frente de Lauren que riu com desdém.

- Não coloco minha mão no fogo por esses policiais. A maioria pertence a esses filhos da puta. - grunhiu e logo Lauren percebeu que em cima da mesa havia um mapa com as rotas que levavam a fronteira.

Alguns pontos estavam marcados com um X vermelho e outros tinham um círculo azul. Dissimuladamente, Lauren tratou de fechá-lo, mas Ally não precisou de mais para saber o que estava acontecendo. Ela estava elaborando um plano com rotas de escape, e não era a favor do FBI.

A agente então tossiu chamando a atenção da loira que, em um estalo sacudindo a cabeça voltou sua atenção, fingindo um sorriso sem mostrar os dentes.

- Como você está? - Lauren franziu o cenho. - Digo, no geral... - a loira emendou nervosa, entrelaçando os dedos e sorrindo sem parar.

- Bem... - Lauren ladeou a cabeça minimamente, tentando entender a atitude. - E você? - Ally assentiu veemente, colocando uma mexa de cabelo atrás da

orelha e finalmente encarando os dedos.

- Eu acho que também. – um silêncio se fez presente, e então como em um click Lauren entendeu tudo, praguejando-se internamente.

- Eu... hm... Desculpe. Deve ser difícil para você ter encontrado todas essas provas sobre o caso do seu pai... Mas a família de vocês é uma loucura. – a loira riu sem jeito, assentindo. – Tem certeza que você está bem? – Allyson levantou a cabeça, dessa vez séria e decidida:

- Sim. Tudo que eu tenho para dizer ou lamentar está sendo guardado para o momento em que eu estiver frente a frente com o Viceroy. – Lauren suspirou assentindo.

- Vamos por partes, então. – pegando alguns papéis na mesa, a agente iniciou a explicação. – Tudo que temos sobre o caso da sua família são suspeitas. Chegaram a reunir provas sobre o envolvimento do Viceroy e os movimentos bancários de seu pai, mas provavelmente pela corrupção foram desestimadas. – Lauren entrelaçou os dedos e encarou a baixinha com a mesma seriedade, olhando-a nos olhos antes de continuar. – Antes de qualquer coisa, você precisa saber que a justiça, pelo menos a limpa, é lenta. Reunir as provas, investigar os movimentos novamente, identificar os suspeitos, poder interrogá-los, que eles facilitem com alguma declaração que não seja "eu não lembro"... Tudo isso é um longo caminho. – Allyson assentiu. – E um bem complicado. – ficaram em silêncio por alguns segundos, mas a loira não baixou a guarda. – Mas você não está aqui para me pedir ajuda com essa justiça.

- Eu sei que estou te pedindo muito, e minha intenção não é comprometer o seu trabalho... – a agente riu com desdém, mas ela preferiu ignorar. – A única coisa que eu te peço é que facilite o acesso ao Viceroy, e o resto... fica por nossa conta.

- E você pretende fazer o que? Chegar com uma arma, acabar com ele e a família dele como ele fez com a sua? – Allyson fechou as mãos em punho, inclinando-se minimamente como se quisesse avançar em Lauren. – E depois, o que vai te diferenciar dele? – a loira piscou lentamente, recuando. – Quando você acabar com tudo isso, sua família estará aqui de novo? Vai valer à pena você apodrecer na cadeia por ter dado descanso a esse filho da puta? – a Cabello mais velha tentou responder, mas nada saiu, pelo que grunhiu frustrada.

- E o que você quer que eu faça? – Lauren deu de ombros.

- Não sei, a gênio dos planos superelaborados é você. – Ally suspirou adquirindo sua postura vulnerável novamente, o que fez Lauren se compadecer e suspirar também.

- Você quer saber o que eu faria? – a loira assentiu veemente. – Eu faria ele perder tudo enquanto arranjo um jeito de provar os crimes que cometeu agora. E tentaria fazê-lo confessar. Sua família é americana, uma vez que isso venha à tona o governo não vai deixar barato.

- E como a gente faz ele perder tudo? – Lauren deu de ombros. – Ele tem um cartel de droga, rouba combustível e tem uma amante que o está traindo com um dos capos mais procurados do mundo, chefe do cartel inimigo que, por coincidência é sua chefe. – Ally arregalou os olhos.

- Você quer que a gente acabe com o negócio dele? – a morena apenas arqueou a sobrancelha e sorriu torto.

- Como braço direito dele, vocês vão me foder muito bem. Mas como agente do FBI, é um favor. E isso só facilita ainda mais o indulto. – Ally assentiu lentamente, digerindo a informação.

- E o que a gente faz com isso? Não temos onde armazenar todo esse combustível nem como provar que a chefe tem um caso com o Chapo. – Lauren deu de ombros novamente.

- Vendam. Ofereçam a Josete um acordo. Vocês conseguem a carga e ele da um jeito de distribuir por fora, sem revelar o fornecedor.

- E a chefe? – Lauren estalou a língua negando com a cabeça.

- Essa é mais difícil. Teriam que conseguir a confiança dela, entrar para o negócio e então se arriscar a vendê-la enquanto não são descobertas.

- Você quer que a gente se infiltre no cartel da Teresa com Sinaloa? – A morena deu de ombros.

- É uma opção. Além do mais, vocês continuam em contato com ela, não? – Ally sentiu a acidez transbordar no comentário e não gargalhou porque estava um pouco transtornada com as propostas.

- Quê?! Não! Nós simplesmente estávamos pagando a dívida que ela... Espera, você está com ciúme? – Lauren revirou os olhos.

- Não é da minha conta o que vocês fazem. Só estou dizendo que, já que mantém o contato, é uma possibilidade.

- Claro. E esse seu mau humor é apenas uma noite mal dormida? – Lauren assentiu dando de ombros, fazendo a loira estalar a língua. – Tudo bem, agente Jauregui. – levantando-se, Ally foi até a morena e a abraçou. Lauren estranhou, mas logo retribuiu. – Obrigada pela ajuda e ideias. Vou ponderar com as meninas e te digo.

- Disponha.

Quando a loira estava na porta, virou-se sorrindo e disse:

- E esquece esse ciúme. Estávamos pagando a dívida atrasada e correndo dos trabalhos. – Lauren assentiu, sentindo o alívio dentro de si.

- Não que eu me importe...

- Aham. – a agente revirou os olhos ante a dúvida e sorriu torto:

- Obrigada, Allycat.

- Tenha um bom dia Lauren.

E o dia se arrastou. Lento, pesado e confuso. Algumas vezes Lauren olhava pela janela, mas não havia sinal de ninguém no armazém. Manteve contato com Chuy onde repassaram alguns acontecimentos e explicou a ausência de Lucy e

Vero.

As coisas estavam indo bem, os aviões passavam o carregamento sem mais problemas, o caso da trata de mulheres estava sendo investigado e por isso tiveram que parar e finalmente, Viceroy já estava colocando em prática sua vingança quanto a Teresa.

Enquanto isso, na casa de Lauren Dinah estava deitada no sofá assistindo televisão. Camila estava na cozinha preparando uma comida especial com a ajuda de Normani e então Allyson chegou, sendo recebida com carinho por Dinah que logo a acompanhou até a cozinha.

- Você não vai ajudar em nada? – Ally perguntou à mais alta que deu de ombros.

- Fiquei com a ambientação e já está tudo pronto. – respondeu enquanto entravam no cômodo. – E como foi lá com a Jauregui? – Camila imediatamente levantou a cabeça e se manteve atenta. Ally suspirou e se sentou em um banco, apoiando-se na mesa de mármore ao centro:

- Esclarecedor. Ela é realmente uma agente do FBI. Deu a entender que se partisse pra vingança ela não estaria ao nosso lado. – a latina suspirou ao ouvir aquilo, sentindo seu peito apertar. Normani olhou para Ally sugestivamente, e então a baixinha continuou. – Mas ela me deu outras ideias... – Camila novamente mudou a expressão, sentindo-se mais aliviada:

- Fala logo Allyson! – a loira revirou os olhos antes de continuar:

- Recomendou acabar com a vida do Viceroy aos poucos. Sabotar os negócios, roubar o combustível que ele rouba, e provar que a Teresa está com o Chapo enquanto tento uma confissão dele sobre o caso da minha família. – todas a olharam confusas e perguntaram ao mesmo tempo:

- A Teresa e o Chapo? – Ally assentiu.

- Eu também fiquei sem entender. Essa mulher parece não bater bem da cabeça... – Dinah assoviou levando a mão direita ao cabelo, onde o jogou para trás exageradamente:

- Que fofoca. Como a Jauregui fica sabendo dessas coisas assim? – Camila revirou os olhos e jogou um tomate na irmã, que fingiu indignação. – Estou falando sério! Isso daria uma telenovela. La Reina del Sur e El Chapo Guzmán juntos. Ela que foi amante do capo do cartel Juárez, agora se alia com o cartel inimigo. Como ela consegue dar pra esses homens? Eles são nojentos! – Normani puxou o queixo da namorada, beijando-a rapidamente.

- Cala a boquinha amor, por favor. – Dinah se manteve com o bico e olhos abertos ao ouvir a risada das outras duas enquanto a morena se afastava e dava sua opinião:

- Eu acho que é um ótimo plano. Contar com a proteção da Jauregui quanto a crimes é uma perda de tempo. Ela já está conseguindo o indulto e só a força que está dando com o meu caso... – todas olharam para Camila.

- Não me olhem assim! Eu sei que fiz merda e estou tentando me

redimir! Além do mais, não contava com fazer nenhuma besteira. Por Deus, a família dela pertence ao governo! – Ally se lembrou de algo e então a interrompeu:

- Falando em governo, achei uma coisa muito estranha quando cheguei. – Camila alçou a sobancelha esquerda, atenta. – Um mapa com algumas rotas marcadas. De vermelho a possível evacuação em caso de interrupções, e de azul os pontos cobertos pela polícia e o exército. – Camila retirou o avental que estava em sua cintura e com o cenho franzido tentou achar uma conclusão.

- Por que ela estava com isso? – Ally suspirou:

- Está claro que se ela deu prioridade as rotas vermelhas, é sinal de que é trabalho do Viceroy. – Dinah, também confusa, intercedeu:

- Mas todos os desvios estão cobertos. De onde ela tirou pontos cegos? – todas olharam para Ally que, apreensiva, fez uma pausa dramática antes de responder:

- O circuito da morte. O Valle não está coberto pelos maderos.

E foi assim que a latina se preocupou. Olhou pela janela o jardim calmo e como um passarinho pousava na grama, procurando por algo. O Valle era perigoso, o circuito da morte então... Mas por que diabos Lauren estaria com aquilo?

E de repente a prioridade de se redimir se converteu em uma preocupação. Sem Veronica e Lucy para cobrir as costas da morena, até que ponto ela estaria disposta a chegar para manter o trabalho?

//

E aí, papai? O que a Camila vai fazer? Vcs acham que ela precisa suar muito? No próximo a gente descobre.

Chêro!

Capítulo 40 - Sorry?

Novinha, cê tá na minha mira, gosta quando a Nati atualiza, danada você quica, tu tá perdendo a linha, o cap tá sensacional, pode contar pra geral, não tá louca nem maluca, é AEOD na sua lista empina a bunda, começa a tremeeeeeeeeeeeeeeeeer... Treme, treme, treme, treme, treme, buuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuunda... ♪

Quinta é meu dia de folga, e eu descanso? Não. Arrumo meu quarto? Não. Faço trabalho da faculdade? Não. Coloco o pijama e vou ver série? Não. O que eu faço? Isso mesmo, como besteira, chego em casa da faculdade e venho escrever um cap pra vocês.

Aquele chêro, meu sincero agradecimento e vamo que vamo graças a Deus.

Para o capítulo de hoje recomendo ler com as últimas canções adicionadas na playlist AEOD do spotify, quem ainda não segue só procurar lá "AEOD". Foram adicionadas há 8 dias e... só dar play e começar a ler o cap, deixa o destino escolher com qual vcs vão ler a parte quente.

Sed buenos... si podéis (6)

TT: 5hishthenewblack

E se eu disser que andava por aí querendo te encontrar, te procurando em cada esquina mesmo sem te conhecer. Que cada suspiro pronunciava teu nome, e me contentava com esconder minhas ganas no zíper do vestido.

Se eu te disser que odeio cada centímetro da quilométrica distância que agora separa tua boca da minha. Que vou morrer cada vez que um avião levantar voo e ressuscitarei quando aterrissar só para não sofrer esperando sua chegada.

Se eu te disser que vivo em guerra com minha consciência enquanto suplico pela paz que quero encontrar em teu sorriso. Que seu abraço será, de todos, o que eu nunca esquecerei.

Se eu te disser que na primavera as ruas terão seu cheiro, que no verão sentirei a melancolia das ondas quebrando sozinha sem você, enquanto o sal corta minha boca pela ausência da tua. Que no outono o céu ficará de luto combinando com suas nuvens cinza, lamentando a morte do teu perfume nas folhas e que, no inverno, o frio quebrará meus ossos em pedacinhos só para que eu possa pedir em silêncio que você apareça, e que fique pra dormir, e assim poderei juntá-los com o calor do teu corpo.

Se eu te disser que passo o tempo pedindo a Deus para esquecer, mas só de pedir, me lembro. Que meus beijos sem os seus são apenas casualidade e não

sorte, porque os melhores estão guardados para você. Se eu te disser que estou disposta a contornar cada sinal de suas costas e morrer em cada curva do teu corpo, e que sorte a minha de morrer assim.

Se eu te disser que antes de você vivi como uma nômade, sem rumo fixo. E que depois de você, já não.

Porque você

É

Minha casa.

Dizem que pertencemos ao lugar que nos vê chorar, mas sempre almejaremos voltar para o que nos viu sorrir.

Depois da notícia dos novos planos de Lauren respeito a sua vida, Camila finalmente ficou sozinha na casa esperando pela chegada da morena, disposta a tirar toda aquela história a limpo. Mas primeiro ela tinha outra missão.

As luzes baixas, a latina esqueceu a mesa de jantar e toda ostentação da casa e se preocupou apenas com a sala. Na mesa de centro havia preparado platanito frito, nachos, molho de abacate e guacamole, uma vela ao centro e uma rosa vermelha retirada do jardim em um copo com água. Dois pratos, um a cada lado, e duas almofadas colocadas como cadeira. A música ecoava no aleatório, pero nenhuma melodia era ao azar. Preparou uma playlist especial para poder dizer tudo que seu orgulho, agora ferido, a impedisse de pronunciar: desculpas.

Quando Lauren estacionou o carro na entrada, logo suspeitou de que Veronica estivesse ali ainda com Lucy, esperando-a.

Mas Chuy havia confirmado logo cedo que estava tudo preparado para próxima missão. Era no mínimo confuso. Por via das dúvidas, retirou a Glock do porta-luvas e revisou a munição, colocando-a nas costas.

Saiu do carro lentamente, sem muita vontade de prestar atenção nos detalhes, já que ainda se sentia estúpida. A porta estava fechada, mas não trancada. Escutava uma melodia baixa, uma espécie de rap acabando com a versão de Frank Ocean de Thinkin About You. O cheiro forte de comida mexicana foi o que a fez deixar a arma no lugar em que estava e abrir a porta lentamente. Um pequeno corredor e à primeira porta a direita descobriu a intrusa.

Olhando o celular distraidamente, trajava uma calça preta com os joelhos rasgados, uma camisa preta com as mangas cortadas exageradamente, deixando ver um bom troço de pele cuja estampa era uma rosa vermelha e uma arma. O cabelo solto e ondulado, o olhar fixo em algo que a deixava com o cenho franzido... Ah, estava descalça com os pés em cima do sofá marrom. Lauren ficou para admirando-a, e foi como se toda sua raiva estivesse desaparecido. Se manteve ali parada, observou os detalhes, da rosa aos entrantes. A almofada, a música...

Tossiu forçadamente chamando a atenção da latina que bloqueou o celular, colocando-o ao seu lado e se levantou com um sorriso sem jeito.

- Chegou... – disse distraída olhando a agente de cima a baixo. Olheiras, cabelo preso de qualquer jeito, mais pálida do que o normal e provavelmente uns dois quilos mais magras. Dois dias se passaram sem que estivessem juntas e... Lauren assentiu deixando uma espécie de mochila sob a poltrona.

- Cheguei.

- Te ves como la mierda... – pontuou pelo estado da maior, que apenas deu de ombros.

- Ossos do ofício. O que você está fazendo aqui? – Camila olhou para sala engolindo a vontade de socá-la, porque precisa manter aquela atitude rude se estava vendo perfeitamente toda a tentativa?

Foi então que a voz de Dinah ecoou em sua cabeça > No final das contas, tinha razão.

Com as mãos nos bolsos traseiros, deu de ombros encarando o olhar verde e frio de Lauren antes de responder:

- Sempre reclamo do seu romantismo, mas suponho que as palavras não são meu forte. – riu sem jeito, mas Lauren não esboçou nenhuma reação, pelo que ela continuou. – Desde que nos conhecemos você vem se arriscando por mim, me mostrando que quer que a gente dê certo... E até agora eu só demonstrei exigências, desconfiança e teimosia. – surpresa, Lauren não pôde evitar arquear as sobancelhas. Camila andou um pouco mais e cruzou os braços, adquirindo uma postura nervosa. – Eu sei que minha atitude às vezes não é justa... – Lauren riu com desdém sussurrando um "às vezes?" irônico, mas ela preferiu obviar. – Mas nada do que te disse até agora foi em vão. Eu realmente te amo, Lauren. Não quero justificar nem tentar te convencer dos meus atos... Mas eu percebi, durante todo esse tempo, que eu não posso te perder. Mesmo demonstrando o contrário, eu...

Lauren já estava com todos os muros desmoronados a medida que a menor se aproximava, colocando timidamente o cabelo atrás da orelha e parando a sua frente, completamente sem jeito e emocionada.

- ... Eu te amo gringa. E sou uma idiota cabeça dura, mas eu te amo. – Lauren suspirou pesadamente, ladeando a cabeça para encarar a latina que já estava ficando nervosa com tanto silêncio. Em questão de segundos foi desanimando, sentindo-se idiota por ter preparado e dito tudo aquilo, quando percebeu que a morena deu um passo a frente e estava com um sorriso torto nos lábios.

- Bonita camisa. – Camila revirou os olhos cruzando os braços.

- É só isso que você tem para me dizer? – Lauren deu de ombros e apoiou a mão direita na cintura da menor:

- Foi a única coisa que eu prestei atenção, além do "eu te amo". – a latina suspirou, prestes a iniciar um discurso quando sentiu seu corpo ser puxado. – Sim, você é teimosa e cabeça dura. Sim, eu fiquei com muita raiva e quis chutar sua bunda. Mas eu sei que sua família é sua vida e que nesses assuntos a gente

simplesmente não pensa. Eu não estou te pedindo para abrir mão delas por mim... O que eu quero é que você me deixe ser parte dela. Que você entenda que o que é importante para você, é importante pra mim. Agora nós estamos juntas. Aonde quer que você vá, eu vou. Se você correr, eu corro. Se você lutar, eu luto. E se você morrer, Camila... – Lauren suspirou apoiando sua testa com a da latina, e fechando os olhos com força antes de fitá-la intensamente, disse – Eu morro junto. Eu só quero que você confie em mim.

Camila assentiu lentamente, acariciando o rosto da agente com a ponta dos dedos e sorrindo.

- Isso foi romântico. – Disse fazendo Lauren revirar os olhos.

- Você está estrag... – mas a queixa foi interrompida pelo beijo intenso que depositou nos lábios da morena, segurando o rosto com força e sentindo sua cintura ser abraçada com a mesma intensidade.

Beijaram-se com os corpos colados, sem espaço nem sequer para ladear a cabeça sem que se sentissem. A latina levou as mãos ao cabelo de Lauren, puxando e aumentando assim a pressão de seus lábios e língua sob os dela. Pouco a pouco foram diminuindo a intensidade, até que se afastaram minimamente depois de um longo selinho.

- Me desculpa... – sussurrou recebendo um aceno como resposta. Lauren então voltou a atenção para a mesa e sorriu convencida:

- Você que preparou tudo isso? – Camila assentiu, mas ante o olhar dubitativo da namorada, revirou os olhos.

- As meninas me ajudaram. Mas eu fiz as fajitas. – Lauren abriu a boca em descrença.

- Fajitas? – Camila não evitou gargalhar com a emoção da morena, sabendo que há muito tempo ficava enchendo seu saco pedindo que cozinhasse. Depois de deixar um beijo rápido nos lábios de Lauren, a latina caminhou graciosamente até a cozinha e voltou pouco depois segurando duas Coronas e uma bandeja.

Lauren já estava devidamente sentada na almofada, porém em vez de uma frente a outra, havia mexido na mesa para que ficassem uma ao lado da outra. Camila ocupou seu lado direito e brindaram antes de beber, olhando-se fixamente nos olhos.

Enquanto comiam, conversavam de coisas triviais, nada relacionado aos últimos acontecimentos por medo de arruinar o momento, sem ver o tempo passar e finalmente sentindo o peso que carregavam desaparecer.

Veronica e Lucy já estavam de volta ao trabalho, organizando toda a nova entrega do negócio. A mansão de Viceroy ficava fora da cidade de Juárez. No meio da rodovia, quase que imperceptível para os carros que passavam a 80km/h, um caminho em uma estrada de barro deteriorada levava o casal à residência do capo.

A ostentação não era pouca. Portões altos, jardim, piscina, fontes e culturas decoravam a entrada principal, assim como alguns dos carros mais modernos. Mas o que mais chamava a atenção era a segurança. No telhado, três franco-atiradores, devidamente fardados e armados caminhavam lentamente de um lado para outro. Na entrada, quatro seguranças e pela casa, os capangas também faziam turnos. A finca "La Andaluza" era a guarida do narco. Mas aquele dia era especial. O número de seguranças e carros estavam duplicados.

Naquele dia, era a reunião dos capos aliados. A aliança dos Templários estava reunida para comemorar mais um ano repleto de êxito. E não era nenhuma surpresa para os "linces" e os membros "de la línea" se esbarrarem com policiais, alguns inclusive fardados. Eles estavam ali para confirmar a lealdade que tinham com seu chefe.

Apenas homens, era uma regra básica. E as mulheres que haviam... bom, elas não estavam ali para reunião e sim por outro motivo.

Outro item primordial naqueles encontros era música, álcool, armase droga. Muita roga. "La mejor coca de todo México, pendejos", era o que Viceroy gritava apontando a arma para cima.

Com uma fortuna estimulada entre 13 milhões, Viceroy tinha muito que comemorar. Mas o que ninguém sabia, exceto seus soldados, era que aquela festa não passava de um aviso.

Há pouco menos de seis meses "El Chapo" Guzmán havia conseguido escapar da prisão. A notícia chegou a todos os cantos do mundo, mas ele precisava se esconder por um tempo, tinha o exército e os maderos na cola, então não era uma ameaça para Viceroy. Mas o tempo passava, a polícia continuava fiel ao "Señor de los Cielos" e Chapo estava de volta, mandando avisos, recuperando os contatos e fortalecendo as amizades. El Chapo havia avisado... Ele estava de volta.

Para entrar em situação, imaginem os Capuletto e Montesco. Ódio, rivalidade e competitividade. O Cartel de Sinaloa e o Cartel de Juárez eram inimigos. Tudo que um fazia, o outro sabia. Os territórios estavam marcados, assim como a droga. Pisar em zona inimiga, pegar mercadoria inimiga era detonar uma granada.

Mas eram "caballeros", e respeitavam as regras da rua: "respeito gera respeito". Enquanto ninguém se metesse no lado errado, a paz estaria selada. E fora assim por um tempo. Só que outra coisa que as "mulheres contratadas para animar a festa" tinham, era que elas ouviam e viam coisas. Isso quando a droga permitia lembrar alguma coisa, então eram poderosas aliadas. Sem contar que, elas andavam em muitas festas. Costumavam conhecer os segredos íntimos dos capos, mesmo que só por uma noite. Às vezes até serviam como confidentes.

Voltando a respirar o ar de charuto e cigarro, Vero e Lucy se mantiveram longe, apenas observando junto a Chuy. Mentalmente ficavam com os rostos dos policiais, procuravam por alguém novo, e sempre preocupados com a segurança do chefe. Graças a isso perceberam um detalhe diferente. As acompanhantes aparentavam juventude, algumas ainda tinham algumas marcas

roxas pelo corpo. Outras inclusive pareciam reprimir o choro. Não tinham nada em comum com as mulheres que estavam acostumadas. Aquelas, definitivamente, não queriam estar ali. Não bebiam champanhe, não usavam drogas. Estavam ali, perfeitamente arrumadas e maquiadas, ouvindo todos os tipos de comentários, sendo tocadas de forma invasiva... Vero olhou para Chuy, como questionando, e o homem deu de ombros como dizendo "não posso fazer nada, aconteceu".

- Que carajos, Chuy!?

- Melhor não perguntar, morena. – Lucy se enfureceu com a resposta do "amigo", e se meteu:

- Essas meninas não são as de sempre! – suspirando, Chuy olhou para os lados e com a cabeça as chamou para um canto mais reservado.

- Olha, eu não estou a favor disso, ok? Mas que porra vocês querem que eu diga? Eles são os chefes! Esses caras se enchem de droga e dinheiro e se acham os donos do mundo. Deu na cabeça que estavam cansados do negócio da droga, está tudo controlado e indo bem, então decidiram começar com um novo... – insinuou, mas o casal não aceitou com tanta passividade, e Lucy logo disse:

- Son unas jodidas crias! [n/a: são 'malditas' crianças] Que merda de negócio é esse? – Vero a olhou rapidamente, apenas para lembrá-la de que devia se manter em linha. Afinal, elas sabiam muito bem desse negócio, mas para o que tinha pensado, estava tudo parado depois que invadiram o "cativeiro".

- Não sei nada mais, Lucy. Não é meu problema, ok? São ordens! – suspirando, Vero que aparentava estar mais calma, disse:

- Era esse o carregamento que a gente tava trazendo, não é? – Chuy titubeou, mas finalmente assentiu confirmado, o que fez a mulher negar com a cabeça e praguejar baixo. – Vocês podiam ter avisado! Isso é nojento, Chuy! – o homem deu de ombros e voltou sua atenção, evitando ao máximo olhar para as garotas.

Lucy e Vero se retiraram irritadas e quando não tinha ninguém por perto, finalmente pararam. A colombiana era a mais afetada das duas:

- Isso não pode ser verdade, Vero! Eles continuaram com essa merda de trata!

- Eu percebi, Lucía! Mas o tenente disse que estava tudo baixo controle e as fronteiras fechadas!

- Então como conseguiram desviar? Por que essa casa está cheia de adolescente se prostituindo?

Veronica olhou tudo a sua volta, e foi então que o estalo em sua cabeça veio:

- O topo. – Lucy a olhou com o cenho franzido. – O maldito topo da agência. – Com uma expressão agora de quem havia entendido tudo, Lucy enrijeceu o maxilar.

- Esse maldito vendeu as coordenadas da polícia e eles conseguiram

desviar uma rota nova. A gente precisa descobrir quem é esse filho da puta, Vero. – assentindo, Veronica marcou o número de Allyson:

- Olá pigmeu. – disse ouvindo alguma resposta sarcástica que a fez rir. – Preciso de um favor enorme. Vou te mandar uma mensagem explicando uma ideia que tivemos, será que dá pra você investigar isso ainda hoje? ... Ok, você é a melhor. Como foi o encontro das duas pombinhas? ... Espero que assim seja. A gente vai se falando, enana. – desligou e ante o olhar curioso de Lucy, começou a digitar por outro celular convencional uma mensagem de texto, onde a colombiana finalmente entendeu o plano.

No final das contas, ter voltado foi melhor do que pensavam.

De volta à casa de Lauren, as duas riam satisfeitas de algo contado pela latina, até que foram ficando sérias e finalmente se encararam:

- Como você descobriu a casa? – Lauren perguntou suavemente. Camila fitou os dedos e recolheu a perna direita, dobrando-a e apoiou o braço direito sobre o joelho:

- Vero me trouxe aqui. – Lauren assentiu tentando disfarçar o incômodo, mas foi inevitável. – Ela só estava tentando de proteger... – a morena riu com desdém.

- O que ela disse parecia o contrário... – Camila revirou os olhos e chegou um pouco mais para o lado, segurando o rosto da namorada entre as mãos:

- Ela estava de cabeça quente e você também. Mas me responda uma única coisa, sinceramente... – Lauren assentiu concordando. – Se nós não... Se não estivéssemos juntas, se não houvesse nenhum sentimento fora do comum entre a gente, e eu te pedisse para soltá-la, o que você teria feito? – Lauren tentou se soltar, mas Camila a manteve firme. – Você teria deixado tudo ser do meu jeito?

- Isso não é justo, Camila.

- Porque você sabe que também exagerou. Vocês são profissionais, amor. Dá pra perceber que amam o que fazem. Mesmo com tudo que aconteceu, vocês se deixam afetar pelas vítimas, vocês se importam... E isso só demonstra que eu tenho razão. – suspirando, a morena se afastou delicadamente, puxando a latina para que se sentasse a sua frente em seu colo.

- Ela insinuou coisas sobre você... – a latina negou com a cabeça, acariciando os braços da agente.

- Esquece isso. Você acha que se ela pensasse exatamente como disse, teria me mostrado tudo? – Lauren negou envergonhada. – Vocês se deixaram levar pela teimosia e orgulho, talvez ela só estava agindo como sua consciência no final das contas...

- Ela sempre foi assim, sabe? Louca, impulsiva... Eu sempre fui mais cauta. Enquanto ela queria ser o centro das atenções no colégio, eu me mantinha sempre quieta, longe. Cada vez que chegávamos ela queria falar com todos, abraçar todos e mostrar

que conhecia muita gente...

- Imagino a cena e vocês seriam as trombadinhas do meu colégio... – Lauren gargalhou ante o gesto enfadonho da latina, acariciando as coxas da mesma enquanto a fitava.

- Talvez, mas eu não gostava dessas coisas. Éramos parte dos grupos populares. Ela era animadora e eu jogava softball, de certa forma não tínhamos escolha.

- Com certeza você jogavam os nerds na lixeira... – Lauren riu novamente, bicando os lábios da namorada com carinho:

- De fato, mas eu nunca fui assim... O que eu quero dizer é que ela sempre agiu como essa parte de mim que não existe. As coisas erradas que eu já fiz, te garanto que foi por ela. Não que me sentisse influenciada, mas para evitar maiores acidentes eu sempre estava lá, pelo menos para correr na hora da besteira.

- E a Lucy? Ela me disse que você a ajudou na conquista... – Lauren olhou para trás do ombro da latina, como lembrando-se dos acontecimentos, e então sorriu timidamente.

- Foi graças a uma dessas besteiras que elas se conheceram. Logo quando a gente tirou a carteira, tava na moda aquelas historias de fazer pega na rua. Não chegava a ser uma competição organizada... Simplesmente ocupávamos um estacionamento e em uma linha reta, uns 300 metros e alguns barris ao final, quem chegasse na ida e volta primeiro ganhava.

- Deixa eu adivinhar, vocês eram as melhores... – Lauren deu de ombros assentindo com um sorriso torto, fazendo a latina revirar os olhos.

- Lucy sempre foi do estilo alternativo... Andava com os artistas e músicos, o grupo de teatro e essas coisas... – Camila assentiu, atenta. – E um dia sem mais apareceram no estacionamento. Veronica já tinha ficado com algumas animadoras e se aproveitava dos vestuários para se descobrir. Mas quando viu Lucy de longe, lembro que chegou pra mim e disse: "é ela, Laur". – Camila estava realmente interessada, mas não na história, e sim no sorriso e alegria que Lauren relembrava aquele momento. Então eu disse, se é ela, vai. Só que ela nunca foi muito inteligente...

- Eu imagino...

- Uma doida começou a fazer um autogiro sem parar no meio de todo mundo, chegando até o grupo da Lucy...

- Deixa eu adivinhar. – a interrompeu. – Veronica chegou para salvar o grupo dela? – Lauren riu cúmplice, mordendo o lábio inferior:

- Não, Veronica era a doida. – Camila gargalhou audivelmente.

- Não acredito! E a Lucy se apaixonou por ela assim? – a morena negou com a cabeça.

- A Lucy ficou foi muito puta! Na época ela tava com uma menina estranha... Não queria ver a cara da Veronica nem de longe.

- E como vocês resolveram isso?

- Foi aí que eu, a super romântica e melhor conselheira amorosa, entrei. – A latina revirou os olhos e fez um "anham" irônico. – Começamos a deixar bilhetes, rosas, bombons, pirulito e tudo que tinha na cantina dentro do armário dela. Lucy gosta muito de poesia, então Vero subornou o presidente do clube de literatura para escrever uns inspirado na Lucy, e começamos a conquista.

- E como ela descobriu?

- Essa foi a melhor parte. Ela simplesmente se escondeu no banheiro que ficava ao lado do armário e enquanto Veronica estava colocando o bilhete, saiu correndo. A Lucy fez um escândalo achando que estávamos fazendo uma brincadeira de mau gosto, a Vero ficou nervosa e começou a falar em espanhol que ela estava louca pela Lucy, só que a anta não sabia que ela entendia, acho que nem sabia que a Lucy era colombiana na verdade.

- Isso é bem a cara da Veronica...

- Depois foi só criar coragem para levá-la a um encontro e o resto foi mérito dela.

- Lucy chegou a descobrir a história do suborno? – Lauren assentiu veemente.

- Foi revelado nos votos no dia do casamento delas. Eu que ajudei a escrever. – Disse convencida, recebendo um beijo sutil como resposta.

- Que romântica...

- Não é? Eu sei... – mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, a latina aumentou a intensidade do beijo, apoiando seus braços no pescoço de Lauren.

As mãos de Lauren não demoraram em parar no seu lugar preferido, bem em cima da bunda da latina, onde apertou levemente à medida que sentia a língua de Camila se encontrando com a sua. Se movimentavam ao compasso do beijo, ladeando a cabeça para uma maior intensidade. As mãos se escondiam entre o cabelo, apertando a cintura, os corpos começavam a se mexer com as sensações e logo as mãos de Lauren já estavam adentrando nas mangas da camiseta de Camila, arranhando o abdome da latina enquanto subia lentamente, até alcançar os seios cobertos pelo sutiã preto. Lauren apertava lentamente, massageando sem desviar a atenção do beijo. Camila puxava o cabelo da agente, arranhava a nuca e alternava os beijos com mordidas cada vez mais fortes.

Lauren tirou a camisa de Camila devagar, beijando o colo com suavidade, enquanto desabotoava a calça. Por sua vez, Camila tinha a cabeça caída para trás e os olhos fechados, sentindo os lábios de Lauren agora sobre seus seios e a língua em seus mamilos, alternados entre mordidas de um a outro. Tentava de qualquer jeito puxar a camisa da morena, e finalmente quando conseguiu e deu por si, estava com as calças quase no joelho e sem sutiã. Em desvantagem, levantou-se para retirar a calça olhando fixamente para Lauren.

- Tira. – disse apontando com o queixo para morena que acatou rapidamente, livrando-se da calça e logo puxando o corpo da latina para o sofá, onde

caiu de costas. Camila sorriu provocando, abrindo as pernas para que Lauren se encaixasse, aproveitando para se livrar da calcinha da morena.

Lauren levou seus lábios ao pescoço da latina, beijando-o com esmero, até alcançar o lóbulo da orelha e morder suavemente. Aproveitou para deslizar a mão direita entre a calcinha da latina, rindo com desdém com a surpresa:

- Tão molhada... – debochou fazendo a menor envolver sua cintura com as pernas.

- Você vai usar a boca para falar ou... – Lauren negou com a cabeça e a beijou desajeitadamente, sussurrando enquanto se colocava de joelho entre as pernas da latina:

- Eu vou usar para outra coisa.

Descendeu pelo vale dos seios, rodeando os mamilos, um por vez, com a língua e logo chegou ao abdome, mordendo a zona do umbigo e, quando chegou aonde queria, Camila já estava com as pernas abertas e encarando-a.

Com o rabo de cavalo de Lauren totalmente desajeitado, Camila se apressou em livrar o rosto de Lauren de qualquer fio, deixando os olhos verdes presos aos seus.

A morena tomou seu tempo beijando a parte interna da coxa da latina, descendendo sem deixar de fitá-la até alcançar a virilha, onde a viu suspirar e fechar os olhos, como se controlando. Deslizou a língua entre os lábios, encontrando o clitóris onde com cuidado usou os lábios e arranhou com os dentes. Camila já estava encurvando-se, com os olhos apertados e a boca aberta. Cada vez que se arriscava a abrir os olhos e observar as ações de Lauren, a encontrava ali, com os olhos fixos em seu rosto. A morena prosseguiu, dessa rodeando a entrada da latina com a língua, introduzindo-a lentamente. Camila sentiu seu corpo arder e não conseguiu evitar revirar os olhos. Estava perto, talvez pela necessidade, e não conseguiu mais se reprimir. Passou a rebolar lentamente, indo cada vez mais de encontro a língua da morena que fechou os olhos se controlando em ouvir apenas os gemidos suaves.

Quando Camila alcançou seu ápice, estirou as pernas relaxando sobre o sofá, mas Lauren estava apenas começando e, ainda se recuperando, Camila sentiu o peso do corpo da morena sobre o seu. O beijo lhe trouxe seu sabor, mas logo Lauren estava novamente ao pé do seu ouvido:

- Fica de quatro pra mim. – pediu com a voz arrastada e Camila assim o fez com a ajuda da agente, que a deixou sobre os joelhos e com as mãos apoiadas no braço do sofá.

Lauren deslizou as unhas pelas costas de Camila, chegando até o quadril onde apertou com um pouco mais de força, deixando a zona avermelhada, descendendo à bunda e acariciando as nádegas com suavidade. Encurvou-se minimamente, deixando beijos suaves pelas costas da latina e deslizou a língua pela coluna da mesma, chegando ao pescoço, onde mordeu enquanto levava a mão esquerda ao seio da menor, apertando-o.

Camila rebolou com o incomodo entre as pernas, alcançando a intimidade de Lauren que respirou fundo e fechou os olhos para se controlar, mas mesmo assim a morena se deixou provocar, sentindo como as nádegas da latina deslizavam em seu sexo. Camila olhou sob o ombro para ver a reação de Lauren, apertando o estofado ao vê-la se contorcendo e mordendo o lábio inferior.

Mas a morena estava cega pelo desejo, e então levou a mão aos cabelos da latina, fechando-a e puxando-os com brutalidade, para que a olhasse de lado e então disse:

- Ainda não. Antes de qualquer coisa eu vou tirar essa teimosia de você.

Deslizou a mão pela bunda de Camila até que encontrou a virilha e foi direta ao sexo, massageando enquanto mordia o pescoço e puxava o cabelo da latina. Camila gemeu baixo, querendo se soltar para responder o comentário, mas Lauren a segurou mais forte, deslizando o dedo do meio entre os lábios e a empurrou levemente para baixo.

Camila se apoiou novamente, empinando a bunda. Lauren aproveitou para introduzir os dois dedos lentamente, sentindo as paredes apertadas engolindo seus dedos e com a esquerda, arranhou desde a nuca até o tronco da latina, apoiando-a finalmente no quadril, onde puxava lentamente o corpo fino contra si e o empurrava com seu quadril.

Assim iniciaram um movimento lento, mas Camila continuava se controlando. Lauren aumentou a velocidade, mas Camila estava mordendo o lábio inferior e gemendo baixo. A morena acertou um tapa forte na nádega esquerda da latina e então puxou novamente o cabelo, obrigando-a a levantar a cabeça para trás a medida que acelerava os movimentos dos dedos. Foi inevitável e Camila passou a gemer mais alto, quase que desesperadamente.

- Agora sim. Não estava te ouvindo. – provocou e manteve a velocidade até que finalmente sentiu a menor alcançando seu prazer e caindo no sofá de bruços, respirando irregularmente.

Lauren se apoiou sobre ela, retirando os dedos devagar e chupando-os próxima à nuca de Camila, que gemeu preguiçosamente ao ouvir o som da sucção.

- Maldita. – sussurrou ouvindo a risada de deboche de Lauren como resposta.

- Estava com saudade. – disse deixando um beijo preguiçoso nas costas da latina que se remexeu, deixando um espaço para que Lauren pudesse se deitar, e aproveitou para usar o colo como travesseiro, sendo imediatamente acolhida com caricias distraídas em suas costas.

- Eu também... – reconheceu fechando os olhos e suspirando.

Ficaram em silêncio por um tempo, recuperando-se, quando Lauren voltou a quebrar o silêncio:

- Você está prepara para Race War? – Camila suspirou, sussurrando um sim adormecido.

- Não há mais nada a se fazer a não ser chegar lá e acabar com eles.
- Lauren riu da presunção, sentindo em seguida os lábios suaves da latina em seu pescoço. Camila se apoiou no braço e a encarou fixamente.

- Que foi?

- Você vai estar lá, não vai? – Lauren primeiramente franziu o cenho, mas logo assentiu lentamente.

- Tenho que fazer um trabalho amanhã, mas estarei aqui à tempo. – Camila arqueou a sobrancelha.

- Que trabalho? – Lauren riu preguiçosamente:

- Eu ainda sou empregada do Viceroy e tenho algumas coisas por cumprir.

- Que trabalho? – insistiu fazendo a morena fitá-la confusa:

- Qual o interesse? – Camila deu de ombros.

- Só quero saber qual o trabalho. – Lauren ponderou, mas acabou respondendo:

- Um teste. Estamos precisando de mais corredores para uma nova estratégia de entrega. Tem que dar certo pelo menos durante um tempo, até que eu consiga vender ao FBI e criar um operativo.

- E por que você não falou comigo?! – perguntou meio irritada. – Você sabe que não tem corredoras melhores que nós! – Lauren sorriu e bicou os lábios da latina.

- Eu sei que não, mas esse trabalho é entregue diretamente ao Viceroy. Ele sabe da relação de vocês com a Teresa e não ia aceitar. Será um pequeno teste, os dois melhores ganham a vaga e vão fazer o transporte comigo.

A latina então se lembrou do mapa que Ally comentou.

- E por onde será esse teste? – Lauren suspirou.

- Camz, você quer falar sobre isso agora? – a latina assentiu.

- Pelo Valle. Será uma competição monitorada. Sairemos de um dos armazéns do centro, passaremos pela rota 66 até o Valle, e depois seguiremos por uma via improvisada até um avião clandestino do outro lado, pronto para levar o carregamento.

- E quem vai monitorar isso? – Lauren franziu o cenho.

- Eu. Por quê? – Camila abriu a boca e fechou.

- Sozinha? – a morena assentiu como se fosse óbvio.

- Lauren, isso é perigoso! – a morena revirou os olhos.

- Está tudo calculado, a polícia não vai interceder...

- Não estou falando da polícia, gringa idiota! – reclamou exaltada. –

Por acaso você conhece o Valle?

- Ei, ei, ei! – disse sem entender a reação da latina. – Qual o problema?

- Você sabe quantos motoristas entraram e nunca mais voltaram de

lá? – Lauren suspirou puxando-a contra se peito, e a abraçou com força.

- Eu sei, mas está tudo monitorado. Os carros tem um dispositivo e o caminho estará vigiado, ok? Você só precisa se preocupar em correr. – Camila a olhou por uns segundos, como se estivesse alheia e pensando em algo. Logo assentiu concordando, mas Lauren viu algo diferente no gesto, porém não teve tempo de questionar, pois ela já estava sobre seu quadril, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo alto. – O que você...

- Agora eu só quero te ouvir gemer. – ordenou fazendo a morena arquear a sobancelha.

- Pensei que tínhamos combinado que aqui você me deixaria mandar. – Camila negou com a cabeça, descendendo lentamente até morder o lábio inferior da morena com força.

- Cala a boquinha, cala.

E mesmo que ela quisesse responder, o que quer que fosse acabou saindo como um gemido quando Camila abocanhou seu seio direito com vontade.

Enquanto isso, no aeroporto de El Paso, Texas, o jet privado das empresas Hamilton decolava em direção a Chihuahua, a bordo Andrea segurava em suas mãos um terço enquanto olhava fixamente para foto sob a mesa a sua frente. Uma morena alta, sorridente e saudável olhava para câmera com inocência e alegria.

- Lauren Jauregui é a agente especial que está a cargo do caso, senhora. – A mulher loira e de aspecto formal disse, atraindo o olhar emocionado de Andrea para si.

- Ela sabe onde Normani está?

- Sim senhora. Foi ela quem convocou a reunião para reabrir o caso.

- Normani estará com ela? – a loira esboçou uma expressão dubitativa. – Há alguma probabilidade de que ela me diga onde minha filha está? – perguntou ansiosa, ao que a loira assentiu:

- A agente Jauregui pediu a reunião primeiro, pedi especialmente que convencesse a senhorita Hamilton a participar. – Andrea riu de canto.

- Essa é aquela Lauren? A que você tem na foto da sua mesa? – a loira ficou envergonhada imediatamente, ruborizando-se.

- Sim senhora.

- Oh, então você vai se reencontrar com seu grande amor? – a mulher riu.

- É... eu acho que sim.

//

Bang, bang uma vadia apareceu.

Erros corrijo depois. Me desejem sorte que amanhã tem jogo contra as sapatone de documentação!

Chêro.

Capítulo 41 - Fantasma

E aí?

Vocês: É NOIX!

Depois de noix?

Vocês: É NOIX DE NOVO!

Quem manda aqui?

Vocês: É NOIX!

Quem puxa o bonde?

Vocês: É NOIX!

Todos: Quem manda aqui é noix, é noix, é noix!

Salve gayzaaaaaaaaaaada!

Pra quem já percebeu, hoje é quinta, dia D. Venho pra dizer a vocês que AEOD está chegando quaaaase na reta final, por isso vamos começar a desembolar as tretas.

Estou com uma ideia nova de fic que ta me deixando sem dormir, quero começar logo, mas também não quero ser ingrata com vocês e começar a outra e deixar essa às moscas. Então já vou começar a escrever ela e quando AEOD estiver perto de acabar eu começo a postar, ok? Vamos no foco.

Conselho da autora: Pra quem procura fanfic boa e intrigante, "The Scientist" está aí. A autora escreve muito bem e eu recomendo todo mundo ler! Procurem, vale a pena.

No mais, vamos acabando com a lábia que é hora de treta.

All the love.

Obrigada, sempre!

Sed buenos, si podeis!

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

Enquanto isso, no aeroporto de El Paso, Texas, o jet privado das empresas Hamilton decolava em direção a Chihuahua, a bordo Andrea segurava em suas mãos um terço enquanto olhava fixamente para foto sob a mesa a sua frente. Uma morena alta, sorridente e saudável olhava para câmera com inocência e alegria.

- Lauren Jauregui é a agente especial que está a cargo do caso, senhora. - A mulher loira e de aspecto formal disse, atraindo o olhar emocionado de Andrea para si.

- Ela sabe onde Normani está?

- Sim senhora. Foi ela quem convocou a reunião para reabrir o caso.

- Normani estará com ela? - a loira esboçou uma expressão dubitativa. - Há alguma probabilidade de que ela me diga onde minha filha está? - perguntou ansiosa, ao que a loira assentiu:

- A agente Jauregui pediu a reunião primeiro, pedi especialmente que convencesse a senhorita Hamilton a participar. – Andrea riu de canto.

- Essa é aquela Lauren? A que você tem na foto da sua mesa? – a loira ficou envergonhada imediatamente, ruborizando-se.

- Sim senhora.

- Oh, então você vai se reencontrar com seu grande amor? – a mulher riu.

- É... eu acho que sim.

Pouco tempo depois o Jet aterrissava em território mexicano. Andrea e sua assistente foram guiadas logo a um hotel, e a mulher estava expectante pela reunião do dia seguinte. A assistente, Elizabeth, depois de ter instalado sua chefe ficou com a responsabilidade de contatar com Lauren, que por sua vez estava saindo do banho junto à Camila:

- Você fica pra dormir, não é? – perguntou enquanto retirava uma camisa da primeira gaveta de sua cômoda.

O quarto da casa nova era muito parecido ao da casa de seus pais, por não dizer idêntico. A diferença era a vista, que dava para o jardim da casa, e a falta de seus instrumentos.

Camila, que secava o cabelo com a toalha assentiu sorridente.

- Claro.

Enquanto se vestia, o celular de Lauren vibrava incessantemente. Camila ficou cismada com a insistência e caminhou até o criado mudo, vendo que se tratava de um número desconhecido.

- Alô?

- Alô... Lauren? Lauren Jauregui? – era a voz de mulher. Delicada e suave, e a tinha chamado pelo primeiro nome, o que fez a latina estreitar os olhos.

- Não... quem gostaria?

- Sou Elizabeth, a advogada. Queria confirmar nossa reunião de amanhã. – a latina enrijeceu o maxilar e respirou fundo. Lauren acabava de sair do banheiro novamente, aonde havia ido escovar os dentes. Franziu o cenho ao ver a postura da latina que havia desligado imediatamente e então jogou o aparelho na cama.

- Aconteceu alguma coisa?

- Não sei... Pergunta pra Elizabeth! – gritou arremessando a toalha sob a morena que arregalou os olhos sem entender.

- Que porra... do que você está falando? – Camila cruzou os braços e bateu o pé direito incessantemente no chão.

- Você não sabe do que eu estou falando? – Lauren negou com a cabeça. – Então você não sabe quem é Elizabeth? – a agente assentiu.

- Sei quem é, só não entendo por que você está tão irritada...

- Ahhhhh, você não sabe por que eu estou irritada? – Lauren notou a

ironia, dando um passo atrás a medida que Camila avançava.

- N...ão? – Camila pegou a escova de cabelo, jogando-a sobre Lauren, seguido de tudo que encontrava a sua frente enquanto falava:

- Estou. Falando. Da. Sua. Cara. De. Pau! – a morena se protegia desviando dos objetos, querendo rir, mas no fundo não entendia nada. – Então quer dizer que seus compromissos amanhã são com a Elizabeth! – Lauren aproveitou que havia parado para respirar e a abraçou com força, empurrando-a até a cama onde caíram deitadas.

A morena segurou os braços da latina contra o colchão e se sentou sobre seu quadril, impedindo-a de se mexer.

- Acabou a cena? – Camila abriu a boca em um 'o', incrédula, o que fez Lauren revirar os olhos. – Elizabeth é uma advogada...

- Al diablo! Como si es una puta!...

- De Andrea Hamilton, concretamente. – a latina fechou a boca no meio de mais um palavrão e arregalou os olhos.

- Ham...Hamilton? – Lauren assentiu levantando-se devagar. Camila se sentou e ficou de frente para ela, séria e um pouco pálida. Colocou a franja atrás da orelha e franziu o cenho. – O que ela... Elas estão aqui?

- Sim. Provavelmente devem estar chegando no hotel agora. Fiquei de encontrar com elas pela manhã para explicar a abertura do caso. Precisamos da autorização dela para seguir com a investigação. – Camila assentiu, digerindo a ideia.

- E Normani sabe? – Lauren negou com a cabeça.

- Apenas informei que teria que entrar em contato com ela, mas insiste em que "essa mulher" não significa nada... Vai ser complicado, mas vou tentar mantê-las afastadas tanto quanto seja possível. – Camila assentiu e passou a brincar com os dedos, até que tossiu forçadamente:

- Talvez... Hmm... Você deveria ligar para essa Elizabeth. – Lauren ladeou a cabeça franzindo o cenho:

- Por quê?

- Talvez ela tenha ligado para saber se a reunião de amanhã está confirmada e eu tenha desligado na cara dela. – Lauren começou a rir de repente, fazendo Camila fechar a cara mais ainda.

- Eu pensei que você tinha visto alguma mensagem! – Camila passou de séria a perplexa:

- Você trocou mensagens com essa mulher?! – Lauren ficou séria imediatamente.

- Sim?!

- Como que "sim?!", Lauren? – a morena pensou um pouco antes de responder:

- Trocamos algumas, porque eu não posso atender o telefone na companhia dos narcos, mas nada comprometedor. Você pode ler se quiser...

- Hmm... – a latina disse. Lauren aproveitou o silêncio incomodo e procurou seu celular, devolvendo a chamada.

- Elizabeth? Sim, sou eu... Sim! Mas o celular ficou sem bateria, desculpe. – Camila a encarava com a sobrancelha arqueada. – Sim, as nove da manhã está bem para vocês? ... Precisam de alguma coisa? ... Ok, amanhã será. Tenham uma boa noite.

- Tenham uma boa noite! – Camila imitou afinando a voz e fazendo uma careta. – Por que não me falou que ia se encontrar com elas?

- Por que nós não estávamos bem. E não há nada com o que se preocupar, amor... – suavizou o tom. – Preciso expor todos os dados e provas que encontramos, além do depoimento de Normani e convencê-la a me deixar investigar as acusações de Diana.

- Com Elizabeth... – Lauren assentiu suspirando.

- É a advogada dela. – Camila assentiu.

- Eu posso ir com você? – Lauren arqueou a sobrancelha. – Não pela Elizabeth! – se apressou em explicar, ficando séria. – Gostaria de conversar com Andrea. Explicar como foi a vida de Normani e caso ela desconfie da versão sobre o Jon, tentar convencê-la da verdade.

Lauren assentiu, mas logo explicou:

- Será uma reunião formal, então vou precisar que você siga as minhas normas. Andrea é conhecida do tenente e tem muita influência na central... – Camila assentiu veemente.

- Mesmo que o que ela diga seja uma estupidez, será do seu jeito. – a agente sorriu timidamente e se curvou para deixar um beijo casto na latina. Logo, se deitaram e Lauren apagou a luz. Já cobertas, a agente se aproximou acomodando-se nas costas de Camila, mas então perguntou ao se lembrar, afastando-se:

- Que loucura foi essa?

- Cala a boca e me abraça. – Lauren assim o fez, resmungando um "louca" baixinho. – Eu ouvi isso.

- Boa noite amor.

Ao amanhecer, Camila alegou que precisava ajudar o pai com os últimos retoques do carro e foi até o armazém para se encontrar com as meninas. Todas tinham cara de sono, mas a latina estava elétrica. Dinah era a mais sonolenta:

- Que porra, Mila! São seis horas da manhã! – a latina não se preocupou em responder, apoiando um enorme papel de tamanho A3 no capô de seu dodge.

- Pelo visto Viceroy precisa de transportadores. O mapa que a Ally viu na mão de Lauren é uma rota improvisada para uma espécie de prova, quem conseguir chegar ao outro lado com um carregamento desde a cidade, entra.

Explicou rapidamente, mas elas ainda estavam acordando. Todas permaneceram sérias, mas Allyson parecia entender um pouco...

- Eu não gosto quando você chega assim...
- Viceroy sabe da nossa relação com Teresa e por isso teme pelo negócio. – continuou e Normani finalmente entendeu:
- Espera um pouco... Você quer se meter nessa prova, não é? – Camila assentiu. – Por quê? Já temos tudo que precisamos e as informações chegam sozinhas! – a latina revirou os olhos:

- Não me importa o que esse velho escroto está fazendo! Vocês não entendem? – mostrou o papel as meninas que finalmente olharam, vendo o mapa e as zonas marcadas.

- Por que essa rota entra pelo Valle? – Normani insistiu. – Esse é o caminho da corrida da morte!

- Porque essa é a maldita prova! – assinalando um ponto acima do papel, indicou – O carregamento é recolhido aqui, depois do desvio de todos os policiais que vigiam o local, finalmente chega a rota 66... – continuou indicando com o dedo os pontos. – Aqui e aqui, são postos de vigilância com câmeras infravermelhas... e finalmente depois da entrada do Valle, segue a rota até os corredores. Apparently a grande ideia deles foi fazer um túnel improvisado, que levaria ao outro lado do Valle, perto do cemitério indígena. Finalmente, pelo que o mapa indica isso é um aeródromo improvisado e acho que é lá onde Viceroy vai esperar o carregamento.

Elas estavam atentas e estupefatas. Dinah, já sem sono e com as mãos no bolso do moletom que usava, disse:

- Isso é a ideia mais estúpida que eu já ouvi em minha vida. A zona que une o lado oeste ao cemitério indígena só tem montanha. Pelo jeito um – fez aspas com os dedos – túnel improvisado significa que fizeram a merda de um buraco debaixo de uma montanha. Qualquer desvio errado, um mínimo roçar de um carro com uma esquina e tudo desmorona. – Camila assentiu:

- Nenhum policial conseguiria entrar nesse caminho e voltar vivo. – a latina explicou, e Normani então concluiu:

- Por isso eles querem motoristas experientes e que conheçam a zona... – a morena encarou a latina, suspirando. – Não há muitos em Chihuahua...

- Parece que convocaram corredores do México todo pra isso.

Ally estava concentrada nos detalhes, as câmeras, em concreto.

- Mas se a vigilância é tão forte nessas zonas, como pretendem que os corredores acertem a rota? – Camila sorriu de canto e então retirou um papel do bolso traseiro da calça onde havia uma lista.

- Monitores e GPS. Antes de começar a missão se instalará a rota e será acompanhado pelo painel do carro.

Enquanto lia a lista, Allyson negava com a cabeça.

- Você só pode estar brincando! Não temos nenhum carro com esses equipamentos!

- Mas vamos ter. Liguei para o Josete e ele disse que em meia hora está chegando com tudo. Se começarmos a desmontar o carro agora e preparar o painel, acho que dá tempo. – disse eufórica já amarrando o cabelo. Mas Dinah se adiantou, puxando-a pelo braço:

- Você enlouqueceu? Não só é impossível ter esse carro pronto para essa missão hoje como é mais do que arriscado você se meter nisso! Qual a necessidade, Camila?! – Normani observava a namorada ficar impaciente com a irmã, e se pronunciou finalmente, também amarrando o cabelo em um rabo de cavalo alto:

- Lauren. – Dinah a olhou com o cenho franzido. – Agora ela está sozinha e não conhece a rota.

- Mas a gringa só pode estar maluca se está pensando em participar dessa missão... – ao olhar para Camila viu que a resposta era exatamente a que não queria escutar. – Não me diga que... – Camila deu de ombros:

- Ela vai ser a responsável. – Dinah suspirou e fechou os olhos, pedindo calma aos céus:

- Eu amo você, e estou muito feliz que agora tenha alguém, mas isso é uma estupidez! É uma missão suicida!

Mas as meninas já estavam com as mãos ocupadas. Ally já tinha a cabeça no capô anotando tudo que seria necessário modificar para encaixar os aparelhos novos. Normani mostrava a Camila como podia encaixar o visor no painel, sem a necessidade de mexer na estética do carro, e Dinah continuava ali, parada, olhando como todas a sua volta estavam simplesmente fingindo que não havia nada de errado com aquele plano.

Por sua parte, Lauren continuava dormindo placidamente nua em sua cama quando seu celular vibrou incessantemente. Lembrou-se de que tinha algo marcado e pulou da cama, atendendo:

- Sabia que você não ia acordar. – suspirou aliviada ao reconhecer a voz de Camila. – São oito horas ainda, respira.

- Que horas você saiu?

- As seis. – Lauren franziu o cenho, deitando-se.

- Mas seu pai só abre a oficina às nove. – o silêncio foi breve, suficiente para que Lauren soubesse que algo estava acontecendo. – Camila...

- Depois te conto. Então, a reunião... – a morena ouviu passos e como uma porta se fechava, logo o motor do carro estremeceu. – Estou passando para te buscar. Deixei meu carro com Dinah e estou com o seu. Passo para te buscar e vamos juntas?

- Pode ser. Camila?

- Sim?

- Eu espero que você não esteja fazendo o que eu estou pensando.

- Claro que não. – sem tempo para resposta, a latina desligou e arrancou com o Gran Torino, indo até a casa de Lauren.

A morena suspirou aliviada e correu para se arrumar.

Enquanto elas pegavam o caminho até o hotel Hamilton, Dinah e Normani ajustavam os detalhes do dodge. Lauren usaria um dos dodges utilizados nas missões e deixaria o Gran Torino para a Race War.

Allyson estava concentrada em conseguir uma série de informações que Veronica lhe havia facilitado no dia anterior, e quando finalmente encontrou, retornou a ligação:

- Com os dados que você me deu, consegui quatro suspeitos. – a loira riu enquanto olhava a tela. – Vocês deveriam mudar os programas de segurança da agência. Entrar nos arquivos foi mais fácil de trocar um pneu.

- É justamente por isso que os narcos estão entre os mais ricos da Forbes, pigmeu. E então, quais desses nomes você acha que encaixa? – Allyson ficou em silêncio por alguns segundos. – Allyson? – a loira apertou os olhos e então disse:

- É provável que o suspeito A e o B, mas não os conheço. Analisando os dados, as contas foram bem recheadas esse mês e estavam com a vigilância das rotas. Se algum caminhão passou com mulheres, eles são os responsáveis.

- Eu vou precisar de algo mais que uma suposição, Ally. Lauren não vai permitir que a gente entre sem ter certeza.

- É tudo que eu posso fazer, Vero. Se eu mexer mais o sistema vai me bloquear. Por que você simplesmente não liga para ela e conta a situação? – Veronica suspirou do outro lado.

- Temos muitos problemas para resolver, caçar esse topo é o de menos.

- Essas mulheres precisam de ajuda.

- Eu sei, e por isso estamos fazendo tudo que podemos. Agora eu preciso do seu melhor. Me dê uma certeza e nós entramos.

- Vou precisar de mais algum tempo.

- Estou a sua espera.

- Se cuidem.

Ao desligar, Normani se aproximou limpando o suor:

- O que ela achou da notícia? – Allyson ficou séria. – Você não contou, não é? – a loira negou com a cabeça.

- É melhor assim, Mani. Elas já se arriscaram demais por nós. Chegou a hora de retribuir.

Dinah se aproximou com o cenho franzido:

- O que vocês tanto cochicham?

- Ally estava no telefone com Veronica.

- Você contou da emboscada? – perguntou assustada, ao que Allyson negou fazendo Dinah suspirar. – Não quero nem pensar qual a reação delas se soubessem a verdade.

- Quê?! Você também acha que é melhor mentir? – Normani

perguntou irritada. – Elas estão correndo perigo naquele lugar! Esse filho da puta tem elas nas mãos e a qualquer momento pode vendê-las. Se Viceroy descobrir que são agentes do FBI, não vamos poder fazer nada! – Dinah levantou as mãos:

- Ei, ei, ei! Nós sabemos disso, Mani. E é justamente por isso que não podemos deixá-las se meterem com isso agora. Vamos esperar a Race War. Se Camila conseguir o dinheiro e entrar no negócio do Viceroy, que provavelmente ela vai conseguir, nós nos encarregaremos desse cabrón.

- Dinah tem razão. Ele pode se vingar delas vendendo a identidade.

- Ele é um maldito agente do FBI! – a morena retrucou.

- Que está metido até o pescoço com o Viceroy. – Ally contestou.

- Não tem mais nada a perder, amor. Se ele quiser acabar com a gente, basta uma ligação. – Normani suspirou indignada e se retirou com passos firmes. Dinah olhou para cima como pedindo paciência aos céus, e Ally continuou observando a tela.

Em uma foto junto a Viceroy e seus sócios, Miles sorria segurando uma garrafa de tequila. Ao lado direito da tela, estava o resumo de suas contas e transações. Em menos de três meses havia transferido 500 mil dólares, uma quantidade absurdamente exagerada para um agente especial, pelo que Allyson continuou investigando até achar o destino em um paraíso fiscal. Dois milhões de dólares ao nome de uma empresa fantasma.

Há pouco menos de seis meses Miles havia entrado para lista de agentes corruptos, quando tentou investigar o caso dos assaltos aos tanques de combustível, que na verdade, eram ordens de Viceroy. Ele estava precisando de motoristas experientes para voltar ao modo tradicional do tráfico. Estava difícil cruzar a fronteira e as ladras de combustível pareciam ser perfeitas.

Mas Lauren, Veronica e Lucía se intrometeram em seu caminho, como sempre. Motivo pelo qual o cartel Juárez precisou desviar seu foco de ingresso. O FBI estava pressionando e já não havia rotas livres. Eles precisavam de um novo negócio.

Então surgiu a ideia: resgatar a história. Junto aos policiais mexicanos, começaram a reabrir as fronteiras para o tráfico de mulheres. Afinal de contas, ninguém se importava com os feminicídios e todos os policiais de México estavam com carteira assinada pelo poderoso capo.

Assim retomaram a tradição. Jovens trabalhadoras, as quais iludiam para conseguir que "passassem na fronteira" e finalmente entrassem nos Estados Unidos por um preço mínimo.

Primeiro, trabalhavam praticamente como escravas para reunir a quantia. Logo, juntavam uma pequena mala de roupa, pagavam a "passagem" e acabavam em um contêiner em silêncio porque "nenhum madero gringo podia desconfiar que o que havia dentro era pessoas". Posteriormente, depois de muitas horas dentro daquele lugar apertado, sem comer, sem banheiro, com frio... As portas se abriam, mas a realidade era outra. Deserto. Muitos homens. Homens de todo tipo dispostos a ensiná-las como devem se comportar. Homens sem piedade e nenhum

pudor que as utilizava e as preparava para a nova vida.

Durante certo período de dias, passavam por uma espécie de treinamento. Eram espancadas e abusadas até que perdessem completamente a noção da identidade. Até que decidissem se submeter à nova vida que lhe "ofereciam". As que resistiam, acabavam mortas pelos golpes ou pela fome e desidratação. As que se submetiam... Cada uma recebia um destino. As ruas, os bordéis ou, "no melhor dos casos", na casa de algum narco.

Como elas descobriram tudo aquilo?

Digamos que durante todo esse tempo as visitas à Diana foram mais... constantes. Os corredores da prisão estavam repletos de história e ódio. Todos os nomes que a morena investigou foram fruto das confissões das detentas à cazadora. Algumas davam nomes concretos, outras apenas descrições do porte físico, rosto... Mas poucas eram vítimas. A maioria delas estava ali por homicídios ou tentativa. Suas filhas, irmãs, primas, amigas... infelizmente haviam caído naquela realidade e quando quisessem salvá-las era tarde demais.

E Miles sabia de tudo aquilo. Mas pelo dinheiro, ofereceu um acordo com Viceroy. Os corpos deveriam ser enterrados longe das zonas, o dinheiro deveria ser ao contado e o transporte uma vez no mês.

Ninguém desconfiaria que o agente certinho e puxa saco estaria metido naquilo. Mas esse é um poder e persuasão que só o dinheiro tem.

Todo homem tem um preço. Ou pelo menos, quase todos.

- Eles estão destruindo a vida de tantas mulheres como destruíram a minha, DJ. – Allyson disse encarando a tela. – Cada dia que passa fica pior e estamos ficando sem tempo.

- Precisamos agir quanto antes. Talvez seja melhor contar tudo logo a Camila. – Allyson assentiu veemente, encarando a irmã.

- Assim que a Race War passar e recuperarmos o dinheiro, prepararemos a caída do Cartel.

- Esos hijos de puta se van arrepentir del día en que nacieron, güera.

*>

Na chegada ao hotel, Camila estava mais aliviada ao ver que Lauren não havia tocado mais no assunto "o que eu estou pensando". Na recepção foram guiadas até a sala da presidência, sendo recebidas por um jovem elegante e sorridente.

- A senhora Hamilton as espera dentro. – anunciou e elas assentiram. Mas a grande surpresa veio quando uma loira abriu a porta da sala, sorridente e tremendamente linda.

Camila ficou estupefata com o porte. Alta, esbelta, olhos azuis, loira natural, sorridente e linda. Sem falar no decote. Mas o que era aquilo?

A latina olhou para Lauren que tinha os olhos arregalados e não era

pela beleza. Parecia que a morena estava vendo um fantasma.

- Bom dia Lauren.

- Betty?

E foi então que Camila entendeu. De fato era um fantasma. E, de fato, Lauren não sabia de quem se tratava pelo telefone.

A loira que a deixou na porta do baile para ir embora com o quarterback.

Betty boobs, em carne e osso.

Se Veronica estivesse ali, com certeza saberia como interromper aquele silêncio com algum comentário inoportuno. Mas ela não estava.

Elizabeth, "Betty", sorriu amplamente ao ouvir seu apelido, curvando-se para abraçar a morena.

Mas Lauren permaneceu estática e olhou para Camila que tinha os olhos faiscando e a ponto de saírem de seu rosto.

- Quanto tempo! – disse animada.

- S-sim... Muito tempo mesmo. – a morena disse tossindo forçadamente.

E de repente, ali, Camila viu a transição. Entendeu o que seus sogros e Veronica tanto dizia. Lauren não era mais aquela Lauren de antes. Passou de perplexa e um tanto nervosa a dominante. Olhava nos olhos de Elizabeth, tinha os ombros estirados, estava séria. Ela não era mais aquela jovem tímida que se apaixonou por uma piranha.

Betty olhou para Camila, vendo seu sorriso se desmanchar com a postura da latina. Irreverente, cara de poucos amigos e sobancelha arqueada. O olhar da latina era felino e Elizabeth só precisou olhar mais uma vez para Lauren e de volta à latina para entender quem era.

Motivo pelo qual apenas estendeu a mão.

- Elizabeth Hunt. – Camila apertou a mão da mulher com delicadeza.

- Camila Estrabao. – optou por omitir o detalhe que a levava até ali por enquanto.

- Entrem, por favor. – a loira se colocou a um lado deixando-as entrarem na majestosa sala. Ao fundo, em pé e encarando o aquário atrás de sua mesa, uma mulher morena estava de costas para elas. Parecia distraída. Era alta, vestia um traje preto de saia e blazer. O cabelo curto estava perfeitamente penteado e seus sapatos com um salto um tanto baixo indicavam sua idade avançada, ou talvez o cansaço da solidão. – Senhora Hamilton, as agentes Jauregui e Estrabao.

Camila quis rir por dentro, mas como Lauren não a corrigiu, deixou que assim fosse.

Andrea se virou com um sorriso um pouco tristonho, aproximando-se finalmente.

- Prazer, agentes. Andrea Hamilton. – ofereceu sua mão e uma de

cada vez a cumprimentaram. – Aceitam alguma coisa? Café, água? – ambas negaram e então, com a mesma mão indicou um sofá branco ao fundo da sala.

Andrea se sentou em uma poltrona frente a elas e Elizabeth ao seu lado. Lauren e Camila ocuparam o sofá, onde a agente deixou uma pasta sobre as pernas. Estava focada no que havia ido fazer ali, mas não podia evitar se perguntar que diabos Betty Boobs havia feito com sua vida naquele momento.

- Obrigada por ter vindo, senhora. – Disse colocando seus pensamentos a um lado.

- Eu que agradeço por ter contatado comigo, agente. São muitos anos atrás de respostas. – Lauren sorriu sem mostrar os dentes. Mas sentia que não era só Andrea quem estava prestando atenção em seus gestos. Betty também estava atenta. Com o canto do olho observou Camila, quem observava a sala toda e parecia tranquila. Aquele era o primeiro sinal de que não estava nada bem.

- Bom, como lhe expliquei por telefone, descobrimos uma série de fatos que nos levaram a novas conclusões sobre o caso Hamilton. – Andrea assentiu cruzando as pernas e descansando as mãos no colo. Lauren encarou a mulher, ficando absolutamente séria antes de prosseguir. – Estávamos investigando uma série de assassinatos que nos levou a investigar outros acontecimentos que correspondem a outros casos, mas o ponto que os une nos levou à Diana. – o semblante de Andrea enrijeceu, seus olhos brilharam e a mulher começou a respirar com dificuldade. – Segundo a investigação efetuada por outros agentes, Diana havia tido um caso com Jon, provavelmente se apaixonou por ele e quando não obteve uma resposta positiva o assassinou e fugiu com sua filha. – Andrea assentiu revivendo seu passado como um flash. – Bom, senhora, analisando as provas e com os depoimentos essa não foi a situação. – Andrea franziu o cenho.

- Como não? Durante anos essa mulher esteve na lista de procurados pelo FBI, mas quando foi presa o governo mexicano não colaborou com a extradição! – Lauren assentiu.

- Sim, devido aos acordos internacionais ela permaneceu baixo os cuidados das autoridades mexicanas, mas como lhe informei, ela não foi a responsável pela morte de seu ex-marido. – Andrea se levantou irritada.

- Isso é uma afronta! Como se atreve, agente? – perguntou perplexa. – Como ousa mexer com algo assim? Sabe há quantos anos estou esperando por uma resposta? Sabe como é que uma louca leve sua filha para longe, sabe Deus em que circunstâncias e nunca mais saber nada? – Lauren tentava argumentar, mas a mulher estava irritada demais. – Elizabeth! Ligue para o tenente e diga que quero conversar com ele imediatamente! Que tipo de agentes tem a seu cargo? Isso é um absurdo!

Mas Camila conhecia aquela atitude. Porém estava ficando ainda mais irritada do que Andrea, então se meteu recebendo um olhar assassino de Lauren:

- Claro, porque essa é a história mais fácil de acreditar. Se tratando de uma imigrante a qual sua família deu tudo, por que seria diferente? Que outro motivo

a levaria à fazer algo assim, não é mesmo? – disse com deboche. Lauren respirou fundo, e Andrea se irritava cada vez mais.

- Como disse? – a latina se levantou.

- Disse que, devido à ser uma jovem latina, sem recurso algum e que trabalhava em sua casa recebendo tudo do bom e do melhor, a única explicação para que seu ex-marido fosse assassinado é por um amor frustrado da parte dela.

- Como se atreve sua...

- Sua o que? Latina? Mexicana? Insolente? Diga, senhora Hamilton.

Continue sua frase. – Lauren então se levantou.

- Por favor, preciso que as senhoras se mantenham calmas e pacientes para explicar a situação.

- Ela não quer saber a situação, Lauren. – Elizabeth se levantou pronta para rebater, mas a olhada que recebeu da agente foi suficiente para que se calasse. – Pelo jeito toda essa amargura que acumulou esperando por notícias de sua filha durante anos a deixou cega, mas não tem a menor ideia do que ela teve que passar até os dias de hoje.

- Não ouse mencionar o nome de minha filha! – esbravejou perdendo o controle. – Você não sabe na...

- Eu sei sim! – Camila rebateu no mesmo tom de voz, deixando Andrea petrificada. – Eu sei tudo sobre sua filha. Sei o que gosta, o que odeia. Conheço seus sonhos, quantos ossos já quebrou; que ainda não teve catapora e morre de medo de ter a essa idade e ficar com o corpo cheio de marcas! Eu conheço tudo sobre sua filha. – Lauren levou a mão ao cabelo e suspirou.

- Senhora Hamilton, por favor...

- Como? – perguntou com a voz trêmula e sem poder segurar as lágrimas.

- Meu nome é Camila Cabello Estrabao, senhora. – Andrea se sentou na poltrona novamente, encarando os olhos de Camila.

- Cabello... – a latina assentiu. Andrea olhou para Elizabeth que confirmou em um aceno o que ela estava pensando.

- Quando eu cheguei a Chihuahua, os garotos da rua zombavam de mim porque meu sotaque era cubano. Não entendia as gírias nem as brincadeiras, então eles se aproveitavam de mim. Até que um dia quando uns garotos estavam me esperando na saída para roubar meu lanche, uma morena apareceu empurrando todos e dizendo que quem se metesse comigo ia pagar caro. – Andrea estava maravilhada, não sabia por que, mas estava sorrindo. – Eu a conhecia de longe, sempre andava com outra menina um pouco mais alta. Desde aquele dia ninguém mais chegou perto de mim e começamos uma forte amizade. Naquela época elas ainda pertenciam à fundação da capela, mas nos encontrávamos na rua para brincar e de vez em quando íamos a minha casa fazer os deveres. Foi uma das melhores épocas da minha vida... – disse sorrindo timidamente. – Aos 16 a fundação deixou de se encarregar delas, e então eu pedi a meus pais que as adotassem. Nós e outra

amiga éramos como irmãs desde o começo, e eles adoravam elas... Não foi difícil. Mas Normani nunca cedeu a ideia de que fosse oficial, e nunca entendemos por que.

>> Quando conhecemos Lauren e finalmente a investigação nos levou à Diana, eu pensei que sabia tudo sobre elas. Nosso elo sempre foi forte e nunca escondemos nada uma da outra. Quando chegamos ao caso de Diana, Normani precisou contar a verdade. Não cabe a mim explicar-lhe e não sei se está emocionalmente preparada para isso, mas lhe garanto que sua filha foi feliz durante todos esses anos. Minha família é humilde, mas nunca nos faltou nada dentro de casa, muito menos amor.

Andrea estava chorando. Elizabeth se apressou em procurar por água e uma caixa de lenços, mas a mulher não estava se importando com nada.

- Eu quero saber... – disse entre o choro. – Eu quero saber tudo. – Lauren assentiu e então tomou a palavra:

- Temos entendido que Normani passava muito tempo com Diana na casa de campo de sua família... – a mulher assentiu veemente.

- Sim. Meu marido faleceu quando ela era muito pequena e eu tive que me ocupar dos negócios. Ela gostava da casa de campo, então não vi nenhum problema em que ficasse por ali. – Lauren assentiu, prosseguindo:

- Pouco depois se casou com Jon... – Andrea assentiu novamente. Lauren tossiu forçadamente, procurando o jeito de contar. – Segundo Diana e, posteriormente confirmado por Normani, Jon não era o que a senhora pensa. – Andrea franziu o cenho. – Segundo o depoimento, no começo as visitas dele eram esporádicas, ficava pela casa e muitas vezes chegava bêbado. Diana começou a desconfiar das intenções dele, e então manteve Normani o tempo todo que ele estava na casa, trancada em seu quarto. Um dia ela escutou gritos e decidiu ver o que estava acontecendo. Segundo ela seu primeiro marido tinha uma coleção de arma pela casa. – Andrea assentiu.

- Sim, por todas as paredes e estantes.

- Normani sabia disso. – Andrea endireitou a postura e ladeou a cabeça. Lauren continuou – E quando chegou a sala, Diana estava pedindo por ajuda e chorava desesperada, então ela atirou. – Andrea negava com a cabeça e repetia "não pode ser" constantemente. – Senhora Hamilton, Jon abusava de Diana e Normani foi quem disparou a arma. Não encontraram as evidências porque, depois do acontecimento, Diana fugiu para fronteira tentando entrar no México. Mas infelizmente se deu o caso de um assalto ao ônibus em que ela estava, o qual com a ajuda de Diana, Normani conseguiu fugir até Chihuahua, onde esperou por ela.

- E foi então que a fundação se ocupou. Ela estudava e morava nas instalações até que chegou ao ensino fundamental, onde nos conhecemos e bom... depois a senhora já sabe. – Camila completou. Andrea continuava negando com a cabeça e se levantou, andando de um lado para o outro.

- Onde ela está? – perguntou olhando para Camila. – Onde ela está?

Por favor! Eu preciso vê-la! – Camila não sabia o que fazer, olhava para Lauren pedindo respostas, mas a morena também não esperava aquela reação.

- Em casa. – a latina respondeu finalmente.

- Eu preciso vê-la, por favor. Me leve até ela!

- A senhora precisa se acalmar primeiro.

- Não! Eu preciso vê-la! Minha filha... minha menina! – Andrea colocou a mão na boca reprimindo o choro. – Minha menina...

Camila então assentiu e foram até a saída. Lauren a olhava como perguntando "que porra ela estava fazendo". Elizabeth estava confusa. Lauren era muito diferente da ideia que ela tinha em sua cabeça e toda aquela história fugia de tudo que tinha pensado.

Camila pediu que a seguissem e foi até o armazém, onde avisou as irmãs do que estava acontecendo, exceto a Normani.

Quando entraram no bairro, Andrea que estava em seu Mercedes Benz, não pode evitar se compadecer pela situação. Sua filha poderia ter tido tudo que quisesse, e não sabia por que, mas acreditava naquela história e só conseguia pensar no sofrimento que havia carregado consigo durante todos aqueles anos.

Já no armazém, Camila pediu que estacionassem fora e entraram caminhando. Allyson foi a primeira em vê-las, cumprimentando de longe. Andrea reparou em tudo, olhou o lugar de cima a baixo e então Dinah apareceu com os olhos arregalados.

- Bom dia. – Andrea sorriu assentindo.

A loira olhou para Camila negando com a cabeça. Sabia que era uma péssima ideia. Então ouviram uma voz em cima da escada:

- Por que vocês estão tão caladas? Como seja uma brincadeira de... – quando Normani finalmente chegou ao segundo andar, Andrea já estava chorando. A morena arregalou os olhos e encarou a latina, que nada fez. Nenhum gesto. Não tinha nada a dizer.

Era isso. Ali estava sua mãe.

- Mani... nós conversamos com sua mãe. – Lauren explicou. – Contamos tudo.

Normani franziu o cenho. Esperava que sua mãe não acreditasse. Esperava mil seguranças levando-a a força para casa. Mas não.

Andrea aparentemente havia acreditado. Estava ali, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. Tremia enquanto tentava ir ao seu encontro. Normani nada fez. Se manteve de pé, estática. Quando Andrea se aproximou enfim teve a dúvida de se podia, de se deixaria... Mas ela também, surpreendentemente, estava feliz por vê-la. Não sabe como, mas de dentro de si, do mais profundo, saiu:

- M-mãe? – Andrea assentiu veemente, chorando ainda mais, e então a abraçou com força, deixando sair toda a tristeza que havia carregado dentro de si.

Normani a envolveu em seus braços com força, chorando também. Se aguentaram, se suportaram, ficando por vários minutos naquela mesma posição.

Lauren e Camila suspiraram aliviadas. Allyson estava chorando assim como Elizabeth. Mas Dinah estava aterrorizada. Caminhou até o casal e enfim, sussurrou:

- Vocês acham que quando ela souber que eu sou a namorada da Normani, ela vai passar por cima com essa beleza de carro? – Lauren não pôde evitar rir e Camila revirou os olhos.

- Pendeja... Para de loucura. – mas Dinah estava falando sério.

- Mila, eu estou falando sério! Se for eu até que deixaria porque... você viu a chaparia desse carro? Se ela aceitar a gente, será que me deixa provar?

- Dinah! – a latina a repreendeu. – Dá pra você calar a boca? – com uma careta e sentindo-se ofendida, a loira jogou o cabelo para trás do ombro e observou a cena a sua frente.

- Me perdoe! – Andrea disse entre lágrimas. – Me perdoe portudo! Minha menina... – Normani assentiu. – Precisamos conversar, mas eu acredito em você. – a morena sentiu o alívio tomar conta de seu corpo. – Vai ficar tudo bem, querida.

E no fundo, ela sabia que sim.

//

Dia 03 é minha ultima prova e vou ter 12 dias de férias. Vou atualizar muito sim ou claro? Aguentem só mais um pouquinho.

Capítulo 42 - We ride out together

Mereço coxinha em quantidade industrial por essa att dupla, ne non?
Obrigada meu povo! Até o próximo!!!

Recomendo as primeiras músicas da playlist AEOD para parte da corrida.

//

Quando finalmente se acalmaram, foram ao restaurante onde Andrea quis conhecer Sinuhe e Alejandro.

Agradeceu por tudo que haviam feito pela filha e então se sentaram para conversar. Betty foi dispensada e as meninas preferiram deixá-las a sós, pois tinham muito por esclarecer. A verdade é que Normani não conhecia nada de sua mãe, e o pouco que lembrava não lhe agradava. Andrea sempre esteve distante e apesar da alegria em que acreditasse, talvez a morena estivesse confundindo o alívio de que finalmente seu segredo fora revelado sem consequências com a felicidade do reencontro. Afinal, o que a mãe dela conhecia? De que Normani a magnata da construção sentia falta? Talvez se soubesse de tudo que a filha já fez e planeja fazer não estivesse tão feliz... E por isso Normani decidiu ficar com um pé atrás por enquanto.

Agora bem, a situação de Lauren era um tanto mais confusa. Andrea lhe havia dado permissão para reabrir o caso e finalmente enfocá-lo desde o assassinato por defesa. Elizabeth ficou de reunir uns papéis de defesa e uma declaração para que Normani assinasse. Devido aos anos e circunstâncias, a morena não seria julgada mais como uma menor. Mas Lauren havia prometido colaborar, o que as deixavam pendentes de mais uma reunião.

Tudo isso decidido baixo o olhar nada agradável de Camila.

Ainda em choque pelos acontecimentos, precisava organizar sua cabeça para não perder o foco dos objetivos... Mas tendo a mulher da qual todos falavam, principalmente dos seios avantajados, logo a sua frente e tendo "encontros" com sua namorada... Não, aquilo não era bom. Mas ela não podia estar em todos os lugares ao mesmo tempo, por isso precisava uma vez mais definir suas prioridades. Não havia pressa em iniciar o processo de Normani, então não havia pressa em que elas se encontrassem, certo? Um problema a menos.

Agora ela tinha que ir atrás da missão de Lauren. Ninguém sabia de nada pela redondeza... ela tinha que consultar a cavalaria.

- Estou tão surpreendida pela ligação que não sei se devo perguntar...

- Bom falar com você também, Veronica.
- Camilita, quanto tempo. Já é saudade?
- Preciso saber algumas coisas.
- Ah sim! Saudade dos meus contatos... Mulher cruel. – ouviu o som de um tapa e logo um "ai amor", o que a fez rir.
- Não se preocupe, não vou pedir que você escreva poemas para colocar no armário de Lauren... – zombou.
- Traidora! Ela te contou!!
- Como você pôde cair tão baixo?
- Eram outros tempos, e minhas técnicas de sedução ainda não estavam desenvolvidas.
- Pelo jeito nunca desenvolveram...
- Você ligou para me pedir ajuda ou me esculhambar?
- Preciso saber sobre a missão de hoje. Onde os corredores devem se encontrar? – Veronica ficou em silêncio, aparentemente cochichando algo com Lucy.
- Camilita, você sabe que eu te adoro, nada pessoal... mas é conteúdo classificado.
- Por quem? Vamos, Vero!

- Sua namorada. – a latina bufou frustrada.
- Você não está preocupada com o circuito? Ela não conhece o Valle!
- Sim, estamos. Mas o que podemos fazer? Ela já é grandinha e acho que sabe se virar...
- Você sabe que se não me avisar, eu mesma vou descobrir, não sabe?

- Eu espero que sim. Boa sorte Camilita! Ah, e cuidado caso for passar pela Guadalupe umas seis horas. .. me disseram que ia estar bastante ocupada hoje.
A latina desligou prestes a praguejar, mas então ficou olhando para o celular e sorriu.
Guadalupe as seis.
"Gracias Vero", sussurrou para si.
Tinha tempo de um banho e se preparar.
Devidamente vestida e com todos seus utensílios da sorte, Camila chegou no armazém pouco antes das cinco e meia querendo levar o carro. Allyson estava testando os últimos detalhes e o GPS às vezes falhava.
- Camila, eu preciso de mais meia hora!
- Não da Ally! Eu preciso sair!
- Quinze minutos!
- Enana, eu realmente preciso ir!
- Mas o GPS esta falhando! Sem ele você não vai chegar nem na metade!

- Não importa, eu dou um jeito. Me deseje sorte! – Allyson suspirou

entregando o iPad a irmã.

- Caso falhe, use as coordenadas da memória e tente seguir o mapa, ok? – Camila assentiu sorrindo. – Por favor, se cuida!

A latina deixou um beijo na bochecha de loira e saiu na direção do vento.

A Calle Guadalupe Mayor era parte da zona rica de Chihuahua. Ao contrário daquele bairro onde Sofia se perdeu com Raul, era conhecida pelos edifícios altos, jardins exuberantes e a calmaria. Agora Camila só precisava encontrar um lugar que houvesse movimento fora do comum, já que o bairro era calmo.

Passeou devagar pelas ruas, observando edifícios e becos. Si tú me besas ecoava na rádio e ela usava o rayban de Lauren. Com o cotovelo apoiado na porta, os dedos brincavam com os fios sedosos do cabelo solto. O sol estava prestes a se esconder quando decidiu admirar a aquarela do céu e então sorriu. No alto, a sua direita, um grande edifício branco. Era um estacionamento particular e pelos carros que viu entrando não lhe restava dúvida. Seguindo-os, acabou chegando ao último dos 34 andares. Reconheceu os carros, do mesmo tipo que encontrava nas corridas de Josete, mas a simples vista nenhum era competidor palio para o que estava por vir. O Valle era algo mais que uma chaparia bonita.

Quando desligou o motor do dodge, todos ficaram olhando em sua direção. Alguns cochichavam com cara feia, provavelmente reconhecendo a dona. Outros sorriam com malícia, como expectantes para ver quem sairia dali. E quando finalmente colocou o corpo para fora, as expressões passaram de frustração a surpresa. A latina andou com passos firmes e olhando para frente sempre. Acenou para os que conhecia até encontrar Chuy.

- Diabla... – disse tentando disfarçar sua surpresa.

- Chuy.

- Quanto tempo... O que te traz por aqui? – a latina retirou o óculos e o colocou na gola da camisa, rindo com desdém.

- Você sabe muito bem. – Chuy assentiu.

- É assunto grande, do que sua equipe rejeita. – a latina assentiu novamente, adquirindo uma pose séria.

- Por isso estou sozinha. – Chuy pensou... diabos, ele pensou muito bem antes de dar as costas e ir até o senhor de cabelo grisalho que estava falando no telefone. Explicou algumas coisas e então recebeu um aceno como resposta.

- Você está dentro. – Camila sorriu agradecendo e caminhou, mas antes, ele a segurou delicadamente pelo braço.

- Lauren sabe que você está aqui? – ela o olhou fixamente, fazendo-o suspirar. – Mujer del demônio... – sussurrou rindo. Camila sabia muito bem que estava tentando a sorte, mas mesmo assim seguiu. Junto ao homem grisalho, que continuava de costas, estavam outros três homens.

Um mulato baixinho. Usava um jeans escuro um pouco caído, uma regata preta e uma camisa social aberta por cima. Em sua cabeça tinha um gorro desajeitado e em seu pescoço uma corrente dourada. Ao seu lado, o outro era um pouco mais alto. Também usava jeans e uma camisa básica preta. Cabelo grande e barba mal feita. Tinha aparência mais simples. Por último, um homem semelhante a Chuy. Tatuado, alto, botas, regata marcando seus grandes músculos, uma camisa de manga curta aberta por cima, e o cabelo tinha o detalhe moicano. Era mais moreno, porém tinha em si uma cara de quem exalava problema. Mas não o problema bom... aquele tipo de problema.

Quando o tal homem finalmente desligou o celular e se virou, não houve mais dúvida. Viceroy estava ali, em carne e osso. Com uma pistola em sua cintura, usando uma calça social preta e uma camisa azul marinho com as mangas um tanto dobradas, ele não tinha aparência de ser um homem perigoso... se obviassemos o revólver.

Ao ver Camila, sorriu torto olhando-a de cima a baixo. Se ele se importava com o olhar lascivo? Ele estava pouco se fodendo. Mas ela não demonstrou reação, fingiu que não era com ela.

- Corredores bons há muitos. Qualquer idiota hoje em dia pode dirigir. Em cada esquina tem os que apostam qualquer trocado em circuitos de bairros... - disse andando de um lado para o outro. - Isso não é o que eu estou procurando. - Camila repetia a si mesma que o melhor era ficar calada. - Eu quero alguém que venda sua avó para estar atrás do volante... não alguém que saiba ir em uma linha reta em alta velocidade. Quero corredores que saibam levar o carro ao limite, entrar em lugares que ninguém mais entraria... Motoristas de verdade, entendem? - todos assentiram.

- Qual é a carga? - a latina se atreveu a perguntar. Viceroy a encarou e riu com desdém. Os outros tinham os olhos arregalados pela ousadia.

- Pelo dinheiro que você vai cobrar, não precisa saber, muñeca.

- Você disse que queria corredores de verdade. - deu de ombros e cruzou os braços. - Um de verdade sabe exatamente o que tem em seu carro.

Chuy queria rir, mas se manteve impassível. Viceroy assentiu lentamente, ladeando a cabeça e fazendo um bico enquanto pensava.

- Mamasita... - a latina torceu o lábio, mas manteve a postura. - Eu estou aqui para encontrar os melhores. Ganhe e então você vai saber a carga. - mais uma vez a colocou a prova e, mais uma vez ela o matou mentalmente. - Lauren vai se encarregar de levar a rota até o fim e entregar o carregamento a vocês.

Foi então que o coração da latina acelerou. Lauren entrou com quatro envelopes em suas mãos e estava contando-os. Quando levantou a cabeça, seu olhar foi diretamente a Camila. Enrijeceu o maxilar e respirou fundo. A latina apenas arqueou a sobrancelha.

A cara da agente não era boa. Qualquer um percebia que estava prendendo a tensão.

- Tudo bem? – Viceroy perguntou. Custou, mas Lauren assentiu finalmente. – Eu espero vocês do outro lado.

A morena entregou um a um os envelopes, e quando chegou na frente da namorada que tinha a mão preparada para pegar, o retirou.

- Que porra você está fazendo aqui?

- Exatamente o que você está pensando.

- Camila...

- Lauren? – Viceroy gritou. – Qual a demora, pues? Não tenho o dia todo, de jate de pendejada!

Negando com a cabeça, a morena finalmente entregou o pacote e se retirou.

- Um momento... – o baixinho do gorro disse. – Quem vai fechar as ruas? – os outros, inclusive Camila e Lauren, o olharam com uma interrogação na testa. Viceroy riu com desdém.

- Ninguém. Esse é o ponto.

O capo deixou o lugar indo ao elevador que subiu ao heliporto.

Chuy distribuiu um chip a cada um e Lauren tomou a palavra.

- No dispositivo está a informação da rota. Não importa o que vocês vão fazer para desviar os carros ou fugir dos semáforos. Esse não é o meu problema. Mas caso cheguem ao Valle, mantenham a formação em fila. Há câmeras e vigilância infravermelha. – Olhou para Camila e continuou – Tentem não chamar a atenção.

Todos foram até seus carros e a latina com um cabo extra ligou o iPad ao visor do GPS. Colocou o chip e imediatamente apareceu um mapa com uma linha amarela guiando o caminho e um ponto azul.

Os carros chegaram até a saída, Honda cinza com chamas laranja e amarela. Um Seat azul metálico e um BMW dourado acompanhavam o Dodge de Camila e o de Lauren. A contagem regressiva iniciou na tela enquanto seguravam o freio e pisavam o acelerador.

- Tem certeza que você quer fazer isso? – Lauren perguntou olhando pela janela. Camila sorriu torto e respondeu:

- Go hard or go home. – disse e olhou para frente, apertando o volante, ao que Lauren repetiu para si:

- Go hard or go home.

Chegando ao cinco, estavam mais do que preparados.

4

3

2

1

No zero, Camila soltou o pé do freio, levantando a parte dianteira do carro e saiu disparada, assim como os outros.

A rota começou a ser calculada, obrigando-os a descender do

estacionamento em fila. Lauren, Camila, o Seat, BMW e finalmente o Honda. Era impossível realizar qualquer manobra no espaço estreito, pelo que seguiram a ordem até os 34 pisos abaixo.

Na saída, a voz mecânica sinalizou a direita.

O sol já estava escondido e era hora de pico no centro de Chihuahua. Mantendo a mesma velocidade, os carros saíram a 50km/h em direção oposta.

Camila passava a marcha sem desviar o olhar da traseira de Lauren. Desviava um carro a esquerda, outro a direita, e cada vez mais ia aumentando a distância junto aos outros.

O Honda era o último e o BMW, carro do homem com gorro, não lhe facilitava em absoluto.

- Pitufos de merda. – reclamava ao volante enquanto tentava desviar.

- Está gostando da fumaça? Pendejo! – o pitufo gritava da frente.

O Seat, carro do moicano, se mantinha na cola de Camila.

Cada vez que o BMW se aproximava, ele ficava próximo a outro carro, desviando no último minuto para provocar um acidente, até que conseguiu.

Depois de desviarem um caminhão, o Seat desviou de um 4x4 no último momento, indo de frente com o BMW e esmagando-o.

Pelo retrovisor, todos ficaram assustados com o acidente, que provocou que o 4x4 capotasse indo em cima do Honda que também acabou esmagado.

"Dois estavam fora", foi o que a voz mecânica anunciou. Agora, até a rota 66 eram apenas os três.

Camila se manteve concentrada, mudando a marcha e adiantando-se sempre que possível. Mas o Moicano era bom.

- Vamos Camz! – Lauren dizia a si mesma olhando pelo retrovisor.

A poucos metros de virar a esquerda para subir um viaduto, o Seat conseguiu se adiantar pela esquerda e foi direto na traseira do Dodge, obrigando a latina a desviar e acabar em outra pista.

Camila segurou o freio e o volante, vendo como no monitor calculavam uma rota nova.

"Rota nova".

E o Seat estava atrás de Lauren.

Mas por pouco tempo.

A latina acelerou cantando o pneu e sinalizou na tela um ponto, onde a rota foi calculada.

Vantagens de conhecer a cidade.

Em questão de segundos já estava sobre o viaduto, vendo como os outros dois carros passavam pela pista de baixo. Pegou a primeira direita aumentando a velocidade para 70, chegando a uma pista deserta com grama e terra, onde foi acompanhando ambos.

"Rua sem saída. Meia volta. Rua sem saída", a voz disse.

- Callate pendeja! - esbravejou vendo como o Seat e GT cada vez mais se afastavam. - Lo siento chico.

Finalmente fez o que Viceroy queria, de tudo para ganhar. Virou o carro sem pena para esquerda novamente, descendendo o barranco de areia que separavam ambas as pistas a toda velocidade. A poeira subia e a chaparia reclamava dos golpes, mas ela conseguiu, ficando na cola do Seat.

- Mamá está de vuelta, cabrón.

Acelerou, alcançando 80km/h. Era uma rua paralela e os carros mantinham a reta a toda velocidade. Tenta ultrapassar o carro azul, mas ele parecia mais preocupado em evitar que chegasse perto do que ganhar.

"Rota 66 à sua direita"

- Finalmente, carajo!

Entrando na direção que correspondia, o desvio lhes levou diretamente a autovia que Camila conhecia melhor do que ninguém.

Percorreu os quilômetros pacientemente, sabendo que logo mais adiante havia um caminho cortado de terra, há poucos metros da entrada principal.

90 km/h, virou à esquerda arrastando os pneus e entrou no caminho.

- Que porra você está fazendo, Camila... - Lauren sussurrou observando tudo pelo retrovisor.

O motorista do Seat sorriu torto pensando que havia conseguido o que queria e manteve o caminho calmo acompanhando a agente.

"Entrada do Valle à esquerda, 100 metros"

E assim fizeram. Lauren continuava se perguntando pela latina, sabendo que o caminho até os corredores montanhosos era curto.

Mas não precisou de muito para encontrá-la.

O barulho do motor se fez cada vez mais próximo e Lauren apenas sorriu.

Retomou o caminho ultrapassando o Seat a poucos metros dos corredores estreitos, os pequenos espaços separados pelas montanhas.

- Hija de puta! - ele praguejou.

- Jódete, cabrón!

Lauren acelerou, até ali conhecia bem e sabia que Camila também.

100 km/h.

A passagem era fácil... se respeitassem a distância.

Passaram pela primeira e entraram no campo aberto.

Agora só faltavam duas para o cemitério indígena.

O seat tentava ultrapassar, mas Camila bloqueava cada tentativa.

Chegou a segunda e sentiu seu fundo ser fortemente golpeado. Mas ela não perdeu o controle. Tirou o pé dos pedais e deixou que o mesmo empurrasse o carro pra frente e manteve a posição.

Ao passar o corredor, novamente acelerou chegando a 120km/h.

Devido a fumaça e a escuridão, sabia da proximidade dos carros unicamente pela tela que, como Allyson havia alertado, estava falhando.

"Ro-ro-ro-ro" falhava uma e outra vez.

- Agora não! – e finalmente apagou. – Mierda!

Passava a marcha com força e então sentiu outro golpe ao fundo que a fez derrapar, mas graças a força no volante, rapidamente voltou.

Alcançou a quarta e com a mão direita puxou o cabo do visor que ligava ao iPad.

Quinta.

O Seat novamente foi de encontro ao seu fundo. Camila praguejava e tentava retirar o chip do visor, mas os golpes eram fortes. Finalmente chegaram ao terceiro corredor e quase ao final, mais um golpe, o carro derrapou e raspou no lado direito. Mas ela continuou firme, retirando o chip finalmente.

Crânios encaixados em varas de madeira espalhados pela extensão do terreno. O cemitério indígena era quase um santuário e eram poucos os que se atreviam a passar por ali.

Quando conseguiu encaixar o pequeno suporte no iPad, o mesmo reiniciou e calculou a nova rota e ela finalmente pôde segurar a marcha.

"Em 200 metros, mantenha a velocidade em 90km/h".

Foi reduzindo devagar e a seta amarela indicava um buraco ao final de uma montanha.

- Que porra esses caras fizeram? – se perguntou ao ver a estrutura. Mas era o circuito da morte, e ela sabia quão perigoso era.

O Seat tinha sua ultima oportunidade de tentar ultrapassá-la antes de entrar, caso contrário chegariam ao outro lado e ele nada poderia fazer, já que, qualquer impacto nas estruturas de dentro faria com que tudo desmoronasse.

"100 metros"

Camila sentiu mais um golpe e finalmente se irritou. Aquele corno estava destruindo seu carro.

Aumentou a velocidade para 100.

"Reduza a velocidade"

- Cala a boca! – disse irritada.

Estava muito próxima de Lauren que queria entender o que estava acontecendo, então viu como o Dodge derrapava e entendeu. Irritada, a agente também acelerou.

"50 metros"

Camila pisou o freio bruscamente e ao mesmo tempo acelerou. Quando tirou o pé do freio, o carro arrastou a duras penas, mas o Seat foi obrigado a frear e, por não esperar o impacto, ela conseguiu alguns segundos de vantagens.

"10 metros, reduza a velocidade"

E assim o fez, chegando a 80 por via das dúvidas e entraram no caminho.

Se no pensamento a estrutura era precária, a realidade era muito pior. Tinham que se concentrar em se manter retas, ou qualquer mínimo deslizaria seria o desastre.

"Você está a 400 metros do seu destino".

E assim foi durante os últimos minutos.

"50 metros"

E finalmente a extensão do Valle voltou a ser o cenário. Não muito longe, um helicóptero estava a espera.

Estacionaram os carros um ao lado do outro e saíram. Mas Camila tinha outro objetivo. Quando o dono do carro azul pisou o chão, recebeu um direto no rosto que o fez se apoiar no carro.

- Você está louca!

- Isso é por ter acabado com meu para-choque!

Lauren intercedeu, separando-os.

- Ei, já acabou. Calma. – sussurrou contra o rosto da latina que ofegava. – Chegamos. – Camila se deixou acalmar pela voz suave e olhando nos olhos da namorada e então assentiu. Ajeitou a camisa e caminharam em direção a Viceroy, mas antes pegou o envelope em seu porta-luvas e o entregou ao narco.

Viceroy estava sorrindo e fumando um charuto.

- Le echaste huevos, mamasita. – reconheceu, mas Camila não se deixou levar pelo "elogio". – Estás dentro. E você também. – disse ao homem. – A partir de agora vocês farão meus transportes e a rota será a mesma, só que não precisarão da velocidade...

Quando abriu o envelope, retirou três charutos de dentro, o que fez a latina esboçar uma expressão de frustração.

- Charutos? – Viceroy deu de ombros.

- Cubanos... os melhores. – com uma piscadela entrou no helicóptero e acenou, indo embora em seguida. Enquanto Camila se dirigia ao carro, Lauren retirou a arma das costas e encostou o cano no abdome do homem.

- Da próxima vez que você pensar em encostar nela... – disse sussurrando para o gigante que estava petrificado. – Eu acabo com você. Entendido? – ele assentiu lentamente e então ela guardou a arma, indo a seu carro. – Pendejo.

A Race War era as 22h, em uma pista antiga de Nascar. Chegaram as oito no armazém e o Gran Torino já estava impecável. Ao ver o estado do Dodge, Allyson quase teve um filho.

- O que vocês fizeram? – perguntava querendo chorar, alisando a chaparia amassada.

- Estou dentro! – Camila retrucou se justificando. Ally o abraçou, lamentando profundamente o estado em que estava o carro, chegando inclusive a acariciá-lo.

- O que elas fizeram com você, pequeno...

- Como está Normani? – a latina perguntou conferindo o capô do GT.

- Bem, ainda não acabou de conversar com a mãe. Suponho que até amanhã ela não vai aparecer por aqui...

- Supõe errado, irmãzinha. – a morena apareceu ao lado de Dinah que estava sorridente. – Não perderia essa competição por nada! Como foi com o Viceroy?

- Lauren olhou para todas cruzando os braços.

- Vocês sabiam? – se entreolharam e logo assentiram, fazendo a agente revirar os olhos.

- E então? – Camila assentiu sorrindo, e todas correram para abraçá-la. Mas Dinah estava especialmente eufórica.

- O que diabos você esconde? – Lauren inquiriu fazendo a loira mais alta revirar os olhos.

- Eu não escondo nada, ok? – Camila estreitou os olhos e ladeou a cabeça...

- Oh Dios Santo, você dirigiu o Mercedes. – Dinah assentiu lentamente e sorriu.

- Sim! Mila, é automático, ele tem uma espécie de câmera na parte traseira que...

Lauren foi se afastando e observando como todas riam da emoção da loira em contar a experiência. Era fascinada naqueles modelos. Manteve os braços cruzados até que sentiu seu celular vibrar.

Era uma mensagem de Elizabeth.

Um vinho e você me conta como acabou no FBI?

Lauren sorriu de canto e logo respondeu.

Ocupada. Tenho um compromisso com minha namorada e a família... E eu sou mais de cerveja. Nos vemos por aí, Betty.

//

Eu ouvi um amém por esse coice? Amém.

Capítulo 43 - How Bad Do You Want It?

Saaaaalve gayzada!

O que tem de bom desse carnaval? Já beijaram muitas bocas? Não se esqueçam de guardar o juízo e se manter longe do zika! SE CUIDEM E USEM CAM... esquece.

Hoje é um dia especial por duas coisas. A primeira, porque é aniversário da Alessandra (arroba drunkjaguar), quem conhecer ela vai lá dar muito amor.

A segunda e maravilhosa coisa especial é que: COMECEI A POSTAR A NOVA FIC AQUI NO WATTPAD
AJNDJASJDALKSDALKJNDJASNDKAJNSDKAJNSDLJANSDLAJSNDKAJSNDKASDNAKSDN
AKSJDNAKSJDNAKSJDNAKSJDNAKSJNDKJNSDLKAJSLNDKAJ

The Guardian é o nome dela e segue o link: <https://www.wattpad.com/story/62253779-the-guardian>

Já tem dois capítulos e to trabalhando no terceiro já. Espero que gostem, é uma das mais pessoais que vou escrever até agora! Seria maravilhoso se vocês me dissessem o que acharam! Por certo, meu usuário no twitter é o mesmo daqui: 5histhenewblack, sou muito ruim com o wattpad e demoro mil anos pra responder no chat!

No mais, BOM CARNAVAL, curtam daquele jeito!

#ChêroProtegeDoZika

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

Lauren foi se afastando e observando como todas riam da emoção da loira em contar a experiência. Era fascinada naqueles modelos. Manteve os braços cruzados até que sentiu seu celular vibrar.

Era uma mensagem de Elizabeth.

Um vinho e você me conta como acabou no FBI?

Lauren sorriu de canto e logo respondeu.

Ocupada. Tenho um compromisso com minha namorada e a família...
E eu sou mais de cerveja. Nos vemos por aí, Betty.

Visualizou a outra mensagem, era de Viceroy:

Tenho um pacote pra você amanhã. Traga os transportadores.

Em seguida, bloqueou o aparelho e o guardou no bolso da calça, cruzando os braços para ver a interação das outras. Seu sorriso desapareceu ao se lembrar de Veronica e Lucy, decidindo ligar para ambas no dia seguinte e resolver tudo. Por mais que fosse daquele jeito peculiar, não conhecia uma vida sem tê-las ao seu lado, já fosse brigando ou simplesmente fazendo alguma piada desnecessária.

Foi então que seu olhar se cruzou com o de Camila que estava sorrindo para Dinah, e logo ficou tímida ao encontrar os olhos verdes em sua direção. Foi como se o tempo tivesse parado, e as vozes cada vez mais longes. Suspiraram ao mesmo tempo, sentindo aquele já conhecido frio na barriga pelo futuro. Estava tudo indo tão bem... E sabiam que naquele cenário, isso sempre era um aviso. O pior estava por vir, já sabiam de sobra, mas estava numa época tão favorável que era inevitável não temer. Principalmente pelo novo trabalho.

Os rumores se espalhavam com muita facilidade, mas todos os capos estavam quietos. Nenhum aviso, nenhuma ameaça. Era como viver com uma bomba atada ao pé, onde o detonador estava em mãos de outra pessoa, e a qualquer momento... boom. Mas naquele momento, ali... Não havia nada disso. Camila se afastou da gritaria e Lauren a seguiu, indo a parte dos fundos onde costumavam trocar os pneus dos carros.

Se apoiou então no Gran Torino e cruzou os braços, olhando a agente de cima a baixo, quando os olhos se encontraram, Lauren tinha um sorriso torto nos lábios. Camila a puxou pela jaqueta suavemente, colocando-a entre suas pernas.

- Olá. – a morena disse.

- Olá. – a resposta da latina saiu entrecortada pela reação do seu corpo com a proximidade. Lauren espalmou as mãos no capô do carro com delicadeza, encaixando-se enquanto olhava para os lábios da latina. – Em uma escala de zero a dez, quão irritada você está? – a agente fechou o olho esquerdo e levantou a cabeça, como pensando.

- Zero.

- Zero? – Lauren assentiu abraçando-a.

- Zero. – Camila franziu o cenho.

- Mas a cara que você fez quando... – Lauren revirou os olhos.

- Eu já imaginava que você estava fazendo algo parecido. Lucy me ligou. – a latina se afastou cruzando os braços.

- Traidora. – Lauren riu puxando-a de volta e bicando-lhe os lábios.

- Apenas deixou escapar que você estava no telefone com Veronica, e como somos as únicas que sabíamos a localização deduzi que você fosse aparecer.

- Então você não está irritada? – Lauren negou com a cabeça.

- Já estou acostumada com a sua teimosia, e vai ser bom te ter por perto.

- Sim? – a latina provocou colocando as mãos por dentro da camisa da morena, arranhando-a superficialmente com as unhas. Lauren assentiu, beijando-a.

- Sim.

A morena não precisou de mais tempo para levar às mãos à sua parte preferida do corpo de Camila, apertando as nádegas da latina com tanta vontade, que foi fácil tirá-la do chão e colocá-la sentada no capô.

- Devo dizer que você fica extremamente sexy dando uma de

bandida... – sussurrou contra os lábios da morena que riu com desdém.

- Pensei que você odiava meu mau humor... – Camila se afastou sorrindo descaradamente e mordendo o lábio inferior. Ladeou a cabeça e novamente sussurrou:

- Cara de quem não goza. – Lauren a puxou sem delicadeza alguma. – Mas você já não tem essa cara.

- Ah, não?

- An, an... – Camila contestou contornando o queixo da morena.

- E é cara de quê?

- De minha. – Lauren puxou o lábio inferior da menor com os dentes, beijando-a com volúpia para não pensar em como aquela constatação tinha feito todo seu corpo reagir.

Estavam se entregando intensamente quando...

- Meninas está na... – Allyson ficou muda ao ver as pernas de Camila abraçadas à cintura de Lauren. Suspirou e sussurrou. – Por que sempre eu que tenho que interromper?

As duas se afastaram lentamente e a latina a olhou suspirando:

- Eu também me pergunto a mesma coisa, enana. – com um sorriso amarelo a loira deu de ombros:

- Está na hora. – disse e se retirou imediatamente.

Camila desceu do carro e ficou vendo como a irmã se afastava. Lauren se aproximou e sussurrou em seu ouvido antes de passar:

- Se você ganhar, a gente termina. – depois, deixou um tapa espalmado no traseiro da latina e piscou o olho, saindo pelo mesmo caminho que Ally. Camila sorriu torto e sussurrou para si:

-- Eso está hecho, gringa.

Alguns quilômetros depois elas chegavam finalmente à pista. O céu estava limpo, o ambiente era movimentado e decorado com tochas e fogueiras. Algumas pessoas transitavam com bebida, outros se reuniam em volta de um carro olhando alguma coisa. Homens se vangloriavam de seus sons tentando impressionar as jovens que por ali passavam, os organizadores anotavam as características dos carros enquanto não começava.

Lauren estacionou o Gran Torino junto aos outros competidores e desceram como se em câmera lenta, chamando a atenção de todos pela cara de poucos amigos que tinham, exceto Ally. A loira nunca sabia como colocar aquela expressão em sua face.

Josete correu para falar com elas, abraçando Camila e mostrando quão emocionado estava por vê-la competir.

Ficaram conversando por alguns minutos e logo os organizadores deram início a primeira fase.

Em um telão imenso no meio da pista apareceram os nomes dos competidores. A primeira ronda era mais eliminatória, dezesseis carros estavam na

disputa, divididos em quatro grupos de quatro. Camila não precisou ouvir de nenhuma de suas acompanhantes o desejo de sorte ou qualquer conselho. Era relativamente fácil passar. Quem ganhasse as duas rondas ficava como líder do grupo, e logo se enfrentaria aos outros por sorteio. Os dois últimos vencedores disputariam a final.

De todos, os mais perigosos eram Takayaso, Rico Martinez y um tipo conhecido como Hummer.

Takayaso, um asiático com pouca estatura para o que era capaz de fazer era o dono de um Audi R8 vermelho.

Rico, um dos amigos de Josete e com uma aparência similar, tinha um Toyota Supra verde limão, espalhafatoso como o dono.

Hummer, o mais perigoso de todos, possuía a joia da coroa: um Ford Mustang Fastback 1968 preto com as linhas brancas. Ele tinha uma leveza especial na hora de passar a marcha, o que não correspondia com sua aparência. As tatuagens quase apagadas e colocadas aleatoriamente nos braços revelavam a estadia do homem na prisão. Branco, alto, forte e com um bigode muito escuro de grande. Usava um boné surrado para cobrir a careca, mas todos sabiam que tinha uma metralhadora tatuada no lado esquerdo. Inquietante, mas ninguém perguntava o significado de ter uma arma logo ali.

E parecia que os organizadores conheciam muito bem, ou a sorte queria brindar uma noite emocionante para o público. Os três junto à latina caíram em grupos separados, o que fez todo mundo aplaudir quando os nomes apareceram no telão. Camila revirou os olhos, pois já esperava algo parecido.

A primeira ronda começou sem muitas dificuldades. Todos forçavam seus carros na saída, mas ao mudar a marcha o veículo acabava cedendo e muitas vezes, naqueles poucos segundos em que o carro diminuía a velocidade, a latina conseguia ultrapassar.

Assim, chegaram à segunda ronda Takayaso, Rico, Hummer, Camila e outros quatro. Ally revisou o carro, apenas para ter certeza que tudo estava no seu devido lugar e ficaram à espera do novo sorteio. Camila tinha mais um por superar antes de se encontrar com a parte relevante.

Novamente deram início à nova ronda e como era de se esperar, os quatro mantiveram as expectativas e passaram para a terceira fase.

Lauren escutava atentamente como Camila explicava que era melhor cair com Hummer naquela ronda, pois os outros dois eram mais inexperientes e, portanto mais fáceis de ganhar. O apresentador então ecoou no alto falante:

- Senhoras e senhores, é hora de conhecer os adversários da terceira ronda!

As pessoas aplaudiam e gritavam em ritmo de festa, como se fosse uma daquelas corridas de bairro, levantando as bebidas e entregando-se a melodia da música que um DJ se empolgava em colocar.

Uma espécie de roleta apareceu na tela. As meninas estavam paradas

e sérias encarando os resultados, enquanto Camila rezava internamente para se encontrar com Hummer naquela fase.

Depois de alguns segundos, a roleta anunciava o primeiro nome:

- Takayaso! – anunciou enquanto dava partida ao segundo sorteio, onde a latina enrijeceu o maxilar até que o objeto virtual parasse. – Hummer!

Lauren a olhou dando de ombros, ao que Camila respondeu com um suspiro.

- Vamos, flaca. Qual a diferença? Você vai acabar com eles igualmente. – disse convencida com um meio sorriso. Camila assentiu e se deixou ser puxada pela cintura, recebendo um beijo de boa sorte. – Ainda está em pé o acordo da garagem. – a latina assentiu sorrindo e deu uma piscadela para as irmãs, entrando no carro.

Rico Martinez era bom, mas não o suficiente.

Takayaso e Hummer foram os primeiros, colocando-se em cima da linha branca pintada no chão que dava a partida. Camila e Rico estacionaram logo atrás, preparando-se também.

Essa ronda tinha mais o estilo que estavam acostumados, usando uma espécie de assistente para dar a largada. Vestida com um top e uma mini saia com o símbolo e nome da Race War, a loira com um pára-choque mais do que aceso se colocou na frente dos carros e abriu os braços. Olhou para cada um dos competidores e enfim os abaixou, dando a largada.

Takayaso saiu com vantagem, usando o nitro cedo demais como pontuava Dinah à Normani, que assentiu concordando. Mas Hummer tinha experiência, deixando-o forçar tanto quanto lhe era possível o motor e enfim acelerou, disparando seu nitro. O Audi acabou fumaçando antes de chegar à meta e o veterano não precisou se esforçar muito.

Aparentemente apenas Takayaso desconhecia a potência de um caixa sete.

[n/a: esse é um tipo de motor que tem muita resistência. Enquanto os normais chegam a uma determinada faixa de quilometragem e precisam ser mudados, eles têm quase o dobro de resistência, costumam pertencer ao Golf, mas foda-se essa porra é minha e eu coloco em um Ford porque sim.]

Era enfim a vez da latina. Olhou para Lauren pela janela, que simplesmente piscou para namorada e sorriu cúmplice. Camila apertou o volante e piso o acelerador mostrando a potência do Gran Torino, concentrada unicamente na linha a 500 metros.

A loira novamente apareceu, estirando os braços. As pessoas gritavam, Rico olhou para Camila, mas a latina não se deixou abalar com a expressão já vitoriosa do jovem. Ela sabia quem mandava.

Quando os braços abaixaram, ambos aceleraram. Rico confiou em sua estratégia e no motor truncado de seu Toyota, pressionando o nitro imediatamente.

- Pero qué diablos... – a latina pronunciou vendo o vulto verde sair

disparado, ao que passou a marcha com força e exigiu do motor toda sua potência, forçando-o na saída.

E, como qualquer marinheiro de primeira viagem, Rico não calculou a distância. Camila conseguiu se manter muito próxima, até que quando o efeito passou, mudou a marcha com agressividade e por alguns poucos centímetros alcançou a vitória.

Ally praticamente pulou no colo de Lauren que gritou um "Yes!" com força. Dinah puxou o rosto de Normani com as mãos, beijando-a com gosto para aliviar a tensão do último segundo.

Quando a latina estacionou novamente, nem sequer saiu do carro. Foi então que Lauren se aproximou, bicando-lhe os lábios e se apoiou na porta.

- Chegou a hora de levar esse prêmio pra casa... – Camila assentiu esfregando as mãos na coxa. Lauren acenou com o queixo. – Levante o banco. – franzindo o cenho, a latina olhou para o que estava ao seu lado sem entender. Lauren riu com desdém. – Vamos Camz...

- O que você... – Ally apareceu do outro lado, colocando a cara na janela.

- Ela não sabe, Lauren. – a agente deixou a boca cair em descrença.

- Nem desconfia? – Ally negou com a cabeça.

- Que porra vocês estão falando?! – Lauren deu um passo atrás, ainda perplexa. Ally apenas introduziu o braço e levantou o assento do copiloto, revelando dois cilindros de nitro. A latina bateu no volante com força, irritada. – De nenhuma maldita maneira Lauren!

Ally saiu gargalhando enquanto Lauren a encarava tímida.

- Eu pensei que você sabia! – justificou-se.

- Foi por isso que você ganhou o Valle! – a morena assentiu rindo. –

Maldita perra!

- Ei, ei, ei! – disse abaixando-se novamente.

- Quero minha revanche! – gargalhando, Lauren assentiu.

- Ok, você terá sua revanche.

- Sem essa merda! – a morena revirou os olhos.

- Sem nitro! – mostrou as palmas em rendição. – Agora podemos nos concentrar no Hummer?

- Você vai me pagar, sua cretina!

- Vou, é? – usou seu tom mais descarado, mas não funcionou. Camila revirou os olhos ignorando-a.

- Você não vai conseguir me distrair! – Lauren a puxou pelo pescoço, beijando-a e em seguida se afastou.

- O botão está no câmbio. Go hard or go home. – disse dando uma piscadela e saiu.

Camila suspirou e encarou à estrada livre a sua frente.

- Go hard or go home.

Ouviu como Hummer pressionava seu motor, mas não olhou para os lados. Se concentrou na assistente que, com os dedos, a chamou para que se colocasse em posição, repetindo o gesto novamente com o adversário.

Apertou o volante com força, pisou o acelerador, e quando a mulher se encurvou, saíram disparados.

E qual era o maldito problema daqueles caras para sair com o nitro? Homens.

Hummer já estava na metade do caminho quando Camila voltou para quarta, exigindo mais força do Gran Torino, então voltou para quinta e pressionou o botão sentindo seu corpo ir para trás.

- Demasiado rápido, papito. – pronunciou deixando o para-choque do Ford Mustang para trás e cruzando a linha.

Deu a volta com um cavalo de pau e acelerou novamente, estacionando o carro de qualquer jeito e saindo correndo em direção a Lauren, que a recebeu em um pulo.

Camila se manteve abraçada a namorada enquanto a beijava com força. Lauren gargalhou quando a latina começou a lhe beijar o rosto e então os olhares se cruzaram. Todos aplaudiam, gritavam, e elas estavam ali novamente, na bolha interna. Lauren não precisa de esforço para mantê-la agarrada ao seu corpo. Levou a mão direita entre os cabelos de Camila, puxando-a com força para beijá-la com toda felicidade.

O prêmio era seu, mas o dinheiro já não era relevante. O que importava era o que sentia dentro de si, cada vez maior, mais forte.

- Agora eu quero meu prêmio... – sussurrou contra os lábios da agente que sorriu assentindo.

- E minha revanche. – Lauren gargalhou assentindo.

- Tudo que você quiser!

Voltaram a se beijar e o momento se eternizou ali.

Camila recebeu o cheque com o prêmio, aproveitou para levar comida para casa e comemorar junto à família a conquista e entregou o dinheiro a seus pais.

Sinu chorou, Alejandro a abraçou se mostrando orgulhoso e todos brindaram com a Corona.

Novamente o celular de Lauren vibrou, fazendo-a se afastar com a garrafa na mão. Mas dessa vez não era Elizabeth. Antes fosse. Era pior.

- Lucy?

- Lauren! Graças a Deus! Você está com a Camila? – a morena franziu o cenho.

- Sim, estamos na casa dos pais dela... – Lucy respirou profundamente. – O que houve?

- Merda, Lauren, as coisas estão se complicando...

- Lucy...

- O Viceroy vai pedir que vocês levem uma carga amanhã para ele, e

você tem que fazer de tudo para que Camila não participe do transporte.

- Por quê? – a colombiana ficou em silêncio. – Lucía, por quê?

- Alguém disse ao Viceroy que ela está ajudando o FBI. – Lauren apertou os olhos e levou a mão ao cabelo. – O pacote é ela, Lauren.

//

EEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEETA CARALHO! E AGORA MAINHA?

E o povo foi soberano, mais uma vez.

Here we go agaaaaaaaaaaaaain... Capítulo só com esse lance mesmo porque amanhã trabalho cedo e preciso dormirrrrrrrrrrrrrrrrrrr.

Por que eu paro nessas horas? Gosto que vcs sintam a história comigo, então deixo margem para que pensem alguma teoria, algo, como elas vão sair dessa treta? O que pode ter acontecido? E aí depois eu mostro pra ver quem acerta! Vai dizer que vocês não tentam adivinhar o assassino antes do final? Fala sério! Mas to demorando menos pra att, então vá, relaxem.

Vamos logo com isso! E AH! Ontem saiu um cap de The Guardian!!!!
Quem quiser é só ir lá!

Chêro!

//

Lauren acabou ficando no armazém justificando que tinha que resolver uns assuntos de última hora, desculpando-se com Camila que foi para casa, pois no dia seguinte teriam que viajar.

A morena passou a noite acordada revisando contas, transferências e recibos que saíram do cartel a seus "operários". Mas o trabalho era complicado e o tempo, curto. Não tinha como preparar um plano e o jeito seria usar o que já sabia.

Entrou em contato uma última vez com Lucy, poucas horas antes de pegar no sono. No dia seguinte, acordou cedo para encher o tanque dos carros, Gran Torino e o Dodge Charger SRT8 utilizado nos trabalhos, já que o carro de Camila ainda estava passando por reparação.

Era um pouco depois das 4:00 AM quando Camila chegou bocejando no armazém.

- Era necessário ser tão cedo assim? – Lauren sorriu sem mostrar os dentes, bicando-lhe os lábios.

- Precisaremos cruzar a área protegida. As cinco em ponto os guardas mudam o turno e é o único momento que temos de distração. O Valle está sendo vigiado depois que o Chapo fugiu. – a latina assentiu, compreendendo. – Você já está pronta?

- Eu nasci pronta, gringa. – Lauren riu beijando-a novamente e então entregou as chaves do Dodge.

Pouco antes das 5 já estavam entrando no Valle a toda velocidade.

- Ok, flaca. Agora passaremos por uma zona vigiada por sensor térmico antes de entrar no túnel. Mantenha a velocidade e fique atenta aos desvios. – informou pelo rádio, fazendo a latina revirar os olhos.

- Está tentando me ensinar a dirigir, novata? – contestou irônica

recebendo uma gargalhada como resposta.

O sol ainda estava com preguiça de sair, dando um cenário escuro e deserto pelo trajeto. A poeira do deserto acompanhava as rodas a toda velocidade e ambas seguiam em linha reta. Próxima a entrada, Lauren voltou a se comunicar:

- Menos de um minuto para cruzar e sair dos sensores, o resto do caminho está tranquilo. Acha que consegue? – provocou.

- Quer apostar? Você ainda me deve aquelas aulas de tiro... – a morena ficou em silêncio, respirando fundo com o pedido e se perguntando por que não aceitou da primeira vez.

- Tente voltar viva, e conversaremos sobre essas aulas. – sentenciou finalmente. Camila percebeu o tom de preocupação, mas deduziu que era pelo fato de deixá-la usar uma arma.

Seguiram em linha reta até chegar à entrada do túnel. Dessa vez Lauren acelerou ainda mais, entrando em desvios quase impossíveis e perigosos demais para o entendimento de Camila que, constantemente, perguntava qual a necessidade de passar assim. Mas a resposta era sempre a mesma: "não temos tempo e o Viceroy odeia atrasos".

Com 45 segundos, a tela do GPS de Lauren informava que um helicóptero havia sido enviado porque o sensor tinha detectado movimento.

- Camz, temos menos de 15 segundos para sair. Acelere.

E assim foi.

Faltando menos de cinco segundos para que o helicóptero as encontrasse, cruzaram o final do túnel e chegaram à pista que unia à fronteira, reduzindo a velocidade.

Quando chegaram ao lugar combinado, um terreno baldio que estava localizado em um dos desvios da estrada, elas permaneceram dentro do carro. Lauren apoiou a cabeça no banco e fechou os olhos com força.

- Ei, morena. – a voz da latina ecoou no rádio, fazendo a morena sorrir. – Ficamos de conversar sobre o acordo.

- Você anda pedindo coisas demais, flaca.

- Vai amarelar agora? – Lauren riu.

- Nunca. Mas... por que você quer tanto aprender a usar uma arma? – Lauren olhou pela janela, vendo como Camila por sua vez se virava, olhando-a intensamente, mesmo que de longe, enquanto falava no rádio:

- Porque eu não quero te perder. – a agente sorriu assentindo.

- Isso nunca vai acontecer.

- Nós não sabemos.

- Eu sei.

- Essas coisas a gente não tem como adivinhar.

- Você confia em mim?

- De olhos fechados.

- Então confie. Você não vai me perder. – a latina assentiu, e antes que pudesse seguir com a conversa, três carros se aproximaram, estacionando um ao lado do outro.

Viceroy desceu fumando um dos seus charutos, e chamou com a mão para que elas saíssem do carro. Camila olhou por última vez a Lauren que assentiu.

O homem estava acompanhado de quatro capangas, dois que chegaram em seu carro e os restantes no outro. O terceiro carro ficou parado e o motorista não desceu. Mas não precisava, pois elas conheciam. Era o terceiro transportador. Quando desceu, Lauren e Camila se olharam minimamente, então a agente apenas assentiu, confirmando que estava tudo sob controle.

- Buenos dias, damas. – Viceroy zombou expulsando a fumaça. – Fênix agora é parte da minha equipe especial. – avisou a Lauren que assentiu em resposta a seu chefe.

Viceroy olhou para o céu enquanto dava alguns passos em círculos.

- Algum problema, chefe? – Lauren perguntou.

- Que bom que você perguntou isso, mi Lauren. Há algumas horas escutei um ditado que me fez refletir. Dizia... Não há nada melhor do que um inteligente se fazer de burro para um burro que se acha inteligente. ¿Tú qué crees?. – o narco desviou o olhar de Lauren diretamente a Camila, que sentiu seu corpo esquentar e engoliu a saliva com dificuldade.

- Faz sentido. – Lauren respondeu mantendo-se neutra.

- Muito sentido... – ele sussurrou de volta, fumando novamente. – E não é que ainda assim, o burro continua fazendo o ridículo? – ele zombou. – Qual o problema das pessoas hoje em dia, que se metem de peito aberto em um território inimigo? Ai... mi Lauren... Ainda bem que eu tenho você...

Camila não estava entendendo nada, e tudo aquilo parecia irônico demais. Sem falar no ódio momentâneo que lhe absorvia cada vez que escutava o velho nojento chamando Lauren de "sua". Mas também sabia que não devia perguntar.

Lauren deu de ombros, mostrando desinteresse.

- Algumas pessoas simplesmente são idiotas. – Viceroy sorriu apontando para agente.

- Exatamente. Idiotas. E você sabe que eu não tenho paciência para idiotas, não sabe? – a morena assentiu. – Ontem um dos meus operários me ligou dizendo que tinha informação valiosa para mim, e eu decidi escutar. Vocês não vão acreditar no que eu descobri. – Camila prendeu a respiração enquanto o homem ria olhando ao redor. Abriu os braços e então a olhou da forma mais fria que ela tinha visto antes de dizer: – Parece que temos um topo dos maderos entre nós. Você pode mostrar aos nossos convidados o que acontece com os topos que entram no nosso caminho?

O sangue da latina praticamente congelou. Lauren franziu o cenho e

olhou ao redor com a mesma frieza. Viceroy simplesmente fez um aceno com a cabeça, apontando para Camila, e Lauren retirou a arma de suas costas apontando à cabeça da latina.

Camila enrijeceu o maxilar olhando para namorada que parecia outra pessoa. Nenhum vestígio da Lauren que ela conhecera. Aquela mulher que lhe apontava com a arma na cabeça parecia não ter vida nos olhos e sim ódio... desprezo até. Lauren retirou o seguro, colocando a bala no lugar e se manteve séria. A latina não conseguia falar, nem sequer questionar-se o que estava acontecendo. Ela simplesmente olhava nos olhos de Lauren como se quisesse entender, achar, quem sabe até aceitar, o que ela estava fazendo.

Prestes a atirar, Viceroy andou até as duas e segurou o punho de Lauren, abaixando-o. Camila foi voltando a respirar quando a morena levantou o braço direito novamente e deu um tiro certo na testa de Fênix, que caiu imediatamente ao chão.

Camila precisou engolir em seco para não gritar, e então a agente guardou sua arma. Viceroy olhou para o cadáver ao chão e aplaudiu.

- Diablos, Lauren! Cada dia fico mais impressionado. – então sorriu e encarou a latina. – Foi apenas um teste para sua lealdade, querida. – explicou. – Como vocês devem imaginar, já chegou aos meus ouvidos que andam tendo um caso. Precisava ter certeza que os negócios não serão problema já que você, Camilita, trabalhou para perra da Teresa. Tinha certeza que suas amigas te avisariam. Você tem ovários, morena. – disse apontando o charuto para Lauren.

- E o Fênix? – perguntou ainda confusa. Viceroy deu as costas e informou aos capangas que recolhessem o corpo e o carro, e quando estava prestes a entrar no seu, disse:

- Ele era o topo.

Poucos minutos os três carros desapareceram e quando Lauren virou tentando abrir a boca, a latina foi em sua direção querendo socá-la. Mas a maior desviou a tempo, abraçando-a com força.

- Maldita! Você ia me matar! – gritou tentando se soltar, mas Lauren a apertou com mais força, com os olhos faiscando:

- Camila!

- Como você foi capaz?! Você apontou a arma pra mim! – Lauren a sacudiu em meio aos gritos e acenou com a cabeça para o lado. Camila seguiu o olhar ainda ofegante, vendo como duas pessoas apareciam, saindo detrás das árvores, cada uma em um extremo. Ambos, que Camila logo reconheceu como ambas, portavam uma kalashnikov e pelo atuendo, logo a reconheceu.

- Quanto nervosismo, Camilita. – a voz de Veronica ecoou acompanhada de seu sorriso cínico.

Então Lauren arqueou a sobrancelha e a soltou lentamente. Lucy também estava sorrindo sem jeito, apenas dando de ombros.

- Você achou que nós íamos deixar isso acontecer?

- Mas o que...

Flashback

Novamente o celular de Lauren vibrou, fazendo-a se afastar com a garrafa na mão. Mas dessa vez não era Elizabeth. Antes fosse. Era pior.

- Lucy?

- Lauren! Graças a Deus! Você está com a Camila? – a morena franziu o cenho.

- Sim, estamos na casa dos pais dela... – Lucy respirou profundamente. – O que houve?

- Merda, Lauren, as coisas estão se complicando...

- Lucy...

- O Viceroy vai pedir que vocês levem uma carga amanhã para ele, e você tem que fazer de tudo para que Camila não participe do transporte.

- Por quê? – a colombiana ficou em silêncio. – Lucía, por quê?

- Alguém disse ao Viceroy que ela está ajudando o FBI. – Lauren apertou os olhos e levou a mão ao cabelo. – O pacote é ela, Lauren.

A morena se afastou do barulho tentando manter a calma.

- Que porra é essa, Lucy? Como isso chegou aos ouvidos dele?

- O maldito topo! Pedimos ajuda a Ally há uns dias, porque aparentemente o negócio da trata de brancas continua vigente.

- Mas nós fechamos aquela merda!

- Sim! Justamente por isso. Se nós fechamos, como diabos conseguiram continuar? Mas Allyson não conseguiu reduzir os suspeitos e não achamos coerente te dizer nada já que era apenas uma suspeita.

Lauren ficou em silêncio olhando para frente, perdida em seus pensamentos, até que então disse:

- Eu não posso abrir mão dela, Lucy. – disse finalmente, como se estivesse justificando sua atitude. A colombiana riu do outro lado, entendendo o que queria dizer.

- Eu sei. E antes que você faça uma besteira, quero que saiba que estamos com você.

- Vamos ter que fugir e mantê-los longe de Chihuahua.

- Provavelmente. Depois que isso acabe, vão dar caça na gente até o outro lado da fronteira. Não teremos para onde correr.

- Vocês tem certeza que querem ser parte disso?

- Vamos, Lauren. Há anos que eu quero dar um tiro nesse filho da puta.

- Então temos um plano?

- Temos um plano.

Flashback Off

- Vocês iam matar o Viceroy? – a latina perguntou incrédula. As três

deram de ombros. – Qual a merda do problema de vocês?! Isso ia ser pior que declarar guerra aos traficantes!

- Não tínhamos tempo para um plano mais elaborado, Camila! – Lauren tentou se justificar, mas a latina estava irritada.

- E que merda foi essa que ele fez?! – questionou ainda alterada. Lucy colocou o seguro na arma novamente enquanto respondia:

- Um teste, Cabello. – a latina franziu o cenho. – Você trabalhava para Teresa, agora está com Lauren e entrou para o negócio. Sabe quantos alarmes de "problema" você apitou?

- Mínimo uns dez. – Vero completou. – Esse corno sabia que nós avisaríamos a Lauren, então fez tudo isso para testar a lealdade dela.

- E qual era o plano?

- Lauren desviaria no último minuto o tiro a ele e nós acabaríamos com os outros. – Vero explicou, mas logo fez uma careta. – Graças a Deus que ele tinha outros planos. Eu gosto do clima daqui.

- Vocês são doentes. – disse encarando as três. – Doentes! – gritou golpeando os ombros da namorada.

- Camila! – gritou tentando controlá-la, mas rindo ao mesmo tempo. – Eu pedi pra você confiar em mim! – Lucy e Veronica se olharam e foram embora deixando as duas a sós.

A latina continuava gritando e reclamando, mas Lauren só desviava os tapas e ria.

- Você ia atirar em mim!

- Claro que não, Camz. Estava tudo sob controle! – a latina a olhou por última vez:

- Agora mais do que nunca eu quero minhas aulas de tiro. – Lauren esboçou um sorriso insinuante:

- Quer, é? Eu estava disposta a matar o Viceroy e acabar com toda minha investigação, e você nem sequer me agradece? – Camila a puxou pela jaqueta e a beijou desesperadamente, separando-se pouco depois para sussurrar sob os lábios:

- Você é louca.

- Agora não tem jeito. Eu não vou deixar nada me impedir de ficar com você.

- Nem uma loira peituda? – Lauren gargalhou.

- Nem uma loira peituda. – a latina lhe bicou os lábios de volta e a soltou.

- Mas eu ainda quero minhas aulas de tiro. – a morena revirou os olhos, bufando e a puxou de volta pela cintura.

- Você só pede. O que eu ganho depois de tudo?

A latina fingiu pensar e então puxou o lábio inferior da maior com os dentes, sussurrando logo depois:

- O que você quiser. – Lauren forçou o aperto de seus dedos na cintura fina.

- O que eu quiser? – Camila apenas assentiu. – Eu quero muitas coisas... – disse com a voz arrastada.

- Podemos negociá-las. – deu uma piscadela e saiu rebolando até o carro deixando a agente parada olhando-a e suspirando.

A preocupação havia ido embora, de momento. Mas agora mais do que nunca Lauren sabia que havia chegado o momento de dar o passo final.

Era a hora de acabar com o caso, porque a sorte não lhe beneficiaria duas vezes.

E ela não podia estar mais certa.

//

Ainda nao foi dessa vez manas.

Salve gayzada!

Hoje eu gostaria de deixar uma pequena explicação aqui, longe de ofender ou recriminar qualquer comentário, se é que houve, de alguém. Já publiquei a mesma coisa na outra fic, The Guardian, e queria colocar aqui só pra frisar. Vocês sabem que eu sou muito grata pelo carinho e atenção que vocês dão a cada palavra que eu escrevo. É mais uma satisfação do que uma queixa e espero que entendam.

Vi muitos comentários e tweets sobre a demora a postar, segundo alguns "porque no começo é todo dia até conseguir um número de favoritos e então demoram um mês"... E bom, fiquei um pouco triste. Eu nunca pedi favoritos nem votos, os únicos comentários que peço é para saber se continuo ou não, e sempre agradeço por esse trabalho que vcs tem de expor o que acham. Pra ler um capítulo demora mais ou menos uns 20 minutos, só que para escrever eu demoro TRES horas. Acontece que eu estudo de manhã, trabalho a tarde e não é todo dia que eu tenho três horas disponíveis para sentar, com todo o cansaço, e escrever.

"Então não começa a fic". Acontece que eu escrevo como hobby, sabe? Pra esquecer os problemas, pressão e cansaço. Eu escrevo e me divirto fazendo isso. Mas tenho obrigações e tem dias que chego tão cansada que eu apenas como, tomo banho e durmo. Minha rotina é estressante e eu sou uma pessoa estressada, a junção disso é o caos. Se vocês somarem isso ao fato de namorar uma pessoa que está do outro lado do oceano e tem dias que eu só quero ficar na cama ouvindo Who are you, é bem complicado achar disposição pra vir aqui e escrever uma história decente. Porque eu me nego a escrever baboseiras só para preencher folhas.

Então eu só peço a vocês paciência. Quem leu HEA e AEOD desde quando eu comecei a postar sabe o quanto eu tento agradar vocês, quanto tento compensar essas demoras e que eu não faço isso no intuito de ganhar favoritos ou votos, e sim porque EU GOSTO. Me desculpem pela demora, mas não é como se eu estivesse olhando para o teto e pensasse "vou ficar sem atualizar e que se lasquem". Eu tento dar o meu melhor para vocês sempre, e só peço isso, paciência, tá?

MAS CHEGA DE VIADAGEM e bora logo com isso.

Obrigada sempre, viu. Dou muita risada com a grande maioria dos comentários e alguns palpites de teorias estão no caminho certo.

//

Estou um pouco cansada, confesso. É sempre assim. A gente se esquece de cuidar porque se acostuma a ter. Mas é lei de vida, o que não cuidamos, aos poucos, acaba morrendo. Infelizmente, por mais que a gente tente e queira, algumas histórias – pessoas – simplesmente não foram feitas para dar certo. Quando os olhos miram a lugares distintos, se perder no caminho é inevitável. O problema

desses desencontros é que sempre nos levam a lugares desconhecidos, que nós não estamos dispostos a enfrentar pelo medo. Medo de quê, meu Deus? Se a finalidade dessa vida é ser feliz, e a gente não pode se conformar com menos do que isso. O que há de perigoso em procurar a felicidade? Eu lhe digo. O ser humano tem essa mania tola de olhar só para o que quer, de não aceitar que às vezes – na maioria das vezes – querer não é poder. De ficar esperando para sempre que alguém lhe traga flores, em vez de se preocupar em plantar seu próprio jardim. E regá-lo. Sim, cuidar é imprescindível. As flores precisam dos detalhes, do cuidado, caso contrário elas murcham. Tal qual o amor, lembra? E eu, pra quê eu quero um jardim murcho se o que me faz feliz é sentir o perfume das flores? Pra quê eu quero um amor sem cuidar se o que eu quero é amar? Porque amar sozinha não é amar.

– Eu sei por que você se foi, primeira conclusão.

Lauren acabava de secar o carro quando Normani apareceu a sua frente com um envelope na mão:

- Tenente Jauregui? – zombou fazendo a agente revirar os olhos.

- Você tem sorte de que eu não esteja armada. – a morena levantou as mãos e sorriu, mas logo ficou séria, estendendo o tal envelope a Lauren que o aceitou, deixando a flanela em cima do carro.

- É uma intimação para depor no caso do Jon e posteriormente para que o juiz retire a denuncia a Diana. – explicou. Lauren assentiu e logo a olhou:

- Você está preparada? – a morena deu de ombros.

- Sei que não vai adiantar nada, mas pelo menos ela vai deixar de ser acusada e procurada pelo FBI. – Lauren suspirou e se encostou no carro, cruzando os braços. Normani a acompanhou repetindo o gesto.

- Por muito nobre que seja o motivo pelo qual ela se vingou, não podemos fingir que ela não matou todos esses homens, Mani. É uma merda que muitos ainda estejam impunes e talvez, para quando a investigação acabar, nem sequer sejam acusados pelo tempo que passou...

- Mas ela tem que pagar, eu sei, eu sei.

- Se fosse em defesa própria, seria muito mais fácil. – a morena assentiu fitando o chão.

- Eu só me sinto um pouco... frustrada. – Lauren riu com escárnio.

- Eu sei exatamente como você se sente. Estou tentando apressar o máximo, para que com a acusação dos outros, principalmente do Zuñiga, ela consiga a condicional...

- E como está indo? – Lauren finalmente a olhou, ficando meio de lado:

- Se sou sincera, tive que parar por esses dias. As coisas estão se complicando por aqui... – Normani franziu o cenho.

- Como assim?

- Camila contou o que aconteceu hoje? – a morena assentiu.
- Você podia ter falado com a gente... – Lauren negou rapidamente.
- Nem fodendo. Teria sido muito pior. Acha que não pensei? – riu com escárnio novamente. – Viceroy é mais inteligente do que parece, Mani. Ele não fez porra de teste nenhum.

- Como assim? – questionou verdadeiramente confusa. – Você acha que ele sabe algo?

- Tenho certeza. Ele conseguiu quebrar mais uma vez os pontos de vigilância e está voltando com a trata de mulheres. – perceptivelmente rígida, Normani tentou se manter firme e não pensar, o que foi inevitável.

- A história vai se repetir novamente. – disse por fim. – Esses filhos da puta vão continuar abusando dessas mulheres e adolescentes, os feminicídios vão multiplicar e ninguém vai fazer nada a respeito. – Lauren assentiu.

- Exatamente. Eu acho que ele sabe que tem o FBI na cola, por isso contratou a um dos agentes, se eu soubesse quem é esse desgraçado seria muito mais fácil... – sussurrou para si. A morena, culpada e um pouco aterrorizada com o futuro sinistro que esperava por diante, tomou uma decisão.

- Tem como você me esperar aqui uns vinte minutos? Preciso ir em casa atrás da Ally. Há algo que você precisa saber.

Lauren franziu o cenho, mas assentiu no final das contas.

Camila acabava de se vestir e estava preparando uma bolsa de roupa, grande suficiente para uns dias fora, o que chamou a atenção de Alejandro que se encostou na porta.

- Aonde a senhorita pensa que vai? – ainda com o cabelo molhado e descalça, a latina sorriu.

- Lauren finalmente comprou uma casa e estou cansada de ficar pegando as roupas dela. Vou deixar algumas coisas por lá. – o homem assentiu surpreso.

- Vocês estão realmente sérias...

- Sim... eu acho que... – ela ponderou um pouco e logo sorriu. – Eu acho que ela é perfeita, papai. – Alejandro negou com a cabeça e entrou, sentando-se na cama e convidando a filha para fazer o mesmo.

- Nunca pensei que teríamos esse tipo de conversa, porque enfim, a tradição diz que as mães sejam responsáveis por isso, mas nesse ponto das nossas vidas... – Camila riu. – Eu fico realmente feliz de que você tenha encontrado nela tudo que procurava, mi flaca.

- Eu também, papai.

- Mesmo a família dela sendo uma renca de maderos... – brincou e a latina fingiu uma careta, rindo também. – O importante é que você seja feliz.

- E eu sou, papai. Confesso que... foi estranho quando eu descobri que

preferia as mulheres. O senhor sempre foi tão autoritário e rabugento que... – Alejandro a olhou fingindo irritação. – Que?! Vamos, você não pode negar isso!

- Carajos... antes você me respeitava!

- Vamos, papai. Estou falando sério! – a latina riu empurrando-o levemente com o ombro. – Achei que ia ser impossível manter a família unida depois que você soubesse a verdade. – ele assentiu olhando para os dedos.

- Sei que tenho um caráter complicado, mija, mas nunca me envergonharia disso. Sabe, Mila... eu tive muitos sonhos na vida. Sua mãe costuma me olhar com pena quando vai me visitar na oficina. Ela acha que eu não percebo, mas sei que fica alguns minutos parada vendo como conserto os carros. Me lembro de que quando me deram a notícia de que seu avô estava doente, ela chorou por dias quando eu decidi que cuidaria da casa. Inclusive se culpou por termos tido você cedo demais... – Camila engoliu um nó na garganta. Nunca tinha visto seu pai tão sentimental. – Mas eu não me importava com isso. – desdenhou com a mão. – Ela pensa que isso me entristece até hoje. Mas o que de verdade me jode, flaca, o que me faz querer voltar o tempo atrás e mudar tudo, é vê-la nessa pinche cozinha o dia todo. – negou irritada. – Ah, Camila. Se você visse como sua mãe estava feliz com as aulas, como ela chegava todo dia em casa contando o que tinha aprendido. Ela desenhou uma casa... – levantou o polegar um momento, retirando a carteira do bolso traseiro da calça.

Ao abri-la, havia uma foto de Sinu, Normani, Camila, Dinah e Sofia sorrindo, alguns cartões velhos e outros papéis mais do que rasgados. Alejandro puxou um especial, com aparência amarelada e as pontas roídas. Desdobrou com cuidado revelando um desenho antigo com uma cara grande de dois andares, um jardim e piscina. Era uma espécie de casa moderna em uma fazenda ou ambiente rural. Camila alisou o papel com cuidado.

- Costumava dizer que essa seria nossa casa, e o jardim tinha que ser grande para que vocês pudessem brincar... – disse nostálgico. Camila sorriu e segurou a lágrima ao ver a emoção do pai que logo ficou sério, dando de ombros. – Mas as coisas se complicaram e ela achou que só porque eu tinha sacrificado meu sonho, ela também tinha que sacrificar o dela.

- E vocês abriram o restaurante... – ele assentiu, limpando os olhos.

- Sinuhe nunca foi uma mulher fraca. Na verdade é difícil vê-la triste. Mas eu não me arrependo de ter deixado o sonho de ser piloto... O que mais me dói é ter permitido que ela deixasse o sonho dela para ser cozinheira.

- Mas papai, foi uma escolha que...

- Não, Camila! Ela não precisava ter desistido! – disse irritado. – Eu teria levado o negócio da oficina sozinho e com o resto do dinheiro nós poderíamos ter comprado essa casa. – mostrou o papel. – Mas o que ela tem de boa tem de teimosa! Ah mulher! – estalou a língua e guardou o papel de novo com cuidado no mesmo lugar. – Depois disso foi tudo acumulando. Vocês em um colégio de bairro, sem faculdade e agora metidas com esses assuntos de cartel. – colocou a mão no

joelho da filha, dando alguns golpes leves antes de dizer: - Que você goste de mulher é o menor dos meus problemas, Mila.

- É... visto assim... – zombou fazendo o pai rir.

- Se ela te faz feliz e é com ela que você quer ficar, então mijá, não há mais o que conversar. Você tem minha bênção. E agora com essa coisa entre Dinah e Normani... bom eu sempre esperei que você fosse a primeira em me dar netos, logo elas... Porque Ally... – fez um gesto de mais ou menos com a mão. – Já sabe do que gosta? – Camila gargalhou

- Papai!

- Ora essa! Estou sendo sincero! Até Sofia já tem o Raúl e Ally está aí, o dia todo com esse computador pra cima e pra baixo...

- Ay Dios... Ela estava com um cara, o Troy... mas não deu muito certo não. – Alejandro fez uma cara de pena

- Está vendo? Ah, Mila! Eu quero ser avô! Sei que hoje em dia já é mais fácil e se eu tiver que esperar a Sofia ou a Ally... – Camila arregalou os olhos, assentindo nervosa.

- Ok... Mas... agora, assim, esse ano...

- Naah, agora não! – a latina liberou a respiração presa. – Posso esperar um ano...

- Ok... Esse assunto está ficando estranho, mas já entendi. Netos... vocês querem netos. – Alejandro riu abertamente. Ficaram em silêncio e Camila pensou por uns instantes, até o que o olhou: - Então você só quer dar a mamãe tudo que ela sempre quis? – Alejandro assentiu.

- E a vocês também... Mas Ally tem a herança, Normani descobriu que é milionária, você ganhou a corrida e Dinah...

- Dinah é bonita. – eles riram.

- O que eu quero dizer é que esse meu jeito de ser não é porque não pude ser um piloto ou porque vocês gostem de mulher... O que me mata é acordar todo dia e ver como sua mãe coloca um avental em vez de ir trabalhar em um escritório. Então paciência, mijá, eu só tento fazer com que vocês não desistam de nada.

Camila assentiu e o abraçou forte, sentindo os dedos grandes e calejados acariciar seu cabelo.

- Eu sei papai... Mas será por pouco tempo. – sussurrou.

- Que?

- Nada.

No armazém, Lauren observava com a sobrancelha arqueada o cochicho entre Dinah, Ally e Normani. As vezes elas exaltavam os sussurros e Allyson pedia que se calassem, mas continuavam afastadas. Lauren olhou o relógio no celular pela quinta vez, sabendo que em alguns minutos Camila apareceria, quando forçou a

garganta para chamar a atenção:

- Vocês vão continuar me fazendo perder tempo ou...

- Rude! – Dinah espetou.

- Estou falando sério! Camila está por vir e eu preciso resolver umas coisas ainda. O que vocês tanto falam aí? – as três se olharam. Normani assentiu, Dinah deu de ombros e Ally suspirou irritada.

- O plano era resolver sozinhas... – a baixinha disse indignada.

- Resolver o quê? – como nenhuma respondeu, Lauren foi saindo, até que Normani parou a sua frente, impedindo-a.

- Sabemos quem é o topo.

- Normani! – Allyson gritou. Lauren fez uma cara entre "o que?" e "eu vou te matar".

- Vocês o quê? – as três se olharam e quase simultaneamente deram de ombros.

Melhor do falar era mostrar, por isso, subiram as pressas até o andar

de cima onde Allyson mostrou a análise que fez para encontrar o topo, mas antes que dissesse o nome, Lauren já tinha seu suspeito.

- Filho da puta! – gritou irritada. – Por isso ele estava tão interessado em pegar vocês! O tempo todo ele estava seguindo as ordens do Viceroy! – elas franziram o cenho e Lauren suspirou irritada. – A merda do combustível. Vocês não estavam roubando para ele e sim para Teresa. Viceroy facilitou as informações e chegaram até a central, Mendes e o filho da puta do Miles eram os responsáveis, mas a única coisa que sabiam era que se tratava de três mulheres. – Ally a interrompeu:

- Vocês sabiam que a gente estava roubando combustível?

- Por que você acha que viemos para Chihuahua? – perguntou irônica.

– Pediram nossa ajuda...

- Mas aí você se apaixonou pela Camila, obstaculizou a investigação deles e... – Dinah começou a falar fazendo Lauren revirar os olhos.

- Cala a boca Jane.

- Uuu! Que nervosinha ela fica quando o assunto é a Camila. – Lauren ficou séria, do tipo cala a boca ou te mato, e Dinah preferiu obedecer.

- Enfim, quando levei vocês pra agência, ele viu a oportunidade certa de interrogar e tirar do sistema...

Allyson e Normani assentiram entendendo o ponto.

- E agora ele está servindo de ponte entre a trata e o FBI. – a morena pontuou e Lauren assentiu, pegando o telefone e ligando para Lucy.

- Miles. O topo é o Miles.

Não houve muito que discutir entre elas. Se Allyson, Normani e Dinah queriam fazer um favor as outras, o melhor era ficar o mais longe possível dos

assuntos do cartel. E foi assim que Lauren, Lucy e Veronica idearam um plano

arriscado, porém fácil de executar para sequer pensar em fechar o caso.

- Se der certo, a gente vai ter um margem perfeito para ir atrás da agenda dele. Mas se der errado... Lauren, não sei se estamos preparadas para sermos descobertas pelo Viceroy! – Camila disse preocupada.

Já estavam na casa da agente. No caminho, Lauren contou tudo que tinha descoberto e enquanto Camila arrumava as coisas em "sua parte do guarda-roupa", discutiam sobre o plano.

- Eu sei, mas é a nossa única saída. Tenho quase certeza que esse aviso do Viceroy foi para outra coisa... Não posso me arriscar mais, Camila. Há cinco anos eu tento acabar com esse cara e se o Miles ficar no meio, não acaba nunca. – Camila a olhou com o cenho franzido.

- Por que esse desespero em fechar o caso assim? – Lauren deu de ombros.

- Estou cansada.

- Cansada de quê?

- Dessa vida. De viver assim. Tem horas que eu não sei se sou bandida ou se sou uma agente federal. Não sei quando foi a última vez que dormi sem pensar mil formas de acabar com tudo. Ou a quantidade de vezes que estive a ponto de atirar na testa desse desgraçado e acabar com tudo... – a latina assentiu aproximando-se e abraçando-a, o que Lauren retribuiu imediatamente. – E de continuar assim, será impossível pensar em um futuro...

- Eu também estou cansada... – a latina disse juntando-se mais ao corpo de Lauren que a olhou com o cenho franzido. – Quero dar um descanso a meus pais. Estive pensando em que aqui Sofia não tem muito futuro se quiser estudar medicina... Sem falar que a Ally está se fazendo de forte, mas eu sei que está sendo difícil conviver com toda a verdade sobre o assassinato da família dela...

Lauren assentiu suspirando.

- Não tem como continuar esperando as coisas acontecerem, Camz. – a latina concordou.

- Então... esse é o fim?

- Esse é o fim, flaca. Vamos acabar com tudo isso e começar nossa vida. – sorrindo abertamente, Camila enfim se afastou.

- Isso é algum tipo de proposta? – Lauren fingiu pensar, andando lentamente até ela, até levantá-la de repente, de forma que ficou abraçada a sua cintura. – Uma muito indecente, pelo que vejo. – zombou enquanto era jogada na cama.

- E você sempre tem razão. – a agente pontuou antes de beijá-la.

Não muito longe dali, mais um caminhão chegava a fronteira protegida pelos oficiais que, mais sorridentes do que o normal, recebiam "a carga". E entre elas, alguém que eles não identificaram e nunca sonharam encontrar. Talvez pela maquiagem dos golpes, o cabelo falso e as roupas. Ou talvez porque não era o tipo de mulher que acabaria nas mãos de uma rede de tráfico.

Era hora de começar com a primeira parte do plano, e Veronica estava mais do que pronta.

//

Quem já leu The Guardian? Ta com 7 caps já e muita treta!

Ei caralho, o que será que a Veronica vai fazer ai nesse meio? Sei de nada!

Chêro!

Salve gayzada! Deixei vocês de castigo porque, mesmo depois de toooodo o drama que fiz respeito as atualizações, ainda tive que ler algumas coisas. Sem querer ser grossa, mas já sendo, a única coisa que eu tenho obrigação de fazer na vida é morrer. O resto eu administro quando quero e como quero. Amo escrever, mas ficar fazendo pra agradar não é do meu feitio. A verdade é que perde o tesão acabar de postar um cap e que já venham as críticas de que agora vou ficar outro tempo sem att. Vamos curtir a história, elaborar teorias, pensar com os personagens, ler com atenção os detalhes pra se adiantar aos acontecimentos, imaginar as cenas para ter esse momento bem ali na nossa frente, como se estivessemos com elas, dentro dos carros... Vamos nos entregar a leitura, meu povo. Ao prazer de imaginar e degustar as palavras como uma boa tequila. VAMOS VIVER A HISTÓRIA. Não se prendam tanto a atualização, eu prometo que vai ser muito melhor!

Aquele chêro e meu muito obrigada!

BY THE WAY: NÃO DEIXE O SHIPP MORRER.

//

Essa minha secura
essa falta de sentimento
não tem ninguém que segure,
vem de dentro.

Vem da zona escura
donde vem o que sinto.

Sinto muito,
sentir é muito lento.

- Paulo Leminski, Parada Cardíaca.

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

Não muito longe dali, mais um caminhão chegava à fronteira protegida pelos oficiais que, mais sorridentes do que o normal, recebiam "a carga". E entre elas, alguém que eles não identificaram e nunca sonharam encontrar. Talvez pela maquiagem dos golpes, o cabelo falso e as roupas. Ou talvez porque não era o tipo de mulher que acabaria nas mãos de uma rede de tráfico.

Era hora de começar com a primeira parte do plano, e Veronica estava mais do que pronta.

Algumas horas antes...

Lucy terminava de colocar a peruca loira em Veronica, dando um passo atrás para verificar que estava tudo certo. Allyson chegava por trás com uma pequena caixinha retangular do tamanho de sua mão.

- Ok, aqui você tem o ponto e um localizador. Procure colocá-lo em um lugar praticamente invisível. Com três segundos de sinal o sistema reconhece uma coordenada. – Veronica assentiu segurando-o. Lucy tinha uma pasta aberta nas mãos, com uma foto.

- Essa é a agente López, nosso contato. Agente da DEA e infiltrada há pouco tempo, não conseguiu fechar o caso devido à vigilância.

- Ela tem cara de piranha. – Lucy riu revirando os olhos.

- Ela finge ser uma. – Vero deu de ombros.

- Não gosto da cara dela.

- Você não tem que gostar de nada, querida. – retrucou arqueando as sobrancelhas, ao que a esposa deu um sorriso amarelo.

- Sim senhora.

Lauren que estava de longe observando tudo com os braços cruzados, tinha um sorriso disfarçado pela interação, mas sua seriedade e preocupação eram evidentes.

- Não temos muito tempo, Vero. – Ally completou sentando-se à mesa. – Você precisa observar tudo.

- E se essa agente for dupla? – a baixinha deu de ombros.

- É o nosso risco.

- Finja que confia... – Lucy se intrometeu. – Mas deixe as costas cobertas. – Vero assentiu e suspirou, levantando-se. – Repassamos o plano uma última vez?

- Por favor.

Devido às últimas denúncias a Zuñiga e outros altos cargos da Polícia, a alegria dos policiais foi substituída por indignação com o aviso de que a "mercadoria" que acabava de chegar devia seguir intacta. Estavam sendo vigiados pelos Serviços Internos em parceria com o FBI, principalmente depois da reabertura do caso "La cazadora de choferes", e não era momento para diversão. Indignados, cederam à petição e liberaram a transferência.

As garotas mudaram do contêiner frio e escuro por uma van que as levou a uma casa nas redondezas.

Durante o caminho, Veronica observava o detalhe dos policiais, memorizando a identificação nas fardas e as características dos capangas, quem ela nunca tinha visto antes. Aquilo era definitivamente muito mais fácil do que olhar nos olhos aterrorizados daquelas mulheres, que não tão maltratadas como as que encontraram da primeira vez, mas ainda assim aterrorizadas. De todos os tamanhos e provavelmente idades, a agente repetia mentalmente que aquilo seria passageiro.

Quando chegaram a tal casa, mais parecida a um chalé superprotegido por outros homens armados, foram guiadas sem nenhuma delicadeza ao interior, sempre seguindo a ordem de "andele, que no tengo todo el día". Em silêncio, assustadas e caminhando um pouco desajeitadas, foram repartidas em alguns

cômodos já dentro da casa.

O de Veronica não estava vazio. Dentro havia uma jovem muito bela, com o cabelo um tanto descuidado, mas o rosto estava limpo. Tinha o cabelo castanho claro, era magra e aparentemente alta e com curvas muito bem definidas, diria que até operada. Tinha olheiras, mas era o mais parecido a um anjo. Estava sentada na cama e olhava para o chão como perdida.

O quarto estava limpo. Tinha duas camas, uma em cada extremo da parede, um grande armário branco, uma televisão e uma janela, obviamente custodiada por uma grade. Era branco e tudo parecia novo, até mesmo os lençóis com as marcas da embalagem.

Esperou a não escutar nada mais no corredor atrás da porta e olhou para jovem.

- Una vez es coincidencia, dos es casualidad... – a mulher levantou a cabeça e sorriu de canto.

- Y tres es la acción del enemigo. – Veronica sorriu sem jeito e olhou para o espaço vazio. A mulher duvidou, mas acabou movendo-se minimamente para o lado, convidando-a a sentar-se e estendeu a mão direita, assumindo uma pose firme e séria. – Agente López.

- Iglesias. – retribuiu apertando a mão.

- Mas pode me chamar de Angie. – disse sorrindo de canto. Veronica retribuiu.

- Eu sou Ana.

- Gostaria de ter alguma coisa pra te dizer, Ana, - debochou – mas a verdade é que sinto muito de que você esteja aqui. – a agente assentiu. – Suponho que sabe onde está e o que vai acontecer...? – Veronica assentiu lentamente. – Bem vinda ao inferno.

- O que é isso exatamente?

- Um cativado, onde só trazem as que são mais bonitas e atraentes.

As descuidadas e pobres acabam em uma Vila abandonada. Nesse armário – indicou com o queixo – há vestidos curtos, saltos tão altos que você não vai conseguir andar e maquiagem. Todos os finais de semana devemos, no caso elas devem, se vestir e estar limpas para receber os patrões.

Estupefata, essa era a palavra para definir a expressão de Veronica.

- Patrões? – Perguntou desconcertada e Angie assentiu.

- Os narcos. Eles chegam, elas desfilam no jardim, rezam para que não as escolham, até que o mais gordo e nojento escolhe e as obriga a fazer tudo que querem. Quando se negam, fazem à força; se aceitar de primeira, acabam rápido ou dormem pela droga e podem se retirar ao quarto.

Veronica riu sem dar crédito. E a outra agente continuou.

- São o que eles chamam de "muñecas de la máfia". Como pago por dívida de drogas, jogo ou a ilusão de que depois disso as deixarão livres para cruzar a

fronteira, todas as mulheres que estão aqui são na verdade escravas sexuais. Há dois fornecedores principais... – ao ouvir passos no corredor, se calaram. A porta se abriu e um dos homens colocou a cabeça para dentro.

- Señoritas, a comida será servida daqui a pouco. – com um olhar lascivo e nojento, sorriu mostrando seus dois dentes de ouro e se retirou.

- Piojo, o mais nojento e escroto de todos. Ele se aproveita da condição de braço direito do Braga para viver aqui. Dá em cima de todas e promete às mais inocentes e estúpidas uma saída rápida em troca de sexo. – Veronica fez uma careta. – Aconteça o que acontecer, esse filho da puta tem uma bala guardada em minha arma. – a agente assentiu e respirou fundo.

- Quanto tempo você está aqui?

- Três meses.

- E ninguém desconfia? – López negou.

- A DEA tem um acordo com dois dos outros seguranças, são os que se encarregam de deixar meu caminho livre e que não desça na presença deles. Mas meu prazo está acabando. Quando me avisaram que uma agente do FBI estava por entrar, foi um alívio. Mas precisamos ser rápidas, é nossa última oportunidade.

- E quanto aos fornecedores?

- Sinaloa e Juárez basicamente.

- Em parceria? – questionou confusa e López riu.

- Não, mulher. Por separado, obviamente. Mas os encontros costumam ser entre capatazes dos dois lados. Viceroy e Braga não aparecem por aqui, eles têm o próprio cardápio.

Assentindo, Veronica se levantou e retirou de dentro do vestido, colocado no interior de suas coxas, uma caixa preta e retangular. Ao abri-la, retirou um ponto de rádio que colocou no ouvido e encaixou algo atrás da televisão.

- Eu também não tenho muito tempo. A maioria dos capatazes me conhece e não vão demorar em perceber que há algo de errado. – López assentiu se levantando.

- Sua equipe é bem conhecida por aqui. – Veronica franziu o cenho e arqueou a sobrancelha. – Tanto pelo trabalho com o Viceroy como pela influência no FBI.

- De que equipe você está falando? – a outra agente sorriu com escárnio.

- Vamos, Iglesias. Vives e Jauregui, suas companheiras. Todo mundo sabe que são maderas. – disse com desdém. – Miles espalhou o rumor pelo negócio. – com a seriedade no rosto de Iglesias, 'Angie' mostrou as palmas em rendição. – Vou lhe deixar contatar com sua equipe e em cinco minutos volto para explicar o plano. Amanhã será o melhor dia para concluir a operação.

Quando ela se retirou, Veronica foi à porta que estava ao lado do armário, percebendo que era o banheiro e depois de uma olhada rápida em tudo, conferindo o pequeno armário e passando a mão nos lugares estratégicos como

privada ou a parte de cima do armário, ligou a torneira e ativou o ponto.

- Finalmente, maldita!

- Eu também estava com saudades, amor. – debochou lavando as mãos e retirando a sujeira do rosto.

- A próxima vez que você ficar cinco horas sem dar um aviso, eu juro que vou até aí e te mato. – a voz de Lucy ecoava em seus ouvidos junto ao barulho do que parecia ser um teclado.

- Ok. Não temos muito tempo e não sei até que ponto isso é seguro.

Agente López com certeza tem dedo nisso. Disse que amanhã iniciaremos o operativo, e eu vou repetir só para constar: ela é uma vadia.

- Como assim?

- Ela é tipo a Teresa, sabe? Meio que tenta te seduzir enquanto fala.

- Hmmm... – Lucy respondeu desconfiada.

- Ah, vocês precisam dar um jeito no Miles. – e Vero se apressou em mudar o foco.

- Eu sei. Lauren e Camila vão resolver isso hoje. Você está bem?

Eles... – Vero se apressou em responder:

- Sim! Digo, não! Eu estou bem, e eles não fizeram nada, ok? Eu preciso que você esqueça que estamos casadas por algum tempo e foque no plano. Lucy, eu te amo. E para que isso dê certo eu preciso de todos os seus recursos... – suspirando, a colombiana suavizou o tom do outro lado:

- Eu sei... eu... só não me acostumo à ideia de que você está em um prostíbulo...

- Cativoiro.

- Que seja! Por favor, Veronica. Não faça nenhuma besteira. Se cuide, ok? Falta pouco para fechar o caso.

- Sim, e depois iremos a Paris de férias. – brincou olhando-se no espelho com o rosto limpo e a peruca desajeitada. – Eu te amo, Lucy.

- Eu também te amo. Por favor, se cuide. Eu estou com você.

Lauren estava apoiada na barra do La Perla comendo um – ou vários – amendoim. Havia pedido uma cerveja enquanto encarava a porta a alguns metros. Camila estava sentada e olhava alguma coisa no celular.

- Sabe, acho que já está na hora de que você pare com essa infantilidade e converse com Veronica. – Lauren revirou os olhos.

- Não começa Camz. – bloqueando o celular, a latina o guardou no bolso da calça e a olhou.

- Você pode continuar fingindo, mas todo mundo percebeu sua preocupação.

- Nós não estamos acostumadas a nos separar nesse tipo de infiltrações. – com a cara de "sério?", Camila suspirou.

- Te dou o prazo até finalizarmos essa primeira parte para que você se resolva com ela...

- Camila... – a agente advertiu impaciente, mas a namorada ignorou.

- Ou caso contrário, deixo as duas trancadas dentro da mala do meu carro até se resolverem.

Mas antes que Lauren pudesse retrucar, a porta se abriu com o barulho do sino, mostrando um loiro alto, olhos azuis, cabelo bagunçado apesar de curto, com camisa social dobrada até os cotovelos, calça jeans, um cigarro nos lábios e um sorriso escroto.

- Jauregui! – disse abrindo os braços. – Quanto tempo, chefe.

- Miles. – respondeu seca com a proximidade do homem.

- Cabello... Sempre soube que você estava metida no alho. – apontou pedindo com a mão algo à garçonete que logo trouxe um copo com dois dedos de Jack Daniels.

- Não me diga. – ironizou seca enquanto se levantava,

Camila foi à mesa que estava mais afastada, acompanhada por eles.

Ela se sentou em uma esquina com Lauren ao seu lado, e Miles ocupou a cadeira a sua frente.

- Ao que devo a honra de me reunir com o casal mais temido de toda Chihuahua?

- Cala a boca, Miles. – Lauren disse sem paciência. Retirou a arma de suas costas e colocou sobre a mesa, deixando o agente confuso ou pelo menos aparentando. – Você devia saber que por aqui os boatos voam. – ele assentiu.

- E que os topos não são muito bem vistos... – Camila completou sorrindo. O sorriso do loiro desmanchou, ele enrijeceu o maxilar e ergueu o nariz.

- O que vocês querem? – Lauren deu de ombros comendo mais um amendoim.

- Por agora, me basta com que você mantenha a sua boca fechada.

- E se eu não quiser? – a agente riu, mas logo ficou séria.

- Eu acabo com você. – engolindo seco, Miles deu de ombros.

- Você tem mais a perder do que eu. – Camila interveio curvando-se um pouco.

- Eu acho que você não está entendendo, Miles. – enquanto ele bebia, arqueou a sobrancelha esquerda. – Nós não estamos negociando com você. Estamos apenas dando um aviso, uma trégua para que você mantenha o bico fechado enquanto fazemos o trabalho. Que você quer ser corrupto? – deu de ombros. – Não é problema meu. Que você quer ser parte de uma rede de tráfico? Tampouco. Agora, se eu tiver que me encarar com o Viceroy mais uma vez porque você anda conspirando, então...

Assentindo com uma espécie de bico, Miles aplaudiu.

- Olha só! Tal para qual. Incrível, Jauregui. Achou alguém igual a você. – a agente guardou a arma e se levantou.

- Não Miles. – abaixou-se minimamente à altura do ouvido do loiro e olhando para porta. – Ela é pior do que eu.

Apertou o ombro do homem e deixou três tapinhas. Acenou para Marina, a garçonete, indicando que deixasse tudo em sua conta, e se retirou junto à Camila.

Dinah e Normani estavam rindo de algo, apoiadas no Dodge quando as outras saíram do bar.

- Em uma escala de 0 a 10 Lauren Jauregui, quão sapatão você acha que eu sou, Mani? – a loira zombou fazendo Lauren revirar os olhos e Camila rir.

- Algum dia eu ainda vou descarregar minha arma em você, Dinah. – retrucou abrindo a porta do Gran Torino e entrando. Dinah fez uma careta e sussurrou um "rude", entrando no carro junto a Normani, enquanto Camila ocupava o carona de Lauren.

Já no armazém, Lucy e Ally calculavam as possíveis rotas de acesso ao cativeiro, à espera de mais informações de Veronica que, depois de comer e voltar ao quarto descreveu em código a quantidade de capatazes que haviam contado.

Esperando pela chegada das outras, Lucy parou um momento para observar como Allyson se desenvolvia com facilidade em tudo relacionado a sistemas, cálculos ou lógica.

- Onde você aprendeu tudo isso? – perguntou apoiando-se na mesa, observando como a jovem mexia no computador.

- Nunca fui muito sociável, então meu tempo livre eu passava estudando. – explicou com um sorriso tímido.

- E como você encara toda essa situação? – a loira franziu o cenho e parou de digitar, encarando a agente.

- Que situação?

- Suas irmãs, nós... sua família. – engolindo seco, Ally assentiu.

- Eu sempre fui muito protegida por elas, então basicamente nunca me salpiquei dessas aventuras, entende? – Lucy assentiu vendo o olhar orgulhoso da mulher. – Elas sempre estão aí, não importa se é uma missão ou se estamos apenas no Valle, sempre tem alguma de olho em mim, observando meus passos por se me distraio e acabo em problemas... Acho que no fundo me acostumei a ser a protegida, ou elas se acostumaram a me proteger... Mas quando descobri a verdade sobre meus pais, não senti a necessidade de jogar tudo para o alto e ir atrás. Eu me senti como sempre...

- Protegida. – Ally assentiu sorrindo.

- A ideia da Lauren me satisfaz mais do que simplesmente matar o Viceroy. – Lucy franziu o cenho.

- Qual ideia?

- Desviar todos os bens e negócios dele. Talvez ele não se lembre de

que um dia mandou matar uma família, mas quando ver todo o patrimônio indo para uma conta em um paraíso fiscal, ele nunca vai esquecer. – rindo, Lucy afastou-se negando com a cabeça.

- Sabe, vocês Cabello tem uma espécie de aura maligna, algo que escondem muito bem por trás dessa fachada de filhinhas do Alejandro e da dócil Sinuhe.

Allyson gargalhou dando de ombros.

- O que eu posso dizer? As aparências enganam.

- Absolutamente.

Depois de alguns minutos em silêncio, Ally encarou a colombiana com o cenho franzido.

- Lucy... – quando a latina levantou o rosto, Ally se aproximou com seu computador. – Vocês disseram que a Teresa tinha se aliado ao Braga para se vingar do Viceroy, porque ele matou o marido dela...

- Sim, e ficou com a agenda de contatos. Por quê? – Ally mostrou a tela, onde a foto da agente López estava ao lado da foto de Teresa e algumas reclusas durante sua condena na Espanha.

- Porque eu juraria que a agente López tem uma semelhança incrível com Patrícia O'Farrel, a primeira amante da chefe.

- Você pode ampliar a foto? – Ally assentiu e depois de digitar alguns comandos, a foto da antiga Patrícia estava ao lado da agente López. – Pero qué pendejada es esa...

- Quem for diabético sai do lugar que o docinho che... Ih, gente. Que cara é essa? – Dinah se aproximou com as outras. – Algum problema?

E não precisaram responder. Com ver a imagem na tela, tudo ficou subentendido.

- E agora? – Ally perguntou. Lucy estava visivelmente preocupada, esperando uma resposta de Lauren que respirou fundo e olhou para Camila. A latina assentiu levemente e a agente voltou o olhar à amiga.

- A gente precisa ir atrás da Teresa.

O território do Cartel de Sinaloa era muito mais calmo e organizado que o de Juárez. Joaquín Guzmán, "El Chapo", estava solto e com todo o exército mexicano atrás. Era um homem simples, não costumava sair muito pelo território nem ostentar. Apesar da grande fortuna, uma das maiores do mundo, El Chapo era bastante mão fechada. Mas não importava se estava escondido na selva, no monte ou em um chalé. O que acontecia em seu território era imediatamente comunicado.

Mas havia algo que tanto ele como Braga subestimavam, como uma grande porcentagem da humanidade: a astúcia das mulheres.

Camila era conhecida em primeiro lugar por ser quem era, e em segundo, pela jefa. Não era novidade nem segredo, Teresa nunca foi mulher de dar satisfações ou temer a opinião dos outros, muito menos se tratando de seus amantes.

Mas eles, os capos, machistas e com a ideia de superioridade, preferiam ter uma das mais perigosas e poderosas mulheres como alguém fútil... Grave erro.

Teresa não tinha seu poder por se envolver com capos. Seu poder era baseado em uma única coisa: segredos.

Para entender a situação dentro do cartel é necessário não perder de vista alguns pontos:

O poder é efêmero.

O tamanho sim importa.

Quanto maior o segredo, maior a garantia de vida.

Mantenha seus amigos por perto, e seus inimigos mais ainda.

Teresa era o lobo na pele do cordeiro. E elas sabiam. Claro que sabiam. Não foi atoa que Lauren revelou tudo que haviam descoberto sobre ela logo quando esteve com as meninas na agência. E tudo por esperar aquele dia. O dia em que estariam cara a cara com a única pessoa capaz de ajudá-las a sair ilesas e vitoriosas daquela missão. Teresa queria vingança, elas queriam justiça. Teresa queria acabar com eles, e elas querem acabar com o caso.

E chegados a esse ponto, finalmente entendemos, queridos leitores: tudo na vida tem um preço. A questão é... Estamos dispostos a pagar?

Uma cantina. Esse é o nome que os bares de bairro, botecos, recebem nas pequenas localidades. Simples, música ranchera, donos com espingardas debaixo do balcão, tequila e cerveja. Móveis antigos, lugar semi vazio. Mas não se deixe enganar.

Aquele gordo lendo o jornal e bebendo um café na esquina, bem ao lado de uma porta coberta por uma espécie de cortina, não é um cliente.

A garçonete do bar, também não é só a garçonete.

Nada é o que parece.

Por isso, a garçonete parou de limpar o balcão e olhou para o gordo que levantou o jornal, de forma que pudesse disfarçar que estava preparando a arma. Camila, Dinah e Normani estavam à frente de Lauren e Lucy. Ally estava no armazém esperando instruções para dar a Veronica.

A garçonete então deixou o pano e se apoiou no balcão.

- Em que posso ajudar? – mas seu olhar não intimidava a latina.

- Teresa nos espera.

Lauren já estava com a mão nas costas, segurando o punho da arma e atenta. Lucy tinha a mão na cintura, mas Dinah e Normani não. Elas mascavam chiclete e tinham cara de tédio.

A garçonete então entrou pela porta improvisada e pouco tempo depois voltou, dizendo algo ao gordo.

- Podem passar.

Disse por fim, e elas seguiram o caminho. Mas antes de cruzar a porta, Lauren deu um última olhada para o gordo e retirou a mão no último

momento, quando teve certeza que ele havia percebido o que ela escondia ali.

Um jardim com flores, jarros e algumas roupas penduradas no varal. Era uma espécie de cortiço, e em um caminho um tanto apertado, havia a porta de uma casinha no primeiro andar. Camila deu três toques e o "passem" não deixou dúvidas.

Sentada atrás de uma mesa imperial de kaoba escura em um ambiente escuro, Teresa fumava enquanto dois capangas estavam sentados um pouco mais atrás em um sofá, cada um segurando as armas apoiadas em suas coxas.

- Un buen hijo regresa a la casa. – disse com sua voz baixa e rouca, em uma expressão serena e sorridente.

- Jefa. – Camila saudou.

Teresa se apoiou na cadeira, fechando a pequena agenda que estava em suas mãos e levantando a esquerda, com um leve gesto fez com que seus homens se retirassem.

- Quanto tempo, diabla. Meninas. Sentem-se, por favor. – indicou o sofá que estava ocupado pelos capangas, e elas sentaram como se tratasse de algo natural, como se estivessem acostumadas. Lauren e Lucy observavam tudo, janelas, saídas, possibilidades de escapar caso fosse uma emboscada. Teresa caminhou até a poltrona frente ao sofá, cruzando suas pernas por baixo do vestido preto ajustado, mostrando seus saltos agulha. – Tranquilas, maderas. – disse sorridente e apontando ao sofá. – Aqui é território neutro.

E não era nenhuma surpresa. Uma mulher que declara a guerra a um dos capos mais perigosos do país, obviamente estava bem informada. E com sua ex ou atual(?) dentro da DEA, era mais do que evidente que já sabia a boa nova.

E o que elas podiam fazer? Nada. Por isso, se sentaram.

- Desde quando você sabe? – Lauren perguntou. Teresa sorriu.

- Desde que você começou a andar com as Cabello. – Lauren franziu o cenho. – Mas isso não é relevante. Estou esperando há um bom tempo por esse dia. Só não entendo por que demoraram tanto? – Camila pigarreou.

- Não estava em nossos planos interceder com o cartel de Sinaloa. – Teresa assentiu sorrindo torto e olhando a latina de cima a baixo. Incomoda, irritada e sem paciência, Lauren falou:

- Suponho que já sabe por que estamos aqui.

- Tenho uma ideia. – Normani, que Teresa pensava nunca ter escutado sua voz, finalmente se pronunciou e não parecia nada animada:

- Há quanto tempo estão traficando com mulheres? – a passividade da patrona desapareceu.

- Oigan a esta. – disse irritada. – O que te faz pensar que eu estou por trás disso? Por acaso se esqueceu de quem sou? – mas Normani não abaixou a guarda.

- Justamente por isso pergunto. – Teresa manteve o olhar firme nos olhos raivosos da morena, franzindo o cenho e ladeando a cabeça minimamente, mas finalmente entendeu.

- Parece que vieram planejando isso há muito tempo. Décadas... – grunhiu. – Esos cabrones... Não soube das falcatruas até mudar o negócio, e por isso dei um jeito. – disse firme, acomodando-se na poltrona.

- Eu não tenho interesse em você, Teresa. – Lauren explicou.

- Eu sei.

- Sabe?

- Sí hombre. Sei que querem a cabeça do Viceroy e acabar com o tema das mulheres. – Lauren assentiu. – Mas há um problema gringa. – a agente respirou fundo. – Eu também quero a cabeça desse hijo de la chingada. Então podemos chegar a um trato. Certo? – Camila olhou para Lauren que não desviava o olhar de Teresa. Dinah coçou a cabeça, Normani olhou para Camila e Lucy estava preocupada com a porta aberta.

- Depende do que você chame de trato. Não posso permitir que você continue com o tráfico. – Teresa revirou os olhos.

- Você sabe que se cortar uma cabeça aparecem outras dez. – Lauren deu de ombros.

- Meu trabalho é acabar com Juárez, mas não posso deixar via livre a Sinaloa.

- Nem que você não quisesse, gringa. Sabe quantos com o mesmo distintivo que você chegam aqui todo mês para receber um envelope? – debochou. – Você e sua equipe – olhou para todas – estão em um caminho muito perigoso.

Lauren se levantou, desistindo da ideia de colaborar, e então Teresa levantou o dedo.

- Mas... – a agente a olhou com o maxilar enrijecido. – Lhes ofereço uma trégua. México não é terra de gringo. Ajudo vocês a derrubar Juárez, vocês me entregam o Viceroy e eu lhe dou minha palavra que Sinaloa não cruza a fronteira.

- E as mulheres? – Normani intercedeu. Teresa sorriu tristemente, assentindo.

- Vou me encarregar pessoalmente que as maquiladoras tenham proteção e vocês levam os policiais. – aliviada, a morena assentiu.

- Temos uma dentro. – Lucy interveio preocupada, e a patroa novamente assentiu.

- Patrícia está louca, mas sabe o que faz. – Lucy olhou para Lauren, suplicando silenciosamente, então a tenente se sentou.

- Precisamos que você facilite o acesso ao Rodolfo. – Teresa riu negando e estalando a língua.

- Primeiro o trato, gringa. – Lauren demorou alguns segundos, mas assentiu.

- Temos um trato. – conformada, Teresa suspirou.

- Agora diga, o que precisam?
- Viceroy tem uma cópia da agenda que você facilitou... – Teresa

assentiu.

- Em um cofre muito bem escondido na finca. E não... eu não sei onde está esse maldito. Minha entrada por lá estava limitada, mas tenho quase certeza que está escondido no quarto ou no escritório. Se o que vocês querem é informação do Rodolfo, esse idiota não sabe nada. – disse com raiva. – A única coisa que quer é chamar a atenção do tio.

- Não queremos informação. – Lauren confessou. Teresa franziu o cenho. – Ele é o responsável pela trata.

As mãos da senhora se fecharam em punhos e seu rosto ficou vermelho tamanha a força que pressionava os dentes.

As meninas se olharam e quando ela finalmente se levantou, pegou um dos copos no móvel a sua frente, jogando-o na parede.

- Maldito bastardo! – gritou passando a mão no cabelo.

- Como você disse... – Camila tomou a palavra. – Há muitos policiais na carteira dos narcos, e um deles está facilitando a passagem. Não adianta acabar com o cativeiro, precisamos ir à rede principal. – Teresa assentiu encarando a janela.

- Acham que Rodolfo vai soltar algo? – a latina deu de ombros mesmo sem ser vista. E quando Teresa finalmente se virou encarando-as.

- Temos outros planos para ele. – Teresa assentiu.

- E do que precisam?

- Distração. – Lucy se meteu, falando acelerado e com seu sotaque peculiar. – Veronica precisa estar perto dele, mas os capangas a conhecem e não vai ser fácil.

- Quanto tempo? – a colombiana olhou para Normani que deu de ombros.

- Depende da memória do celular. Entre um e cinco minutos.

- Caray... ele vai precisar estar muito bêbado para não reconhecer ela. – disse passando a mão pelo cabelo. – Patrícia se encarrega dos cinco minutos, não muito mais, vocês sabem que ele anda custodiado. – advertiu levantando as mãos. – Consigo o tempo, mas o resto é com vocês. Como pensam tirar ela de lá? – dessa vez encarou uma Lauren com um meio sorriso que simplesmente olhou para Camila, Dinah e Normani.

Teresa riu assentindo. Lauren deu um passo à frente e estendeu a mão.

- Temos um trato? – Teresa assentiu e estendeu a sua também, apertando com força.

- Temos um trato. Quando souber do procedimento, envio uma mensagem.

Estavam prestes a ir embora, mas quando Camila passou ao seu lado, Teresa a segurou pelo braço.

- Acha mesmo que isso vai dar certo? – ao fitá-la, percebeu que não estava falando do plano. Sorridente, Camila olhou uma última vez para Lauren que a esperava na porta com cara de poucos amigos e então assentiu.

- Aposto meu Dodge.

Rindo, Teresa a soltou.

- Qué Dios me la bendiga, diabla.

E a deixou ir.

Prestes a entrar no carro, Lauren perguntou pela conversa, colocando seus óculos escuros.

- O que ela queria? – Camila sorriu olhando a janela e sentindo o vento junto ao ruído do motor do GT, apoiando a cabeça no banco.

- Saber se eu tinha certeza. – a maior franziu o cenho, encarando-a rapidamente enquanto colocava o carro na pista.

- Certeza de quê?

- De nós. Que vai dar certo. – Lauren a fitou novamente.

- E o que você respondeu? – Camila sorriu e arqueou as sobrancelhas.

- Que eu aposto meu Dodge. – Lauren retribuiu, daquele jeito que só fazia baixo o olhar atento da latina. Segurou a mão fina, entrelaçando os dedos e levando-a a seus lábios, onde beijou com delicadeza.

Agora sim era a hora. E assim como aquela rodovia extensa e sem fim, o futuro estava se apresentando. Desconhecido, talvez. Mas elas estavam preparadas. Essa era a única certeza.

//

Alguém aí ta sentindo o cheiro de treta, missão impossível, carro e tensão à flor da pele? Eu tô.

Capítulo 47 - Smells Like Teen Spirit

Salve gayzada!

Eu achei um pouco fraco, mas enfim. Estou morrendo de dor de cabeça.

Quero muito fazer um especial de Happy Ever After, vem acontecendo muita coisa nessa sociedade e quero falar disso. Então não sei como vou me organizar. Mas vou! Por agora vou tentar manter a rotina de um cap de cada fic, pra vcs não sofrerem tanto com a espera.

Obrigada pelo carinho, viu?

Um chero em vocês, lindas!

//

Eu andei pensando e...

Se eu falasse,

Se você escutasse,

Se nós fizéssemos...

Então, seríamos?

Se eu pedisse,

Se você aceitasse,

Se nós tentássemos...

Então, seríamos?

Se eu pudesse e,

Se você quisesse,

Então, seríamos.

– F., Natália.

O jogo havia mudado. Pelo menos as regras. Estavam todas reunidas no armazém e ao redor da mesa central onde Allyson tinha um mapa impresso. Todas observavam atentamente as indicações com uma expressão séria. Ally tinha marcado com uma caneta vermelha os possíveis pontos de distração e em azul os limites:

– Precisamos seguir o plano de qualquer jeito. São dois carros para tirar uma única pessoa, e vocês não podem chamar a atenção. – advertia apontando para Dinah que revirou os olhos. Lauren ainda estava reticente:

– Acho que estamos nos arriscando com dois. Tudo depende dela e da rapidez do sistema. Mais carros e mais pessoas dificultam a fuga e chama muito mais a atenção. – todas olharam para ela com a sobrancelha arqueada, mas Camila tinha os braços cruzados:

– E o que você recomenda tenente? – ignorando o tom irônico, Lauren deu de ombros:

– Um carro com três. Duas entram pelos fundos e abrem a fuga, a que fica deixa o carro o mais perto possível... Por exemplo... – assinalou um ponto no

mapa – aqui. A rapidez não é questão de quantidade e sim de agilidade. Não queremos que eles suspeitem, não queremos chamar a atenção.

Dinah e Ally desdenharam da teoria, mas Camila e Normani se entreolharam antes de dizer:

- Ela tem razão. – as outras as encararam, e Lauren sorriu torto.

Dinah estava perplexa:

- Vocês enlouqueceram? Precisamos cobrir uma à outra. E se der merda? – Lauren se intrometeu:

- Então estaremos preparadas para sair. – Lucy respirou fundo, apoiando as mãos na mesa:

- A ideia é dar certo, Dinah. – com ar desafiante, a loira também se apoiou e disse com o queixo empinado:

- E como você acha que tem que ser maderá? – antes que ficasse hostil, Lauren se meteu:

- Sem armas e sem barulho. Vocês três. – olhou para Camila, Dinah e Normani. – Como os roubos dos caminhões. Em silêncio esperam o sinal, entram, preparam a saída e tiram ela de lá. – satisfeita com a resposta, Dinah deu de ombros:

- Por mim, perfeito. – conformada, Ally interveio:

- Então vamos revisar de novo. Como a ideia é sem barulho, o SRT8 fica melhor. – Camila negou com a cabeça:

- Mas também precisamos de velocidade e o SRT8 não é o carro de um narco. Estou falando de um... – Normani sorriu e retirou uma chave do bolso, das automáticas que mais pareciam um controle pequeno, e Camila também sorriu convencida. – Exatamente.

- E por que não o meu? – Dinah se meteu. Normani a encarou segurando o rosto da loira entre suas mãos delicadas.

- Porque eu que vou dirigir. – a loira abriu a boca e olhou para Camila que deu de ombros:

- Não podemos chamar a atenção.

- Mas eu... – e foi interrompida pelos lábios da morena.

- Já passou. – Mani sussurrou ainda com os lábios unidos.

- Te odeio. – Dinah resmungou recebendo mais um selinho. – Agora odeio menos.

- Ok, casal. – Lauren interrompeu. – Já está quase na hora. – recebeu um olhar ameaçador de Dinah que sussurrou um "empata foda", mas ignorou. – Ally e Lucy, revisem a gasolina e o motor do carro. Dinah e Normani, vocês ficam com os materiais. – assentiram e se dispersaram.

- E eu? – Camila perguntou com os braços cruzados, mas logo sentiu sua cintura ser puxada pelas mãos de Lauren que a imprensou contra a mesa.

- Você pode ficar comigo. – imediatamente levou os braços aos ombros da maior, sorrindo antes de se entregar ao beijo lento e profundo. Quando se

separaram, Lauren deixou sua testa descansar sobre a de Camila e suspirou – Me prometa que não vai fazer nenhuma besteira. – a latina assentiu olhando-a nos olhos.

- Vai ser rápido. – Lauren suspirou mais uma vez, abraçando-a com mais força.

- Por favor...

- Ei! – a interrompeu. – Vamos entrar nessa casa, tirar a Veronica e trazer ela sã e salva. Depois iremos todos lá pra casa jantar e amanhã começaremos tudo de novo. Entendido? – Lauren demorou alguns segundos, mas assentiu. Afastou-se um pouco e levou a mão direita a suas costas, segurando sua arma entre as mãos. – O que você...

- Precaução. – Camila franziu o cenho. – E sorte. – completou fazendo-a sorrir.

- Uma arma pra me dar sorte? – Lauren a entregou e abraçou-a de novo.

- Não é qualquer arma. – Camila a olhou com o cenho franzido, sentindo-a muito próxima a seu rosto. – É a minha. – sussurrou fazendo a latina revirar os olhos.

- Convencida. – ficaram em silêncio e então ela a guardou em suas costas, cobrindo com a camisa.

- Cuidado. – Lauren advertiu uma última vez e Camila assentiu.

- Pode deixar.

No chalé, Patrícia e Veronica escolhiam um vestido no armário.

- Como diabos você acabou na DEA? – Veronica perguntou observando com a mulher encarava o armário aberto. Patrícia riu pegando um vestido prateado e colocando-o sobre a cama.

- Me pegaram na fronteira quando estava trazendo um carregamento para Teresa.

- E te ofereceram um posto? – perguntou irônica.

- Acordo. – explicou encarando-a séria. – Como você acha que está a reputação da DEA com tantos carteles e bandidos na rua? Eles foram criados para acabar com as drogas e há três meses um dos maiores narcos conseguiu fugir de uma prisão de segurança máxima. – Veronica franziu o cenho.

- Não é como se fosse à coisa mais fácil do mundo acabar com um cartel... – se defendeu ao que Patrícia assentiu, sentando-se na cama de frente pra ela.

- Sim. É necessário infiltrar um agente, que o agente consiga a confiança do narco e não acabe sendo corrupto. Muito me admira que vocês não tenham sido pegas... e de todos os que eu conheci, são as únicas que mantém o trabalho. – suspirou passando a mão no cabelo. – Olha só, Vero. Eu entendo que é uma merda e que vocês ainda acreditam no sistema. Mas o sistema paga pouco e exige muito. As mulheres dos

agentes reclamam que o dinheiro é pouco e eles nunca estão em casa. Então os narcos oferecem o que seu sistema não oferece...

- Dinheiro e tempo. – completou e ela assentiu.

- Exatamente. Fingem que estão investigando e podem ir pra casa, não arriscam a vida e todo mês chegam com um envelope mais cheio do que o anterior. Acha mesmo que eles querem acabar com o cartel depois disso?

- Mas isso está influenciando em outras pessoas, outras famílias. – Patrícia riu com escárnio.

- E acha que eles se importam? Olha bem pra essa casa, Vero. – abriu os braços. – Foi comprada única e exclusivamente para manter a jovens em cativeiro e abusar delas. Sequestram toda semana a centenas de mulheres para usá-las como escravas sexuais. Acha mesmo que esses filhos da puta se importam com algo? – a agente enrijeceu o maxilar. – Eles não se importam. E se quer um conselho, retire-se enquanto há tempo. – levantou-se para pegar um vestido vermelho, colocando-o ao lado do prateado. – É hora de se arrumar. Quando eles chegarem, tente se manter por trás das colunas e se Rodolfo aparecer, eu irei atrás dele. O resto você já sabe.

Veronica assentiu e se levantou. Mas Patrícia a advertiu:

- Cinco minutos, e nada mais. – Veronica sorriu convencida:

- Será mais do que suficiente.

O Porsche Cayman já estava preparado. Normani revisava a rota com Allyson e Dinah escutava as indicações de Lucy enquanto Lauren mostrava algumas fotos dos capangas que elas deveriam evitar manter contato visual.

- Todos esses te conhecem. – a latina assentiu ajeitando a peruca. – Por isso você tem que prestar atenção. O que você...

- Essa merda tá coçando! – reclamou. – E para de rir, idiota! – disse emburrada puxando o vestido preto para baixo. Lauren ficou séria e a encarou mais uma vez, com especial atenção na bunda. – Eu vou matar a Dinah. – a agente deu de ombros.

- Eu acho que é necessário interpretar o papel... – com o olhar assassino de Camila, ela fechou a boca. – Mas de fato é uma roupa bem... Ousada.

- Ousada? Esse vestido é da Sofia! – Lauren retirou as mãos da latina que estavam na peruca e as segurou em suas costas.

- Para de reclamar. O lado positivo é que ninguém vai desconfiar de vocês. – ao suspirar, o ar fez com que a franja da peruca balançasse. Lauren colocou os fios soltos delicadamente e se preparou para beijá-la, afastando-se na hora. – Se eu te beijar assim conta como traição? – Camila revirou os olhos e estava prestes a xingar quando sentiu os lábios da maior contra os seus em meio ao sorriso.

- Babaca. Da próxima vez, você que vai se fantasiar de piranha! – com o sorriso torto a maior deixava claro que aquilo nunca ia acontecer, mas soltou a latina.

- Preparadas? – Lauren gritou e as outras se aproximaram.

Dinah se aproximou sem as extensões, com um vestido vermelho que mal cobriam suas pernas e deixavam seus peitos quase pulando para fora com o decote das alças. Já Camila usava um preto tomara que caia e uma peruca loira na altura dos ombros. Estavam com uma maquiagem exagerada e usavam saltos cheios de brilho e plumas.

Normani e Dinah entraram no carro, sendo que a loira ocupou a parte de trás. Camila deu um último beijo em Lauren antes de ocupar o assento do copiloto e saíram do armazém. Lucy suspirou parando ao lado de Lauren:

- Acha que vai dar certo? – e Lauren assentiu vendo o carro desaparecer na pista.

- São as melhores. – olhou para amiga e a abraçou. – Logo, logo sua garota estará aqui.

- Eu espero que sim.

- Agora vamos fazer nossa parte.

Vicente Fernández, garçons, o jardim enfeitado com luzes e mesas, um banquete servido junto às garrafas de tequila e homens armados em cada metro quadrado. Desde o terraço à garagem. Cada perímetro estava coberto.

Enquanto isso, Patrícia ou como era conhecida entre as meninas 'Angie', conversava com algumas meninas que se negavam a sair, prometendo coisas ou tentando mediar entre elas com a promessa de que se fingissem e colaborassem, estariam fora antes do que pensavam. Veronica evitava olhar pra elas porque isso a levava a pensar em todas as que passaram por ali e as outras, as que "não tinham tanta sorte".

Confiantes nas palavras da que parecia ser a cafetina, elas se dispersaram e prometeram colaborar tentando tirar o máximo de informação possível dos homens ali presentes.

- Agora vamos atrás do Rodolfo. E Veronica... – disse encarando-a fixamente. – Cinco minutos. – a agente assentiu.

Do lado de fora os patronos vestidos com suas camisas de seda, calça social e sapato, conversavam entre risadas. Ouro, cabelo cheio de gel, bigodes e sorrisos sombrios. Os capatazes dos cartéis eram cordiais, caballeros como costumavam se chamar. As diferenças estavam do lado de fora.

Quando as mulheres enfim saíram, todos usaram sua melhor postura enquanto comentavam um "mamasita", "hermosa", "preciosa", achando que aquilo obviaria o fato de que todas estavam sequestradas e baixo a influencia de ameaças.

Veronica, como combinado, usava a peruca e o vestido prateado. Se mantinha atrás das colunas que rodeavam a grande casa, observando tudo.

Patrícia era mais comunicativa. Sorria e acenava para todos eles, inclusive deixando-se beijar ou abraçar pelos "já conhecidos".

A agente observou que na entrada havia quatro homens, cada um

com seu rifle e cara de poucos amigos. Caminhando pelo jardim ela contou três a cada lado, e pelo reflexo da água que havia em uma pequena fonte logo na entrada, pôde enxergar dois homens diferentes aproximando-se de vez em quando para ver o movimento em baixo.

Há alguns quilômetros da casa, Normani estacionava o carro vendo o telhado ao longe. Dinah e Camila ajeitavam a peruca e tentavam que os vestidos não ficassem subindo pelas pernas.

- Já estamos aqui. – a morena avisou pelo rádio e segundo depois escutaram a voz de Lauren:

- Muito bem meninas. Podem se aproximar e ao nosso sinal vocês entram pelo fundo. Fiquem atentas ao telhado.

- Certo.

- E tenham cuidado.

A comunicação encerrou e elas ficaram a espera.

Dentro da casa, Veronica já não sabia mais como se esconder dos homens, até que viu ao longe como Rodolfo pedia tempo a uma menina, entrando na casa com o celular na mão. E claro, Veronica procurou o olhar de Patrícia, que assentiu finalmente, e o seguiu até a sala, ficando perto da porta.

- Sim, está tudo combinado. Vamos fazer a transferência depois de amanhã. Meu tio disse que estamos prestes a sofrer uma emboscada, então quer manter o dinheiro a salvo.

Pela conversa, entendia que do outro lado alguém perguntava o valor. Ele olhou para os lados, a tempo de Veronica se esconder ainda mais, e então disse:

- Sessenta... No, pendejo. Millones.

Veronica arregalou os olhos e com a distração esbarrou na mesa atrás de si, derrubando um cinzeiro de prata. Rodolfo desligou imediatamente e saiu apressado na direção do barulho. A agente olhou para os lados e viu uma poltrona e conseguiu se esconder atrás.

Rodolfo chegou. Estava usando uma camisa azul marinho dobrada até os cotovelos, calça jeans e sapato social. Seu cabelo, um pouco grande, estava penteado para trás com gel. Era jovem e atrativo, se não fosse o bigode que usava, bem similar a aparência do Chapo. Olhou pelo lugar, mas ao não encontrar nada, ficou sem jeito. Acabou por encontrar o cinzeiro no chão e estava prestes a se abaixar, bem ao lado da poltrona, quando Patrícia apareceu na porta:

- Rodolfo! – ele a olhou com o cenho franzido. – Estava te procurando. – disse com um sorriso malicioso. – Venha!

E o puxou. Ele olhou pra trás uma última vez enquanto caminhava até a porta, e então se foi. Veronica saiu lentamente de seu esconderijo, suspirando.

- Essa foi por pouco.

Sussurrou e ativou o ponto em sua orelha direita.

- Hola perras. Mamá está de vuelta. Vou tentar fazer o download

agora.

Quando estava abrindo a porta franziu o cenho. "Espero que tenham me escutado". Disse para si e saiu se colocando em meio a multidão. Patrícia a olhou com uma cara de "aonde você estava, pendeja?" e logo desviou a Rodolfo que conversava animadamente com outro homem abraçado à mulher. Veronica observou o movimento ao seu redor mais uma vez e logo depois caminhou em direção a eles, se esbarrando de propósito em Rodolfo.

- Desculpe! – disse fingindo nervosismo e com a cabeça baixa. Ele franziu o cenho, mas Patrícia o chamou em seguida, então Veronica pôde se retirar. Entrou novamente na casa e foi em direção ao banheiro que estava logo na entrada. Fechou a porta e retirou um cabo pequeno com um dispositivo do seio, encaixando-o no carregador do celular.

Mentalmente contava o tempo que estava passando, quando o sistema iniciou a cópia. Agora tinha dois minutos e estava na metade.

Do lado de fora, Camila e Dinah conseguiam pular o muro dos fundos. Isso sim, os vestidos foram parar lá em cima.

- Maldita Lauren e suas ideias! – a loira praguejava ajeitando-se. – Você está bem? – perguntou com uma careta ao ver como Camila se remexia.

- Eu estou com uma maldita arma entre as pernas. Você sabe como isso é incomodo? – a latina se explicava sussurrando. Dinah fez uma cara de nojo.

- Ew! Espero que depois você jogue isso fora. – a latina revirou os olhos.

- Cala a boca e vamos logo acabar com isso. – caminharam desajeitadas pelo jardim e então analisaram a casa olhando para cima:

- Acha que vai dar certo? – Dinah perguntava segurando o braço da irmã.

- Eu espero que sim. – respondeu sussurrando e enfim caminhando de novo.

Quando estavam prestes a dar a volta e chegar ao jardim, um dos

capangas se aproximou irritado:

- Onde vocês estavam? – elas arregalaram os olhos, mas Dinah se adiantou:

- Procurando o banheiro. – ele franziu o cenho.

- Que banheiro? Aqui não tem banheiro!

- Ah... – ela disse se fingindo de inocente. – Percebemos.

- Já para o jardim! – ele ordenou irritado e elas assim o fizeram a tempo de ver como Veronica caminhava entre as pessoas, esbarrando-se de novo em Rodolfo e sorrindo. Se olharam, assentindo brevemente e se separaram. Enquanto ia até uma mesa ao canto, Camila sussurrou:

- Estamos indo.

- Veronica já está avisada. – Lauren informava pelo ponto. – Sejam

rápidas.

Dinah se misturou entre as meninas até chegar ao campo de visão de Veronica que assentia ante as palavras de Rodolfo, e então pediu licença. Dinah já estava prestes a segui-la quando sentiu um braço forte e peludo puxar sua cintura:

- ¿A donde vas hermosa? – o bafo de tequila e o palito entre os dentes. Belinchón era um senhor de quase 60 anos com o peito cabeludo sempre amostra em suas camisas de coqueiros. Dinah fez uma cara de nojo e procurou o olhar de Camila que praguejou fazendo uma careta.

- Ao banheiro. – disse sorrindo. – Retocar a maquiagem... – tentou se soltar, mas ele a apertou ainda mais.

- Não. Você fica comigo. – a loira engoliu seco, mas acabou assentindo. Talvez deveriam usar o plano B.

Belinchón então saiu cambaleando e segurando a mulher com toda sua força.

Veronica se afastava entre as pessoas, indo até o encontro de Camila.

- É bom ver um rosto conhecido.

- Não temos muito tempo.

Dinah passava na frente delas, dando de ombros e fingindo sorrir ao velho.

- E agora? – Veronica perguntou. Camila olhou para os lados e viu que o tal segurança de antes estava olhando para elas desconfiado.

- Agora a gente vai improvisar. – a latina olhou para o alto dissimuladamente.

- Que porra você está pensando? – Camila a encarou e Veronica suspirou, negando. – Essa merda de olhar. Só me diga que não vamos ter que usar as armas...

- Você sabe como chegar até aquela janela? – perguntou acenando com o queixo para uma que estava na lateral, sem muros, mas que era alta e dava diretamente a alguns arbustos.

- Acho que é um banheiro. Por quê?

- Vamos. – Camila a puxou pelo cotovelo e entraram na casa. A latina levou a mão a orelha e então disse um tanto baixo. – Dinah, há uma janela na ala esquerda, provavelmente um banheiro. Você precisa encontrá-la.

- Você enlouqueceu? – Veronica a parou empurrando contra a parede e sussurrando. – Aquela porra é muito alta! Não tem como sair por ali sem chamar a atenção! E o Belinchón? A gente precisa tirar ele do caminho.

- E você tem uma ideia melhor?

- Ela não vai conseguir pular! – Camila esboçou seu sorriso convencido com a sobrancelha esquerda arqueada.

- Quer apostar, maderá? – Veronica respirou fundo, erguendo-se.

- Uma caixa de pasteis doce. – a latina revirou os olhos.

- Um jogo de pneus. – a agente abriu a boca.

- Você joga baixo! – Camila deu de ombros.

- Você tem dinheiro. Agora vamos.

Saíram até a cozinha, olhando pela porta dos fundos.

Enquanto isso, Dinah era praticamente puxada pelo velho, que tentava subir as escadas. Quando chegaram a um quarto, ele a puxou e fechou a porta, sorrindo enquanto levantava as calças. A loira fez uma cara de nojo.

- Eu preciso muito ir ao banheiro. Será um momento, e eu já venho! Ok? – Belinchón rodou o palito em sua boca, pensativo.

- Um minuto. – disse tirando a arma de sua cintura. Mas Dinah assentiu e saiu correndo.

Abriu a primeira porta a sua esquerda, mas era um quarto. Saiu e tentou a outra, mas parecia trancada.

"Com certeza deve ser essa maldita porta". Pensou e tentou forçá-la, mas não conseguiu.

Do lado de fora, Camila e Veronica usavam um espelho para ter certeza que não havia nenhum capataz próximo ao lugar.

- Até ele ir ao terraço e voltar, deve ser uns três minutos. Acha que consegue? – Veronica perguntou tirando os saltos e Camila assentiu também segurando os seus. – Um, dois, três.

E correram em direção ao muro. A latina subiu com mais facilidade, estirando o braço para que Veronica conseguisse subir também, e então pularam ao outro lado. Justo a tempo de desaparecer atrás da parede quando o capataz que ficava no terraço finalmente chegou à parte dos fundos.

- Essa foi por pouco. – a latina disse sorridente. Caminharam abaixadas até dar a volta no quarteirão, onde Normani estava estacionada.

Dinah ainda tentava empurrar a porta quando Belinchón saiu.

- Aí está você. – disse sorrindo. Dinah respirou fundo. – Acabou o seu tempo.

A loira assentiu e caminhou até o homem, mas antes de entrar no quarto ele bateu em sua bunda, fazendo a loira parar onde estava e respirar fundo.

Dinah o encarou e sorriu.

- Você que pediu. – E sem dó, acertou seu punho fechado na cara do homem que caiu no chão. A loira olhou para os lados e o puxou pelo pé, colocando dentro do quarto. – Não é por nada, mas você devia fazer uma dieta! – disse finalmente ajeitando seu vestido e batendo uma mão na outra. Saiu novamente para o corredor e fechou a porta com cuidado.

- Dinah, você precisa sair daí agora! – Camila avisava pelo ponto.

- Cinco minutos.

A loira pediu parando frente a porta. Pegou distancia, olhou para os lados e acertou seu pé, abrindo-a. E assim como previsto, havia uma janela que de fato dava à rua. Mas era minúscula.

- Que porra é essa?! Não tem abertura nessa merda!
- Quebre o vidro, mas saia daí! Eles vão começar a subir agora e vai

ser impossível.

E como um mal presságio, a loira escutou as vozes pela escada. Se abrissem a primeira porta encontrariam Belinchón desacordado e com a cara sangrando.

- Tragam o carro e abram o teto solar.

Foi a única coisa que disse.

Olhou para os lados e não tinha nada. A decoração branca e azul de um vaso, um espelho em cima da pia e um chuveiro. Nenhuma toalha ou algum pano. Estava vazio. Tirou o vestido e o enrolou nas mãos, acertando-o na janela. Mas não quebrou.

- Porra! – se encolheu com a dor, mas se ergueu novamente. – Vamos lá Dinah Jane. Só um direto e você sai daqui.

Respirou fundo e fechou os olhos, deixando toda sua força no vidro que quebrou.

- Você ouviu isso?

Alguém disse no corredor.

- Acho que veio daquela porta.

- Eu espero que vocês estejam aí. – sussurrou tirando os sapatos e subindo na janela, só de lingerie. Viu o carro se aproximando, mas lento, já que não podiam chamar a atenção. – Agora, Camila! – gritou.

- Estamos indo.

- Tem alguém vindo, eu preciso pular!

- Espere!

- Agora, Camila!

E de fato, do outro lado tinha alguém prestes a abrir a maçaneta.

A loira olhou para porta, vendo como estava prestes a ser aberta, e então olhou para baixo. Era perigoso demais e estava só de lingerie. Calculou mentalmente os segundos e então viu como Normani acelerou. Dinah simplesmente pulou com os braços abertos, caindo no teto do carro e segurando-se na abertura.

- Rodolfo! – Patrícia o chamou e então o homem soltou a maçaneta e fechou a porta. – Por aqui... – o chamou com a mão para a porta em frente. E ele foi.

Dinah se jogou dentro do carro, caindo em cima de Camila só de lingerie.

- Que porra, Dinah! – a latina reclamou quando a loira entrou com a cabeça na abertura entre suas pernas e o painel, deixando a bunda na cara dela.

- O que você quer que eu faça?! Acabei de pular de uma maldita janela! – reclamava se contorcendo. – Que porra de carro tão pequeno. No outro dia não foi tão incomodo ficar assim...

Camila optou por passar ao bando de trás e foi mais fácil para loira se

acomodar.

- Dispensar comentários. – a latina resmungou tirando a peruca.

- Agora sim. – Dinah suspirou sentada. Olhou para Normani e sorriu, curvando-se para beijá-la.

- Desculpa o nervosismo. – a morena pediu sem olhar pra estrada, aceitando o beijo.

- Eu sabia que você ia chegar à tempo. – a morena sorriu, beijando-a uma última vez e olhando finalmente para frente.

- Melhorou na caída.

- Ando praticando.

- Oh céus. – Veronica finalmente se pronunciou. – Procurem um quarto! – a loira revirou os olhos e segurou no banco para olhar pra trás e perguntar:

- Conseguiu? – Veronica sorriu convencida e meteu a mão entre os seios, tirando o pequeno pen drive ante a cara de nojo de Dinah:

- Qual o problema de vocês em esconder as coisas nas partes íntimas?

- a agente deu de ombros:

- Não é como se eu tivesse mais opções, Dinah.

E continuaram o caminho em silêncio, enquanto se desfaziam das perucas. Depois que Dinah contou o que tinha feito, chegaram ao armazém. Lucy correu para os braços de Veronica, enquanto Ally e Lauren olhavam para Dinah confusas:

- Melhor não perguntar. – a latina disse abraçando a maior.

- Bem vinda a casa. – a recebeu com um beijo. – Você está com gosto de cereja. – Camila riu.

- É a moda entre as muñecas. – Lauren revirou os olhos com a brincadeira, limpando os lábios da menor com o polegar e logo passando-o em sua calça, beijando-a.

Normani foi atrás de uma camisa para Dinah, optando por uma dos Los Angeles Lakers que estava no armário. Depois de que Lucy teve certeza que Veronica estava bem, Camila olhou para Lauren com a sobrelance arqueada.

- Vai. – mas a maior revirou os olhos.

- Camila...

- Vai ou eu tranco vocês na mala do carro.

- Ela já está aqui...

- Lauren... – advertiu e foi ao encontro das outras. A agente se aproximou das companheiras com as mãos nos bolsos traseiros da calça.

- Bom trabalho. – disse com um sorriso amarelo. Veronica assentiu meio sem jeito, talvez decepcionada, e Lucy revirou os olhos.

- Oh, por favor! Chega disso! – Lauren coçou a nuca e estendeu a mão para Veronica que a olhou, depois olhou a mão e quando ia apertar, puxou a amiga a seu encontro, abraçando-a.

- Para com isso, branquela.

Apesar da demora, Lauren acabou abraçando-a com força e não precisaram dizer nada.

- Agora chega de drama e traz logo esse negócio! – Dinah gritou.

Veronica entregou o dispositivo a Ally que o conectou ao computador. Normani trouxe um balde com gelo e cerveja. Abriram e brindaram, bebendo em seguida. Lauren abraçava Camila por trás, Normani estava sentada na mesa e tinha Dinah entre suas pernas, e Lucy tinha o queixo apoiado no ombro de Veronica.

- Está tudo aqui. – Allyson avisou.

- E vocês não sabem do melhor. – Vero disse. – Ouvi uma conversa do Rodolfo com alguém de que depois de amanhã vão fazer uma transferência. Alguém avisou ao Viceroy que estamos preparando uma emboscada. – Camila franziu o cenho, intervindo:

- Emboscada?

- Sim, Camilita. E sabe o que eles vão transferir? – elas negaram e Veronica juntou o polegar com o indicador, indicando dinheiro. – Dinah se interessou:

- Quanto?

- Sessenta. – a loira arqueou a sobrancelha enquanto Vero olhava para todas antes de completar. – Milhões.

As expressões eram iguais. Perplexas.

- Sessenta milhões? – Dinah gritou. – Mila! – olhou para irmã. – Essa é a nossa vez de finalmente acabar com esse cara!

- Eu não sei... – olhou para Ally. – O que você acha? É válido como uma vingança? – a loira deu de ombros e sorriu, tímida.

- Já que a Teresa é quem vai matar ele... deixá-lo sem o dinheiro parece justo.

Camila olhou para Lauren que estava séria, mas deu de ombros.

- Pode dar certo.

Vero sorriu e levantou a garrafa.

- Temos uma missão?

E todas a continuação e sorrindo, alçaram as suas também, brindando.

É. Elas tinham uma missão.

Mr💎💎💎[💎💎

SALVE GAYZADA!

E chegou mais um final! O terceiro desses dois anos em que vocês permitem que essas minhas ideias loucas e descabeladas preencham o tempo e a cabeça de vocês! E a pesar dos 49 capítulos (jajá sai o último), nessas horas eu nunca sei o que dizer... Quem gosta do fim, não é mesmo? Sempre dá aquela sensação de que podia ser diferente, ter algo mais... Mas toda essa angustia se torna gratidão quando eu leio os comentários, quando alguém me chama para comentar ou simplesmente me procura no twitter pedindo capítulo. Eu devo a vocês muita coisa! Muito mais que meros favoritos e comentários. Muito mais que "popularidade" por escrever. Devo a vocês uma gratidão enorme por acreditar em mim, por me permitir e por apoiar todos esses projetos. Nenhuma dessas histórias seriam nada sem a participação de vocês. Então estou aqui, mais uma vez, ficando sentimental para dizer o meu mais sincero OBRIGADA. Obrigada pelo apoio, carinho compreensão na demora (me perdoem) e por mais uma vez me deixar ser parte da vida de vocês. Eu não conheço outra palavra para descrever isso, então vou ficando por aqui com o penúltimo capítulo dessa história que me fez ser maderá, narcotraficante, gangster, gringa, entender o bom funcionamento de um carro, como se deve passar a marcha... e a ser mais uma vez tudo que eu quisesse ser com o poder da escrita e imaginação.

Obrigada.

//

O pôr do sol deixava o céu como uma pintura em aquarela. Uma mistura de laranja, rosa e azul. O cenário perfeito para um encontro romântico... se estivéssemos em um conto de fadas. Mas quem disse que todo encontro romântico precisa ser clichê? Não para nossas protagonistas.

As latas de cerveja estavam perfeitamente colocadas a uma distância de uns dez metros, em cima de um apoio improvisado com pedras e tijolos. Em cima do capô do Dodge de Camila havia três tipos de armas. A Glock de Lauren, um revólver calibre 47 e um rifle. Depois de vários minutos memorizando cada parte e como tirar o seguro de cada uma, Camila finalmente se dizia pronta para atirar. Impaciente como sempre...

- Mantenha o braço firme e estirado. – a latina assentiu segurando a Glock. Lauren se colocou por trás e com o pé direito a obrigou a abrir um pouco mais as pernas. – Deixe o apoio do corpo na perna direita. – e ela assim o fez. – Escolha uma lata.

- É realmente necessário que você fique sussurrando essas coisas no

meu ouvido? – perguntou impaciente. Lauren riu e mostrou as palmas, afastando-se e finalmente ficando ao lado da latina.

- Agora mire e quando estiver preparada, atire.

Ela escolheu a do meio, fechou o olho esquerdo, respirou fundo e atirou, sentindo o impacto. Quando abriu o olho Lauren estava rindo.

- iCarajo!

- De novo.

- Essa arma está com defeito! – a agente revirou os olhos.

- Camila, eu te disse que era difícil.

- Eu estou falando sério! Fiz tudo como você mandou, a mira estava certa, Lauren! – retrucou irritada. A agente arqueou a sobrancelha e estendeu a mão direita. Camila aceitou o desafio com aquele ar de superioridade, entregando a arma à namorada.

Lauren ativou o seguro e desativou, colocando-se ao outro lado da latina que a observava com os braços cruzados. Confirmou que estava tudo bem olhando ambos os lados e então estirou o braço, fechando o olho esquerdo e mirando para as latas. Mas longe de se colocar em posição, virou-se para Camila e a encarou.

- A arma está com defeito? – a latina arqueou as sobrancelhas e assentiu, teimosa. Lauren deu um sorriso convencido, acompanhado de um som nasal de deboche tipo o "rum". E então, com o braço estirado, mas sem desviar o olhar da latina, apertou o gatilho. Além do barulho do tiro, a mesma lata que Camila tinha mirado, a do meio, caiu no chão.

A menor abriu a boca em descrença, encarando a morena com os olhos arregalados. Lauren deu de ombros e entregou a arma a ela.

- Que porra foi essa? – perguntou ainda atônita.

- O problema é você, não a arma. – e a expressão de surpresa se tornou em raiva, mas Lauren deu as costas, indo em direção ao capô, escutando o reproche em sussurro de Camila:

- Gringa exibida.

- Eu ouvi isso. – disse revisando o revolver prateado. A latina revirou os olhos cruzando os braços.

- Pendeja. – Lauren se virou novamente, já com a arma na mão e sorriu.

- Isso também. – Entregou a arma e novamente se colocou atrás de Camila, mas dessa vez muito mais próxima. Apoiou sua mão em cima, apontando para frente. – Escolha uma lata. – Camila respirou fundo e guiou a arma até a que estava na ponta direita. Lauren aumentou a força de sua mão e encaixou seu dedo junto ao da latina dentro do gatilho. – Mire. – Camila respirou fundo de novo e fechou o olho esquerdo. Tudo isso baixo o olhar atento da maior. Ambas contaram três segundos silenciosamente e os dedos pressionaram, disparando.

A lata caiu.

Camila abriu os olhos surpresa e Lauren deu um passo atrás:

- Seu problema é o nervosismo. – disse caminhando até as latas, onde pegou uma e a apoiou no teto do Dodge.

- O que você acha que está fazendo? – Lauren sorriu convencida, afastando-se.

- Te levando ao limite.

- Lauren, tira essa lata daí. – exigiu com os dentes apertados, mas a agente tinha uma cara de "ops, não".

- Você pediu pra aprender a atirar e eu estou te ensinando, amor. – Camila enrijeceu o maxilar. – Mire. – ordenou afastando-se. A latina respirou fundo, dando um passo atrás e enfim obedeceu.

Se errasse um só milímetro poderia acertar seu adorado carro. Tudo a sua volta ficou em silêncio e então ela simplesmente fechou o olho esquerdo. Mirou. Contou mentalmente até três e atirou, levando a lata para longe. Lauren aplaudiu fazendo uma careta de "muito bem", com uma espécie de bico, e Camila enfim respirou aliviada.

Mas antes que pudesse fazer algum comentário, seu celular soou. Era Veronica. Sem responder nada, apenas desligou.

- Viceroy mandou o aviso. – Camila assentiu sentindo os lábios cálidos da agente sobre os seus, que, abraçando-a, suspirou ao encará-la. – Vai dar tudo certo, ok? – a latina assentiu lentamente, sentindo mais um beijo, dessa vez um pouco mais longo. – E Vero mandou dizer que os pneus chegaram. – a tensão desapareceu no mesmo segundo, fazendo-a sorrir.

- Uma perdedora de palavra. – Lauren revirou os olhos afastando-se indo em direção ao Gran Torino.

- Lauren! – a latina gritou e, antes de entrar, a morena a encarou com o cenho franzido. – Tem certeza que você precisa ir? – a agente assentiu.

- São ordens, Camz. Deve ser sobre o transporte. – Mas o olhar de Camila não era convencido. – Aconteceu alguma coisa?

- Eu só... – sacudiu a cabeça espantando seus pensamentos. – Se cuide, sim? – Lauren sorriu e assentiu, entrando finalmente no carro.

- Não se atrase. – pediu antes de partir e Camila assentiu, vendo como a agente ligava o carro e desaparecia levantando a poeira do Valle. Mirou novamente as latas que tinha no muro e atirou, derrubando mais uma.

- Que pase rápido, por favor. – suplicou encarando o horizonte.

No armazém, Lauren encontrou Lucy e Veronica com uma Normani um tanto séria explicando algo em um mapa que estava sobre a mesa.

- Cadê a Camila? – Vero perguntou confusa. Lauren desconversou:

- Terminando de guardar as coisas. Já está tudo pronto? – as três assentiram e Normani virou o papel para que Lauren pudesse observar:

- O ataque será feito aqui. – a morena apontou para a estrada. – Logo

desviaremos pelo Valle, como combinado. Os sopros informaram de dois apoios. Um na frente e um atrás, cada carro com quatro homens.

- E dentro? – Lauren insistiu, mas foi Vero quem respondeu.

- Só chegando lá para saber. Pela quantidade, provavelmente uns dez contando com a gente. – Lauren assentiu satisfeita enfim. Mas continuava encarando o mapa.

- Alguma rota de desvio? – Mani assentiu rapidamente:

- Em caso de problemas, levaríamos-los ao desvio do Valle, quase cortando pela fronteira com Juárez.

- Muito bem. Os carros estão preparados? – Normani assentiu. – Então chega de conversa. Vamos acabar com isso logo.

Na noite anterior...

Elas estavam reunidas na cozinha do armazém. Algumas cervejas sobre a mesa e um grande mapa rabiscado. Do lado esquerdo da mesa, Camila estava no colo de Lauren em uma cadeira. Ao lado delas, Normani tinha a coxa esquerda sobre a perna direita de Dinah, sentadas uma ao lado da outra. Ally estava na cabeceira, sentada sobre suas pernas no assento, e Lucy recebia beijos suaves de Veronica em sua nuca, também sentada no colo da mulher, do outro lado. Dinah acabava de mastigar um pedaço de pizza, falando:

- Acha que os cabos vão aguentar o cofre? – Allyson assentiu.

- Sim. A questão principal não é o peso e sim os obstáculos. O caminho do Valle está cheio de pedras e falhas. Vocês vão precisar de muita coordenação para seguir a rota. – a loira olhou para Normani como dizendo "ouviu, né?" e a morena revirou os olhos. Lauren então interveio:

- Espero que não seja Dinah a responsável pela porta. – a loira fez uma cara séria e irritada.

- Qual o problema se for, Jauregui? – Lauren fingiu estar assustada.

- Com essa pontaria de vocês, com certeza vai acabar em merda. – mal terminou a frase e recebeu um tapa na coxa. – Ai, Camila! – a latina ignorou a queixa revirando os olhos e desconversou:

- Então Dinah e Normani ficam com o transporte, Ally com o controle e eu com a escolta. – todas assentiram. – E como desviamos os comboios? – Lucy se adiantou em responder:

- Go hard or go home, flaca. Usem a magia das ruas. – insinuou arqueando as sobrancelhas sugestivamente. – Mas Normani estava preocupada com outra coisa:

- E o Viceroy? – de repente todas ficaram sérias. Lauren suspirou encarando a morena:

- Teresa fica com ele. – a morena enrijeceu o maxilar. – Foi o acordo, Mani. – mas finalmente assentiu. – Uma vez que o dinheiro e o caso estiverem fechados, iremos atrás do Zuñiga e dos outros, tudo bem? – sorrindo sem mostrar os dentes, pareceu mais convencida. E para mudar de assunto, Vero interveio:

- Então temos um plano? – levantou a garrafa de cerveja.

- Temos um plano. – responderam todas brindando.

O caminho até o encontro do Viceroy foi curto. Lauren optou por seu carro enquanto o casal ocupava o carro de Veronica. Parecia mentira que, cinco anos depois tudo fosse acabar em questão de minutos.

O ponto de encontro era uma antiga fábrica de carvão perto das maquiladoras. Havia vários carros, alguns mais antigos que outros, e muitos homens. Homens armados. Homens que Lauren conhecia muito bem, porque além do mais, estavam fardados. Não era de surpreender, mas quando você está a vários anos trabalhando infiltrada para um narco, aprende algumas coisas. Por exemplo, a confiar em seu instinto. Se você acha que algo errado vai acontecer, então a probabilidade de que assim seja é muito, muito, alta. Por isso antes de descer do carro ela recebeu uma mensagem de Lucy:

QRR

E então ela soube que, longe do que esperava, os minutos talvez fossem algumas horas.

Abriu o porta-luvas e retirou um revolver, colocando-o nas costas junto à Glock inseparável, e cobrindo-os com a camisa. Veronica manteve a chave dentro do carro e apenas fingiu travar a porta. Um pouco de longe, seu olhar se cruzou com o de Lauren que assentiu quase imperceptivelmente. E enfim as três caminharam para dentro do local.

Foram recebidas por olhares aleatórios, mas como era de costume, ninguém demorava mais de três segundos com o ato, além de falta de respeito insinuava desconfiança.

Chuy estava descendo do caminhão quando elas entraram, encarando-as sério. Nada de meio sorriso ou aceno como lhe era peculiar. E ali elas tiveram a confirmação. Veronica se aproximou coçando o nariz disfarçadamente:

- Isso está cheirando a merda. – Lauren permanecia impassível:

- Calma. – respondeu com sua calma de sempre.

- Envia o aviso. – Vero pediu nervosa. Mas Lauren olhou ao seu redor.

O que adiantaria? Era arriscado demais.

- Ainda não.

- Lauren... – Veronica advertiu, mas antes que pudesse dizer algo, Viceroy apareceu em cima do contêiner.

- Ora, ora se não são minhas belas e adoradas guardiãs. – limpou uma mão na outra e sorriu sem mostrar os dentes. – Depois de tanto tempo, aqui estamos em mais uma aventura.

Mas as três continuavam paradas, uma ao lado da outra, encarando-o sem nenhuma expressão. E como em uma obra cujo personagem principal tem que aparecer para começar a função, Miles apareceu montando sua arma ao fundo e

sorrindo:

- Olá, senhoritas. Quanto tempo. – e o frio na espinha de Lauren ao ver todos os homens que as rodeavam aproximando-se confirmou suas suspeitas.

- Algum problema, Viceroy? – ela perguntou. O homem colocou o indicador no queixo, como pensando. Irônico demais.

- Sabe que sim, Lauren? – confessou estalando a língua. – Estou um pouco decepcionado... – ele mostrou as palmas. – Ofereci minha confiança a vocês. Abri as portas da minha casa, deixei minha família e meu negócio aos seus cuidados... E mesmo assim parece que não foi suficiente. – Veronica olhou para Lucy disfarçadamente, percebendo que estavam agora dentro de um círculo.

- Eu não sei do que você está falando. – Lauren disse séria e impassível, olhando profundamente para Miles, que tinha a sobancelha arqueada logo atrás, como assistindo tudo de uma posição privilegiada.

- Ah não? – o narco debochou. – Vamos ver se você entende melhor... tenente Jauregui? – e foi então que Lauren enrijeceu o maxilar, fechando as mãos em punho. – Agora ficou mais claro?

Mais que pela descoberta, Lauren se irritou pelo rango. Maldição, ela não era tenente! Bom, não oficialmente... Imediatamente as três olharam ao redor, calculando toda a situação tão rápido como o tempo passava.

- Eu realmente gostava de vocês. Mas... pensaram mesmo que eu nunca ia descobrir? – Perguntou risonho. – Três agentes do FBI dentro do meu negócio, ainda por cima rindo da minha cara, e realmente confiaram que sairiam daqui pela porta? – então ele riu estalando a língua e apontando com o indicador pra elas. – Foi um ato de coragem, senhoritas. Devo reconhecer que tiveram uns ovários bien grandotes. Mas infelizmente eu estou ampliando meus horizontes e... – deu de ombros suspirando com falsa pena – Não há espaço para vocês.

Viceroy fez um aceno com as mãos e de repente, os dez homens armados estavam apontando para elas que, sem pudor nem abaixar a guarda, também retiraram as suas. Cada uma com duas e apontando para esquerda, meio e direita, formando um semicírculo e cobrindo todos os ângulos possíveis. Os braços abertos e o rosto sério.

- Sério isso? – Miles perguntou com deboche. – Acabou, Lauren. – disse impaciente. Mas Lauren já tinha um plano.

- Isso só acaba quando eu quiser Miles. – respondeu olhando para os lados rapidamente. E havia algo que Miles estava obviando. Não eram agentes principiantes, e ao contrário dele, conservavam uma lealdade. Tanta, que elas sempre tinham um plano B em comum. – O que você acha de uma Corona, Vero? – perguntou descontraída. Miles olhou para Viceroy que estava com o cenho franzido, também sem entender.

- Agora? – Vero perguntou e enrijeceu o maxilar, não gostando nada do que estava por vir. – e então Lauren respondeu:

- Agora.

Sem esperar, as balas começaram, caindo seis dos homens armados, cada um com um tiro na cabeça, e logo depois Veronica e Lucy corriam para saída, sendo amparadas por Lauren que atirava, até que acabou no chão ao ser baleada, segundos depois.

- Lauren! – Veronica gritou tentando voltar, já na porta, mas Lucy a puxou pela camisa, abandonando o lugar às pressas e indo em direção ao carro e arrastando às pressas, recebendo os tiros em seu para-choque.

Enquanto escapavam, Veronica retirava o telefone e marcava um número com as mãos tremendo. Dentro do armazém, Viceroy esbravejava:

- ¡Inútiles! – gritou irritado. – Eram três, maldita sea. Vocês não servem nem para isso, imaricas de mierda!

E com apenas três homens em pé, entre eles Miles, o narco precisou respirar fundo para acalmar sua raiva. Miles se aproximou as pressas do corpo de Lauren, ajoelhando-se e tomando o pulso:

- Ainda está viva. – Viceroy enrijeceu o maxilar:

- Ela vai com a gente.

Lauren POV

O mundo do tráfico tem duas vias. A primeira, a ascensão. Quanto mais o capo confia em você, mais responsabilidades caem em suas costas. Se o trabalho for bem feito, dinheiro e poder é o que não lhe falta. Porém, o dinheiro vem sujo de sangue e carregado com a alma de quem consome a droga. E o poder, é tão efêmero quanto o vento no deserto. Quanto mais importante você se torna, mais inimigos atrai.

A segunda via é a mais fácil. A morte. Só que dentro dessa opção há outras três. A primeira, inesperada. Seu inimigo te pega de surpresa e fim. A segunda, pela polícia ou vulgarmente conhecidos como 'maderos'. Se tem uma coisa que nós odiamos é bandido. Não importa a crença, cor da pele ou etnia. Bandido é bandido, e traficante é a pior raça deles. Assim como nós alimentamos nosso ódio por eles, a cada "pacote" que fechamos, parece que o orgulho por levar o uniforme aumenta. Já para eles, um madero morto é caixão e vela. Não descansamos até encontrar o assassino, e fazemos questão de oferecer uma morte lenta.

A terceira e última via é a mais perigosa: traição. Não há perdão no mundo dos carteles. Aqui se faz e aqui se paga. Não importa cargo, nome, dinheiro ou se é protegido de alguém. Andar fora da linha, note-se a ironia, é a via mais fácil de conversar com Deus.

E quando uma traição é descoberta, o melhor é fechar os olhos e pedir perdão pelos pecados. Por que... Caso você continue respirando, o final além de longe, fica pior.

Com a cabeça dentro de uma bacia com água gelada, aguentando a falta de ar por dois minutos e com os pulmões ardendo, vocês podem ter uma ideia

do que estou falando.

Sinto meu cabelo sendo puxado com força e o ar finalmente chega. É a quinta vez, mas estão apenas começando. Como eu sei?

Bom... Se lembra do rango de tenente?

Seis anos atrás, Útila – Honduras

As bases do Afeganistão não se comparam em absoluto com o treinamento das forças especiais do exército americano.

Agentes de todos os serviços de proteção são escolhidos a dedo para receber o 'convite'.

Primeiro você entra na academia com a aspiração de ser um agente especial. Os filmes de policiais, guerras e as bases ultrassecretas da CIA parecem um sonho. A soma dos resultados nas provas de tiro, resistência, e a capacidade de atuar sob pressão em um operativo surpresa, te levam a uma sala com seu superior. Uma pasta marrom com o selo de 'top secret', e o convite é feito.

"Você tem muitas qualidades, Lauren, e queremos te ensinar a explorá-las". Assim de fácil, e eu acreditei. Quando disse sim, estava dentro de um avião militar com outros desgraçados sem saber o nome ou o destino que nos esperava. E foi lá mesmo onde tivemos a primeira prova.

Descer do avião... De paraquedas.

Foda-se o medo de altura, nunca ter usado ou sequer saber aonde diabos vai cair. Mas nós não estávamos ali para umas férias, e achar que tudo seria fácil era um erro. Por isso só tinha um jeito de descer, e foi o que fiz, sem saber que estava perto de conhecer o inferno. Cada um recebeu uma mala. Um macacão verde militar, óculos, capacete, e uma mochila.

"Soldados! Esperem trinta segundos e puxem as fivelas. Tentem não cair dentro do mar. Os tubarões estão em época de migração".

Alguém tinha que ser o primeiro. Ninguém se candidatou, e lá fui eu. Aquela foi a primeira lição de que minha prepotência me levaria à morte, ou à cima. Então eu não pensei, apenas pulei, e trinta segundos depois, sentindo o vento no rosto e com a sensação de que ia morrer – algo indescritível – puxei as fivelas. Sorte de principiante, com certeza, e fui em direção à areia, onde um grupo de militares me esperavam.

E qual não foi minha surpresa quando o homem vestido de preto baixo um sol escaldante, chamado por Comandante J entre seus subordinados, não era mais que meu pai. Se eu sabia que ele era parte disso? Não. Mas agora fazia sentido as feridas que o levaram àquele hospital.

Poupando a maioria dos detalhes nojentos, eis que aprendi algumas coisas básicas para sobreviver em uma ilha no meio do mar Caribe, além de claro, aguentar todos os tipos de tortura.

Fome, sede, frio, calor, choque, espancamento, falta de ar, afogamento, rotura de ossos, sutura de feridas, humilhação... O 'treinamento' te preparava para ser imune a tudo. A não abaixar a guarda frente ao inimigo, a salvar

um povo sendo um só. A resistir e a lutar, mas acima de tudo, a nunca ceder.

"Bem vindos soldados. Sou o comandante J e a partir de agora vocês vão aprender a sobreviver em situações extremas. Aquele que consiga superar todas as provas, sairá daqui com o posto de tenente e preparado para iniciar sua missão como meu subordinado na Área 0. Tudo que os senhores presenciarem aqui é informação confidencial e serão submetidos a um conselho de guerra e pena máxima, caso decidam compartilhar com alguém."

Ele não me olhava. E foi melhor assim. Seu tom era frio e firme. Com as mãos atrás das costas, a cicatriz visível por baixo da gola de sua camisa e o queixo erguido. Não havia rasto do meu pai naquele comandante.

Ninguém decidiu abandonar, pelo menos naquele momento.

"A primeira prova consistirá em encontrar a base."

E seus subordinados nos entregaram outra mochila. Uma Glock com apenas dezesseis balas, uma única garrafa de água, uma faca, uma corda de uns 10 metros e um relógio à prova d'água com bussola. E no bolsinho da frente, enrolado como um laço como se fosse um obsequio, era um fodido mapa. A merda da selva toda, e no meio, bem no meio, um quadrado.

"Os três primeiros em receberão comida e cama, o resto será punido com fome e o chão. Se acham que é muito difícil, não me façam perder o tempo. O lema aqui é simples, e espero que tenham isso em mente daqui até o final da missão, go hard or go home".

O que era aquilo eu não tinha a menor ideia. Talvez a prova de sobrevivência mais escrota que já tinha visto. Mas o lema era fácil de entender.

E comparado ao que estava por vir, aquela foi a mais fácil. Antes de começar, nos dividimos em três grupos de três. Pensamos que era o mais justo para que ninguém ficasse a míngua.

Lembra-se de Leila? Sim, a que Camila quis matar na homenagem ao Chris. Ela, junto ao Henry foram meus companheiros.

Nos orientamos tentando marcar uma rota. Não importava desde que ponto, todos os caminhos nos levariam à base. A questão era chegar primeiro. E como havia dito o comandante, era hora do show.

Go hard or go home.

Entramos pela zona oeste da floresta, mas não descobrimos isso até que estávamos correndo e desviando os galhos. Custou um pouco a entender que a pressa não adiantaria de nada se no final acabaríamos feridos ou sem fôlego. Eu ocupei a frente, tentando encontrar algum caminho. Leila tinha o lado direito sob sua custódia e Henry, o último, ficou com o esquerdo.

Nenhum animal selvagem apareceu em nosso caminho, mas os sustos eram constantes pelos malditos macacos em cima das árvores. Ninguém disse uma palavra até que, seis horas depois caminhando com intervalos de dez minutos a cada hora, finalmente avistamos a primeira parede de cimento.

E se você acha que fomos os primeiros... Uma piada. Fomos os últimos. Uma decepção para o papai.

Como anunciado, nos deixaram em um quadrado úmido com uma janela que era um quadrado com cristais sujos. Uma privada e o chão. Mas a exaustão foi tanta que ninguém nem sequer se preocupou com a fome.

E as provas que vieram foram piorando.

Atravessar um rio com a presença de serpentes na calada da noite, interrogatórios intensos nos quais você presenciava como um psiquiatra vestido de verde e com quase dois metros de altura faziam do seu companheiro um mero fantoche.

Henry, um marmanjo de 2,10 metros, a cabeça raspada e no corpo de um fisiculturista, chorou como um bebê quando o filho da puta do psiquiatra falou de como sua mãe sofreu na luta contra o câncer. E quase quebra a cadeira na qual estava amarrado quando ele tocou no nome de seu pai, alcoólatra e covarde, que espancava ele e seus irmãos.

Eu tinha vontade de gritar que parassem, mas a prova não estava sendo com ele e sim conosco. Eu sentia o sangue borbulhando dentro de mim, mas o que podia fazer? Se interrompesse então estaria dando exatamente o que eles queriam.

Por sorte, esses interrogatórios eram feitos uma vez a cada três dias. Ou isso pensei até que foi minha vez.

"Ora, ora. A quem temos aqui? Uma Jauregui..."

Perguntas vagas... As lembranças de meu pai no hospital não eram tão profundas, e graças aos céus nunca tive problemas familiares. Mas eles estavam treinados para ir até seu ponto fraco, e logo descobriram o único segredo que a família guardava.

Não sei se meu pai presenciou essa parte, e eu nunca quis saber. Mas ele não estava ali quando me perguntaram sobre os tais papéis de Bogotá. Segundo o psiquiatra, estava em algum lugar da nossa casa de Miami.

Mas eu não sabia.

E quem se importava?

Se o diabo tinha um capataz, ele era a maldita soldado M. Parecia artificial de tão forte e séria. Ela foi a encarregada da primeira sessão de espancamento. E se te digo a verdade, não acho que a tenham escolhido por ser mulher, mas sim porque ela era mais forte que todos os homens daquele lugar.

Cada murro que levava era um desmaio. Eu não tinha forças nem pra dizer "não sei".

O sangue tomava conta da minha roupa, eu não conseguia respirar direito e nem assim pararam. Uma bacia de água com gelo e desamarraram meus pés. Segundos depois minha cabeça entrava e saía da bacia, até que caí desmaiada.

E foi assim, e pior, durante as horas, ou dias, seguintes.

A última coisa que lembro foi de acordar em uma maca com todos os músculos doloridos e Leila ao meu lado, cochilando em uma cadeira.

Três dias inconsciente tamanho foi o cansaço.

Descobri que Henry tinha sido destinado ao centro psiquiátrico depois de agredir cinco soldados em uma sessão de 'treinamento'. Eles nos levavam ao limite, mas não podíamos mostrar nossa debilidade.

O resto era completamente irrelevante, e foi entre esses acontecimentos que eu vi em Leila algo mais que uma companheira.

Quando restávamos apenas quatro, acabei por achar que talvez compartilhar aquela situação seria uma ligação.

Mas Leila, assim como o diploma de tenente me lembrava aquela ilha. E eu particularmente a odiava. Por isso quando disse que Camila não tinha o que temer era com absoluta certeza.

Não se pode revelar nada. Uma vez fora de lá, aquele 'convite' nunca existiu.

Confesso que a proposta era tentadora... Mas entendi que a farda era mais que se preparar para uma guerra. E se tinha algo que eu não queria na vida, depois daquela experiência, era esperar. Eles estavam me treinando para sobreviver, não é? Então, esse era o objetivo.

E você enfrenta os obstáculos, aprende a sobreviver nas piores circunstâncias. Você até aprende a ouvir o nome de sua mãe em boca de um filho da puta. Mas o que não supera; o que parece corroer cada órgão, não é a falta de ar. Mas sim o medo da perda.

Perdi as contas de quantas vezes fui colocada de volta nessa maldita bacia, agora, mas antes que pudesse cair desacordada, ainda pude sentir o bafo a cigarro barato:

- Eu estou ficando sem paciência, Jauregui. O que sua namoradinha e aquele bando de putas estão preparando? – ele perguntou, e eu descobri que, se em Útila o que me levou de volta pra casa foi à ideia de fugir do exército, o que me faria sair daquele inferno era ela. E a tontura desapareceu enquanto respirava:

- Vai se foder, Miles. – e outro, de tantos, socos me acertou. O gosto de sangue no lábio e o cansaço me deixaram tonta, mas eu tinha que sair dali.

- Sabe Jauregui. – ele se levantou, deixando-me ajoelhada frente à bacia. – Eu sempre te achei muito inteligente. – disse enquanto enxugava as mãos em uma toalha. Baitola. – Até demais para ser alguém que vive do sobrenome do pai. – eu sempre disse que ele era um babaca. – Mas vejo que as aparências enganam.

E então Viceroy entrou.

- Estamos ficando sem tempo, pendejo. – Miles odiava ser tratado como um inútil.

- Tragam o gancho.

E foi assim como acabei pendurada com os pulsos amarrados em uma

espécie de gancho pendurado no teto.

Ele só estava começando. Bom, pelo menos Útila não foi tão inútil.

Narrador POV

No armazém, Lucy praticamente saiu do carro em movimento. Camila não precisou de nenhuma palavra.

- Cadê ela? – perguntou. Vero e Lucy se olharam e ela repetiu mais devagar. – Cadê ela? – Veronica enfim respondeu:

- Tivemos um problema.

- Miles contou tudo ao Viceroy. Era uma emboscada. – Lucy completou, mas Camila já estava se desesperando, e enfim gritou:

- Cadê ela?!

- Eu não sei! – Vero gritou de volta, também desesperada. – Ela cobriu a nossa saída e acabou recebendo um tiro. – Camila avançou na agente, empurrando-a.

- Onde ela está?! – gritava irritada. – ¿Dónde carajos está? – ao ouvir a gritaria, Dinah, Normani e Ally apareceram. E Lucy, aparentemente a única sensata, correu para Ally deixando Veronica e Camila em um duelo de olhares.

- Preciso que você consiga as imagens do satélite desse número. – e mostrando o celular, arrastou uma Ally confusa até o computador. Todas ficaram em silêncio. O pior havia acontecido.

Teclas. Esse era o único barulho que escutavam. Barreiras digitais, códigos e de repente na tela o satélite foi aproximando o sinal.

- O sinal é péssimo. – Foi o que Ally percebeu. E em alguns segundos o satélite havia rastreado um ponto vermelho no mapa.

Todas correram para trás do computador e Lucy pediu:

- Inverta o código para as coordenadas. – e depois de teclar algumas coisas, o comando enfim apareceu. – Mais perto.

E foi então que, à medida que o satélite limpava a imagem, tudo foi ficando muito mais tenso do que já estava. Na zona industrial, quase na fronteira com os Estados Unidos, um espaço quadrado emitia o sinal ao satélite.

- Esse é o rastreador de Lauren. – Lucy explicou engolindo seco e olhou para Veronica, continuando.

- Essa é a finca. – a outra agente completou.

A finca.

Camila se lembrava desse nome.

Claro que sim.

Não só ela como todas ali presentes.

A finca era o nome do lugar onde elas se desfaziam dos inimigos.

Camila POV

A finca.

A ironia da vida consiste na certeza de algo. Quanto mais seguras e certas as coisas parecem estar, ficamos mais vulneráveis. Você não escolhe como vai

viver a vida. Simplesmente nasce e cresce, e então, depois de todas essas consequências, se torna aquilo que quer. E o ser humano tem esse defeito de achar que por saber, tem o controle de tudo. Mas a vida não é assim. Na verdade, não temos controle de nada. Mas ainda assim planejamos nosso futuro, desde o dia de amanhã até o mais distante, como se de fato o tempo e os acontecimentos dependessem apenas de nós mesmos. E deveria ser assim. Mas na prática, a vida sempre tem outros planos.

Por exemplo, ela coloca as pessoas mais inesperadas em seu caminho e então você descobre que até mesmo os muros mais sólidos e altos se desmoronam em questão de segundos. Como elas entram, nós nem sequer percebemos, o verdadeiro problema reside em que nunca, sob nenhum aspecto, estamos preparados para deixá-las partir. Muito menos permitir que alguém, ou algo alheio, as leve. Por isso a sabedoria popular afirma que só sabemos o valor de algo – ou alguém, quando perdemos ou estamos a ponto de perder. Em uma questão de segundos, o tempo que você demora em jogar uma moeda para o alto e abrir a mão para que caia nesse curto tempo você toma uma decisão. Na verdade, faz uma escolha. Sem nem sequer saber se deu cara ou cruz. Porque antes dela cair, naquela milésima de segundo você já sabe o que quer.

O quem diz moeda pode dizer uma ligação a um número que, mais que ajuda, eu chamaria de esperança.

Narrador POV

- Preciso que você tente calcular todos os sinais emitidos. – Lucy explicava a Allyson a técnica para decifrar a quantidade de homens que estavam presentes.

Dinah e Vero estavam nos armários à direita onde costumavam guardar os objetos para a manutenção dos carros, e que agora escondiam um arsenal de armas e munições.

Normani se aproximou da irmã, colocando as mãos nos ombros rijos da latina:

- Vamos tirar ela de lá. – Camila enrijeceu o maxilar e a encarou com os olhos frios.

- Eu sei.

E sem precisar de mais palavras, elas foram atrás do novo mapa.

Ally continuava concentrada na tela a sua frente com Lucy ao seu lado. Seguia as indicações, invertia algoritmos e finalmente conseguiram o resultado.

- Sim! – a baixinha comemorou, mas tão rápido como o primeiro sinal apareceu, pior se tornou.

- Que porra é essa... – Dinah perguntou quase em um sussurro quando, depois do primeiro ponto vermelho sinalizando a existência de um aparelho eletrônico, de repente a tela toda foi se preenchendo, um ao lado do outro. A loira continuou: – São mais de trinta homens– e Lucy completou:

- Mais os que estão fora. – todas se entreolharam em silêncio, e então uma ideia cruzou a cabeça da colombiana: – Calcule as rotas possíveis.

Com mais alguns comandos, três rotas possíveis se formaram.

- Eles vão precisar transportar o dinheiro quanto antes, sabem que estamos indo atrás. – ela explicou, deixando apenas uma que confirmava a margem de tempo. – Temos umas cinco horas até Juárez, desviando pelo Valle. – mas Camila estava pensando em outra coisa. Ela não queria esperar até o transporte do dinheiro. Não com ela na finca.

- Não. – disse entre os palpites das outras, que com uma expressão confusa, olharam para ela. – Iremos até eles. Pegaremos um desvio pelo Valle.

Mas Dinah não estava muito convencida:

- Mila, o desvio é estreito e perigoso e no caminho eles podem perfeitamente saírem antes. Talvez seja melhor...

- Eu disse que pegaremos o desvio do Valle. Não há tempo. – deu um passo a frente quase que suplicando à loira – Ela não tem tempo, Dinah.

E nada mais foi dito.

(Corre pra playlist AEOD no spotify e coloca as primeiras músicas pra tocar, viado).

O Dodge de Camila liderava uma fila de carros que formavam a ponta de uma flecha, avançando a toda velocidade pelo deserto. Normani e Dinah conduziam cada uma o Dodge usado nas missões do roubo de combustível e Veronica e Lucy avançavam em outro. Camila pegou o rádio entre suas pernas:

- Três minutos para o desvio. – informou.

Lucy apertou o cinto de segurança e trocou uma olhada rápida com Veronica antes de tirar o seguro e colocar a munição do rifle. Dinah apertou o volante com mais força, olhando fixamente para frente e Normani, como de costume, explodiu a bola do chiclete, mudando a marcha.

- Posições. – a latina anunciou. Veronica guiou o seu carro ao meio, ficando atrás de Camila e sendo assim escoltada por Dinah e Normani que reduziram a velocidade e se colocaram atrás dela, formando uma fila.

A velocidade constante as guiou até o desvio estreito e pouco a pouco foram reduzindo, aumentando a distância.

E o desvio era perigoso porque basicamente era um grande abismo unido por uma ponte bastante velha de madeira desgastada, e que estava pela metade. Ou seja, elas tinham que, literalmente, voar.

- Ok meninas, vocês estão há um minuto do desvio. Velocidade e força. – A voz de Ally ecoou no rádio. – Boa sorte.

Camila mudou a marcha e acelerou ainda mais rápido, aproximando-se e quando subiu a pequena rampa desajeitada que unia o barro com a ponte, sentiu a dianteira do carro inclinar e, segundos depois, quase batendo a cabeça no teto se

não fosse pelo cinto que a abraçava, finalmente tocou o outro lado do terreno, deslizando pela superfície e enfim seguindo pelo caminho que lhes reduzia em duas horas o trajeto até a finca.

Dinah foi à segunda, depois Normani e por último, Veronica.

Quando a latina olhou o retrovisor e viu as posições sendo formadas novamente, suspirou apertando o volante com mais força e mudando a marcha. Novamente procurou pelo rádio:

- Posições.

E novamente formando uma flecha, elas continuaram.

Mas Ally estava pendente do que acontecia no seu monitor e praguejou antes de falar:

- Mudança de planos.

Camila franziu o cenho, passando a marcha com força:

- Quê?

- O sinal está em movimento. Eles estão saindo de lá!

- E o sinal de Lauren? – perguntou sentindo seu coração chegar até a garganta. – Allyson!

- Um minuto! – pediu digitando com força.

Na finca, os policiais colocavam os últimos quilos de coca dentro do contêiner.

Viceroy se aproximava de Miles que, com a camisa cheia de sangue e limpando suas mãos com a toalha, analisavam a imagem de uma Lauren desacordada e ensanguentada, praticamente pendurada pelo guincho. Os pés mal tocavam o chão e ela estava desacordada.

- Não temos tempo para que ela confesse. – Miles explicou. Viceroy respirou fundo e fechou os olhos por uns segundos.

- Ela vai com a gente. – Miles franziu o cenho.

- Quê?! Está maluco? – o narco o encarou com os olhos faiscando.

- Você sabe o que aconteceria comigo se esses hijueputas maderos decidem vingar a morte dela? – e o agente enrijeceu o maxilar.

- Já disse que vou proteger seu negócio! – Viceroy riu com desdém.

- Você? Não foi nem capaz de arrancar a informação de uma mulher, acha que vai me proteger? Pendejo. Ela também vai! – gritou e Chuy, evitando tanto quanto lhe era possível de olhá-la, a retirou do gancho e novamente a colocou sentada na cadeira.

Junto a um policial, Lauren foi levada para dentro do contêiner junto a uma grande caixa forte e toneladas de cocaína.

- Ela está com eles! – Ally por fim disse e a latina suspirou. – Estou calculando as possíveis rotas. Calculo que em vinte minutos eles estarão na mesma direção que vocês.

E elas mantiveram a formação, atravessando o deserto e encarando à frente em

silêncio. Os motores com toda sua potência e os ouvidos atentos ao rádio que, minutos depois, ecoava:

- Cinco minutos meninas.

- Posições. – a latina anunciou e formaram uma fila novamente.

Alcançariam a carreta pela lateral, o que anunciaria rapidamente o encontro.

Uma viatura à frente e outra atrás escoltavam a carreta.

Permanecendo sempre na formação, Camila se aproximou da viatura detrás. Os vidros se abriram e de repente dois dos policiais se apoiaram na janela, atirando. Desviou o carro para esquerda e logo à direita.

- Vamos lá, cabrones. - os tiros passavam pelo capô, teto e raspava o vidro. E então ela acelerou, encontrando o fundo da viatura que foi para frente. Veronica se colocou ao lado da latina, e foi a vez de Lucy se colocar na abertura do teto, mirando em um agente e atirando.

Um já estava morto. Mirou no segundo e, com a efetividade que era peculiar entre as três, o segundo também. Quando Camila acelerou de novo, Lucy atirou no pneu, e com o impulso da dianteira do Dodge, acabou capotando.

- Touchdown, bitches! – Dinah gritou pelo rádio.

Continuaram com a formação, até que Allyson se manifestou:

- Em... Mila...

- O que foi Allyson? – perguntou impaciente.

- Temos companhia.

E não foi necessária nenhuma informação. Dinah pegou seu rádio:

- É um maldito helicóptero!

Preto e com uma caveira pintada na parte inferior, a altitude era baixa demais para ser uma mera casualidade.

Camila se colocou logo atrás, mas então o helicóptero, longe de ir contra elas, inclinou-se para direita de onde uma corda foi lançada. E a latina apertou o volante com força enquanto Dinah continuava se perguntando:

- Que porra é essa?! Mila?! – mas ela sabia o que era.

- Normani, a ponte. Agora.

E sendo a especialista na sutileza, a morena acatou a ordem e mudou a marcha. Apertou o volante com mais força. Tal como as instruções, guiou o carro até a lateral direita do contêiner, concentrando-se em manter a velocidade e posição.

O helicóptero foi reduzindo a altitude, ficando praticamente em cima do carro. A primeira silhueta coberta de preto descendeu, caindo sobre o teto da morena e, depois de soltar o cinto da corta, equilibrou-se. E assim vieram a segunda e a terceira. Quando os três estavam sobre o teto, Normani se aproximou um pouco mais, mantendo a velocidade.

O helicóptero elevou a altitude enquanto os homens de preto tiraram uma espécie de pistola da coxa e iniciaram o desenho de um quadrado na lateral. O calor da solda cedeu à superfície, permitindo que com um chute caísse para dentro, revelando todos os homens armados e apontando para eles que, pulando com as

armas em mãos e sem deixar de atirar, se livraram da metade, lutando com o resto e protegendo-se com os corpos deles para evitar os tiros que ainda disparavam.

- Posições. – Camila anunciou e Normani imediatamente desviou para direita, reduzindo a velocidade. – Veronica.

- É a hora do hush, hijos de puta. – a agente disse ocupando agora o lugar de Normani que ocupava a escolta junto à Dinah.

Veronica acelerou, aproximando-se para que Lucy conseguisse sair pelo teto, e Normani e Dinah se colocaram atrás de Veronica.

Lucy pulou para dentro do contêiner, acertando um soco em um dos policiais que apontava para ela, deixando assim a zona livre, onde Veronica acelerou deixando que Dinah e Normani lançassem os ganchos do para choque dianteiro, encaixando no grande cofre, e manobrando rapidamente para que o mesmo saísse de dentro do contêiner, dando voltas como se estivesse capotando.

- Nos vemos no ponto de encontro! – Camila anunciou vendo como as duas se afastavam puxando o cofre, e Veronica novamente ocupava a posição.

Lauren, que ainda estava com as mãos amarradas, o rosto ensanguentado, e ainda tonta, não estava entendendo absolutamente nada, até que viu como uma silhueta coberta de preto se livrou do último policial desviando o soco para a direita e golpeando a cabeça dele contra a lateral, que caiu desacordado. Ao retirar o capuz que usava, os olhos da agente a deixaram confusa:

- Mãe?

- Espero que você já tenha uma casa para me receber, Michelle.

Recriminou tirando uma faca da coxa esquerda e cortando a corda.

Não era uma alucinação. E apesar das fortes dores, ela viu nitidamente como Miles que pisava alguns corpos enquanto o resto seguia em uma luta, se aproximou pela lateral.

Veronica continuava custodiando a zona quando, inesperadamente, ele pulou para o teto do carro e conseguiu descender pela janela aberta. Lauren, que o estava procurando, viu e se aproximou à brecha do contêiner, a ponto de ver como Miles golpeava o rosto de Veronica repetidamente e, com os pés conseguiu que ela desmaiasse.

- Veronica! – Lucy gritou.

Miles abriu a porta segurando o volante e a empurrou para fora do carro.

- Não! – Lucy e Lauren gritaram tão alto quanto podiam ao ver o corpo da agente caindo e dando voltas pelo chão, ficando para trás.

Veronica continuava custodiando a zona quando, inesperadamente, ele pulou para o teto do carro e conseguiu descender pela janela aberta. Lauren, que o estava procurando, viu e se aproximou à brecha do contêiner, a ponto de ver como Miles golpeava o rosto de Veronica repetidamente e, com os pés conseguiu que ela desmaiasse.

- Veronica! – Lucy gritou.

Miles abriu a porta segurando o volante e a empurrou para fora do carro.

- Não! – Lucy e Lauren gritaram tão alto quanto podiam ao ver o corpo da agente caindo e dando voltas pelo chão, ficando para trás.

Camila freou bruscamente, vendo o corpo de Veronica desacordado no chão. E Miles, sentando-se no volante, sentiu o teto do carro amassar pela queda do corpo de Lauren, que em um ato desesperado deslizou pela janela até entrar no carro, onde iniciou vários golpes no rosto dele, que tentava se proteger com o braço.

Lauren o puxou pelo cabelo, acertando a cabeça contra o volante entre os socos. A cada golpe, Miles desviava o carro cada vez mais do caminho, afastando-se dos outros.

- Filho da puta! – ele tirou a arma da cintura, mas antes que pudesse sequer mirar, Lauren chutou o braço e enfim acertou o rosto.

Miles acabou perdendo o controle e o carro foi de encontro às rochas, capotando em seguida.

Com duas voltas, o silêncio se fez presente com o veículo totalmente destruído. Quando Lauren deu por si estava de cabeça para baixo e, empurrando o corpo como conseguia, quase sem forças, saiu pela janela e se apoiou na chaparia amassada, segurando seu braço esquerdo que além do tiro, agora parecia estar quebrado.

Apoiou a cabeça para trás e apertou os olhos. A dor era latente e seu corpo estava à beira de um colapso.

Escutou os passos de alguém que parecia mancar, ou se arrastar talvez. Mas ela já não podia fazer nada.

Miles se aproximou mancando e com uma arma pequena nas mãos, retirando o seguro e apontando-a para a testa de Lauren.

- Acabou, tenente. – disse enquanto limpava o sangue do rosto com a mão livre. Lauren enrijeceu o maxilar, sem deixar de fitá-lo.

- Atire na cabeça, porque se eu sobreviver, vou te buscar no inferno. – cuspiu irritada.

E ele ia atirar, se o barulho de um motor a toda potência não tivesse

chamado sua atenção.

O Dodge vinha em sua direção quando Miles se viu obrigado a virar e começou a atirar para todas as direções.

Mas Camila não diminuiu a velocidade. Pelo contrário. Mudou a marcha e acelerou ainda mais.

Quando estava perto, Miles ficou sem balas e tentou sair, porém Lauren o segurou a perna esquerda dele com força, deixando-o imóvel para que Camila, sem pena nem remorso, fosse de encontro ao corpo do agente, imprensando-o contra o outro carro.

Enquanto ele agonizava, Camila abriu a porta correndo e indo em direção a Lauren:

- Você está bem? – com seu meio sorriso e fechando os olhos aliviada, Lauren respondeu:

- Agora sim.

Miles ainda reclamou de algo, o sangue saía por sua boca quando Camila retirou a arma das costas e, sem olhar, atirou.

- Isso foi excelente. – Lauren elogiou vendo a bala na testa do homem. – Camila acariciou o rosto da morena que ladeou a cabeça de leve, sentindo o toque. – Eu sabia que você viria. – a latina sorriu engolindo seco. Não queria pensar no estado de Lauren.

- Vamos para casa. – disse desconversando. A imagem era deplorável.

Apoiou o braço direito da agente em seu pescoço, levantando-a devagar em direção ao carro.

- Você ligou para minha mãe? – perguntou quando já estava sentada. A latina mordeu o lábio inferior e deu de ombros. Lauren deixou a cabeça apoiada no banco, suspirando. – Ainda bem que eu tenho uma casa grande e posso me esconder agora. – Camila riu entrando no carro e encarando-a.

- Eu acho que depois dessa ela não vai querer ir embora nunca.

E rindo, saíram de lá o mais rápido possível.

Durante o caminho elas foram avisadas de que Veronica estava no hospital sendo atendida, e o destino de Lauren foi o mesmo.

Sutura no lugar do tiro, onde a bala havia passado de raspão. O braço enfaixado, curativos pelo rosto que estava inchado e com vários hematomas, além de remédios e muito repouso. A agente estava finalmente a sós com Camila quando tocaram na porta do quarto.

- Entre. – e quando a mesma se abriu, Chris, Taylor, Clara e Michael estavam ali.

Algumas horas antes...

Quando o celular que Clara guardava na cozinha tocou, ela soube que o momento havia chegado. Chris decidiu seguir o conselho de Lauren e estava em Miami treinando com seu pai. Taylor estava no escritório da JAG, também no quartel.

Por isso, para matriarca foi fácil reunir todos no aeródromo, onde foram levados às pressas até a fronteira, e de lá seus contatos já tinham tudo preparado. Sem necessidade de muita explicação, tudo foi colocado em bandeja. Armas, comunicação e os veículos.

Chris se sentiu mais do que satisfeito em pilotar La Calavera, um dos mais emblemáticos entre os helicópteros usados por mercenários. Era irônico, mas nas condições da missão, contar com a ajuda do exército americano seria deixar de bandeja uma intervenção militar por parte dos mexicanos.

Michael não precisou de muito tempo para organizar o ataque e, chegando ao destino, descendeu junto à Taylor e Clara, graças ao rápido entendimento de Camila.

Logo após a queda de Veronica, Chris se desfez da viatura que restava à frente, usando a metralhadora do próprio helicóptero e, com o rádio, obrigando o motorista a parar o caminhão.

Após a explicação, Lauren apenas suspirou:

- Eu estou exausta demais para sequer dizer qualquer coisa...

- Mas ora essa! – Clara reclamou cruzando os braços. – Como se atreve a se dirigir à sua família assim? Por acaso ainda acha que estamos errados em vir?

- Madre... – advertiu.

- Observa Michael, a petulância da sua filha! – Chris e Taylor estavam prendendo o riso enquanto Mike coçava a nuca. Camila se aproximou, segurando a mão de Lauren:

- Ela só está sendo babaca, Clara. Se não fosse por vocês eu não sei como resolveríamos isso. – e bastou o elogio da nora para que a matriarca sorrisse com o queixo erguido.

- Viu que eu disse, Mikey? Essa menina... – apontou para Camila. – Essa menina é a nossa esperança!

- Clara querida... – Mike disse sem jeito e usando uma voz amável. – Acho que Lauren precisa descansar e nós temos algumas coisas a fazer. – mas a mulher não percebeu os olhos arregalados do marido, com uma mensagem implícita:

- Coisas? Eu não tenho nada a fazer! Não ouse achar que vou deixar minha filha nesse hospital sozinha... – Taylor a interrompeu:

- Mamá, ela está com a Camila e nós entramos no país de forma ilegal. A polícia virá em breve para tomar depoimento.

- E você é advogada para quê? Não saio daqui! – disse cruzando os braços. Chris deu um passo a frente e apoiou as mãos nos ombros da mãe:

- Mulher, você cumpriu seu papel de supermamãe salvando sua filha dos malvados, mas agora precisamos sair daqui. Camilita está com ela e temos coisas a fazer. – ele disse pausadamente. Clara revirou os olhos e, quando se virou para se despedir da filha, ela já estava em um sono profundo baixo o olhar distraído de

Camila, que estava sentada na beira da cama enquanto alisava suavemente os cabelos de Lauren.

Clara respirou fundo e se aproximou da filha, deixando um beijo na testa, e logo depois olhou para Camila, sorrindo sutilmente:

- Obrigada. – Camila retribuiu o gesto, assentindo de leve. Clara também lhe ofereceu um beijo casto em sua testa e sussurrou. – Você é o nosso anjo da guarda, Camila.

E talvez por todas as coisas que tinham presenciado na vida, ou pela dificuldade de aproximação em uma Lauren tão fechada, eles ficaram alguns segundos em silêncio observando o sono da agente, sem a necessidade de dizer absolutamente nada, mas o alívio era evidente em seus rostos. Ela estava bem, no final das contas. E o mais importante, tinha alguém com ela.

Michael chamou silenciosamente por eles, segurando a porta, e quando a fecharam, Chris perguntou:

- E agora o que a gente faz? – Clara já não tinha mais a pose de mãe preocupada e teimosa:

- Vamos acabar a missão.

Em pleno centro de Chihuahua, frente a um bar entre uma rua movimentada, Allyson estacionou o Honda HRV branco com uma mochila nas costas, olhando para os lados antes de entrar. Estava vazio, como era de se esperar, apenas com uma atendente no balcão.

- ¿Puedo ayudarte? – Allyson quis falar, mas a voz saiu um pouco rouca, tossindo para que voltasse ao normal:

- Estão me esperando. – a atendente arqueou a sobrancelha:

- Um momento, por favor.

E desapareceu entre uma cortina. Poucos segundos depois, voltou e acenou com a cabeça para que a loira a seguisse.

Uma cozinha com uma porta aos fundos, onde Ally saiu e deu de cara com um galpão, como se fosse uma garagem e enfim ela respirou aliviada.

No meio, uma enorme caixa de metal, como o cofre de um banco. Os carros estacionados e totalmente sujos de barro e Normani e Dinah discutindo frente ao painel eletrônico.

- Eu estou te dizendo para não mexer, Dinah! Vai que dá algum problema? – a morena reclamava.

- Mas eu não vou mexer em nada, só quero testar uma coisa! – retrucou cruzando os braços.

Ally pigarreou chamando a atenção delas, que viraram sem jeito e com um sorriso amarelo. Normani enfim perguntou:

- Como elas estão?

- Bem. Quer dizer, no hospital, mas vão ficar bem. O que vocês estavam fazendo? – perguntou tirando a mochila das costas e aproximando-se do

grande cofre. – Espero que não tenham mexido em nada. – disse olhando para Dinah que arqueou as sobrancelhas:

- Querida, o que te faz pensar que eu tocaria em algo sem a sua presença? – Ally revirou os olhos e com o iPad em mãos, iniciou a operação em silêncio.

Dinah e Normani se aproximaram, ficando uma a cada lado da loira e tentando espiar o que ela estava fazendo.

- Vocês estão me incomodando. – disse levantando a cabeça. As duas deram um passo atrás. – De qualquer forma não há nada que eu possa fazer. – sentenciou e as duas a encararam espantadas, dizendo ao mesmo tempo:

- Como assim?

- Precisamos da mão do Viceroy. Concretamente, a esquerda.

Não muito longe dali, Teresa estava fumando mais um cigarro enquanto encarava o porta-retratos a sua frente sobre a mesa. Uma foto antiga na qual era possível ver uma mesa com folhas de bananeiras, uma cachoeira ao fundo e sua versão mais jovem e tímida com um vestido branco singelo. Estava sorrindo e abraçada a um homem um pouco mais velho, com a barba mal feita, o cabelo grande e de porte alto. Ele era moreno e sorria feliz. Era o casamento improvisado em Chiapas.

Mas Güero não estava e aquela mulher tímida não era mais que a lembrança de seu passado feliz, porém efêmero. Um de seus agentes chegou até a porta, batendo três vezes.

- Entre.

- Patrona, tem uns gringos na porta querendo conversar com a senhora. – Teresa franziu o cenho e expulsou a fumaça lentamente.

- Que entrem.

E segundos depois os Jauregui estavam a sua frente.

- O olhar de vocês não me é estranho. Teresa Mendoza. – Disse levantando-se e estendendo a mão para Clara.

- Clara Jauregui. – então a chefe sorriu torto e novamente se sentou. Teresa não tratava os homens com o mesmo respeito que tratava as mulheres, por isso ignorou a presença de Chris e Michael, apenas cruzando o olhar com Taylor.

- A que devo a honra de ter uma família de maderos em minha casa?

Viceroy estava na finca andando de um lado para o outro enquanto falava pelo celular, até que finalmente encerrou a ligação jogando o aparelho no chão com força:

- ¡Malditos hijos de la gran puta! ¡Maderos de mierda! – Chuy não estava entendendo nada. Mas continuava ali, parado e com os braços cruzados, apenas observando. – ¡Me lo robaron, malditos! – mas enfim respirou fundo, puxando

sua calça para cima e passando as mãos no cabelo e logo depois no queixo. Uma vez mais tranquilo, encarou um dos homens que estavam por ali. – Ligue para Teresa e diga que sim.

E como era de esperar, alguns minutos depois Viceroy estacionava seu carro junto a outros quatro carros cheios de capatazes que lhe serviam de escolta, entre eles Chuy. Chegavam a mesma fábrica de borracha da reunião entre a chefe e o cartel de Braga.

Mas o cenário era outro. Um muito mais perigoso.

Dentro, Teresa fumava mais um cigarro com a calma que lhe era peculiar. Camila, Normani e Dinah estavam atrás dela, ambos vestidos de preto, mas também pareciam pacientes. No alto, ao lado direito, Ally estava preparada com um rifle em direção à entrada. Devido a pouca luz do lugar, era difícil identificá-la.

- Patrona. – um dos homens apareceu um tanto afoito. – Eles chegaram.

Teresa jogou o cigarro no chão, pisando-o com seu sapato de salto alto para apagá-lo.

- Que entrem.

Viceroy entrou, e entrou acompanhado por quase um exército de homens, parando apenas a alguns passos de Teresa.

- ¿Dónde está mi dinero? – disse impaciente.

Camila estava encarando o homem com tédio e sem se abalar pelos olhares atravessados. Normani mascava seu chiclete e Dinah admirava as unhas.

- Estamos aqui para negociar. – ela disse por fim. – Você tem algo que eu quero.

- Maldita pe... – mas ela mostrou as mãos

- Cuidado com o que você vai dizer, mi Rey. – Viceroy respirou fundo.

- Teresa, essa guerra não é sua. – ela riu com desdém.

- Aí que você se engana.

- Eu cuidei de você!

- A custa do quê?! – esbravejou. – Hein? De matar seu melhor amigo por um punhado de dinheiro? – o homem enrijeceu o maxilar, perdendo a paciência.

- Sim! – gritou. – Porque ele era um pendejo que estava cego por sua influência. Um maldito cagón que fazia tudo por você, e estava arruinando meu negócio! Era isso que você queria saber? Eu matei o Güero! – bateu as mãos no peito, praticamente cuspiando na cara a mulher. – Eu matei aquele hijo de la chingada. E você, uma mera puta de quinta, acha que ia acontecer o quê? Se juntar com todas essas vadias pra me derrubar?! – riu com desdém. – Você não passa de uma perra, Teresa. Agora... – puxando a arma das costas e apontando-a para mulher, limpou a boca com as costas da mão e respirou fundo. – Onde está o meu dinheiro, cariño?

Ela assentiu de leve, sem se abalar. Então deu um passo a frente e encostou o cano da arma em sua testa, encarando-o com ódio antes de dizer com

desprezo:

- No inferno, hijo de puta.

E de repente um ponto vermelho alcançou a testa do narco que, com os olhos ardendo de raiva, abaixou a arma.

- Você não quer fazer isso... – ele disse abrindo os braços e olhando em volta. De fato ele tinha uma quantidade considerável de homens, praticamente o dobro.

- A agenda. – ela pediu estirando a mão, e então ele riu com desdém.

- Você pode pedir a quem quer que esteja ali em cima que atire, porque eu não vou te dar absolutamente nada. Está me ouvindo?

Mas Teresa era inteligente e sabia que, no fundo, ele tinha razão. Levantou a mão e o ponto vermelho desapareceu.

- Sabe qual foi o seu problema sempre, Viceroy? – ela disse acendendo mais um cigarro e, depois de expulsar a fumaça e jogar o fósforo no chão, o encarou. – A avareza. Nunca esteve suficiente nem grato com o que tinha. Sempre quis mais e mais, sem saber que tudo nessa vida tem um preço.

Por fora, quatro corpos devidamente armados com rifles e com o rosto coberto se colocavam na porta. O da frente tinha a mão direita fechada no alto, com o comando de que esperassem.

- Eu sei. A diferença é que eu sempre estive disposto a pagá-lo. Já vocês... – debochou apontando para elas. – Foram as idiotas que pensaram que conseguiriam ir de frente contra El Señor de los Cielos. – Teresa expulsou a fumaça mais uma vez e deu as costas, andando devagar em direção a Camila.

- Mas um dia o dinheiro não compensa o custo.

E antes que ele pudesse entender, uma granada com gás foi lançada para dentro. Camila empurrou Teresa atrás de si e iniciaram os disparos. Em questão de segundos Viceroy estava se arrastando pelo chão, passando por cima de seus homens, agora mortos.

E ele continuou rastejando quando se deparou com um corpo coberto de preto, e logo depois de um chute certeiro, estava desmaiado.

Uma cadeira de ferro, um ambiente úmido e escuro, apenas com uma brecha na parede em forma de janela. Viceroy estava em uma cadeira com as mãos amarradas, quando um balde de água lhe despertou.

- Acorda donzela.

Voz grossa e com sotaque cubano, muito arrastado. Ele sacudiu a cabeça olhando para todos os lugares, desesperado.

Uma mesa em um canto com vários objetos em cima dela, e sentada fumando, Teresa tinha suas pernas cruzadas baixo um vestido preto. O homem que lhe acordou era jovem, alto e atlético. Curiosamente lembrava as feições de Lauren.

- ¿Qué carajos está pasando?

- Minha paciência acabou. – ela disse levantando-se. – Mas antes de

que eu me encarregue de você, eles querem ter uma conversa... amigável. – debochou e abriu a porta. Antes que ele se perguntasse por quem podia ser "eles", Michael e Clara entraram.

- Olá, Vicente. – Clara disse encarando-o.

- Quem são vocês? – perguntou afoito. A mulher se curvou ficando a sua altura, e enfim sorriu:

- A família da Lauren. – e ele engoliu seco. – E agora nós vamos fazer com você tudo que você fez com ela.

- Querida... – Michael disse se aproximando. – Você se esqueceu da família Hernandez? – Clara fingiu surpresa.

- É mãe, e dos Hamilton também! – Chris disse cruzando os braços.

- O que vocês... Eu pago! – disse enfim. – Me digam quanto, e eu pago! – Michael fingiu pensar.

- Oh, pode ter certeza que você vai pagar. Eu estou apenas começando.

E sem tempo para mais conversa, Chris foi o primeiro em acertar um soco no rosto do homem, quebrando-lhe o tabique nasal.

Viceroy gritava urrando de dor.

- Mas antes de qualquer coisa, você precisa me dizer aonde está a agenda. – Clara disse puxando uma cadeira e sentando-se.

- ¡Jódete, perra! [se fode, vadia]

E outro soco, dessa vez de Michael.

- Uh! – Clara fez uma careta. – Não se preocupe, Vicente. Eu tenho o dia todo para isso.

No quarto do hospital, Camila velava o sono de Lauren encarando-a distraída. A porta foi aberta lentamente e uma Lucy visivelmente cansada apareceu.

- Posso? – Camila assentiu sorrindo sem mostrar os dentes. – Como ela está? – perguntou abraçando o corpo.

- Deslocou o ombro e o tabique quebrado. Por sorte não vai precisar de cirurgia, apenas de curativos e repouso. E a Vero? – Lucy suspirou.

- Graças a Deus apenas uma contusão leve. Está em observação e preferiram sedá-la. – a latina assentiu olhando para Lauren de novo.

- Elas vão ficar bem.

- Eu sei que sim. – E ficaram em silêncio por um tempo até que a colombiana prosseguiu – É tão estranho passar por isso. Durante todos esses anos nós... Nós imaginamos esse final de todos os jeitos possíveis, mas eu nunca quis acreditar que... – engoliu seco. – Enfim, que passaríamos por isso...

- Se você me perguntasse a seis meses onde estaria hoje, com certeza à resposta seria muito divergente da realidade. – elas riram negando com a cabeça. – Mas a vida consiste nisso. Nós nunca sabemos como algo acaba, até que simplesmente... acaba.

Respirando fundo a latina se levantou.

- E esse final te convence? – a agente perguntou. Camila olhou uma última vez para Lauren e negou com a cabeça.

- Ainda não é o final.

E Lucy viu como ela abandonava o quarto sem olhar para trás.

De volta ao ambiente de tortura. Com a camisa molhada e desabotoada, várias feridas no rosto e sem ar, a cabeça de Viceroy era retirada de uma bacia cheia de água gelada.

- Por favor! – gritava em súplica.

- Mais uma vez, onde está a maldita agenda?! – Michael perguntou puxando-o pelo cabelo, com força. Mas ele nada disse, e então ele novamente o colocou dentro da bacia. E enquanto o homem se debatia, tentava dizer alguma coisa. Então o patriarca o retirou. – Você disse alguma coisa?

Respirando com dificuldade e tossindo, ele respondeu:

- Na caixa forte! – Michael acenou para Chris que saiu da sala e segundos depois voltou.

- A esquerda. – Viceroy arregalou os olhos e Michael suspirou.

- Merda, odeio sangue de bandido.

- Isso está ficando nojento! – Clara reclamou se levantando. – Acabem com isso de uma vez, quero estar no hospital antes que Michelle acorde. – Michael deixou os ombros caírem em derrota.

- Mulher, ela está sedada.

- O que você disse? – ele suspirou e sorriu falsamente:

- Nada, querida. Em dez minutos estaremos lá fora.

E assim Clara abandonou a sala. Chris procurou a serra ortopédica e algumas ataduras.

- Merda, papai. Isso vai ser nojento. – Michael revirou os olhos.

- Em Chiapas você não parecia ter nojo. – Chris sorriu dando de ombros.

- Chiapas foi legal.

Viceroy tinha os olhos arregalados. Como diabos eles conseguiam tratar aquilo com tanta naturalidade?

- ¿Quién diablos son ustedes? – interrompeu vendo a serra ser ligada nas mãos de Chris, que parecia procurar as funções da ferramenta e respondeu com um sorriso sádico:

- Uma família de maderos. Agora vem a parte legal de ser operações especiais. Você está vendo essa serrinha aqui? – O corpo de Viceroy foi facilmente colocado na cadeira por Michael, que amarrou as pernas do homem e soltou a mão esquerda. Apesar da relutância e tentativas de se soltar, Michael conseguiu esticar braço e enfim amarrá-lo no braço da cadeira. – Eu não sei por que, mas a Camilita,

minha cunhada, disse que precisa dela. E como eu sou um ótimo cunhado...

- NO! – foi a única palavra coerente dita pelo narco quando a serra encontrou seu pulso.

Quando Camila chegou até o lugar, ainda conseguia ouvir os gritos de Vicente. Mas pouco tempo depois Chris saiu de lá com uma mala branca na mão, em forma retangular. Ele tinha o rosto sujo de sangue e a roupa também.

- Hueles a cerdo! [está cheirando a porco] – ela reclamou tapando o nariz.

- Isso é osso, Camilita. Toma. – estendeu a mala à latina. – Isso é o que você pediu.

- Que diabos vocês estão fazendo aí dentro? – ela perguntou um pouco assustada. Chris pressionou os lábios e apoiou a mão no ombro dela:

- Se eu te contasse, teria que te matar. – Camila revirou os olhos e tirou a mão suja de sangue.

- E a Teresa?

- Esperando. – a latina assentiu e deu as costas indo embora, escutando barulhos de golpes e gritos.

Preferia não saber mesmo, afinal gostava da ideia de ter uns sogros legais e fofos.

Antes de chegar ao desvio da rua, pôde ver pelo retrovisor como Teresa entrava na casa.

Com a arma em punho, despediu-se de Michael e Chris, juntando-se a Chuy no interior, que encarava um Viceroy derrotado e dolorido.

- E o fim do Señor de los Cielos chegou. Gostaria de ter aproveitado mais essa sua condição... – ela disse andando de um lado para o outro, devagar, como ponderando os acontecimentos. – Mas alguém me disse que a vida é curta, e nela estamos só de passagem. – finalmente parou de frente para ele. – Espero que você queime no inferno, hijo de puta.

E com um tiro certeiro na cabeça, fez com que o homem enfim deixasse a cabeça cair para trás sem vida.

Depois entregou a arma para Chuy e limpou as mãos.

- E agora? – ele perguntou.

- Agora temos um negócio que recomeçar e um anúncio a fazer.

- E o que eu digo aos terratenentes?

- Mande uma foto do patrón, e diga na legenda que agora o sul tem uma nova dona. La Reina del Sur.

No dia seguinte, Lauren e Veronica tiveram enfim a alta do hospital, depois de muito discutir com os médicos afirmando que aceitavam a responsabilidade de sair antes do tempo. Mas antes que fossem até a casa de Lauren, onde Jaureguis e Cabellos haviam preparado uma reunião informal, elas tinham uma última coisa a

fazer.

Lauren ia no banco do copiloto escutando as batidas de You Could Be Mine enquanto Camila pilotava o Gran Torino com o Ray Ban aviador da agente no rosto, batucando a ponta dos dedos no volante. A maior sorria torto entre as dores e hematomas do nariz e sobrancelhas. Logo atrás, Normani e Dinah dividiam o Porsche Cayman, onde a morena deslizava a marcha com suavidade ao som de Beyoncé e, finalizando a formação, Allyson ia no assento traseiro de seu Honda com os braços cruzados, vendo como Lucy dirigia o carro com uma Veronica sorridente ao lado.

Alguns quilômetros depois estavam entrando pelos fundos do bar do dia anterior. Estacionaram um ao lado do outro, de frente para a porta.

Camila deixou a mala branca frente à caixa forte e todas, em pé e encarando a porta, observavam como Allyson abria a caixa com uma careta e Dinah já estava com cara de nojo:

- Definitivamente esses soldadinhos de chumbo são muito sinistros! – mas ninguém disse nada. O silêncio se fez presente e todas estavam atentas aos movimentos de Ally.

Primeiro pegou um aparelho pequeno, como uma máquina onde se passa o cartão, conectando-a com um cabo no painel digital. Depois abriu a mala branca e como era de se esperar, retirou de dentro o que seria a mão esquerda do Viceroy, colocando-a com cara de nojo e segurando-a com a ponta dos dedos, no painel.

Verified.

Uma voz mecânica disse.

Ally jogou a mão dentro da mala de novo e olhou para as companheiras. Era a hora.

Aproximaram-se e Dinah rodou a manivela que havia na porta. Sem nenhum problema ela foi se abrindo, até que um click a avisou e finalmente puxou a porta.

Os maços de dinheiro junto as joias e alguns documentos estavam empilhados por todo interior.

E em cima do grande monte, solitária e desgastada, uma agenda marrom.

Obviando todo o dinheiro, Camila se aproximou e pegou a agenda, entregando-a para Lauren que a abriu ainda com o braço esquerdo em uma tipoia branca.

Nomes, apelidos, códigos de área de comando e o telefone.

A agente sorriu e levantou a agenda fechada.

- É a agenda.

Lucy praticamente pulou em cima de Veronica e Camila se aproximou, levando a mão direita à nuca de Lauren e bicando-lhe os lábios com suavidade:

- Missão cumprida. – a agente sorriu e suspirou, encostando a testa junto a da latina,

e retirando o cabelo da menor com a mão livre.

- Missão cumprida.

- Para onde você quer ir agora?

E com a força necessária, Lauren puxou a cabeça de Camila para trás, encarando-a com os olhos escuros:

- Para nossa casa. Nosso quarto. – a latina sorriu antes de sentir os lábios de Lauren pressionando os seus com vontade.

Dinah continuava encarando todos os maços de dinheiro.

- Somos ricas, Mani. – a morena riu abraçando-a por trás.

- Sim, amor. Somos ricas.

- Tipo, muito ricas. – Normani apoiou o queixo no ombro da loira. – Eu posso comprar uma ilha e andar pelada por ela o dia todo. Porque será só minha. – Allyson revirou os olhos e suspirou:

- Eu acho que agora você vai fazer todas as loucuras que prometeu com o "se algum dia eu for rica"... – Dinah assentiu como abobalhada com o que via.

- Eu vou mandar fazer uma banheira na nossa casa, Mani. E vou despejar todo o dinheiro nela...

- Ok, amor... – Normani a soltou, puxando-a para fora da caixa.

- Normani, eu estou falando sério. O que você quer? Apenas peça que eu te dou! – a morena revirou os olhos e foi puxando uma Dinah extasiada pela mão, afastando-se das outras que estavam em uma bolha.

- Eu quero que você aceite isso. – disse retirando um caderno quadrado das costas, de tamanho médio. Era de couro e estava desgastado. Muito desgastado.

- O que é isso? – Mani levantou o queixo:

- Abre.

Com o cenho franzido, Dinah abriu a primeira página.

Hansen's Family

A loira levou a mão à boca, encarando a namorada com os olhos marejados.

- O-o que é isso?

Continuou passando as páginas onde havia várias fotos de uma família grande, muito grande.

- Essa é sua família. – Dinah a encarou chorando. – Houve um erro na maternidade. Disseram que você não tinha resistido ao parto...

- M-minha f-família? – Normani assentiu sorrindo.

- E eles estão esperando por você... – a loira não aguentou, chorando desesperadamente e sendo amparada pelos braços de Normani.

De longe, Ally enxugava as lágrimas, Camila recebia um beijo na testa de uma Lauren sorridente e Veronica abraçava Lucy por trás com mais força.

Dias atuais...

Central do FBI, Columbia - EUA.

Lauren estava dentro de uma sala cheia de cadetes atentos e dispostos a aprender. Escreveu no quadro Agente Especial Jauregui e encarou um a um com sua típica cara de bicho e enfim perguntou:

- Alguém sabe as quatro regras básicas que um infiltrado deve seguir? – perguntou e uma mão se alçou no fundo da sala. Ela franziu o cenho e olhou com desprezo. – Seu nome?

- Cabello. Camila Cabello.

- Pois não, senhorita Cabello. Quais são as regras que um infiltrado deve seguir?

- Os traficantes são nossos inimigos, não confie em ninguém, não revele sua identidade a ninguém, e nunca, sob hipótese alguma, se apaixone ou se envolva sentimentalmente com o inimigo.

Lauren arqueou a sobrancelha e assentiu.

- Muito bem, agente Cabello. Essas regras são básicas na vida de um infiltrado... – prosseguiu a explicação. Camila olhou para seu lado direito onde Dinah revirava os olhos e Normani ria mascando seu chiclete. E uma bolinha de papel chegou a sua mesa, onde ao abrir havia um good job, Mila. Encarou a dona da letra e sorriu para Allyson que lhe ofereceu uma piscadela. – ... Não importa as circunstâncias... – Lauren continuava e enfim olhou em volta. – Uma missão é uma missão. – e então deu seu sorriso cafajeste encarando seriamente uma Camila que a desafiava com o olhar frio. – A não ser que ela goste de clássicos. Então, arrisque tudo.

FIM.

//

Foi um prazer coincidir nessa trajetória.

Obrigada por tudo.

A gente se lê por aí.

Chêro,

A autora.

Especial Fast and Furious In Rio Part I

SALVE GAYZADA!

Demorei, mas cheguei. Eu anunciei essa surpresa quando saiu o video de All In My Head (ô papai) e bom, construi todo um filme de ação e coisas clichês ao extremo na minha cabeça usando algumas partes do clipe. Mas meu irmão chegou hoje aqui e amanhã vou dar um passeio com ele pq trabalho de seg a sexta, então vou fazer um trato com vocês. Vou postar uma parte meio que a modo de introdução do que está por vir e entre amanhã e segunda eu posto a segunda parte. Então sintam-se livres de esperar a segunda parte para ler ou simplesmente ler essa e esperar. Tentei ser o menos vadia possível com o final kkkkkkk EU JURO!

NO MAIS, BEM VINDOS DE VOLTA.

RIDE OR DIE BITCHES.

Chêro.

//

As seis da manhã o despertador soou. Quarto escuro, roupas pelo chão, edredom branco totalmente amassado.

Um grunhido.

Puto despertador.

De repente, o pobre e indefeso despertador estava no chão depois de levar um tapa. Lauren abriu os olhos sonolenta e encarou seu teto.

Mais um dia.

Olhou para o lado vendo as costas nuas de Camila esparramada na cama e com os braços em baixo do travesseiro. Sorriu e virou-se minimamente, alisando a superfície fina e cálida com a ponta dos dedos, subindo e descendo.

Outro grunhido, dessa vez manhoso.

- Camz... – chamou quase em sussurrou deslizando o nariz pela nuca descoberta. – Hora de acordar.

- Não quero. – Disse manhosa. Lauren riu e a mordeu de leve no ombro. – Ai! Pendeja...

- Vamos. Estamos atrasadas.

E enfim se levantou deixando o lençol na cama, desfilando nua pelo quarto enquanto abria a cortina.

- Lauren! – a latina reclamou quando o sol invadiu o cômodo. Mas não teve mais remédio. Virou-se na cama e ainda com cara de sono e o cabelo bagunçado, observou como a maior procurava uma roupa no armário. Sorriu torto quando viu a bunda descoberta, ladeando a cabeça. – Sabe, li na Vogue esses dias que os casais que perdem o hábito de fazer sexo pela manhã têm uma maior

probabilidade de divórcio...

Lauren olhou por cima do ombro, parando imediatamente o que estava fazendo.

- Na Vogue? – Camila assentiu levemente, sem deixar de olhar a já esposa de cima a baixo. Lauren fingiu pensar, olhando para cima e fazendo alguns cálculos com os dedos enquanto se aproximava da cama. Puxou o lençol da latina, descobrindo-a – Se a Vogue disse isso, quem somos nós para questionar, não é? – Camila assentiu novamente sentindo o corpo da morena agora sobre o seu.

- Pois é...

- E você acha, senhora Jauregui, que consegue tomar banho, se arrumar, tomar café e chegar na agência em quarenta e cinco minutos? – foi a vez da latina fingir pensar.

- Eu tenho um Camaro 1969 com o motor de um 2016, quer apostar?

- Lauren deu de ombros.

- Go hard or go home. – e a puxou de repente, indo entre beijos e sorrisos até o banheiro.

Se esbarraram nas esquinas enquanto procuravam a entrada do box. A latina ligou o chuveiro sentindo os lábios de Lauren em seu pescoço, mas logo a empurrou contra a parede. Lauren franziu o cenho sem entender, mas quando Camila afastou suas pernas com o pé direito e arranhou sua cintura, ela já não tinha mais nada a fazer, a não ser se deixar sentir.

Dez minutos depois estavam se enxugando. Lauren colocou sua calça social cinza de linho, os saltos e ficou de sutiã, indo correndo até a cozinha para colocar o café e as torradas.

Camila optou por uma calça preta, mas já apareceu com sua camisa branca, apoiando o blazer na cadeira e segurando a camisa de Lauren.

A cafeteira apitou, elas se serviram enquanto Lauren ainda se vestia, comiam em pé e correndo de um lado para o outro da casa atrás dos pertences.

Chegaram na frente do elevador e entraram, já sérias. O vizinho do 11º acabou entrando no andar seguinte.

- Bom dia. – elas responderam com um aceno e continuaram em silêncio.

Olhavam os andares descendendo. Lauren segurava casualmente as chaves do Gran Torino na mão esquerda e sua pasta na direita. Camila tinha as mãos no bolso da calça, e com a direita brincava com a ponta de sua chave também.

No 0 o vizinho saiu, se despedindo. As portas se fecharam e elas continuaram sérias.

-1

As portas abriram e elas saíram correndo até a vaga 12. O Camaro preto bem ao lado do Gran Torino que por sua vez protegia a Harley.

Lauren escorregou pelo capô de Camila, abrindo a porta do carro e

jogando a mala.

Quando já estavam dentro, em questão de segundos e quase que sincronizadas, elas ligaram os carros e saíram cantando pneu, mas por uma mínima brecha, Camila saiu na frente na ladeira do estacionamento, tendo a preferência.

- Fuck! – Lauren praguejou batendo no volante e pelo retrovisor a latina sorriu.

Continuaram acelerando e trocando a marcha com força enquanto deslizavam pelas curvas da ladeira até a saída do prédio que dava a uma rua principal e movimentada.

Camila desviou o primeiro carro e Lauren a acompanhou. Deslizavam pelas pistas fazendo zig-zags, recebendo vários xingamentos e buzinas. Quando finalmente chegaram a um semáforo quase fora da cidade pararam uma ao lado da outra. A latina apertou o volante e acelerou. O motor soou e Lauren fez o mesmo. Se olharam pela janela e quando o sinal ficou verde, arrancaram.

Poucos metros e fizeram a curva à direita quase simultaneamente, exceto por um milímetro que levou Camila a entrar primeiro no estacionamento do FBI.

A latina estacionou e saiu do carro mascando chiclete com seu Ray Ban redondo no rosto. Já Lauren saiu do carro batendo a porta com força e puxando o blazer, irritada.

- Foi por uma brecha de centímetro. – justificou enquanto caminhavam à entrada do grande edifício espelhado. A latina sorriu torto.

- Não importa se é uma brecha de centímetro ou um quilômetro. – disse enquanto passavam o cartão na máquina de identificação e entravam no elevador. – Ganhar é ganhar.

Lauren grunhiu ainda irritada. Camila a encarou, retirou os óculos colocando-os na blusa e piscou para esposa, lançando um beijinho. A morena se limitou a revirar os olhos e foram andando sob o olhar curioso dos outros agentes até uma sala ao final do corredor.

A sala era grande, tinha uma mesa com sete cadeiras colocadas três a cada lado e uma na cabeceira. Mais afastado havia um sofá e uma grande televisão na parede.

Ally estava deitada no sofá com um terno azul marinho e camisa branca. Tinha um iPad nas mãos e parecia concentrada.

Dinah estava girando em uma cadeira de rodas ao lado esquerdo usando uma calça branca com blazer preto, enquanto Normani, sentada ao lado direito, jogava um aviãozinho de papel para cima, estava toda de branco.

- Bom dia. – Camila disse sorridente. Todas as encararam e começaram a rir.

Dinah foi a única a se manifestar:

- Alguém perdeu de novo... – Lauren revirou os olhos e jogou a pasta sobre a mesa, ocupando a cabeceira.

- Esse era um ótimo momento para você ficar calada, Dinah. – com as mãos e ocupando o assento ao lado de Normani, Camila pediu silenciosamente para que Dinah a deixasse em paz.

Não demorou muito para que a porta fosse aberta e uma jovem asiática com o cabelo liso quase na altura do quadril, entrou meio envergonhada com uma pilha de pastas nas mãos. As colocou sobre a mesa e se foi sem dizer nada.

Lauren pegou a primeira e Camila se encarregou de passar às outras. O silêncio finalmente se fez presente.

Elas liam os casos concentradas.

Camila havia recolhido seu cabelo em um rabo de cavalo alto e tinha a ponta da caneta entre os dentes, o cenho franzido e com o indicador dedilhava sua leitura. Lauren levantou o olhar para encará-la, sorrindo sem perceber, e foi inevitável não lembrar de dois anos atrás, quando elas estavam bebendo cerveja e comendo pizza.

Lauren POV

Depois do México tive nove meses de reciclagem. O tenente basicamente nos obriga a ficar um tempo longe das ruas e qualquer tipo de casos devido a que tudo é ainda muito recente e os traficantes tem uma obsessão por vingança. Camila e as outras receberam o indulto a contragosto de muitos dos cargos e agentes do FBI, mas se não fosse por elas a missão Señor de los Cielos não teria acabado do jeito que acabou, e eu dei a ideia de que elas entrassem. Se preparam para o treinamento que, devido a reciclagem, eu era a responsável de dar. No final do recesso precisavam de um grupo de pessoas sem escrúpulos para trazer a filha do cônsul americano na Colômbia que havia sido sequestrada pelas FARC, com o detalhe de que que o governo americano não podia, oficialmente, interceder.

Essa foi nossa primeira missão, mas não tão relevante assim pelo motivo.

Cartagena de Índias é uma cidade colombiana à beira do Mar Caribe colonizada pelos espanhóis, sendo um dos portos mais importantes da América. Um calor infernal, mas não era como o México. Vento fresco e o mar em cada canto que você olhava. Estávamos em uma casa da época colonizada, um pouco antiga, clássica... perfeita. O terraço era grande e dava para a praia. Camila gostava de ficar admirando o mar sempre que acordava logo cedo, nua, com os cabelos ao vento... linda. E eu não me importava com a paisagem tendo a melhor vista do mundo a poucos metros.

Mas foi na noite do nosso último dia, quando a garota já havia sido resgatada e estava em um avião, que tudo mudou.

Ela estava com um vestido branco rodado de alças finas na altura das coxas. Tinha uma tulipa amarela acima da orelha presa no cabelo e uma Corona nas mãos. Olhava para o mar e mais a direita havia algumas pessoas. O entardecer era espetacular, avermelhado com tons claros de azul, quase roxo.

Parecia o momento perfeito.

Bebi a última dose de tequila e praticamente fui empurrada por Veronica. Senti o álcool queimando minha garganta e logo o estômago. Minhas mãos suavam e eu não sabia se por dentro estava com calor ou prestes a congelar.

Mas antes que eu chegasse ao seu lado, ela olhou para trás e sorriu. O rosto levemente rosado pelo sol da selva e a expressão cansada. Eu sorri de volta.

Puta que pariu eu mal sabia o que fazer.

- Damos um passeio? – saiu sem mais. Ela franziu o cenho, mas assentiu.

Caminhamos em silêncio, uma ao lado da outra, e logo ela percebeu que eu estava mais do que nervosa. Eu passava a mão pelo cabelo constantemente e podia escutar a risada baixa que ela soltava, mas respeitou meu momento e não perguntou. Graças a Deus.

Quando se trata dessas decisões você precisa ser um pouco desesperada, entende? Não que a pessoa vá fugir, mas porra, sabe como é difícil ter fé e confiança em alguém trabalhando cinco anos em uma das piores organizações? Meu amigo, você perde a confiança até em sua sombra. E quando, no meio de toda a merda que existe no mundo, aparece uma flor, você não pode pensar nem temer. É questão de segundos, como quando tem alguém a sua frente e você precisa atirar. Instinto. Sua cabeça não sabe, mas seu corpo sente. E eu senti, desde o primeiro momento, que era ela.

Quando já não havia mais ninguém por perto, o céu estava quase alaranjado. Parei de repente. Que merda.

- Lauren? – ela chamou. Levantei a cabeça. – Está tudo bem? – assenti levemente. – Você está um pouco pálida... – disse desconfiada.

O que eu faço, me ajoelho? Isso é uma idiotice.

- Camila, eu... – merda, ela está ficando ainda mais confusa. – Eute amo. – sorriu. Bom, sorriu.

- Eu também te amo.

- Não! – oh não, confusão de novo. – Digo, eu sei. – merda. – É só que... – começou a coceira. Porra.

- Lauren...

- Deixa eu falar, por favor, só... Deixa eu falar, ok? – respirou fundo e assentiu. – Eu não gosto de muitas coisas nessa vida. – essa cara de 'não me diga?' que ela faz me irrita. – Eu já vi e vivi coisas que me fizeram ser muito rígida, por isso eu vivo minha vida um caso de cada vez. Nada mais importa. E quando me falaram que havia uma mulher ganhando todas as corridas com um Dodge Charger, disse a mim mesma que precisava ver aquilo.

- Você teve ovários, gringa. – e eu ri ao me lembrar de sua cara furiosa quando me viu, suponho que ela também lembrou ao sorrir negando com a cabeça.

- Eu te disse. – zombei sorrindo e ela revirou os olhos.

- Você teve sorte que não percebi o nitro...
- Acho que todo mundo percebeu, menos você. – agora ela se irritou.
- Qual o seu problema Jauregui? Acordou com um desejo de morte ou

algo?

- Eu nunca me senti mais viva do que nunca, Camz.

Narrador POV.

O rosto da latina desencanaixou e ela ficou séria de repente. Franziu o cenho e engoliu seco. Lauren respirou fundo olhando para o céu e riu de sua própria estupidez. Ela estava quase bêbada. Quase.

- Lauren...

- A gente não escolhe a pessoa, Camila. – disse de repente e a latina se calou. – É impossível dizer a uma pessoa que ela te ama e forçá-la a aceitar isso. As coisas simplesmente acontecem. Você aposta e ganha ou perde. – a latina assentiu, completando:

- Go hard or go home.

- Exatamente. – Lauren disse firme. – E quando você está a poucos centímetros de conseguir cruzar a linha é quando finalmente se sente livre. Mas eu cruzei essa linha há muito tempo. – estalou a língua negando. – Quando eu te vi naquele deserto dentro do seu carro se sentindo a dona do mundo, ou quando quis me expulsar do seu território mesmo sabendo a fama que eu tinha. – a latina engoliu seco. – Você tem esse tipo de olhar que transcende qualquer pretensão, 20% anjo e 80% diábala... realista, que não tem medo de sujar as mãos de graxa, como quando você dançou distraída com aquele macacão azul no armazém. – as duas riram, mas de repente Lauren ficou séria. – Eu fui livre no momento em que te conheci, Camila. Porque eu sei que não importa o que vai estar em jogo, por você eu aposto tudo, flaca. – disse dando um passo à frente e sorrindo sem jeito.

Uma caixinha de veludo preta, que Lauren retirou da barra da saia longa branca e abriu, com dois anéis de ouro branco com uma pérola singela em cada um.

- Lauren, o que você... – iniciou com a boca aberta.

- Eu quero apostar minha vida com você, Camila. – disse visivelmente nervosa. – E você, quer apostar comigo? – a latina sorriu e negou com a cabeça, levando as mãos à boca. Depois deu um pequeno grito agudo, pulou em cima de Lauren.

- Sí, carajo, sí! – gritou sendo amparada por ela. – Eu aposto meu Dodge por você, gringa.

- Sim? – perguntou ainda incrédula e Camila assentiu mordendo o lábio inferior.

Lauren a beijou com desejo e ao se separar, com uma testa apoiada na outra, ainda a segurando em seus braços, começou a girar escutando a risada espontânea de Camila que deixava a cabeça cair para trás, enquanto escutava Lauren gritar repetidamente "ela disse sim! ".

- Lauren! – Camila gritou mais uma vez, estalando os dedos quase nos olhos da morena que deu um pulo na cadeira.

- Sim! Eu... am... – disse recuperando-se das lembranças.

- No que você estava pensando? – Lauren encostou-se na cadeira e levou o indicador aos lábios, tentando se mostrar neutra.

- Estava tentando lembrar de um caso. – não muito convencida, Camila não pôde continuar perguntando porque Dinah jogou sua pasta na mesa:

- Isso é um saco! Eu não aguento mais revisar caso em busca de algum detalhe errado para reabrir! Onde estão as missões supersecretas que o tenente nos prometeu? – Ally, que até então continuava no sofá, se sentou ao lado da loira:

- Estamos em recesso, Dinah, é difícil conseguir algum caso depois de que os carteis nos jurassem de morte.

Todas se olharam como se não pudessem fazer nada, apesar de lamentar. E era bastante aceitável a decisão do tenente, já que todo mundo agora conhecia a história delas.

Ficaram em silêncio encarando a mesa. Dinah e Ally se mexiam na cadeira e os segundos pareciam se arrastar, até que Kao, a mesma agente que entregou as pastas, chegou sorridente na porta:

- Meninas, o tenente quer falar com vocês.

Elas se olharam e saíram praticamente correndo da sala.

Quando os outros agentes viram a cara de felicidade delas começaram a revirar os olhos ou bufar irritados. Dinah olhava para todos abrindo os braços e perguntando "quê? " como se fosse uma rapper, fazendo chacota da cara inconformada dos veteranos.

Elas sabiam o que aquilo significava.

Elas tinham uma missão.

Estavam em uma sala parecida a delas. Na esquerda, Ally, Lauren e Camila, e na direita, Normani e Dinah. O tenente, o homem moreno e alto com o cabelo e barba grisalha [n/a: pensem no the rock] explicava o caso onde um caminhão repleto de cocaína era o cenário do assassinato de um agente do FBI.

- Esse era o agente Ramirez. Estava infiltrado em uma nova rede e acabaram descobrindo tudo. A única pista que temos do assassino são as digitais na arma do próprio Ramirez.

Camila franziu o cenho:

- E qual o problema?

- O problema, agente Cabello... – disse impaciente com as mãos na cintura: – É que não existe nenhuma coincidência nas nossas bases de dados dessas digitais. – Camila deu um sorriso amarelo, assentindo.

Mas Lauren já conhecia o procedimento:

- Quem é o suspeito?

O tenente olhou para Kao que começou a digitar coisas em seu iPad que apareciam na televisão.

- Silva. – um homem alto, vestido com um terno bege e camisa branca, óculos escuros, moreno e sorriso contagiante. N/a: [pense no Rodrigo Lombardi]. – É um empresário brasileiro que tem alguns negócios de importação de café com a Colômbia, aparentemente limpo no sistema, mas sabemos que a polícia está por trás.

Lauren insistiu:

- O cartel colombiano já conhece a gente, é impossível conseguir uma infiltração. – o tenente olhou para todas e finalmente contestou:

- Vocês não vão se infiltrar. – elas se olharam sem entender. – Essa missão não existe, Jauregui. Preciso que vocês façam a mesma coisa que fizeram no México. – Ally, a mais confusa de todos, se pronunciou:

- O senhor quer que a gente faça o que exatamente? – o tenente espalmou as mãos na mesa:

- Eu quero uma prova de que o Silva exporta algo mais que café e foi o responsável pelo assassinato do agente Ramirez. Improvisem.

Dinah enfim disse:

- E o senhor sabe que vamos fazer do nosso jeito, não sabe?

- Hansen, eu não quero explosões, mas... – advertiu.

- Mas... – ela insistiu. Ele ponderou o que ia dizer, quase arrependendo-se:

- Mas vocês têm o resto livre. – todas sorriram quase comemorando. – Olha só, todos esses agentes aí fora estão esperando vocês falharem para jogar na minha cara que essa brigada de ex delinquentes é um erro. – disse levantando o indicador. – Tragam as digitais do Silva e mostrem para eles que sete mulheres são melhores que um batalhão inteiro. Entendido? – todas assentiram. – Agora fora da minha vista. Kao vai ser o contato de vocês durante a intervenção e se eu receber uma ligação do secretário de defesa, vocês estão demitidas.

Ele estava prestes a sair quando Lauren disse:

- Senhor! – a olhou. – Obrigada. – e parado na porta ele respondeu:

- Traga o Silva, Jauregui. – e se foi.

Kao estava em sua sala, um quadrado cheio de computadores, telas gigantes e outras menores, um teclado a sua frente e muitos áudios de conversas em japonês.

As meninas entraram em sua sala sem tocar. Lauren colocou um copo de café sobre a mesa de Kao que imediatamente as desculpou, percebendo que haviam mudado de roupa. Lauren e Camila usavam coturnos, jeans escuros e desgastados e camisas normais com jaqueta de couro por cima. As outras também estavam mais confortáveis, com calça jeans e camisetas. Dinah usava um all star

branco e Normani o Rihanna Pick's do puma preto. Ally estava com uma sapatilha, sentando-se ao lado de Kao com seu iPad, alheia a alegria das outras.

- O que temos, Kao? – Lauren perguntou olhando a tela grande.

- Silva tem negócios pelo país, mas decidiu passar uma temporada de descanso no Rio. – Lauren olhou para ela por cima do ombro.

- Qual a temperatura lá?

A agente digitou algo em seu computador e apareceram várias mulheres e homens com trajes de banho na praia fazendo Lauren grunhir.

- Daqui a dois dias será organizada uma festa ibicenca, todos os convidados devem acudir de branco a um coquetel na praia e posteriormente a festa será em uma mansão alugada por ele em Angra dos Reis. O traje para noite tem que ser mais elegante. – Lauren revirou os olhos novamente. – Até lá, estamos totalmente a cegas com a missão. Não há ninguém que seja parte do cartel dele que não conheça vocês... E as favelas serão bem complicadas.

- Por quê? – Dinah inquiriu com o cenho franzido. – Nós também somos da rua.

Kao deu de ombros:

- Agora vocês são maderas.

- Merda! – a loira resmungou.

- Tem uma pessoa... – Kao inseriu um comando no teclado. – Dona Josefa, Sefa para os mais íntimos. Uma senhora de 70 anos que cuida de uma creche na comunidade. As mães deixam os filhos lá quando vão trabalhar e só pegam na volta.

Camila franziu o cenho:

- E por que ela vai nos ajudar?

- Porque ela é cubana e... – todas a encararam esperando a continuação – Porque a creche está localizada entre duas facções que selaram a paz nesse ponto para que as mães possam deixar os filhos. É um ponto privilegiado para analisar os carregamentos do Silva. E.... porque seja madero ou traficante, ninguém entra na creche dela sem que ela queira.

E sorriu sem mostrar os dentes, bebendo um gole do café.

Camila se deu por satisfeita:

- Agora vamos aos carros.

- Sabia que vocês iam querer alguns. – Kao digitou novamente e apareceu um catálogo com todos os carros apreendidos pelo FBI. – Esses são todos os modelos que temos a disposição....

- O Torino Talladega GPT 1969 preto... e também o Camaro 16 vermelho... – a latina disse pensativa e Kao foi separando a um lado da tela.

Dinah também começou a apontar para o que queria:

- O BMW i9 preto...

- O Mazda RX-7 vermelho. – Normani a cortou. – E.... o MX-5 Miata também.

- O Maserati GranCabrio MC... Branco. – a loira finalizou satisfeita. Lauren revirou os olhos e disse os seus:

- Plymouth Barracuda 1973 da direita e o Roadrunner 1970 do lado. – foi a vez de Dinah revirar os olhos:

- Esses carros têm sua idade mental, Jauregui. Coisa de velho... – resmungou. Camila sorriu torto encarando uma Lauren entediada.

- E os seus tem a sua, de uma adolescente em plena puberdade. – a loira ficou ofendida sussurrando um 'rude' enquanto jogava seu cabelo agora na altura da nuca, para trás.

- E com qual vocês vão ficar? – Kao perguntou inocentemente e todas a encararam. – Digo... não cabem todos no avião... – tentou explicar e elas riram.

- Todos. – Lauren disse.

- Todos?! – perguntou perplexa e Jauregui assentiu sorrindo.

- Obrigada, Kao, agora Ally faz o resto.

- Mas como vocês vão levar esses carros até o Rio sem chamar atenção? – perguntou incrédula.

Ally pegou o teclado para si e começou a abrir o Autocad, explicando enquanto digitava:

- Um dentro do outro, Kao. Por exemplo, o Torino de Camila terá o motor do Camaro; o Maserati da Dinah irá com o motor do BMW; o MX-5 da Mani com o motor do RX-7 e os da Lauren... – ficou em silêncio olhando para a morena que apenas assentiu de leve. – Serão os dois.

- Por quê? – Kao insistiu. O celular de Jauregui tocou e ela saiu da sala deixando-as, então Camila se aproximou da mesa apoiando o braço enquanto olhava a tela:

- Alguns clássicos são perfeitos demais para mexer, Kao. – explicou. A agente ficou olhando para a tela enquanto Camila dava algumas instruções a Ally e Dinah e Normani completavam os detalhes. Ela não entendia nada, mas já tinha uma conclusão.

Talvez elas não explodiriam nada como o tenente pediu, mas com certeza o Rio de Janeiro ficaria pequeno depois dessa missão.

- Mãe, para o fim de semana não vai dar... – Lauren dizia suspirando ao telefone.

- Michelle eu não-

- Temos uma missão a cegas.

Silêncio.

- Onde?

- Rio de Janeiro.

- Temos contatos...

- Iremos todas, não será necessário.

Silêncio novamente.

- Ok. – a agente suspirou aliviada. – Mas da próxima não passa!

Quero vocês aqui assim que esse avião pousar, entendeu?

- Quê?! – perguntou exaltada. – Mãe, em uma semana nós não-

- Uma semana, Michelle! Vocês têm uma semana para resolver esse caso ou não me responsabilizo pelos meus atos! É o aniversário de Alejandro e estamos preparando uma surpresa...

- Mãe, o aniversário dele é no mês que vem!

- Mas Sofia estará na faculdade! Ela só tem essa semana livre.

- E por que a Sofia tem privilégios e nós não?!

- Porque ela foi a única sensata dessa família. Uma semana, Michelle.

Que Dios me la bendiga, mija.

Lauren suspirou apertando os olhos.

- Amén, madre.

E a chamada encerrou.

- Algum problema? – Camila perguntou parada na porta.

- Sua sogra. – disse mostrando o celular. – Estão preparando o aniversário do seu pai para a semana que vem.

- Mas ainda falta um mês para... Deus, em que momento decidimos deixá-los morar no mesmo bairro... – resmungou e Lauren riu com escárnio.

- Foi você que disse que assim eles iam parar de encher com essa coisa de neto... – disse puxando-a pela cintura. – Agora temos uma semana para resolver esse caso e estar em Miami.

- Se depender da sua rapidez dirigindo... – zombou apoiando os braços nos ombros da morena que revirou os olhos. Mas Camila logo riu lhe roubando um beijo que foi se intensificando até que Dinah entrou gritando:

- Chega disso! – as duas se afastaram. – Os carros já estão a caminho e Ally já tem os planos. – ao ver que continuavam paradas insistiu – Vamos!

Na oficina da central, uma espécie de galpão onde os forenses faziam algumas investigações, elas estavam devidamente vestidas enquanto desmontavam os carros.

Camila estava dentro do capô do Torino explicando alguma coisa a Lauren enquanto Dinah, Normani e Ally tentavam resolver um empecilho com os cabos do Mazda.

Um estrondo ecoou seguido de um grito:

- Olá putitas! – e quando se viraram, Veronica e Lucy chegavam sorridentes. – Pensaram que iam se meter em uma missão suicida sem o melhor do time?

Vero abriu os braços e as meninas praticamente foram correndo até elas. A primeira foi Lauren que a abraçou com força:

- Mas vocês não estavam fazendo a... – Vero deu de ombros e fechou

os lábios em uma linha, como lamentando.

- Acho que nos precipitamos. – quando acompanhou o olhar de Vero até uma Lucy sorridente e visivelmente cansada, Lauren entendeu o que estava acontecendo, deixando estar.

- Bem-vinda a casa, perdedora. – Vero sorriu e a abraçou outra vez. Agora o time estava completo.

A base aérea já estava preparada. O air-force USS Marshall também. Um cargueiro preto, imponente e enorme.

Os carros já estavam devidamente colocados e elas conversavam com o tenente antes de embarcar. Um mapa apoiado no capô do Jeep onde todas com os cabelos ao vento e óculos escuros escutavam atentamente as indicações:

- Essa é a zona principal. Quero fotos e testemunhas de que o Silva está por trás do tráfico. Não adianta alguém simplesmente confirmar, é estritamente necessário que vocês documentem cada pista, entendido? – todas assentiram. – Bem, a casa de vocês está localizada na Gávea, Zona Sul. Procuramos uma parte privilegiada para que tenham acesso a entrada da Rocinha, é lá onde precisamos encontrar as evidências.

- Mas senhor... – Lauren disse aumentando o tom de voz pelo barulho das turbinas. – Não sabemos podemos acudir a favela com identificação e assim nenhuma prova será válida.

- Eu não sou advogado, Jauregui. Esse problema a gente deixa com o promotor. Quero saber se o Silva está por trás de tudo, não importa como. – Todas assentiram. – Se algo der errado, antes de explodir qualquer coisa, me ligue! Entendido? – assentiram novamente e ele estendeu a mão a Lauren. – Boa sorte, meninas.

Apertou a mão de todas com força e observou como elas se afastavam entrando no avião pela rampa.

Durante as 12 horas e 40 minutos até se aproximarem do Rio, cada uma se refugiou em seu próprio mundo. Como nos velhos tempos, cada uma tinha uma função naquilo que desempenhavam melhor.

Normani continuava com a sutileza dos transportes em lugares estreitos, guiando e cobrindo os passos de Dinah, quem costumava ser a isca chamando a atenção para si enquanto as outras faziam o resto. Quase sempre uma se apoiava na outra para as missões de resgate nas ideias improvisadas da loira.

Camila e Lauren ficavam com o planejamento da estratégia, ficando com as manobras impossíveis e, por dizer de algum modo, a investigação. Faziam as perguntas e chutavam a bunda de quem fosse necessário para conseguir as respostas.

Lucy e Vero tinham a responsabilidade de cobri-las, quase sempre de incógnitas ou caso fosse necessário, posicionadas para as intervenções com armas e

explosivos.

Ally continuava com a parte tecnológica. Era a voz que sempre escutavam caso precisasse de um plano B... ou Z.

O tempo rendeu muitos X vermelhos no mapa da cidade, onde seria possível tentar entrar e onde, de forma alguma, deveriam passar. Estariam em contato constantemente e já haviam aprendido os rostos e nomes mais importantes da pequena organização, inclusive dos policiais que deviam evitar.

As 6:00am o capitão avisou que já estavam sobrevoando a Base Aérea de Santa Cruz na região oeste do Rio e elas se prepararam, entrando cada uma em um carro. Vero, Ally e Lucy ficaram com o Roadrunner de Lauren.

Óculos escuros, vidros fechados e cintos apertados. Quando sentiram o avião pousando e, poucos minutos depois parando, os motores rugiram como em uma sinfonia. Um mais potente que o outro.

Quando a rampa descendeu e a luz do sol irradiou a escuridão do avião, saíram todas em fila, acelerando e se fazendo pequenas ao longe da pista de pouso, dirigindo-se a saída.

- Esto es Río, baby! – Dinah gritou no rádio.

A formação já era conhecida por todas. Camila e Lauren lideravam a fila com os vidros abertos. A latina tinha Marc Anthony no rádio e Lauren, Nirvana. Atrás e completando a formação, Vero estava escutando Pitbull na ponta esquerda, Dinah no meio escutava Flo Rida e Normani na ponta direita tinha Beyoncé. Peças totalmente opostas que encaixavam perfeitamente.

Vidros abertos e o vento forte da cidade, era só o começo.

A mansão que estavam localizadas era ampla, principalmente na entrada principal onde os carros estavam estacionados.

Não demoraram a se instalar e Ally já tinha todos os monitores e rádios funcionando.

- As câmeras do tráfego podem nos ajudar com as fugas. – comentou por alto. Dos seis monitores instalados, dois colocados um pouco mais acima dos outros quatro mostravam constantemente imagens do trânsito.

Uma mostrava os comandos usados pela loira, apenas para controlar que não tinha nenhuma barreira ou alguém interceptando seu sinal. Outra carregava as fichas policiais e tudo que havia na internet relacionado aos traficantes mais importantes. As outras duas vigiavam as entradas da casa e os jornais locais.

Veronica e Lucy estavam um pouco distantes, falavam pouco e pareciam concentrada em montar o arsenal de armas que haviam levado.

- O que é isso? – Dinah perguntou pegando um objeto cilíndrico que parecia um spray. Veronica prendeu a respiração.

- Uma granada. – disse devagar e a tirou das mãos da loira. Dinah arregalou os olhos e limpou as mãos na calça.

- O tenente disse sem explosões. – Ally pontuou. Vero riu com escárnio.

- Ele sempre diz isso. – e continuou montando o rifle que tinha nas mãos.

- E agora, o que a gente faz? – Normani perguntou se jogando no sofá.

Vero continuava concentrada na arma, mas respondeu:

- Esperar. Precisamos de uma brecha para ir até a creche, mas isso fica com Camila e Lauren.

- E a gente? – insistiu.

- Enquanto elas trabalham, a gente se diverte. – disse mexendo as sobrancelhas sugestivamente.

No andar de cima, da varanda do quarto fundos que dava para uma parte da favela, Camila olhava por um binóculo enquanto Lauren resmungava ao separar suas camisas brancas básicas e jeans surrados. Não era recomendado chamar a atenção, por tanto no calor daquela cidade desfilas de coturnos e jaqueta de couro para quem queria passar despercebida.

- Daqui dá para ver a entrada da creche, não tem muito movimento aparente, mas com certeza deve ser vigiado por outros pontos.

- Acho que tenho uma ideia para conseguir entrar. – Lauren comentou distraída dobrando as camisas em cima da cama.

- Posso saber qual? – continuava olhando para todos os pontos possíveis.

- Uma velha amiga. – e bastou escutar isso para que Camila soltasse o binóculo e entrasse no quarto.

- Uma quê? – perguntou com a sobrancelha arqueada. Lauren franziu o cenho.

- Uma policial da brigada antidroga que está casada com um amigo do Chris. – Camila enfim respirou aliviada.

- Sempre que você me apresentou uma velha amiga, acabei descobrindo que eram seus casos adolescentes. – debochou com ironia. Lauren revirou os olhos. – Há algo que você queira dizer sobre ela?

Lauren sorriu jogando a última camisa branca de qualquer jeito na cama e puxando-a pela cintura.

- Você está com ciúme?

- Não.

- Sim, você está. – provocou tentando beijá-la, mas a latina cruzou os braços e fechou a cara, desviando.

- Responde à pergunta.

Lauren suspirou olhando para cima.

- Sim. – Camila ficou ainda mais tensa. – Ela não está na lista dos meus casos adolescentes. – debochou.

- Saiba que agora eu tenho licença para andar armada. – Lauren gargalhou abraçando-a com mais força.

- Vou ter isso em mente, obrigada.

Tentou beijá-la novamente, mas Camila se afastou. Lauren revirou os olhos e segurou a nuca da latina com a mão direita, beijando-a a força, mas sem precisar de muito para sentir os braços da menor em seus ombros.

No andar de baixo Ally retirava os fones rapidamente e falava às meninas:

- A polícia emitiu um aviso de que precisam de reforços no Leblon para transferir um carregamento.

- E por que isso é importante Allycat? – Dinah inquiriu entediada enquanto folheava uma revista.

- Porque o Silva solicitou a escolta.

Vero olhou para elas mexendo as sobrancelhas sugestivamente:

- Alguém quer conhecer o Leblon? – disse puxando o seguro do rifle.

//

Nem fui escrota, viu so?

Especial Fast and Furious In Rio Part II



Oops! This image does not follow our content guidelines. To continue publishing, please remove it or upload a different image.

Se prepara pra descer daquele jeito, se prepara pra descer daquele jeito, daquele jeito, daquele jeito...

E AÍ?

É NOIS.

DEPOIS DE NOIS?

É NOIS DE NOVO!

SAAAAAAAAAAAAAAAAALVE GAYZADA.

Maré brava e lua cheia, cadê Analua?

Andei sumida, eu sei, estava fugindo dos maderos. Mentira, eu formei! E comecei a trabalhar em outra empresa, depois teve uma maré bem cheia que nem Yemanjá pra dar jeito, mas graças a Deus e todo o alfazema do mundo, estou de volta.

Não me odeiem, às vezes é importante que cada um tome seu tempo para se reerguer, porque uma vez que você se levanta da queda, é muito mais difícil cair de novo.

Agora parando com a viadagem de bolacha da sorte, vocês não fazem ideia de como os comentários que leio alegram meu dia.

Obrigada, sério.

Vamo que vamo!

Chêro.

//

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

- A polícia emitiu um aviso de que precisam de reforços no Leblon para transferir um carregamento.

- E por que isso é importante Allycat? – Dinah inquiriu entediada enquanto folheava uma revista.

- Porque o Silva solicitou a escolta.

Vero olhou para elas mexendo as sobrancelhas sugestivamente:

- Alguém quer conhecer o Leblon? – disse puxando o seguro do rifle.

Lauren e Camila iam descendo as escadas enquanto as meninas se preparavam para sair, dividindo os rádios e algumas armas.

- O que houve? – Lauren perguntou confusa.

- Aviso no Leblon de que o Silva precisa de auxílio para transferir carregamento. – Vero explicou encaixando a munição em sua Glock.

Camila já estava recolhendo o cabelo em um rabo de cavalo enquanto se juntava as meninas.

- Leblon é praia, não é? – perguntou distraída, também preparando sua arma. Allyson assentiu olhando para Lauren que revirou os olhos, entendendo que deveria mudar de roupa.

Poucos minutos depois elas estavam chegando a um ambiente tumultuado em plena orla da praia. Optaram por carros convencionais para não chamar a atenção. Camila e Lauren estavam em um Sandero branco, sendo a latina a motorista. Normani e Dinah em um Golf preto e Vero e Lucy em um Toyota Hatch vermelho.

- Esses carros são de mulherzinha. – Dinah reclamou pelo rádio. Estavam

estacionadas em fila, observando o movimento com os vidros fechados. – Olha essa marcha automática. E essa câmera para estacionar? – disse irritada, batendo nos botões do painel e volante.

Dentro dos outros carros, os diferentes casais riam da indignação da loira.

- Você está vendo isso? – Camila perguntou a Lauren que abaixou os óculos escuro minimamente para ver as viaturas policiais estacionadas.

- Não me surpreende que ele tenha a polícia nas mãos. – comentou distraída. – Atenção, meninas, Vero e Lucy cobrem o camburão que está por chegar e Dinah e Normani ficam com o Gol cinza do outro lado da rua.

- E vocês? – Vero perguntou.

- A gente fica por aqui.

Mas a questão não era o carregamento que supostamente iam levar. Quando o grande caminhão apareceu na pista fazendo barulho pela buzina exagerada, ninguém entendeu nada.

- Que porra é essa? – Lauren se perguntou confusa.

Os policiais logo se colocaram ao redor da parte traseira e vários homens desceram da carreta carregados de champanhe e comida.

Normani não dava crédito:

- O cara pediu auxílio da polícia para esvaziar um caminhão com comida e bebida?

E pelo visto a coisa era muito mais séria do que elas achavam.

Em casa, Lauren conversava pelo telefone da sala com Janet, a esposa do amigo do Chris que as ajudariam a entrar na favela. Camila mantinha o olhar fixado na esposa que sorria sem jeito por algum comentário. Estava sentada na varanda com os pés estirados em uma cadeira a sua frente. O cotovelo esquerdo apoiado na cadeira e a mão sustentando o rosto pela lateral. Camila não estava achando um pinga de graça.

- Credo, mulher, parece que você vai fuzilar alguém com os olhos. – Vero comentou se sentando ao seu lado e entregando uma garrafa de Corona.

- Estou quase. – disse sem desviar o olhar, mas aceitando a bebida.

- Posso saber por que disse tudo? É só a Janet.

- Eu não gosto dessa mulher.

- Você não gosta de ninguém que conheceu a Lauren antes que você.

- Camila assentiu. – Camila, Lauren é louca por você.

- Mas essa mulher respira, não? – disse encarando a amiga. Vero revirou os olhos. – Eu confio em Lauren. Não confio nessas perras. – a outra agente riu negando com a cabeça e bebendo mais um gole. Camila suspirou e bebeu sua cerveja, ignorando um pouco toda a cena que estava fazendo, e se lembrou de algo. – Como foi com o tratamento?

Vero de repente parecia decepcionada. Brincou com a garrafa em suas

mãos com o olhar perdido.

- Acho que nos precipitamos...

- Como assim? – a latina inquiriu curiosa. Recolheu os pés e virou-se para encará-la de frente.

Vero deu de ombros, ainda sem desviar o olhar:

- Acho que não estamos preparadas para isso. Ela parecia duvidar, sabe?

- Mas vocês estavam que não cagavam com essa conversa de filho. – Vero riu pela expressão.

- Eu também achei, mas chegou na hora e ela estava cheia de dúvidas, fazendo mil perguntas dos riscos e efeitos secundários do tratamento. Eu sei que é complicado ter um bebê trabalhando nisso, mas não significa que sejamos irresponsáveis... – Camila assentiu. – Era como se... Como se ela não quisesse ter problemas para não se afastar do trabalho, sabe? – Camila franziu o cenho, não dando muito crédito aquilo.

- Mas você perguntou a ela? – Vero negou fazendo a latina bufar. – Então como você tem certeza, animal?! – a outra mulher deu de ombros, acanhada. – Você precisa perguntar a ela e não interpretar as coisas por essa sua cabeça oca.

- Ei! – reclamou com o cenho franzido. – Eu conheço minha mulher, ok? – Camila fez uma cara de 'mesmo?', fazendo Vero suspirar. – Acho que me empolguei tanto que ela não soube como me dizer que não estava preparada para dar esse passo.

- Pode ser. Ou não. Eu acho que você deveria conversar com ela. – disse levando a garrafa à boca.

- Mas e vocês? – com a pergunta, Camila congelou o ato e arqueou a sobrancelha esquerda.

- Vocês, quê? – Vero riu.

- Não pensam em aumentar a família? – Camila respirou fundo e apoiou a garrafa na perna.

- Eu acho que ainda não é o momento... – disse meio desconfiada, fazendo Vero estreitar os olhos.

- Você acha ou ela acha isso e você preferiu aceitar? – a latina suspirou.

- Não conversamos, de fato.

- Mas você quer? – Camila assentiu bebendo.

- Muito.

- E por que acha que ela não quer ter um filho? – a latina deu de ombros.

- Lauren sempre viveu por e para o trabalho. Acho que nossa relação chegou até hoje porque eu também sou parte dele. Se eu fosse, sei lá... uma médica! Não ia dar certo.

- Por que não?

- Porque ela não está preparada para dizer não quando o tenente lançar uma missão suicida na mesa. Ela não pensa nos pais ou irmãos. Trabalho é trabalho, já tenha que sacrificar estar com a família ou em outro lugar.

- Enquanto você dá mais valor a isso... – completou fazendo a latina assentir.

- Eu cresci nesse ambiente familiar, todas com todas, dividir a comida porque é pouca, defender a outra por cima de tudo, rejeitar algo que coloque a família em perigo. Somos de casa, de cuidado... Lauren é do mundo.

- Sabe o que eu acho, Camilita? Acho que você deveria aplicar seu próprio conselho. – disse acomodando-se na cadeira. – Lauren abdicou o trabalho dela, colocou em risco uma missão de cinco anos, rejeitou as próprias regras e não foi exatamente por uma missão... – Camila franziu o cenho. – Foi por você. – Vero se levantou e pegou a garrafa já vazia da mão da latina. – Talvez ela tenha aprendido a valorizar a família acima de tudo. – completou acenando com a cabeça para dentro da casa.

Camila acompanhou com o olhar, vendo como Lauren gargalhava alto tentando abraçar Dinah que tinha um pedaço de pizza nas mãos e gritava "me larga sua interesseira, agora não quero mais seus carinhos", enquanto Lucy, Normani e Ally também riam da cena.

Talvez as coisas tivessem mudado.

Talvez.

Depois da conversa e repassar mais uma vez a vigilância do dia seguinte, Lauren estava tirando o edredom da cama dentro do quarto, enquanto Camila recolhia o cabelo em um coque alto frente ao espelho.

Em silêncio, a latina continuava pensando nas palavras de Vero, e Lauren parecia perceber que algo a inquietava.

- Amor? – Camila olhou para trás ainda segurando o cabelo. – Está tudo bem? – a latina assentiu sorrindo sem mostrar os dentes.

Lauren deixou o que estava fazendo e se aproximou da esposa, abraçando-a por trás. Camila suspirou ao sentir os braços fortes em sua cintura e o hálito fresco contra seu pescoço.

Lauren a olhava pelo espelho em silêncio e com a sobrancelha arqueada. Camila revirou os olhos e suspirou.

- Não é nada.

- Ok. – disse sem mudar sua postura.

- Só estava pensando... – a latina passou a brincar com as mãos de Lauren que estavam entrelaçadas em sua barriga.

- Estou ouvindo.

- No futuro. – a maior franziu o cenho. – O tempo está passando.

Temos nossa casa em Columbia, mas nossas famílias moram em Miami. Ainda tem a Sofi na faculdade... – Lauren assentiu.

- Mas nós também temos uma casa em Miami e podemos pedir a transferência...

- Sim eu sei. – a interrompeu. – É só que... – suspirou deixando o assunto morrer. – Esquece. – virou-se abraçando-a pelo pescoço.

Lauren analisou as feições da latina, algumas pequeníssimas rugas começavam a aparecer no canto dos olhos, mas fora isso Camila continuava com o mesmo brilho no olhar, o mesmo sorriso, a mesma cara imponente de quem sabe o que quer e que vai conseguir. Continuava com sua beleza incomum e seu corpo escultural. Mas Lauren não se preocupava com isso. Ela havia se apaixonado por uma mulher teimosa, viva, sem limites. Uma mulher que conseguia ser um demônio com um rosto de anjo.

- Tem alguma coisa te incomodando. – disse suspirando ao fim. Camila não conseguiu fingir, continuou brincando com uma mecha de cabelo da maior, olhando distraída para o movimento de seus dedos enrolando-se nos fios. – Mas quero que saiba que eu te amo, Camz. Não importa o que for, eu estou aqui. – a latina sorriu sem jeito, assentindo. – Ok?

Curvou-se e beijou a morena sutilmente.

- Ok. Agora vamos dormir que amanhã sua amiguinha vai estar cedo batendo aqui. – desconversou empurrando-a até a cama. Lauren revirou os olhos, mas no fundo se sentiu aliviada.

Se Camila tocou naquele assunto para desconversar, então o que lhe inquietava não tinha nada a ver com ciúmes.

No dia seguinte, como combinado, Janet tocou a campainha as 5:45. Estava tudo escuro ainda e a policial à paisana com jeans e camisa preta sem manga, loira e alta, não deixava de olhar para trás já que não estava com a farda.

Quando a grande porta de caoba foi aberta, Camila estava devidamente pronta, com o cabelo preso em um rabo de cavalo alto, jeans azul, coturnos mostarda e uma camisa branca de manga curta.

- Pois não? – perguntou e a policial a olhou de baixo para cima, sem entender.

- Lauren?

- E você é...?

- Janet. – Camila arqueou a sobrancelha esquerda, quase tocando o teto. Afastou-se deixando a passagem livre.

- Entre. Lauren é minha esposa. – Janet assentiu sorrindo sem mostrar os dentes e entrou.

Todas estavam já na sala. Normani, Dinah e Vero tinham uma xícara de café nas mãos e comentavam algumas coisas que apareciam em uma das telas de Ally. Lucy e Lauren pareciam preocupadas comentando alguma coisa com vários

gestos.

- Meninas, essa é a Janet. – todas a olharam imediatamente e a mulher se sentiu totalmente coibida. Armas, granadas, chaves de carros, caixas de ferramentas e o que era aquele bando de monitor com imagens da polícia e ruas?

Lauren, que também estava de jeans, coturnos pretos e uma camisa preta desbotada, se aproximou sorridente e abraçou Camila de lado, estirando a mão direita:

- Prazer, Janet. Eu sou a Lauren.

- Ah, sim! – a loira apertou de volta. – Eu am... O que vocês são mesmo? – perguntou em um inglês cheio de sotaque e bem desconfiada com o cenário.

- Agentes especiais... FBI.

- Ah... Bom. – olhou seu relógio. – Como eu disse, não posso levar todas comigo, muito menos isso. – apontou para as armas. – Duas no máximo e já estamos atrasadas.

Lauren assentiu veemente:

- Sim, elas estão com outra coisa. Você já conhece Camila, minha esposa? – concluiu e Janet assentiu. Camila deu um sorriso amarelo, satisfeita. – Nesse caso, iremos as duas.

- Ok. – Janet disse e saiu de lá quase correndo.

As meninas não entenderam nada, olhando-se confusas:

- Que estranha essa sua amiguinha, não? – Camila zombou enquanto elas iam atrás. Lauren revirou os olhos vendo a mulher já em seu carro, um Golf preto.

- Já disse que ela é a esposa do...

- Amigo do Chris, eu sei, eu sei... – a latina completou com tédio já fora de casa. As duas sussurravam para que a policial não escutasse. – Não gosto dela. – concluiu fazendo Lauren desdenhar com um barulhinho nasal tipo "ham":

- Você não gosta de ninguém. – disse exasperada. Camila deu de ombros e apontou com o indicador para a esposa antes que entrasse na parte detrás do carro:

- Por algo será.

Camila POV

Eu sempre senti curiosidade por conhecer o Brasil, principalmente a história que nos une como americanos. A colonização mudou a história da humanidade por completo e isso não há como negar. Os espanhóis não demoraram a dominar todo o território graças a ganância dos reis católicos, dividindo um território que para eles era Terra de Ninguém. Maldito o vento que trouxeram os europeus para cá.

No século XVI o Império Espanhol já controlava a costa, desde

Califórnia a Patagônia, a atual Geórgia, América Central, Caribe e Argentina. E então o pedaço que ficou à 1 770 km oeste de Cabo Verde, Pedro Álvares Cabral encontrou.

Mas a América não era Terra de Ninguém. Tinha dono. Os índios sempre foram amos e senhores de uma terra que lhes oferecia bênçãos e paz. As tribos conviviam em harmonia, respeitavam seus limites, a natureza e suas leis. O homem branco não descobriu a América, ele revelou a verdadeira natureza do ser humano: crueldade.

Não há como contabilizar as perdas e danos, muito menos imaginar como seria a América se os europeus não tivessem dominado tudo. Tribos exterminadas, natureza destruída, e a paz, que um dia abençoou nosso céu, fugiu quando o solo foi irrigado com sangue.

Mas o Brasil, além dos índios, teve o plus dos escravos. Os pobres africanos que também tinham sua paz, perturbados pelo preconceito.

Hoje em dia nos dividem entre descendentes de índios e escravos. Gringos malditos que no saben un carajo de ná. Somos descendentes de seres humanos que foram escravizados pela ambição deles. É mania de homem branco chegar em qualquer lugar e se achar o dono.

Desde o roubo da nossa terra que a humanidade experimenta a divisão social, e desde então o homem branco se acha dono da razão. Dizem que a Rocinha é a favela mais perigosa do mundo. Esses pendejos nunca viram uma reunião na finca do Chapo e do Escobar, pelo visto.

Imagine toda essa favela como uma vasta fazenda de gado, a Quebra Cangalhas. Século XVIII e XIX. Lá pro XX, Quebra Cangalhas foi loteada em várias chácaras que passaram a abastecer a feira livre da Praça Santos Dumont, lá na Gávea.

As frutas e legumes tinham uma excelente qualidade e os fregueses ficavam impressionados, ouvindo sempre como resposta que vinham lá "de sua rocinha", apontando para o alto da Gávea, nascendo então a Rocinha.

Já em 1930 a parte baixa do morro, pelo shopping Fashion Mall e o condomínio Village que surgiu. Em 1950 ela começou a subir o morro. As pessoas chegavam do Nordeste para trabalhar na cidade e acharam seu refúgio ali.

E o Vidigal?

Antes Mosteiro de São Bento, acabou sendo doada ao cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, Miguel Nunes Vidigal, dono da cidade no sec XIX. Os primeiros barracos vieram de lá.

Então, passaram a ser o embrião onde a população que migrava do campo procurava abrigo entre os altos custos da cidade grande. Hoje, e como consequência de um sistema precário e corrupto, se tornou um dos lugares mais perigosos do mundo.

E eu não culpo ninguém. Os políticos e maderos acham que os ladrões já nascem nessa condição. Sabe como é difícil manter a cabeça erguida em um lugar

onde a cor de sua pele já define seu futuro antes mesmo que você aprenda a andar? Ou ter esperança quando você olha para os lados e não vê saída? Es la puta mierda. E somando a história que você carrega onde a estrutura patriarcal continua, só que mais modernizada, então você tem a um punhado de gente pobre que chega aos limites para conseguir sobreviver.

Infelizmente essa é a sina da América Latina. Não importa se você é cidadão de bem, quando fecha os olhos ou criminaliza as pessoas que pagam as consequências da sede de poder e ambição do homem rico, você está do lado deles.

Essa é a América Latina, um povo sem perna, mas que caminha.

Essa é a Rocinha. A sobra do que roubaram. Um povo escondido na cima com pele de couro, e por isso, aguentam qualquer clima.

Um discurso político sem saliva. O sangue dentro de suas veias, um pedaço de terra que vale à pena. Ou valia.

Não é tão difícil entender que o instinto de sobrevivência nos leva a cometer erros. Olhe para mim, ahora soy una jodida madera.

Lauren POV

Janet está nervosa. Ela dirige devagar e olha constantemente pelo retrovisor. Camila está logo atrás de mim olhando fixamente pela janela. Às vezes se contorce para olhar para cima ou atrás, como se não quisesse perder nenhum detalhe do que vê. Será que ela também percebeu a semelhança com a zona quente de Chihuahua? Colômbia não é tão diferente disso. Venezuela então...

Comparando nosso histórico de missões, Brasil não é o pior cenário. Talvez a preocupação de Janet é que ninguém morra. A nossa, além de não explodir nada, é não ter que matar toda essa favela.

As ruas ficam mais estreitas a cada quilometro que avançamos. Portas improvisadas com cadeados, grades e paredes com marcas de balas e de repente, ela freia.

- A partir daqui os traficantes já são avisados, temos que ir a pé. – informa. Descemos do carro e ajeito a camisa para cobrir a arma nas costas.

Ela tranca a porta e confirma que não vem ninguém por trás, então começamos a subir uma ladeira. Não muito longe vejo alguns anjos desbotados em uma parede que está descascando revelando uma superfície branca. Uma placa que mais parece um quadro de menu anuncia: Acampamento de Anjos.

Nem uma só alma por aqui, e ao perceber como olhamos constantemente para cima, ela avisa:

- Aqui ainda é considerada zona neutra. Algumas mães do Vidigal trazem os filhos aqui. Os traficantes selaram um acordo de paz. Da creche para cima, só quem é da zona.

Camila me olha com essa cara de "eu não gosto dela", enquanto Janet toca a campainha.

- Ya voy! – uma voz grossa e sotaque arrastado ecoa.

Escutamos o barulho uma porta reclamando da ferrugem. Uma senhora negra com uma camisola branca estampada com flores coloridas e chamativas, um turbante na cabeça e chinelos aparece. Sua sobrancelha está tão arqueada que parece que vai sair. Qual o problema das cubanas com esse gesto? Minha mãe e Camila fazem a mesma coisa quando estão desconfiadas. E ela está me olhando, tão profundamente que franzo o cenho e a encaro de volta. Não tenho medo de idosas, senhora.

- Olá, Dona Sefa. – Janet disse. E a velha não parava de me encarar com o queixo arrebitado.

- Qué diablos, nena? – pergunta como se aquela fosse a coisa mais estúpida que já tinha visto, e então, aponta pra mim – O que essa madera está fazendo aqui?

Janet me olha e Camila ri. Talvez a velha não seja tão estúpida assim.

- Dona Sefa, será que... – a loira olha para trás. – Nós podemos entrar?

- Não! – responde taxativa. – Já lhe disse que não quero saber de seus problemas em minha creche. Algumas crianças já estão dormindo e o resto está por chegar.

- Dona Sefa...

- No, Janet! – fala mais firme e gesticula com os indicadores para cima.

- Senhora? – Camila se intromete falando espanhol. Com esses olhos arregalados essa velha parece uma assombração. – Nós não queremos incomodar, apenas fazer umas perguntas. Eu sou Camila. – diz sorridente. Que vontade de revirar os olhos. – E a madera é Lauren. – Sefa arqueia a sobrancelha. De novo. Me olha de cima a baixo e faz um "hunf". Qual o maldito problema dessa velha?

- O que vocês querem?

- Apenas conversar. Prometo que será rápido. – e ela sorri, claro que ninguém pode resistir a esse sorriso. Por isso, no segundo seguinte estamos entrando naquele acampamento de... pessoas pequenas.

O interior é escuro, um tanto precário, mas impecavelmente limpo e cheiroso. Café moído com aroma de alfazema. Me lembro do campo e quando tínhamos que passar as festividades com meus avós.

No chão, alguns colchonetes já estão colocados com seus lençóis cheios de bichos, carros e coisas estranhas. Dobrados e impolutos. Outros berços estão apoiados nas paredes, cobrindo todo o quadrado. São seis em total.

Mais na esquerda, um enorme armário de metal com a porta sem estar fechada totalmente. Caixas plásticas com brinquedos estão ao lado, e entre algumas prateleiras da parede, livros e o que eu acho que são filmes VHS. Meu Deus, isso ainda existe?

As paredes são de um verde mar, quase azul, com vários animais pintados. O teto, as lâmpadas estão prestes a cair, os fios a mostra e a iluminação

parece ser precária, mas devido a varanda ser totalmente aberta, imagino que com o sol não há problema.

Uma outra porta no final nos guia a uma espécie de cortiço, onde o cheiro de café fica ainda mais forte. Algumas portas fechadas e coloridas, uma horta pequena, um pé de laranjeira quase morto e dois balanços improvisados.

A esquerda, uma das portas está aberta e quase caindo aos pedaços. Duas escadinhas e um tapete com "Bienvenido". Entramos, porque é onde a velha entra. Uma cozinha. A mesa está farta de pães, tem algumas xícaras plásticas e coloridas. Quatro jarras térmicas enormes e várias bolachas. É um quadrado minúsculo. Mal cabe a mesa, geladeira e pia. Sefa se senta no único banco apoiado ao lado da mesa onde continua passando manteiga nos pães bebericando sua xícara de café.

Deus, eu preciso provar esse café.

- Seja lá o que vocês querem, sejam breves. – ela diz por fim.

- Nós... am... – Camila engole seco, então eu me meto. Chega dessa palhaçada.

Narrador POV

- Somos agentes especiais do FBI. – quando Sefa escutou a voz de Lauren, viro o rosto imediatamente com os olhos, de novo, arregalados.

- Você é cubana? – perguntou quase perplexa. Lauren revirou os olhos.

- Nasci nos Estados Unidos, mas minha mãe é. – respondeu a contragosto. E então, a cara de desconfiança de Sefa desaparece, ficando uma de "merda".

- ¿Qué diablos quiere el FBI en mi casa? – pergunta voltando a se concentrar nos pães.

- Assassinar um agente e estamos atrás do culpado. – Camila explicou. – Nossa agência nos enviou para conseguir as provas e ir embora quanto antes, nossa intenção não é lhe causar nenhum problema... – Sefa riu com desdém, passando manteiga cada vez mais forte.

- Malditos maderos... Passam o dia assassinando inocentes, prendendo gente de bem e trabalhadora, perseguindo os meus meninos pela rua e abusando do poder, e vem agora duas até minha casa para me dizer que querem vingar o assassinato de um deles... – debocha mais para si que outra coisa. Lauren já estava ficando impaciente.

- Senhora... – disse. Sefa parou o que estava fazendo e a encarou com olhar assassino. – Nós não queremos vingar a morte de ninguém, apenas investigar.

- Investigar? E como pensam fazer isso? – disse aumentando a voz e levantando-se. – Acha que está aonde? Vão tocar de porta em porta e perguntar se alguém sabe que traficante matou um madero gringo? Vocês estão no beco errado! –

advertiu sentando-se de novo.

Camila olhou para Lauren pedindo calma, e enfim se pronunciou:

- Dona Sefa, nós não queremos chamar a atenção nem achamos que tenha sido um traficante daqui. – Sefa franziu o cenho e alçou o queixo, encarando a latina quase que com a cabeça ladeada e séria. – Silva.

- Camila! – Lauren reclamou. Não se fala o nome do suspeito. Mas a latina deu uma olhada tão severa, que ela quase se encolheu no canto.

- Silva? – perguntou sem dar crédito e então começou a rir, quase gargalhando. – Vocês são mais idiotas do que eu pensei! Ai, ai. – disse negando com a cabeça e novamente, centrando-se nos pães.

- Entendemos que é complicado chegar à ele, mas queremos apenas vigiar a atividade sem chamar a atenção, apenas para ter certeza que ele está envolvido.

Sefa apoiou o cotovelo na mesa e apontou para Camila com a faca que, por sinal, era enorme.

- Deixa eu ver se eu entendi... Um madero gringo morre, vocês acham que foi o Silva, que eu não duvido, mas quem sou eu para falar nada.

- Sim. – Camila confirmou.

- Saem de lá dos infernos para vir a minha casa dentro de uma favela, para vigiar as atividades dos moradores e descobrir se o Silva está envolvido? – Camila assentiu sorrindo sem jeito. – E tudo isso dentro da minha creche? – assentiu novamente. – E por que eu ajudaria vocês?

Elas se olharam, mas não encontraram nenhuma resposta. E então Camila disse, frustrada:

- A senhora realmente não tem nenhum motivo para nos ajudar. – Sefa novamente levantou a cabeça, arrebitando o queixo e a sobancelha. – Estamos pedindo que arrisque sua vida e a vida de todas as crianças que cuida. Mas talvez... se nós... – olhou para Lauren que não estava entendendo nada, mas suspeitava que viria problema – Pudermos ajudar com os cuidados... Pelo que vejo está sozinha aqui.

Lauren abriu os olhos e encarou Camila, negando com a cabeça disfarçadamente, mas desesperada.

- Vocês querem me ajudar em troca de ficar espiando o movimento dos traficantes? – perguntou incrédula e Camila assentiu.

- Sim, senhora. Pode dizer que somos suas sobrinhas, viemos de Cuba para ajudá-la. – Sefa esboçou um meio sorriso, mais pela reação nervosa de Lauren do que pela ideia.

- E como vocês se dão com crianças? – Camila sorriu abertamente.

- Somos de família grande. Tenho quatro irmãs e Lauren outros dois. Adoramos crianças! – a outra agente sorriu amarelo, assentindo a contragosto. Janet, que estava o tempo todo apoiada em uma parede e em silêncio, levou a mão direita a

boca para segurar o riso.

A mulher pensou por uns segundos, até que foi se levantando e assentindo lentamente, como se convencendo.

- Ok... – disse suavemente. – Parece ser justo. Mas deixa eu explicar uma coisa antes de que vocês comecem com essa palhaçada. – apontou para as duas com o indicador. – Se você tenta impor o respeito em um povo com violência, eles acabam se rebelando porque não tem nada que perder. – elas assentiram, atentas. – Mas se você oferece coisas que o governo vira a cara, então você tem mais que respeito, mijas. Você tem lealdade. – Lauren engoliu seco, ela já havia escutado aquele discurso inúmeras vezes. – Não pensem que aqui terão apoio do povo. O governo e os maderos são os inimigos. Quem mata os inocentes e quem os acusa. Os traficantes, Silva, por exemplo, colocaram água potável, iluminação, essa creche... – ela deu de ombros. – Eles não vão abrir mão disso para ajudar quem colocou eles aqui. Vocês podem observar, mas na primeira suspeita ou olhar torto que alguém der, quero as duas fora.

- Sim, senhora. – disseram ao mesmo tempo. Sefa assentiu, ainda tentando se convencer do que estava fazendo.

O celular de Lauren tocou e ela saiu silenciosamente, atendendo fora.

- Oi Lucy.

- Laur? Onde você está? – Lauren apertou o telefone no ouvido, estava falando muito baixo.

- Na casa da velha rabugenta... por que você está cochichando?

- Laure... eu preciso que você traga um teste de gravidez para mim.

- Você o que?

- Só traz!

- Como assim só tr..

- E não fala nada para ninguém! Nem pra Camila. – a cortou desligando.

Lauren encarou o aparelho com o cenho franzido. Mas que porra de dia estranho era aquele?

Virou-se para entrar novamente, encontrando um serumaninho com um bico enorme que fazia um barulho irritante ao ser succionado com avidez. Era uma menininha de uns 2 anos. Tinha uma fralda enorme, os cabelos escuros e lisos soltos um pouco mais abaixo dos ombros e estava com uma camisa rosa com uma Hello Kitty. Os olhos verdes brilhavam como esmeraldas, e a pele acaramelada cobria as extremidades gorduchas.

- Oi? – Lauren disse encarando a garotinha com receio.

- Tatar. – a menina disse com o bico quase saindo da boca, mas rapidamente o enfiou de novo.

- Quê? Uh... Sefa? – a menina assentiu veemente. – Você quer ver a Sefa? – ela assentiu de novo. – Ok, vamos. – E então ela estirou os bracinhos.

Lauren franziu o cenho e ela se chacoalhou, manhosa:

- Tatar!

- Carregar? – assentiu de novo. Então Lauren se abaixou e a carregou. Ela imediatamente apoiou o rosto no ombro da agente, que agora tinha o barulho da chupeta sendo succionada com avidez no seu ouvido.

Lauren entrou na cozinha e Camila e Sefa já estavam rindo. A latina estava com uma xícara na mão e quando Lauren entrou, ambas ficaram petrificadas e encarando a cena da agente com a pequena em seus braços.

Lauren deu um sorriso amarelo sem entender os olhares de espanto.

- Encontrei ela no jardim... – disse sem mais. Camila então sorriu abertamente e Sefa franziu o cenho.

- E ela foi para seu colo? – Sefa perguntou desconfiada. Lauren deu de ombros e assentiu.

- Na verdade ela quase me obrigou a carregar até aqui. – Sefa continuava confusa.

- Ela pediu para que você a carregasse? – Lauren assentiu.

- Por quê? – Camila perguntou sem entender.

- O pai dela foi um traficante que engravidou uma pobre coitada. – disse suspirando. Aproximou-se até a garota que tinha os olhos bem abertos e não parava de succionar o bico. – Ela acabou cedendo as drogas e um dia, quando Luna tinha acabado de cumprir o primeiro ano, a deixou aqui com muitos indícios de abuso físico e desnutrição, e nunca mais voltou. Desde então sou eu quem cuido dela, mas ela não é de ir para ninguém. Inclusive, chora muito quando alguém tenta segurá-la.

- Acho que ela gostou de você. – Camila disse levando a xícara aos lábios. Lauren franziu o cenho com a menina ainda no colo, e estirou o pescoço para tentar olhá-la.

Quando os olhos se encontraram, a pequena levou a mãozinha esquerda à orelha de Lauren, acariciando-a e brincando com a cartilagem.

- Definitivamente ela gostou de você. – a latina completou rindo.

Sefa deu de ombros sem entender nada e voltou para seus pães enquanto a agente ficou ali, parada, sendo fitada pelas orbitas esverdeadas e tão brilhantes, que ela simplesmente não conseguia desviar o olhar.

//

Vem o 3, não demoro, promise.

Salve gayzada!

Hoje sem mimimi pq não quero perder o fio da inspiração!

Chêro!

///

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

- Acho que ela gostou de você. – Camila disse levando a xícara aos lábios. Lauren franziu o cenho com a menina ainda no colo, e estirou o pescoço para tentar olhá-la.

Quando os olhos se encontraram, a pequena levou a mãozinha esquerda à orelha de Lauren, acariciando-a e brincando com a cartilagem.

- Definitivamente ela gostou de você. – a latina completou rindo.

Sefa deu de ombros sem entender nada e voltou para seus pães enquanto a agente ficou ali, parada, sendo fitada pelas orbitas esverdeadas e tão brilhantes, que ela simplesmente não conseguia desviar o olhar.

- Bom, já está tudo pronto. Em breve as outras crianças chegarão. – Sefa disse limpando as mãos em um pano de prato e levantando-se.

Lauren olhava para os lados completamente sem graça:

- Am... O que eu faço com ela? Preciso sair. – Camila estreitou os olhos. Sefa fez uma careta de "aí tem", mas se calou.

- Para onde? – a latina perguntou confusa.

- Ally me pediu para ajudar com umas coisas. – Camila ladeou a cabeça e o silêncio incômodo deixava tudo mais tenso.

- Que coisas? – perguntou pausadamente.

- Camila... – a maior advertiu e a latina respirou fundo.

- Ok. Mas você volta? – Lauren olhou para Janet que assentiu rapidamente.

- Claro. – entregou a pequena à latina e se foi.

Luna olhava para Camila com o cenho franzido, mas aceitou o colo sem reclamar. Sefa colocou as mãos na cintura:

- Eu não sei que diabos vocês tem. – Camila sorriu acariciando a bochecha da menina. – E quanto a sua amiga... – a latina se virou para encarar a velha que, levantando o indicador, avisou – Ela está aprontando. – Sefa ia saindo quando Camila ficou em silêncio, olhou para Luna e enfim disse:

- Ela não é minha amiga. – a mulher parou em seco e a olhou como se aquilo fosse a maior asneira já escutada. – Ela é minha esposa. – a mulher assentiu.

- Devia ter desconfiado pela baba quando ela entrou com a pequena. – Camila abaixou a cabeça envergonhada. – E quanto a Janet... Ela... – mexeu a mão

no ar – Enfim, ela está casada e não acho que seja um problema. – Camila assentiu sem entender muito bem, mas Sefa continuou com o dedo levantado – Mas essa gringa aí, está aprontando, mija!

A latina arqueou a sobrancelha esquerda olhando para porta e algo lhe dizia que Sefa tinha razão.

Não demoraram a encontrar uma farmácia e já estavam voltando para o refúgio no carro e em silêncio quando Janet disse:

- Sua esposa, a Camila. – Lauren a olhou com o cenho franzido. – Ela não gosta de mim. – a agente riu negando:

- Janet, Camila não gosta de ninguém. – brincou e continuou com o olhar a frente. Janet deu de ombros.

- Pode ser, mas eu sei que ela não gosta de mim e... – Lauren a olhou de repente:

- Você tem algo a esconder? – a policial abriu e fecho a boca, até que respondeu alto:

- Não!

- Nesse caso, não tem com o que se preocupar. – deu de ombros e sorriu sem mostrar os dentes. – Camila é muito de ver para crer, apenas deixe que ela te conheça. O importante é não cruzar a linha que ela marca, ou seja, não tente ser amiga dela sem que ela peça por isso, ok?

A loira suspirou e assentiu.

- Ok. Mas... por que você está levando um teste de gravidez? – perguntou quando estavam estacionando já.

- Lembra da linha? – Janet assentiu confusa. – Você está pisando nela.

E sem mais, Lauren saiu quase correndo do carro. Abriu a porta olhando para os lados e quando entrou percebeu que não havia ninguém em casa.

- Lucy?! – gritou.

- Aqui!

A voz vinha de longe, do andar de cima. A morena subiu as escadas com os degraus de dois em dois e quando abriu a segunda porta à direita a colombiana estava deitada na cama abraçada a um travesseiro, encolhida e um pouco abatida.

- O que você está sentindo? – Lauren se abaixou acariciando os cabelos da amiga que suspirou.

- Sintomas de ter um melão dentro de mim. – a morena riu assentindo. Tirou o teste do bolso traseiro de sua calça e o colocou em cima da almofada. Lucy a olhou assustada, mas suspirou.

- O que você acha da gente descobrir isso logo, huh? – Lucy suspirou uma vez mais e assentiu, levantando-se.

Entraram no banheiro em silêncio e Lauren preparou o teste. Tirou o recipiente da embalagem, leu o prospecto e entregou o objeto que mais parecia um

termômetro a amiga.

- Tem certeza que não podemos deixar isso para depois? – perguntou nervosa.

- Você me ligou pedindo um teste de gravidez e aqui está. Não vou sair daqui, Lucía. – a colombiana suspirou e pegou o objeto. – Faz xixi na esponja e saberemos se há um melão dentro de você.

Apesar do nervosismo, Lucy conseguiu sorrir. Lauren continuou lendo o prospecto enquanto a colombiana fazia o teste. Alguns segundos depois o colocou sobre a pia e esperaram pacientemente em silêncio os cinco minutos do resultado.

- Eu... eu não sei se estou preparada para saber o resultado. – a colombiana disse em um ataque repentino. Ela começou a andar de um lado para o outro, passando a mão pelo cabelo e gesticulando enquanto falava. Lauren arqueou as sobrancelhas, encarando-a. – Se for negativo eu vou me odiar para sempre porque eu realmente quero ser mãe, mas... Se der positivo eu... – abriu e fechou a boca parando frente a Lauren e levantando os ombros. – Eu tenho medo porque me diagnosticaram com um problema no útero há anos atrás, foi mínimo e supostamente estou curada, mas eu tenho medo de que se eu realmente...

- Realmente...

- Eu não sei até que ponto confiar em que estou curada. Talvez... e se durante a gestação o problema voltar? Eu...

Lauren assentiu e sorriu sem jeito. Deu um passo a frente e apoiou as mãos nos ombros da amiga:

- Então nós teremos que cuidar de você logo agora, porque eu não quero que meu sobrinho ou sobrinha corra nenhum risco.

- Mas e se eu não... Espera. – Lucy franziu o cenho. – Cuidar agora? – Lauren já estava sorrindo abertamente. – O... – a morena assentiu.

- Vamos precisar de um plano novo porque... – Lauren pegou o teste em cima da pia e mostrou a amiga. – Temos um bebê na equipe.

Lucy não deu crédito. Olhou o teste, olhou para Lauren e abriu a boca, em choque.

- Eu estou grávida? – Lauren assentiu. – Vou ser mãe? – novamente.

- Parabéns! – e a puxou para abraça-la, rodando-a no ar.

- Meu Deus, eu vou ser mãe! – gritou extasiada.

As duas começaram a gargalhar até que ficaram sérias e se olharam, dizendo ao mesmo tempo:

- Oh merda... Veronica.

Na creche, as mães começavam a levar seus pequenos aos cuidados de Sefa que recebia todos sorridente e alegre, como se fosse uma grande festa.

A maioria estava em cima da hora para o trabalho, agradeciam dona Sefa pelos cuidados, deixavam um beijo em seus pequenos e saíam para não perder

o ônibus.

Camila observava de longe o movimento, algumas crianças sonolentas apenas queriam seu colchonete, outras estavam mais enérgicas e iam direto para as pelúcias. Mas todas tinham em comum a cor da pele e o status social. Eram entre morenos e negros, assim como as mães. Alguns denotavam a mistura e ela se perguntava se o pai sabia que tinha um filho tão bonito e encantador morando na favela. Provavelmente sim, mas decidiu não se importar com isso. Mas o realmente importante é que todas aquelas crianças pareciam felizes. Não choraram quando a mãe teve que partir, apesar de que elas ficavam alguns segundos observando como Sefa os levava para dentro. Aquele olhar que ela conhecia, o mesmo que Sinuhe lhes brindava quando as deixava no colégio, ou quando ela se despedia de Sofia na faculdade. Olhar de mãe que não vê no filho um problema e sim um orgulho. De mãe que, apesar de todas as dificuldades, confiava que um dia tudo aquilo teria um sentido muito maior. Mãe que não choraminga por acordar para cuidar, preparar e tocar a vida desde as 5 da manhã, algumas inclusive antes.

Olhar de Mãe.

Assim, com maiúscula. Porque essa palavra no mundo inteiro define uma série de coisas, tem nela muitos adjetivos e superpoderes implícitos, algo que homem nenhum será capaz de experimentar. Algo que foi nos permitido pela natureza e nos torna muito mais fortes que todos eles.

E Camila estava louca para sentir isso.

Até que mãozinhas pequenas puxaram a barra de sua camisa e ao olhar para baixo, os doces olhos verdes estavam ali, fitando-a, estirando um pedaço de pão todo babado.

- Oh... Huh... você não quer mais? – Luna negou com a cabeça.

Camila aceitou o pedaço e sorriu, abaixando-se para estar na altura dela. – E o que você quer?

- Mimi. – a latina franziu o cenho.

- Dormir? – Luna assentiu veemente, coçando o olho esquerdo com dengo. – Vamos?

Camila abriu os braços, esperançosa e sem jeito, esperando que a pequena a aceitasse como aceitou os braços cálidos de Lauren.

Luna duvidou por alguns segundos, mas então deu um passo a frente apoiando a cabecinha no ombro da latina e envolvendo o pescoço fino com seus bracinhos. O coração de Camila se preencheu e ela a abraçou com força, carregando-a sem muito esforço até um dos berços.

A ninou um pouco, acariciando os cabelos sedosos até que o famoso e já tão conhecido barulho de sucção foi ficando mais débil, então a olhou estirando o pescoço para comprovar que havia adormecido, colocando-a dentro do berço.

Ficou por alguns segundos admirando o sono fácil e profundo da pequena e suspirou. Do alto, Sefa tinha os braços cruzados e o queixo levantado. Analisava a cena com um sorriso torto nos lábios.

Mas toda a cena foi interrompida quando vários carros com os vidros pintados estacionaram na porta da creche. Sefa olhou para Camila assustada e a latina não pôde evitar ficar em alerta, indo rapidamente para o lado da senhora.

Antes que os intrusos aparecessem, Camila conferiu a arma em suas costas e só rezou para que ninguém mais chegasse.

- Bom dia, vieja! – alto, robusto, atraente e com um sorriso estonteante que não chegava a seus olhos. Com uma camisa de linho branca e uma calça creme, o homem tinha os braços abertos.

- Silva. – Sefa disse com cara de poucos amigos. – O que lhe traz por aqui? E fale baixo que meus meninos estão dormindo.

O homem fez um gesto como se estivesse fechando a boca, e alçou as mãos em um pedido silencioso de desculpas.

- Me avisaram que tínhamos visitas, quis ser um bom anfitrião, apenas.

Sefa tinha as sobrancelhas arqueadas e os braços cruzados.

- Ah é? E quem foi o fofoqueiro que correu a voz a você? – Silva riu, aproximando-se e beijando a mão da senhora.

- Ai, minha velha, a senhora sabe muito bem que eu só quero o bem desse povo! – Sefa não tinha cara de quem acreditava, mas aceitou o carinho. Ele olhou para Camila, sorrindo galantemente. – E você?

- Camila, minha sobrinha. Acaba de chegar de Cuba com a outra, Lauren. Provavelmente as que viram por aqui. – Silva segurou a mão de Camila, beijando-a também enquanto a olhava.

- E onde está a outra?

- Está em casa organizando umas coisas, não demora em chegar. – Sila e Camila ficaram encarando-se por um tempo, mas a latina não baixou a guarda.

- E quanto tempo pensam ficar conosco? – Camila nada disse, nem titubeou. Sefa foi a única a interceder, sem muita paciência e falando baixo:

- Não muito, por quê?

Ele deu de ombros e enfim sorriu:

- Seria um prazer tê-las em minha festa.

- Festa? – Camila se mostrou interessada e ele assentiu. – Quando?

- Amanhã.

- Podemos ir, tia? – perguntou com cara inocente encarando Sefa que estreitou os olhos.

- Se não for um problema...

- Claro que não! – Silva disse com os braços abertos.

- Posso levar umas amigas?! – ele assentiu.

- Mas é claro!

A latina deu de ombros fingindo uma alegria exagerada e com sua melhor cara de anjo.

- Ótimo! Não conheço nada ainda, vai ser legal!

Silva pareceu baixar a guarda, sorrindo mais relaxado.

- Sim. E Sefa, não se preocupe! Estarão sob meus cuidados.

- Nesse caso... – disse sem muito ânimo.

- Espero vocês lá. Perguntem por mim quando chegarem!

E com uma piscadela e mais um beijo na mão da latina, Silva se foi com seus seguranças.

Enquanto os carros se afastavam, Sefa deu a volta para entrar em sua cozinha, mas antes, olhou para Camila:

- Menina, sua esposa que lhe tenha em cuidado. – disse apoiando a mão no ombro da latina, dando três tapinhas. – Eres el mismísimo diablo. *[você é o próprio diabo]

E entrou, deixando-a ali encarando a porta.

Não demorou muito, quase que sincronizada, e Lauren entrou pela porta olhando ao redor, com uma cara ainda mais irritada.

- Essa procissão que acabou de sair daqui...

- Sep. – Camila disse caminhando lentamente em direção a ela. As crianças dormiam e ela não queria acordá-las, mas sua expressão definia tudo. – Silva e os capangas.

Lauren cruzou os braços e enrijeceu o maxilar.

- E o que ele estava fazendo aqui?

Camila deu de ombros.

- Veio ver quem eram as intrusas. Os informantes foram rápidos.

- E o que você disse?

- Sefa nos cobriu. Somos as sobrinhas dela... E... – Lauren arqueou a sobrancelha esquerda esperando. Camila deslizou o dedo indicador pela bochecha dela, até que chegou ao queixo e levantou a cabeça de Lauren. Os olhares se encontraram e a latina estava séria. – Nos convidou para a festa de amanhã.

A morena estreitou os olhos.

- Nos convidou? – Camila assentiu. Lauren deu de ombros. – Um problema a menos.

- Onde você estava? – perguntou ladeando a cabeça. Lauren engoliu seco.

- Em casa.

- Fazendo?

- Resolvendo umas... coisas.

- Você não vai me contar? – Lauren negou lentamente. – Ok. – a latina deu de ombros e saiu, entrando na cozinha de Sefa e deixando a esposa ali, feito uma idiota olhando seu rebolado.

Que diabos? Ela não ia fazer uma cena? Mas...

Lauren a seguiu até a cozinha, onde Camila estava bebendo mais um

café e comendo um pedaço de pão. Sefa a encarou com cara de poucos amigos e Lauren revirou os olhos. Por que ela continuava tratando-a assim?

- Camila... – chamou sem jeito, mas a latina a olhou como se nada, semblante tranquilo e inocente.

Problema.

- Sim, amor? – Sefa observava tudo com a sobrancelha arqueada.

- Está... tudo bem? – a latina assentiu.

- Sim, por quê?

A falsa inocência de Camila assustava Lauren.

- Nada, você só...

- Hm?

- Nada. – disse enfim e sorriu sem jeito. – E então, algo que contar sobre o Silva?

- Preciso de um biquíni, na verdade todas nós. Durante o dia será na praia e depois será na casa dele, em Angra. – e bebeu seu café. Lauren ladeou a cabeça e respirou fundo.

- Um biquíni, huh? – a latina deu de ombros. – É uma festa na praia, amor.

A latina deixou um beijo estalado na bochecha de Lauren e se foi com sua xícara na mão. Sefa começou a rir e murmurar algo enquanto negava com a cabeça, também se retirando ao pátio.

Lauren olhou para trás e se serviu um pouco do café. Sefa estava voltando para pegar algo quando a viu quase gemendo ao provar um gole do líquido, e surpreendentemente sorriu.

Então a gringa gostava de um bom café?

Até que não era tão estúpida como parecia.

Veronica estava irritada, o dia todo vigiando os carregamentos da praia naquele calor infernal era tudo que ela não queria. Não teve animo nem para suas piadas estúpidas, e isso Dinah e Normani perceberam.

Elas estavam finalmente visitando uma oficina antiga e meio destruída nas redondezas da favela, onde o chefe tinha dito que preparavam os carregamentos para Colômbia. Optaram por ir andando já que as ruas eram estreitas. Dinah cutucou Normani ao ver a latina chutando o chão e resmungando alguma coisa:

- Ela está estranha. – cochichou.

Mani assentiu, mas deu de ombros.

- Deve estar irritada. Escutei a Lucy dizendo que queria ficar sozinha hoje de manhã.

Dinah suspirou, observando o andar cansado e desleixado de Veronica, mas nada disse e seguiram em silêncio. Após subir umas quantas escadas, chegaram ao alto de um morro em uma laje desabitada. Veronica olhou o celular e

conferiu que aquele era o ponto. Ao olhar a sua esquerda encontraram a oficina alguns metros abaixo.

Se apoiaram em um dos muros para observar, em silêncio. Dinah cutucou Normani de novo e a morena revirou os olhos, ignorando. Mas a loira estava impaciente, então pigarreou e encarou a latina:

- Está tudo bem, Vero? – ela a olhou com semblante irritado.

- Eu tenho cara de que esteja tudo bem?

- Uou, calma aí, querida! – contestou levantando as mãos. – Só queremos saber se você precisa de algo.

Vero suspirou apoiando a testa no muro.

- Preciso de uma vida nova! Disso que eu preciso.

- Problemas no paraíso?

- Lucy anda estranha... – disse quase resmungando. – Desde que voltamos ela fica me evitando.

Normani olhou para Dinah como dizendo "não se mete", mas a loira piorou.

- E por que você acha que ela está fazendo isso?

- Não sei. – deu de ombros encarando a loira. – Talvez ela tenha se sentido pressionada com a gravidez...

- Ou talvez ela cansou de que você seja sempre uma babaca. –

Normani beliscou a loira que estava prestes a gritar, mas aguentou.

- Como assim uma babaca?! Do que você está falando?! – perguntou exaltada. Dinah sorriu amarelo e olhou para os lados. – Você sabe de alguma coisa? Dinah... – Normani já estava coçando a testa.

- Talvez, e eu digo que talvez, ela também esteja sofrendo por não ter conseguido a inseminação. Você não parou para pensar nisso? – Vero franziu o cenho. – Claro que você não pensou nisso...

- Vero, o que a Dinah está tentando dizer... – Normani fuzilou a esposa com o olhar. – É que pra Lucy também foi difícil aceitar que não deu certo... O psicológico acaba bastante afetado quando você tenta e enfim...

- Ela disse algo a vocês? – perguntou confusa. Ambas negaram e Normani continuou:

- Não necessariamente. Digo, todas imaginávamos que o cenário seria esse caso não desse certo.

- É, agora é quando ela mais precisa do seu apoio, senão eu acho que ela nunca vai querer tentar de novo...

- Mas ela me expulsou e... – terminou a frase quando viu dois homens chegando. – Conversamos sobre isso depois.

Correram de volta à escada improvisada e desceram às pressas, escondendo-se entre os muros das casas ao tentar se aproximar da velha oficina.

Observaram como um homem gordo e sujo de graxa saía para receber os novos convidados. Com a mão direita, Vero deu as instruções pra que elas se

separassem. Normani foi pela direita e quando Veronica assentiu, Dinah se foi pela esquerda.

Retirou o celular do bolso da calça e fez algumas fotos dos indivíduos, atenta ao movimento. Percebeu como Normani se colocava atrás do carro estacionado por alguns segundos e depois saía. Dinah, por dentro da oficina, demorou um pouco mais até que Vero a viu saindo abaixada, retornando enfim ao local.

- Conseguiram?

- GPS ligado. – Mani disse apertando um botão em seu celular, como um transmissor.

- Microfones também.

- Ok, agora vamos antes que dê merda. E vocês! – as duas a olharam confusas – Essa conversa ainda não acabou.

Depois de passar o dia brincando com as crianças e desenvolvendo o papel de investigação, Lauren e Camila voltavam em silêncio para casa com Janet. A latina olhava as ruas no fim de tarde, iluminadas com as luzes e a calçada, enquanto a favela se via cada vez mais distante, uma realidade chocante para ela e que, aparentemente, para todas aquelas pessoas que transitavam pelo bairro nobre não parecia afetar.

Estariam acostumados com a situação ou concordavam em que eram realidades opostas?

Talvez ninguém saberia explicar, mas naquele momento ela não conseguia parar de pensar em quantas crianças estariam no alto daquele morro nas mesmas condições que Luna, e o pior, não só ali, mas em todas as favelas do mundo.

Chegaram em casa ainda em silêncio, Janet se despediu sem muito ânimo avisando que no dia seguinte estaria na mesma hora para busca-las. Quando o casal entrou na casa estavam em silêncio. Apenas Ally observava uma tela e anotava algumas coisas em um caderno.

- Hey Allycat. – Camila disse deixando um beijo na cabeça da irmã. – Você não cansa nunca de trabalhar?

- Olá casal. Estou analisando umas mensagens que o mecânico do Silva andou trocando por telefone. Acho que durante a festa vão fazer algum carregamento... – Lauren deu um sorris sem jeito, olhando ao redor da casa. Camila percebeu, mas nada disse.

- Onde estão as outras?

- Mani e Vero foram comprar comida, Dinah estava colocando a mesa e a Lucy ficou no quarto por...

Mas Lauren não esperou e foi subindo correndo as escadas.

Lucy estava sentada na cama e olhava a tela do seu celular. Lauren tocou na porta e a abriu, sorrindo sem jeito.

- Tudo bem? – a colombiana sorriu cansada e assentiu.

- Um pouco exausta e enjoada, mas bem.
- Algum sintoma fora do normal?
- Tudo tranquilo... Eu... – levantou o celular. – Estava falando com o

médico.

- E o que ele disse?

Lucy deu de ombros.

- Pediu que voltássemos quanto antes para fazer os exames e ter

certeza.

- E você realmente não vai contar nada a Veronica? – Lucy abaixou a

cabeça.

- Eu tenho medo de que ela fique feliz e acabe dando errado...

- Mas ela tem direito de saber, Lucy. Eu já estou mentindo para

Camila e sinto bem no meu interior que vou me arrepender disso para sempre.

A colombiana riu.

- Eu não sei, Laur...

- Apenas... se coloque no lugar dela. O que você gostaria que ela

fizesse?

Lucy deu de ombros.

- Contar comigo em todos os momentos?

- Exatamente. Ela vai ficar louca quando souber, vai te proteger e

cuidar...

- E se der errado? Eu não vou ter estrutura para cuidar dela!

- Porque nesse caso as duas cuidam uma da outra, Lucy. E nós estamos aqui, somos uma família.

- Céus! – resmungou deixando a cabeça cair para trás. – Ela ficar muito irritada quando souber que você recebeu a notícia primeiro... – Lauren deu de ombros:

- Uma razão a mais para ser a madrinha.

Disse convencida e estendeu a mão para amiga.

Desceram as escadas sorridentes e comentando alguma coisa. As outras já estavam em baixo com a mesa posta e tudo preparado. Ficaram em silêncio quando elas apareceram, mas logo retomaram a conversa sem jeito.

Como de costume, as pizzas estavam espalhadas pela mesa e no centro havia um balde com gelo e cervejas. Vero estava abrindo todas e entregando-as. Lauren aceitou a sua, mas no momento em que Lucy rejeitou, ela intercedeu:

- Am... eu acho que Lucy não vai beber. – as meninas se entreolharam e Vero ficou confusa.

- Por quê? Você está se sentindo bem? – perguntou preocupada.

- Eu, am... – a colombiana estava nervosa.

- Amor?! Está tudo bem?

Lucy olhou para Lauren que estava bebendo um gole e logo se

posicionou atrás de Camila, abraçando-a por trás.

- O que está acontecendo? – a latina perguntou em um sussurro.

Lauren apenas piscou o olho e deixou um cheiro no pescoço dela.

- Lembra do meu receio quando fizemos a inseminação e toda aquela preocupação em... – Vero olhou ao redor e a cortou:

- Amor, está tudo bem, não precisamos falar disso agora e...

- Veronica, deu certo. – Vero ficou calada, sem entender. – Eu estava preocupada por causa de um problema que tive no útero há muitos anos, mas... Deu certo.

- Como assim... – perguntou ladeando a cabeça. – Deu certo? – Lucy respirou fundo, sorrindo sem jeito e deu de ombros. – Você quer dizer que... – Vero olhou para Lauren que sorriu e piscou para amiga. – Não! – ela gritou largando a cerveja na mesa.

- Sim! – a colombiana afirmava assentindo veemente.

- Então você está...

- Sim!

- Santa merda! – Veronica gritou abraçando a esposa e girando-a no ar.

Camila se virou de repente, acertando um tapa no braço de Lauren.

- Ouch, Camz! – fingiu dor com uma careta.

- Maldita! Era isso que você estava me escondendo?

Lauren deu de ombros.

- Ela pediu para levar um teste de gravidez e que ninguém soubesse...

Mas a latina não conseguiu reprimir sua alegria, abraçando a esposa e beijando-a.

- E você, sapatão! – Veronica gritou apontando para Lauren. – Você sabia!

Elas se abraçaram com força e Lauren fez questão de olhar para Lucy no momento.

- Parabéns, vadia! Finalmente um melão para você cuidar!

- Eu vou ser mãe, porra!

E elas continuaram em suas bolhas, planejando todo o futuro do filho ou filha, sorridentes, enquanto Lucy recebia os abraços e felicitações das outras.

- Vamos brindar pelo novo mascote da família! – Dinah gritou levantando a garrafa e todas a acompanharam. – Agora precisamos acabar essa missão quanto antes. Meu Deus, eles vão ficar loucos com a notícia! – gargalhou audivelmente.

Ally, timidamente, pediu com a garrafa levantada:

- Que tudo dê certo amanhã.

E todas brindaram com o mesmo pensamento.

Que tudo desse certo no outro dia.

Depois da comida todas se recolheram. Veronica estava estupidamente feliz, beijando o ventre de Lucy constantemente e enchendo-a de mimos. Já haviam estabelecido, sem precisar de muita negociação, que a colombiana ficaria com Ally organizando os sistemas do operativo.

Camila já havia adormecido a um tempo, mas Lauren continuava acordada, meio sentada na cama. As costas na cabeceira e o iPad em suas mãos. Ela revisava uma e outra vez todas as fichas dos capangas do Silva e tentava memorizar o mapa da cidade, procurando vias de evacuação desde a casa do narco em Angra.

Camila então se remexeu, sentindo o incômodo da luz no rosto e encontrou a esposa concentrada na tela.

- Mas que diabos, mulher... – resmungou. – O que você está fazendo?

- Lendo algumas coisas, volte a dormir, eu já vou. – mas ela apenas revirou os olhos e pegou o iPad. – Camz! – o colocou do seu lado do criado mudo e a encarou.

- Chega disso por hoje, Lauren. Allyson já revisou tudo e precisamos descansar.

Lauren suspirou resmungando e foi se colocando na cama. Camila imediatamente apoiou o rosto no peito dela que, apesar da inconformidade, não hesitou em atrair mais o corpo magro contra o seu, apoiando a mão na bunda dela.

- Eu estou preocupada.

- Não me diga.

- Agora que a Lucy está grávida, não sei se quero que Veronica vá. – a latina suspirou, brincando com a barra da camisa de Lauren.

- É normal que você pense isso desde o acidente do Valle...

- Não foi acidente, Camila. Ela quase morreu.

- Mas foram outras circunstâncias e nós não estávamos preparadas.

Deu tudo certo, não?

- Mas e se...

- Ei! – levantou a cabeça para olhá-la. – Estamos todas juntas. É filho dela e nosso afilhado, não se preocupe, ok? Todas estaremos ali para cuidar deles.

Lauren sorriu assentindo e levou a mão até o rosto da latina, acariciando-o.

- Toda essa história de... – pigarreou. – Filhos e inseminação... – o coração de Camila acelerou de repente.

- Sim...

- Me fez pensar na gente... no nosso futuro...

- Anham... – assentia com cautela. – E o que você pensou exatamente?

Lauren deu de ombros:

- Talvez seja o momento de vender a casa do México e procurar alguma perto dos nossos pais... – Camila assentiu, decepcionada.

- Ah sim, claro. Concordo. Podemos ver isso depois? – Lauren assentiu recebendo um beijo rápido nos lábios.

Camila deitou de novo em seu peito apertando os olhos para engolir o nó que formou em sua garganta, enquanto Lauren olhava para o teto se praguejando por ser tão estúpida.

E o dia seguinte finalmente chegou. Lauren e Camila como o combinado saíram com Janet para a creche. Sefa havia deixado a porta aberta e estava na cozinha.

Camila deu um beijo na velha, já estavam intimas, foi o que Lauren pensou. Enquanto ela recebeu um olhar hostil.

- Bom dia. – Sefa disse voltando a seus pães.

Camila olhou para Lauren que revirou os olhos e suspirou. A latina olhou acenando com a cabeça e a mais velha enfim colocou duas sacolas em cima da mesa.

- Nós, am... – disse sem jeito. – Trouxemos algumas coisas para as crianças.

Sefa arqueou a sobrancelha e olhou para as sacolas.

Levantou o rosto para ver o que tinha dentro e sua expressão foi de surpresa, mas uma surpresa boa. Camila acenou novamente e Lauren começou a esvaziar a sacola.

- Tem leite, comida para criança...

- Papinhas...

- Isso. – disse revirando os olhos. – Frutas e alguns surtidos para completar o café da manhã.

Sefa então se levantou e parou ao lado de Lauren que, sem entender nada, olhou para Camila. A velha então a abraçou e deixou um beijo na bochecha da agente que estava petrificada:

- Muito obrigada. Deus lhe pague. – Lauren retribuiu o abraço encontrando o olhar e sorriso de Camila, satisfeita com o que estava vendo. – Tem café pronto.

E sem precisar de mais aviso, Lauren correu para servir uma xícara, novamente fechando os olhos ao beber.

Sefa negou com a cabeça sorrindo e foi preparar as coisas junto a Camila.

- Isso é um choro?! – Camila perguntou de repente.

- Luna deve ter acordado. – Sefa reclamou suspirando. Limpou as mãos no pano e já ia se levantando quando Lauren se adiantou:

- Eu vou! – Camila e Sefa a encararam com as sobrancelhas arqueadas. Lauren deu de ombros. – Vocês estão ocupadas...

- Segunda porta à direita.

E ela saiu como se nada, seguindo as instruções.

O lugar era simples. Alguns santos e uma vela de sete dias pela metade no alto de uma parede e, mesmo sem ser muito crente, desde que os Cabello's entraram em sua família ela passou a agradecer, sem saber muito bem a quê ou quem, e por isso se benzeu. As paredes de dentro estavam descascadas pela umidade, algumas fotos antigas, ainda em preto e branco, decoravam o lugar.

Um sofá de dois lugares com uma capa desgastada. Uma televisão antiga em uma cômoda improvisada e uma pequena mesa redonda, provavelmente para as refeições.

Acompanhou o choro por um corredor pequeno, apenas com duas portas. A da esquerda era um banheiro pequeno, porém impoluto, como todos os cômodos da casa. A direita havia um quarto com uma cama de casal e um armário grande. O berço estava no canto e o choro era ainda mais forte. Ela se aproximou para ver uma Luna com o rosto encharcado, os cabelos bagunçados e o bico em algum lugar.

- Ei, pequeña. – a menina foi cessando o choro, fazendo um bico e fungando. Lauren sorriu e limpou uma lágrima solitária que caía pela bochecha direita de Luna. Ela automaticamente segurou o dedo e ficou olhando a mão cálida, como se fosse algo de outro mundo.

Lauren permaneceu extasiada, encarando a menina. Não percebeu quando Camila se aproximou, apoiando-se na porta com os braços cruzados.

- Ela é especial, huh? – Lauren a olhou assustada, franzindo o cenho. A latina sorriu e se aproximou, sorrindo para Luna mais abertamente e acariciando-lhe os cabelos.

- Sim.

- Esses olhinhos pidões e cheios de brilho... – Lauren riu.

- Parece com os seus quando está perto de uma criança.

Camila foi pega de surpresa e engoliu seco, dando de ombros sem desviar o olhar, como envergonhada.

- Suponho que sim.

- Ultimamente você tem olhado muito para elas.

A latina suspirou e finalmente encarou a esposa.

- Ando um pouco nostálgica com todo esse assunto da Sofia na faculdade. – Lauren riu com escárnio e negou.

- Por que você tem tanto medo de me falar que quer uma família? – Camila engoliu seco, dando de ombros.

- Vamos ter essa conversa aqui? Assim?

- Qual o problema? Por acaso você precisa de um cenário melhor para me dizer isso? – disse um pouco irônica.

- Não é isso, é só que... – ela suspirou irritada consigo mesma. – Eu não sei como abordar o tema.

- Oi, Lauren, então, deixa eu te falar uma coisa, quero ter filhos, o que você acha?! – cuspiu irônica fazendo a latina revirar os olhos.

- Não trate isso como se fosse algo simples e fácil!

- Mas é!

- Não, não é! – estava alterando o tom de voz, mas Luna a encarou com o cenho franzido e Camila optou por cochichar. – Não é porque você vive preocupada com o trabalho vinte e quatro horas, eu nunca sei quando é um bom momento para te dizer que talvez seja o momento de que trabalhemos um pouco menos.

- Então a culpa é minha agora?! Porque eu estou concentrada no nosso trabalho, é minha responsabilidade que você esteja irritada porque não temos filhos?

- Irritada?! – perguntou como se fosse uma estupidez. – Do que diabos você está falando?! Eu não estou irritada! Apenas não sei como te dizer que quero...

- Quer o quê, Camila? – perguntou dando um passo a frente.

- Que eu quero ser mãe, Lauren!

A mais velha deu de ombros e abriu os braços.

- Viu como é fácil? E eu ainda estou aqui, não estou? – a latina franziu o cenho e foi a vez de Lauren revirar os olhos, puxando-a contra si com força. – Eu estou aqui e não vou a lugar nenhum. Você quer ter um filho?! Maldita sea, Camila, vamos ter um filho!

- O que você...

- Eu também estou cansada dessa vida vazia! Só não sabia como te dizer sem que você achasse que estava falando só para te agradar.

A latina sorriu e de repente Lauren sorriu também.

- Você está falando sério?

- Claro que eu estou.

- Então, você...

Lauren revirou os olhos e apoiou a mão direita na nuca da latina, puxando-a ainda mais.

- Flaca... não tem nada nesse mundo que eu queira mais do que ter uma família com você. Ok? – Camila assentiu sorrindo, sentindo os lábios de Lauren contra os seus.

- Ok.

- Viu só como é fácil?

Elas continuavam rindo e beijando-se, até que o celular de Lauren tocou.

Era o chefe.

- Sim?

- Mudança de planos, Jauregui. Ally descobriu que Silva vai se encontrar com um dos herdeiros do Escobar nessa festa para efetuar um pagamento.

É apenas uma cortina de fumaça para tapar a negociação na Interpol.

- E então?

- Então eu quero o bastardo do Silva e a mercadoria.

- E onde está a mercadoria?

- No centro da favela.

- Você só pode estar brincando comigo.

- Eu disse que era uma missão suicida, filha. E se lembre, nada de explosões!

Sem mais, ele desligou.

- E agora? – Camila perguntou assustada. Lauren ainda encarava o telefone com o cenho franzido.

- Precisamos evacuar a creche.

- A creche? Por quê? – a mais velha encarou a latina com um sorriso frio e diabólico.

- Porque nós vamos entrar na favela.

Depois que elas voltaram ao encontro de Sefa com uma Luna dengosa nos braços, Camila explicou o operativo a Sefa que praguejou, xingou, amaldiçoou, mas acabou cedendo.

"E para onde eu vou com essas crianças?"

Mas elas resolveram tudo com a ajuda de Janet e, como estavam todos preocupados com o grande evento de Silva, ninguém se preocupou pela movimentação com a creche.

Quando voltaram para casa, estavam todas ao redor das telas.

- O que temos? – Lauren perguntou prendendo o cabelo em um rabo de cavalo.

Vero abriu um mapa todo rabiscado, mostrando-o no ar para Lauren:

- Sete horas até a Camila aparecer na festa do Silva e pegar as digitais, e somando o que ele deve demorar em assinar o acordo, talvez duas horas de bônus para dar um fim na carga.

- E o transporte?

Normani apareceu com um iPad na mão, mostrando ao casal o plano:

- Caminhão, o mesmo que transportou a comida da festa. A rota principal vai ser essa... – uma linha amarela preencheu o mapa do aparelho. – Quando passarem por esse cruzamento então nós nos encarregamos de tirar a carreta.

- Isso parece difícil... – Lauren pontuou, mas a morena deu de ombros.

- Mas não impossível.

Camila estava preocupada com outra coisa:

- Ok, e a carga que está dentro da favela?

Lucy apareceu com cara de quem não tinha boas notícias:

- Impossível de tirar. As ruas são muito estreitas para conseguir fugir com os carros.

- E o que você aconselha? – a latina insistiu. Lucy era a especialista em explosivos, então a colombiana deu de ombros:

- Vamos queimar toda essa maldita coca.

Camila e Lauren se entreolharam e deram de ombros, o que elas podiam fazer? Eram as regras. Se você não pode retirar uma carga, então ninguém tira.

- Ok. – Lauren falou um pouco mais alto. – Temos cinco horas para estar na favela, acabar com a carga e voltar a tempo de ir à maldita festa. Lucy e Ally ficam com a cobertura. Depois, Veronica, Dinah e Normani com o caminhão. Eu e Camila vamos atrás do Silva. Entendido? – todas assentiram. – Vamos acabar com isso.

Elas se dividiram.

Camila, Dinah e Veronica foram para a mesa repleta de armas. Começaram a montá-las. Metralhadoras, glocks, munições e vários tubos de gás.

Lauren e Normani analisavam as vias de escape enquanto Ally e Lucy tentavam invadir o sistema de operações especiais para acompanhar todos os movimentos enquanto estivessem dentro da favela até a saída.

Uma vez que Sefa confirmou que estavam todos em um lugar seguro, elas foram se arrumar. Macacão preto, as armas entre as pernas e cinturas. Um gorro com abertura nos olhos apenas e máscaras de personagens de filmes de super-heróis. Dinah ficou com o Joker, Vero com o homem de ferro, Camila tinha a do Capitão América, Normani do Batman e Lauren optou pelo Deadpool.

Antes de sair, revisaram o plano. Colocaram as mãos ao centro e levantaram. Não era necessário pedir por segurança, estavam ali para cobrir as costas uma da outra.

Entraram em uma Hummer blindada que Normani se encarregou de dirigir.

Lauren ia na frente com o olhar fixo em todos os lados. Atrás, Camila e Dinah encaravam serias a uma Vero que parecia nervosa, mas estava perdida em seus pensamentos:

- Vocês acham que a Lucy vai querer algum nome estranho de planeta ou constelação? – as meninas riram com a pergunta. – Eu não quero que meu filho seja zoadado na escola.

E elas relaxaram ao perceber que sua maior preocupação era o nome de seu filho.

Permaneceram em silêncio.

- Estamos nos aproximando. – Normani informou. Elas colocaram as máscaras e seguravam os rifles com mais força.

Cinco minutos.

Ally avisou.

Eles já estão em alerta pela presença.

Do alto os traficantes tinham todos os movimentos vigiados, inclusive a de um quase camburão preto se aproximando e entrando na favela.

Quando estiver subindo a ladeira acelere e não pare até chegar.

Dois minutos.

E Normani obedeceu.

Acelerou tanto quanto pôde subindo uma ladeira quase impossível.

- Cinquenta metros. – Lauren informou. As meninas já estavam preparadas.

Mas antes que pudessem se aproximar, observaram o movimento pelos telhados de jovens armados e dois carros logo atrás delas.

- Veronica fica com os carros, Dinah com o telhado, Lauren e eu entramos, Normani cobre a porta.

- Ok. – responderam todas.

Assim que a morena parou o carro, Dinah saiu pelo teto solar e Veronica abriu a porta traseira, atirando sem parar.

Lauren chutou a porta de metal improvisada que, sem esforço nenhum foi aberta.

Camila a acompanhou e entraram apontando a arma para todos os lados, mas estava vazio.

Normani cobriu a porta enquanto Dinah e Veronica entravam também, sendo ela a última em entrar.

Nenhum movimento, até que encontraram outra porta onde Lauren a chutou.

Nada surpreendente.

Encontraram um galpão enorme com várias mesas. Mulheres e homens cortavam a cocaína que era colocada em caixotes de madeira com o molde de queijo.

Apontavam com as armas para todos os lados e automaticamente todos levantaram as mãos.

- Ninguém se mexe! – Camila gritou.

A cocaína estava amontoada no centro. Quantos quilos haviam? Provavelmente uma tonelada.

Enquanto todas apontavam as armas, Veronica retirou um spray do seu colete, passando superficialmente pela droga.

Dinah se aproximou e com o que parecia ser um botijão pequeno, em apenas um toque incendiou a carga.

Quando tiveram certeza de que estava tudo sendo queimado, foram saindo com um círculo formado, cobrindo cada ângulo.

Quando chegaram na porta, Normani e Dinah apontaram para cima. Veronica para frente e Lauren e Camila foram reduzindo o outro lado.

Foi questão de segundos e os tiros começaram novamente. Elas atiravam cobrindo cada uma um ângulo tentando sair.

Sabiam que o carro estaria destruído, e por isso deixaram outro na entrada, próximo a creche. Agora elas só precisavam descer até lá.

Os tiros continuavam, elas haviam abatido alguns, outros tiros haviam acertado os coletes, mas nada que as impedisse de finalmente ter uma trégua de alguns segundos, subindo umas escadas estreitas no que parecia ser um sobrado.

Na verdade era uma laje com um varal improvisado.

Subiram devagar, um passo de cada vez com as armas apontadas. O silêncio era tanto que nem escutavam os passos.

Quando finalmente chegaram, todas carregaram as munições e começaram a ir andando pelos corredores e becos que levavam de um telhado a outro. Quando algum suspeito aparecia, elas o abatiam.

E assim foram ganhando metros.

A creche estava a sua direita, abaixo de tudo e elas, apesar de ver o carro, estavam do lado esquerdo, no alto.

Dinah e Normani caminhavam de costas, apontando para frente. Vero cuidava da lateral, apontando para todo aquele que se aproximasse, enquanto Camila e Lauren cobriam a frente.

Andavam rapidamente sem perder o foco. Dinah atirou duas vezes e logo Normani. Vero virou-se para ajuda-las e Lauren passou a cobrir a lateral, deixando Camila sozinha.

Mais alguns metros e tudo estava silencioso.

- Atenção à direita. – Camila disse alto o suficiente para que elas escutassem.

Se abaixaram tanto quanto podiam para continuar caminhando. Os telhados eram frágeis, mas não tanto. Sentiam o reclamar dos suportes baixo as botas, mas elas continuaram em fila, até chegar a altura da creche, mas do outro lado.

Lauren retirou duas bombas de gás lacrimogêneo e elas colocaram as máscaras. As lançou e contaram até dez.

- Go! - ela gritou e foram descendo por uma escada improvisada que haviam guardado. Camila foi a primeira em descer sendo amparada pelas outras que mantinham a posição.

A latina correu até o carro e entrou, já o ligando. Era uma van preta de seis lugares.

Veronica, Dinah e Normani foram as seguintes, ficando Lauren por último.

Entraram no carro e Camila arrancou antes mesmo que Lauren fechasse a porta.

Cortava os carros entre as avenidas de um lado para outro, desviando sinais e as buzinas até que se aproximaram do condomínio sem que nenhum carro as seguissem.

Ao ter certeza disso, retiraram as máscaras suspirando.

Quando entraram na segurança dos altos muros da mansão, desceram com o macacão pela metade e segurando as armas.

- Missão cumprida, meninas.

Ally as recebeu com um sorriso. Lucy abraçou Vero com força, sendo beijada em seguida.

Deixaram as armas na mesa e se dividiram, subindo para os quartos.

O maiô fio dental de Camila já estava estendido na cama junto a uma saia de crochê que cobria muito pouco. Lauren congelou encarando o tecido enquanto a latina já estava tirando a roupa.

Ao lado, um conjunto de um maiô verde militar com um decote em V e uma saia bege.

- Posso saber que diabos é isso? – Lauren perguntou tirando a camisa.

- Isso o que? – Camila perguntou distraída com o coque em seu cabelo. Quando Lauren apontou para cama ela deu de ombros respondendo:

- Go hard or go home.

Continuará...

//

Eu sei, eu sei que eu disse que essa era a última, mas vai ser impossível acabar pq eu inventei de adicionar mil tretas e carros e vai dar merda se eu for acabar tudo hoje! Então amanhã eu venho, SE NÃO VIER PODEM TIRAR TODAS AS COXINHAS DO MUNDO!

Vou continuar escrevendo de agora pra não perder o fio da meada.

Chêro!!!!!!

Especial Fast and Furious In Rio Part IV

Salve gayzada!

Cheguei, meu Deus do céu, 4:15 da manhã e eu trabalho daqui a pouco, mas cheguei!!!!!!!!!!

E o final desse especial também... Espero que vocês gostem!

Obrigada por me aguentar, viu? Vcs são maravilhos@s!

Chero!

//

Anteriormente em Amor e Outras Drogas...

O maiô fio dental de Camila já estava estendido na cama junto a uma saia de crochê que cobria muito pouco. Lauren congelou encarando o tecido enquanto a latina já estava tirando a roupa.

Ao lado, um conjunto de um maiô verde militar com um decote em V e uma saia bege.

- Posso saber que diabos é isso? – Lauren perguntou tirando a camisa.

- Isso o que? – Camila perguntou distraída com o coque em seu cabelo. Quando Lauren apontou para cama ela deu de ombros respondendo:

- Go hard or go home.

- Por que os biquínis? Achei que íamos trabalhar...

Camila deu de ombros soltando o cabelo:

- E iremos, mas é uma festa na praia, como você esperava que fossemos?! – Lauren suspirou e olhou uma vez mais os conjuntos, então uma ideia passou por sua cabeça.

- Então é isso?

- Hm? – Camila se fez de desentendida tirando as botas sentada na cama.

- Tudo isso porque eu não te contei que estava ajudando a Lucy? – a latina franziu o cenho:

- Eu não faço a mínima ideia do que você esteja falando, amor.

E o amor saiu tão irônico que Lauren prendeu a respiração.

O macacão tocou o chão e ela observou as curvas desnudas de Camila desfilarem pelo quarto até o banheiro. Olhou mais uma vez para o conjunto e deixou a cabeça cair para trás e sussurrou:

- Diabla...

Normani e Dinah estavam rindo de alguma coisa enquanto cochichavam abraçadas no sofá. A morena estava deitada e a loira também, mas tinha a cabeça apoiada no braço de Normani. Pareciam perdidas em uma bolha

quando Camila apareceu desfilando o maiô com a saída. O cabelo estava solto e ela andava descalça. Dinah quase caiu se não fosse amparada pelos braços de Normani

- Santo Cristo! Quem você vai matar assim? – Camila sorriu com a língua entre os dentes.

- Gostaram?

Normani assobiou assentindo:

- Lauren que escolheu? – Camila fez cara de pensativa e assentiu:

- Algo assim...

Mas Dinah estreitou os olhos:

- Camila... – a latina se fez de inocente. – O que você está aprontando?

- Eu? Nada. Só achei que seria mais fácil de chegar no Silva se chamássemos um pouco a atenção...

- Meninas eu acho que... – Ally parou no meio da sala. – Uau, Mila! – a loira abriu e fechou a boca. – Você está maravilhosa. – Obrigada Allycat.

- De nada e hm... – ao passar por Camila, Allyson a olhou de cima a baixo e então se sentou em uma poltrona. – Sobre a nossa volta para casa... É o aniversário do papai e ainda não temos um presente...

- Eu já pensei em algo! – Normani disse animada, dando um pulo do sofá e indo atrás do iPad.

Camila viu a imagem no aparelho e assobiou:

- Una preciosidad... – a latina só faltou babar.

- Coleção pessoal do Silva...

Dinah e Ally correram para olhar também, assentindo ao ver o veículo.

- Uns sapatos novos e seria o presente perfeito. – Allyson disse e todas se entreolharam sorridentes. – Acha que consegue sair com ele inteiro de lá? – questionou a uma Camila que sorriu torto.

- Missão dada é missão cumprida, enana. [n/a: anã, mas nesse sentido e contexto é carinhoso, como um "pequena"]

- Então, temos um presente? – Dinah questionou e todas responderam ao mesmo tempo:

- Temos um presente.

[Põe pra tocar All In My Head e viaja no clipe, viado]

Elas chegaram à praia já vestidas e preparadas. O ambiente era de um sol quente e brilhante. A praia estava decorada com tochas, carpas, alguns sofás e puffs brancos. Garçons vestidos de branco serviam champanhe para os convidados, em sua maioria mulheres com corpos esculturais que dançavam e conversavam entre elas ou com outros convidados. Em uma espécie de zona VIP, Silva conversava com outros homens enquanto tinha algumas mulheres com eles, conversando entre elas

como se apenas estivessem ali para preencher o lugar.

Lauren não havia dito absolutamente nada. Nem sequer uma objeção ou revirada de olhos. Desde que Camila se arrumou e ela também, trocaram apenas instruções sobre o plano, o que obviamente deixou a latina intrigada, mas nada que ela não pudesse ignorar em seu jogo particular.

Dinah, Normani e Vero também estavam com trajes de banho. Dinah estava de verde, Normani de amarelo e Vero de branco.

Começaram olhando disfarçadamente pelo local em busca de homens armados ou qualquer rosto conhecido que pudesse identificá-las. Silva parecia descontraído para quem havia perdido toneladas de coca em um assalto surpresa, mas não era problema delas. Havia conseguido ampliar a margem para executar a missão.

Dinah e Vero aceitaram o champanhe, Lauren tinha cara de poucos amigos, como sempre, atenta a tudo. Camila procurava por Silva o tempo todo, calculando o momento certo de agir. Normani apenas mascava seu chiclete e parecia entediada, também como de costume.

O cara que está ao lado do Silva de óculos escuro, esse é o chefe do cartel de Medellín.

Ally informou pelo ponto e elas olharam imediatamente. Lauren observou que estavam custodiados por dez homens:

- Algum conhecido?

Todos estão registrados como seguranças. Se estão armados provavelmente usam alguma licença falsa.

- E do que você precisava mesmo, Ally? – Camila perguntou distraidamente.

As digitais ou uma confissão. O que você conseguir primeiro...

Camila sorriu torto e Lauren ficou rígida de repente, mas controlando suas expressões.

Camila prendeu o cabelo em um rabo de cavalo alto sob o olhar atento de Lauren que não estava entendendo nada. Abaixou um pouco sua saia, deixando-a um pouco mais abaixo do quadril.

- Já venho.

Foi a única coisa que disse antes de caminhar entre as pessoas. Parecia que estava em câmera lenta. Lauren observava a cena com a boca quase aberta. Os pés da latina levantavam a areia sutilmente, seu quadril balançava de um lado a outro enquanto ela sorria de vez em quando para algumas pessoas que encontrava no caminho.

Dinah se aproximou sorridente e apoiou o braço no ombro de Lauren, terminando seu champanhe:

- Às vezes eu tenho tanta pena de você, Jauregui.

Lauren a encarou com a sobrancelha arqueada e quando procurou pela

esposa, já estava conversando com um dos seguranças que se retirava para falar algo no ouvido de Silva.

- É, Jauregui... – Vero disse abaixando os óculos escuros para olhar melhor. – Eu não queria estar na sua pele...

- Não espero que um homem seja mais inteligente que uma mulher. – Normani completou jogando um fruto seco na boca. – Nunca. – e sorriu torto quando Camila já estava sentando no braço da poltrona de Silva que, imediatamente, levou a mão aberta ao quadril da latina, mantendo-a ali.

Lauren deu um passo a frente, como se fosse atacar, mas Dinah estirou o braço a tempo para freá-la:

- Calma, Jauregui. – Lauren estava respirando um tanto descompassado. – É só trabalho.

- Acaba com isso logo, Camila. – Lauren disse com os dentes rijos.

A latina olhou disfarçadamente por cima do ombro para trás, colocando uma azeitona entre os dentes e logo depois sorrindo ao fechar a boca.

Levou a mão ao ombro de Silva, sorrindo e falando alguma coisa. Então ele ofereceu seu copo e Camila aceitou, sussurrando alguma coisa em seu ouvido. Silva sorriu mais abertamente e olhou para trás, encontrando o olhar de Lauren.

Seguidamente Camila se levantou e se despediu dele com um beijo no rosto em direção as outras.

Quando finalmente se aproximou, Normani abriu uma sacola plástica onde a latina colocou o copo com cuidado.

- Prontinho. – disse com sua falsa inocência.

Mas a tensão entre os olhares era palpável, parecia uma guerra e Lauren não estava disposta a ceder:

- Falta mais alguma coisa, Ally?

O resto só mais tarde.

- Ok. – sorriu como se nada. – Vamos?

E sem dizer nada mais, deu a volta e se foi.

O caminho foi novamente silencioso e quando chegaram na casa, todas iam entrando quando Lauren soltou sua saída de praia.

- Vou na piscina, daqui a pouco entro.

Camila olhou para as outras e com um aceno com a cabeça elas entraram e ela foi atrás de Lauren.

Viu como a morena soltou seu coque, deixou a sandália em um canto e foi até o chuveiro. A latina ficou parada de longe, vendo como as gotas de água caíam sobre o corpo de Lauren.

O tempo havia passado, mas definitivamente todas aquelas cicatrizes no abdome e as marcas do esforço físico estavam ali deixando-a ainda mais sexy.

Lauren passava os dedos pelo cabelo com a cabeça caída para trás. Então desligou o chuveiro e foi até a piscina que era quadrada, de uns 50x50 com um

mosaico de azulejos azul marinho no centro desenhando uma espécie de flor.

Lauren mergulhou e esteve por vários segundos debaixo d'água, saindo quase no meio da piscina e logo depois começou a nadar.

Camila sorriu e foi até lá.

Mulheres.

Há algo mais surpreendente e misterioso nesse mundo do que uma mulher? O que ela pensa, o que ela guarda em seu coração e até mesmo o ritmo em que ela balança suas cadeiras ao caminhar. Tudo inspira. Do olhar distraído quando está perdida em seus pensamentos a sensualidade ao mover os lábios.

Tudo parece tão mais excitante e misterioso quando se trata de uma mulher.

Suas curvas sempre perigosas, sem pré-avisos que te guiem quanto a velocidade para superá-las. Curvas essas que qualquer um morreria feliz ao deslizá-las.

O toque sutil com a ponta dos dedos quando elas querem te acariciar, ou as unhas fincadas em suas costas quando está em seu ponto mais vulnerável de prazer. E o que falar de suas expressões? Um sorriso para cada momento, um olhar para cada decisão. Quando uma mulher te tem nas mãos, então ela te tem por completo.

Algumas são a personificação do demônio. Elas sabem o que causam com um simples sorriso ou o piscar lento dos olhos. Sabem que se morder o lábio sutilmente, te tem a seus pés. E como sabem, se aproveitam disso. Mas você reclama? Porque eu não.

E o que falar da forma em que as mãos deslizam pelos cabelos? Desde o leve jogar da franja para um lado aos toques distraídos nas pontas, como quando estão pensando.

Não há nada mais sexy do que uma mulher em silêncio. Aquela necessidade de saber o que sua cabeça grita, se o seu coração acelera no momento em que ela te olha, o mistério de descobrir as aventuras e desventuras de suas inseguranças. Ler uma mulher é como ler um bom livro. Precisamos de tempo e calma. Desfrutar de cada palavra, do leve passar das folhas, segurando-as pelas pontas para não machucar o papel. Tem que ter delicadeza, mas saber o momento certo em que o livro está interessante, então você precisa passar a página mais rápido, deslizando a ponta do dedo pelas linhas escritas, talvez para tentar sentir o que o escritor sentiu quando escreveu aquelas palavras como quem desenha um caminho.

O caminho ao inferno.

Quem quer o céu quando se trata de uma mulher?

Você quer ver o fogo, o calor, sentir a necessidade de querer cada mínimo pedaço de pele baixo seu tato.

Poucos infernos são tão prazerosos como o de se perder no olhar -e

nas curvas- de uma mulher.

E você pode provar vários, mas nenhum deles terá um gosto tão bom de pecado como o beijo de uma mulher.

A latina deixou sua saída pelo caminho e como uma gata no meio da noite, deixou seu corpo deslizar pela piscina enquanto Lauren continuava nadando.

A maior parou no centro da piscina ao sentir algum vulto passando por baixo de si, levantando a cabeça pela superfície para procurar.

Nada.

Quando se virou, Camila estava ali. O rosto avermelhado pelo sol. Os cabelos escorridos para trás e uma gota que deslizava da boca ao queixo, desaparecendo na água agora calma. O olhar castanho brilhava e encarava os verdes de Lauren como um predador fixa sua presa.

Mas naquele jogo de sedução, Camila não esperava que a presa fosse ela.

Lauren segurou a cintura da esposa, atraindo-a contra si. Camila imediatamente rodeou a cintura da morena com suas pernas, sentindo o deslizar firme das mãos de Lauren em suas coxas.

A morena então a beijou com vontade enquanto guiava o corpo das duas até um extremo. Camila puxava os cabelos de Lauren sentindo os lábios dela contra os seus com força, os dentes encontrando a pele carnuda e chegando a apertar os olhos com a possessividade em que Lauren a beijava, até que sentiu suas costas impactando contra algo duro.

Lauren apertou as nádegas de Camila com força, impactando seu centro contra o da latina com força.

Camila deixou a cabeça cair para trás sentindo agora os beijos em seu pescoço, remexendo-se pelo incômodo das sensações. Lauren deslizou as mãos pelo torso da latina, chegando até os seios, apalpando-os enquanto Camila gemia suavemente em seu ouvido.

Voltou sua atenção aos lábios vermelhos e inchados da latina. Manteve o braço esquerdo segurando-a pela cintura e com a mão direita deslizou diretamente até o centro da esposa, afastando o maiô para introduzir os dedos. Camila gemeu longamente, fechando os olhos e abrindo a boca. Lauren respirou fundo precisando controlar todos seus instintos e começou a estocar lentamente, admirando as feições da latina cada vez que ia mais fundo.

Camila então abriu os braços, apoiando-se na borda e deixou a cabeça cair para trás, remexendo-se lentamente com reboiadas suaves enquanto Lauren continuava entrando e saindo dentro de si.

Lauren usava o braço para pressionar o corpo de Camila para baixo enquanto empurrava mais forte. A latina passou a gemer um pouco mais forte, até que finalmente chegou a seu ápice.

As respirações pesadas, Camila abriu os olhos lentamente e sorriu ao

ver o cenho franzido de Lauren tão perto do seu rosto. A abraçou pelo pescoço sentindo-se dengosa:

- Achei que não ia fazer nada. – zombou bicando-lhe os lábios e Lauren revirou os olhos.

- Eu sei que você fez de propósito.

A latina ladeou a cabeça e sorriu, então levou a ponta do indicador ao queixo de Lauren, obrigando-a a que levantasse a cabeça:

- É claro que eu fiz de propósito.

Foi a vez de Lauren sorrir e guiar os lábios ao ouvido direito da esposa para sussurrar:

- Da próxima vez que você pensar em tocar um cara para me provocar, se lembre disso.

E a afastou delicadamente, nadando até a escada e saindo graciosamente, como se nada tivesse acontecido. Camila respirou funda e sorriu, impulsando o corpo para baixo até submergir e fez o mesmo.

Quando saiu, ainda olhou uma última vez para borda em que estava segundos antes, gargalhando.

- Cubanas, siempre perfectas.

Sussurrou estalando a língua

Camila e Lauren estavam de lingerie no quarto encaixando as armas nas ligas e o ponto de rádio. Andavam de um lado para o outro em silêncio enquanto Ally dava as instruções.

- Recebemos instruções do Hobbs de levar a carreta a um galpão o BOPE disponibilizou. Não temos muito tempo e vocês precisam ser rápidas, de Angra para cá o transporte mais rápido é aéreo. – elas nada diziam, apenas se concentravam em se vestir. – Uma vez que elas pegarem a carreta, Silva será avisado e então vocês precisam agir.

- Qual a margem de tempo?

Camila perguntou oferecendo as costas para que Lauren fechasse o zíper e a gargantilha do vestido branco que lhe cobria até a linha do quadril, deixando as costas nuas. Era de seda e branco, com a frente solta marcando um pequeno decote. O de Lauren era simples, o tecido pérola e com a alça fina, de brilhantes. O decote era singelo na frente e arrastava o chão.

- Não sei, cinco minutos ou talvez menos.

- Isso é muito pouco tempo, Ally.

- É o que temos. Os motoristas avisarão imediatamente para que o acordo não se feche. Se camuflam entre os convidados, achem um acesso até o lugar em que eles vão efetuar o pagamento e saiam de lá como alma que leva o diabo.

- E o barco? – Lauren perguntou colocando um brinco.

- Impossível, a guarda costeira seria acionada na mesma hora e

depois teríamos que tirar vocês do barco, o que seria rotundamente suicida. – a morena franziu o cenho:

- E como diabos você quer tirar a gente de lá? – Ally olhou para Camila como passando a responsabilidade e a latina, que jogava o cabelo pelas costas disse sem mais:

- Eu tenho um plano.

Lauren perguntou pausadamente:

- Que plano?

- Confia em mim, babe. – e lhe bicou os lábios, saindo segurando a barra do vestido. – Estamos atrasadas.

Lauren ficou olhando para Ally que sorriu amarelo e coçou o pescoço.

- Sobre o que você me pediu para olhar... – Lauren a encarou séria:

- Conseguiu?

- Mais ou menos, quer dizer, vai ser um pouco complicado, mas é bastante possível de conseguir. – ela suspirou aliviada.

- Ok, pode ir. Se precisar de alguma coisa a mais, me avise. E am... Minha mãe pode te ajudar com as complicações.

Ally sorriu assentindo.

- Vou falar com ela. Boa sorte, Laur.

Quando a loira se foi, Lauren olhou para cima como pedindo paciência e também desceu encontrando Veronica ao pé da escada.

- Parece que vocês vão se casar de novo. – zombou ao vê-la. – Está tudo confirmado, assim que vocês chegarem lá, iniciamos o plano.

- Ok. – Lauren se aproximou apoiando as mãos no ombro da amiga. – Se cuide, e não faça nenhuma besteira.

Vero assentiu sorridente.

- Claro, agora eu tenho um filho para criar. – disse acenando com a cabeça para Lucy que conversava animadamente com Camila. – E vocês, já decidiram o que fazer?

Lauren suspirou olhando para Camila que parecia emocionadíssima ao tocar a barriga de Lucy.

- Decidimos dar o passo, provavelmente seja ela, mas...

- Mas...

A de olhos verdes engoliu seco.

- Nada, apenas... pensei em algumas coisas. – Vero franziu o cenho.

- De que merda você está falando? Vai amarelar? – Lauren negou rindo.

- Não, claro que não.

- E então?

Mas Camila foi se aproximando.

- Vamos?!

Lauren sorriu assentindo e trocou um olhar rápido com Veronica,

deixando aquela conversa para depois.

Optaram por ir no carro de Lauren. A preciosidade do Plymouth Barracuda 1973 estava brilhando na tarde. Lauren o dirigia sentindo o vento fresco entrando pela janela. Os 152 km aproximados da viagem até lá era tempo suficiente para que ambas desfrutassem do caminho como nos velhos tempos.

Alejandro Sanz e Marc Anthony colocavam ritmo no trajeto. Camila olhava pela janela a paisagem de cada cidade que passavam. De vez em quando Lauren a encarava e se controlava para não suspirar. O sol se escondia, lembrando o mirador de San Juan, cenário de onde começou toda a história.

- Lembra do nosso primeiro encontro? – Lauren perguntou de repente e Camila a encarou, sorrindo.

- Como esquecer? Você usou minha toalha! – as duas riram. – Porque isso agora?

Lauren deu de ombros e segurou a mão esquerda da latina, entrelaçando os dedos e passando a marcha.

- Lembrei do mirador com o pôr do sol. – Camila suspirou e encostou a cabeça no banco.

- Um lugar especial.

- Sim, e am... Sobre nossa conversa... – disse sem jeito.

- De termos um filho. – pontuou firme, Lauren revirou os olhos e assentiu.

- Sim. Estamos de acordo em que você ficará grávida, certo? – Camila pareceu pensar.

- Se você quiser...

- Eu posso esperar para... – e ao perceber o que estava falando, Lauren sorriu sem jeito e Camila a acompanhou, mais feliz ainda.

- Você quer ter mais de um? – Lauren deu de ombros.

- Vamos ver como as coisas acontecem, ok? – a latina assentiu.

- Ok. – disse suavemente.

- Mas, am... Aquelas crianças da creche. Agora que vamos desestabilizar o negócio do Silva, talvez devamos ajuda-las, o que você acha?

- Sim, vou resolver isso com a Sefa. – completou acariciando o rosto de Lauren enquanto ela dirigia.

- Quê? – de vez em quando ela tirava o olhar da pista para encontrar uma Camila distraída e sorridente.

- Eu te amo. – Lauren sorriu.

- Eu também te amo.

- E você me faz muito feliz.

Lauren tirou a mão de Camila de seu rosto, beijando-a e entrelaçando com a sua novamente.

- Vamos acabar logo com isso para voltar para casa, ok? – A latina

assentiu.

Meia hora depois do trajeto elas já haviam entrado na cidade, seguindo as instruções até a casa do narco.

O manobrista da porta quase pulou de alegria quando recebeu as chaves do carro. Camila praticamente arrastou Lauren para dentro da casa, já que ela não parava de dar instruções sobre como deveria passar a marcha.

O ambiente da festa era o mesmo da praia. Mulheres e homens bonitos e bem vestidos. Champanhe, comida e uma música suave.

A casa era de dois andares e enorme, na beira da praia. O jardim estava decorado com tochas e lâmpadas colocadas como em uma corda. Cadeiras, mesas e sofás espalhados, marcando o caminho da praia à casa.

- Vai ser impossível entrar sem chamar a atenção. – Lauren pontuou. Elas estavam paradas um pouco afastadas da entrada, observando o movimento e os seguranças.

Aos fundos está uma rua principal e a garagem. Vocês terão que sair por lá.

Ally informou.

- Alguma ideia de quando devemos entrar? – Camila questionou aceitando o champanhe que o garçom lhe oferecia.

As outras estão em posição, assim que o caminhão sair, avisamos. Por ora, desfrutem da festa.

Em um galpão abandonado quase no município de Campo Grande, Vero estava no Maserati de Dinah que por sua vez descansava no carona do MX de Normani. Elas estavam estacionada em um terreno ao lado da BR com os faróis apagados, apenas esperando o momento em que o caminhão sairia.

- Você entendeu o plano, Veronica? – Dinah perguntou pelo rádio.

- Pelo amor de Deus, Dinah, pela quinta vez, sim! – disse impaciente. – Vocês vão na frente, Normani te coloca na altura da carreta e você vai entrar no contêiner, fechar a carga que eu vou ter que levar, depois você pula de volta para o carro da Mani e nos encontramos no galpão do Hobbs. – repetiu com tédio.

- Exatamente, nada de gracinhas ou decisões estúpidas, agora você tem um bebê para cuidar.

- Ei, falando nisso. – Vero se remexeu no carro. Apoiou o braço esquerdo no volante que segurava o rádio. – A Lauren anda um pouco estranha, não acham?

As meninas riram. Veronica parecia ser a única em não saber.

- Ela não está estranha, Vero, apenas... vai ser mãe. – Normani emendou.

- Sim, mas até a inseminação e tudo isso, não é muito cedo para ela ficar assim?

Dinah e Normani trocaram um olhar dentro do carro e a loira

perguntou:

- Ela não te falou?
- Falar o que?
- Elas vão adotar a Luna, a garotinha da creche.
- Elas o quê?! – Veronica gritou apertando a bozina sem querer. –

Merda!

- Sua idiota! – Dinah gritou.

Isso foi uma bozina?

A voz de Ally ecoou.

- Desculpa?!

Será que dá para vocês ficarem quietas de uma maldita vez?

- Mas a Lauren vai adotar uma criança!

E qual o problema?

- Olá?! Ela vai adotar uma criança, não é como adotar um cachorro! É uma criança, sabia? – Veronica estava eufórica.

Sabemos, Vero. Esqueceu que somos todas adotadas?

- Ah... – disse sem jeito.

Ah... Agora cala a boca e presta atenção, o caminhão está saindo.

A latina pronunciou um "eu hein, esse povo está ficando maluco", enquanto colocava o cinto de segurança e guardava o rádio no suporte do ar condicionado.

Meninas, o caminhão já está saindo.

Ally avisou e Lauren, que estava contando algo a Camila enquanto bebia, olhou para esposa estendendo a mão:

- Vamos ao banheiro?

Camila aceitou e elas caminharam pela casa, perguntando a um dos seguranças pelo banheiro.

O jovem explicou e ao entrar no casarão não havia ninguém, apenas algumas mulheres saindo do corredor que haviam indicado.

Olharam ao redor e quando se certificaram de que ninguém estava por perto, Camila perguntou baixo:

- E agora, Ally?

Um minuto.

Esperaram pacientemente indo em direção ao banheiro.

Ok, no corredor este na segunda porta, é um escritório. Eles ainda não estão lá, sejam rápidas.

- Eu fico com o corredor e você prepara a saída. – Lauren disse.

Camila franziu o cenho, mas acabou aceitando.

- Sorte. – a latina se curvou para beijá-la e se foi.

Lauren subiu a escada segurando o vestido e a bolsa de mão prateada.

Olhou para os lados encontrando três corredores.

O da sua esquerda, Lauren.

Envergonhada e vermelha como se elas estivessem vendo-a com sua indecisão de qual lado seguir, ela continuou tentando fazer o menor dos barulhos com o salto.

Abriu a maçaneta devagar e de fato não havia ninguém. Fechou a porta e foi até uma estante que estava de frente para a grande mesa imperial, colocando uma câmera e um microfone, mas acabou batendo na mesma e ela caiu um pouco atrás. Devido a altura, precisou ficar na ponta dos pés para tentar alcança-la novamente.

- Merda.

- Será rápido, você vai ver. – a voz do Silva se fez mais perto.

Lauren apertou os olhos e se concentrou, sentindo com a ponta dos dedos o pequeno aparelho novamente. Quando o conseguiu, a voz do narco já estava muito perto, então optou por uma medida extrema. Correu para uma das cortinas enormes que havia na janela, escondendo-se.

Preparou a mini câmera e manteve a respiração presa.

Lauren, que diabos você está fazendo ainda aí? Sai agora!

Ally perguntou.

- Eu fiquei presa. – Sussurrou em resposta. – Preciso que você grave pelo meu microfone. Vou tentar tirar foto.

Mas que diabos!

- Entre, Juan. – a porta se abriu e pela brecha do tecido Lauren pôde ver o exército de homens que entraram na sala.

Silva se sentou na cadeira atrás da mesa, acompanhado por três homens armados em pé.

Do outro lado, cerca de dez homens custodiavam um baixinho ao centro que seguravam uma mala.

Lauren tentou registrar como pôde enquanto eles conversavam.

Camila por sua vez estava na garagem tentando desativar o alarme no quadro de luz com a ajuda de Lucy.

O fio vermelho ou o preto.

- Você não pode me dizer ou, Lucy, preciso saber qual é.

O preto.

E ao cortá-lo a luz acendeu revelando os carros impecáveis e com a chaparia reluzente. E entre todas as belezas, ele. Um Ford Mustang Shelby GT500 Eleanor Preto.

O xodó de Alejandro.

- Espero que meus filhos sejam assim de prestativos no meu aniversário.

Deslizou a mão suavemente pelo capô. A porta estava aberta. Homens... Seria uma pena que o alarme estivesse desligado e uma pessoa com conhecimento conseguisse mexer nos fios e...

- Voilá!

O rugido do motor a fez fechar os olhos e suspirar.

É o que eu estou pensando?

Ally perguntou controlando sua emoção.

- É lindo, Allycat.

Céus, não vejo a hora de trocar os sapatos.

- Ele vai adorar.

Ok, vou abrir a garagem. Lauren está em problemas.

- Quê?! – perguntou assustada.

Não conseguiu colocar a tempo e ficou dentro da sala.

- Mas ela precisa sair de lá!

Calma, ela vai sair. Apenas se concentre em como vocês vão sair daí.

- Merda, Lauren!

Na pista, Normani e Veronica seguiam o caminhão pela distância. Até que a loira informou:

- Preparada, Vero?

- Eu nasci preparada, doçura.

Dinah revirou os olhos e Normani riu.

- Vamos ver se você serve para isso.

Normani trocou a marcha e acelerou, aproximando-se do grande veículo.

- Como nos velhos tempos. – a morena disse olhando para Dinah que sorriu.

Normani desviou o carro para direita.

- No fundo tem uma escada, me coloca nela. – Dinah disse soltando o cinto e preparando a mochila.

Normani assim o fez e acelerou ainda mais, ficando muito próxima do contêineir.

Dinah colocou a mochila e abriu o teto solar do carro, deslizando com facilidade para sair. Normani manteve a velocidade e o controle do volante. Parecia que o carro estava parado enquanto Dinah se equilibrava para ir até o capô.

Com os braços abertos e as pernas como se estivesse em uma prancha de surf, Dinah se equilibrou até que Normani acelerou um pouco mais, colocando-a quase na altura da escada.

Em um pulo ela conseguiu se apoiar e então subiu.

Normani reduziu a velocidade para que Veronica se aproximasse.

Da parte de cima do contêiner, Dinah retirou o uma pistola de solda abrindo um círculo no teto e posteriormente com uma lanterna, se certificou do que havia dentro.

- A droga está em caixotes, e todos estão unidos por uma espécie de plástico. Vamos precisar de tempo e uma distração.

Informou pelo rádio.

Veronica então fez a manobra para assim ficar de ré para o caminhão e que a mini carroça que portava ficasse de frente para o contêiner.

Dinah se deixou cair pelo buraco escuro. A lanterna lhe ajudava a procurar o feixe das portas, e uma vez encontrado as abriu, sentindo todo o vento de velocidade.

Dinah, tem uma curva daqui a 10 quilômetros. Sejam rápidas.

- Ok. Guincho!

Gritou levantando a mão para que Veronica pudesse ver pelo retrovisor.

A latina apertou um botão no painel que disparou um guincho até o interior do contêiner, onde Dinah encaixou na droga.

Vero acelerou o carro para que assim pudesse puxar os caixotes para frente com as instruções de Dinah. Quando estava quase na ponta, a loira levantou a mão e ela deu ré novamente, se aproximando assim da carga.

Cinco quilômetros.

Quando a carroça estava já na altura, Dinah sinalizou e vero apertou o botão do painel de novo, de forma que a carga caiu por completa em cima da carroça.

- Agora!

Dinah avisou quando o caminhão estava prestes a realizar a curva e Veronica acelerou, indo embora com a carga. O barulho chamou a atenção do motorista que buzinou e na curva pôde ver os carros. Mas com a rapidez do movimento, a loira acabou caindo para o lado e não pôde pular.

- Dinah! – Normani gritou e acelerou, seguindo o caminhão. – Você tem que pular! – a loira se equilibrou novamente em pé, e quando Normani acelerou, pulou no capô.

Normani freou bruscamente e fez a manobra, dando meia volta e acelerando.

A primeira parte estava completa.

Lauren, a carga já foi pega, você precisa sair daí.

A morena estava suando, quando o telefone de Silva tocou e ele atendeu. Estava contando o dinheiro que o tal Juan Escobar estava lhe entregando.

- Como?!

O narco jogou o celular na parede praguejando-se. Juan fechou a mala automaticamente, mesmo sem entender o que estava acontecendo.

Camila já estava com o carro do outro lado da garagem. O jardim tinha uma grande fonte com a escultura de anjos tocando clarinete e um grande portão que provavelmente daria para a tal rua principal.

Olhou para o reflexo da casa na água da fonte, vendo que a única luz de cima que estava acesa era bem acima da garagem.

- Ally, você consegue cortar a luz por algum tempo? – perguntou apertando o volante.

Lauren arregalou os olhos.

Só se for a do bairro inteiro.

- Serve. – ligou o carro e passou a primeira. – Lauren, eu preciso que você corra o mais rápido que puder por essa janela e pule. – a morena apertou os olhos e respirou fundo. – Eu vou te segurar, amor. Confie em mim.

Posso cortar a energia por um minuto.

- Ok.

O motor do carro rugiu e Lauren respirou fundo. Desligou a câmera e a guardou na bolsa. Retirou a sandália tentando se mexer o mínimo possível.

Lauren, trinta segundos.

O motor rugiu ainda mais alto, chamando a atenção de todos. Silva olhou na direção da cortina, como se adivinhasse. Puxou a arma da cintura e a luz se apagou.

Tiros, muitos tiros, seguidos de gritos.

O barulho dos vidros quebrando.

O motor acelerando e Camila saiu da garagem como bala envenenada. Quando o Mustang praticamente pulou pela rampa, saltando para o jardim, o corpo de Lauren saltou pela janela.

A morena estirou os braços para se segurar no teto do carro.

Segurando-se, jogou a bolsa para dentro pela janela do carona enquanto seu corpo deslizava pelo carro com os movimentos.

Camila acelerou tanto quanto pôde enquanto Silva e seus capangas atiravam aos berros.

O carro foi de encontro ao portão e mais uma vez praticamente saltou para fora. Com o volante e o freio de mão, Camila conseguiu colocá-lo na pista. Tempo suficiente para que Lauren pudesse deslizar pelo teto e descer pela janela do carona.

- Vai!

Gritou para que a latina acelerasse, mas dois 4x4 estavam logo atrás delas, pegando a pista principal.

Merda, Camila. Você precisa se desfazer deles.

Lauren retirou a Glock que estava em sua coxa e se apoiou na janela, atirando com os carros que estavam atrás.

- Eu não sei andar por aqui! Preciso de um maldito mapa!

Na próxima saída pegue a esquerda.

Ela acelerou enquanto Lauren ficava sem munições e os carros ainda mais próximos. Não contavam com a segurança externa.

Por sorte, Camila virou e conseguiu alguns segundos, olhando pelo retrovisor.

Esquerda novamente, você vai chegar ao passeio marítimo, está cheio

de pessoas e carros.

- Malditos turistas!

A orla estava repleta de pessoas caminhando e carros. Mas bastou o barulho do motor ecoar e todos começaram a correr e gritar.

Camila desviava os carros como se estivesse jogando vídeo game. O zig-zag era perfeito e no limite. Lauren a olhava com o cenho franzido. Não que ela não soubesse que a latina era uma excelente motorista, mas aquele tipo de manobra parecia impossível.

Bom, não para ela.

No final do passeio vocês vão retomar a BR, Normani e Dinah estão a caminho.

Camila acelerou novamente, passando a marcha com força. Os carros se aproximavam cada vez mais e ela só conseguia olhar fixamente pelo retrovisor, sem nada dizer.

Direita, Mila.

E assim o fez entrando na BR. Mais alguns segundos de vantagem. Faróis vinham a seu encontro junto com as buzinas pela velocidade. Ela continuava desviando os carros com os faróis acesos.

O caminho é todo reto.

Cerca de 10 quilômetros depois, outros dois carros se aproximaram criando uma linha.

- Merda, Camz.

Lauren praguejou. Não tinha mais munição, mas eles aparentemente sim.

Observou pelo retrovisor como os braços iam para fora das janelas, segurando as armas.

Os tiros começaram e Camila tentava desviar como podia, até que um farol começou a piscar vindo em sua direção.

Ela fez o mesmo, pressionou duas vezes dando o sinal. Então, Dinah retirou o seguro da metralhadora e colocou a cabeça e os braços para fora, mirando.

- A cavalaria chegou, cabrones.

Normani explodiu a bola do chiclete e acelerou ainda mais. Dinah começou a atirar nos carros sem parar, apenas levando a arma de esquerda à direita, e de direita a esquerda. Normani freou bruscamente, virando o carro em direção oposta enquanto Dinah não parava de atirar.

O barulho era ensurdecedor e a perseguição continuava. Eles apenas aceleravam e Camila já estava ao lado de Normani. Dinah entrou novamente trocando a munição, olhou para Normani e disse:

- Lembra daquela coisa de não explodir nada? – a morena arregalou os olhos. – Foi mal.

Saiu novamente pelo teto e mirou. Os carros aceleravam e se

aproximavam cada vez mais. Ela esperou pacientemente. Se concentrou, mirou no motorista do carro que estava no meio e então atirou. Foi certo e ele caiu sobre o volante, carro virou para esquerda, chocando com o outro e em um efeito dominó, acabaram capotando e, desgraçadamente, explodindo.

- Strike! – gritou entrando no carro de novo e comemorando. – Chupa essa, tenente!

Normani apenas negou com a cabeça e continuou dirigindo. Camila olhou para Lauren que estava com as mãos no rosto, como escondendo-se, e riu.

Quando chegaram em casa, Ally saiu correndo para ver o Mustang. Mesmo com toda a aventura, apenas o para choque estava afetado, ele continuava intacto, preto e brilhante. Ela explicou com pressa enquanto entravam em casa:

- O tenente ligou e disse que a Interpol foi acionada. A BOPE está invadindo a casa do Silva e precisamos sair daqui quanto antes. A explosão está em todos os jornais.

- Hoje?! – Lauren perguntou de repente.

- Qual o problema? – Camila questionou com o cenho franzido.

- Temos que esperar até amanhã. – disse olhando para Ally que deu de ombros.

- Estão nos esperando na base aérea, precisamos ir quanto antes, Lauren. Se a polícia descobrir que estamos aqui, não vamos sair vivas.

A morena estava prestes a se desesperar. Camila se aproximou e a encarou com o cenho franzido:

- Lauren, por que não podemos ir hoje?

- Camila, eu... Eu... – a latina esperou paciente. Lauren abriu a boca e fechou, depois suspirou deixando a cabeça cair para trás, até que reconheceu frustrada – Eu entrei com o pedido de adoção da Luna.

A cara da latina desencanaixou.

- Você o quê?!

Lauren deu de ombros.

- A conexão que tivemos com ela foi... E a forma em que você falou dela para as meninas... – tentou explicar. – Eu sei que pode ser meio precipitado e nem sabemos se ela vai se adaptar ou se temos condições de educa-la, mas ela é tão frágil e cada vez que a vejo tenho a necessidade de protegê-la e...

Camila se atirou nos braços de Lauren beijando-a. No começo ela não reagiu, mas logo depois já estava correspondendo. Quando se afastaram, a latina estava segurando o rosto da morena entre suas mãos:

- Mas podemos tentar. E com certeza vamos fazer o possível para que dê certo.

- Então você não me acha uma louca por de repente aparecer com uma criança e... – Camila a beijou de novo, interrompendo-a.

- Mila, precisamos ir! – Ally as interrompeu.

- Ok eu... – Lauren fez uma cara de culpa. – Acho que você não vai gostar, mas tenho uma ideia.

Base Aérea de Santa Cruz

O Air Transporter estava preparado para decolar.

Os carros estavam dentro assim como as meninas.

Lauren e Camila estavam na rampa do avião, andando de um lado para o outro e esfregando as mãos nos jeans. Estavam ansiosas e nervosas. Lauren olhava o relógio toda hora e era a quinta vez que pedia mais cinco minutos ao piloto.

- Agente Jauregui, precisamos decolar! – um dos oficiais disse irritado.

- Espere apenas...

- Lauren! – Camila gritou. Um carro se aproximava às pressas, freando bruscamente.

O mesmo Golf que elas já conheciam.

Janet desceu do carro carregando uma Luna sonolenta e segurando uma mochila rosa da Hello Kitty.

A menina estava de jeans e um casaco rosa, assim como seu tênis.

Camila a segurou em seus braços e a abraçou com força. Janet sorriu para elas entregando a mochila a Lauren.

- O juiz ficou de enviar os papeis aos seus advogados, por enquanto o trâmite está em andamento. – Disse sem jeito. Camila olhou para Lauren assentindo e a morena abraçou a policial.

- Muito obrigada, Janet.

Emocionada e sem jeito, a mulher se afastou negando. Acariciou as costas de Luna e suspirou.

- Vocês formam uma linda família, com certeza ela vai ser muito feliz.

Camila acariciava os cabelos de Luna e com um aceno para Lauren, foi entrando. A agente recolheu uma mala preta que estava aos seus pés e a entregou para Janet.

- Isso é para Sefa. Se você puder entregar...

- Ok...

- Lauren, precisamos ir! – Veronica gritou de dentro. Lauren olhou para trás e logo voltou a loira, sorrindo sem jeito.

- Obrigada por tudo, e... Espero que você apareça por Miami, nossa casa sempre estará a sua disposição.

Janet assentiu novamente, afastando-se.

- Tenha uma boa viagem, Lauren.

E com um tchau singelo, Lauren correu para dentro do avião. A rampa se fechou e elas enfim partiram.

Na manhã seguinte, Sefa amanheceu como de costume preparando o café de seus meninos.

Janet chegou na creche e pôde notar como a mulher tinha o rosto tristonho.

- Dona Sefa, elas deixaram isso para você. – disse colocando a mala em cima da cadeira. Sefa a encarou com um sorriso triste:

- Como está minha menina?

- Ela vai ficar bem. Esse é o número delas, caso a senhora queira conversar de vez em quando... – entregou um pedaço de papel com um número escrito.

Sefa deu três palmadinhas no ombro de Janet e voltou a seus pais. A policial se foi deixando-a sozinha enquanto abria a mala que estava ao seu lado.

Quando viu o que havia dentro, Sefa levou a mão a boca, reprimindo seu choro.

Dizem que dinheiro não traz a felicidade, mas o tanto que havia naquela mala ia servir para fazer muitas daquelas pessoas felizes.

FIM.

A troca de pneus

Salve gayzada.

Que feriado lindo para postar um especial que estou devendo há mil anos, não é mesmo?

30 páginas, 12 mil palavras. Tá bom, né?

Mas quem é vivo sempre toma vergonha na cara e aparece.

Espero que gostem, finalmente fiquei satisfeita com AEOD. Vocês são tão lindas comentando mesmo depois do fim. Ai, eu tenho muita sorte com vocês!!!!!!!!!!!!!!

Sintam-se beijadas, abraçadas e cheiradas!

Ultimamente ando louca do cu com as escalas temporais, indo e voltando, num sei tô loca. Leiam até o final pra entender antes do "mas cadê. .."

Axé!

//

Vermelho.

O Dodge freou bruscamente na primeira linha do semáforo.

Camila olhou pelo retrovisor e apertou o volante com mais força, pressionando o acelerador fazendo seu motor rugir.

Amarelo.

Olhou novamente e acelerou ainda mais forte.

Verde.

Soltou o freio e o carro acelerou bruscamente, jogando o corpo para trás.

Virou a primeira direita com os pneus cantando e estacionou na frente da escola movimentada por crianças e seus responsáveis.

- Chegamos, linda! – disse sorridente olhando a pequena Luna na cadeirinha no banco de trás.

- De novo, mami? – perguntou emburrada. Camila apoiou o braço direito no banco do carona e virou-se para olhar a filha:

- Hoje é terça-feira, céu. Dia de estudar.

- Mas eu já estudei ontem! – resmungou cruzando os braços e fazendo um bico. A latina sorriu assentindo.

- E vai estudar hoje, e amanhã e depois... – pegou a mochila do capitão América e a merendeira da mulher-maravilha e saiu do carro falando.

Luna já sabia como soltar o cinto da cadeira, remexendo-se para descer enquanto resmungava algumas frases improvisadas. Uma mistura entre inglês, espanhol e português.

- Escola é chato.

- Chata, querida. Se diz chata. – a corrigiu segurando a pequena mão para entrar na escola. A menina olhava para cima quando queria dizer alguma coisa.

- Eu quero ir para casa brincar com o vovô.

- E eu quero socar a sua mãe por ainda não ter ligado. – sussurrou apertando os dentes e desviando o aglomerado de crianças correndo. Perto do portão ela se ajoelhou para encarar a filha – Mira, cariño... – Luna franziu o cenho. – Há tempo para brincar, estudar, dormir, comer e ver desenho. Tempo para tudo! – ajeitou a grande franja da menina e sorriu sutilmente. – Mas agora estamos na hora de estudar, e se você pensar que vai ser maravilhoso aprender algo novo hoje, então o tempo vai passar mais rápido e será a hora de brincar com o vovô. – Luna ainda tinha o cenho franzido. Ladeou a cabeça e cruzou os braços:

- Então eu posso dormir na escola? – perguntou finalmente. Camila piscou repetidas vezes e franziu o cenho:

- Po...de... – disse meio dubitativa e a menina então sorriu:

- Okay.

Virou as costas para que a latina colocasse sua mochila, abrindo os bracinhos. Novamente encarou a mãe e segurou a lancheira.

- Tenha um bom dia, cielo. – curvou-se para beijar a bochecha da pequena que depois de devolver o gesto, saiu correndo.

Camila observou o pequeno vulto com o cabelo castanho e longo, já perto da cintura, vestindo uma saia rodada xadrez, azul e vermelha, uma meia calça azul marinho, sapatos de bailarina e um casaco também azul marinho.

As outras meninas combinavam suas mochilas de princesas ou personagens variados na cor rosa, enquanto os meninos optavam por cores mais escuras. E no meio delas, a pequena Luna corria em direção ao porteiro dando um leve tchau, sem falar com ninguém, com sua mochila de super-herói.

Camila deu de ombros e foi até o carro novamente, mas antes de arrastar olhou para cadeirinha na parte detrás de seu clássico. O tempo havia passado, algumas coisas mudaram... ela se sentia diferente. Era mãe e agente do FBI. Claro que as coisas haviam mudado desde que corria de maneira ilegal para um cartel de drogas.

A pergunta era... ela estava feliz com essas mudanças?

No prédio do FBI, Lauren segurava um sujeito duas vezes maior que ela pela gola da jaqueta de couro. Estava com as mãos algemadas atrás das costas:

- Calma aí, esse negócio tá me apertando! – reclamou irritado. Era branco, alto, robusto, mas tinha os olhos um tanto puxados, e o cabelo na altura dos

ombros, liso e escuro.

- Quem sabe assim o sangue não fica mais tempo no seu cérebro e você vai lembrando os nomes dos seus clientes. – devolveu irritada enquanto abria a sala de interrogatório e empurrava o homem.

- Quero um advogado. – ele disse encarando-a. Lauren sorriu sem mostrar os dentes e suspirou:

- Vai ficar querendo. Senta aí e cala a boca.

Então fechou a porta com força. Puxou o blazer cinza para baixo e deixou a cabeça cair para trás, fechando os olhos com força. Seu celular começou a tocar enquanto ela caminha pela agência, desviando algumas mesas e agentes. Quando viu o nome na tela, respirou mais fundo ainda, atendendo:

- Me diz que você está dentro de um avião e vai passar aqui agora para me buscar.

- Bem que eu queria, mas estou te ligando da minha cozinha com uma bola de vômito no meu ombro graças ao engraçadinho do seu afilhado.

- Você ainda não aprendeu a ninar com calma?

- Ele faz de propósito! Esse guri me odeia, Lauren! – a voz de uma Veronica histérica ecoava do outro lado, acompanhada em seguida de um choro. – Não, bebê. Mamãe te ama! Shhhh...

- Adoraria ficar ouvindo seus desabafos de mãe de primeira viagem, mas eu realmente tenho muito trabalho...

- Ah claro que tem! Quantos interrogatórios você já fez essa semana?

- Lauren revirou os olhos servindo uma xícara de café.

- Oito...

- Quantos casos de merda fechados?

- Doze.

- Quantos relatórios preenchidos?

- Um. O que você quer, Veronica?

- Eu estou enlouquecendo, Laur. – disse suspirando. Lauren se apoiou na mesa bebendo um gole:

- Quanto tempo você ainda tem de licença?

- Uma semana... Mas o tenente está com essa merda de precaução, provavelmente vou ficar mais um ano preenchendo porra de relatório.

Lauren olhou pela fresta da janela como alguns agentes caminhavam de um lado para o outro falando no telefone.

- Parece que os bandidos decidiram descansar também...

- Não que a vida de esquentar mamadeira, acordar de madrugada para trocar fralda, bater purê de um monte de verdura nojenta e gastar a metade do meu salário com vitaminas e utensílios para que esse melão não caia da escada, não seja tudo que eu sempre quis...

- Mas...

Escutou como sua melhor amiga suspirava do outro lado.

- Mas eu preciso chutar o saco de algum imbecil ou vou acabar paranoica que nem os soldados que voltam do Iraque, imaginando ladrões nos dinossauros do Dominic.

Lauren riu negando com a cabeça. Deixou a xícara em cima de uma mesa e se foi de volta a sala de interrogatório:

- Não tem outro jeito. Suponho que agora somos mulheres de família.

Silêncio. Escutou mais um suspiro quando estava prestes a abrir a porta:

- Você não sente falta? – ela parou com a mão na maçaneta:

- Do quê?

- Do que tínhamos antes?

Lauren continuou encarando sua mão, vendo a aliança de ouro branco em seu dedo, e então suspirou:

- É apenas uma fase, Vero. Queríamos isso, escolhemos ter isso sabendo as consequências.

- É... acho que esse filho da puta do Barney e sua turma, tá derretendo meu cérebro.

- Dá um tiro nele.

Veronica riu.

- Isso é uma boa ideia.

- Tenho trabalho agora, depois passo aí para dar um beijo no Dom, ok?

- Acaba com... quem seja que vá provar seu ódio agora.

- Pode deixar.

Lauren guardou o celular no bolso do blazer e entrou pela porta. Na típica mesa de metal havia uma pasta fechada, de um lado, o tal preso do outro com cara de tédio e as mãos algemadas na mesa.

O grande espelho na parede refletia a cena da agente sentada lendo alguma coisa, enquanto o suspeito tentava decifrar o que estava escrito:

- Roubo com mão armada, tráfico de drogas, venda ilegal de armas, arrancar a orelha de um sujeito em um bar... Tem alguma coisa que você não tenha feito? – questionou com o cenho franzido. O homem deu de ombros:

- Estuprar e bater em mulher. Não faço essas coisas. – disse taxativo, parecendo orgulhoso de seu código de conduta. Lauren assentiu:

- Claro, um homem de bem. – ironizou.

- Olha... – ele disse se remexendo na cadeira. – Você vai me colocar no trulho, um advogado vai chegar e me tirar de lá, eu vou voltar para a rua e novamente você vai ter que ir atrás de mim, então... Por que não acabamos com isso de uma vez?

Lauren se encostou na cadeira e ladeou a cabeça.

- Todas as vezes que os federais te prenderam, nunca encontraram

provas para acusar do delito. – ele deu de ombros e sorriu convencido:

- Porque, como você mesmo disse, eu sou um homem de bem.

Lauren assentiu. Cruzou as mãos em cima da mesa e curvou-se:

- Sabe por que está sendo acusado agora, homem de bem? – ironizou.

O homem ainda estava sorrindo, mas apenas negou com a cabeça. – Uma das armas que você vendeu foi usada para assassinar uma mulher de 19 anos.

O sorriso dele foi se desmanchando.

- E como sabe que fui eu que vendi a arma?

- Segunda balística, é a mesma encontrada em sua casa durante uma investigação arquivada por roubo.

Ele deu de ombros.

- Fui roubado há uns meses.

- E deixa eu adivinhar, o ladrão roubou sua arma?

- Exato.

- E você não prestou queixa? – ele negou.

- Esqueci.

Lauren retirou algumas fotos de dentro da pasta em que era possível ver o corpo da jovem inerte no chão. Uma poça de sangue em baixo da cabeça.

- Alisha Kumari. – disse empurrando a foto até o homem que a olhou, engoliu seco e desviou o olhar. – 19 anos. Chegou há um ano e seis meses com um visado de estudante para tentar uma vida melhor e acabou do lado de um contêiner de lixo com um tiro na cabeça, de uma arma que você... – apontou para o homem – Vendeu a alguém, provavelmente o assassino.

- Eu não tenho nada a ver com isso. – ele disse taxativo.

Lauren ficou em silêncio por um tempo, lembrando-se de tudo que havia aprendido com seu pai. A experiência ajuda bastante, mas há algo mais pessoal, tipo sexto sentido de mãe, que os policiais costumam seguir à risca: instinto.

- Isso é o que nós vamos ver. – disse por fim, guardando as fotos dentro da pasta. – Você será transferido e acusado por cúmplice de assassinato. Um advogado irá te visitar amanhã ou... – deu de ombros. – Quando puder.

O homem apertou os dentes e se remexeu na cadeira, mas nada disse.

Lauren se levantou com a pasta nas mãos e foi até a porta, mas antes de sair ele disse:

- Eles vão me matar. – mas ela respondeu sem sequer olhá-lo:

- Eles quem?

Silêncio. Novamente ia saindo quando ele a interrompeu:

- Controlam tudo. Drogas, prostituição, pirataria... Eu não vou ficar aqui muito tempo e antes que você puder provar alguma coisa o caso será arquivado.

Ela enfim se virou:

- Isso foi uma ameaça? – questionou com o semblante sério. Ele

apenas deu de ombros.

- Tome como um aviso.

Lauren ladeou a cabeça e se aproximou. Jogou a pasta em cima da mesa e se curvou, ainda em pé, para falar com ele. Levou a mão direita a cintura revelando a arma e a placa, então disse:

- Então repasse esse... aviso... a seus chefes. Diga a eles que a agente federal Jauregui está agora com o caso, e que ele só será arquivado quando o assassino de Alisha Kumari estiver preso.

Ele continuou olhando fixamente para o grande espelho encarando seu reflexo. Lauren pegou a pasta de volta e se foi batendo a porta com força.

Kao estava passando por ali com alguns papéis na mão. O cabelo preso e algumas pequenas rugas já marcadas no rosto. O tempo havia passado para todas.

- Jauregui, seu suspeito será enviado em duas horas para a prisão do Estado. – disse parando frente à Lauren, que com o cenho franzido rebateu:

- Por ordem de quem?

Kao deu de ombros.

- Como assim de quem, é o protocolo.

Lauren piscou lentamente e assentiu. Camila entrava pela porta com cara de poucos amigos e ao cruzar o olhar com a esposa, a latina se aproximou feito uma fera.

- Ok, que ele fique mais um pouco. Ainda quero interrogá-lo mais tarde.

- Mas e o proto... – porém Lauren a cortou.

- Mais tarde, Kao.

E foi andando atrás da latina até a sala ao final do corredor. Camila usava um terno preto com camisa azul. Os saltos ecoavam no chão com seus passos firmes e Lauren, logo atrás, revirava os olhos.

A latina entrou deixando a grande porta de vidro aberta, que Lauren fechou ao entrar.

- Doze horas, Lauren! – ela falou um pouco mais alto, em pé no meio da sala encarando a esposa.

- Eu sei... – disse mostrando as palmas, em um tom mais tranquilo.

- Faz doze horas que você chegou de Las Vegas e não recebi nem uma ligação dizendo que estava viva! – Lauren respirou fundo assentindo.

- Eu posso explicar? – Camila ia falar, mas ela se adiantou. – Você me deixa falar ou vai ficar gritando no meu ouvido? – a latina abriu a boca em descrença. – As coisas se complicaram, o suspeito conseguiu fugir e veio aparecer aqui. Durante o trajeto meu celular ficou sem bateria, carreguei no voo e quando chegamos que eu pude ligar, tivemos que sair correndo atrás dele e agora as... – olhou o relógio no pulso esquerdo. – Nove e trinta e sete da manhã, eu acabei de dar a ordem de que

ele fique aqui porque quero que você interrogue ele.

Camila estreitou os olhos ladeando a cabeça, em silêncio. Lauren fez cara de impaciência revirando os olhos, mas apenas deixou os ombros caírem e ficou olhando a esposa fixamente.

- Como foi em Las Vegas? – a latina questionou andando ao redor da esposa. Lauren franziu o cenho, mas respondeu confusa:

- Uma merda, o filho da puta conseguiu fugir antes de que chegássemos, alguém soprou. – Camila continuava andando em sua volta.

- E vocês passaram a noite toda voltando para Miami atrás de um suspeito.

- Sim? São sete horas e trinta minutos de voo, Camila. – a latina parou frente a esposa e curvou-se.

- Nada de cassinos e bares de stripper? – um sorriso brincou nos lábios de Lauren que negou.

- Nada de cassinos e... – o rosto da latina se contorceu, então a maior a puxou pela cintura, abraçando-a com força. – Muito menos bares de stripper. – Camila envolveu o pescoço de Lauren com os braços, curvando-se para beijá-la.

- Assim melhor.

- Oi.

- Oi. – disse suspirando e roçando o nariz na bochecha da maior. – Estava com saudade.

- Eu também. Estou sem dormir até agora, tive que escovar os dentes com uma escova descartável, e quero chutar o saco do tenente por não ter dormido em casa.

- Tudo bem, Luna me fez companhia. – Lauren sorriu abertamente.

- Como ela está? – perguntou começando a beijá-la enquanto Camila se separava sutilmente para falar entre um beijo e outro:

- Cansada de ir para escola e tentando se adaptar sendo ela... suponho que bem.

- Eu pego ela, tudo bem? – a latina assentiu.

- Contava com isso. – disse voltando a encostar os lábios. Se beijaram por mais alguns segundos até que se afastaram. – Sobre o seu suspeito...

- Sim. – foi até a mesa e abriu a pasta. Camila se aproximou com o cenho franzido e as mãos na cintura. – Frank Murray. Costuma ser o faz tudo de quem pagar mais.

- A cara dele não me é estranha...

- Provável. Passou por aqui várias vezes e foi fichado por todo tipo de crimes. – Camila a olhou confusa. – Mas magicamente todas as provas desaparecem quando está para ser acusado.

- Que sorte... – ironizou.

- Pois é. Essa... – mostrou a foto da vítima assassinada. – ... é Alisha.

Morreu de um tiro na cabeça e foi abandonada no local do assassinato. Segundo balística, a bala pertence a uma arma encontrada com o Frank em uma das tantas vezes que ele passou por aqui.

- E o que ele disse? – perguntou pegando uma das folhas do caso, lendo concentrada.

- Que foi roubado há um tempo.

Camila deu de ombros e colocou a folha de volta na mesa.

- E por que você quer que eu interrogue ele? A arma está registrada no nome de Murray, se ele não dedurar para quem vendeu terá que pagar pelo crime... – mas Lauren nada disse, apenas a olhou séria. – Quê? O que tem de especial nesse caso, Lauren? – questionou curiosa. A maior deu de ombros.

- Eu acho que tem mais coisa. Ele serve a máfia, gangues e mercenários. É impossível que esse cara pague por algo assim, ainda mais depois de todas as acusações em que saiu impune.

Camila franziu o cenho por uns segundos, mas acabou dando de ombros.

- Ou será que você está cansada dos casos inúteis que anda pegando e achou nesse a oportunidade de passar mais tempo em uma investigação? – Lauren revirou os olhos.

- Vamos, Camz. De novo esse assunto?

- Então esse não é o motivo? Estou errada?

- Sim, Camila! – disse exaltada. – Eu não estou cansada de ser agente federal, merda! Já seja acabar com um cartel ou investigar um assassinato, não tem distinção de caso. Há uma vítima e encontrar o culpado é o meu e o seu trabalho. Estou te pedindo ajuda, só isso!

Camila mostrou as palmas:

- Pero cálmate! – Lauren bufou irritada. – Só quis ter certeza.

- Você vai me ajudar ou não? – a latina deu de ombros.

- O que você quer que eu faça?

- Quero que ele fique nervoso e solte alguma coisa que possa relacionar com o assassino ou quem limpa a ficha dele aqui.

- Há quanto tempo ele está preso?

- Quarenta e cinco minutos.

- Ok, vamos deixar ele passar o dia e a noite já vai estar irritado o suficiente para perder a paciência.

- Tudo bem. – Lauren disse mais calma. A latina se aproximou e lhe bicou os lábios:

- E não xinga assim que eu fico excitada e estamos no trabalho. – disse com uma piscadela, afastando-se logo depois, enquanto saía quase que desfilando. Lauren sorriu torto admirando o rebolado da esposa:

- Como se isso fosse um problema, agente Cabello. – Camila mordeu o lábio inferior já na porta.

- Olha o exemplo, tenente. – e se foi deixando uma Lauren revirando os olhos.

Lauren e Camila estavam na rampa do avião, andando de um lado para o outro e esfregando as mãos nos jeans. Estavam ansiosas e nervosas. Lauren olhava o relógio toda hora e era a quinta vez que pedia mais cinco minutos ao piloto.

- Agente Jauregui, precisamos decolar! – um dos oficiais disse irritado.

- Espere apenas...

- Lauren! – Camila gritou. Um carro se aproximava às pressas, freando bruscamente.

O mesmo Golf que elas já conheciam.

Janet desceu do carro carregando uma Luna sonolenta e segurando uma mochila rosa da Hello Kitty.

A menina estava de jeans e um casaco rosa, assim como seu tênis.

Camila a segurou em seus braços e a abraçou com força. Janet sorriu para elas entregando a mochila a Lauren.

- O juiz ficou de enviar os papéis aos seus advogados, por enquanto o trâmite está em andamento. – Disse sem jeito. Camila olhou para Lauren assentindo e a morena abraçou a policial.

- Muito obrigada, Janet.

Emocionada e sem jeito, a mulher se afastou negando. Acariciou as costas de Luna e suspirou.

- Vocês formam uma linda família, com certeza ela vai ser muito feliz.

Camila acariciava os cabelos de Luna e com um aceno para Lauren, foi entrando. A agente recolheu uma mala preta que estava aos seus pés e a entregou para Janet.

- Isso é para Sefa. Se você puder entregar...

- Ok...

- Lauren, precisamos ir! – Veronica gritou de dentro. Lauren olhou para trás e logo voltou a loira, sorrindo sem jeito.

- Obrigada por tudo, e... Espero que você apareça por Miami, nossa casa sempre estará a sua disposição.

Janet assentiu novamente, afastando-se.

- Tenha uma boa viagem, Lauren.

E com um tchau singelo, Lauren correu para dentro do avião. A rampa se fechou e elas enfim partiram.

Luna estava assustada. Os rostos de Lauren e Camila lhe eram familiares, mas o ambiente era totalmente estranho. Um avião enorme com homens fardados andando de um lado para o outro. A cama era confortável, em uma espécie de cabine. Sua mochila e seu urso branco de pelúcia bastante desbotado e com vários remendos estavam logo ao seu lado.

Lauren e Camila, quem ela conhecia e parecia ter uma conexão muito forte, falavam algo que ela não entendia, então se manteve concentrada nas vozes até que adormeceu.

Quando acordou, seu corpo estava movimentando-se sutilmente. O cheiro era bom, e quando abriu os olhos estava saindo do avião e entrando em um carro. O trajeto foi rápido, amenizado com várias brincadeiras que Camila se ocupou em fazer para distrair a garota. Quando desceram novamente, Lauren a pegou no colo dessa vez, entrando no jardim de seus pais.

Camila estava logo atrás com a mochila nas mãos.

- Ah, merda. – Lauren sussurrou.

A latina arregalou os olhos e sorriu sutilmente, sendo cada vez maior, ao ver o jardim decorado com vários animais de pelúcia espalhados, uma casinha cheia de bolas de plástico dentro, uma mesa com bastante comida e balões de hélio que formavam o "bem vinda, Luna" flutuando.

Clara, Michael, Sinuhe, Alejandro e seus respectivos descendentes estavam mais do que animados batendo palmas e gritando o nome da menina que se assustou, encolhendo-se no colo de Lauren.

- Ela é linda! – Clara gritou emocionada, ignorando as caras e bocas que Lauren fazia para todos.

Camila apresentou um a um, que com bastante cuidado e delicadeza cumprimentaram a garota e, apesar de tímida e acanhada, acabou aceitando os doces que lhe ofereciam.

A adaptação não foi muito fácil. Luna era uma garota cheia de medo e timidez. Uma psicóloga, toda a atenção de seus agora avós e tios, somados a paciência e amor que Lauren e Camila ofereceram, dois anos depois a menina já se sentia uma Jauregui-Cabello e chamava ambas de mães como o esperado.

O filho de Veronica e Lucy, Dominic, nasceu sem problema algum, tendo já um ano. O tenente optou por deixar as quatro em período de descanso e reciclagem depois do desastre no Rio, mandando só Dinah, Normani e Ally para Rússia, onde tentavam fechar mais um caso.

Então a vida de Camila e Lauren havia mudado.

Muito.

Agora eram mães, dormiam em casa todos os dias lendo um conto para Luna, de manhã a levavam para escola, trabalhavam até as cinco horas, pegando a garota e passando o resto do dia com ela. Os finais de semana variavam na casa das famílias com os avós que faziam da vida de Luna um verdadeiro conto de fadas.

Chris lhe apresentou um mundo fabuloso de super-heróis, que ela se apaixonou em seguida, substituindo todas as bonecas e pelúcias por todos eles. Mas também gostava de ficar na garagem do vovô Ale, que turbinava sua bicicleta com espelhos e buzinas, ou a do vovô Michael, quem a deixava correr entre os carros

clássicos.

Clara e Sinu potenciavam a parte acadêmica, e apesar da confusão com os idiomas, ela pelo menos entendia tudo que diziam.

Resumindo, era uma vida normal.

Os casos nunca exigiam muito mais delas, parecia mais um trabalho de pré-aposentadoria, e de certa forma elas sentiam falta da adrenalina de antes. Mas também sabiam que haviam escolhido aquele futuro que agora era o presente.

Lauren fitava fixamente o capacete rosa apoiado na moto. Deslizou o indicador direito sobre os adesivos aleatórios de flores, heróis, bonecas e animais que o decoravam, e sorriu timidamente. Quando o sinal tocou, foi como abrir a porta do inferno. Dezenas de pequenos seres correndo e gritando em direção a seus pais e responsáveis.

Lauren saiu da moto e se encostou na mesma. Ainda de terno e com os seus inseparáveis ray ban aviator. Quando Luna, um pouco mais entusiasmada do que pela manhã, a avistou e sorriu correndo em sua direção:

- Mami! – disse animada enquanto Lauren a carregou sorrindo.

- Olá, princesa.

A menina a abraçou com força.

- Onde você estava? – perguntou com um bico que Lauren desfez com o indicador.

- Trabalhando. – a criança abaixou o olhar, brincando com a gola da camisa, como digerindo a informação, então confessou:

- Estava com saudades... – Lauren não pôde evitar não se sentir culpada, curvando-se para beijar a testa enquanto respondia:

- Eu também, princesa.

A pequena não duvidou em abraça-la uma vez mais, envolvendo os bracinhos no pescoço. Lauren a apertou mais em seus braços por alguns segundos, então a colocou na garupa da Harley, tão reluzente como sempre, com seu capacete rosa muito maior que a própria menina, e se foi.

Luna desfrutava do passeio olhando a orla de Miami e abraçada forte a sua mãe. Não demoraram muito a chegar na casa de sua mãe.

Os portões mal abriram e ela já estava chamando pelos avós, avisando sua chegada. Clara saiu, como de costume, para recebê-la com muitos beijos.

- Aí, vovó! – reclamava risonha entre o tanto de carinho que recebia.

- Ao que devo essa surpresa maravilhosa?

Lauren estava meio sem jeito, admirando a cena com um sorriso singelo.

- Preciso que cuide dela... – a matriarca franziu o cenho:

- Algum problema?

- Ainda não sei, Camila vai me ajudar a descobrir. – disse séria e Clara assentiu, sem fazer mais perguntas. – Tudo bem?

- Claro. Estava morrendo de saudade dessa princesa!

- Tem bolo? – a menina perguntou inocente e Lauren riu. Clara estreitou os olhos:

- Então você só estava com saudade do bolo?

- E de você, e do vovô, e do titio... – começou a enumerar todas as pessoas e pelúcias que viviam na casa levantando os dedinhos. Clara acabou sorrindo e beijando-a de novo.

- Eu preciso ir... – Lauren se aproximou beijando a testa da filha e logo depois a bochecha da mãe, virando-se para ir.

- Lauren? – apenas olhou para trás ao ouvir a voz da mãe. – Não é porque você não vive mais entre a vida e a morte que deve deixar de tomar cuidado, ok?

Não entendeu a advertência, mas assentiu levemente e se foi.

- Adeus, Mami! – Luna gritou acenando.

- Se diz adiós, querida... – Clara a corrigiu entrando em casa.

Antes de ir embora Lauren ainda refletiu as palavras de sua mãe. Não faziam sentido, ela sempre tomava cuidado. Mas sabia que em algum momento entenderia.

Camila estava sentada em uma sala de reunião, comendo batata frita e encarando o televisor a sua frente quando Lauren entrou:

- O que você tá fazendo? – questionou pegando uma batata. Mas a latina não desviou o olhar da tela para responder:

- Todos os documentos relacionados as prisões de Murray estão catalogados como confidencial, menos esse interrogatório. – apontou para o aparelho.

Lauren franziu o cenho e puxou uma cadeira.

- O que tem demais?

Camila deu de ombros.

- Nada. São só cinco minutos perguntando por um Mercedes Benz roubado. Os agentes que fizeram já estão aposentados.

- E por que você está vendo isso? – inquiriu confusa. Camila então virou a cadeira para esposa, chupando o indicador com sal.

- Eu acho que sei a forma de fazer ele colaborar. Presta atenção... – então pegou o controle e rebobinou alguns segundos, pausando quando Murray ladeava a cabeça para coçar o queixo. – No pescoço.

Lauren se levantou e foi até a TV, aproximando-se.

- Uma cicatriz?

- Não. Olha direito...

- Isso é uma cauda?

- Algo assim. Concretamente, a cauda de um dragão. – Lauren a encarou estreitando os olhos.

- Como você sabe disso? – a latina deu de ombros.
- Sou superdotada. – ironizou.
- Camila... – a latina riu pegando uma das pastas que estava sobre a mesa e abrindo-a.
- Em todas as máfias e gangues existe um código universal. Esse código diz que os membros precisam demonstrar absoluta lealdade e orgulho ao clã. Na América temos os Aztecas, Calle 18, Mara Salvatrucha ou M13... entre muitas outras.
- E o que isso tem a ver? – questionou ainda mais confusa.
- Que a lealdade e o orgulho se demonstram com marcas. Cicatrizes...
- Ou tatuagens. – a maior completou.
- Sip.
- Você acha que ele pode pertencer a alguma máfia?

Camila deu de ombros:

- Pode ser, ou pode ser um louco por caudas enormes que sobem até o pescoço. A questão é que estamos a cegas. O seu instinto te mandou investigar, o meu diz que para ele sair impune sempre é porque tem o dedo de alguém lá de cima. – Lauren ficou pensativa, mas logo assentiu.

- Ok. Supondo que ele esteja colaborando com a CIA e por isso tem carta branca e se livra sempre, a questão não é ele. – Camila franziu o cenho.

- Como assim não é ele? – Lauren deu de ombros e se levantou passando a mão no cabelo e jogando-o para o lado.

- É impossível que ele seja o assassino, ele estava em Las Vegas, aparece nos vídeos dos cassinos na hora do crime.

- Mas foi com a arma que ele vendeu para alguém... – Lauren assentiu.

- Exato.

- Então você quer o nome do comprador.

- Sim, e para isso precisamos que ele colabore antes que alguém interceda.

Enquanto a latina digerir a estratégia, Kao apareceu batendo na porta com força.

- Jauregui, tem uma senhora desesperada no corredor atrás do

responsável pelo caso de Alisha Kumari. – Lauren franziu o cenho olhando para Camila que deu de ombros.

- Pode deixar entrar, Kao. Obrigada.

Assim que Kao saiu, uma mulher com uma túnica rosa, o cabelo escondido em um véu também rosa entrou quase desesperada pela porta. Era evidente que era hindu, provavelmente algum conhecido ou familiar. O rosto estava inchado e os olhos também.

- Lauren? Agente Lauren Jauregui? – perguntou e Lauren apenas

assentiu.

- E essa é a agente Cabello. – Camila se levantou imediatamente, oferecendo a cadeira para mulher. Mas ela não quis. O inglês tinha muito sotaque, mas era entendível.

- Não, obrigada. – rejeitou mostrando as palmas. – Vocês são as responsáveis da investigação de Alisha? – elas se entreolharam e Camila apenas assentiu.

- A senhora é... – a mulher enfim se sentou, praticamente derrotada, fitando o chão com o olhar perdido.

- Abha Kumari. Mãe de Alisha. – Lauren fechou os olhos e respirou fundo. Camila pegou uma garrafa de água no centro da mesa, aproximando-a para a mulher. Puxou uma cadeira e se sentou a sua frente. Lauren fez o mesmo, ficando ao lado da esposa.

- Senhora Kumari, eu sinto muito pela sua perda. – a latina disse colocando a mão esquerda no joelho da mulher, que assentiu levemente. – Começamos com a investigação há algumas horas e...

- Quando ela disse que queria estudar foi um verdadeiro caos... – a interrompeu ainda fitando o chão. – Meu marido faleceu com 39 anos de um infarto precoce, mas nos deixou com o futuro seguro. O mais velho, Abharan, levou os negócios, mas acabou sendo muito conservador desde a morte do pai. Além dele tem outros dois, que se espelharam no irmão como um pai...

- E eles não concordavam com a ideia... – Camila completou e Abha assentiu veemente, limpando as lágrimas.

- Mas ela queria, dizia que era importante para seu futuro. Então eu acabei cedendo... Nos mudamos para os Estados Unidos para que ela pudesse estudar e ficar sob os nossos cuidados... Era a caçula, sabe? – Camila assentiu sorrindo sutilmente. – Minha menina... – a senhora disse entre lágrimas. – Quem pôde fazer isso com ela? Era tão boa... – a latina olhou para Lauren que estava ficando realmente nervosa com a situação, mas permitiram que a mulher chorasse um tempo, até que ela, quase que do nada, ficou séria e as encarou. – Os jornais dizem que ela estava passando pelo local aquela hora da noite, mas isso é impossível. Nossa casa está do outro lado da cidade e a faculdade também. Alisha não frequentava esses lugares! – disse taxativa.

- Senhora Kumari... – Lauren interveio. – Desculpe a pergunta, mas a senhora percebeu algum comportamento estranho nos últimos dias?

- De Alisha? – Lauren assentiu. – Não. Ela ajudava Abharan na loja todos os dias depois da aula e antes de fechar, ia para biblioteca do bairro estudar até as dez da noite, quando chegava em casa.

- Todos os dias? – Lauren insistiu e a senhora assentiu.

- Todos. E nos finais de semana costumávamos reunir alguns amigos em casa para tomar chá porque a filha dos Nehru ia se casar. Estudava economia,

sabe? – disse com um sorriso nos lábios.

- Se estudava tanto, as notas deviam ser muito boas... – Lauren comentou fazendo a mulher fechar a cara.

- Claro que sim. – disse firme. – Era a melhor de sua sala. Inclusive não pagávamos matrícula por ter 10 em tudo.

Camila apenas deu um olhar atravessado a Lauren, que preferiu ignorar.

- A senhora tem constância disso? Algum boletim?

- O que está insinuando, agente Jauregui? – a mulher questionou séria.

Lauren mostrou as palmas e quando percebeu, Camila a estava fuzilando.

- Estou tentando reunir informação, senhora Kumari. O caso está praticamente em branco e...

- Tem filhos, senhora Jauregui? – Lauren engoliu seco e assentiu devagar.

- Sim, uma menina de 5 anos. – Abha assentiu também.

- Alisha significa protegida por Deus. Escolhemos esse nome porque era minha única filha em meio a três homens. – disse brincando com os dedos. – Desde pequena ela era amorosa e esperta. Ajudava os irmãos com os deveres, se interessava por novelas de aventura e nunca nem sequer me deu uma dor de cabeça. – olhou para as agentes dando de ombros. – Se minha filha, quem ficou sob meus olhos a vida toda, tivesse um comportamento estranho, tenha certeza que seria a primeira em perceber.

Lauren sorriu envergonhada.

- Desculpe eu só... Quis ter certeza de como proceder. – Abha assentiu.

- Ela nunca fez nada contra ninguém... – disse chorando novamente. Camila segurou as mãos da senhora entre as suas, apertando sutilmente.

- Senhora Kumari... Eu sinto muito pela sua perda, e lhe prometo que quem lhe causou essa dor irá pagar por tudo.

A mulher assentiu limpando as lágrimas com as mãos.

- Preciso preparar o funeral. Acha que o corpo será liberado para que possa fazer a cerimônia e... – o choro não a deixou terminar. Camila apenas assentiu veemente.

- A agente Jauregui vai se encarregar de tudo.

Lauren olhou para esposa com o cenho franzido, mas bastou um olhar atravessado para que assentisse com força.

- Sim, am... A agente Kao lhe ajudará no que for preciso e...

Lauren se levantou e foi até a porta, chamando-a com um aceno. Mas Kao apareceu um tanto nervosa.

- Jauregui, dois agentes estão vindo atrás do seu suspeito. – disse

sussurrando.

Lauren franziu o cenho, mas sua expressão era de incredulidade:

- Quê?

- Achei que você ia querer saber que...

- Quem diabos... – sem terminar a frase, ela se foi quase correndo da sala. Quando chegou no corredor viu como dois homens engravatados, um negro e alto, o outro branco e mais baixo. – Ei! – gritou e os homens se viraram antes de entrar. – Posso ajudar?

Os homens se olharam e o mais baixo se apresentou.

- Somos os agentes Karl e James, estamos aqui para acompanhar o suspeito até a prisão do Estado. – a agente colocou as mãos na cintura:

- Por ordem de quem? – eles se olharam de novo e o mais alto, James, entregou um papel.

Lauren leu com o cenho franzido, Camila já estava ao seu lado.

- Isso é só um pedaço de papel com a assinatura de alguém que eu nunca nem ouvi falar na vida. Não diz o motivo nem explica o procedimento. – segurou o papel com os braços abertos e deu de ombros. – Eu sou a agente Jauregui e o caso está sob minha responsabilidade.

- São ordens de um nível superior ao seu. – Karl disse. Lauren estreitou os olhos sem dar crédito. Camila fez uma careta com a resposta, conhecia bem a esposa. Então Lauren apenas deu um passo a frente.

- Eu não estou dando a mínima para o nível. – os agentes arquearam as sobrancelhas. – Frank Murray é suspeito de assassinato, está sob minha custódia e ordens de investigação, e ele não vai sair daqui até que eu decida o contrário. Esse papel... – então o rasgou em vários pedaços. – Não serve de nada. Diga a seu chefe que se quiser colaborar, tenho muito interesse em saber por que todos os documentos das detenções do senhor Murray estão catalogados como confidencial, o que está fodendo seriamente com minha investigação. – então jogou os pedaços em cima dos outros dois. – Agora fora da minha sala e se tiverem alguma dúvida... – virou-se para apontar a uma sala com portas de vidro, onde o tenente estava sentado lendo alguma coisa. – ... meu superior vai estar encantado de responder.

Camila segurou a risada tampando a boca com a mão e abaixando a cabeça sutilmente. Lauren ainda ficou com o braço estirado apontando para sala. Os agentes se olharam novamente e, a muito contragosto, se retiraram passando direto da sala do tenente.

Lauren respirou fundo e tentou se tranquilizar. Quando olhou para Camila ela estava se aproximando, até que chegou perto do ouvido da esposa:

- Isso foi tão sexy que eu quase ia te chamar para sala de controle. – Lauren arqueou a sobrancelha esquerda e a fitou. Mas a latina se afastou dando de ombros. – Mas como você acabou de rasgar uma ordem de detenção de provavelmente um nível 9 da CIA na cara de outros dois agentes, acho que temos

pouco tempo até que venha um batalhão atrás dele.

- Você quer agora? – Camila estreitou os olhos. – Interrogar, Camila.

– Lauren explicou revirando os olhos e a latina deu de ombros.

- Não exatamente, mas fazer o quê. Vamos.

A latina ia entrando na sala quando Lauren a freou colocando o braço segurando sua cintura, então se curvou na altura do ouvido esquerdo:

- Sobre a sala de controle... – Camila sorriu e virou para encarar a esposa, levando o indicador esquerdo ao queixo de Lauren:

- Há tempo para tudo, cielo. – então bichou os lábios de Lauren e se adiantou. A maior apenas mordeu o lábio inferior e apertou os olhos. Era inevitável não se excitar com aquele jogo em pleno local de trabalho. – Agora temos uma promessa que cumprir.

Quando Camila entrou na sala, Frank estava deitado sobre a mesa.

- Porra! – gritou quando ela colocou a pasta com força em cima da superfície, acordando-o.

- Acorda, bela adormecida. – a latina disse com cara de poucos amigos e pouca paciência.

Ele começou a olhar para os lados, mas ela estava sozinha. Lauren estava do outro lado da sala, vendo tudo por trás do espelho.

- Quando eu vou poder ir embora? – perguntou remexendo-se. Camila se sentou sua frente e abriu os documentos, respondendo sem olhá-lo:

- Quando eu quiser. – o homem franziu o cenho.

- E meu advogado?! – aumentou o tom de voz. – Eu exijo que... – então antes que pudesse continuar falando grosso, Camila colocou o pé entre as pernas dele, apertando levemente, o que o fez se calar.

- Quem faz as perguntas aqui sou eu. – Frank engoliu seco, arqueando as sobrancelhas. – E se você colaborar, quem sabe poderá conversar com seu advogado. – então ela sorriu como se nada tivesse acontecido e retirou o pé.

- Estou com sede. – ele falou em um tom mais calmo. – E com fome.

- Pois é, mas isso aqui não é um restaurante nem eu garçonne, então... – respondeu ainda lendo algumas folhas, sem olhá-lo.

Frank ficou claramente irritado, mas nada disse. Apenas se remexeu na cadeira, entrelaçando os dedos.

Camila continuou passando as folhas por mais alguns segundos que pareceram horas para o suspeito, quem começou a batucar os dedos na mesa. Mas ela nada fez.

Lauren estava do outro lado com os braços cruzados, analisando tudo com o cenho franzido.

O tempo passava, a latina continuava calma e concentrada em sua estratégia, conseguindo que Frank ficasse cada vez mais nervoso. Ele se remexia, esticava o pescoço para tentar ler o mesmo que ela, coçava o queixo de mal jeito já

que as mãos estavam algemadas.

- Você vai perguntar ou... – Camila levantou o rosto imediatamente.

- Está com pressa para responder? – rebateu séria. Ele deu de ombros, mas ainda estava nervoso.

- Pensei que estava aqui para me interrogar.

- E estou. Mas na verdade, eu quero que você me ajude a te ajudar. – ele franziu o cenho. – Acontece que todas as outras vezes que você foi preso pelo FBI, sua ficha foi automaticamente limpa e como você mesmo adora expor, sempre acaba solto.

- Exatamente. – disse com ar de superioridade. Camila sorriu sem mostrar os dentes, então entrelaçou seus dedos.

- Até que você caiu nas mãos da única agente que não aceita ordens de ninguém. – o sorriso de Frank murchou na hora. – A agente Jauregui. – ele se remexeu na cadeira, ficando rígido. Camila ficou séria, encostou-se na cadeira, cruzou as pernas e golpeou a ponta dos dedos esquerdos sobre a mesa. – Antes de começar, eu quero que você saiba que dois agentes vieram tentar te liberar, mas foram barrados pela agente Jauregui e você está sob os cuidados dela. – o rosto de Frank passou a ficar cada vez mais expressivo e Camila estava conseguindo ler perfeitamente. Ele estava se desesperando. – Ela quer te acusar de assassinato, mas eu e você sabemos que isso é impossível porquê... – Camila mostrou uma foto de uma câmera de segurança onde ele aparecia. – ...você não estava em Miami na hora do crime. – Ele nada disse, apenas engoliu seco. – Mas isso não serve de coartada porque você estava em Las Vegas cometendo outro crime, motivo pelo qual ela te encontrou.

- Vocês estão cometendo um erro. – ele disse afoito. Camila deu de ombros.

- Tem certeza? Porque eu acho que sou sua única salvação. Ou você é acusado de assassinato, já que a arma é sua, ou... você é acusado de roubo e acho que os donos do cassino não vão ter um lugar tão receptivo como a cadeia para um cara como você.

- Escuta aqui, isso é um erro! – disse batendo as mãos na mesa. – Vocês não sabem de nada!

- Então explique. – disse calma. Mas ele estava ficando cada vez mais nervoso, remexendo-se.

- Não é nada do que vocês pensam.

- Você quer saber o que eu penso, Frank? – ele ficou quieto por uns segundos, então apenas deu de ombros. Camila ladeou a cabeça como pensando, então começou a falar. – Seus chefes compraram alguns agentes, até então o negócio estava sendo rentável porque ninguém se importava com você, mas a agente Jauregui apareceu no seu caminho e o esquema de sempre não funcionou. A questão é... – disse apoiando-se na mesa e curvando-se para encará-lo. – ...eu não estou

nem um pouco preocupada com isso, porque o que me preocupa de verdade é que Alisha Kumari foi assassinada com um tiro na cabeça e deixada em um beco de um bairro marginal. Estou pouco me fodendo para seus chefes. Eu quero a cabeça de quem a matou e você só tem duas opções... Ou colabora, ou eu vou fazer da sua vida um inferno.

Frank então se curvou novamente, mas não parecia ter medo das ameaças da latina, falando pausadamente.

- Eu sinto muito pela garota, mas eu não posso fazer nada para ajudar.

Camila se encostou na cadeira novamente.

- Seu código de mafioso não permite? Ou é a lealdade a seus chefes? – o homem franziu o cenho, visivelmente confuso.

- Você não sabe de nada. – disse rindo com deboche. – Todo esse circo que montou para conseguir tempo e informação não vai lhe servir de nada.

- Ah não?

Mas antes que Camila pudesse continuar, golpes fortes ecoaram no espelho. Ela olhou para trás com cara de poucos amigos, mas mesmo assim se levantou e foi até a outra sala.

- Lembra da tatuagem? – Lauren perguntou afoita e Camila assentiu confusa. Ela então virou o monitor do computador para que a esposa visse. – Você falou de chefes no plural...

- E ele não negou.

- Exato. E ele tem certeza que não precisa falar nada porque alguém vai aparecer no último momento, e caso fale algo... – depois que digitou algumas coisas, apareceu uma imagem com escritos em japonês.

- O que é...

- Yakuza. – A latina arregalou os olhos.

- A tatuagem do dragão... – completou e Lauren assentiu.

Depois de alguns minutos ausentes, quando Camila voltou, Frank estava mais irritado ainda.

- Eu quero um advogado. – ele disse impaciente. Mas Lauren também entrou. – Olha só, deixa eu adivinhar... Agora vamos fazer aquela encenação ridícula do agente legalzinho e o malvado...

- Cala a boca. – Lauren disse impaciente. Trancou a porta, desligou a câmera e o microfone. Ele franziu o cenho sem entender nada. Então Lauren sentou a sua frente e Camila se apoiou na mesa, ficando de frente para ele.

- Agora vamos fazer a encenação de que você acabou com minha paciência, Frank. – a latina disse em uma calma assustadora.

- Eu vou te dar uma única oportunidade. – Lauren interveio mostrando o indicador. – E vou te perguntar mais uma vez quem é o assassino. Ninguém precisa saber de como chegamos até aqui.

Ele riu com deboche.

- Vocês só podem ser idiotas. – Então Camila fez o inesperado. Com a força necessária empurrou a cabeça dele contra a mesa. – Porra! – gritou de dor tocando o nariz.

- Essa boca. – ela ameaçou de novo e ele cobriu o rosto.

- Quem são vocês? Isso é ilegal!

- Eu tentei do jeito fácil, Frank. Você que pediu por isso.

- Qual o maldito problema de vocês duas?

- O problema, Frank... – Camila disse tirando uma chave do bolso, fechando a algema no suporte que estava em cima da mesa, de forma que os braços estavam imóveis. – ... É que eu prometi a mãe de Alisha que ia encontrar o assassino da filha dela, e para isso eu preciso de você.

Ele riu novamente.

- Claro, porque duas agentes de meia tigela vão fazer muita coisa...

Vocês não sabem onde estão se metendo! – Camila olhou para Lauren que deu de ombros. Então ela pegou o dedo mindinho esquerdo do homem e o puxou sem dó. – Ah! – ele gritou de dor. – Que porra sua va... – Lauren chutou o joelho dele por baixo da mesa.

- Essa boca! – advertiu ainda sentada enquanto ele se curvava reclamando da dor.

- Se eu disser qualquer coisa eles vão me matar! – gritou irritado.

- Eles quem, Frank?! – Lauren perguntou no mesmo tom.

- Eles vão atrás de vocês, quando descobrirem que são agentes federais então vão acabar com a família de vocês. Estão casadas, não é? – ele disse com o olhar quase sádico, parecia fora de si. Elas franziram o cenho. – Eles vão matar seus maridos, filhos e eles... – Camila olhou para Lauren que deu de ombros novamente, então quebrou mais um dedo do homem. – ...Ah! Porra!

- Você está me fazendo perder tempo. Eu realmente quero estar em casa para o jantar... – Lauren segurou o queixo com a mão esquerda, apoiando o cotovelo na mesa. – E quando eu perco meu tempo, fico impaciente. Então vamos acabar com isso. Sabemos que você é membro da Yakuza. – o semblante do homem ficou sério e ele praticamente empalideceu.

- Q-quê?

- E que seja quem for que usou a sua arma para matar Alisha, também. Ainda não sabemos o porquê, mas você vai falar agora junto com o nome.

Ele riu com escárnio e depois gargalhou por um bom tempo. Elas se entreolharam enquanto ele estava quase chorando de rir.

Até que Camila aproveitou a distração para puxar o dedo do meio e quebra-lo.

- Filha da p... – e Lauren chutou o outro joelho.

- Da próxima vez vou acertar o meio. – advertiu.

Enquanto ele estava curvado de dor, Camila aproveitou para observar o pescoço dele, olhando com o cenho franzido para Lauren. Apenas negou com a cabeça.

Lauren levantou o queixo como acenando e a latina negou com mais veemência.

Aquilo era realmente confuso. A tatuagem não estava mais ali.

Não era algo tão fácil de desaparecer. Ela então fitou a mesa, como se de repente tudo fizesse sentido em sua cabeça.

- Você é descendente de asiático. – Lauren disse séria. Frank levantou a cabeça lentamente. – Asiático e americano. – o homem a encarou confuso. – Por isso os traços e o nome. CIA? – Frank enrijeceu o maxilar e Lauren sorriu sem mostrar os dentes. Camila não estava entendendo nada. – Não, alguém da CIA não choraria como você por um dedo mindinho quebrado. Você queria entrar no FBI e eles te ofereceram o quê? Dois anos? – curvou-se analisando o rosto do homem que nada dizia, apenas a olhava fixamente. – Nah... Um pouco mais.

Então tudo pareceu fazer sentido para Camila também. Ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro, falando finalmente:

- Você se infiltrou na Yakuza, até fez uma tatuagem falsa para demonstrar sua lealdade ao clã. Mas alguma coisa não deve ter saído muito bem e te trouxeram de volta para casa. – Frank riu com deboche.

- Quatro anos. – disse enfim. – Quatro malditos anos apodrecendo nessa merda e eles me mandaram de volta. Estava a isso... – mostrou o indicador e polegar direitos, como marcando o pouco que faltava – ...de conseguir a agenda de cobranças, mas eles disseram que não podiam esperar mais e me trouxeram de volta. – deu de ombros como se não fosse grande coisa.

- Por isso que seu historial desaparecia e sempre te soltavam... – Lauren deduziu. – Não era a máfia, mas sim os chefes. – ele fungou e se endireitou na cadeira.

- Algo assim. A arma que vocês estão procurando... ficou com eles quando eu fui embora. Passei dois anos na reciclagem e depois me deram o caso dos contadores de carta nos cassinos.

- Com quem ficou? – Lauren insistiu encarando-o fixamente.

- Eu não sei. – Camila empurrou a cabeça do homem contra a mesa novamente, dessa vez mais forte. Ele gritou de dor e sentiu o sangue escorrer pelo nariz. – Vocês nunca vão encontra-lo! Quando algum membro da Yakuza comete um crime é enviado diretamente para o Japão até que as coisas se tranquilizem! – gritou irritado.

- Mas você sabe quem ficou com a arma. – Frank assentiu.

- E se vocês forem por aí perguntando, vai saber que eu abri a boca e vão matar minha família! – Lauren curvou-se para encará-lo:

- Esse não é o meu problema, Frank. – ele riu com deboche.

- Você sabe quem demônios é a Yakuza? – perguntou irritado.

- Sim. – Camila intercedeu. – O equivalente ao crime organizado, uma máfia japonesa criada no século XVII com mais de noventa mil membros. Derivou dos códigos dos samurais onde se consideram uma família e devem lealdade absoluta ao clã, com códigos de honra e toda esa mierda. Pendejos... – disse em deboche.

- A traição é o pior de tudo para eles. Noventa? – riu com escárnio. – São mais de cem mil membros divididos em três mil clãs. Os antigos membros ficam sem o dedo mindinho como marca de expulsão ou traição. O maldito dragão indica o nível de samurai de cada membro, sem comentar a influência que tem no mundo todo.

A latina se sentou de novo a frente dele:

- Mas esse não é o meu problema, Frank. Você está protegendo sua bunda e fugindo da pergunta. Diga o nome e em troca você vai receber proteção.

- É, Frank. – Lauren interveio. – Eu te garanto que você não vai morrer nem sua família.

- Eles vão me encontrar... – disse nervoso.

- Não vão. – Lauren o tranquilizou firme. – Olhe para mim. – ele assim o fez. – Lhe dou minha palavra. Você e sua família estarão seguros, mas eu preciso encontrar o assassino de Alisha. – Lauren retirou a foto da garota novamente e a colocou próxima ao rosto dele. – Ela tinha só 19 anos, Frank. Estava cursando o terceiro semestre de Economia e tinha o futuro todo pela frente! – gritou. – Acha que esse é o fim que a família dela merece?

Ele negou com a cabeça, abaixando-a.

- Shun Wantanabe. – disse em um sussurro. – Filho mais novo de Toru Wantanabe, chefe do clã. – então ele olhou para Lauren que apenas assentiu. – Espero que você cumpra com sua palavra.

Ela assentiu novamente.

- Vou assignar uma equipe provisória enquanto não iniciamos a investigação. Logo depois você e sua família entrarão no programa de proteção à testemunha.

Lauren se levantou para ir embora, mas antes que Camila a acompanhasse, novamente empurrou a cabeça do homem contra a mesa.

- Ah! E isso por quê?! – ele questionou contorcendo o rosto de dor.

- Por ter me feito perder tempo. – a latina disse indo embora. Lauren ficou rindo segurando a porta e deu de ombros para o homem.

- Quem é essa maluca?

Ela apenas sorriu abertamente:

- Minha esposa.

Lauren e Camila estavam na sala do tenente, acabavam de finalizar a explicação do caso.

O homem, agora sem nenhum cabelo, tinha os dedos entrelaçados sobre a barriga.

- Ok.... – disse digerindo as informações. – É um caso complicado. – Lauren assentiu veemente.

- Sim senhor.

- Não tenho muitos agentes que possam ajudar... – elas se entreolharam nervosas, mas ficaram em silêncio. O tenente apoiou os cotovelos na mesa, encarando-as. – Como está a vida de mães de família? – elas deram de ombros.

- Ótima. – responderam ao mesmo tempo.

- Tranquila... – Lauren adicionou pigarreando. Ele assentiu algumas vezes antes de falar:

- Hansen, Kordei e Brooke estão na Rússia. Tenho entendido que em breve vão explodir a cidade toda e pedirei que elas voltem. A minha proposta é que vocês passem o caso a elas, ou se quiserem, posso enviar ao serviço secreto. – Camila ia falar alguma coisa, mas o tenente mostrou as palmas. – Pensem com cuidado e amanhã vocês me dão uma resposta.

Quando Clara abriu a porta de casa não esperava encontrar um homem com um curativo no nariz e a mão esquerda engessada atrás de Lauren e Camila, mas ela não perguntou.

- Entrem... – disse abrindo espaço. Frank não deixou de reparar em todas as medalhas e condecorações expostas pela casa, então entendeu que se havia um lugar no mundo onde estaria seguro, era naquela casa. – Luna pegou no sono agora, passou a tarde comendo besteira e apagou no sofá. – indicou com a cabeça o cômodo enquanto guiava o convidado especial até um quarto.

Lauren e Camila se apressaram em ir até a sala, vendo a pequena deitada com um lençol de ursinhos carinhosos cobrindo-a. Dormia serenamente com a franja nos olhos.

Camila se aproximou retirando a mesma com cuidado, deixando um beijo simples na cabeça da menina que se remexeu.

- Mamá?

- Hola, cielo. – disse suavemente. – Já estamos em casa, volte a dormir.

- Mami? – disse com voz de choro, então Lauren se ajoelhou ao lado das duas.

- Aqui, princesa.

Luna piscou lentamente colocando as mãozinhas em baixo da cabeça, fitando as duas.

Camila sorriu cutucando o nariz da menina.

- Estamos em casa, meu bem.

- Eu quero uma história. – disse autoritária. Lauren revirou os olhos

sorrindo.

- A quem será que ela está puxando... – sentou-se no chão apoiando a cabeça no sofá, e Camila fez o mesmo. A menina se remexeu para descer, sentando de frente no colo da latina, escondendo o rosto no pescoço da mesma. – Onde ficamos da última vez?

- O agente Pepón tinha que salvar as frutas da horta! – disse animada.

- Ah sim! – Lauren passou o braço pelo ombro de Camila, puxando-a mais para perto. – O agente Pepón tinha sua missão...

Continuou inventando a história sob o olhar atento de Camila e Luna que, com o dedo polegar na boca, piscava os olhos lentamente aos poucos, cedendo ao sono logo depois.

Clara se apoiou na parede da sala, observando a cena com um sorriso singelo no rosto.

Às vezes é necessário um único momento para entender por que tomamos algumas decisões.

Já era a noite quando Camila se remexeu mais uma vez na cama. Lauren parecia imóvel. Conferiu o relógio, eram as três da manhã e nem sinal do sono. Não conseguia dormir.

Se levantou com cuidado, vestiu uma calça qualquer, colocou um moletom e foi saindo sigilosamente. Caminhou pelo jardim escondendo as mãos dentro do casaco até o cercado. Passou uma perna e depois a outra, entrando no jardim de seus pais.

A garagem de Alejandro era quase um santuário. Tudo impecável e reluzente. As ferramentas expostas na parede e em um canto estava o capacete que usara em sua época de piloto dentro de uma caixa de vidro. Alguns recortes de jornal com manchetes sobre o quão prometedora seria caso continuasse com aqueles números.

- Estou esperando por esse dia há dois anos. – a voz grossa atrás a fez pular.

- Santa mierda, papá! – disse com a mão no peito. – Você me assustou.

- Você entra na minha garagem às três da manhã e eu te assustei? –

ela deu de ombros caminhando pelo lugar. Ele estava restaurando um carro que tinha uma grande capa por cima.

- Não consigo dormir.

Alejandro estava com um pijama azul escuro, calça e uma camisa de manga comprida. Cruzou os braços observando a filha em volta do carro.

- Problemas com Lauren?

- Mais ou menos.

- Para mais ou para menos?

- Menos. – parou de repente. – Posso? – ele assentiu e ela tirou a capa, revelando um Dodge Dart 1960 [n/a: o carro da capa]. – Dios, papá! – exclamou com a boca aberta.

- Lo sé! – ele acariciou o capô do carro. – Fui atrás de uns pneus e o dono da loja estava com ele estacionado. Perguntei se queria vender e foi na hora... ¿Te gusta?

- Es hermoso... – disse maravilhada com a chaparia, apesar de enferrujada.

- Quero deixar ele preto, ou vermelho... o que você acha? – ela sorriu encarando-o. – Oh cielos, claro que lo quieres negro... – ela deu de ombros.

- Ya sabes que me pierde lo oscuro. [Já sabe que eu me perco no escuro] – Mas ela ficou séria de repente, se afastando. – Vai ficar incrível...

Se apoiou na mesa que estava logo atrás e se sentou. Alejandro a acompanhou fazendo o mesmo. Os dois ficaram por algum tempo olhando o carro velho.

- Se tinha uma coisa que eu queria mais do que viver, essa coisa era ser piloto. – ele disse de repente. Camila nada disse, só escutou atenta. – Assistia as corridas e antes de dormir sonhava com curvas perigosas, desvios no último segundo e o pódio. Explodir o champanhe em cima de todo mundo e... – suspirou e quando percebeu estava com os braços abertos. Então ele os fechou e suspirou novamente. – E eu estive a ponto, mas seu avô precisou de mim.

- Você... se arrepende? – perguntou com cuidado, e imediatamente ele a fitou, negando.

- Nem por um segundo sequer. Não se renega a própria família, nunca!

- Mesmo se ela negar você... – completou e ele assentiu sorridente.

- Quem garante que eu teria sido feliz como piloto? Acha que sua mãe ia ser feliz com um marido arriscando a vida em cada corrida? – a latina deu de ombros.

- Mas ela nunca se opôs... – ele assentiu veemente.

- Mas eu via, flaca... no olhar dela em cada treino. O alívio cada vez que eu desligava o motor... O mesmo que você procura na Lauren quando ela volta pra casa... – a latina abaixou o olhar, brincando com os dedos. – A família exige isso... sacrifícios, abdicar de certas coisas pelo bem comum. Se proteger! – advertiu levantando o indicador. – É o que está em primeiro lugar sempre, mija. Porque uma pessoa pode não ter dinheiro, poder ou qualquer outra coisa material; mas se tiver uma família, então tem tudo. Em troca quem tem todas essas coisas sempre carecem de amor. E se tem uma coisa que sobra entre a gente, é amor. – ela assentiu.

- Nunca reclamei disso...

- Mas hoje em dia você tem tudo... – ela assentiu novamente. – Então, o que está tirando seu sono?

Por alguns segundos ela não soube o que responder. Lhe faltou coragem. Mas ele estava sendo sincero, então era o mínimo que ela podia fazer. Se sentou de lado na mesa, cruzando as pernas e ficando de frente para o pai.

- Eu entendo os valores da família, e respeito todos... – ele apenas assentiu com o cenho franzido e sério. – Amo nossa família, o que temos e construímos, as meninas, nossa vida...

- Mas...

- Eu sempre quis isso, pai. Eu sempre quis chegar em casa e ter alguém, filhos, vocês por perto... e tenho muito mais do que imaginava. Lauren é uma mulher maravilhosa, com os mesmos valores e aspirações, está sempre do meu lado... Acho que se eu pedir o céu ela dá um jeito de trazer pra mim. – sorriu entristecida.

- Então, flaca... Qual o problema?

- Eu estava sempre tão cega com essa ideia de que me faltava ter minha própria família que acabei arrastando-a comigo. O trabalho era tudo que ela tinha, e agora vive carrancuda – Alejandro pigarreou e ela revirou os olhos. – ...mais do que já era; é como se... se eu tivesse tirado um grande pedaço de quem ela é, entende?

Ele assentiu e ficou em silêncio.

- Mas não foi assim. – a latina franziu o cenho. – Você não tirou nada dela, Kaki. O que você não entende, e parece que herdou de sua mãe, é que Lauren não sacrificou nada por você e pela Luna. Você não tirou um pedaço de quem ela é, Camila, porque ela escolheu te dar. Quando você disse que queria uma família, não colocou uma arma na cabeça dela e pediu que escolhesse. Ela se ofereceu para construir uma com você. – a latina engoliu seco. – Sinuhe também achou que não era justo ela estudar e se formar, realizar o sonho dela, e que eu não por cuidar da família.

- Porque ela te ama...

- Exato! – a interrompeu mais firme. – Lauren te ama, Camila. E não tem coisa que ela ame mais do que você e a Luna. Isso está nítido quando ela olha para vocês.

- Então por que parece que sempre nos falta algo?

- Bom... – ele coçou o queixo. – Eu não sei o que falta para Lauren, mas posso dizer com toda certeza do mundo, que você está tentando justificar com ela o que na verdade falta para você. – ela abaixou o olhar, envergonhada. – Você sempre amou a velocidade, ação... a adrenalina! E de repente passou de ser uma super agente a... preencher relatórios. Porque vocês colocaram na cabeça que o trabalho e a família não podiam se relacionar.

- E não pode... Como quer que eu vá para um lugar qualquer no mundo explodir coisas, me infiltrar entre máfias e gangues atrás de suspeitos tendo uma filha?

Alejandro gargalhou ante o tom da filha.

- Viu? Esse é o grande problema. Vocês mudam bruscamente. Passou de ir a 120 por hora a puxar o freio de mão de repente... O que mudou da sua vida foi o sentido de responsabilidade. Mas não quer dizer que você tem que ficar presa em casa para manter sua família.

- Então qué carajos significa?

- Significa que você tem que adaptar os pneus a pista. Quando chove, precisa ter precaução para não deslizar e ter um acidente. Sua vida agora está chovendo constantemente. Não significa que tem que parar de trabalhar, apenas ter extremo cuidado para não deslizar, e se adaptar as circunstancias.

- Pai, eu te amo, mas isso não faz o menor sentido. – Alejandro suspirou deixando os ombros caírem.

- O que eu quero dizer é que, assim como quando chove você não deixa de dirigir, apenas troca os pneus, que por ter uma família você não deixe de fazer o que te satisfaz, mas que apenas use os meios adequados para voltar para casa sã e salva todos os dias. – ele curvou-se e beijou a testa da filha. – E lembre-se de que quem tem família, tem tudo. E a sua é bem grande para cuidar suas costas. Apague a luz quando for embora.

E ela ficou ali observando o carro enquanto digería as palavras.

Não muito longe, Lauren estava encostada na cabeceira da cama com o celular no ouvido, escutando atentamente o que sua mãe lhe dizia.

- O grande problema não é perceber que você está se sentindo incompleta... é você se sentir assim e não contar a sua esposa.

- Não quero que ela pense que é responsabilidade dela...

- Oh vamos, Camila não é estúpida Lauren. Você só está procurando uma desculpa para não reconhecer que essa vida pacata é suficiente.

- Mas você se adaptou e o...

- Depois de explodir muita coisa e chutar muitas bundas! Tenho três cicatrizes de suturas feitas por mim mesma para não morrer antes de chegar em um lugar seguro. Seu pai perdeu 30% do ouvido direito devido à explosão de uma granada em pleno território de guerra, entre as outras mil cicatrizes de facas, tiros e contusões...

- Mas agora estão tranquilos...

- Lauren, nós temos cinquenta e dois anos, é lógico que estamos tranquilos!

- Agh! – suspirou frustrada.

- Pare de inventar desculpas. Você nasceu para isso, é a única coisa que sabe fazer e seu instinto continua gritando. Converse com ela, é o meu conselho. Vocês podem continuar sendo mães e agentes do FBI, é só ter mais cuidado.

- Mas e se ela não quiser?

- Você me acordou de madrugada para ser uma idiota?

- Mãe!

- Eu não criei uma idiota.
- Eu não sou idiota.
- Então pare de agir como tal. Você ama sua família?
- Sim.
- E seu trabalho?
- Também.

- Então se com cinquenta e dois anos, minha casa continua sendo o lugar mais seguro que você conhece para esconder um ex membro da Yakuza, com quase trinta anos você pode perfeitamente conciliar ser uma agente com uma família. Entendido?

- Sim, madre.
- Agora converse com sua mulher. Tenha uma boa noite, cielo. Que

Dios me la bendiga.

- Amén, madre. E... obrigada.
- Oh querida, estou esperando por essa ligação há anos.

Quando colocou o celular em cima do criado mudo, Lauren ainda ficou fitando a escuridão por um tempo. Escutou o barulho da porta se fechando e segundos depois sentiu a cama se movimentar. Então ligou a luz do abajur ao seu lado.

- La concha de tu... qué susto, joder! – a latina reclamou virando-se com a mão no peito.

- Onde você estava? – perguntou séria. Camila engoliu seco. Então se sentou na cama, olhando para Lauren.

- Estava conversando com o meu pai. – a maior franziu o cenho, mas assentiu.

- Eu acabei de desligar o telefone com minha mãe.

Camila assentiu lentamente, baixando os olhos aos dedos. Quando levantou o olhar para falar, acabou pronunciando ao mesmo tempo que Lauren:

- Precisamos conversar!
- Você primeiro! – riram pela coincidência. Ficaram em silêncio e na

hora de falar, novamente se sincronizaram:

- É sobre a nossa família.

Elas franziram o cenho. Lauren tentou começar, engolindo seco:

- Eu...
- Você é feliz? – Camila a interrompeu.
- Por que essa pergunta?
- Só responde, Lauren. Você é feliz?
- Claro que eu sou feliz!
- Mesmo? – a maior suspirou. – Sabia! – Camila disse exaltada.
- Ei, eu não quis dizer que não sou feliz!
- Você suspirou, Lauren Michelle!

- Exato! Porque eu sou feliz! Eu te amo, temos uma filha e nossos pais estão perto e bem...

- Mas? – Lauren abaixou a cabeça. – Lauren...

- Mas eu sinto que falta algo, sabe? – Camila engoliu seco, assentindo.

– Não que isso me impeça de viver e ser feliz com o que temos... Mas é como se...

- Pudessem ser de outro jeito?

- É...

- Eu... – a latina colocou o cabelo atrás da orelha. – Eu também me sinto assim. Parece que perdemos um pouco do que éramos.

- O que é entendível porque agora temos uma filha... – se apressou em adicionar.

- Sim, mas...

- Mas... – Lauren parecia afoita, mas ao mesmo tempo tentava se controlar.

- Mas não é por isso que devemos ficar em casa na chuva... Com precaução dá pra dirigir e chegar ao final do destino, não é?

- Hã? – a maior franziu o cenho confuso.

- Coisas do meu pai, eu só... Ele disse que ter uma família e ser agente federal é como pegar o carro no dia de chuva. Você usa os pneus adequados e tem cuidado na hora de dirigir. Não é porque está chovendo que devemos ficar trancadas em casa... Eu acho.

- Então... Você acha que podemos tentar adaptar as investigações a nossa família? – Camila assentiu mordendo o lábio inferior.

- Inclusive tenho uma ideia de como... – mas ela não estava para muita conversa, então simplesmente foi se aproximando devagar, sentando no colo de Lauren.

- Amanhã? – a latina assentiu começando a beijá-la.

- Amanhã...

As mãos de Camila estavam entre os cabelos de Lauren, que apertava a cintura e as coxas da latina com força. As subiu à bunda, apertando as nádegas do mesmo jeito, e a virou colocando em baixo de si, deitada na cama.

Foi então que a porta do quarto se abriu com um estrondo.

- Mamá? Mami? – a voz chorosa da pequena fez com que as duas apertassem os olhos.

- Pneus de chuva, huh? – Lauren perguntou contra os lábios de Camila, que com uma cara de "o que podemos fazer?", segurou o riso.

A maior se afastou, sentando-se.

- Aqui, princesa.

Luna apareceu em um pijama do Batman coçando os olhinhos e com um bico.

- Pesadelo.

Informou sonolenta. Camila deu três tapinhas na cama e ela correu

para tentar subir, apoiando os braços e os pés desajeitadamente. Lauren a ajudou, colocando-a no meio das duas e cobrindo-as.

Luna não demorou em dormir com a boca aberta formando um bico pela bochecha contra o colchão.

Camila sussurrou algo sobre cortar a franja da garota antes que Lauren se rendesse ao sono, com o braço na cintura da esposa e passando pelo corpo da filha.

Os pneus já estavam trocados.

No dia seguinte, elas entraram juntas e sorridentes, acompanhadas por Frank que estava escondido em um moletom com capuz.

Foram direto para sala de Kao, praticamente invadindo. Lauren colocou um copo de café em cima da mesa da agente.

- Bom dia, Kao.

- O que vocês vão me pedir?

- Algo arriscado. – Camila disse arqueando as sobrancelhas.

- Quero uma semana na sala da Jauregui. – desafiou. Camila olhou para Lauren que estava séria e com sua cara de poucos amigos de sempre.

- Nem fodendo.

- Droga. – Kao suspirou começando a digitar. – Você sempre traz café, só por isso. Anda, o que vocês querem.

E depois de uma breve explicação e vários códigos, Dinah, Ally e Normani apareceram sonolentas em uma janela, e Veronica e Lucy ninando o pequeno Dom em outra.

- Quem morreu? – Dinah perguntou descabelada e com os olhos praticamente fechados.

- Ninguém... ainda. – Lauren disse.

- Então para que porra você me acordou? – a loira perguntou indignada. Lauren apenas sorriu torto para Camila que tomou a palavra:

- Temos uma missão.

As outras responderam ao mesmo tempo:

- Quê?!

- Não como antes. Agora Dinah, Normani e Ally ficam com as explosões e tiros, e nós chutamos bundas... – ela explicou. – Mas... digamos que estamos de volta.

- Sim, porra! – Kao gritou pegando todas de surpresa. – Desculpa, mas essa agência estava um saco sem as missões suicidas. – explicou com um sorriso amarelo ante o olhar confuso de Lauren.

Normani estava quase pulando de alegria:

- Qual o plano?

Lauren então explicou:

- Vamos acabar com a Yakuza. Há quantas horas vocês estão do

Japão?

FIM.

//

Não, isso não é uma segunda temporada. Apenas deixo que a imaginação de vocês criem esse momento, porque eu só precisava fechar o ciclo do futuro delas com a Luna, família e o trabalho. Agora sim eu estou satisfeita com essa fic.

Obrigada por tanto.

A gente se lê por aí.